DJUNA, VANGA E OUTROS

Kuznik Boris Ilitch

Tradução: Amadeu António

DJUNA E VANGA E OUTROS

Moscovo «Rádio e Comunicação» 1995

Edição científico-popular

Kuznik Boris Ilitch, 1995

Índice

Sobre este livro
Se eu soubesse então
Paranormais comuns
A lendária Juna
Ídolos do fim do século XX
Tipos invulgares de terapia não tradicional
Fenómenos misteriosos
Os enigmas de Wolf Messing
A cega Vanga vê tudo
Duendes, poltergeists e visitantes
Onde estávamos quando não existíamos
Como pode agir aquilo que não existe
Não há profetas na minha pátria

SOBRE ESTE LIVRO

Sou fisiologista. Trabalho no Instituto Médico de Chita e, como a maioria dos docentes universitários, dedico-me à investigação científica. A principal direção das minhas pesquisas é a fisiologia e a patologia do sistema de hemostase. O que é a hemostase?

O sangue líquido circula pelos vasos — artérias, veias e capilares — enquanto a sua superfície não for danificada. Mas se cortarmos a mão ou a perna, ao fim de algum tempo o sangramento para — forma-se um coágulo, ou trombo, no vaso. Porque acontece isso, toda a gente sabe: o sangue tem a capacidade de coagular.

No entanto, as coisas são muito mais complicadas. A coagulação do sangue é um processo bioquímico extremamente complexo, no qual participam dezenas de compostos muito diversos. Desvendar este processo é bastante difícil.

Mais importante é outro aspeto: muitas vezes o sangue coagula quando devia permanecer líquido e, pelo contrário, não coagula quando é urgente estancar uma hemorragia. Infelizmente, o médico fica frequentemente desarmado perante perturbações do processo de coagulação sanguínea.

Com a mão no coração, posso dizer: algo, embora muito pouco, eu e os meus colaboradores conseguimos fazer para resolver este problema extremamente importante para a medicina clínica.

Não, não traí a minha direção científica. O primeiro trabalho científico, tal como o primeiro amor, nunca se esquece. Mas, a partir de certo momento, a minha vida mudou radicalmente. Isso aconteceu depois do encontro com a verdadeira feiticeira Djuna Davitashvili. Honestamente, nunca fui cético em relação aos psíquicos, aos telepáticos ou aos problemas dos OVNIs. Já aos feiticeiros, curandeiros, xamãs, astrólogos e quiromantes nunca confiei, sempre os considerei charlatães.

Nem na clarividência nem no poltergeist acreditava. E agora tento escrever um livro sobre estes fenómenos.

Prevejo quantas acusações vão chover sobre mim se este trabalho algum dia vir a luz do dia. Um professor, doutor em ciências médicas, médico, enfim, não só acredita em disparates como ainda propaga métodos terapêuticos duvidosos. Quantos doentes não morrerão por causa de um livro destes!

Vão acreditar nos psíquicos e perder o momento em que o médico ainda poderia ajudar o doente.

Não se apressem com as acusações, caros colegas. Sei perfeitamente que só recorrem a psíquicos e curandeiros as pessoas que já perderam completamente a esperança na medicina

tradicional. São, regra geral, doentes que se trataram sem sucesso junto dos maiores luminares da medicina durante anos, até décadas. E se lhes aparecer uma esperança de se livrarem da doença e se isso realmente acontecer, o que é que há de mau nisso?

Não só não nego a medicina tradicional como recomendo vivamente que se combine com métodos de tratamento não convencionais.

Interessado pelos psíquicos, acabei, quer queira quer não, por conhecer pessoas dotadas de capacidades extraordinárias. Aos poucos, fui acumulando material interessante sobre telepatia, poltergeist, telecinesia e outros fenómenos invulgares. Percebi que todos estes fenómenos misteriosos estão estreitamente ligados entre si e que valia a pena falar deles.

Naturalmente, o livro contém muitas referências à literatura popular, embora eu tenha procurado escrever mais sobre as minhas próprias observações.

Este livro não é um trabalho científico. Os cientistas não encontrarão nele conceitos originais. Limito-me a partilhar com os leitores impressões e pensamentos, embora muitas vezes, para confirmar as minhas ideias, me apoie nos pensamentos e na experiência de outras pessoas.

Ainda assim, peço aos leitores que leiam este livro com uma dose suficiente de ceticismo. Um ceticismo saudável nunca é demais.

SE EU SOUBESSE NAQUELA ÉPOCA

Não trocaria o que vivi por acontecimentos mais felizes.

B. Tarkington

Nunca quis ser médico. Nem sequer admitia essa ideia. Escritor, historiador, arqueólogo, artista, no pior dos casos crítico de teatro, tudo menos médico. Mas como é imprevisível o destino! Em 1945, quando terminei com grande dificuldade a escola para a juventude trabalhadora, só me restava um caminho — o instituto médico. Porquê? Nessa altura já tinha percebido perfeitamente que não sairia ator de mim, muito menos realizador, crítico não dava, e a minha mãe opunha-se categoricamente às faculdades de história e de filologia.

— Só faltava desperdiçares a vida como eu. Sabes o que é ser professor numa escola moderna? Trabalho forçado! Ouve-me pelo menos uma vez na vida — vai para medicina...

E eis-me estudante da faculdade de pediatria do Instituto Médico de Saratov. Mesmo assim, medicina não era para mim. Que horror — estudar anatomia, decorar latim. O exame de anatomia passei-o à terceira tentativa com um "três", e à disciplina de latim fui catorze vezes!

Provavelmente, como muitos dos meus colegas, não teria aguentado esse sofrimento se não fosse um feliz acaso.

Na nossa casa vivia uma médica — a mãe de um amigo de infância. É difícil dizer se era boa médica. Durante a guerra, como todos os médicos, passava o dia inteiro no hospital, chegava a casa cansada, respondia às perguntas com relutância. Mas às vezes os olhos dela brilhavam e começava a contar como o cirurgião-chefe do hospital tinha feito uma operação bem-sucedida e como um ferido que todos davam como perdido começava a melhorar à vista de todos.

A vizinha tinha uma pequena biblioteca médica que me deixavam usar. Quando terminava o primeiro ano, caiu-me nas mãos o livro de I. P. Pavlov "Lições sobre o trabalho das principais glândulas digestivas". Meu Deus, que segredos se revelaram diante de mim! Li-o como o romance mais fascinante. Pensar só, como o organismo é interessantíssimo. Como as glândulas salivares se adaptam subtilmente ao tipo de alimento! Mete na boca de um cão uma pedrinha e ele cospe-a seca. Mas experimenta deitar-lhe uma mão-cheia de areia de rio. Vai sair muita saliva, mas sem enzimas. Para quê enzimas, não vais comer areia de rio, mas sem saliva não te livras dela. Outra coisa é se deitares ácido clorídrico na boca do cão. Pode causar queimadura, mas as glândulas reagem imediatamente e segregam grande quantidade de saliva líquida com um conteúdo proteico bastante elevado. A saliva dilui o ácido e a proteína liga-o. O cão sai-se com um "susto leve".

Mas que génio I. P. Pavlov: compreender tão subtilmente a atividade das glândulas digestivas! Naquela altura parecia-me que todos os segredos da fisiologia da digestão estavam desvendados.

Depois do primeiro livro, devorei literalmente o volume sólido das obras de Pavlov "Experiência de vinte anos no estudo da atividade nervosa superior", "Lições sobre o trabalho dos grandes hemisférios do cérebro". O meu destino estava decidido. Teria de me tornar fisiologista, seguidor de Pavlov. Mas fisiologia da digestão não era interessante, aí Pavlov já tinha descoberto tudo há muito. Outra coisa era a fisiologia da atividade nervosa superior. Só a expressão "reflexo condicionado" fazia-me tremer. Quantos segredos por desvendar guarda o cérebro! E, naturalmente, seriam desvendados por mim e por ninguém mais.

Eu, estudante do segundo ano, estou diante do professor Ivanitski-Vassilenko e, gaguejando de emoção, sem terminar as palavras, explico de forma confusa ao professor que nasci para desvendar os segredos do cérebro.

O professor olha-me de soslaio, cala-se e limita-se a fumar o cachimbo. Eu calo-me, os argumentos esgotaram-se, percebo com horror como sou patético e ridículo.

— Quer estudar a atividade nervosa superior? Louvável, louvável! E eu há vinte anos que tento descobrir porque é que, se picarmos um dedo, o sangramento para. O quê, não é interessante? Há um buraco no vaso e o sangue não sai da pessoa! Porquê? Ah, coagula! Ora essa, diz mesmo? Palavra de honra, se não fosse o senhor, nunca o teria sabido! E talvez saiba porque é que coagula? Ah, não sabe? E de protrombina também nunca ouviu falar? E de fibrinogénio também não?

E eu que pensava que já sabia tudo, tudo! O senhor, como todos os jovens, sofre de um pequeno defeito — tem demasiada pressa. Eu já tenho mais de cinquenta anos, a mim é que me cabe ter pressa, mas o senhor para quê? Mas que fazer, na juventude as pernas correm à frente e a cabeça fica para trás. Ora bem, jovem. Combinemos o seguinte: assista às aulas, venha às práticas e, se o seu entusiasmo não arrefecer, venha ter comigo no fim do ano. A propósito, como correu a sessão do primeiro ano? O quê, problemas com anatomia? E quer estudar fisiologia? Sabe o que disse Pavlov...

Ardendo de vergonha, desci as escadas a correr, amaldiçoando a mim próprio, ao professor e a Pavlov, que disse algo pouco lisonjeiro sobre os meus conhecimentos de anatomia.

Mesmo assim, a curiosidade venceu. Alguns dias depois, sentado na última fila, ouvi a primeira aula do meu Mestre.

No início foi aborrecido. Provavam-me que não há disciplina mais importante do que a fisiologia e que quem não a conhece nunca será um verdadeiro médico.

"Não faz mal, não serei", pensava eu. Mas a cada minuto o meu humor mudava. Na sala reinava um silêncio sepulcral.

À primeira aula seguiram-se a segunda, depois a terceira... Chegou o fim do ano e voltei a apresentar-me ao professor. Ele não se tinha esquecido de nada e recebeu-me ainda mais reservado.

— O quê, "quatro" em fisiologia? Não conseguiu um "cinco"! E que problema quer estudar?

Não sabia o que responder. O sonho de estudar a atividade nervosa superior não me abandonava. Mas o professor não se interessava por esse problema.

Não vou contar as noites sem dormir, as subidas e descidas, as alegrias e os fracassos. Passava na laboratório muito mais tempo do que nas aulas e nas práticas. Passaram-se seis anos sem dar por isso. Chegou 1951, e com ele o diploma que me conferia a qualificação de médico-pediatra.

Até ao último momento estava convencido de que seria fisiologista. Mas... a realização desse sonho ficava adiada por tempo indeterminado. Fui colocado como médico de crianças na região de Sverdlovsk.

... Cheguei a Kamensk-Uraliski já tarde da noite. Frio brutal, neve, uma pequena estação meio abandonada, um quartinho sem aquecimento. Estava gelado, batia o dente, e não havia transporte para a cidade. Amaldiçoava o destino, estava pronto a abandonar as malas, os livros e correr para a luzinha que se via ao longe, onde seguramente era quente, acolhedor, onde poderia aquecer-me e dormir. Para minha sorte, apareceu um camião e um rapaz mal barbeado, com o gorro enfiado até aos olhos, casaco quente e botas de feltro, olhando para mim, miserável, gelado, com sapatos de verão, casaco de outono, perguntou com voz rouca:

— Vai para a fábrica, não é? Engenheiro, seguramente?

— Não, sou médico, vim para cá.

O rapaz animou-se de repente, até me pareceu que os olhos dele se aqueceram.

— Não será venereologista, por acaso?

— Não, pediatra.

Perdeu logo o interesse por mim e subiu para a cabina.

— Pode dar-me boleia? Eu pago.

— Porque não? Dá para uma garrafa e sobe para a caixa.

Como não congelei naquela noite — ainda hoje não percebo. Mas finalmente estava num hotel aquecido e no dia seguinte teria encontro com o médico-chefe.

Toda a noite tive pesadelos. Sou médico. Como vou trabalhar, como vou visitar uma criança doente? Talvez consiga convencer o médico-chefe, explicar-lhe que sou fisiologista e ele me mande para o laboratório clínico?

Mas milagres não há, e sonhar com eles é inútil! Na manhã seguinte, Stepan Mikhailovitch Jiglinski, médico-chefe do 1.º Hospital da Cidade de Kamensk-Uraliski, sentado confortavelmente na poltrona, conversava comigo sem pressa. Bebíamos chá, trocávamos frases e parecia que falávamos de coisas sem importância. O médico-chefe perguntou-me durante muito tempo quem tinham sido os meus professores, do que eu gostava, falou das dificuldades do trabalho na cidade, dos grandes sectores, da falta de médicos, do problema da habitação, de como os especialistas fugiam dali depois de cumprirem os três anos obrigatórios.

Três anos! Era uma eternidade! Teria mesmo de passar três anos inteiros nestas terras! E a fisiologia? Queria gritar: "Não quero, não quero ser médico, não gosto de clínica, sou fisiologista e só fisiologista!"

Ingénuo. Naquela altura não percebia como a medicina clínica é interessante. E se tens alma e coração, apaixonas-te pelo teu trabalho e compreendes que não há nada mais interessante (para já não falar — mais nobre).

Não pensem que eu era um completo ignorante. Para médico prático, conhecia bem fisiologia e farmacologia. Depois de ficar claro que o lugar de fisiologista não me cabia, passei muitas horas na clínica de doenças infantis, assistia às rondas, acompanhava doentes crianças com os assistentes. E o coletivo era ótimo. Onze médicos mais ou menos da minha idade, todas raparigas e todas solteiras. Imaginem — no reino delas apareceu um solteiro. Verdade, longe de ser bonito, magro e comprido como um varapau. Mas, no geral, um rapaz sociável e nada convencido. Disputavam-me para me levar nas visitas domiciliárias, convidavam-me para os atendimentos na policlínica, enfim, partilhavam comigo a sua pequena experiência.

E eis o meu primeiro atendimento autónomo de crianças doentes. Nunca o esquecerei. No início tudo correu bem. A uma criança era preciso um atestado para o infantário, a outra precisava de receita para leite na cozinha infantil, a terceira tinha uma infeção respiratória aguda. E de repente... Num atendimento, uma mãe jovem com uma criança de oito meses. Um bebé robusto, forte, um verdadeiro herói. Só ainda sem dentes e a nuca calva, "esfolada" na almofada. E no pescoço umas borbulhazinhas vermelhas — sudamina. E sorria tão bem. E de repente... Aconteceu mesmo de repente. A criança começou a asfixiar, arqueou-se, respira com dificuldade e revirou os olhos. "Vai morrer! — passou-me pela cabeça o pensamento terrível. — O que fazer, o que fazer?"

— Segure-o, Tónia! — gritei à enfermeira. — Segure pelas pernas!

Nem sei porquê, agarrei a criança pela cabeça. O menino respirava com dificuldade, gemia, mas aos poucos acalmou, a respiração tornou-se mais regular, embora o ataque não tivesse parado completamente.

— Olhe, está a acalmar — admirou-se a mãe. — Normalmente temos de chamar a ambulância. Fazem injeções e mesmo assim o ataque não passa logo. E aqui... cinco minutos e pronto. É o

“rodimchik”. Levei-o a uma avó. Diz que foi mau-olhado. Tentou desenfeitiçar, mas não resultou. Vou ter de procurar outra avó.

— Que avó que nada? Vamos internar o seu filho. Tem espasmofilia e raquitismo de primeiro grau. Vamos tratá-lo.

Coloquei o menino no departamento de pediatria e os ataques depressa cessaram. Mas eis o problema. Ao primeiro caso de espasmofilia seguiram-se o segundo, o terceiro, o quarto...

— O que se passa? Porque há aqui tantas crianças com esta doença?

— É simples — respondia a médica-chefe da policlínica infantil, Maria Alimova. — Temos uma fábrica de alumínio. Deitam diretamente sobre a cidade toneladas de fuligem e, pior ainda, de flúor. A concentração dele no ar ultrapassa muitas vezes os limites permitidos. Por isso as crianças adoecem...

Portanto, flúor. Era essa a causa! Havia que encontrar um antídoto. Com que se neutraliza o flúor? Comecei a vasculhar livros, monografias, manuais e um dia entrei radiante no gabinete de Maria Ivanovna.

— Hurra, descobri! É preciso dar ácido láctico às crianças. Ele liga o flúor. Aqui está o caminho para reduzir a incidência.

Triunfava. A cada criança com raquitismo e espasmofilia prescrevia soluções de ácido láctico. E pela cidade começaram a circular rumores de que tinha aparecido um médico de olhos pretos que tratava bem as crianças do mau-olhado, especialmente quando era o “rodimchik”.

Que alvoroço começou! Bastava aparecer na policlínica — fila à porta do gabinete. E olhares irónicos, mas benevolentes, dos meus colegas.

— Olhe, estão à espera. Vieram tratar-se do “mau-olhado”. Rodimchik. Por isso ajude, colega.

Mas, por estranho que pareça, a muitas crianças depois do meu atendimento ficavam realmente melhor. Internava-as e passava muito tempo à cabeceira delas. E recuperavam, diabos os levem!

Estava convencido de que ajudava o ácido láctico. Mas porque é que os meus colegas, que também começaram a usar ácido láctico, não conseguiam o mesmo efeito?

E de repente... Mais um "de repente"!

— Não lhe dou essa beberagem, doutor. O senhor cura-o mesmo sem beberagem. Tem um olhar benéfico, doutor. Melhor do que o da avó Fedora. Essa até trata bem do mau-olhado, mas o senhor ainda melhor.

Aí está, avozinha, o dia de São Jorge. Cheguei a este ponto. Até curo melhor do que a avó. Que belo elogio. À mãe desobediente que se recusou a tratar a criança com a "beberagem" dei alta por violação do regime. Aliás, isso não a incomodou nada.

— Obrigada, doutor, ajudou. Se voltar a adoecer, venho outra vez. Não recuse.

Não vale a pena falar de como me sentia perante os colegas. Grande curandeiro que eu era! E eu que pensava ter descoberto a causa da doença e desenvolvido (imaginem, desenvolvido!) uma terapia específica para esta complicada patologia.

E nova questão. Acontece que também em Boinovo e em Ivanteevka, onde não há flúor, se encontram casos de espasmofilia, embora muito mais raros. E a esses crianças também ajudava a minha terapia. O meu sucesso ficou então um mistério.

Mas vou contar outra coisa.

Comecei a sentir que, para o tratamento bem-sucedido de uma criança doente, era indispensável a minha presença pessoal. À noite muitas vezes não saía do hospital e, quando dormia em casa, frequentemente levantava-me de um salto e corria a qualquer hora para junto da criança doente.

Até hoje tenho diante dos olhos a menina Olia. Tem pouco mais de um ano. Uma beleza. Cabelinhos claros, olhinhos azuis e no rosto um sofrimento, sofrimento de pessoa adulta. Respira com dificuldade — pneumonia crouposa. À noite a temperatura chega aos 40°. Nem penicilina nem estreptomicina ajudam. E eu não durmo há três noites. Tenho a sensação de que, se eu sair, a criança morrerá certamente.

— Vá, doutor, descanse. Eu estou aqui o dia inteiro, até dou uma soneca. E o senhor trabalha o dia todo e à noite quase não dorme. Veja, a Olenka está melhor...

Porque raio obedeci eu naquela altura. Nessa noite dormi sem sonhos, mas saltei da cama às sete da manhã e o primeiro pensamento — Olia! Correr para o hospital! Vem ao meu encontro a enfermeira a correr (telefone eu não tinha, como nenhum dos meus colegas na altura) e gritava: doutor, doutor, rápido!

Provavelmente bati nessa manhã todos os recordes mundiais de corrida. Entrei a voar no quarto. Olia estava deitada na caminha, no rosto uma careta de dor congelada, os olhos vidrados. Ao lado, sentada em total prostração, a mãe destroçada pela dor.

Eh, se eu soubesse naquela altura o que sei agora...

Pavlik Buianov foi trazido para o departamento às duas da manhã. Subitamente subiu a temperatura, apareceu vómito, depois diarreia. Tatiana, enfermeira experiente que trabalhava no departamento há muitos anos, entrou a correr no gabinete do médico de serviço, eu acabara de me deitar para descansar.

— Rápido, trouxeram uma criança muito grave! Já lhe pus soro fisiológico. Está fortemente desidratada. Aliás, para quê apressar-se. Não sobrevive...

Corro para a admissão. Pequeno sofredor com rosto terroso, e as córneas secas. Ao lado uma mulher já não jovem, chorada, cabelo despenteado, boca feia torcida, desgrenhada. Que importa isso quando a criança está a morrer.

— Doutor, querido, salve-o. É o único que temos. Durante tantos anos não tínhamos filhos, dei à luz já velha...

Fácil dizer — salve-o. Sou eu o Cristo Salvador? Dos mortos não se regressa...

— Tânia, rápido, arranja plasma. Tira-a debaixo da terra se for preciso.

À Tânia não é preciso repetir duas vezes. Mas onde arranjá-la de noite, se mesmo de dia é preciso procurar com lanternas?

A noite passa como num pesadelo terrível. Não saio de junto da criança. Injeções, injeções. Parece que já não há onde picar. Que teimoso, nós deitamos-lhe líquidos e sai tudo como de uma torneira avariada. E que intoxicação terrível. Mas respira e o coração bate. Pele terrosa, traços do rosto afiados. Mas o pior são os olhos, não consigo olhar para a córnea seca.

E eu pingando sem parar soro fisiológico nos olhos.

— Pavlik, Pavlik, não morras — sussurra a mãe. E eu, sem saber o que mais fazer pela criança, inclino-me muito sobre ele e ponho as duas mãos no peito. Fico assim muito, muito tempo e nem eu próprio entendo em que ainda espero.

Dizem que milagres não há. Não, às vezes acontecem milagres. De manhã a criança estava um pouco melhor. Respiração mais regular e profunda. E o coraçãozinho batia mais calmo. Não recuperava a consciência. Mesmo assim... Será que sobrevive?

De manhã chega a chefe do departamento, Tamara Ivanovna Starkova. Para mim é uma autoridade reconhecida — imaginem, já trabalha há três anos.

— Esforço inútil, doutor. Não sobrevive. Lembre-se do que lhe digo.

"Não sobrevive!" Mas a criança estava melhor. Na mãe apareceu esperança. Vá dizer-lhe que a melhoria é temporária e que a criança morrerá na mesma.

— Tamara Ivanovna, querida, a senhora é uma feiticeira. Vamos pensar o que se pode fazer. — Digo, mas sei perfeitamente que a única esperança é plasma ou sangue fresco.

Depressa encontramos um dador com grupo sanguíneo compatível. Quando encontramos com a agulha as veias colapsadas, a criança nem se encolhe.

Agora já não me lembro quantos dias e noites passámos eu e Tamara Ivanovna junto do menino doente. Fazíamos turnos. Quando ela saía do departamento, eu chegava. E a mãe tinha medo de nos deixar sequer por pouco tempo.

— Acreditam, assim que vocês saem, o Pavlik piora.

Três vezes durante a estadia no hospital o menino esteve em morte clínica. Mas virou uma questão de princípio. Quem vence, Pavlik ou a morte. Venceu Pavlik!

Mas a nossa alegria foi prematura. Aconteceu o pior que temíamos. A criança sofreu descorticação, morreu o córtex cerebral. Morreu ao fim de um ano. Provavelmente foi melhor assim. Se sobrevivesse — sofrimentos a mais para ele, para a mãe e para os próximos. Uma criança sem córtex é pior do que um animal. Não aprenderá nada, só beberá, comerá, chorará e fará as necessidades na cama.

Mas se eu soubesse naquela altura o que sei agora, seguramente isso não teria acontecido...

Oh, como o tempo voa depressa! Parece que foi há pouco que cheguei a Kamensk-Uraliski e já passou ano e meio. Agora já sou médico experiente. E o cargo é sólido — chefe do departamento ambulatório. Uma vez por semana reúno os meus colegas e discutimos juntos os casos complicados.

Hoje estou de ótimo humor. Chegou a primavera à cidade, sol brilhante, correm riachos. Em breve verão e depois férias. E hoje há pouco trabalho — ainda não são seis e já regresso do sector. Doentes graves não houve, no internamento tenho de ver só três, e esses estão a recuperar, preparam-se para a alta.

Não, digam o que disserem, tive muita sorte! Em que coletivo ótimo caí, que raparigas boas e abnegadas! Dão a alma pelas crianças doentes, tratam-se bem umas às outras, ajudam sempre, substituem nos turnos. Só a vida familiar não se arranjou para nenhuma. Mas nisso não as posso ajudar, onde arranjar namorados no pós-guerra?

Então o que farei eu esta noite? Claro, a tese de doutoramento. Ao pensar na tese o meu humor azeda logo. De tempos a tempos recebo cartinhas do meu orientador — professor Ivanitski-Vassilenko. Ainda no instituto reuni grande material experimental sobre a influência das hormonas sexuais femininas no processo de coagulação do sangue. O professor olhou longamente os meus protocolos, abanava a cabeça admirado, murmurava qualquer coisa e de repente declarou inesperadamente:

— Ora bem, parabéns, pode escrever a tese.

— Evguéni Sergueievitch, que tese? — supliquei. — O senhor sabe que vou trabalhar como pediatra na região de Sverdlovsk.

— Pois escreva lá. Se quiser, arranja tempo.

Tempo não havia. Verdade, às vezes aos fins de semana passava horas sobre as tabelas, tentava analisar os factos e até escrevi alguns capítulos. Com esse magro material fui ter com o orientador na minha primeira férias. Evguéni Sergueievitch estava doente e em casa. Recebeu-me amavelmente, interessou-se pelo trabalho, perguntou se não tencionava fugir para Saratov.

— Ora mostre o que escreveu.

Desta vez o exame dos meus trabalhos foi curto. O orientador percorreu com os olhos algumas páginas, separou as tabelas, o resto das folhas escritas com a minha letra feia horrível juntou numa pilha e, antes que eu desse por isso, já ardiam em chama viva na lareira.

— Não presta para nada. Terá de reescrever tudo de novo. Teve muita sorte. Ontem visitou-me o professor Makhlin. Afirma que tenho polineurite. Um mês, pelo menos, terei de ficar de baixa. Por isso, como vê, estou livre. Espero-o amanhã às oito.

"Boas férias", pensei eu.

Na manhã seguinte volto a casa do orientador. O professor não gosta de atrasos. Instala-se confortavelmente junto à lareira com um livro, eu sento-me à mesa "a escrever a tese".

Oh, como a tese me enjoou nesse mês! Imaginem — todos os dias às oito em ponto já estava no gabinete do orientador. Sentado, suava frases, e ele lia o livro, fumava o cachimbo e de vez em quando, lançando um olhar na minha direção, perguntava:

— Então, escreveu? E porque demora tanto?

Finalmente esgotou-se a paciência do orientador. Depois de mais uma destruição dos meus trabalhos, que ardiam a provocarem-me na lareira, agarrou numa tabela e, passeando devagar pelo quarto — a polineurite fazia-se sentir —, começou a ditar o capítulo seguinte.

E como tudo lhe saía fácil e simples. Não, nunca na vida aprenderei a escrever tão bem. Por mais que me esforce, numa frase aparece quase três vezes a mesma palavra. Já no orientador não se encontram duas palavras iguais numa página.

Assim trabalhámos na tese. Eu escrevia, ele queimava os meus trabalhos na lareira e depois, perdendo a paciência, ditava-me página após página.

Quando o capítulo seguinte estava pronto e cuidadosamente revisto pelo orientador, eu corria a cabeça perdida para a

datilógrafa, depois do que tudo começava de novo. Afinal o capítulo não prestava, as ideias eram fracas, o estilo não valia nada, era preciso refazer tudo.

Mas eis que a tese ficou pronta, datilografada a limpo e aprovada na reunião do departamento. Agora o trabalho podia ser apresentado à defesa no conselho científico do Instituto Médico de Sverdlovsk.

Parecia que se podia respirar de alívio. Nada disso! O trovão caiu de forma completamente inesperada. No país começou o caso dos médicos-sabotadores que queriam não só abalar os alicerces do poder soviético como matar o próprio Estaline. E na minha tese, para piorar, quase em todas as páginas apareciam os nomes dos médicos-envenenadores: Vovsi, Kogan, Vinogradov, Zelenin, Tareev, Rapoport e outros. Experimenta apresentar uma tese assim ao conselho científico — acabas nos mesmos sítios onde estão os médicos-espiões e envenenadores.

Do professor chega uma mensagem preocupada: "Decerto adivinhou que é preciso corrigir aquelas pequenas imprecisões que eu e o senhor cometemos no trabalho".

Boas pequenas imprecisões. Para as corrigir era preciso refazer quase toda a tese. E arranjar literatura nova. E o orientador estava longe, em Saratov, experimenta lá resolver sem a ajuda dele. E onde arranjar tempo.

Trabalho a uma taxa e meia. De manhã no laboratório conto esfregaços de sangue. Conto e penso se pus o diagnóstico certo.

Aqui o esfregaço do Vaniuchka. Menino nervoso, pálido, magro, come mal. Queixa-se de dores na barriga. Não há dúvida, vermes. E pronto, a fórmula da sangue branco confirma o diagnóstico. Muitos leucócitos cor-de-rosa, chamados eosinófilos.

E a Taniuchka seguramente tem asma brônquica. E o esfregaço de sangue confirma — há todas as razões para o diagnóstico.

Às doze começa o atendimento na policlínica e às três saio para as visitas domiciliárias. O sector é grande, não se percorre num dia: a aldeia de Boinovo e o sítio a vinte quilómetros da cidade. Por isso gozo de privilégios — comigo o meu fiel ajudante, o cocheiro tio Vania. Às três em ponto chega com a sua égua baia-castanha à porta da policlínica. Bom se, como hoje, houver poucas chamadas e eu regressar cedo ao internamento. Nos dias de epidemias de gripe chegam a ser cem e então as minhas visitas prolongam-se até alta noite.

Mas eu tenho horário não normalizado. Enquanto não vir todas as crianças doentes — não voltes para casa. Outra coisa é o horário do tio Vania. Às sete em ponto da noite deixa-me em casa do próximo doente e vai para casa. Tem de desatrelar o cavalo, dar-lhe de comer, de beber. O cavalo não é pessoa, precisa de descanso. E eu ainda tenho de correr para o internamento.

Bom se os meus colegas tiverem menos chamadas e virem os meus doentes. Se forem muitos, os meus meninos ficam à espera, sem que o doutor os veja, e dormem o sono dos justos. Onde arranjar tempo para a tese! Mas hoje regresso cedo e seguramente refaço pelo menos duas páginas.

Assim raciocinando, dei por mim que eu e o tio Vania já tínhamos chegado à cidade sem dar por isso. E lembrei-me que não passei pela Taniuchka de seis meses, a quem ontem não consegui pôr diagnóstico. Afinal passei pela casa dela em Boinovo, porque não entrei?

Conheço a Taniuchka desde que nasceu. O cargo obriga a visitá-la quase todos os meses, ensinar a mãe a cuidar dela, fazer as vacinas a tempo. Mas com esta carga de trabalho. Ainda bem se a enfermeira de amparo passa às vezes pela criança.

Ontem chamaram-me para a Taniuchka de forma completamente inesperada. Acabara de a visitar a enfermeira, estava tudo bem.

— O que aconteceu, Anastássia Petrovna? — pergunto à mãe.

— Pois ontem subiu a temperatura para 37,2°. Está enfezada, choraminga, começou a comer mal. Até o peito pega sem vontade.

Olho para a menina e o coração alegra-se. Claramente a mãe exagerou. A menina está alegre, sorri com a boca sem dentes e segue atentamente os meus movimentos. Só quando aplico o tubo frio do estetoscópio no peito é que faz careta de desagrado.

— Não teve diarreia? — pergunto.

— Não, não teve, como sempre, fez duas vezes e as fezes não são líquidas.

E reparo que a ponta da fralda está ligeiramente suja. Isso na escrupulosa Anastássia Petrovna!

— Não me engana? Tem medo que eu a mande para o hospital?

— Juro por Deus que não. Aqui a cruz — jura Anastássia Petrovna.

Mesmo assim fico inquieto e prometo visitar a Taniuchka no dia seguinte.

— Se acontecer alguma coisa liguem imediatamente para o hospital. Tratamento especial a menina não precisa. Dê-lhe mais água fervida adoçada.

— Viramos, tio Vania. Vamos a Boinovo, tenho de ver a Taniuchka.

O tio Vania está decidido.

— Não vou. Olha como a estrada está enlameada. Arrastar o trenó na lama. Olha como o cavalo está cansado, todo molhado. São sete horas, o dia de trabalho acaba. Se quiseres, vai a pé. Não é assim tão longe, só três verstas. *(Antiga unidade de medida de itinerário russa correspondente a 1,07 Km.)*

O tio Vania faz-se valente com razão. A policlínica aluga o cavalo só até às sete. Por isso a lei está do lado dele. E entre nós há um contrato firme. Se o tio Vania trabalha além da hora, o que acontece muitas vezes, eu tenho de o convidar à noite. Isso significa ir depois do trabalho ao chamado "restaurante" e, com o meu magro ordenado, oferecer ao tio Vania duzentos gramas e petisco. Se violar o contrato — no dia seguinte às sete em ponto deixa-me em casa do doente. Ainda bem se for na cidade. E se for longe de casa? Do tio Vania não há nada a tirar, terei de ir a pé de noite para o dormitório.

— Vamos, sim? Vejo a menina e depois vamos ao "restaurante".

— Ah, então é outra conversa — amolece o tio Vania.

Entro na isbá *(habitação rural tradicional russa)* e logo percebo que aconteceu uma desgraça. A mãe está pálida e eu, sem tirar o casaco, corro para o quarto onde devia estar a Taniuchka. Está destapada, gotas de suor na testa — logo se vê, temperatura alta. Traços do rosto afiados. A menina não reage absolutamente à minha presença e só geme, como adulta.

— O que aconteceu? Teve diarreia? Porque não chamaram o médico de manhã?

Fico a saber que a menina piorou de noite. Não houve vómito nem fezes. Não chamaram o médico porque eu prometera passar. E esperaram até à noite.

— É preciso levá-la urgentemente para o hospital.

— Para onde a levo eu. Tenho lá o Vitka com só três anos. Com quem o deixo? E sozinha não a dou ao hospital — sei qual é o cuidado lá, estragam a menina. E não há quem cuide do gado. Olha a vaca a mugir por não ser ordenhada.

Não havia tempo para discutir. A menina estava a morrer. Agarrei na criança, embrulhei-a num cobertor e saltei para a rua. A mãe nem teve tempo de gritar.

— Tio Vania, toca a andar!

O tio Vania percebeu tudo e chicoteou com força o cavalo. Eu tirei o casaco, tapei com ele a menina e voámos para o hospital, salpicando pelo caminho neve molhada misturada com lama.

Não, não consegui salvar a Taniuchka. Às três da manhã a menina morreu. Na admissão esperavam-me os pais destroçados pela dor.

— Dou-te em tribunal, mataste a criança! Grande médico! Se ontem tivesses posto o diagnóstico certo, a Taniuchka estaria viva agora. E ainda por cima não se sabe se a trataste bem. Aposto que ainda agora não sabes de quê morreu a filha.

O caso foi para tribunal. Mas depressa foi arquivado. A autópsia mostrou que o diagnóstico estava certo. Os pais, com medo que eu internasse a criança, esconderam-me que na véspera a Taniuchka tivera diarreia e vómito. Formalmente eu tinha razão, pois fiz tudo o possível para salvar a menina. E estava absolutamente convencido de que na morte da Taniuchka não tinha culpa nenhuma.

Mesmo assim — se eu soubesse naquela altura o que sei e sei fazer agora! Teria internado a menina logo na primeira visita e agora a Taniucha estaria a criar os seus próprios filhos...

A Tamara Ivanovna Ogurtsova não se pode chamar simpática. Altura 140 cm — anã. Corcunda enorme, cabelo ralo, dentes espaçados. E a perna esquerda muito mais curta que a direita. Assim anda ela, balançando para o lado direito.

Mas embora Tamara Ivanovna não tenha assim tantos anos, ainda não chega aos quarenta, no hospital de infeciosas é deus e rei.

Na vida tem dois inimigos irreconciliáveis — as mães das crianças doentes e as serventes negligentes. Tamara Ivanovna é solitária, não tem filhos nem familiares. O quartinho onde vive fica ao lado do hospital. Pode aparecer no seu departamento a qualquer

hora do dia ou da noite. E ai de si se apanha uma mãe a dormir ao lado de uma criança gravemente doente.

O vocabulário de Tamara Ivanovna faria inveja a qualquer contramestre! E não é difícil levar com uma fralda suja "na cara".

Também não é fácil para a servente negligente. O departamento é de disenteria, só dá para correr. Como dar conta do recado, à noite a servente está sozinha e são cinquenta crianças — no verão o departamento está sempre sobrecarregado. Mas estás no trabalho e tens de dar conta de tudo, para isso te pagam. Embora que dinheiro é esse? Lágrimas amargas.

Parecia que Tamara Ivanovna não tinha um aspeto lá muito bom, nem um carácter propriamente angelical. Mas porque é que as crianças a adoravam tanto? Não só as maiores, que já entendem tudo, mas também os bebés mais pequenos, que ainda nem andam. E a mortalidade no departamento dela era menor do que nos outros. Um mistério, e dos grandes.

Eis que Tamara Ivanovna se aproxima de uma criança gravemente doente, pega nela ao colo, anda com ela pelo departamento. Para quê? Não terá outras preocupações? E nas rondas muitas vezes vai com uma criança doente ao colo. E de noite aparece a correr, pode passar horas sentada à cabeceira da cama. E não se envergonha de limpar a criança, lavá-la, limpar-lhe o rabinho. Faz tudo sozinha, não repares que é médica de categoria superior.

Tomemos por exemplo o caso do Petiunka. Dava medo olhar para a criança — pele como a de um velho centenário. E olhar apagado, sem vida. E magro — só pele e osso. Está no departamento há dois meses e nunca o vi sorrir. Nem forças para chorar tem. Não vive nem morre, sofre ele próprio e atormenta todas as serventes.

Outro médico já teria desistido do Petiunka há muito — de qualquer forma não sobrevive. E, para ser sincero, à mãe ele também

não faz falta. Quase não aparece no hospital. Passa uma vez por semana, pergunta se ainda está vivo e desaparece.

"Foi arranjar um novo Petiunka", dizem as serventes com malícia. E não estão longe da verdade.

Mas Tamara Ivanovna não quer render-se. Mal entra, a primeira pergunta é sobre o Petiunka. E com que palavras carinhosas não o chama. Bonito, querido, lindinho. E leva-o para o gabinete dela, dá-lhe leite à colher, literalmente gota a gota na boca.

E, para espanto de todos, Tamara Ivanovna salvou o Petiunka. E não foi só ele. No departamento dela estavam sempre as crianças mais graves, e a mortalidade era sempre menor do que no nosso. Milagres, e dos grandes!

... Passaram mais de quarenta anos desde que atravessei o limiar do primeiro hospital da cidade de Kamensk-Uraliski. Quanto água correu desde então!

Em 1953, pouco depois da morte de Estaline, foram reabilitados os médicos inocentes, muitos dos quais eram e são o orgulho da medicina nacional. Por isso na tese não tive de alterar uma única linha. Em 1954 defendi-a com sucesso. Os colegas brincavam: o nosso chefe doutorou-se. Mas também era claro que não ficaria muito tempo em Kamensk-Uraliski. De facto, em 1955 o docente Iúri D. Rijkov convidou-me para o lugar de assistente no recém-criado Instituto Médico de Chita. Desde então trabalho aqui na cátedra de fisiologia normal.

Em 1965 defendi a tese doutoral e pouco depois atribuíram-me o título de professor.

E a pediatria? Há muito que não trato crianças doentes, embora continue a colaborar com muitos clínicos, incluindo pediatras. Mas às vezes tenho de me lembrar que tenho diploma de médico.

... Em abril de 1991 voava para Moscovo para a década *(curso intensivo de 10 dias)* de hematologia com o académico A. I.

Vorobiov. Essas viagens tornaram-se tradição. Às vezes dou palestras nas décades. Mas o que mais gosto é ouvir. Há muito que aprender. Que clínico extraordinário é A. I. Vorobiov! Destes dizem — médico de Deus. E que histórias incríveis de cura de doentes aparentemente incuráveis se ouvem na década!

Mas o mais interessante são as palestras. Na década falam os luminares da medicina nacional. Muitas vezes dão palestras hematologistas dos EUA, da Alemanha, da França.

Estava de ótimo humor. Voltaria a encontrar-me com os meus amigos, veria o professor Zinóvi Solomonovitch Barkagan. Na década ele daria um ciclo de palestras sobre o tratamento de uma das complicações mais terríveis que acompanham muitas doenças — a coagulação intravascular disseminada, ou síndrome DIC. Nesta área trabalho há trinta anos e queria muito saber o que de novo poderia contar o feiticeiro Z. S. Barkagan.

Mas aos poucos começo a sentir-me desconfortável no avião. Olho à volta. Ah, percebi o que me incomoda. Duas filas ao lado, na diagonal, está sentada uma mulher idosa, com as mãos na cabeça. No rosto uma careta de dor. Sinto que ela está mal, muito mal.

Levanto-me do lugar, aproximo-me da mulher e peço-lhe que venha comigo para o compartimento entre o salão dianteiro e a cabina dos pilotos. A mulher não percebe nada e segue-me com relutância.

Sim, tal como pensava, tem a tensão arterial muito elevada. Durante o voo pode acontecer uma desgraça.

A mulher conta que voou de Moscovo para junto da irmã paralisada e passou mais de dois meses à cabeceira dela. Está terrivelmente cansada. Começou a sentir-se mal ainda antes de entrar no avião.

— Tenho a sensação de que os vasos na cabeça vão rebentar. Será que vou ficar paralisada como a minha irmã?

O medo é mau conselheiro. Acalmo a passageira e durante quinze minutos faço uma sessão de massagem sem contacto.

— Pronto, agora deve sentir-se muito melhor.

— Melhor, melhor, realmente melhor. Tirou-me a dor com a mão. Muito obrigada. Já pensava descer em Omsk. Tinha medo de não chegar.

Meu Deus, o que foi que eu fiz? Até Moscovo a mulher não parou de falar. Que detalhes não soube eu da vida dela de mais de setenta anos. E embora estivesse muito cansado das conversas da senhora idosa, a sensação de satisfação não me abandonou até Moscovo.

É por isso que, até hoje, quando me lembro de Kamensk-Uraliski, me persegue o mesmo pensamento amargo: eh, se eu soubesse naquela altura o que sei agora...

PSÍQUICOS COMUNS

Lembrem-se de que na terra não existe outra pessoa como vocês.

D. Carnegie

Quando fazemos o bem aos outros, em primeiro lugar fazemo-lo a nós próprios.

B. Franklin

A palavra "psíquicos" ouvi-a pela primeira vez em 1980, quando nos jornais "Trud" e "Komsomolskaia Pravda" saíram artigos sobre as capacidades extraordinárias de Djuna Davitashvili. Psíquicos — pessoa dotada de sensibilidade aumentada (extra — super, sensus — sensação, sensibilidade). Essa supersensibilidade pode ser à temperatura, à radiação eletromagnética, ao cheiro, aos sons e a outros estímulos. Mas ainda antes de na imprensa rebentar o "boom dos psíquicos", já me tinha cruzado com pessoas dotadas de

capacidades extraordinárias. Uma delas foi o investigador júnior do Laboratório Central de Investigação Científica (TsNIL) do Instituto Médico de Sverdlovsk, Vladimir Grigorievitch Botchkov.

O nosso primeiro encontro aconteceu em dezembro de 1975, quando eu devia atuar como opositor oficial na defesa da tese doutoral da chefe do TsNIL, investigadora sénior Ekaterina Konstantinovna Bogomolova.

Ekaterina Konstantinovna é uma pessoa fora do comum, investigadora com pensamento original. Mulher longe da primeira juventude, parece extremamente elegante e jovem. E tem energia para dez. É uma apaixonada propagandista do estilo de vida saudável. Mas é fácil ser propagandista, difícil é seguir esse estilo de vida saudável. Ginástica diária, corrida matinal, duches frios, dieta, uma vez por semana — jejum. Cuspi três vezes por cima do ombro esquerdo — até hoje ela não sabe o que é doença. E Ekaterina Konstantinovna alivia a tensão muito facilmente. Senta-se na poltrona, relaxa, fecha os olhos e em cinco minutos não resta vestígio de cansaço.

Na equipa de Bogomolova trabalhava Vladimir Botchkov. Veio com ela para a defesa em Perm. Nunca se sabe que ajuda pode precisar uma pessoa durante a defesa doutoral: desenhar urgentemente uma tabela, fazer slides, datilografar o protocolo — nem tudo se prevê.

O Volódia era jovem, ainda não tinha trinta e cinco anos. Formara-se na faculdade de física da Universidade dos Urais, mas apaixonara-se pela medicina e trabalhava dia e noite no TsNIL. Interessava-se por ioga, seguia dieta rigorosa, não comia carne. Não só o Volódia era iogue, como a mulher também era "ioguina" e até o filho de quatro anos já dominava muitas técnicas de ioga.

Na defesa o Volódia foi simplesmente indispensável. E não porque fosse preciso ajudar Ekaterina Konstantinovna. A ajuda foi

inesperadamente necessária a um dos opositores. Mas conto tudo por ordem.

Cheguei à defesa vindo de Moscovo. Aconteceu que na véspera tinha de estar numa conferência muito importante para mim, em Obninsk. Em Moscovo estive apenas um dia, mas, como sempre nestes casos, havia mil assuntos a resolver e não sobrou tempo para ir à cantina. No aeroporto antes do voo para Perm comi uns pastéis e já no avião senti que algo não estava bem. Normalmente suporto bem os voos, mas dessa vez apareceu náusea, dor de barriga... Aliás, não vale a pena descrever os sofrimentos de um doente. Em resumo, daí a hora e meia tinha de falar na defesa de Ekaterina Konstantinovna e eu, deitado na cama do quarto de hotel, agarrava a barriga com as duas mãos, sem forças para me endireitar.

Foi aí que apareceu o Volódia Botchkov.

— Está mal? Dores de barriga? Náuseas? Pronto, isso resolve-se num instante... Aguente um bocadinho. — Saiu a voar do meu quarto e literalmente um minuto depois voltou a correr. Trazia nas mãos um estranho aparelho caseiro.

— Pronto, agora tratamo-lo. Meia hora não passa e estará completamente são.

Eu, claro, não acreditei. Entretanto o Volódia pediu-me que enrolasse as calças acima dos joelhos.

— Para quê? — admirei-me. — Dói-me a barriga, não as pernas.

— É preciso. — E começou a procurar pontos biologicamente ativos abaixo do joelho. — Assim que sentir dor, diga logo.

Depressa encontrou o ponto certo e senti uma picada bastante forte de corrente elétrica.

— Pronto, encontrei — alegrou-se o Volódia. — Agora diminuo um pouco a intensidade da corrente e fica tudo ótimo.

Eu sabia que normalmente os pontos biologicamente ativos são estimulados com agulhas de aço, prata ou platina. Naqueles anos setenta, a acupunctura começava a ganhar popularidade no nosso país. Mas o que tinha isso a ver com aparelho e elétrodos?

— Oh, é uma invenção minha. Ainda por cima, nunca se sabe se a agulha atinge exatamente o ponto. Com a corrente encontro os pontos sem erro e posso dosear a intensidade do estímulo individualmente conforme a sensibilidade da pessoa.

Enquanto conversávamos, o Volódia encontrou mais dois pontos, "trabalhou" neles, depois passou várias vezes a mão sobre a minha barriga e aconteceu o milagre. Em quinze minutos estava quase curado. As dores de barriga acalmaram, a náusea parou e só a fraqueza lembrava que ainda há pouco não conseguia levantar-me da cama.

— O quê, a cabeça anda à roda? Isso é uma ninharia. — E estimulou adicionalmente um ponto na orelha.

A defesa de Ekaterina Konstantinovna correu bem. Dizem que eu também estive em forma e "defendi" bem a minha protegida. Da recente desgraça nem me lembrei.

Tarde da noite eu e o Volódia partíamos de comboio para Sverdlovsk. Dali eu voaria para Chita. Falámos quase toda a noite. Aliás, falou mais ele, eu só fazia perguntas. Contava sobre ioga, aconselhava a dominar obrigatoriamente alguns exercícios.

— O senhor, embora fisiologista, nem imagina quantas possibilidades escondidas tem o organismo humano. Mas não sabemos usá-las. Comemos como glutões, não nos poupamos, movemo-nos pouco, envelhecemos dezenas de anos mais cedo. Se a humanidade aprendesse a controlar o seu organismo — não haveria doenças, velhice prematura e a vida das pessoas duraria pelo menos mais de cem anos.

Os argumentos dele eram sensatos.

— Cada um de nós consome por dia com a comida não menos de 3000 calorias grandes. Os cientistas consideram que isso é necessário para uma carga física muito moderada. Mas vejamos um iogue. Às vezes realiza trabalhos em que o gasto energético ultrapassa 5000 calorias grandes. Mas vejamos quanto ele come. A ração diária dele não chega a 1000 calorias. De onde tira a energia adicional?

Eu próprio já tinha pensado nisso. Para mim decidira há muito que os iogues conseguem utilizar produtos naturais do metabolismo e assim completam a energia em falta.

— Nada disso! Os iogues tiram energia do ar. Sim, sim, não se admire. A energia está à nossa volta. Só é preciso aprender a usá-la, saber captá-la. Mas a energia não deve só ser consumida, deve também ser devolvida ao ambiente ou a outras pessoas. O excesso de energia acumulada também é prejudicial.

Nessa noite falámos literalmente de tudo. Foram problemas biológicos, médicos e sociais. E em todas as questões o Volódia mostrava uma informação extraordinária. Parecia saber absolutamente tudo, pelo menos sobre tudo tinha opinião própria.

— E não se admire. No último ano trabalhei muito na minha educação. Li tratados filosóficos antigos, familiarizei-me com os fundamentos da medicina tibetana, estudei, a propósito, Marx, li Kant e Schopenhauer. Para já não falar das obras de Tsiolkovski, Tchijevski, Vernadski, Roerich. Aí é que está a mina de conhecimentos, aí é que estavam realmente próximos da compreensão não só das leis biológicas gerais, mas também da ligação entre a natureza viva e a inanimada, da ligação da vida na terra com fenómenos cósmicos. E como tratamos criminosamente este precioso património.

E de repente, interrompendo inesperadamente a conversa sobre temas científicos, o Volódia sorriu maliciosamente.

— Quer que lhe conte um pouco sobre si e sobre a sua família?

E aí sim, tive realmente de me admirar. Garanto-lhe que foi a primeira vez que nos encontrámos com o Volódia. Ninguém lhe podia ter contado nada sobre a minha família. Embora eu e Ekaterina Konstantinovna nos conhecêssemos há cerca de quinze anos, ela nunca tinha estado em minha casa, nunca viu a minha mulher nem a filha.

Claro, sobre mim, sobre o meu carácter, o Volódia podia ter ouvido dos de Sverdlovsk — afinal eu lá ia com alguma frequência. Mas eis que começou a falar da minha mulher.

— É dois anos mais nova do que o senhor. Nasceu algures no oeste. Não, não, não em Saratov, sei que o senhor é de lá, precisamente na fronteira ocidental. Não é magra, mas também não é gorda, morena. Inclinação para ciências exatas. Por formação física ou matemática. Muito determinada. Faz tudo com extremo cuidado. Sabe coser, fazer malha. Cozinha bem, especialmente bolos. Para a idade parece bastante jovem. Ora, o que é que me escapou?

— Nada. Descreveu-a mais exatamente do que eu próprio conseguiria. E donde sabe tudo isso?

O Volódia ri-se satisfeito.

— Agora sobre a sua filha.

E contou em pormenor como era a minha filha.

— Ora aqui é que não tem razão — objetei eu com azedume. — A minha filha não tem inclinações artísticas especiais. É verdade que no último ano se apaixonou por poesia, mas isso não é prova de "inclinações artísticas".

— Isso veremos. A sua filha ainda é muito pequena. E quero dizer-lhe o seguinte. Casará tarde. Na vida passada foi homem e ainda não adquiriu o coquetismo feminino. Mas com os anos isso virá, por isso não se preocupe.

Já tinha ouvido antes que os iogues acreditam na reencarnação, mas não dava importância séria a essas histórias.

— Volódia, acredita mesmo que a pessoa vive na terra muitas vezes? Isso é um delírio!

— A ioga não é só perfeição física, é um sábio ensino filosófico. Sem compreender a filosofia dos iogues, não se pode ser iogue. A propósito, numa das vidas passadas o senhor foi raptado por ciganos, andou muito pelo mundo e transmitiu-se-lhe a paixão por vagabundear. A última vez viveu no século XIV, chegou a velho e passou grande parte da vida num mosteiro. Teve tempo para refletir, foi aí que na sua cabeça surgiram muitas ideias que agora apresenta.

Sorri. Claro, o Volódia estava a brincar. Talvez a alma humana seja mesmo imortal, vale a pena pensar nisso, mas quem eu fui na vida passada ou quem foi a minha filha — aos mortais claramente não é dado saber. Isso é pura fantasia. Mas em muita coisa ele tinha razão. Adoro viajar, estar em cidades desconhecidas, adoro a natureza, caminhadas.

— Volódia, diga com franqueza, de quem soube da minha família?

— De ninguém. Pense bem, só hoje o conheci.

Não consigo explicar como soube tudo isso, mas em situações semelhantes nunca me engano. Simplesmente fecho os olhos, concentro-me e digo tudo o que me vem à cabeça. E eu próprio me admiro sempre de como acerto no alvo. Parece que alguém me sopra.

De manhã o Volódia acompanhou-me ao aeroporto de Koltsovo em Sverdlovsk para o voo para Chita. Mesmo antes da partida disse-me confidencialmente:

— Vou abrir-lhe um segredo. Só que, por favor, não diga a ninguém por enquanto. Descobri uma lei segundo a qual se pode explicar todos os fenómenos que ocorrem no Universo.

Não cheguei a saber qual era essa lei. E o nosso encontro seguinte só aconteceu quatro anos depois. E o mais surpreendente é

que, dois anos após a nossa conversa, manifestaram-se capacidades artísticas na minha filha. Coincidência?

... Estamos sentados no laboratório de Ekaterina Konstantinovna há três horas e discutimos até ficar roucos. Vim a Sverdlovsk só por um dia. Daqui a poucas horas parto de avião e não resolvemos nem uma parte das questões.

Fala-se da lei que o Volódia Botchkov descobriu. Não sou forte em matemática, deduzir, quanto mais memorizar uma fórmula física, é um verdadeiro sofrimento para mim. Tento compreender os fundamentos da teoria da relatividade de Einstein, a equação de Boltzmann e uma série de coisas incompreensíveis para mim e captar a ideia principal do Volódia.

— É mesmo isso — diz Ekaterina Konstantinovna. — E eu compreendo-o perfeitamente. Ele fez a maior descoberta e, infelizmente, as pessoas só a avaliarão daqui a duas ou três décadas. Mas algumas coisas o Volódia já pode provar agora, embora ninguém saiba como chegou lá.

— Que chegar lá o quê — irrita-se o Volódia. — Eu deduzi tudo matematicamente. Os matemáticos compreender-me-ão logo, mas os biólogos, médicos, químicos, economistas... Pense como fisiologista, que disparates dizemos muitas vezes aos alunos. O senhor ensina fisiologia normal e tenho a certeza de que nem sabe o que é norma.

— Ora essa! Chegámos a este ponto. Como não sei? Norma são as condições ótimas em que se realizam as funções fisiológicas do organismo.

— Disparate típico — declara o Volódia. — Todo o problema é que essas condições ótimas são sempre estritamente individuais. Tomemos por exemplo a tensão arterial. Dizemos que na norma é cerca de 120/70 milímetros de coluna de mercúrio. Cento e vinte — máxima, setenta — mínima. Mas na Argentina as pessoas têm em média tensão máxima de apenas 90 milímetros. E isso também é

norma. E eu descobri uma lei segundo a qual se pode calcular a norma ideal para qualquer pessoa e para qualquer parâmetro da sua atividade vital. E não só da pessoa! Posso dizer com absoluta precisão qual formação social será ótima em determinadas condições. Posso calcular em que condições decorrerá mais intensamente esta ou aquela reação química, quando e em que combinações de elementos químicos o aço terá máxima resistência, que forma deve ter um foguetão ou uma nave espacial para sofrer menor resistência.

Posso calcular como influenciam planetas individuais os biorritmos humanos, quando haverá terramotos, inundações, tempestades magnéticas. Mas quando falo disto aos cientistas, tomam-me por louco. Poucos com quem até agora encontrei entendimento são os académicos Amosov e Kaznatcheev.

Depressa me convenci de que para objetos biológicos a lei de Botchkov funcionava realmente sem falhas. Mas só em 1983, em Kiev, no instituto do académico Amosov, o Volódia defendeu com sucesso a tese de candidatura.

— Agora sim — disse-me ele numa das nossas encontros —, estou livre. Agora vou sentar-me a formalizar invenções e descobertas. Até agora não havia tempo. Acredita, confirmei muitas das minhas ideias na experiência. Consegui atrair para o meu lado químicos e economistas. Recentemente estive até em audiência com Baibakov e ele prometeu-me apoio.

Uma vez falámos de política, da situação internacional, amaldiçoávamos Brejnev, que levaria o país à ruína. Então o Volódia declarou:

— Se até 1988 não houver guerra, não haverá de todo. E no fim desta década começarão os terramotos mais terríveis, derrocadas, inundações, acidentes, catástrofes. A maior parte dos problemas acontecerá ao longo das fronteiras. Aí já não haverá tempo para guerra, será preciso salvar o próprio povo.

Esta conversa aconteceu no verão de 1980. Contei-a repetidas vezes aos meus colaboradores, familiares, amigos. Por isso seguramente podem confirmar que não é fantasia.

Uma vez falámos de Djuna. Perguntei se ele seria capaz de algo semelhante. E foi aí que soube que o Volódia também era psíquicos, mas não se dedicava a curar — não tinha tempo.

— Claro, posso tirar ataques de asma ou de angina, mas eu próprio não sei proteger-me das doenças — isso aprende-se e tempo, como compreende... Quero contar-lhe duas histórias.

Tenho uma sobrinha. Menina simpática. Só que na pálpebra esquerda tinha uma verruga feia. Desfeava a rapariga. Decidi tirá-la e consegui com relativa facilidade. Mas acredita, no dia seguinte apareceu-me uma verruga igual na pálpebra esquerda. Não conseguia livrar-me dela de forma alguma. Depois esqueci-me, olhei um dia ao espelho — a verruga desaparecera.

E outro caso interessante. Fui à cantina, meti-me na fila. À minha frente um homem e na lobe do ouvido direito uma placa enorme. Não sei porquê, mas fiquei a pensar: que coisa feia, desfeia um homem tão interessante. E enquanto estava na fila, esse pensamento não me largava. E na manhã seguinte descobri na minha lobe direita exatamente a mesma placa.

Acredito e não acredito nas histórias do Volódia. Sei que ele nunca mente. Provavelmente coincidência...

Mas um dia convenci-me de que tais "coincidências" não são assim tão raras. Uma vez veio a nossa casa um técnico de televisão. Conversámos. Lembrámo-nos das nossas maleitas. O técnico queixou-se de que o hemorroidas o atormentavam. Ir à casa de banho era um problema. Depois tinha de tomar banho quente e com cuidado repor os nódulos hemorroidais no reto. Tive pena do técnico. Já tinha visto várias vezes Djuna tratar hemorroidas e decidi tentar eu próprio. No dia seguinte soube que o técnico estava melhor.

Mas quanto a mim... O que aconteceu comigo o leitor adivinha facilmente.

Ouvi muitas histórias interessantes do Volódia. Gostava especialmente de contar sobre o filho.

— Sabe, as crianças veem muito mais do que nós, adultos. Uma vez voltava com ele do passeio. De repente grita: "Papá, olha, da nossa janela de ventilação sai uma cobra!" Grande fantasista, pensei, que cobra é essa. Olhei para a janela, a janela de ventilação estava aberta. Chegámos a casa, debaixo da janela as flores estavam regadas. Acontece que há pouco a mulher regava as flores com uma mangueira passada pela janela para a rua. A mangueira já não estava, mas o rasto dela ainda durava muito tempo. Foi isso que o filho viu.

Muitas coisas interessantes ouvi e aprendi com Botchkov. Combinámos realizar uma série de investigações conjuntas sobre o estudo do mecanismo das influências psíquicos no organismo humano. Várias vezes ele tencionava voar para Chita, mas sempre algo impedia a realização dos planos.

Infelizmente, esses planos não estavam destinados a concretizar-se...

No nosso último encontro reparei que o Volódia não só parecia cansado, como pálido. Claramente não se sentia bem...

— O que aconteceu, Volódia?

— Pois há pouco saí do hospital. Passei um mês internado com hemorragia gástrica. A úlcera atormenta-me.

— Isso em si, um iogue?

— Há vários anos que deixei a ioga. Não havia tempo para ioga. E em vão, veja, a saúde ficou péssima. Pago pela minha preguiça.

Em agosto de 1987, de noite, tocou o telefone no meu apartamento em Petropavlovsk-Kazakhski. A mulher atendeu. Uma

voz masculina desconhecida perguntava por mim. Ao saber que eu não estava em Chita, o homem ficou triste.

Apresentou-se como irmão do Volódia Botchkov. Disse que o Volódia chegara de avião na véspera de férias à mãe e que hoje morrera inesperadamente de enfarte do miocárdio. Não estive no funeral, quando soube da morte já era tarde.

Provavelmente em Sverdlovsk guardam-se os arquivos do Volódia. Quero esperar que os amigos dele conservem essas notas. Tenho a certeza de que podem abrir os olhos dos cientistas a muitos fenómenos não desvendados e prestar um serviço inestimável à ciência nacional.

Eu e o Félix estamos sentados, confortavelmente instalados no sofá, e mantemos uma longa conversa. Ele tenta explicar-me como põe diagnóstico à distância, sem sequer olhar para a pessoa, como pode descrever o seu carácter. A minha imaginação claramente não chega. Aqueço-me, faço novas e novas perguntas. Ele responde, mas não fica mais claro.

— Compreende — diz ele —, no momento em que pensou em alguém, no meu cérebro, algures na zona do hipotálamo, surgiu uma figura. Não sei de quem se trata, não sei a idade da pessoa, não sei se é homem ou mulher. Mas sei qual deve ser a figura se for uma pessoa ideal. Naturalmente, tais não existem. Mas, conhecendo os defeitos na figura, posso descrever mais ou menos exatamente o carácter da pessoa.

Depressa, muito depressa, o Félix provou-me tudo isso na prática...

Nora Iaselman é uma pessoa de destino extraordinário. Nasceu em 1929 na Argentina. E tem um nome invulgar — Eleonora-Luci. O pai de Nora era revolucionário profissional, um dos organizadores do partido comunista da Argentina. Originário da Rússia (o apelido dele é mencionado nos trabalhos de Lenine). Em 1905, pelo chamado "levante dos sapadores" em Kharkov, foi condenado à

morte. Mas os amigos organizaram a fuga e ele emigrou para a América do Sul.

Após a revolução, Iaselman veio várias vezes à Rússia. Foi membro do I e II congressos do Comintern. Aqui, em Moscovo, conheceu a futura mulher.

— Uma vez, na juventude — contava-me Nora —, o pai ia em companhia de jovens como ele e uma cigana agarrou-se a ele. "Jovem, bonito, solteiro, deixa-me ler-te a sina". O pai aceitou a rir. Ela pegou-lhe na mão, olhou atentamente e disse: "A tua mulher reconhecerás pelo som". "Como assim pelo som?" — admirou-se o pai. "Pois, pelo som".

E não disse mais palavra. Os rapazes riram-se, brincaram e o pai depressa esqueceu esse encontro. E imagina, num intervalo de uma das sessões do Comintern ouve atrás de si o som de passos. Volta-se e vê: vem uma mulher morena bonita, e nos pés sapatos com solas de madeira. Logo percebeu que era o seu destino. Pouco depois desse encontro os jovens casaram-se e partiram para a Argentina.

A mãe de Nora também era revolucionária profissional, viera de Espanha.

Desde 1931 Nora vive em Moscovo.

Durante muito tempo após a morte do pai e da mãe, Nora viveu num pequeno quarto de apartamento comunal e só recentemente lhe deram um apartamento individual, bastante acolhedor, de um quarto. Nora está gravemente doente — inválida de segundo grupo. Trabalha com grande dificuldade e só em casa. É editora na editora "Nauka".

Mas o extraordinário é que Nora não só tem uma quantidade de amigos e conhecidos — a ela, inválida, pessoa que quase não sai do apartamento, as pessoas acorrem com as suas dores e problemas. E ela não só sabe ouvi-las, como encontra caminhos para ajudar. Mas quem ajudará a ela própria?

Numa das minhas idas a Moscovo decidi levar o Félix a casa de Nora. Não, não como doente. Queria apresentá-la a uma pessoa interessante. Mas algures no fundo ardia a ideia — e se!

— Norik, queres que o Félix conte todas as tuas maleitas?

Nora ergueu as sobrancelhas admirada.

— Ora bem, que tente.

O Félix virou-se de costas para Nora, fixou o olhar num ponto e começou a falar devagar.

— Doenças do sistema nervoso não tem. Mas os pulmões estão maus. Especialmente o esquerdo. No pulmão direito estão afetados os lobos médio e inferior. Tem vasos doentes. Na pele nódulos. Na mão esquerda são aproximadamente o dobro do que na direita. Tem rins doentes e os suprarrenais bastante alterados. Provavelmente toma hormonas há muito tempo...

— Félix, conta como é o carácter da Nora — peço eu.

— Nada mais simples. É uma pessoa extraordinária. Tem um abismo de encanto. Não só ajuda de bom grado os outros, como até sente necessidade disso. É muito culta, sabe muito. É interessante para pessoas das mais diversas especialidades. Nunca teve filhos, mas adora-os muito e muitas vezes as crianças chamavam-na mamã. Tanto homens como mulheres confiam-lhe os segredos mais íntimos. Já a si, apesar da abundância de amigos, muitas vezes não tem com quem partilhar as suas mágoas.

O Félix nunca tinha visto Nora antes nem sequer ouvira falar dela. Mas uma caracterização mais exata era simplesmente impossível. O mais surpreendente foi depois — quando saímos com ele para a rua.

— Por mais que custe, a Nora não viverá mais de três anos.

Infelizmente, ele tinha razão. Nora morreu no Instituto de Tuberculose dois anos e onze meses depois desta conversa, de hemorragia pulmonar profusa.

Penso que sobre o Félix é preciso contar mais pormenorizadamente. Engenheiro de formação. Formou-se no Instituto de Economia Nacional de Moscovo em nome de Plekhanov.

Desde os 18 anos apaixonou-se por ioga e teve grande sucesso. Passados alguns anos começou ele próprio a dar aulas.

Sempre me impressionava como o Félix se alimentava. Salada, um pedaço de pão, alguns nozes. Não come absolutamente carne. Pelos meus cálculos, a ração dele não ultrapassava 600-700 quilocalorias.

— O que quer — ri-se o Félix —, com o ordenado de engenheiro só um iogue consegue viver.

Uma vez, ao chegar a Moscovo, encontrei o Félix em casa dos meus amigos. Aliás, foi precisamente lá que o conheci. Dessa vez o Félix ajudava Micha, filho dos meus amigos, a terminar o projeto de diploma. O autor do projeto estava exausto de cansaço. Ao segundo dia mandou tudo para o diabo e foi dormir. E o Félix? O Félix trabalhava sem dormir nem descansar. Quando se cansava — deitava-se no chão e ficava quieto. Parecia um cadáver. A respiração não se sentia absolutamente. Mas passavam cinco minutos e o Félix abria os olhos, levantava-se e como se nada fosse continuava a trabalhar.

— Félix, como fazes isso? — perguntei-lhe mais de uma vez.

E ele explicava que tudo isso se consegue com treino, que se eu também me dedicasse à ioga alcançaria o mesmo.

Dedicar-me à ioga não tenho qualquer vontade. Mas desvendar esse segredo gostaria muito.

— Pense em alguém e eu conto-lhe algo sobre essa pessoa — diz o Félix. — Pensou? Ora...

E o Félix começa a descrever a pessoa com detalhes tão finos que me assusto. Donde, donde pode ele saber aquilo em que eu próprio tenho medo de me confessar. Afinal pensei em mim próprio... Não, é espantoso!

Por um instante imaginei-me a mim próprio e o Félix descreveu tão bem o meu carácter como se tivesse vivido toda a vida ao meu lado.

— Félix, afinal pensei em mim próprio!

No rosto do Félix expressão de susto:

— A sério! Não disse nada de ofensivo sobre si?

— Não, até enfeitou.

— Ora, não creio. Talvez tenha suavizado um pouco os seus defeitos — ri-se o Félix.

Vi o Félix mais uma vez, quando a desgraça bateu à nossa porta. O meu irmão — cancro do pulmão. Por especialidade cirurgião torácico. Pôs o diagnóstico a si próprio, operação urgente necessária. Fá-la o melhor cirurgião torácico do país, membro-correspondente da AMN da URSS, professor M. I. Perelman.

Mais tarde dir-me-á: "Nada pude fazer. O tumor rodeia vasos grandes. Tirei só o gânglio linfático que comprimia o brônquio. Durante algum tempo respirar-lhe-á mais fácil, e depois..." Após a operação dores inimagináveis. Nem os narcóticos as aliviam.

Ligo ao Félix, peço que vá ao hospital. Ainda no corredor, sem ver o irmão, disse-me:

— Operação no pulmão direito. Dores fortes no braço direito. Vou tentar tirar.

O irmão reagiu com desconfiança à chegada do Félix. Excelente cirurgião, acreditava só nos métodos da medicina tradicional. O Félix senta-se, cala-se e olha fixo para um ponto. E o irmão vira-se para a

parede e sofre de dor. Mas aos poucos notamos que ele se acalma, adormece.

O irmão dormiu várias horas. Quando acordou — as dores tinham desaparecido. Mas o resultado do tratamento foi de pouca dura. De manhã as dores voltaram.

No dia seguinte o Félix encontrou-me.

— Não poderei ir ao seu irmão, mas ajudá-lo-ei à distância. Levem-no para casa.

Passados alguns dias levámos o irmão para Oriol. As dores foram acalmando aos poucos e depressa esqueceu que outrora não conseguia mexer o braço. O Félix assegurava que a situação do irmão não era desesperada, que se lhe podia ajudar.

Não sei se o Félix ajudou, mas o irmão viveu cerca de um ano após a operação. Morreu em terríveis sofrimentos. Não tenho a certeza de que o Félix tenha cumprido a promessa e influenciado o irmão à distância. Mas as dores claramente lhe tirava.

Uma vez entrou no meu gabinete na cátedra um homem de cerca de quarenta anos, sorriu timidamente e apresentou-se: Anatólia Mikhailovitch Tulupov.

— Veja — continuou embaraçado —, recomendaram-me que me dirigisse ao senhor. Dizem que se interessa por psíquicos. Pois eu...

"Ah, psíquicos! Ora bem, isso é interessante. Vamos ver que psíquicos és tu", pensei eu com desconfiança.

— E o que sabe fazer?

— Se for sincero, por enquanto não muito. Dedico-me a isto há apenas um ano. Nesse tempo tratei noventa e sete doentes. E parece que com sucesso.

— E nenhum erro?

Anatólia Mikhailovitch hesitou um momento.

— Se disser que nenhum, não acreditará. Mas realmente nenhum.

— E, vendo a minha perplexidade, continuou embaraçado: — Compreende, seleciono os doentes com muito cuidado. E se sinto que os conhecimentos e a experiência são poucos, não me atrevo a tratar. Para quê dar falsas esperanças à pessoa?

— Interessante, e como descobriu as suas capacidades? Como soube que era psíquicos?

— Isso percebi há pouco, embora antes já me acontecessem coisas estranhas. Tinha eu dezoito anos quando um amigo me arrastou a um espetáculo de um malabarista de passagem. Foi numa pequena aldeia, os artistas não nos mimavam muito. O malabarista começou o número e eu sentado a pensar: "Agora cai". E mal pensei, bolas e maças no chão. O malabarista nervosamente e eu satisfeito. E assim várias vezes. E de repente ele dirige-se a mim: "Peço encarecidamente que saia da sala". Todos se olham admirados e eu logo percebi o que era. Após o espetáculo chamou-me e diz: "Possui capacidades invulgares, mas é preciso relacionar-se com benevolência com as pessoas". Não imagina a vergonha que senti. Essa lição lembro-a para toda a vida.

E ainda houve um caso interessante. Durante a primeira gravidez da mulher, os rins começaram a falhar. Ela foi aos médicos. Estes disseram: é preciso interromper a gravidez. A mulher desatou a chorar, queríamos tanto ter um filho. Lembro-me de que passei a noite toda ao lado dela, a consolá-la, a convencê-la de que tudo correria bem. E eu próprio acariciava e acariciava a zona onde ficam os rins. E imaginem, passados alguns dias ela foi fazer análises e estavam normais. O médico não acreditava nos próprios olhos. Disse que estava tudo em ordem. Confesso que não percebi nada e só há pouco tempo me dei conta de que tinha sido eu a curá-la.

Naquela altura, há muitos anos, não imaginava que poderia tratar pessoas. Aconteceu por acaso. Como se diz, não fosse a

desgraça e não haveria felicidade. Anatólia Mikhailovitch contou-me a seguinte história.

— Sou desportista. Pelo menos três vezes por semana passo as noites no ginásio. Apaixonado por luta clássica e boxe. Treino jovens e treino-me a mim próprio. Mas um dia, numa viagem de trabalho a Moscovo, deu-me uma crise — deslocou-se-me um disco e fui parar ao hospital. Ao lado, na mesma enfermaria, estava um rapaz novo com diagnóstico de "hérnia cerebral". As dores eram tais que o rapaz gritava dia e noite. Nem os narcóticos ajudavam. Então propus-lhe: "Kólia, deixa-me sentar ao teu lado, massajar-te as costas, talvez as dores acalmem".

Ele aceitou com relutância e eu comecei a passar-lhe levemente a palma das mãos pelas costas. Durou muito tempo, pelo menos três horas. E imaginem, o Kólia adormeceu. O coitado estava tão exausto que dormiu profundamente quase três dias seguidos. À noite, sem consciência do que fazia, levantava-se da cama e, cambaleando, de olhos fechados, ia à casa de banho. Mas os companheiros de enfermaria não dormiam — agarravam-no logo pelos braços, porque os médicos proibiram terminantemente que o Kólia andasse. Passados alguns dias operaram-no.

A notícia deste caso espalhou-se pelo departamento. E um dia aproximou-se de mim um doente da enfermaria ao lado. "Não te vanglories muito dos teus sucessos. Aqui não gostam disso. Chega aos médicos — não te perdoam. Tenho um amigo — Mikhail Izrailevitch Kotliarevski — médico extraordinário. Tira qualquer dor sem medicamentos. Trabalhou na ambulância, raramente usava remédios. Tratava sobretudo com massagem." — "Porque tratava, já não trata?" — "Despediram-no. Acusaram-no de curandeirismo. Desde que acabou o instituto, nunca trabalhou mais de três anos no mesmo sítio. Mal o médico-chefe descobria que ele tratava doentes com técnicas especiais, organizava imediatamente uma reunião com discussão e censura e despedia-o. Agora atende em casa. Se não te

importares, depois da alta vamos lá ter com ele. É um homem interessante — não te arrependerás!"

O nosso encontro aconteceu. Fiquei uma semana em Moscovo e visitei Kotliarevski todos os dias. Nesse tempo aprendi tanto de novo que as minhas ideias sobre a vida mudaram radicalmente. Esse encontro determinou o meu destino futuro — decidi firmemente que ajudaria pessoas doentes.

Ouvi com interesse o visitante inesperado. E ele, aos poucos mais à vontade, começou a fazer planos fantásticos sobre a criação, na nossa cátedra, de um laboratório onde se pudesse estudar, de uma perspetiva verdadeiramente científica, as particularidades da ação dos psíquicos no organismo de pessoas doentes e saudáveis.

Nem dei pelo tempo passar, mais de duas horas. Meu Deus, tenho aula daqui a quinze minutos! Despedi-me rapidamente do convidado, pedindo-lhe que voltasse noutra ocasião.

Passados alguns dias encontrámo-nos de novo. Anatólia Mikhailovitch devia demonstrar a sua arte. Não faltavam voluntários para serem examinados. Ele observava um colaborador atrás do outro e muitas vezes ouviam-se exclamações de espanto:

— Certo! Mas como soube?

— Realmente, como? — pergunto eu. Anatólia Mikhailovitch sorri embaraçado:

— Senti.

— Com os dedos?

— Porque só com os dedos? Com os dedos e com a palma da mão.

Chegou a minha vez. Não faltava mais que todos os colaboradores soubessem das minhas maleitas. Aliás, que esconder? Que vejam como ainda sou rijo.

Entretanto Anatólia Mikhailovitch começou o exame. Pediu-me que me despisse até à cintura, deitou-me na marquesa e começou a apalpar a coluna. Às vezes afastava a mão e passava-a ao longo das costas, ora diminuindo, ora aumentando a distância.

— Pronto, coração saudável, tensão arterial normal, mas tem osteocondrose, mais acentuada na zona lombar.

Pôr diagnóstico de "osteocondrose" (*osteochondrosis)* a uma pessoa que ronda os sessenta não exige grande mestria. Para isso nem é preciso ser psíquico. Mas donde soube ele que o meu coração estava saudável e a tensão normal — isso é um mistério.

Aqui gostaria de fazer um parêntese e contar algo sobre mim. Em criança era bastante franzino. De que não adoeci eu! A mãe garantia que várias vezes estive à beira da morte. E só um médico muito bom, um velhinho meio surdo cujo nome já não recordo, me tirava do outro mundo. Fazia turnos à minha cabeceira e de duas em duas horas injetava-me cânfora — o coração fraquejava. Na escola, por causa da saúde fraca, dispensavam-me das aulas de educação física.

Mas começou a guerra, deixei a escola e fui trabalhar para a fábrica. E eis o milagre, todas as doenças recuaram. Durante os anos de guerra nunca tirei baixa médica.

Acabou a guerra, chegou a hora de ir para o exército. E aí descobriu-se uma coisa espantosa. Na comissão militar constataram que eu tinha vício cardíaco. Para mais, em criança tivera tuberculose, sofrera pleurisia e agora o seio esquerdo do pulmão não se abria. A opinião da comissão militar foi confirmada pelos médicos do instituto médico. Por isso educação física era proibida para mim.

Mas a juventude nem sempre segue os conselhos dos médicos. Sobretudo se nada dói. Uma coisa é não ir às aulas de educação física, outra é ir com os colegas em caminhadas, nadar, apanhar sol, esquiar, patinar. Mesmo assim nunca esquecia que tinha vício da válvula mitral.

Acabei o instituto, trabalhei quatro anos na região de Sverdlovsk. E eis-me colaborador do Instituto Médico de Chita. Vivo no dormitório com um amigo, também formado como eu pelo Instituto Médico de Saratov, Pavlik Rabinovich. O Pavlik é mais velho. Terapeuta, médico por graça de Deus. Ao saber que eu tinha vício cardíaco, não acreditou. Examinou-me longamente, percussionou, auscultou e desatou a rir alto.

— Que idiota te diagnosticou vício cardíaco?

— Porque idiota, foram idiotas. Fui visto por muitos.

— Tiveste simplesmente um sopro juvenil. Acredita, não tens vício nenhum. Esquece isso.

Mesmo assim o coração lembrava-se de si. Trabalho durante muitos anos sem descanso, noites sem dormir — tudo isso acabou por se fazer sentir. Aos quarenta anos começaram ataques de angina, dores no coração, acordava de noite com medo, de dia não conseguia trabalhar produtivamente. Mas tudo isso ficou para trás. Desde que comecei a correr, o coração está em ordem.

— Sim, não se queixa do coração. Mas dores debaixo da omoplata esquerda às vezes tem. Não se preocupe, não é o coração. É sempre a mesma osteocondrose. E da direita sai areia do rim.

— Ora, cheguei a este ponto — sorri eu —, afinal já me cai areia.

E Anatólia Mikhailovitch continua o exame. Está a demorar demais com o meu sacro...

— Claro, tem uma lesão na zona sacral da coluna. Aqui. — Pressionou levemente um ponto à direita da linha média. Uma dor aguda trespassou-me a perna direita. Como se corrente elétrica tivesse passado pelo nervo ciático. De surpresa soltei um leve ai.

— Neste local cresceu tecido conjuntivo. O nervo está encapsulado nele. Mas é uma ninharia. Com o tempo, em 5-6

sessões, a cicatriz reabsorve-se. A lesão é muito antiga, passaram pelo menos trinta anos.

— Que lesão? Não houve lesão nenhuma. Ah, sim...

Lembro-me bem desse dia. Aconteceu a 30 de abril de 1951. Estava a terminar o curso no instituto, aproximavam-se os exames estatais. Acabasse eu com eles — e liberdade. Sou médico!

Liberdade sim, mas como custava despedir-me do instituto, da cátedra de fisiologia, dos amigos: Leva Rakhmilevitch, Iúri Ivanov, Natacha Cherbova, com quem trabalhara tantos anos na cátedra! Todos ficavam em Saratov e eu ia para a região de Sverdlovsk. Custava também separar-me do mestre querido — professor Evguéni Sergueievitch Ivanitski-Vassilenko!

Decidimos passar esse dia juntos. Estava um tempo primaveril maravilhoso. Calor fora do normal para a época. Em grupo fomos ao Volga, à ilha Verde. Para que negar, levámos bebidas alcoólicas. Bebemos um pouco, animámo-nos. Até o nosso professor de sessenta anos (Meu Deus, como nos parecia velho na altura!) se portou como criança, contava anedotas, brincava às escondidas connosco. Mas onde podia ele competir connosco, jovens. E eu, fugindo do professor, decidi imitar os antepassados antigos. Escalei uma bétula tão alto que ninguém me alcançava, agarrei-me com braços e pernas a um ramo grosso e gritei alegre:

— Sou macaco, tentem apanhar-me!

Mas eis que o "macaco" sentiu que voava a grande velocidade para baixo. O ramo partiu-se e eu caí no chão, batendo com força nas costas nas raízes ramificadas da árvore. Fiquei estendido no chão, o ramo grosso cobria-me por cima, nem o larguei das mãos. Os amigos riam às gargalhadas.

— Grande macaco! Que bem salta de ramo em ramo!

Mas a mim não me apetecia rir. O primeiro pensamento — estará intacta a coluna! Sabia bem o que acontece numa lesão da

medula espinal. Afinal estava a cinco minutos de ser médico. Mexi cautelosamente primeiro a mão, depois a perna, tirei o ramo, apalpei as vértebras e saltei alegre para os pés.

— Nada, rapazes, o vivo está vivo!

E logo senti uma dor leve na perna direita. Durante alguns dias coxeei um pouco, mas depois passou tudo e esqueci-me. E agora, cá está, a velha lesão afinal viva. Mas que grande Tulupov!

E os "milagres" continuavam.

— Pulmões saudáveis, mas já teve várias vezes pneumonia e até tuberculose. O seio esquerdo não se abre.

— Teve hepatite, provavelmente há muito tempo. Espere, espere. Aqui às vezes tem dores. — E eu volto a gritar inesperadamente. Como se me tivessem apunhalado no ventre.

— Tem úlcera do bulbo duodenal. É preciso tratar-se.

Ora, que fazer com ele! Que eu tenho doença ulcerosa sei há muito. E o pai tinha úlcera. A 21 de junho de 1941, horas antes da guerra, em Kislovodsk, onde estava de férias, teve perfuração. Mal o conseguiram salvar. E o irmão tinha doença ulcerosa. Na primavera e no outono tenho dores na zona do estômago, embora no raio-X não tenham detetado úlcera. Mas eu sei que existe. Nada a fazer — hereditariedade!

Dois meses depois de Tulupov examinou-me a lendária Djuna. Todo o procedimento durou não mais de dois minutos, mas os diagnósticos coincidiam exatamente.

Todos acreditámos em Tulupov. Tratou muitos e, realmente, após algumas sessões o doente sentia-se muito melhor. Mas o mais interessante estava para vir.

Depressa começaram as experiências.

De uma perna de rã preparou-se um preparado neuromusculado. É o músculo gémeo com o nervo que lhe chega.

Numa extremidade o músculo está fixado ao osso da coxa. Agora, fixando o músculo no suporte e estimulando o nervo com corrente elétrica, pode registar-se num quimógrafo em movimento as suas contrações.

Determinamos o limiar de excitabilidade do músculo, estimulamo-lo com corrente elétrica até ao cansaço. Estas experiências são extremamente simples, fazem-nas os alunos do segundo ano no nosso laboratório. Aos poucos as contrações do músculo tornam-se mais fracas e finalmente param completamente. Chega o cansaço. É preciso bastante tempo para que o músculo descanse e as contrações recomecem.

Mas eis que se aproxima Tulupov e atua sobre o músculo cansado com as mãos. Não toca no músculo, as mãos estão a cerca de 5 cm do preparado. Mas o que é isto? O músculo começa a contrair-se sozinho, sem qualquer estimulação elétrica. Ficamos abismados e Tulupov satisfeito.

— Ora bem, como veem, substituo-vos o gerador de corrente. De mim próprio saem correntes.

Brincadeiras à parte, experiência é experiência. Voltamos a verificar a excitabilidade do músculo. Aumentou para o dobro, agora é precisa corrente de intensidade duas vezes menor para que comece a contrair-se. Ora vejam! Não só o cansaço desapareceu, como a excitabilidade do músculo aumentou.

E nova experiência. Numa rã destruiu-se a medula espinal, abriu-se a caixa torácica. Esperamos pacientemente que cessem as contrações do coração. Depois intervém novamente Anatólia Mikhailovitch. Sob a influência das suas mãos o coração começa aos poucos a contrair-se.

— Ora, ora! — exclamo eu. — Assim até um morto levanta da cama.

— Pois posso — o rosto de Anatólia Mikhailovitch ilumina-se com um sorriso encantador.

E pouco depois Anatólia Mikhailovitch Tulupov partiu para o Instituto de Medicina Experimental e Clínica de Novosibirsk, dirigido pelo académico da AMN da URSS, professor V. P. Kaznatcheev. Várias vezes demonstrou a sua mestria na presença de cientistas consagrados. Estando na sala ao lado, Tulupov regulava nos doentes o nível da tensão arterial, levando-a aos valores ótimos conforme indicação dos médicos assistentes.

Não há dúvida nenhuma: A. M. Tulupov é um verdadeiro mágico. A medicina deve aproveitar o seu dom maravilhoso. Quantas pessoas poderia pôr de pé. Afinal, quantas vezes nós, médicos, ficamos impotentes perante as doenças humanas.

Sem publicitar as capacidades de Tulupov, começamos na nossa cátedra a receber doentes. Naturalmente, só conhecidos, só aqueles em quem confiamos incondicionalmente. Primeiro o doente é examinado por um médico — formado pelo Instituto Médico de Kiev. Experiência ainda tem pouca, mas instinto clínico muito desenvolvido e conhecimentos consideráveis. Depois o doente é examinado por Tulupov, trocam impressões e elaboram o esquema de tratamento.

Nunca esquecerei a rapariga de dezassete anos que sofrera trauma de parto. Braço direito encarquilhado, dedos quase não mexem. Perna direita muito mais fina que a esquerda. A rapariga é inválida, estuda num instituto pedagógico. Fechada, envergonha-se dos colegas.

Bastaram algumas sessões e eis que a palma da mão se abriu, os dedos endireitaram-se. O pé pendente firmou-se. Dois meses depois, quando a rapariga voltou a Chita, era irreconhecível. Praticava ativamente educação física, a perna direita engrossava rapidamente. “Cresceu carne” — riu-se a rapariga.

E um dia as capacidades maravilhosas do psíquico Tulupov convenceram também a minha mulher. Há muitos anos que sofre de osteocondrose na zona lombar. Tratou-se muitas vezes com

neurologistas. Que não lhe fizeram! Bloqueios, acupunctura, fisioterapia — tudo em vão. As dores paravam apenas por pouco tempo.

Uma vez, quando eu estava em viagem de trabalho a Moscovo, a mulher tentou abrir a janela, puxou com força pela maçaneta e sentiu uma dor terrível nas costas. Mal chegou à cama. Dois dias sem se poder levantar, gritava ao menor movimento.

— Pensei que com os meus gemidos acordava todo o prédio. Nunca na vida senti dores tão atrozes — contou-me ela depois.

Juntando as últimas forças, chegou ao telefone e ligou a Anatólia Mikhailovitch. Para sua sorte, ele estava em casa. A sessão terapêutica dessa vez durou várias horas.

— O pior começou depois de Anatólia Mikhailovitch sair. As dores tornaram-se completamente insuportáveis. Não preguei olho a noite toda.

De manhã Anatólia Mikhailovitch, adiando tudo, apareceu de novo. Mais várias horas de trabalho duro... e a mulher levantou-se da cama. Quando regressei de Moscovo, encontrei-a quase curada.

— Imagina, só duas sessões — e efeito tão espantoso. Realmente, Tulupov é um verdadeiro mágico. Nunca acreditaria que fosse possível se não tivesse passado por isso.

— Na sua mulher os rins avariaram — disse-me depois Anatólia Mikhailovitch. — E as dores nas costas eram secundárias. Assim que o funcionamento dos rins se restabeleceu, desapareceram também os sinais de osteocondrose.

— Naturalmente, não sem a sua ajuda?

— Naturalmente — concorda Anatólia Mikhailovitch. — Mas isso já é tarefa simples. O problema é que os médicos, na osteocondrose lombar, subestimam o estado dos rins. E é preciso tratá-los em primeiro lugar mesmo quando as análises de urina são boas.

Como fisiologista posso dizer que a osteocondrose lombar e a doença renal estão estreitamente ligadas. Sem dúvida, a agravamento da osteocondrose deve levar a lesão dos rins, enquanto a doença destes agrava o processo patológico na zona da coluna. Assim se forma um "círculo vicioso", sem eliminar o qual é impossível vencer a doença.

Quantos doentes passaram nesses poucos meses em que Anatólia Mikhailovitch recebeu na cátedra, não dá para enumerar todos. E quantos saíram dali com sorrisos felizes e palavras de gratidão.

Nesses dias assisti muitas vezes às sessões dele. Faz tudo com extraordinário cuidado. Primeiro o diagnóstico. Após interrogatório pormenorizado começa o exame do doente literalmente dos pés à cabeça. Finalmente encontrado o foco primário. Nesse local as sensações são especialmente fortes.

— Olhem como arde, literalmente em chamas.

Seguro a mão a uma distância de 3-5 centímetros do local indicado. No início não sinto nada. Mas aos poucos a palma da mão, na zona do monte grande, começa a sentir um leve friozinho — como se uma corrente de ar tivesse vindo da janela de ventilação.

— E porque diz que arde, se eu sinto frio?

— Em mim arde, em si dá frio. O senhor tem um campo frio.

Isso é absolutamente certo. A presença de um foco patológico sinto-a quase sempre como frio.

Portanto, o foco primário, segundo Tulupov, está localizado onde surgem as sensações mais fortes. E depois começa a verdadeira arte. Anatólia Mikhailovitch procura sensações semelhantes noutros órgãos. Se existem, mas são sentidas mais fracamente, trata-se de focos secundários.

— Enquanto não curar o foco primário, tratar os secundários é completamente inútil.

— Explico com um exemplo. A doente T. queixa-se de dores nas articulações. Foi com essas queixas que veio ter com Anatólia Mikhailovitch. "As articulações doem-lhe — vê-se a olho nu. Mas o foco primário está nos pulmões. Daí vem não só a intoxicação como a infeção. Enquanto não curarmos os pulmões, pegar nas articulações é inútil."

A doente ficou admirada. Não, não tem doenças nos pulmões. E recentemente fez raio-X. Tudo em ordem. Mas passam alguns dias. Anatólia Mikhailovitch ocupa-se apenas dos pulmões. Nem toca nas articulações. As sessões duram muito, às vezes mais de uma hora. E, por mais estranho que pareça, as dores nas articulações vão diminuindo aos poucos.

— Agora sim — diz Tulupov —, podemos ocupar-nos das articulações.

Muitas vezes me admirava a precisão com que este homem, que na altura não tinha formação médica, determinava a causa principal da doença.

Uma das primeiras perguntas que Anatólia Mikhailovitch faz ao doente é sobre a paixão por álcool e tabaco.

— Ah, fuma? Então não nos entendemos. Deixe de fumar e depois venha. Eu vou limpar as suas doenças com as mãos e o senhor vai trazê-las aos camiões? Portanto, até um dia melhor.

E muitos dos que vinham à primeira consulta realmente deixavam de fumar. Nas sessões fala-se obrigatoriamente de alimentação racional. E aqui Tulupov é implacável.

— Quer estar saudável, pare de se empanturrar. Menos carne, leite, manteiga, açúcar. Se apetecer doce, melhor comer compota. Procure consumir menos sal. Coma mais fruta e vegetais.

Naturalmente, estes conselhos são dados de forma estritamente diferenciada. A um proíbe categoricamente frito, a outro não recomenda porco e sugere um pouco de vaca, a terceiros propõe

deixar natas, creme e leite, mas permite kefir e riájanka. Aqui tudo depende do diagnóstico.

Tulupov é um fervoroso adepto da ginástica terapêutica, especialmente quando se trata de traumas, paralisias, AVC, doenças das articulações.

A médica S. veio de Novosibirsk para uma conferência nossa. É inválida desde a infância. Usa apenas a mão esquerda. Na direita os dedos estão encarquilhados e quase não mexem. Para os endireitar é preciso aplicar força considerável. A perna direita arrasta ligeiramente.

À noite, após mais uma sessão, organizamos um encontro com Anatólia Mikhailovitch. Perguntas havia muitas. Naturalmente, cada um queria experimentar em si próprio a força das suas mãos milagrosas. Mas eu decidi firmemente que em primeiro lugar lhe pediria que visse a pediatra de Novosibirsk.

— Teve trauma de parto. Hoje vou trabalhar um pouco consigo, aliviar a tensão. Mas terá de vir fazer um curso de duas semanas de tratamento.

E eis que S. volta à consulta. Em três sessões os dedos da mão começaram a estender-se.

— A cicatriz no córtex cerebral reabsorveu-se. Veja, a paralisia espástica foi eliminada. Agora tudo depende de si — treino e treino. Chega de teimosia — ficará completamente saudável, se for preguiçosa — então queixe-se de si própria, ficará inválida para toda a vida.

Vi com que persistência S. se exercitava, literalmente dez horas por dia. Não largava a bola da mão direita. Desenvolvia e desenvolvia a mão.

— Nem dei por isso, mas comecei a usar a mão direita. Entro no quarto e acendo a luz com a direita, pego nas coisas com a direita, até as compras comecei a carregar.

Não posso dizer que S. esteja agora completamente saudável. Uma doença com mais de trinta anos não se cura tão facilmente em duas semanas. Mas começou a usar a mão direita e praticamente não arrasta a perna. Recentemente teve uma menina e cuida perfeitamente da filha sem ajuda externa.

Jonathan Swift disse um dia: "Os melhores médicos do mundo são o doutor Dieta, o doutor Repouso e o doutor Alegria".

— Com Swift estou pronto a discutir — diz Anatólia Mikhailovitch. — Concordo com a dieta, embora considere que não é tanto o que a pessoa come (naturalmente, se falamos de comida de qualidade), mas quanto come. Concordo plenamente que o doutor Alegria é necessário até aos doentes aparentemente mais desesperados. Mas quanto ao doutor Repouso... Não, aqui discordo totalmente. Precisamos do doutor Movimento. Muitas vezes ele ajuda muito melhor do que o doutor Repouso.

Mas o atendimento clandestino de doentes na cátedra não podia durar muito. Em primeiro lugar, tudo o que é secreto torna-se público e recebemos literalmente um fluxo de doentes. Tornou-se impossível lecionar, fazer investigação científica. Doentes e familiares apanhavam-me no gabinete, esperavam-me nos intervalos entre aulas, ligavam constantemente para casa. Ainda pior para Anatólia Mikhailovitch. E o departamento regional de saúde não dormia, sentindo um concorrente sério. E os órgãos de justiça começaram a interessar-se pela atividade de Tulupov: não haverá aqui violações da lei, não estará ele a cobrar dinheiro aos doentes, enfim, não estará a exercer atividade ilegal, escondendo rendimentos do Estado.

Salvou-nos a ordem conjunta do reitor do Instituto Médico de Chita, membro-correspondente da AMN da URSS, professor V. N. Ivanov, e do chefe da Estrada de Ferro da Transbaikal, A. I. Dovguialo, sobre a criação, na base da cátedra de fisiologia, de um laboratório de investigação científica de métodos não tradicionais de diagnóstico e terapia de estados patológicos.

E agora quero despedir-me por algum tempo de A. M. Tulupov e contar sobre outra pessoa, moscovita, candidato em ciências técnicas, Guenádi Vassilievitch Agochkov.

Apareceu inesperadamente no meu gabinete no verão de 1987. Veio a Chita por alguns dias visitar familiares. Por formação físico. Verdade, agora não trabalha — está reformado.

— Reformado? — admirei-me. — Ainda não tem cinquenta e cinco.

Riu.

— Aproxima-se dos setenta. Mas não é isso. Sei que trabalha com psíquicos. Dedico-me a isso há mais de dez anos. Trabalhei no laboratório da Sociedade Científico-Técnica de Toda a União de Radiotécnica, Eletrónica e Comunicação em nome de A. S. Popov, dirigido pelo membro-correspondente da AN da URSS A. R. Spirkin. Infelizmente, o laboratório já não existe.

Começou a contar sobre o seu trabalho. Ouvira falar das nossas investigações. Na altura preparávamos a criação de uma base clínica no hospital fisioterapêutico ferroviário "Karpovka". Decidimos ir lá os três, levando A. M. Tulupov.

Em "Karpovka" reuniu-se todo o pessoal médico para o encontro com os psíquicos. Partilhámos planos, falámos das investigações previstas, propusemos aos médicos que participassem diretamente. Os médicos ouviram-nos em silêncio, sentia-se clara desconfiança. Mas também não queriam ofender-nos — afinal muitos tinham-se formado no Instituto Médico de Chita, estudado comigo, ouvido as minhas aulas.

— E podem mostrar-nos algo? — perguntou o médico-chefe da unidade, Valéri Ivanovitch Puzirev.

— Porque não. Têm doentes com agravamento de osteocondrose?

— Há uma doente. Há dois dias que não consigo aliviar as dores. Prescrevi fisioterapia, mas por enquanto sem efeito.

— Então tragam-na cá.

Um minuto depois apareceu no gabinete uma mulher não jovem. No rosto careta de dor, olhos chorados.

— O que tem? — perguntou Guenádi Vassilievitch.

— Doem-me as costas. Como se ontem algo me tivesse entrado nelas, não larga. Não consigo curvar-me nem endireitar-me. Passei a noite sem dormir. Mal me mexo — dá vontade de gritar.

— Ora bem, agora vamos tentar ajudá-la. Aproxime-se mais. Fique direita. Não tenha medo, não lhe faço mal.

E Guenádi Vassilievitch começou a passar muito devagar as mãos ao longo do corpo da doente. Todo o procedimento durou não mais de dois minutos.

— Pronto, agora incline-se para a frente.

— Para quê, não consigo, dói.

— Experimente.

A mulher começou a inclinar-se devagar para a frente.

— Então, dói?

— Não, não dói. Olhem, há pouco nem conseguia mexer a mão. — E inclinou-se várias vezes, admirada por sentir que a dor recuara.

— Agora levante os braços. Coragem, coragem, não tenha medo.

A mulher obedeceu. Dor não havia. Ficámos abismados. Tão rápido!

E só Anatólia Mikhailovitch sorria, ele próprio já fizera milagres semelhantes muitas vezes.

Deixámos a mulher ir. Mais tarde encontrei-a várias vezes, até terminar a estadia em "Karpovka". Contava de bom grado aos outros doentes como a trataram com hipnose e como isso a ajudara.

— Não, é um milagre qualquer — exclamou o neurologista Viktor Vassilievitch Panetchkin. — Eu também tenho osteocondrose. Amanhã vou apanhar bagas. Vinte quilómetros a pé. Talvez me tirem as dores a mim também?

— Ora, vamos tentar. — Guenádi Vassilievitch repetiu o procedimento no médico. Mas infelizmente o milagre não aconteceu.

— Dói como antes. Provavelmente é mesmo sugestão — constatou Viktor Vassilievitch.

Mais tarde Guenádi Vassilievitch explicou-nos o fracasso.

— Logo senti a atitude negativa do médico em relação a mim e, nesse caso, trabalhar é extremamente difícil. Sentes resistência ativa, o doente não quer ajudar-te. Com esse tipo é melhor nem lidar.

Depois demonstrou as suas capacidades Anatólia Mikhailovitch. Examinou os médicos, pôs diagnóstico a cada um e não errou em nenhum caso. Decidiu-se que o trabalho em "Karpovka" começaria com o tratamento dos médicos, também eles precisavam de tratamento.

E pelo hospital já corria o rumor de que tinham chegado a "Karpovka" curandeiros extraordinários que tratavam de forma incompreensível — ora com biocampo, ora com hipnose. O povo agora é instruído. E quando Tulupov veio da próxima vez a "Karpovka", à porta do gabinete dele juntou-se uma multidão de doentes.

Não vou contar a atividade de Anatólia Mikhailovitch em "Karpovka". Durou pouco. Muito depressa o chefe da direção médica da Estrada de Ferro da Transbaikal soube do curandeiro sem diploma e exigiu que parasse o curandeirismo. Nem as minhas

convicções nem as garantias do médico-chefe de que o tratamento ajudava doentes que os médicos eram incapazes de ajudar tiveram efeito. A ordem foi rigorosa — não deixar Tulupov aproximar-se dos doentes nem a tiro de canhão, caso contrário...

O que aconteceria caso contrário, o médico-chefe percebeu sem palavras a mais.

O hospital fisioterapêutico ferroviário "Karpovka" é na prática um resort. Só que na altura as estadias eram gratuitas. E o tratamento típico de resorts: banhos minerais, lamas do lago Ugdan, procedimentos fisioterapêuticos, ginástica terapêutica, massagem, acupunctura. Acrescente-se a ação de um psíquico e obtêm-se excelentes resultados terapêuticos. Disso me convence não só a nossa pequena experiência, mas também a experiência mais sólida de Djuna Davitashvili. Durante muitos meses, duas-três vezes por semana, Djuna tratava doentes no sanatório-profilatório da fábrica de algodão de Chtchelkovo.

Para mais, ensinou os seus métodos de tratamento a vários médicos. Claro, não saía tão bem como a Djuna, mas resultados havia, e bons. Sob a influência da massagem sem contacto, realizada não por Djuna mas pelos médicos sob a sua supervisão, nos doentes com hipertensão de II grau o aumento da tensão arterial não se observava durante meses, nem nos dias anteriores às tempestades magnéticas nem durante elas. E a quantas pessoas com asma brônquica, doenças crónicas do fígado, úlcera gástrica, lesões das articulações ajudaram essas pessoas.

Portanto, confirmam-se as palavras de Djuna de que o método da massagem sem contacto pode ser dominado por muitos. Basta um professor experiente e vontade de aprender. Nem todos se tornarão super-solistas ou mesmo solistas. Que a sua arte ressoe no coro geral e então os resultados do tratamento melhorarão significativamente.

Há muitos anos que trabalhamos juntos com Anatólia Mikhailovitch Tulupov. Nesse tempo tornou-se solista de primeira grandeza. Foi convidado várias vezes a Tomsk, Novosibirsk, Moscovo, onde demonstrou a sua arte a psíquicos especialistas de alto nível, que já tinham visto muito na vida. Mas até eles se extasiavam com o seu domínio.

Tomemos por exemplo o caso de Sérioja Gontchar. Diagnóstico terrível — paralisia cerebral infantil. O menino tem apenas cinco anos e já está condenado. "O seu filho nunca andará, nunca terá fala coerente, nunca poderá estudar na escola, nunca poderá alimentar-se sozinho", ouviram muitas vezes os familiares de Sérioja esta sentença cruel.

Levaram a criança ao famoso Kassian. Mas o médico honesto e de princípios disse logo que nada podia fazer. E quantos psíquicos em Moscovo, Kiev, Dnepropetrovsk, Sotchi e outras cidades tentaram ajudar Sérioja! Mas, infelizmente, sem sucesso.

E eis que a avó trouxe Sérioja à consulta com Anatólia Mikhailovitch em Moscovo. Começou o tratamento com massagem de contacto e sem contacto.

— Imaginem só — dizia-me Anatólia Mikhailovitch —, normalmente após 5-6 sessões na maior parte destas crianças nota-se clara melhoria — a criança começa a andar sozinha. E este! Já fiz 15 sessões — e nenhum efeito.

— Está a perder tempo, Anatólia Mikhailovitch. Graças a Deus, não tenho assim tão pouca experiência. Quantos destes doentes vi na vida — declarou o médico-chefe da policlínica onde Tulupov trabalhava. Parecia que era preciso desistir, parar o tratamento, até porque não faltavam doentes. Mas isso não é do carácter de Anatólia Mikhailovitch.

Passou um mês. Trinta sessões — e nenhum progresso. Já até a avó, que trouxera Sérioja de Dnepropetrovsk para Moscovo, perdera a esperança.

— Pelo visto não é destino, o Sérioja não andará.

Mas a persistência e a tenacidade fizeram o seu. No dia seguinte à trigésima segunda sessão abriu-se a porta do gabinete onde Anatólia Mikhailovitch atendia e Sérioja entrou sozinho, sem ajuda da avó, e estendeu timidamente flores ao "tio Tólia". A todos os que presenciaram a cena vieram lágrimas aos olhos.

O tratamento continuou. Só após a quadragésima sessão Anatólia Mikhailovitch respirou aliviado:

— Agora tenho a certeza de que a criança não só andará como será capaz de cuidar de si própria.

Mas aconteceu nova desgraça. Animada com o sucesso, a avó decidiu ir a pé com o neto até à paragem. Levava-o pelas perninhas ainda frágeis e não se cansava de admirar os progressos de Sérioja. Inesperadamente o menino escorregou e bateu com a cabeça no asfalto. Dois dias depois deixou de andar. Tudo, como se costuma dizer, voltou ao ponto de partida. Mas já era tarde para fazer algo — Anatólia Mikhailovitch voara para Chita.

Meio ano depois a avó trouxe Sérioja para a Transbaikal e, já em duas sessões, a criança voltou a andar, segurando-se na mão de um adulto, e em oito — andava sozinha.

— É um dos poucos casos em que foi preciso tanto esforço. À primeira vista Sérioja não era dos doentes mais complicados. Até em casos mais graves conseguia em dez-vinte sessões "ensinar" a criança a andar. E aqui — quase quarenta sessões. Sabe o que lhe digo? Quanto mais preservada a inteligência da criança, mais facilmente responde ao tratamento. Infelizmente, a mãe quase não se ocupava do filho e o que podia fazer uma avó de oitenta anos? E mesmo assim considero que ela realizou uma verdadeira proeza, deu tantas forças ao neto.

Uma vez entrei numa policlínica em Moscovo onde Anatólia Mikhailovitch atendia e ouvi a rececionista responder ao telefone:

— Não, não virá. Tem fila marcada para um mês. Pensem lá, o que pode ele fazer numa situação destas?

Não cheguei a perguntar nada, pois saiu do gabinete o próprio Anatólia Mikhailovitch. Ouvira as últimas palavras da rececionista.

— O que se passa? — perguntou ele.

— Uma mulher tem hemorragia uterina que não para há três dias.

Anatólia Mikhailovitch arrancou literalmente o auscultador das mãos da mulher admirada.

— Ouve-me? Fala Tulupov. Agora vou tentar ajudá-la.

"Que fantasista — pensei eu. — A sério que acha que com influência na psique se pode parar uma hemorragia uterina?" Entretanto Tulupov continuava:

— Inspire profundamente. Assim. Agora expire. Respire calmamente, não se preocupe. Fique deitada sem se mexer e apenas preste atenção ao que se passa consigo. — Calou-se, fechou os olhos e todo ele se retesou.

— Pronto — disse passados alguns minutos —, como se sente agora?

Naturalmente não ouvi o que a mulher respondeu, mas reparei como o rosto de Anatólia Mikhailovitch se iluminou.

— Tudo ficará bem. Não se levante. Fique hoje de cama e amanhã ligue-me obrigatoriamente.

— A hemorragia parou e acho que não voltará.

— Ora diga lá, Anatólia Mikhailovitch, o que fez?

— "Vi-a" e horrorizei-me. À volta havia uma aura escura. Logo percebi o que fazer. Falharam as chakras inferiores e também a chakra ao nível da garganta saiu do funcionamento. Retesei-me e

imaginei que as abria com um raio emitido pelo terceiro olho. Como vê, resultou.

A continuação desta história soube-a já em Chita. No dia seguinte a mulher não ligou a Tulupov, mas apareceu pessoalmente com um enorme ramo de flores.

— A hemorragia era tão forte que me assustei a sério. Pensei que era o fim. Não tinha forças nenhumas, não conseguia levantar-me da cama. E passados uns minutos depois de o senhor pegar no telefone senti alívio evidente. Parecia que me tiraram uma mochila pesada das costas. No fim da sessão até me levantei da cama. A hemorragia parou e não voltou.

Considero este um caso único, que não precisa de comentários especiais.

Hoje tenho mais uma aula para os alunos do segundo ano da faculdade de estomatologia. Explico como influenciam o organismo de pessoas sãs e doentes os estímulos físicos, químicos, biológicos e sociais. Entre outros, menciono também as influências psíquicas. Tento explicar porque com a energia gerada pelas mãos humanas se podem diagnosticar e tratar diversas doenças.

E ao lado espera pacientemente o momento de ser a vez dele, Anatólia Mikhailovitch. Aliás, não tem tempo para se aborrecer. Enquanto eu dou a aula e respondo a perguntas, Tulupov, à vista de todos, sem dizer palavra, examina os alunos voluntários selecionados para a demonstração.

Finalmente o exame acaba e dou a palavra a Anatólia Mikhailovitch.

— Tem trauma na cabeça, afetada a zona temporal. Sofre muitas vezes dores de cabeça bastante fortes. Sofre de insónias. Do lado dos órgãos internos não há desvios especiais, mas se continuar a fumar terá muito em breve de ser tratado de bronquite crónica. Os sinais já apareceram. Preste especial atenção aos dentes. É futuro estomatologista. À direita o primeiro dente na maxila superior está

obturado, o segundo precisa de tratamento porque já está cariado e com o terceiro é uma tragédia. Dói-lhe muitas vezes e tem medo de o tratar. E as dores de cabeça dependem em grande medida da desordem nos dentes.

O aluno — rapaz temperamental com leve sotaque caucasiano — não consegue esconder a admiração.

— Olhe, estive três meses internado em Moscovo até me porem o diagnóstico de trauma do lobo temporal. E quanto aos dentes, qual dói, qual está obturado, como soube? Nem abri a boca.

A seguir aproxima-se uma rapariga de óculos. Anatólia Mikhailovitch pergunta se pode anunciar o diagnóstico. A rapariga assente.

— Tem pielonefrite, mas o que mais a incomoda é cistite. É fácil corrigir. Venha à consulta e trabalho um pouco consigo. E agora queria verificar a sua visão. Infelizmente não trouxe a tabela para determinação da acuidade visual, mas podemos passar sem ela. — Anatólia Mikhailovitch mediu a distância a que a rapariga conseguia distinguir os títulos dos capítulos no manual, depois aplicou a mão na nuca e manteve-a mais de um minuto.

— Veja se agora vê melhor.

A rapariga está claramente impressionada:

— Muito melhor.

— E agora vejamos a que distância consegue ler os títulos dos capítulos. A rapariga recua dois passos.

— Imaginem, vejo. Será possível melhorar a visão sem operação? Seria ótimo...

— Isso não lhe posso prometer. Infelizmente, na miopia o efeito após a minha intervenção é muitas vezes temporário. Embora em alguns doentes a visão melhore realmente.

Recentemente Anatólia Mikhailovitch concluiu o turno noturno da escola médica. Agora é um especialista competente, que domina bem anatomia, fisiologia e farmacologia. Imaginem como os conhecimentos médicos ajudam o psíquico Tulupov. Eh, se houvesse um turno noturno na faculdade de medicina em Chita, que clínico brilhante poderia ele tornar-se?

— Como invejo o meu mestre Kotliarevski. É um verdadeiro poço de sabedoria — dizia-me muitas vezes Anatólia Mikhailovitch. — Mas acredite, é inveja branca. Afinal a escola médica não é o instituto médico.

— Com as capacidades dele e os meus conhecimentos, faríamos literalmente milagres! — escapou uma vez a Kotliarevski.

Aliás, o próprio M. I. Kotliarevski é capaz de fazer milagres. Pelo aspeto um herói, só que as pernas são um pouco finas para torso tão poderoso.

Mikhail Izrailevitch sorri:

— Cheguei ao instituto de muletas. Os médicos garantiam que em breve deixaria de andar completamente. E agora não só ando como corro. Dedico-me ao alpinismo. Todos os anos em agosto vou ao Pamir. Curei-me a mim próprio.

Nunca soube como Mikhail Izrailevitch se curou. Sei apenas que foi ioga combinada com medicina tibetana e carga física inacreditável.

Uma vez fui a casa de Mikhail Izrailevitch à noite. Como sempre, uma multidão de gente. Atendia em casa. Com que problemas não vinham os doentes. Aqui epilepsia, paralisia cerebral infantil, infertilidade, asma brônquica.

Os métodos de tratamento de Kotliarevski são especiais. Praticamente a todos sem exceção recomenda limitar drasticamente o consumo de carne, produtos lácteos e ovos, comer mais fruta e vegetais. Mikhail Izrailevitch é entusiasta da urinoterapia. Em casa

dele vi um manual editado no estrangeiro sobre tratamento de diversas doenças com urina.

— Não imaginam que conjunto rico de medicamentos contém a urina. Em vão os nossos médicos não usam urinoterapia. No Ocidente a urina não só se bebe como se injeta subcutânea, intramuscular e intravenosa. Com a urina consigo às vezes resultados fantásticos.

Mas a principal riqueza são as mãos de Mikhail Izrailevitch. Ao contrário de Djuna, Kotliarevski usa mais frequentemente massagem de contacto. Três horas após a minha chegada o fluxo de doentes diminuiu e depressa ficámos os dois sozinhos.

— Pronto, agora podemos conversar. O que o trouxe desta vez?

— Adoeceu em Chita um amigo meu. Fizeram-lhe operação à coluna, agora deve vir a Moscovo para controlo.

— Pare, nem mais uma palavra. — Kotliarevski retesou-se e fechou os olhos.

— Vejo. O seu amigo tinha tumor benigno das meninges moles, provavelmente hemangioma. Operação na zona da terceira à quinta vértebra torácica. Agora está pior. O tumor voltou a crescer.

Provavelmente mudei de cor.

— Nada, não se preocupe, agora ajudamo-lo. — Fechou de novo os olhos, retesou-se como mola. Djik, djik, djik! — cortou com força o ar com o gume da palma, primeiro verticalmente, depois horizontalmente.

— Pronto. — Limpou com a mão o suor que lhe brotara na testa. — Pode ficar tranquilo. Esta noite o seu amigo terá arrepios, subirá a temperatura, dores na zona da cicatriz operatória. Mas de manhã tudo acalma. Garanto sucesso por dois-três anos.

— E precisa de o ver? Daqui a dois dias estará em Moscovo.

— Para quê, se eu já fiz tudo!

— O que fez?

— Trombei e depois cortei os vasos. O tumor, ainda é pequeno, começa hoje mesmo a destruir-se. Os produtos da decomposição serão absorvidos pelo sangue. Por isso à noite terá arrepios. Admiro-me, doutor em ciências, professor, e não compreende estas ninharias — e voltou a sorrir maliciosamente.

Que podia eu responder? Honestamente, estava convencido de que me pregavam uma partida e encarei como brincadeira divertida.

Dois dias depois fui receber o meu amigo ao aeroporto de Domodedovo. O avião chegou a horas e fomos instalar-nos no hotel. Pelo caminho perguntei-lhe de repente:

— Ora diz lá, como te sentiste na noite de segunda-feira?

— Sabes, mal. Pensei que reagira ao tempo. Doía-me as costas, subiu a temperatura, até tive arrepios. Mas porque perguntas isso?

A expressão do meu rosto era mais eloquente que palavras.

— Sabes alguma coisa?

Contei-lhe a minha visita a M. I. Kotliarevski.

Três anos e meio depois o meu amigo foi operado de novo.

Tratar à distância, sem ver o doente e sem saber nada dele!

Será possível? Qualquer pessoa sensata responderia que não. E mesmo assim ouso afirmar que é possível, embora nem todos os psíquicos dominem estas técnicas.

Uma vez, ao chegar a Moscovo, passei rapidamente por casa de Guenádi Vassilievitch Agochkov. Naturalmente a conversa foi sobre psíquicos. Na televisão e na imprensa criticavam-nos à vontade, cobriam-nos de vergonha. Guenádi Vassilievitch estava triste.

— Ninguém quer seriamente aprofundar o problema. E é difícil imaginar o bem que a psicotrónica traz à humanidade. A palavra "milagres" aqui não cabe. Com influências psíquicas pode-se fazer

supermilagres. Pouco antes da sua chegada ligou uma mulher de Magadan...

E contou-me a seguinte história.

— Há alguns anos veio ter comigo uma mulher que sofria de eczema há mais de vinte anos. Acredite, dava medo olhar para ela. Todo o corpo em crostas — uma ferida aberta que não cicatriza. Vive em Magadan, está em Moscovo de passagem. Que fazer, deixar a pessoa apodrecer viva? E então decidi tratá-la pela fotografia. Está admirado, nunca ouviu falar de tratamento assim?

Eu sabia que era possível. Contara-me Kotliarevski e também Tulupov garantia que podia não só diagnosticar como tratar doentes pela fotografia.

— Ouvi falar, mas nunca vi doentes curados dessa forma.

— Pois bem — continuou Guenádi Vassilievitch —, combinámos que eu atuaria pela fotografia em partes separadas do corpo. Para isso toda a superfície do corpo foi dividida em dezasseis setores. As sessões eram duas vezes por semana, de trinta minutos. A doente sabia quando e em que setor eu atuaria. E de repente uma chamada inesperada de Magadan:

— Guenádi Vassilievitch, porque hoje atuou na minha coxa direita, quando devia tratar a parte superior direita do tronco?

Corri para o calendário de secretária.

— Não, hoje devia atuar na coxa direita.

— Não, combinámos a parte superior do tronco, na zona da omoplata direita.

Voltei a olhar para o calendário e só aí reparei que mostrava data errada. Era verão, abrira a janela e o vento que entrou virou várias folhas do calendário. Mas não é isso. O principal é outro — a doente sentiu a vários milhares de quilómetros que atuei na parte

errada do corpo. Então existem barreiras para essa bioenergia que as mãos do psíquico geram?!

— E o que aconteceu à doente? — perguntei curioso.

— Há vários anos que se esqueceu do que é eczema. Verdade, de tempos a tempos faço sessões de prevenção à distância. E ela às vezes lembra-se de si. Da última vez ligou para dizer que estava tudo bem. Quer confirmar? Ligamos para Magadan.

Mas não ligámos para Magadan. Lá já era profunda noite e valia a pena acordar a mulher por mera curiosidade? Mas apetecia-me muito experimentar a influência de um psíquico à distância em mim próprio e a oportunidade surgiu depressa. Uma vez senti-me mal. Durante alguns dias tentei superar o mal-estar, mas sentia que a cada dia piorava. E não tinha "tempo" para adoecer, como sempre não queria ir aos médicos.

E embora tivesse "os meus" psíquicos ao pé da porta — bastava dizer uma palavra e vinham logo ajudar —, onde arranjar tempo livre? E eles também têm o tempo marcado ao minuto — fila, no mínimo, de várias semanas.

Então decidimos eu e Anatólia Mikhailovitch fazer uma experiência.

— Sabe, vou tratá-lo "com raio" quando for almoçar, entre a uma e as duas.

"Tratar com raio" significa imaginar o doente diante de si e dirigir um raio invisível, saído da chakra "terceiro olho", localizada na zona do seio frontal (chakra da clarividência), para o órgão doente.

Aceitei de bom grado.

Já no dia seguinte, à hora combinada, senti formigueiro na zona do rim direito. Nos dias seguintes não senti nada, mas as dores depressa passaram.

Da segunda vez "apanhou-me" em Moscovo. Liguei de Chita a Anatólia Mikhailovitch. Dessa vez não senti influência nenhuma, mas em três dias estava curado. Tenho a certeza de que também dessa vez me ajudou Tulupov.

Poderia contar muitas histórias semelhantes. Como Sérioja Jigalov tirava dores à distância em osteocondrose lombar e artrite reumatoide, como Vladimir Iudin tratava por telefone uma mulher com cólica renal, como Tulupov de Chita salvava um menino com queimaduras de terceiro grau em Tynda. Mas seria repetição do que já descrevi antes.

Quanto mais trabalho com psíquicos, mais me convenço de que as suas possibilidades são ilimitadas.

Agora estou literalmente soterrado de cartas — psíquicos oferecem os seus serviços. Quantos haverá em Chita e na região? Tenho a certeza de que não muitos, mas se usarmos racionalmente este dom poderoso, podemos garantir a ajuda necessária a todos os que dela precisam. E por enquanto... Por enquanto cinco dos mais talentosos e preparados recebem de vez em quando doentes em casa. Na cidade não há espaço onde possam atender doentes permanentemente.

Passaram cinco anos, apenas cinco anos desde o nosso primeiro encontro com A. M. Tulupov. E ao mesmo tempo é muito. Que massa de doentes passou pelas suas mãos mágicas nesses cinco anos! E quanto teve de suportar em tão curto espaço de tempo! Incompreensão e escárnio, desprezo e zombaria, sorrisos condescendentes e acusações de curandeirismo e feitiçaria. Houve até tentativas de acabar com o psíquico-charlatão.

Lembro-me de uma demonstração no hospital clínico regional, para a qual se reuniram chefes de cátedras clínicas, docentes, assistentes, médicos práticos, internos e estudantes. Uma companhia representativa, não há que dizer.

Propõem a Tulupov pôr diagnóstico sem interrogatório prévio do doente.

Primeiro trazem um homem de cerca de cinquenta anos. Está calmo e absolutamente convencido de que Tulupov é charlatão. E essa atitude hostil sente-se não só do doente como da maioria dos médicos presentes.

Começa o exame. Anatólia Mikhailovitch dita o diagnóstico e a secretária regista os resultados no protocolo.

— Teve trauma crânio-encefálico. Glaucoma. A doença está ainda no início. O olho direito vê pior que o esquerdo. Tem osteocondrose, mais acentuada na zona lombar. Às vezes sobe a tensão arterial e tem dores de cabeça. Mas o que mais incomoda é o estômago. Sim, sim, exatamente, úlcera gástrica...

O mais interessante começou após a discussão do doente. Sem prestar atenção a toda uma série de sintomas detetados por Tulupov, os médicos notaram que o diagnóstico principal ele afinal não pôs. Acontece que o doente fora operado ao estômago há dois anos e grande parte dele fora removida.

Portanto, o nosso "charlatão" ficou desmascarado. Não há estômago e o diagnóstico de úlcera gástrica está lá. Eh, um pouco mais de paciência, meus prezados colegas! Se o interrogassem mais pormenorizadamente sobre a sintomatologia que Anatólia Mikhailovitch detetou. A admiração deles não teria limites. O facto é que o psíquico descrevia pormenorizadamente o quadro da doença observado antes da operação. Sim, grande parte do estômago foi removida, mas a "energetica patológica" anterior à operação preservou-se. E nisso não há mística nem, muito menos, feitiçaria. Muitas pessoas que perderam membros sabem que dores insuportáveis têm de suportar na perna ou braço que já não existe.

Essas dores receberam o nome de dores fantasmas. Em particular, dores fantasmas selvagens na perna esquerda atormentaram durante vinte e cinco anos o almirante Issakov.

"Quando as dores se tornavam insuportáveis, na casa de Issakov fechavam-se todas as portas. Apagava-se a luz. Desligava-se o telefone... Olga Vassilievna, a mulher de Issakov... andava pela casa sem ruído, cuidava de Issakov em silêncio, sem gastar, tal como ele, palavras a mais. Issakov ficava deitado no seu gabinete e nestas horas de sofrimento parecia-lhe que doíam os dedos do pé que já não existia..." (A. Shtein. *Não inventado*. 1985).

Então porque não poderia um psíquico captar a sintomatologia preservada após a operação?

Uma vez fui testemunha de um caso interessantíssimo. No gabinete onde Anatólia Mikhailovitch atendia entrou uma mulher relativamente jovem. Não a deixavam em paz dores na parte inferior do ventre. O "exame" do tórax não revelou patologia grave. Mas eis que a mão de Anatólia Mikhailovitch passou devagar sobre o ventre da doente.

— Aqui é que o cão está enterrado! Tem uma inflamação antiga dos ovários. Veja, a minha mão ficou húmida e até pegajosa.

À medida que Anatólia Mikhailovitch pronunciava estas palavras, a expressão do rosto da mulher mudava à vista. Alongou-se, tornou-se incrédula, os olhos marejaram-se de lágrimas.

— Será que os médicos me enganaram? Garantiram-me que me tinham removido o ovário inflamado há três anos.

Vi como Anatólia Mikhailovitch ficou afetado.

— Como removido? Tem sintomatologia evidente, característica de inflamação do ovário. — E começou a descrever pormenorizadamente o que uma mulher doente devia sentir.

— Tudo o que conta é a verdade absoluta. Realmente, era assim... antes da operação... há três anos.

Entretanto os testes na clínica continuavam. Entra no gabinete uma mulher. Ainda antes de ela aparecer, o docente G. E. Chmerkine avisou que não se devia falar à doente do diagnóstico. Já estas

palavras deviam ter alertado Anatólia Mikhailovitch, mas por qualquer razão não lhes deu importância especial.

O exame acabou. A mulher voltou para o quarto e Tulupov começou a falar das suas "descobertas". Detetara pneumonia bilateral, hepato-colecistite, inflamação do ovário direito e da bacia renal direita. Mas, afinal, "perdera" o tumor maligno no ápice do pulmão direito.

Foi aí que tudo começou. Não só detetara processo patológico num estômago inexistente, como ainda não conseguira pôr o diagnóstico de cancro do pulmão.

As tímidas observações de alguns médicos de que a doente realmente tinha pneumonia bilateral, inflamação do ovário direito, colecistite e uma série de outras doenças detetadas por Tulupov não foram ouvidas. A maioria dos intervenientes acusou-o de incompetência e ignorância.

Em resumo, a comissão representativa concluiu que Tulupov não possuía qualquer dom especial, não era capaz de diagnosticar, muito menos tratar doenças e não tinha direito a isso.

— Compreende — dizia-me Tulupov quando saímos da clínica —, cometi uma série de erros imperdoáveis. Antes de mais, esqueci-me de avisar que não me dessem doentes operados. Infelizmente, ainda não distingo sintomas antigos de doenças, que existiam antes da operação, dos novos. E quem garante que os sintomas antigos, apesar da operação realizada, desapareceram? O segundo erro é completamente imperdoável. Comecei a "examinar" a mulher não da cabeça, como habitualmente faço, mas do tórax. O facto é que quando levantei a mão senti imediatamente que ela tinha pneumonia.

Não percebo como não levantei a mão mais acima, até ao ápice dos pulmões. Afinal habitualmente no exame não deixo passar um milímetro. E finalmente o terceiro erro — não tirei o ressonador que

trago na mão esquerda, o que baixa significativamente a sensibilidade da palma.

Mas, como se diz, depois da luta não se acenam os punhos. Depressa houve uma emissão na televisão com intervenções de doentes e luminares médicos locais, na qual a atividade de Anatólia Mikhailovitch foi anatematizada.

Oh, quantas emissões desmascaradoras semelhantes houve nesses cinco anos! E a conclusão era sempre a mesma: "Segurar e não deixar". Mas uma das últimas emissões, que devia mais uma vez estigmatizar a atividade de Anatólia Mikhailovitch, claramente não correu bem. E embora os principais especialistas de Chita voltassem a garantir que pôr diagnósticos "passando a mão ao longo do corpo do doente é impossível, tal como é impossível tratar dessa forma", os telespectadores não concordaram com tal conclusão. Após a emissão chegaram ao estúdio de televisão uma quantidade enorme de cartas de doentes gratos a Tulupov. Uma delas — do poeta de Chita Gueórgui Rudólfovitch Graubine — transcrevo na íntegra.

"CARTA AO TELEVIDENIE

Caros camaradas!

Escreve-vos um Tomé que não acredita em milagre nenhum, que só quer factos comprovados.

Pois sobre os psíquicos. Uma vez, quando estava de baixa por causa de uma angina grave, o professor B. I. Kuznik trouxe-me o psíquico Anatólia Mikhailovitch Tulupov, pediu-lhe que me tratasse e me pusesse diagnóstico exato de todas as minhas doenças.

Deitei-me num cobertor estendido no chão e com um sorriso observava como Tulupov, passando devagar as palmas sobre mim, começou a nomear as doenças de que eu sofrera. O sorriso transformou-se em incredulidade e quando Tulupov disse que eu tinha uma pequena pedra no rim esquerdo, admirei-me: disso não falara a ninguém, nem à mulher, para não a preocupar.

E depois fiquei estupefacto ao descobrir, após a saída dos meus hóspedes, que estava completamente a mais na cama (era esse o regime) — afinal o coração não doía! Depois, passados algum tempo, o coração voltou a doer, mas não tão forte. Já a extrassístole — interrupções dolorosas — atormentava-me.

Uma vez, após trabalho intenso, a extrassístole atacou-me com particular força. Dois anos antes, com um ataque semelhante, internaram-me imediatamente e puseram-me umas vinte vezes soro ao lado, fazendo infusões intravenosas. E agora preocupei-me a sério, preparando-me de novo para o hospital. Para minha sorte, visitou-me B. I. Kuznik. Apalpou-me o pulso e horrorizou-se, ligou a A. M. Tulupov com pedido para vir urgentemente. Tulupov veio, pediu-me que me levantasse e começou a passar as palmas perto do coração e na zona do pescoço. E eis que pareceu que rodaram um interruptor — as interrupções pararam de repente, e não por pouco tempo, mas por anos! Agora aparecem muito raramente, após stresses fortes ou sobrecarga, e nem tão intensas.

Penso que, no estado em que estava antes de conhecer Tulupov, não teria aguentado as peripécias da campanha eleitoral do ano passado com os seus escândalos, que acabaram em tribunal.

Desde então, já há cinco anos, nunca mais fui internado com ataques cardíacos, quase não tomo medicamentos. As doenças cardíacas dos anos passados e boas cardiogramas pode confirmar o meu cartão médico.

Em dezembro de 1987 voltei a ficar estupefacto com A. M. Tulupov. Encontrámo-nos no hotel “Dauria”, no quarto do conhecido ilusionista, representante da “magia negra” V. A. Perevodtchikov. Chegando depois de mim e sentando-se na poltrona, Anatólia Mikhailovitch, após uma pequena pausa, perguntou-me admirado: “E porque está aqui sentado?” Respondi com não menor admiração: “E devo estar deitado?” — “Exatamente, tem pneumonia: metade direita, em baixo.” — “Mas nem se aproximou de mim!” — “E para quê — sinto o seu biocampo assim.”

Antes disso tivera temperatura, sentia-me, honestamente, mal. Mas uma coisa destas!

— Amanhã tem de ir obrigatoriamente fazer raio-X e tratar-se — coisas assim não são brincadeira — recomendou-me o psíquico.

De manhã fui ao hospital e já não me deixaram sair: o diagnóstico confirmou-se exatamente. Aí têm milagres em peneira!

Em viagens de trabalho com B. I. Kuznik, observei muitas vezes como com passes semelhantes ele tirava dores de cabeça persistentes e até dores de dentes. E estou convencido de que, já que o método psíquico de tratamento ajuda as pessoas, é preciso usá-lo plenamente, até porque no país faltam medicamentos. E se este método não ajuda a todos, isso não significa que deva ser submetido a dúvida humilhante.

Até os mesmos medicamentos atuam de forma diferente em pessoas diferentes. Um meu camarada esteve recentemente em estado de morte clínica por causa de uma injeção banal, que eu suporto com facilidade. Quase morreu de novocaína, com que diluíram o medicamento. Descobriu-se que lhe sobe a temperatura se engolir até uma vitaminazinha infantil!

Mas o que lhe aconteceu não significa de forma alguma que se devam proibir vitaminas ou destruir a novocaína. A cada um, como se diz, o seu.

Quanto à proposta de que as influências dos psíquicos devam primeiro ser estudadas a fundo e só depois usadas para fins práticos, nesse caso gostaria de fazer uma contraproposta: parar as centrais elétricas e passar a velas para iluminação das casas e a tração a vapor na produção. Afinal o que é a corrente elétrica, ainda hoje não sabemos, por mais que estudemos o fenómeno. Criámos uma teoria para conveniência de cálculos, mas ela não explica o fenómeno. Por isso o mais razoável é usar ao máximo tudo o que é útil, estudando simultaneamente o mecanismo de ação. Ora quem explica hoje com certeza o mecanismo de ação do psicoterapeuta Kashpirovski no

organismo humano através dos ecrãs azuis? Eu também olhava cético para os seus xamanismos televisivos, até que de repente descobri que os meus cabelos brancos escureceram, como que a sinalizar que até o Tomé incrédulo se pode converter à fé.

Gueórgui Graubine, escritor".

Cerca de cinco anos Gueórgui R. Graubine não soube o que era "pereboit", como brincando chamava às interrupções da atividade cardíaca. E em julho de 1990, durante uma viagem de trabalho a Irkutsk, atacou-o de novo, e tão forte que voltou a acabar na cama de hospital. Injeções diárias, reflexoterapia, treino pessoal, tratamento em barocâmara não deram resultados — dores e perturbações cardíacas deixavam-no por um par de dias, para depois reacenderem com força nova. Quando visitei o poeta no hospital, percebi que a coisa estava feia, era preciso tirá-lo imediatamente da enrascada. Sim, numa situação destas, provavelmente sem Tulupov não dava.

Encontrar o meu amigo não foi fácil. Mesmo assim, uma manhã cedo consegui apanhá-lo em casa e, às escondidas dos médicos, arrastei-o para o hospital. E eis que, como habitualmente, sem tocar no doente nem interrogá-lo, Tulupov começou o exame.

— Ora bem, o coração está mais ou menos em ordem.

Palavra de honra, não acreditei nos meus ouvidos. E como fica com o "pereboit" e dores no coração? Afinal eu próprio me convencera de que a cada dois-três batimentos cardíacos havia uma longa pausa.

— Tem o fígado debilitado, inflamaram-se a vesícula biliar e o pâncreas, e as alterações da atividade cardíaca têm carácter secundário, reflexo.

Viva-se cem anos, aprenda-se cem anos! A mim é que não deviam ensinar que na inflamação da vesícula biliar surgem muitas vezes perturbações graves da atividade cardíaca, que podem até acabar em morte?

— Gueórgui Rudólfovitch, diga com franqueza, abusou da banha?

— E como soube? Em Irkutsk, três vezes maldito, não havia nada para comer e eu trouxera de casa um bom naco de banha.

Entretanto Tulupov começou o tratamento. Passava as mãos ao longo do fígado e do pâncreas e eu seguia o pulso. Aos poucos as interrupções começaram a aparecer cada vez mais raramente e finalmente pararam completamente. A sessão terapêutica dessa vez durou cerca de trinta minutos.

— Pronto, tudo. Hoje recomendo regime de cama. E passados um par de dias pode ter alta do hospital. Só não coma mais banha. Afinal da última vez descrevi-lhe pormenorizadamente a dieta. Se a violar — não evita o hospital. Se a cumprir — viverá até aos cem anos.

Vamos cuspir três vezes por cima do ombro esquerdo ou bater com a mão esquerda na madeira.

E ainda sobre um encontro com dois psíquicos gostaria de contar. Firiaz Rakhimovitch Khantseverov — sobre este homem ouvira muito, lia com prazer os seus trabalhos, mas encontrei-me com ele só no inverno de 1992.

Apresentou-nos Guenádi Vassilievitch Agochkov. Impressionou-me o apartamento de Khantseverov. Aqui tudo foi feito pelas mãos do dono e isso cria um conforto extraordinário. Não há nada a mais, mas tudo está arranjado para ser cómodo e agradável viver aqui. No seu pequeno apartamento Firiaz Rakhimovitch conseguiu reservar um canto para oficina de carpintaria. E nesse recanto separado também reinava uma ordem surpreendente.

Impressionam a imaginação as capacidades de F. Khantseverov para o diagnóstico. Digam-lhe o nome do doente e procurem imaginá-lo na vossa mente e passados um par de minutos recebem informações sobre o vosso paciente. Não é fantasia. Dizia a Firiaz Rakhimovitch os nomes dos meus parentes mais próximos. Sabia

perfeitamente o que os incomodava e em caso nenhum Khantseverov se enganou.

Mas o que mais me admirou foi quando Firiaz Rakhimovitch declarou que a minha tensão arterial naquele momento era 117/76. Não cento e vinte e setenta e cinco, precisamente cento e dezassete e setenta e seis. E a de Liudmila Petrovna 178/107.

— Provavelmente é assim — confirmou Liudmila Petrovna. — Sou hipertensa. Hoje de manhã a cabeça dói. Até 160 não sinto a minha tensão, mas mal sobe para cento e oitenta já não presto para o trabalho. E hoje...

Tanto a mim como a Liudmila Petrovna, Khantseverov via-nos pela primeira vez.

— E como determinou isso? — perguntei curioso.

— Se quiserem, também vocês facilmente poderão determinar a tensão arterial com precisão até às décimas de milímetro. Eu, por exemplo, faço assim. Num papel traço uma linha e divido-a em dez partes iguais de 100 a 200. Depois passo devagar a mão sobre a folha e no intervalo onde sentir formigueiro está o valor da tensão máxima. Suponhamos que encontrei que a vossa tensão arterial está entre 110 e 120. Então traço outra linha, mas agora a distância entre divisões corresponde apenas a 1 mm. O resto já adivinharam.

Do mesmo modo posso determinar a tensão mínima. Mas com igual sucesso, sem fazer análises, muito mais rápido do que um técnico de laboratório, determino a concentração de açúcar, colesterol ou ureia no sangue, o conteúdo de proteína na urina, a acidez do suco gástrico. E não são precisos aparelhos nem dispositivos complicados. E acreditem, qualquer médico pode aprender isto, basta treinar um pouco. Experimentem determinar a minha tensão arterial — eu conheço-a bem e direi se acertaram ou não.

Experimentei fazer o procedimento que Firiaz Rakhimovitch me descrevera e passados cinco minutos a resposta estava pronta.

— Sim, é aproximadamente isso. Pelo menos bastante próximo. Treinem um pouco mais e sair-vos-á não pior do que a mim.

Esta experiência comparativamente simples exigiu de mim uma tensão extraordinária, enquanto Firiaz Rakhimovitch a fazia muito facilmente, sem esforço visível.

Perguntei se Firiaz Rakhimovitch tratava doentes.

— Claro que não. Nunca experimentei e tempo não há. Que tratem pessoas doentes os que têm formação médica. Eu mostro apenas "truques" para demonstrar o que pode fazer qualquer médico se dominar os modos mais simples de diagnóstico psíquico.

O segundo encontro aconteceu em Minsk com o presidente da Associação Bielorrussa de Bioenergética, Vassíli Ivanovitch Konychev. Tive a sorte de ver como Vassíli Ivanovitch tratava à distância um doente que sofrera AVC. A experiência consistia no seguinte.

Ao doente na clínica de doenças nervosas registavam eletroencefalograma antes e após a intervenção de Vassíli Ivanovitch. Naturalmente, o doente nada sabia de que seria tratado por um psíquico. A ligação entre a clínica e Vassíli Ivanovitch mantinha-se por telefone.

A sessão durava apenas cinco minutos. E eis uma chamada da clínica.

Vassíli Ivanovitch atende o telefone. Não ouço o que lhe diz o professor, que esteve todo o tempo ao lado do doente, mas pelo rosto de Vassíli Ivanovitch percebo que tudo corre bem.

— Não quer falar pessoalmente com o professor? — pergunta-me Vassíli Ivanovitch. Pego no auscultador.

— Os resultados são simplesmente espantosos — ouço a voz do professor. — É a terceira sessão. O doente sofrera AVC há dois meses. Chegou até nós com perturbação da fala, praticamente não falava. E agora ouça, passo-lhe o auscultador.

O doente garante-me que a cada dia se sente significativamente melhor, o humor é ótimo, embora não consiga perceber como o tratam ali.

O professor volta a pegar no auscultador.

— Se visse o eletroencefalograma registado antes e após a sessão. Resultados impressionantes. Aliás, já trabalhamos há muito com Vassíli Ivanovitch. E não é o primeiro doente após AVC.

Nesse dia, para minha surpresa, soube que Vassíli Ivanovitch assinara contrato com uma das maiores empresas de Munique, bem como com a direção do KAMAZ, e tratava doentes à distância a partir de Minsk.

Cada doente sabe exatamente o dia e a hora em que será submetido à influência. Nesse momento deve comportar-se como habitualmente, apenas relaxar ligeiramente e concentrar a atenção no órgão doente. O curso de tratamento consiste em 4-5 sessões. Imaginem, resultados positivos obtidos em 80%.

Agora sei exatamente que doenças respondem a esta influência e quais não.

Perguntei como era com a oncologia.

— Os sucessos são mínimos e não se deve iludir os doentes. Até em tumores benignos quase não vimos resultados positivos. Já em doenças inflamatórias, osteocondrose, hipertensão e doença ulcerosa, colecistites, lesões renais os resultados são excelentes. E este tratamento é muito vantajoso. O doente não precisa ir à policlínica, trata-se diretamente no local de trabalho. E a administração da empresa está satisfeita. No KAMAZ a incidência de doenças diminuiu drasticamente, reduziram-se os pagamentos por baixas médicas.

Presente na nossa conversa, o presidente da Associação de Parapsicólogos da Argentina, Eduardo Alonso Beroiz, ficou tão impressionado com o que viu e ouviu que decidiu imediatamente

experimentar a influência em si próprio. Após a sessão assinou contrato com Vassíli Ivanovitch para o tratamento de doentes residentes em Buenos Aires. Infelizmente, este experimento ainda não terminou e não posso informar sobre os resultados.

Dificilmente revelarei um segredo se disser que ninguém atua tão beneficamente no cidadão comum como o Presidente, que se dirige regularmente à sua nação pela televisão. Foi exatamente esta a conclusão tirada pelos especialistas do Instituto de Investigação Científica de Televisão e Radiodifusão. O facto é que os discursos dos chefes de Estado simplesmente acalmam o sistema nervoso. O que quer que diga o Presidente, as suas palavras são percebidas como orientação para a ação, à qual os nossos cidadãos se habituaram durante anos de poder soviético, e a tensão nos compatriotas alivia-se. Não é preciso quebrar a cabeça, faz o que te indicam.

E agora atenção: sensação! Segundo os especialistas do mesmo Instituto, o Presidente da Rússia Boris Iéltsine, com os seus discursos semanais, poderia muito bem aliviar a tensão no país e até nas antigas repúblicas da União. E não só porque ocupa um cargo muito elevado. Acontece que o nosso Presidente "... possui capacidades psíquicas". Já o presidente do parlamento Ruslan Khasbulatov, pelo contrário, provoca muitas vezes irritação, pois os seus discursos "... de certa forma excitam agressão contrária" (*Moskovski Komsomolets*, 29 de janeiro de 1993).

Não me cabe julgar se o Presidente russo é psíquico, mas concordo plenamente que os seus apelos semanais ao povo, como por exemplo se faz na América, poderiam acalmar significativamente a opinião pública. Mas não me admiraria se um jornal simpatizante do presidente do Soviete Supremo da Rússia publicasse opinião diretamente oposta. A política é um assunto demasiado sujo.

Mas deixemos a conversa sobre os poderosos deste mundo e voltemos aos nossos assuntos quotidianos.

Na infância muitos provavelmente leram o livro de rimas populares para crianças *Poemas da Mãe Gansa*. Parte delas foi traduzida para russo pelo notável poeta Samuil Marchak. Quatro versos deste ciclo gostaria de recordar:

De cada maleita neste mundo Há remédio ou salvação nenhuma. Procura encontrar esse remédio, E se não existe, não te atormentes em vão.

Honestamente, este conselho não me agrada muito. E por isso quero parafrasear o último verso do quarteto:

E se não existe: vai ter com um psíquico!

Vai ter com um psíquico. Com um psíquico, mas não com um charlatão que se faz passar por psíquico. Até um psíquico inexperiente pode causar dano. Que dizer então de uma pessoa que não conhece os fundamentos da bioenergética e não possui capacidades psíquicas? A médica e psíquica N. P. Ivanova, que organizou em 1991 em Moscovo cursos para a população sob o nome "Ética Viva" (Aperfeiçoamento pessoal. Tratamento pessoal. Princípios de tratamento de algumas doenças pelo método da massagem sem contacto e meditação) escreve:

"O psíquico não cura, dá energia que desperta no organismo forças criadoras, dirige a energia para onde é necessária, para reforçar as propriedades defensivas do organismo. Mas intervir no equilíbrio energético do organismo deve fazer-se com muito cuidado. Pois pode-se reforçar tanto o biocampo com a energética de outra pessoa (do psíquico) que se desabitua para sempre de sentir dor.

Mas, estando nesta forte casca energética, perde-se a ligação com o cosmos e, como o homem é partícula do Universo, deve ter ligação com ele, caso contrário surgem depressa no organismo processos esclerosantes e, passados mais alguns anos, desvios psíquicos ou psicopáticos graves. Por isso não só o psíquico, mas o médico de qualquer especialidade deve conhecer as possibilidades

bioenergéticas do homem e tratá-lo de forma a reforçar o seu biocampo conforme todas as regras da ética e da medicina."

É difícil não concordar com N. Ivanova, que tem enorme experiência na aplicação de métodos não tradicionais de terapia nas mais diversas doenças.

Infelizmente, muitas vezes na *Gazeta Médica*, bem como noutros jornais, na televisão e na rádio, ouvem-se anúncios sobre novo recrutamento para cursos de psíquicos. Pagando determinada soma, qualquer um de vós pode tornar-se em curto prazo "psíquico de classe internacional". Encontrei-me várias vezes com estes curandeiros desastrosos.

Sem conhecimentos de anatomia e fisiologia, sem noções elementares de ética de comportamento, estes "médicos" muitas vezes causam dano ao doente. Infelizmente, ainda não existe legislação sobre o curandeiro popular. Reconheço que pessoas talentosas, sem formação médica, têm direito a tratar pessoas sob supervisão de médico. Mas a conclusão sobre as suas capacidades, bem como a esfera possível de atividade, deve ser dada por uma comissão competente, e não pelos criadores de associações produtivas e cooperativas que muitas vezes ensinam a pessoas inaptas a complexa ciência da cura.

E embora aprove a atividade de psíquicos, feiticeiros (no bom sentido da palavra), quiropráticos e curandeiros, volto a avisar os compatriotas crédulos — cuidado com os charlatães!

Infelizmente, distinguir um verdadeiro curandeiro de um charlatão é muitas vezes muito difícil. Por isso insisto mais uma vez que o direito a tratar deve ser concedido ao curandeiro popular após verificação cuidada por uma comissão competente.

Se isso não acontecer em breve, muitas direções da medicina não tradicional serão desacreditadas e a milhares de pessoas será causado dano irreparável.

Dou apenas dois exemplos. Em Moscovo, no Centro de Investigação Científica de Medicina Tradicional Popular, dirigido pelo professor Ia. G. Galperin, foram verificadas mais de duzentas pessoas que se apresentavam como psíquicos. Apenas três delas possuíam biocampo relativamente forte e, com grandes reservas, poderiam ser admitidas ao tratamento de doentes.

Na nossa cátedra foram investigadas mais de cinquenta pessoas que se consideravam contatores com civilizações extraterrestres, bem como garantiam que tinham curado sem falhas dezenas e centenas de pessoas. Em cinco delas a intensidade do biocampo revelou-se suficiente para diagnóstico e tratamento de algumas doenças.

Sei que o psíquico, regra geral, é uma pessoa muito bondosa. Se virem que o curandeiro que se apresenta como psíquico fuma, bebe, pragueja, comporta-se grosseiramente com os doentes, explora sem piedade pobres e ricos, está pronto a ganhar dinheiro com a desgraça alheia — fujam a sete pés de tal "médico". Benefício do contacto com ele não terão, dano sim, enorme. Cuidado com os charlatães!!!

A LENDA DJUNA

As palmas da esbelta assíria tiravam a dor humana — como as mãos da harpista da harpa tiravam dó-ré-mi-fá-sol.

A. Voznessenski

No verão de 1980 o departamento regional da sociedade "Znanie" enviou-me para dar palestras no distrito de Uletovski. Ora, Ulety assim Ulety. Dei palestras em quintas de leite, na direção da Selkhoztekhnika, brigadas de construção. Falei de fenómenos misteriosos da psique humana, sono, sonhos, hipnose, telepatia. Respondi a perguntas.

E de repente...

— O senhor aqui falou de hipnose, como se aplica na medicina. E diga lá, a hipnose não estará ligada à ação do biocampo irradiado pelo homem?

Que pergunta! Sobre biocampo nessa altura eu sabia muito pouco. Mas como sair da situação difícil? Responder "não" ou "sim" — em qualquer caso pedirão provas. Melhor confessar logo que não posso responder a essa pergunta.

Após a palestra rodearam-me os ouvintes. Um segura o jornal *Komsomolskaia Pravda* de 16 de agosto de 1980.

— Olhe aqui o que escrevem. Apareceu em Moscovo Djuna Davitashvili e faz milagres. Põe diagnósticos sem aparelhos nenhuns. Passa as mãos ao longo do corpo — e pronto. E trata como, nenhum médico é capaz de fazer tal coisa.

A lendária Djuna! Quantas histórias ouvi sobre as suas capacidades invulgares. Quanto mel e lama se derramaram simultaneamente sobre esta pessoa fora do comum — curandeira, diagnosta, investigadora científica, poeta, pintora e artista.

Nos 10 anos que passaram após a primeira publicação sobre Djuna, apareceram muitas. E jornalistas e cientistas lançaram-se em extremos. Ora Djuna é maga e feiticeira, ora é simples massagista e os seus sucessos fenomenais baseiam-se apenas em sugestão, à qual cedem ingénuos simplórios, ora é charlatã e, como na Idade Média, deve ser anatematizada.

Passam quase sete anos desde que conheço a extraordinária Djuna. Não sou apenas observador externo e visita frequente em sua casa, sou também investigador que tenta compreender o seu dom maravilhoso.

Encontrei-me pela primeira vez com Djuna em outubro de 1985 na cidade de Podolsk, nos arredores de Moscovo, onde decorria a Conferência de Toda a União de linfólogos — especialistas que estudam as propriedades do líquido biológico que circula pelos vasos linfáticos — a linfa.

Já na primeira sessão o organizador da conferência, professor Iú. M. Levin, anunciou que a 25 de outubro, após o fim da sessão da noite, haveria encontro com Djuna Davitashvili. E quem tivesse pressa podia ir para Moscovo. Ir? Nem pensar! Na altura o nome de Djuna aparecia frequentemente na imprensa, contavam-se coisas incríveis sobre ela.

Esse dia foi para mim extremamente pesado. Não sou moscovita. Quando chego à capital, fico em casa de amigos em Mytichtchi. Chegar de lá a Podolsk não é fácil — mais fácil voar de Chita para Irkutsk.

Tinha muito que fazer nesse dia. Às nove da manhã aprovação de duas teses doutorais dos meus colaboradores no Instituto Central de Hematologia e Transfusão de Sangue. Após a sessão tinha de correr para Podolsk, na sessão da noite não só fazia o relatório principal como presidia, e portanto, devia resumir os relatórios e falar com palavra de encerramento.

Como se diz, "sapateiro, músico e tocador de gaita". E depois devia haver o encontro com Djuna.

De manhã não consegui tomar o pequeno-almoço, com medo de me atrasar para o início da sessão. A aprovação durou muito e eu, mal esperando o fim, corri a toda a velocidade para a estação de Kursk — se perdesse o comboio suburbano, não chegaria a tempo do início da sessão da noite. E aqui, sem tempo para comer qualquer coisa, entrei na sala exatamente quando o intervalo acabava e era preciso começar o trabalho.

Mas eis que a conferência terminou. Doía-me terrivelmente a cabeça. Imaginem, desde a noite anterior nem uma migalha na boca. "Talvez saia do encontro — pensei. — Já são sete da noite e o meu avião para Chita é às três da manhã. Até lá preciso comer qualquer coisa e chegar a Domodedovo."

Mas isso significava não encontrar Djuna, perder a única oportunidade! Não, melhor aguentar. Em Chita como-me.

Djuna já estava na sala. Entrou logo após o fim da sessão. Ninguém saía, embora os cientistas sejam gente ocupada. Normalmente mal o presidente anuncia a conferência encerrada, a sala fica vazia. Como se um furacão tivesse passado. Já após a primeira sessão havia uma quantidade de lugares vazios. E aqui parecia-me que na sala até aumentara o número de pessoas.

Djuna não vinha sozinha. Com ela toda uma comitiva. No palco instalavam um videogravador. Tudo isso demorou não mais de cinco minutos. Nesse tempo observei Djuna, felizmente estava na primeira fila. Afinal presidir às vezes é útil.

Neste primeiro encontro pareceu-me incrivelmente frágil, pequena e surpreendentemente jovem. Os olhos brilhavam e irradiavam, parecia que deles ia saltar um feixe de faíscas. Vestida muito na moda, mas sem ostentação. Casaco de pele e calças enfiadas em elegantes botas da moda de salto alto.

A instalação do videogravador acabou e Iú. M. Levin propôs, antes do encontro, ver um pequeno filme. E começou!

No ecrã passam rostos conhecidos e desconhecidos — poetas R. Rojdestvenski e A. Voznessenski, académico V. P. Kaznatcheev, membro-correspondente da AN Iú. V. Guliaev, médico-traumatologista de Ordjonikidze e muitos outros, alguns dos quais conheço pessoalmente, de outros só de ouvir falar, de terceiros nada sei, mas não tenho razões para não confiar neles.

E no ecrã Arkádi Raikin. Não posso transmitir textualmente o que ele dizia, embora procure ser o mais exato possível.

— Tenho doença medicamentosa. Apareceu há muito tempo. As articulações doem-me desde a infância e muitas vezes tive de tomar medicamentos diversos. E da última vez, quando surgiu mais um agravamento, tomei um medicamento e reagi a ele. Dores terríveis. Dois dias quase sem dormir. Conseguia dormitar apenas alguns minutos, quando punham compressas nas articulações e as dores acalmavam um pouco. Mas depois voltavam com força nova.

Ao terceiro dia, devido a dores selvagens e insónia, surgiu insuficiência cardíaca. Tive de chamar a "urgência". Veio a brigada de cardiologia, fizeram eletrocardiograma e puseram o diagnóstico: estado pré-infarto. Já me preparavam para levar para o hospital quando entrou no quarto Djuna. Não tínhamos combinado nada, possivelmente sentiu intuitivamente que eu estava em perigo. Afastou decididamente os médicos e ocupou-se de mim. E quando passados quinze minutos voltaram a registar o eletrocardiograma, era o cardiograma de uma pessoa completamente diferente.

Após a visita dela dormi pela primeira vez desde o início da doença. Djuna veio ter comigo mais uma vez e as dores deixaram-me. Agora estou saudável e posso voltar a trabalhar.

Nunca acreditaria que, passando as mãos perto do coração, se pode tirar fibrilação auricular. Mas à feiticeira Djuna até isso é acessível.

No ecrã um médico da Holanda. E não um médico qualquer, mas próximo da corte da rainha. Em que países do mundo não esteve. Trataram-no nos EUA, na RFA, Inglaterra, Israel. Tudo em vão — sem progressos. Ao ouvir falar do "milagre russo" — a curandeira Djuna Davitashvili, decidiu voar para Moscovo. "Oh, agora estou absolutamente saudável — exclama o colega. — Sem dores no coração. Esqueci o que são interrupções e até jogo ténis. Obrigado, obrigado, miss Djuna".

E pode tratar-se tuberculose com massagem sem contacto? Claro que não — dirá qualquer médico. Mas Djuna pega num pediatra de Ordjonikidze que tem cavernas nos dois pulmões. Não, por aceno de varinha mágica nada acontece. Várias vezes ao longo do ano o médico do Cáucaso Norte voava para junto de Djuna. Após cada sessão durante dois-três dias registava-se subida de temperatura e sinais evidentes de agravamento da doença. Mas a cada quinta sessão o doente sentia melhoria. E imaginem, ao fim do ano tiraram-no do registo e até permitiram trabalhar com crianças saudáveis.

E que fazer se o doente tem doença gravíssima, incurável do sistema nervoso central? Ora, aqui até o otimista mais fervoroso declarará que a massagem sem contacto é inútil. Mas eis no ecrã um menino bonito de olhos pretos com cabelos pretos encaracolados.

— Levanta os braços — pede Djuna.

O menino levanta facilmente os braços para cima e Djuna sorri satisfeita do ecrã.

— Devo parar por um minuto a projeção do vídeo e dar explicações. Acabam de ver um menino doente de esclerose múltipla. Sabem que é doença incurável que afeta a medula espinal. Há meio ano trouxe-mo a casa o escritor moldavo Gueórgui Maliartchuk. O menino — filho do escritor mal se mexia pelo quarto, quase não mexia o braço esquerdo, com dificuldade virava o pescoço, arrastava a perna esquerda. A coordenação dos movimentos estava perturbada. O diagnóstico posto pelos médicos era terrível — tumor do cerebelo. A propósito, este diagnóstico foi confirmado em Moscovo também por máquina eletrónica, na qual foram introduzidos os sintomas da doença.

Comecei a examinar o menino. Como faço isso, acabaram de ver no ecrã. Passo as mãos ao longo do corpo e escuto atentamente os sinais que chegam. Primeiro é preciso ver a cabeça e especialmente a zona do cerebelo. Passo a mão ao longo da nuca, do bulbo raquidiano e da medula espinal. E sinto, sim, sinto que os médicos se enganaram e a máquina eletrónica também. Tumor nenhum existe. Já a medula espinal envia-me sinais de que ali nem tudo está bem. O menino tinha o estágio inicial de esclerose múltipla.

O que viram no ecrã foi registado após a quinta sessão. Repararam como o menino se mexe facilmente, como move os braços livremente. E afinal após a segunda sessão, quando o obrigava a levantar os bracinhos para cima, chorava de dor.

E um mês após o fim do curso de tratamento ligou-me o pai da criança de Chisinau e gritou literalmente ao telefone:

— Djuna, o meu filho joga futebol! É como todos os rapazes! Joga futebol!

Tenho a certeza absoluta de que a esclerose múltipla, se a doença não estiver avançada, pode ser tratada com sucesso pelo método que desenvolvi.

Milagres, e dos grandes. Mas quantos milagres caíram sobre as nossas cabeças nesse dia, que de muitas formas mudou o meu destino.

Nunca esquecerei a menina da Síria. Durante um bombardeamento ruiu a casa e uma trave, ao bater na cabeça da menina, pregou-a ao chão. Conseguiram salvar a menina inconsciente, mas ela ficou completamente cega. Examinaram-na nas melhores clínicas do mundo. Os médicos declararam — a menina nunca verá a luz, os nervos óticos estão danificados.

Finalmente a criança em Moscovo. Vejo como Djuna passa as mãos sobre a cabeça dela. O rosto da criança está tenso, de medo e esperança estão petrificados os pais... Foram precisas mais de uma sessão. E eis que tiram a venda dos olhos. Milagre! A palavra impõe-se. A menina vê, disso não há dúvida. Como se alegra, como brilham os olhos dela. A menina agarra com as mãos diversos objetos e diz alto: colher, faca, prato. Depois, agarrando a toalha de mesa e rindo-se de alegria, anuncia: azul, vermelho, verde...

— E isto, isto... — a menina hesitou.

— Ela não sabe que cor é esta — diz a mãe e sugere: "castanho".

— Castanho, castanho — grita a menina alegre —, castanho!...

Mas isto são emoções. Isto não é ciência. Onde estão as provas, onde estão os factos objetivos?

Há também factos.

O doente não ouve nem fala muito alta. Registou-se audiograma. A audição está praticamente perdida por completo. E de novo Djuna passa as mãos sobre a cabeça do paciente. Após 10 sessões novo registo de audiograma. A audição recuperou-se num ouvido até 45%, no outro até 60% da norma. Fenomenal!

O homem é um ser social. Na sua saúde influencia poderosamente o mundo circundante, as condições em que vive e, em primeiro lugar, o comportamento das pessoas que o rodeiam. Se lhe disserem que tem mau aspeto, que parece doente e que devia prestar mais atenção à saúde, muito em breve sentirá cansaço, mal-estar e terá realmente vontade de descansar, deitar-se na cama.

Outra coisa é se o animarem a tempo, garantirem que as coisas vão melhorar, que as análises melhoraram e que tudo corre maravilhosamente. Acreditem, isso acelerará significativamente a vossa recuperação.

A psicoterapia é uma grande coisa. Que doentes graves não curaram os psicoterapeutas! Mas com uma condição — se a doença tiver caráter funcional, não houver lesões orgânicas graves do sistema nervoso, quanto mais do órgão da audição. Não, os psicoterapeutas ajudam também em lesões orgânicas, mas apenas ajudam, não curam. Talvez nos doentes que nos mostraram na gravação vídeo houvesse perturbações funcionais? Afinal é disso que gostam de falar não só os adversários, mas também os simpatizantes de Djuna.

Mas eis no ecrã um coelho. Esse dificilmente se convencerá. Vejamos o que fará Djuna!

A tensão arterial baixa devagar. Mais um pouco — e chega a morte clínica. Sim, o coração parou. Mas aproxima-se Djuna e começa a fazer passes sobre o coração. Passa um minuto, outro. Olhamos para o ecrã, prendendo a respiração. Eis que o coração

estremeceu, contraiu-se uma, duas vezes e depois começou a bater ritmicamente.

A sala explodiu em aplausos.

Não, em vão o grande poeta escreveu: "Mas milagres não há e sonhar com eles é inútil".

Muitos milagres vimos nesse dia. Eis que numa cultura nutritiva foi aplicada uma camada de células. Conta-se cuidadosamente o número de células em fase de divisão. Depois Djuna atua sobre a cultura de células com as mãos. Passados alguns dias repetem-se as investigações. Na partida experimental, onde Djuna trabalhou, o número de células em divisão aumentou aproximadamente 30%.

O filme acabou. Estamos todos sentados abismados e no palco de novo Iú. M. Levin.

— Na sessão da noite de hoje preside o doutor Kuznik. Que ocupe o seu lugar na presidência e, como fisiologista, comente o que vimos.

Só faltava esta! Vejo Djuna pela primeira vez. Tudo o que li sobre ela é tão contraditório que não se presta a generalizações. E como posso comentar os factos apresentados se não percebo absolutamente nada deste fenómeno. Mas não há nada a fazer e subo relutante ao palco. Peço que façam perguntas.

Literalmente uma avalanche de perguntas caiu sobre Djuna. Ela responde de bom grado e só quando na voz do perguntador sente armadilha, desconfiança, ceticismo, se irrita ligeiramente, embora procure não dar a entender. Aliás, nesse dia, apesar da grande audiência (mais de 300 pessoas), céticos havia poucos.

— Sou assíria. É um povo com cultura muito antiga e elevada. Nasci na aldeia de Urmia, no krai de Krasnodar. Na nossa família muitos usavam para tratamento meios da medicina popular. Aprendi alguma coisa com a minha avó, a quem todos vinham tratar-se. A propósito, viveu até aos 120 anos. O avô morreu aos 110 anos. A

capacidade de ajudar pessoas descobri-a na infância. Trabalho como investigadora científica sénior no Instituto de Radiotécnica e Eletrónica da AN da URSS.

— Acabei a faculdade de saúde da Universidade Popular em Tbilissi. Obtive diploma de enfermeira.

— Alimento-me como toda a gente. Gosto da cozinha assíria. Como muito pouca carne. Mas habituei-me assim e não aconselho a imitar-me.

— Canso-me no trabalho? Não, não me canso. É o meu trabalho, gosto dele e nem dou pelo tempo passar.

— Durmo muito pouco, não mais de 4-5 horas por dia. Não há tempo. Ainda muitas pessoas precisam da minha ajuda.

— O que sinto quando faço massagem sem contacto? — Calor, frio, formigueiro, picadas, os dedos podem ficar pegajosos. Tudo depende do caráter da doença, da gravidade do processo patológico.

— Não, não procuro pôr diagnóstico, embora consiga fazê-lo com sucesso. A minha tarefa é ajudar o doente.

— Sob a influência da massagem sem contacto a temperatura da minha mão altera-se bruscamente. Com termovisor registou-se que sobe às vezes 9 graus.

— Tenho a certeza de que propriedades semelhantes, em maior ou menor grau, possuem todas as pessoas. Claro, "solistas" não podem ser todos, mas qualquer médico é capaz de dominar os meus métodos de tratamento e assim aliviar significativamente o destino dos doentes.

— Não, não me considero psíquica, honestamente, não gosto muito desta palavra. A conhecida investigadora na área da parapsicologia Chafica Karagulla escreveu: "O psíquico é apenas um gato que vê no escuro". Muito acertado! Sentir biocampo alheio é metade da tarefa. É preciso aprender a gerir. Isso é muito mais

complicado. Àqueles que o conseguem, a senhora Karagulla chama sensitivos. Penso que esta palavra reflete melhor a essência do fenómeno, embora também não me agrade muito.

— O que pretendo alcançar? Quero criar uma espécie de escola, na qual ensine aos médicos os modos de massagem sem contacto desenvolvidos por mim. Que cada um deles ensine pelo menos 10 pessoas, essas — mais dez. Assim o meu método pode encontrar a mais ampla difusão. É o objetivo da minha vida.

— Tenho muitos alunos e todos têm formação médica. Trabalham no Hospital Clínico da Cidade em nome de Botkine, no Hospital Clínico Infantil da Cidade em nome de Filatov, no Instituto de Doenças Oculares, em profilatórios, em resorts. Mas tudo isso ainda é gota no mar.

Em cada instituição de tratamento deve obrigatoriamente haver um especialista capaz de tratar pelo método da massagem sem contacto. E ainda melhor, vários especialistas.

— Contraindicações para tratamento pelo meu método praticamente não há. A massagem sem contacto pode aplicar-se em qualquer doença. Mas não tratarei um doente se precisar de operação urgente. Não me ocuparei de doentes com peritonites purulentas agudas difusas ou doenças psíquicas.

— Não, não só não rejeito os métodos da medicina tradicional, como considero que só combinando modos tradicionais e não tradicionais se podem alcançar resultados espantosos no tratamento das maleitas mais graves.

— Viram todos com os próprios olhos. São pessoas de ciência, muitos de vós professores. Digo sempre — estudem. Estou pronta para tudo, só para trazer benefício às pessoas. Então usem!

Perguntas houve muitas. Mas aí interveio de novo o professor Iú. M. Levin.

— Pensava que Djuna não poderia vir. Está doente, ontem tinha 39 graus de febre. Mas hoje está melhor e, como veem, está aqui. Mas penso que devemos deixar Djuna ir. Até porque é tarde.

— Iúri Markovitch! Como podia não vir, se cientistas querem encontrar-se comigo. Por mais doente que esteja, trabalho sempre e a doença recua. E estou pronta para continuar a responder, se houver perguntas.

Mas Levin é implacável. Realmente, está na hora de nos separarmos. E a mim cabe a palavra de encerramento.

Que podia eu dizer, além de frases gerais. Agradeci em nome dos presentes a Djuna, disse que estava abismado com o que vira, que nem por um minuto duvidava das suas capacidades extraordinárias. Lembrei que tudo o que é novo abre caminho com dificuldade. Lembrei como não reconheciam a genética clássica, como chamavam à cibernética prostituta do imperialismo nos anos 60 e o que pagámos por isso. Terminei a minha intervenção com as palavras de Robert Rojdestvenski, que soaram no vídeo:

Djuna tem mãos curadoras — Tal propriedade lhe foi dada,
Embora, pelas leis da ciência, Tal coisa não devesse existir...

Os ombros de Djuna estão encolhidos, A linha das estrelas eriçada. Não acreditar — é mais simples e fácil Do que pensar e explicar.

A minha palavra de encerramento agradou a Djuna. Agradeceu-me e beijou-me a face.

— Pronto — brinquei eu —, agora um ano inteiro não me lavo, para não tirar o seu beijo mágico curador.

E eis como a própria Djuna recorda a sua intervenção na I Conferência de Toda a União de linfólogos (Cit. pelo livro de V. Tichtchenko “Djuna sem invenções e lendas”, Kiev, 1990): “Até há pouco tempo a ciência dedicava muita atenção ao sistema sanguíneo, por vezes esquecendo os espaços linfáticos do nosso

mundo interior. Pressentia vagamente que, atuando no organismo com o meu método, atuava não só no sistema sanguíneo como no linfático. Estas pressentimentos transformaram-se em convicção quando fui convidada a falar na I Conferência de Toda a União de linfólogos.

Receberam-me muito calorosamente e convidaram-me a participar nos mais diversos experimentos. O professor B. I. Kuznik exprimiu a suposição de que o método de aquecimento do sangue pode melhorar a composição qualitativa do sangue. As investigações realizadas depois confirmaram plenamente esta suposição — após atuação no organismo do dador pelo meu método, no sangue dele aumenta a hemoglobina, melhoram visivelmente as suas características. Foi delineada também uma série de experimentos com o objetivo de atuar no sistema linfático. Falar dos resultados destas investigações ainda é prematuro, pois a busca científica numa direção manifestamente promissora exige numerosas verificações e provas".

Ora vejam! Acontece que eu ainda exprimia ideias que Djuna depois utilizou. Isso fala mais uma vez da sua honestidade e princípios. E como é agradável para um investigador saber que as suas ideias foram aproveitadas por alguém e encontraram aplicação prática.

Não vou descrever pormenorizadamente os eventos seguintes. Repito apenas que a cabeça doía impiedosamente. Tinha de partir urgentemente para Moscovo, à noite o meu avião. Djuna ofereceu-se amavelmente para me levar até à estação de metro no "gazik" em que os amigos a tinham trazido a Podolsk.

Pelo caminho ouvi incontáveis relatos da sua pequena "comitiva" sobre curas milagrosas de parentes, amigos, próximos. Acontece que Djuna trata praticamente tudo: osteomielite, epilepsia, paralisia cerebral infantil, doenças de pele, pneumonia, doenças das articulações e até... cancro! Sim, sim, cancro! Uma das

acompanhantes garantia que Djuna, sem operação, a livrara de cancro da mama.

Interveio na conversa um dos passageiros:

— Querem que vos conte o que Djuna fez comigo? E não só conte, como mostre os resultados do trabalho dela?

Naturalmente queria.

— Sou pintor. Djuna às vezes toma lições de pintura comigo.

— Modéstia, Iliucha — interveio Djuna. — A propósito, é o meu único professor. Pintor talentoso — Ilia Kleiner. Vejam obrigatoriamente os quadros dele.

Mais uma surpresa. Estava convencido de que a famosa Djuna era acompanhada por "escolta" da Televisão Central. Nada disso. No nosso carro estavam ajudantes voluntários de Djuna. Ajudavam-na a filmar vídeos. E o aparelho com que Djuna demonstrava as suas experiências e resultados da terapia fora-lhe oferecido por um empresário da RFA. Mas tudo isso soube depois. O relato de Ilia Kleiner foi longo e mais tarde registei-o de memória.

"À minha oficina trouxe Djuna Iúri Markovitch Levin, meu grande amigo. Quando nos conhecemos, Djuna perguntou de repente: "E o que tem na perna?"

Nem imaginam como fiquei admirado. Claro, nessa altura já sabia dos talentos dela, mas tal coisa não esperava de modo algum. Não me queixara, não coxeava e em geral portava-me como águia perante a famosa hóspede. Mas, se falar com sinceridade, a perna doía terrivelmente. Tenho osteomielite antiga, fui operado dezassete vezes. Tratei-me com os melhores professores, pode dizer-se — luminares. Já estava cansado de pensar na sala de operações, na anestesia, nos sofrimentos que me esperavam. Afinal ia deitar-me na mesa de operações pela décima oitava vez.

Na oficina havia muita gente e não queria falar das minhas maleitas. Djuna sentiu isso imediatamente.

"Venha ter comigo amanhã, curo-lhe a perna".

Para ser sincero, não acreditei muito. Mas na noite seguinte estava em casa dela no Arbat. Não podem imaginar o que é o apartamento de Djuna!

É uma casa de loucos, é dor e sofrimento, são olhos suplicantes, nos quais angústia e última esperança. As pessoas vêm aqui não só de toda a União — de todo o mundo. E Djuna, correndo de um doente para outro.

Ao ver isso, quis sair sem dar nas vistas. Onde cabia eu! Mas ela reparou em mim, levou-me para um quartinho minúsculo e ordenou: "Ponha a perna no sofá". Obedeci. E eis que Djuna começou a "feitiçar" sobre a minha perna, a fazer passes circulares lentos. A pele foi aos poucos avermelhando e de repente... a ferida abriu-se. E aconteceu sem dor nenhuma. E depois começou a esterilização. Sim, sim, verdadeira esterilização. Tomei mais sete ou oito sessões, já não recordo exatamente. A cada sessão o pus era cada vez menos. E afinal, quando a ferida se abriu, corria como um rio. No fim do tratamento a ferida cicatrizou completamente."

Quando o carro parou num semáforo, Ilia Alexandrovitch enrolou a perna da calça e mostrou-me uma enorme cicatriz vermelha na canela.

— Não dói. E afinal no outono e na primavera subia pelas paredes. Este ano sinto-me magnificamente. Fico catorze horas na oficina. E nada!

A nossa viagem aproximava-se do fim. Djuna calara-se todo o caminho, provavelmente o encontro com os cientistas lhe roubara muitas forças espirituais. No carro fumavam todos sem piedade, por isso a cabeça doía ainda mais. E aí não aguentei:

— Djuna, dói-me terrivelmente a cabeça. Pode ajudar-me?

— Um minutinho.

Virou-se meio para mim e começou a fazer movimentos rotativos com a mão sobre a cabeça.

E — coisa estranha. Senti leveza, a dor foi-se embora, a cabeça clareou e até a fome se atenuou.

— Pronto, tudo.

É difícil acreditar, passaram tantos anos, mas desde esse dia nunca mais me doeu fortemente a cabeça. E afinal antes disso sofria de dores de cabeça não assim tão raramente. Não vou garantir que foi Djuna. Há coincidências estranhas!

Mas eis que chegou a hora de nos despedirmos. Estava convencido de que nunca mais veria Djuna. Mas a vida dispôs de outra forma.

Agora, sempre que chego a Moscovo por pouco tempo, visito obrigatoriamente Djuna. Adoro ouvir os relatos dela. Mas ainda mais adoro ver como Djuna trabalha. As mãos dela esvoaçam como asas. Os movimentos são fluidos. À primeira vista pode parecer que não há sistema nenhum. Mas é só à primeira vista. Observem com atenção e repararão que às vezes faz movimentos circulares no sentido dos ponteiros do relógio, outras vezes no sentido contrário. Às vezes limita-se a passar lentamente a mão ao longo do órgão afetado. O ritmo dos movimentos ora acelera, ora abranda. Muitas vezes Djuna usa o movimento chamado "extração". Primeiro como que enrola a "energia doente" num novelo e depois "afasta-a" do doente e "atira-a para o lado".

No final, às pessoas de idade avançada faz obrigatoriamente massagem no tórax. Para isso coloca uma mão à frente e outra atrás na parte superior do tronco e durante um minuto faz movimentos circulares no sentido dos ponteiros do relógio, o que, segundo Djuna, remove trombos da aorta, das artérias pulmonares e das coronárias.

— Que os seus familiares façam massagem diariamente durante um minuto e nunca terão enfarte — explica Djuna ao próximo paciente.

Djuna usa para tratamento não só massagem à distância como também de contacto. E não é verdade que não se cansa, que não dá energia. Vi-a completamente exausta de trabalho pesadíssimo e mesmo nesse estado ia ter com os pacientes.

E hoje estou sentado numa consulta de Djuna. Ela está claramente de mau humor. Há quase um mês que trata uma menina com diagnóstico desconhecido. Os médicos não conseguem decidir se é tumor ou parasita alojado na zona do bulbo raquidiano. Djuna tem a certeza — é tumor e é preciso operar imediatamente. Mas os médicos não arriscam. Foram precisamente eles que mandaram a criança para Djuna.

A menina é uma graça. Onze anos, nos grandes olhos azuis angústia e sofrimento. Depois de Djuna começar a tratá-la, até à noite de ontem não tivera um único ataque. E antes disso não passava um dia sem os pais chamarem a "urgência". Começavam convulsões, seguidas de respiração intermitente, às vezes paragem.

E eis que ontem a menina teve novo ataque. Os pais estão desesperados.

— Porque, porque na minha casa só há sofrimento e desgraça? — diz Djuna exausta. — Porque tenho de absorver o sofrimento do mundo inteiro? Porque não posso permitir-me descansar pelo menos um dia, encontrar-me com amigos, sentar-me a uma chávena de chá? Porquê este destino para mim?

Compreendo que o destino da menina não lhe é indiferente e eu próprio espero ansioso que decisão tomará Djuna.

— Compreendam. Já lhe fiz trinta sessões. Sim, o tumor ficou menor, mas não se reabsorveu. Continuar sessões é perigoso. Sob a influência da bioenergia aumenta no sangue o número de eritrócitos, aumenta a viscosidade e a coagulabilidade. Tudo isso

não é assim tão inofensivo. É preciso obrigatoriamente fazer uma pausa.

— Mas o ataque repetiu-se. E se interromper as sessões, o tumor volta a crescer? — insistem os pais. Djuna estava literalmente à beira de um colapso.

— Mas eu não sou Deus! Sei que é preciso fazer pausa. Tentem consultar de novo no instituto de neurocirurgia. Lá há especialistas extraordinários. O académico Konovalov, por exemplo. Que ele veja a menina. E se os médicos não se decidirem a operar, voltem a vir ter comigo, mas não antes de dez dias.

Na visita seguinte a Moscovo perguntei a Djuna pela menina.

— Graças a Deus, tudo bem. Operaram-na. Na manhã seguinte àquele dia nefasto internaram a menina no departamento de neurocirurgia. O tumor, sob a influência das minhas sessões, diminuiu significativamente de tamanho e a operação já não representava o perigo de antes. Há pouco vieram os pais — a menina recupera, em breve terá alta.

Entra no gabinete (se assim se pode chamar o pequeno quarto no sótão onde Djuna atende) uma mulher já não jovem com flores. Djuna lança-lhe um olhar rápido.

— Élia, como está o irmão?

— Sabes, Djuna, melhor. As dores, pelo menos, diminuíram. Acho que as sessões ajudam.

— Cancro, cancro, cancro! Como estou cansada do cancro. — E para mim: — Quando é que vós, cientistas, aprenderão a tratar o cancro?

A gente continua a chegar. Que importa aos doentes como se sente Djuna, se tem ou não forças para atender hoje. E os doentes compreendem-se.

— Artiom, ouves-me?

Um bonito rapaz de aspeto desportivo, de uns dezasseis anos, estremece de surpresa e vira a cabeça para Djuna.

— Djuna, Djunotchka, ele ouve. Chamaste-o muito baixo e ele virou-se. E hoje deixámos o aparelho auditivo em casa. Agora pode passar sem ele.

Djuna animou-se.

— Graças a Deus, pelo menos este melhorou. Ora vira-te de costas.

Começa a pronunciar palavras baixinho e Artiom repete-as.

— Ora bem, mais três sessões e podemos acabar. Curso repetido daqui a três meses. Acho que lhe restabelecemos a audição.

O humor de Djuna melhorou claramente. Já calmamente dirigiu-se à mulher sentada no sofá ao lado de uma menina de catorze-quinze anos.

— De onde são?

— Da Jugoslávia.

— A sério que lá não têm a vossa própria Djuna?

A mulher claramente não percebia o que lhe perguntavam e apenas apontava para a menina, como que a dizer que era ela que precisava da ajuda.

E aí Djuna admirou-me mais uma vez. Começou a interrogar a mulher em sérvio. Esta animou-se visivelmente. Acompanhava o discurso com gestos expressivos, de modo que depressa todos percebemos que a menina não ouvia.

Djuna começou a testar a audição, pronunciava palavras muito alto, mas a menina não reagia absolutamente. Então Djuna aproximou-se dela, colocou a mão no processo mastoide do lado esquerdo e esperou. Durou uns cinco minutos, após o que pronunciou de novo alto várias palavras.

Não sei, talvez me tenha parecido, mas senti claramente que a menina se retesou, encolheu-se como um animalzinho e depois olhou interrogativamente para a mãe.

— Quantos dias ficarão aqui?

A mulher explicou: dez dias, não mais.

— Bem, venham amanhã à mesma hora. Virão todos os dias, exceto domingo. Acho que após o primeiro curso a menina poderá usar aparelho auditivo e até começar a falar.

Começar a falar? Ora, isso já é demais e logo expressei as minhas dúvidas a Djuna.

— Ora, apareceu mais um Tomé incrédulo em minha casa. E a crianças assim devolvi a audição e começaram a falar. Há alguns meses veio ter comigo uma mãe com dois filhos — Jénia e Andriucha.

O filho mais velho, Jénia, nascera a tempo, criança completamente saudável. Mas aos poucos a mulher começou a preocupar-se — a criança não reagia a sons. Ao ano o menino não falava e então a mãe levou-o ao otorrinolaringologista. Verificou-se que Jénia era surdo de nascença. E então a mulher decidiu ter outro filho. Infelizmente, o segundo menino também nasceu surdo. Que fazer à pobre mãe com dois filhos surdos? E a mulher realizou uma proeza. Aprendeu a linguagem dos surdos-mudos e à noite antes de dormir contava contos, que sempre acabavam com milagres. Mas um dia o filho mais novo, Andriucha, ao ouvir o conto, chorou e perguntou:

— Mamã, quando virá o bom feiticeiro e curará a mim e ao Jénia?

— Que devia responder-lhe a pobre mulher?

— Virá — disse ela —, só têm de esperar e acreditar.

E assim viveram os dois irmãos muitos anos. O menino mais velho tornou-se adulto, casou-se, mas a mulher dele — jovem encantadora — também era surda-muda.

Não sei como a família soube de mim, do meu método de tratamento, mas um dia apareceram os três em minha casa. Ao examinar os irmãos, percebi que lhes podia ajudar. Ambos conservavam audição, mas para ouvirem um som era preciso disparar um canhão ao ouvido. Não exagero, eram rudimentos de audição.

Oh, com que fúria e persistência trabalhei! Às vezes o desespero tomava-me, apetecia-me deixar tudo e fugir. Tantos doentes à volta esperam a minha ajuda e eu gasto tanto tempo com irmãos surdos-mudos. Mas quando o mais novo falou... Nunca esquecerei esse dia. A primeira palavra que pronunciou foi "mamã". E dirigiu-a a mim. E depois falou também o mais velho. E depois tudo dependeu dos próprios irmãos, da persistência e tenacidade deles. Ambos agora ouvem e falam. O apelido deles é Anokhine. Se quiserem, encontro o endereço. Podem escrever-lhes e convencer-se de que disse a verdade absoluta.

A mulher seguinte era da Bulgária. Trouxera o filho de cinco anos que sofria de epilepsia.

— E porque vêm ter comigo da Bulgária? Afinal transmiti aos médicos locais a metodologia de tratamento de muitas doenças. Seguramente sabem tratar não pior do que eu.

A consulta durou muito tempo. A nenhum doente nesse dia recusou Djuna, embora eu visse como estava terrivelmente cansada. E à frente, como sempre, esperava-a uma noite sem dormir. No poema "O meu dia" escreveu a verdade absoluta:

O dia começa à meia-noite, O dia encontro-o com esperança, Pois no momento do seu nascimento Não durmo, não estou com amigos Que vieram Para com palavra e obra ajudar, Sustentar as minhas forças.

A noite flui suavemente para a manhã, Os amanheceres trazem-me sonhos Sobre vidas passadas e futuras, Sobre a infinitude do mundo, Sobre a eternidade e a imortalidade.

Claro, os amigos vêm à noite não só para ajudar Djuna, mas também para se carregarem da sua energia inesgotável.

Nos últimos tempos encontro-me cada vez mais raramente com Djuna. Não se consegue acompanhá-la. Hoje está nos EUA, amanhã na Finlândia. Só num ano esteve pelo menos dez vezes em diversos países. Todo o mundo precisa de Djuna!

Mas mesmo quando Djuna está em Moscovo, não tem tempo livre e conversar a sério, sentar-se, discutir, debater resultados de experiências praticamente não conseguimos. No seu pequeno apartamento há sempre muita gente. Vêm amigos, vêm amigos de amigos, diplomatas, cientistas, jornalistas, pintores. E hóspedes estrangeiros em casa dela não são raridade. A todos é preciso dedicar pelo menos alguns minutos. E embora cada amigo faça de conta que só passou para ver a luz ou que tinha saudades porque não via Djuna há muito, ela sabe — todos esperam ajuda dela.

E Djuna senta-se ora ao lado de um, ora de outro e começa a fazer passes devagar. Quase nunca a vi, conversando com alguém, não trabalhar ao mesmo tempo. Eis que está sentado um poeta conhecido no mundo inteiro e Djuna, conversando com ele, passa a mão perto da têmpora dele. E inesperadamente, interrompendo o discurso no ponto mais interessante, declara:

— Pronto, por hoje tudo. A cabeça não dói. Mas a velha lesão ainda dará sinal de si mais de uma vez. Por isso passa por cá.

O poeta está claramente embaraçado.

— Djunotchka, afinal vim ter contigo não para me tratar. Apetecia-me conversar, ler poemas.

— Sei, sei. E sobre poemas ainda falaremos. Até de manhã há tempo. Mas por agora desculpa-me. Tenho de ver o Sacha. Pensas

que ele veio convidar-me para mais um concerto? Nada disso, vejo que teve novo agravamento.

Mas uma vez tive sorte. Djuna pediu-me que passasse relativamente cedo — por volta das duas da tarde. Não se admirem, é realmente cedo. Afinal Djuna deita-se não antes das 7-8 da manhã. E antes da minha chegada ainda tinha muito que fazer.

Tomamos o pequeno-almoço juntos (para Djuna é apenas pequeno-almoço) — comemos papas de aveia. O telefone está desligado, as chamadas não atrapalham. Em casa só o filho Vakho e o irmão Volódia. Sorte extraordinária! Djuna conta sobre si. Que pena que nesse dia não tinha gravador...

— Sabe, tive um pai extraordinário. Carinhoso. Nunca me tocou com um dedo. E trabalhador, sempre a fazer qualquer coisa. Mas doía-lhe muitas vezes as costas. Já nessa altura, quando eu era muito pequena, pressentia as minhas capacidades. Sabe o que fazia? Deitava-se de barriga para baixo e pedia que eu lhe pisasse as costas. E afinal eu nem quatro anos tinha. E o que pensa? As dores passavam.

— Acontece que, Djuna, não só as mãos, mas também os pés têm força curadora?

— Claro. Em geral, o pai usava muitas vezes as minhas capacidades. Doía-lhe a cabeça, chamava-me. Acariciava-o, a dor passava. Mas tudo isso não é assim tão interessante. Querem que vos conte melhor que casos extraordinários aconteciam comigo na infância?

Na nossa família havia muitos filhos. Mas especialmente me atormentava o irmão mais novo. Nessa altura tinha apenas dois anos e a mãe obrigava-me a cuidar dele. E eu queria tanto correr a brincar com os meus pares. Mas que fazer — irmão é irmão. Uma vez levava-o ao colo passando por um poço fundo no nosso quintal. E de repente uma força desconhecida arrancou-o das mãos e atirou-o com força para o poço!

Ao notar o meu olhar incrédulo, Djuna animou-se. Os olhos dela dilataram-se, brilharam, pareciam literalmente lançar relâmpagos.

— Juro-lhe, alguém arrancou a criança das mãos e atirou-a para o poço. Eu própria não o atirei.

— Morreu? — horrorizei-me.

— Não, mergulhei imediatamente no poço. E é fundo e estreito, não consigo virar-me lá dentro. Olhem, está desenhado aqui.

Na cozinha, na parede, ao lado de trabalhos antigos de Djuna, pendura um desenho em que se vê uma casinha simpática e um pequeno poço.

— Djuna, e o que aconteceu depois?

— Empurrei-o com os pés para fora do poço e eu própria não conseguia sair. Não sei quanto tempo lá estive, acho que cinco minutos, não menos. O irmãozinho correu para casa e começou a chamar a mãe. Ela não percebia nada e o irmão não conseguia explicar a sério, quase nem falava na altura. A mãe correu para o alpendre e começou a chamar-me. E o irmão aproximou-se do poço e apontava com o dedinho — ali, ali. Quando a mãe percebeu que eu estava no poço, desmaiou. Ainda bem que o Volódia estava em casa, foi ele que me tirou. E o que é admirável! Nos meus pulmões nem uma gota de água. E não perdi a consciência.

Naturalmente, o relato de Djuna não me cabe na cabeça e de novo os olhos dela brilham de indignação justa.

— Não acredita? Juro por Vakho — não há ninguém mais querido para mim no mundo. Volódia, Volódia! Vem cá, conta como me tiraste do poço.

Volódia confirma que Djuna esteve bastante tempo no poço. A mãe teve tempo de mudar a roupa molhada ao irmãozinho.

— E este está longe de ser o único milagre que me aconteceu na infância. Uma vez previ um terramoto, mas na aldeia ninguém acreditou em mim. E pagaram caro por isso.

Após o terramoto começaram a tratar-me mal na nossa pequena aldeia. Os rapazes chamavam-me "chiddá" — feiticeira em assírio, não me davam passagem.

E quantos escárnios suportei quando estudava na universidade popular. Os professores não conseguiam aceitar que eu podia tratar sem medicamentos.

E eis que um dos professores no exame estatal me diz:

— Queres o diploma, cose uma ferida sem agulha nem ligadura.

Ora, pensei, está tudo perdido. Não vou ter diploma. E de repente ouvi a voz do pai. Sim, sim, não se admirem. Ouvi claramente a voz dele:

— Jenuchka, cola. Jenuchka, cola.

Percebi que era preciso colar as bordas. Para sorte, a ferida do doente era cortada, as bordas mais ou menos regulares. Comecei a apertá-las uma contra a outra e a sussurrar para mim:

— Colam-se, colam-se, colam-se.

Não posso dizer exatamente quanto tempo "imergi" sobre o doente. Mas as bordas colaram-se. Toda a comissão estatal viu. E recebi o diploma.

— Djuna, e como acabou em Moscovo?

— Ora, isso é uma história à parte. O meu marido em Tbilissi ocupava um cargo bastante elevado. Através dele, não sem ajuda de pessoas muito influentes, vim parar a Moscovo. Primeiro vivi num hotel. E quando Brejnev falou favoravelmente de mim, deram-me apartamento. Como veem, o apartamento não é mau, no centro da cidade, mas muito apertado. Acreditem, às vezes chegam tantos

parentes que não há onde deitar. Dormem não só no chão dos quartos, mas também no corredor.

Eu sabia-o bem. Muitas vezes no apartamento dela não havia onde virar-se. E parentes a dormir no chão eu via. E não só parentes. Às vezes alguém pedia a Djuna para tratar um conhecido de fora e ele não tinha onde ficar. Muitas vezes também esse doente encontrava abrigo na casa superlotada de Djuna.

Djuna entretanto continuava:

— Sabem como amo Vakho. Uma vez, ele tinha apenas seis anos, adoeceu. Pus o diagnóstico imediatamente — sarcoma da coxa. Temperatura altíssima, estava a morrer. E então decidi que morreria com o filho. Não quero recordar isso. Dez dias sem me afastar dele. Dormíamos juntos. Quase não punha comida na boca. Acariciava e acariciava a perna doente dele, dias inteiros sem tirar as mãos do local afetado. E eis que ao décimo dia a ferida abriu-se. Se vissem quanto pus saiu! E depois as coisas começaram a melhorar. Aos poucos a ferida começou a limpar-se e agora — tfu, tfu, tfu! — o meu filho está saudável.

— Djuna, mas disseram-me que Vakho teve osteomielite aguda.

A indignação de Djuna não tem limites.

— Quem lhe pôde dizer tal disparate! Já viram em osteomielite um tumor do tamanho de uma bola de futebol? Tenho radiografias. Querem, mostro-as?

Não percebo muito bem de radiografias e não as vi. Mas como gostaria que Djuna se enganasse. Doença demasiado traiçoeira — sarcoma.

— Mas durante a doença Vakho salvou-me a mim. Era pequeno, mas percebeu que eu podia morrer. Afinal tantos dias sem comer. Lembro-me, uma vez desmaiei. E ele não se afastava de mim, abraçava-me o pescoço com os bracinhos e não largava. Quando recobrei os sentidos, pensei que passara um minuto. Olhei para o

relógio — profunda noite. Imaginem, várias horas sem se afastar de mim, tinha medo de me deixar. Tenho a certeza de que ele, embora muito fraco, me deu parte da sua energia. Só por isso não morri.

E ainda sobre um episódio da vida de Djuna ouvi nesse dia.

Aconteceu durante as filmagens do filme "Juventude do génio", no qual Djuna representava um pequeno mas extremamente interessante papel de jovem vidente luna. Em muitos aspetos representava a si própria — afinal é verdadeira vidente, o que provou várias vezes durante as filmagens.

O filme "Juventude do génio" é dedicado ao grande médico e filósofo do Oriente Avicena. Nesse dia estava previsto filmar o episódio em que o jovem Avicena, fugindo dos perseguidores, devia galopar num cavalo. O papel principal era representado pelo jovem e talentoso ator Bakhtiar Zakirov.

— De repente percebi claramente que passados alguns minutos Bakhtiar deixaria de existir. Morreria debaixo dos cascos do cavalo. Que fazer? Bakhtiar já estava maquilhado e daqui a pouco começava a filmagem do episódio. Aproximei-me dele e disse: "Não deixo, não galopas, neste episódio filma-se o duplo".

Bakhtiar olhou-me admirado.

— O que se passa, Djuna? Sou mau cavaleiro?

— Acredita em mim, espera-te uma desgraça. Nem o duplo a evitará, mas a ele a morte não ameaça. Ficará vivo.

Bakhtiar não acreditava. Tentava objetar, mas eu fui inflexível. Provavelmente sentiu que eu estava preocupada a sério e cedeu. Começaram a preparar o duplo para as filmagens.

Porque agi assim, depressa todos perceberam. A todo o galope o cavalo tropeça e o duplo voa da sela. Foi um espetáculo terrível. Corremos todos para ele. Estava inconsciente e as tentativas dos médicos de o reanimar foram inúteis. Afastei decididamente os médicos, declarando que me ocuparia eu do ferido.

Como trabalho — sabem perfeitamente. Era preciso subir a tensão arterial, reforçar a atividade cardíaca, e isso é apenas questão de técnica. Passados uns quinze minutos o rapaz abriu os olhos, olhou-me admirado, depois para os atores e médicos que o rodeavam. E passados mais alguns minutos contava:

— Não percebo como o cavalo pôde tropeçar num local completamente plano. Mas tropeçou e eu voei da sela. Já caindo, vi que voava de cabeça contra uma pedra enorme. Para sorte, ainda não tirara o pé esquerdo do estribo. Com esforço de vontade consegui mudar a trajetória da queda e literalmente mergulhei debaixo da barriga do cavalo. Mas, caindo, o cavalo bateu-me com o casco no peito. O que aconteceu depois — não recordo.

Imaginem como ele se ofendeu comigo quando lhe disse que hoje salvara a vida a Bakhtiar. "A ele poupaste, e a mim decidiste mandar para morte certa". Mas eu sabia que a morte não o ameaçava. Afinal era muito mais experiente que Bakhtiar e de forma alguma devia morrer. Depressa me perdoou e até ao fim das filmagens tivemos ótimas relações.

— Djuna, mas não se podiam ter adiado as filmagens para o dia seguinte e assim não haveria desgraça?

— A queda do cavaleiro do cavalo era inevitável. Não importava quando se filmasse este episódio, acabaria sempre de forma dramática. De dois males era preciso escolher o menor e, como veem, fiz a escolha certa. Aliás, quem acreditaria em mim nesse momento que o cavalo tropeçaria e o cavaleiro voaria da sela. Afinal nessa altura ainda não era a Djuna que sou agora.

Mesmo assim parecia-me que Djuna enfeitara um pouco o relato. Talvez realmente pressentisse que Bakhtiar estava em perigo, mas saber tudo de antemão!... Incompreensível para a mente! E recentemente no livro de D. Tchijkov "Reflexo" encontrei descrição pormenorizada deste episódio. Não, Djuna não enfeitou nada. Tudo aconteceu exatamente assim.

Quem pelo menos uma vez experimentou em si a influência das mãos mágicas de Djuna tornava-se para sempre admirador do seu talento. Parecia que aqui tudo estava claro. Era preciso usar este dom maravilhoso, dar possibilidade a Djuna de tratar pessoas doentes e, finalmente, estudar as capacidades de pessoas como Djuna. Mas isso é claro para nós. Para aqueles de quem dependem os nossos destinos, de todo não era claro o que fazer com Djuna.

Uma vez, numa das idas a Moscovo, encontrei Djuna num estado de grande excitação.

— Sabem, agora tudo mudará. O Ministério da Saúde da URSS prometeu dar-me uma clínica, na qual poderei tratar doentes e realizar investigações. Mas para isso devo escrever um artigo para o jornal e contar sobre as minhas capacidades, o que posso fazer, que doenças posso tratar. Após isso a questão da clínica será resolvida. Ajudem-me, estou tão emocionada que não consigo concentrar os pensamentos.

E eis que nos fechamos de olhares alheios e compomos um pequeno artigo para a "Rossia Soviética". Parece-me que o artigo saiu bem. Djuna também está satisfeita.

Mesmo assim nessa noite saí da casa hospitaleira no Arbat com claro pressentimento de desgraça iminente. Afastava pensamentos sombrios, convencia-me de que me enganava, desgraças não havia de onde vir.

Passados alguns dias abri a "Rossia Soviética" e logo reparei na coluna na terceira página "Perguntas a um 'psíquico' e a sua confissão". A palavra psíquico estava entre aspas. Transcrevo integralmente a resposta de Djuna às perguntas que lhe fizeram:

"Em ligação com a publicação 'Mãos curadoras' recebi grande quantidade de cartas, nas quais os leitores perguntam: posso pôr diagnóstico por fotografias, tratar à distância, dedico-me ao espiritismo, posso mover objetos... Quero dizer imediatamente com toda a franqueza — não possuo tais forças.

Alguns leitores interessam-se pela essência da minha metodologia terapêutica, de que modo atuo no processo patológico... Penso que com esta pergunta se deve dirigir aos cientistas — físicos e médicos, com os quais trabalhei e trabalho em contacto estreito. Pelo grupo de físicos do Instituto de Radiotécnica e Eletrónica, dirigido pelo académico Iú. V. Guliaev e pelo doutor em ciências É. É. Godik, com aparelho especial foi realizado estudo comparativo dos campos físicos do grupo de controlo e do meu. Foram registadas as seguintes alterações dos campos físicos no regime de trabalho perto das palmas das mãos: radiação térmica infravermelha, aumento da intensidade de luminescência ótica muito fraca, aumento do campo magnético.

Os cientistas médicos consideram que as particularidades detetadas estão ligadas à regulação neuroendócrina, em primeiro lugar hormonas peptídicas, em particular melatonina, hormona da epífise, bem como ao sistema endócrino periférico (o chamado sistema APUD). Mas isto é por enquanto apenas hipótese dos cientistas, que precisa de verificação experimental séria.

Eu própria posso dizer que as minhas mãos sentem por natureza a dor de outrem. Tocando no local doente, elimino em vários casos o processo patológico. Este fenómeno verifica-se não só clinicamente, mas também com aparelho moderno, testes laboratoriais finos.

Quero fazer uma comparação com a mulher que amamenta o bebé. Ela sente onde no bebé começa a desordem no organismo; para mais, tocando com as mãos no filho querido, acariciando o local doente, acalma e normaliza o estado da criança. Parece-me que tal comparação com as mãos da mãe dá em certa medida ideia da essência biológica da minha influência no doente.

Como médica sou contra falsas sensações, publicidade, diagnóstico baseado em intuição e suposições, promessas infundadas de cura onde o processo foi longe. Em primeiro lugar

falo de doenças oncológicas. Neste caso pode perder-se tempo para intervenção radical (tratamento cirúrgico) no órgão afetado.

O método de massagem de contacto e à distância que uso pode aplicar-se apenas em complexo com outros métodos. Na medicina não há nem pode haver panaceia para todas as doenças.

Em conclusão quero dizer que sou muito grata ao Ministério da Saúde da URSS e aos especialistas médicos com os quais colaboro estreitamente há longo tempo. O trabalho conjunto permitiu avançar várias novas hipóteses que explicam a natureza deste fenómeno".

Parecia uma carta como outra qualquer. Nela não há nada que lance sombra sobre Djuna e o seu método. Mas tal impressão podia surgir só em pessoa não iniciada nos "segredos do palácio de Madrid". Djuna por qualquer razão confessou que era apenas massagista, pois usa massagem de contacto e à distância. E tratar só pode "algumas doenças", e isso se o processo patológico "não tiver ido longe demais". E ao Ministério da Saúde da URSS, que literalmente a perseguiu durante muitos anos, é muito grata. Assim a opinião pública pode ficar tranquila.

Psíquicos não existem, há apenas um pequeno segredo relativo à metodologia de massagem. E aprender a tratar como Djuna é capaz quase qualquer pessoa.

A aparição da carta de Djuna na "Rossia Soviética" inspirou os adversários dos métodos terapêuticos psíquicos. Quantos artigos desmascaradores apareceram desde então nas páginas da nossa imprensa superobjetiva! E no campo dos admiradores de Djuna começou a desordem. Nesses dias bastava falar das capacidades dos psíquicos para logo soar a pergunta: "Leu o artigo no jornal 'Rossia Soviética'? Então porque nos conta anedotas sobre Djuna e semelhantes? Afinal ela própria confessou que não é psíquica, apenas massagista".

Que se podia objetar? Contar que a carta para o jornal escreveu-a naturalmente Djuna, mas alguém a corrigiu decididamente no último momento?

Só mais tarde soube que Djuna, para salvar a causa a que dedicara toda a vida e na esperança de obter clínica para experiências, foi a este compromisso. Penso que houve aqui também algo do desespero que a invadiu.

Em minutos de tal desespero, quando lhe parecia que não conseguia convencer os poderosos deste mundo, quando do ecrã da televisão soavam palavras desprezíveis "certa curandeira Djuna", quando na imprensa apareceram ataques malévolos do académico N. N. Blokhine e outros, Djuna garantia que deixaria este país, partiria para Itália ou América, enfim, para onde sabem apreciar talentos.

Mas passava um dia, outro, a ofensa esquecia-se e de novo Djuna descia ao quartinho no sótão para atender doentes.

Não se pode dizer que os cientistas ignorassem Djuna. Três anos trabalhou como investigadora científica sénior no Instituto de Radiotécnica e Eletrónica (IRÉ) da AN da URSS. Em resultado das investigações apareceram na imprensa dois artigos interessantíssimos.

— Imaginem só — queixava-se Djuna. — Matei três anos nestas experiências. Tantos anos fui, na prática, cobaia. E finalmente aparecem artigos. Como trabalhadora científica tinha direito a coautoria?

Nada disso! Nos trabalhos nem me mencionavam. Como se eu não existisse.

Experiências surpreendentes realizou com Djuna o professor Arséni Nikolaievitch Medelianovski. Sobre uma delas vale a pena contar mais pormenorizadamente.

Diante de Djuna uma rã com medula espinal danificada e caixa torácica aberta. Pode observar-se como lhe trabalha o coração. Experiência simples, com ela provavelmente está familiarizado qualquer escolar, quanto mais estudante do segundo ano do instituto médico. Como a medula espinal está destruída, ao coração não podem chegar impulsos pelos chamados nervos simpáticos, que reforçam e aceleram o trabalho do coração.

Mas o coração da rã está privado também da outra — inervação parassimpática, e portanto através do sistema nervoso não se pode diminuir o ritmo e a força das contrações cardíacas. Mas talvez com a energia gerada pelas mãos humanas se consiga alterar a atividade do coração denervado?

À rã aproxima-se um colaborador do laboratório e tenta atuar sobre ela com as mãos. Nenhum efeito — o coração bate no mesmo ritmo e com a mesma força. Aproxima-se o segundo — quadro análogo. Depois à rã aproxima-se Djuna e aproxima as mãos do coração. Não vi esta experiência, mas imagino bem como ela o faz. As mãos dela são muito bonitas, dedos longos como de pianista. Eis que agora começa a fazer passes, como se tivesse diante não uma rã mas um paciente.

O coração não "responde" imediatamente às ações de Djuna. Passam alguns minutos e os registadores num aparelho muito sensível começam a notar que o ritmo da atividade cardíaca diminuiu. E aí começaram milagres que nem ao fantasista mais inventivo ocorreriam.

Passes análogos Djuna faz sobre um voluntário situado noutro canto do laboratório. Passados alguns minutos nele mudam a tensão arterial, a frequência das contrações cardíacas e da respiração. Mas o que acontece com o coração isolado da rã — afinal Djuna "esqueceu-se" dele?

Acontece que o coração da rã "não se esqueceu" das ações das mãos de Djuna. Os aparelhos registadores mostram que agora

contrai-se muito mais forte e frequentemente. Ora vejam! Acontece que o coração isolado percebe a energia de irritação criada pelas mãos do psíquico através de intermediário — o coração do operador!

Muitas vezes me convenci de com que vontade Djuna participa em experiências. Por mais ocupada que esteja, se há experiência prevista, larga tudo, adia encontros de trabalho, cancela encontros com amigos e até recusa concertos.

— Não, não posso. Apareceu inesperadamente um professor de Chita com quem fazemos experiências. Amanhã há uma experiência interessantíssima.

No decurso das experiências abriam-se involuntariamente novas e novas capacidades invulgares de Djuna.

Em tubos de ensaio sangue, plasma, eritrócitos. O sangue foi tirado de pessoas diferentes — homens e mulheres. Os tubos estão colocados num suporte e sobre eles estendem-se os dedos elegantes de Djuna. E aí decidi fazer uma pequena astúcia.

— Djuna, diga lá, em que tubos está sangue de homens e em quais de mulheres?

Um segundo de silêncio e segue-se resposta completamente correta.

Peço a Djuna que se vire de costas, troco os tubos de lugar e volto a fazer a mesma pergunta. E de novo resposta absolutamente correta. Então complico a experiência.

— Djuna, em que tubos está sangue de jovens e em quais de idosos?

Aqui quero abrir-vos um pequeno segredo. O sangue foi tirado de mim (longe de ser jovem) e de três jovens colaboradores do instituto. Mas de propósito fiz a pergunta sobre sangue de idosos.

Mas Djuna não se engana. A resposta é sem erro: apenas no último tubo está sangue de pessoa idosa. E de repente uma declaração inesperada:

— Neste tubo os eritrócitos são de doente.

— Djuna, isso não pode ser! No tubo estão eritrócitos de carneiro. São necessários para testar a experiência. Nesse caso tira-se sangue de animal saudável.

— O carneiro está doente. Tem inflamação.

E de novo, como se verificou depois, Djuna tinha razão.

Sim, Djuna pode muito. Não deixar escapar, estudar as suas capacidades e tentar usá-las em benefício do homem — tarefa difícil, mas nobre.

Mas Djuna não é só curandeira. Sem dúvida, os amantes de poesia sabem que escreve bons poemas. Muitos deles foram musicados. A editora "Compositor Soviético" publicou o livro "Canções de Djuna", na editora "Livro" saiu um pequeno livro de poemas. Os poemas dela podem chamar-se "poesia energética". Às vezes parece-me que com poemas de Djuna se podem tratar pessoas doentes.

A saúde das pessoas, a sua felicidade — É a minha Atlântida, Para ela vou. Para ela vou através de desgraças, Ofensas, incompreensão, Para que a vitória do bem Brilhe como estrela matutina. Para ela vou através de perdas, Voando sobre fossos de sofrimento, Acreditando na luz distante E sem discutir com inveja má.

Neste poema não só o credo de Djuna, é a sua vida longe de fácil.

Muitas vezes Djuna interpreta ela própria as canções. É muito musical e não me admiraria se um dia soubesse que escreve música. Mas especialmente muito tempo dedica Djuna à pintura. Trabalha

numa tela com fúria, até ao esgotamento completo. Uma vez mostrou-me as mãos esfoladas até ao sangue.

— Pintei toda a noite e esfregava as tintas na tela. Vejam o que saiu.

E vi na tela fresca, que representava uma mulher jovem muito parecida com Djuna, pequenas manchas de sangue.

— Djuna, o que faz? Não se pode tratar assim as suas mãos. Vão perder a sensibilidade.

— Nada, a arte exige sacrifícios — riu-se Djuna.

Trabalhando na tela Djuna esquece tudo. Não repara no que se passa à volta. Nesse momento pode literalmente andar-se de cabeça para baixo — Djuna está completamente absorvida no processo criativo e os amigos sabem: melhor não a interromper no trabalho, pode-se levar com uma descompostura.

Ilia Kleiner contou-me uma vez:

— Djuna não só possui capacidade colossal de trabalho e laboriosidade. Literalmente agarra tudo em voo. Começou a aprender pintura bastante tarde. E tais sucessos! Sabem, os quadros dela estiveram em várias exposições sólidas no estrangeiro. A isso pode invejar qualquer pintor dotado.

Não sou especialista e, infelizmente, não percebo muito bem de pintura. Mas muito do que pinta Djuna agrada-me. Nas telas Djuna muitas vezes põe sentido filosófico profundo. Djuna é incrivelmente generosa e disso muitas vezes se aproveitam os amigos e admiradores. Quantos quadros "fugiram" da casa dela para coleções privadas! E naturalmente, tudo isso presentes. E quantos foram vendidos em leilões de caridade...

Hoje Djuna é reconhecida, e não só no nosso país. Em 1989 foi nomeada a mulher mais extraordinária do planeta. Nos últimos anos esteve em muitos países do mundo. Interveio em Congressos Mundiais e simpósios sobre métodos não tradicionais de

diagnóstico e terapia, realizou sessões massivas em auditórios enormes. Tenho uma fotografia em que Djuna realiza sessão semelhante em Roma. Eis o que ela conta:

— Pedi a todos os presentes que levantassem as mãos e eu durante um minuto comecei a enviar sinais para a sala. Avisei que os presentes poderiam ter sensações diferentes. E eis que, quando a maioria das pessoas captou o meu sinal, na sala ouviu-se um grito de entusiasmo. Os italianos são um povo incrivelmente temperamental. Imaginem que rugido foi aquele.

Na fotografia vê-se como os presentes saltaram dos lugares e estendem as mãos para Djuna.

— Depois pedi aos médicos presentes na sala que subissem ao palco com os seus pacientes. Propus aos médicos experimentarem em si próprios as minhas influências. A todos os que subiram da sala verificaram o pulso, estava dentro da norma — não mais de 80 batimentos por minuto. E depois com o método de massagem sem contacto trabalhei com cada um dos pacientes. E o que aconteceu — o número de contrações cardíacas duplicou, em pacientes individuais era mais de 150 batimentos por minuto. E eu com os modos conhecidos de vós voltei a levar o pulso à norma. Se vissem o que se passou após a sessão. De todos os lados estendiam-se mãos para mim, pediam autógrafos, suplicavam cura de maleitas. Mas o que podia eu fazer em tão curto espaço de tempo? Convidei os médicos italianos a vir à União e prometi ensinar-lhes alguns dos meus modos.

No Vaticano Djuna encontrou-se com o Papa. Só resta admirar que de todos os participantes do Congresso Mundial "Fenómenos misteriosos na terra e no céu" o Papa convidasse para audiência apenas esta frágil feiticeira. Ela contava-me:

— Ainda em Moscovo pressentia que obrigatoriamente me encontraria com o Papa e especialmente para ele pintava "Maria Madalena". O nosso encontro devia acontecer após a missa. Mas

quando me aproximava da praça desabou um aguaceiro terrível. Literalmente implorei: "Deus, se existes no mundo, faz com que a chuva pare". E imaginem, por um instante o aguaceiro parou. Atravessei felizmente a praça diante da catedral sem estragar a tela. E eis que o aguaceiro recomeçou. Quando entrei na catedral, o Papa viu-me e acenou amavelmente com a mão. Após a missa aproximei-me dele. Olhou longamente as minhas mãos. A nossa conversa durou literalmente 2-3 minutos. Contei-lhe que por formação sou médica e ofereci a tela. Agradeceu-me. A tela, parece, agradou-lhe.

Em abril de 1989 Djuna participou no congresso sobre métodos não tradicionais de terapia em Atenas. Preparámos cuidadosamente o relatório. No congresso Djuna devia pela primeira vez apresentar os resultados das nossas investigações conjuntas na área da fisiologia e patologia da imunidade e hemostase. Este exame passou-o com honra. Foi premiada com grande medalha de ouro da Academia Diplomática da ONU "Pelo humanismo". Foi-lhe atribuído o título honorífico de doutora em medicina e entregue pequena medalha de ouro por méritos na área do estudo de métodos não tradicionais de terapia. Finalmente, foi premiada com a ordem de cavaleiro da Cruz de Malta — distintivo de reconhecimento internacional. E agora é até difícil enumerar as suas numerosas distinções internacionais.

No XVIII Congresso Mundial da associação internacional de medicina tradicional e alternativa, que decorreu em Havana, Djuna foi eleita presidente da associação, distinguida com o bastão de presidente e a mais alta distinção médica — ordem de 1.º grau do Templo de Jerusalém. Foi-lhe também entregue diploma que lhe dá direito a ensinar todos os médicos do mundo em qualquer ponto do planeta.

No total Djuna tem 28 distinções internacionais.

Em 1989, numa sessão do colégio do Comité Estatal de Invenções e Descobertas do Comité Estatal da URSS para ciência e técnica, foi entregue a Djuna o Distintivo de Inventor da URSS e

diploma de autoria. Com estas distinções Djuna foi premiada por nova tecnologia de tratamento de doenças como hipertensão e distonia vegeto-vascular. Sobre a alta eficácia dos métodos propostos por Djuna para tratamento de muitas doenças fala o facto de que uma série dos seus trabalhos é patenteada em diversos países — EUA, Áustria, Alemanha, Japão, França, Egipto, Israel e outros.

E recentemente soube que Djuna inventou um biorrobô, pela produção do qual nos EUA lhe ofereceram milhões de dólares. E o que fez Djuna? Recusou a proposta para preservar o prioridade de produção para a Rússia.

O biorrobô inventado por Djuna deve reproduzir o seu biocampo e assim tratar doentes.

Mas que Djuna me perdoe — o biorrobô poderá reproduzir apenas parte do seu biocampo e dificilmente algum dia substituirá a própria Djuna.

A atividade de Djuna é aprovada pela igreja cristã. Ainda na altura em que ela, não reconhecida e perseguida pelos poderosos deste mundo, tentava provar que com massagem sem contacto se podem tratar diversas doenças, o Patriarca Pimen convidou-a. Mais tarde o senhor recebeu Djuna várias vezes nos seus aposentos, conversou longamente com ela, abençoou-a para boas obras e ofereceu de lembrança um relógio de ouro marca “Naira” com pulseira de ouro adornada de ametistas. E que pecado esconder, embora Djuna, como todas as mulheres, adore muito joias, nunca a vi pôr no pulso este relógio. O presente do Patriarca guarda-o como santuário.

No verão de 1991 foi entregue a Djuna um passaporte extraordinário. Na primeira página deste documento em inglês está escrito:

“O Presidente da sociedade de representantes diplomáticos da Organização Mundial Orbis dirige-se a todos os diplomatas,

cônsules, representantes civis e militares com pedido para prestar máxima atenção ao portador deste passaporte e usar todas as possibilidades legais, bem como exceções às regras, para ajudar ao máximo a realização da sua missão sem quaisquer obstáculos".

A Organização Mundial Orbis foi fundada em 1963. Passaportes semelhantes entrega o presidente da sociedade às pessoas mais conhecidas, lutadores pela paz em todo o planeta. A propósito, pessoas distinguidas com esta honra são muito poucas, o de Djuna é o nº 239. É a única possuidora dele no nosso país.

Em 1991 em Moscovo realizou-se a abertura da Academia Internacional de direções alternativas na ciência "Djuna", cuja presidente foi por unanimidade eleita E. Iú. Davitachvili. E pouco depois em Moscovo decorreu com sucesso o Congresso Mundial de bioenergética, cuja iniciadora e organizadora também foi Djuna. Apesar do agosto inquieto de 1991, no congresso reuniram-se cientistas extraordinários de mais de 80 países do mundo. Em nome da Associação Mundial de medicina tradicional e alternativa, bem como da Academia Internacional de bioenergética, a Djuna foi atribuído o direito de premiar cientistas e figuras públicas especialmente distinguidos com a ordem da Deusa Bau — padroeira assíria das ciências e da medicina.

Doze de janeiro de 1993 — data memorável na vida de Djuna. Nesse dia o conselho de veteranos "em sinal de reconhecimento pela sua preocupação multianual com os guerreiros do Afeganistão e em sinal de cooperação futura" atribuiu-lhe o título honorífico de general-coronel do serviço médico com direito a usar uniforme.

Penso que Djuna é uma das poucas, se não a única mulher distinguida com tão alta honra militar.

Nos últimos tempos nem sempre consigo falar com Djuna ao telefone. Ligo para Moscovo e sei que está na Grécia. Deve chegar daqui a uma semana. Realmente, uma semana depois já está em Moscovo, mas passam mais alguns dias — e voa para o Sri Lanka.

Muitas vezes Djuna está em diversas cidades da CEI, muitos querem encontrar-se com ela, partilhar as suas desgraças. E se houver pelo menos mínima possibilidade — Djuna cumpre sempre os pedidos. Realiza lições de saúde, responde a numerosas perguntas, lê os seus poemas, partilha planos. Estes encontros são extraordinariamente interessantes e absolutamente imprevisíveis. Nunca se sabe com o que Djuna admirará a audiência no momento seguinte. E admirar ela sabe. Inesperadamente pode dirigir-se a uma pessoa sentada na terceira, quinta ou décima fila e dizer que deve prestar atenção ao seu fígado.

A um jovem casal pode prever longa vida feliz conjunta. Mas acrescentar como que de passagem: se o jovem for um pouco mais atento aos problemas da sua companheira. E pela forma como a cor cobre o rosto do jovem, todos percebem que Djuna acertou em cheio.

Mas numa das idas a Moscovo tive de novo sorte. Djuna acabara de regressar de Itália e não tencionava voar para lado nenhum nos próximos dias.

Fiquei admirado ao saber que regressara a casa apenas na véspera tarde da noite e passara toda a noite na oficina diante do cavalete.

— Tinha tantas saudades. Mal podia esperar para pegar no pincel. Vejam o que pintei.

Na maioria das vezes Djuna pinta mulheres. São mulheres invulgares, bonitas. Cada desenho tem um profundo sentido filosófico. Disso pode convencer-se quem viu os originais ou fotografias dos desenhos de Djuna. Mas hoje não estou para criatividade. À casa de Djuna trouxe-me não só a vontade de encontrar uma amiga, mas uma grande desgraça.

Adoeceu uma antiga colaboradora minha. O diagnóstico é terrível e implacável — cancro do rim. Felizmente, não há metástases. Mas há outra desgraça — tromboflebite. Afetadas veias

superficiais e profundas das duas pernas. Numa delas uma grande úlcera trófica.

O prognóstico numa situação semelhante é extremamente desfavorável. A coisa complica-se ainda pelo facto de a minha amiga na juventude ter sofrido embolia da artéria pulmonar. Um trombo soltou-se e obstruiu um grande vaso sanguíneo que traz sangue aos pulmões. Nessa altura mal a conseguiram salvar.

— Djuna, perdoe-me, mas hoje não estou para pintura.

Djuna está claramente desiludida. Não nos víamos há quase um ano e, claro, queria mostrar-me os novos trabalhos. Para mais, uma das telas com o título "Extraterrestre" pintara-a especialmente para mim.

Explico o que aconteceu na casa dos meus grandes amigos. Djuna fica imediatamente séria. Por um instante fecha os olhos e "retira-se" para dentro de si. Literalmente um minuto depois diz devagar:

— O tumor no rim direito realmente existe, mas parece-me que é um quisto. Aliás, a resposta final dará a operação. É preciso operar. Mas a sua amiga suportará bem a operação. É uma pessoa muito corajosa. Tenho a certeza de que não acontecerá desgraça.

Nada a dizer — prognóstico otimista. Já o médico assistente — especialista com grande experiência — não dava absolutamente garantias de que a doente se levantasse da mesa de operações.

No dia seguinte voava para Chita. Não, o prognóstico de Djuna não me acalmou, a sensação de ansiedade permaneceu. Já o marido da doente acreditou nas palavras da vidente — animou-se visivelmente. O facto é que algo semelhante ouvira na véspera de outra mulher psíquica, cujo apelido infelizmente não sei.

— Imaginem, dizem a mesma coisa. Verdade, a antecessora de Djuna não exclui que o tumor seja mesmo maligno, mas o prognóstico coincide completamente.

A operação, que durou mais de duas horas, correu bem. Complicações, que os médicos tanto temiam, não houve. Dois meses depois a doente teve alta do internamento, passou um curso de tratamento num centro de reabilitação. A desgraça passou.

Agora Djuna praticamente não atende doentes. Só trata os amigos e amigos dos amigos. E para isso não tem tempo.

Mas Djuna tem uma quantidade de alunos e seguidores. Espalharam-se pelas cidades da Rússia e do estrangeiro próximo. Não poucos profissionais de saúde de Chita passaram formação no centro científico-metodológico "Djuna" e agora tratam com grande sucesso os nossos conterrâneos. A própria Djuna realiza aulas de vez em quando.

Mas o objetivo principal dela é criar um manual para médicos. E não só para psíquicos, mas para todos os que desejam aprender os métodos de massagem sem contacto.

Com Djuna aprendem pessoas com formação médica. Ela considera que só um médico pode usar corretamente os conhecimentos adquiridos em benefício dos doentes. E ao mesmo tempo, segundo Djuna, a sua metodologia deve entrar em cada casa. Os métodos mais simples de massagem sem contacto pode dominá-los qualquer pessoa, para no momento necessário prestar ajuda imediata a familiares, amigos e próximos.

ÍDOLOS DO FIM DO SÉCULO XX

A crítica injusta muitas vezes é um elogio disfarçado.

D. Carnegie

Uma vez recebi pelo correio um recorte de jornal e, infelizmente, ainda hoje não sei de qual. No artigo enviado havia mais um desmascaramento de "mistificadores da ciência" — o doutor Jiang Kanchzhen, A. Tchumak e outros. O artigo era ignorante, não continha argumentos sérios. Não agradaram ao autor

A. Glubokov Tchumak e Kanchzhen e decidiu estigmatizá-los. Mas a nota ao artigo revelou-se realmente interessante.

"Bom dia, Elena Fedorovna envia-lhe o artigo. O senhor defende ativamente no rádio Djuna, A. Tchumak, A. Kashpirovski e outros. Hipnose, telepatia — tudo isso mentira, invenção com fins lucrativos! Sempre se disse: 'A religião é ópio para o povo'. E estes impostores, sensitivos e telepáticos — o mesmo mal. Tchumak é como o herói literário Luka: 'Calma, não reajam a nada'... Apelo antiperestroika!"

Oh, como ainda vive forte em nós o desejo de ser legislador na última instância! Se eu penso assim, não ouses pensar diferente! Mas tentemos analisar objetivamente o que nos trazem as sessões de teleterapia.

Portanto, hoje mais uma sessão de Anatólia Mikhailovitch Kashpirovski. Nesse dia procuro libertar-me mais cedo. E não é porque eu, como todos os outros, queira livrar-me das minhas maleitas. Alegro-me por haver encontro com uma pessoa interessante que promete cura a milhões de doentes. Alegro-me porque a psicoterapia, a que não só os doentes como os trabalhadores médicos olhavam com grande desdém, conquista firmemente as suas posições.

Mas o que mais me interessa é outra coisa — quero penetrar nos segredos do fenómeno Kashpirovski. Sem dúvida, Kashpirovski é uma pessoa longe do comum. Não duvido de que é médico talentoso, "engenheiro de almas humanas", que percebe bem a psicologia do doente. Mas será só isso? Será só com métodos psicoterapêuticos que Anatólia Mikhailovitch Kashpirovski alcança curas maravilhosas?

Ora bem, preparem-se, senhores, sentem-se mais confortavelmente na poltrona ou no sofá, relaxem e vejamos juntos e analisemos o que se passa no ecrã.

Eis que aparece ele, ídolo de milhões. Mulheres jovens olham-no com adoração, velhos e velhas — com esperança, crianças —

com sofrimento petrificado nos olhos, muitos homens — com ceticismo saudável.

Com que começa a sessão? Antes de mais com publicidade. Sim, diante de nós um realizador que pensou tudo bem. Neste espetáculo é argumentista, ator, responsável pela parte musical e operário de palco.

Recordemos o primeiro encontro com Kashpirovski no estúdio de concertos de Ostankino, transmitido pela Televisão Central. Portanto, nos vossos ecrãs Anatólia Kashpirovski.

"Olá, camaradas! Para este encontro convosco caminhei vinte e sete anos. E não simplesmente caminhei — abri caminho, forcei passagem, caí, mas levantava-me sempre."

Ao ouvir estas palavras, cada um inevitavelmente fica alerta. Se uma pessoa tenta durante vinte e sete anos abrir caminho até às pessoas, então realmente tem o que dizer.

"Parece-me que hoje muitas pessoas poderão ouvir coisas importantes para si. Afinal quero contar sobre conclusões que fiz, comunicando com milhões de pessoas. Milhões de pessoas olharam-me nos olhos, mas também eu olhei nos olhos de milhões... A comunicação com grandes grupos de pacientes permitiu-me ver melhor as possibilidades do homem... O nosso organismo representa um sistema farmacêutico complicadíssimo que pode produzir quaisquer medicamentos. Mas considero ainda não descoberto o grupo de substâncias que se produzem no momento de stress, o sentir ou influência psíquica, neste caso terapêutica."

Portanto, sob a influência das sessões psicoterapêuticas televisivas no vosso organismo devem aparecer substâncias medicinais próprias, ainda desconhecidas da ciência, capazes de vos livrar de quaisquer maleitas.

Ora, como não confiar num tal homem e não tentar a sorte de se livrar das doenças sentado diante do ecrã da televisão! Porque não combinar o útil com o agradável?

Mas isto é só a abertura. Depois começa o próprio espetáculo. Diante de nós passa uma procissão de doentes. Mulheres com lágrimas nos olhos contam os sofrimentos que suportaram. Mas Kashpirovski realizou apenas uma sessão, no máximo duas, três, cinco — e diante de nós uma senhora completamente saudável, rejuvenescida, simpática. Todos os sofrimentos ficaram para trás, começou uma nova vida.

Eis que vemos uma mulher que emagreceu durante o tratamento com Kashpirovski mais de cem quilos, eis diante de nós um homem que se livrou de tromboflebite, eis um cego que começou a ver, eis um surdo que agora ouve a fala, eis uma menina doente de doença terrível, praticamente incurável — paralisia cerebral infantil. Vemos que ela dá os primeiros passos, ainda inseguros, diz: "Obrigada, tio Kashpirovski" e involuntariamente nos vêm lágrimas aos olhos.

Mas a impressão mais forte deixam os doentes curados de cancro. Imaginem — cirurgiões recusaram operar, o doente condenado à morte. Mas o mago e feiticeiro A. M. Kashpirovski realizou realmente milagre dos milagres — o tumor desapareceu, as metástases derretem-se à vista, o condenado à morte pensa viver até aos cem anos.

Não sorriam céticos. Tudo o que vos mostram é a verdade absoluta. É mesmo assim.

Talvez Kashpirovski ajude só doentes com quem entra em contacto direto? Afinal viaja com toda uma comitiva de doentes. Até no ecrã vemos muitas vezes os mesmos rostos: em Moscovo, Kiev e outras cidades. E que fazer aos que recebem sessões psicoterapêuticas pela televisão?

Acontece que também a esses doentes Kashpirovski traz cura. Disso sabemos por telegramas. De onde não chegam! Imaginem: onde Moscovo e onde Magadan, Vladivostok, Komsomolsk-no-

Amure, Iujno-Sakhalinsk, Kuriles. A todos, todos pode ajudar independentemente da distância A. M. Kashpirovski.

Sem dúvida, o que acontece é uma preparação psicológica talentosa. Se ajudou um doente em Vladivostok, porque a mim, que vivo muito mais perto — em Tula, Voronej, até em Irkutsk e Chita —, não deve ajudar?

Em que sou pior do que aquele felizardo de Iujno-Sakhalinsk que se livrou de diabetes mellitus, tromboflebite, úlcera trófica e osteocondrose?

Não tem razão quem considera que a sessão de terapia começa apenas com a aparição de Kashpirovski no ecrã da televisão. A sessão psicoterapêutica começou muito antes, já quando leram que no sábado às 21 horas 05 minutos haveria novo encontro com A. Kashpirovski. Se realmente as doenças vos atormentam, se desejam livrar-se delas, estão preparados de antemão para se sentirem após a sessão muito melhor. Eis o que diz sobre o papel da preparação dos telespectadores para o método psicoterapêutico de tratamento o próprio Kashpirovski:

— A televisão é meio autoritário. As pessoas consideram: tudo o que se mostra na televisão é verificado. Por isso aparece forte efeito de sugestão. Sublinho, fala-se não de sessões de hipnose, mas de sessões de sugestão, embora em algumas delas surjam elementos de hipnose (*Gazeta Médica*. 1989, 6 de setembro).

O espetáculo extraordinário continua. Ficam a saber que Kashpirovski é pessoa muito bondosa e benevolente, que os meios arrecadados doa para o desenvolvimento da saúde. Dezenas de milhares de rublos ofereceu para a construção de centro de reabilitação para guerreiros do Afeganistão, comprou centenas de milhares de rublos em seringas descartáveis. Cuida de todos — crianças, jovens, velhos e velhas. E isso também impressiona a nossa imaginação. O seu desinteresse é mais um trunfo com que se alcança o efeito terapêutico. Se uma pessoa dá tudo ao doente, se o

faz desinteressadamente, pode confiar-se nele. E confiam realmente neste homem, acreditam nele como em Deus.

Mas eis que ficam a saber novos pormenores. Quanto trabalha este homem! Acontece que hoje dormiu apenas quatro horas! Todo o resto do tempo dado às pessoas. Isso impressiona, faz acreditar no mago e feiticeiro.

Mas Kashpirovski cuida também da própria saúde. Mostra-vos como se martiriza com exercícios físicos complicadíssimos. E faz isso não só para si — é preciso às pessoas, deve viver muito para o bem da humanidade e estar sempre em excelente forma.

Há também outro aspeto do problema. Uma coisa é quando vos trata uma pessoa saudável que aprendeu a vencer maleitas e outra quando diante de vós está um ser franzino incapaz de lidar com as próprias doenças. Não, digam o que disserem, A. M. Kashpirovski é verdadeiro atleta, pessoa de grande força de vontade e a ele, claro, se pode confiar.

Não menos importante no espetáculo é a cultura de comunicação. Na conversa Kashpirovski refere-se muitas vezes à história, mitologia, biografias de grandes pessoas. Isso também impressiona. Diante de vós uma pessoa desenvolvida de forma versátil, com boa memória e maneiras. Então como não acreditar numa tal pessoa?! E acreditamos em cada palavra dele.

Finalmente começa a própria sessão terapêutica. Veem no ecrã os olhos enormes de Anatólia Mikhailovitch. O olhar fixo dele trespassa-vos. Sentem a vontade inflexível deste homem. Esse olhar não só hipnotiza e obriga a submeter-se, esses olhos obrigam-vos a acreditar e esperar cura rápida. E do ecrã soa música que chama à luta por si, pela própria vida, pela saúde. A música primeiro acalma, depois provoca sensação de ansiedade e finalmente soa otimista e afirmativa. Vocês são vencedores, venceram a vossa maleita. E se a vitória não veio hoje, virá obrigatoriamente amanhã. Sob a música flui a fala pausada de Kashpirovski. E aqui ele é único. É aí que se

manifesta o seu talento individual. A fala dele é pura improvisação. Não, sem dúvida pensou no que ia falar, mas cada vez fala de forma diferente. Não impõe, ao contrário de outros psicoterapeutas, a vossa vontade. Por vezes parece que nem realiza sessão terapêutica. Muitas vezes dá a impressão de que fala de temas abstratos. E entretanto sentem que a fala dele vos adormece ou provoca sonolência.

Por momentos desligam-se por algum tempo e não conseguem recordar o que dizia Kashpirovski. E há quem adormece logo às primeiras palavras dele e não recorda absolutamente o que se passa durante a sessão.

E finalmente há espectadores que durante a sessão não sentem nada e olham para tudo o que acontece não só com desconfiança mas com desdém — afinal tudo isso é pura tolice. Na sala, dizem, estão patos de capoeira com quem o maestro combinou tudo de antemão. Esses viram a cabeça, acenam os braços, nadam, andam como sonâmbulos. Mas a mim não me enganam, eu não caio nessa.

Tais céticos não são assim tão poucos. Muitas vezes ouvi declarações semelhantes. Mas posso garantir-vos: se quisesse, Kashpirovski poderia fazer muitos deles acreditar na força da sugestão e submeter à sua vontade. Simplesmente nesta situação não lhe é preciso.

A sessão de telepsicoterapia continua. Como conduz taticamente Kashpirovski! Não pressiona a vossa psique, não tenta obrigar-vos a dormir, atua no vosso subconsciente. "Quando começa a sessão — diz A. Kashpirovski —, procuro distrair a consciência (nas nossas sessões há barulho incrível, soa música, entram pessoas, conversam). Neste caso a informação sobre perturbações como que se manifesta e o cérebro envia ao local da "desgraça" os seus medicamentos internos".

Segundo Kashpirovski, o organismo deve encontrar sozinho o que tratar, pois a sessão mobiliza as possibilidades de reserva do

homem, obriga-o a lutar contra as maleitas. Quero recordar que no subconsciente do doente atuava também o notável psiquiatra, psicanalista Sigmund Freud e com isso alcançava resultados extraordinários.

Mas Kashpirovski influencia os doentes de outra forma. Não trata uma doença concreta, procura atuar no organismo de modo a normalizar a sua atividade independentemente do processo patológico existente. E sem dúvida, muitas vezes consegue-o.

Mas será que Kashpirovski influencia apenas o vosso subconsciente? Claro que não. Atua também na consciência, especialmente nas pessoas com sugestionabilidade elevada.

Como que de passagem declara: "Tenho a certeza de que muitos doentes amanhã irão ao dentista e extrairão dentes sem dor nenhuma." E realmente, no dia seguinte os dentistas muitas vezes têm avalancha. E afinal os que recebiam as sessões estavam convencidos de que estas palavras não tinham nada a ver com eles.

"O vizinho talvez vá amanhã ao dentista extrair dentes doentes, mas a mim isso não é preciso." E muitas vezes engana-se. Precisamente aquele que menos queria ir ao dentista acaba na consulta dele. As palavras ditas por Kashpirovski como que se "encravaram" na consciência dele e uma força desconhecida no dia seguinte literalmente "arrastou-o" ao dentista para extrair o dente que há muito o atormentava. E o mais surpreendente — não foi preciso anestesia.

"Muitos doentes após a minha sessão começarão a reabsorver cicatrizes, crianças que sofrem de enurese (incontinência noturna de urina. — B. K.) começarão a acordar de noite, nos doentes com diabetes mellitus baixará o conteúdo de açúcar." E de novo dito como que de passagem, sem insistência, e o efeito sem dúvida haverá.

E surgirá naquele que menos o espera.

Tfu, tfu, tfu! Por enquanto Deus é misericordioso comigo, mas também eu, como qualquer que passou dos sessenta, tenho as minhas doenças e livrar-me delas não seria mau. E também eu, como milhões de outros telespectadores, sento-me diante do ecrã, sem prestar muita atenção ao que proclama ao mundo o notável psicoterapeuta. Recebi não assim tantas sessões — não mais de três ou quatro. Mas as dores nas costas diminuíram claramente, agora não sinto fadiga nas costas quando passo muito tempo à máquina de escrever. E afinal da osteocondrose pensava menos que tudo quando recebia as sessões do grande mago e feiticeiro.

Portanto, chegámos à conclusão de que Kashpirovski prepara os doentes para as sessões de teleterapia, que é capaz de atuar simultaneamente na vossa consciência e no subconsciente. Através do sistema nervoso mobiliza as forças defensivas do organismo, normaliza as inter-relações neuroendócrinas, intervém no decurso dos processos metabólicos.

E mesmo assim, mesmo assim, mesmo assim! Só com psicoterapia explicar a reabsorção de cicatrizes, cura do cancro, restabelecimento da fala após AVC, melhoria da visão em doentes com atrofia do nervo ótico? Não, isso não cabe na cabeça.

Escuto atentamente o que diz o grande maestro. Proclama:

"Atuo em vós não só com palavras, mas também quando me calo." Ora, isto já é muito interessante. Não conheço psicoterapeuta que trate doentes com silêncio.

"Durante a sessão tudo pode desempenhar papel importante — olhar, gesto, mímica." Isso sem dúvida é assim. Entra no arsenal de meios terapêuticos do psicoterapeuta.

Mas afinal isso está longe de ser o principal. E aqui quero exprimir um pensamento herético, pelo qual o próprio Kashpirovski seguramente me anatematizaria.

Mas antes alguns exemplos.

"Na minha filha de seis meses após as suas sessões passou a hérnia umbilical" — lê Kashpirovski um dos telegramas. Meu Deus, não estará aqui uma dos enigmas do fenómeno Kashpirovski? Quantas vezes tive não só de ver como de ouvir como as avós "desenfeitavam" hérnia.

Não terá Anatólia Mikhailovitch descoberto o segredo delas? E que tem isso a ver, perdoem, com psicoterapia, afinal fala-se de uma menina de seis meses?

Tais telegramas não são assim tão poucos. Curou uma criança de um ano, ajudou um bebé de oito meses, ajudou um recém-nascido. Será tudo isso com psicoterapia — influência na consciência e subconsciente?

E finalmente, como trovão em céu claro:

"No meu cão após as suas sessões desapareceu a belida no olho." Acreditar que cães estão sujeitos a psicoterapia — isso ultrapassa as forças até do fisiologista mais comum. Não, caro Anatólia Mikhailovitch, o senhor não é só psicoterapeuta se é capaz de curar bebés, cães e gatos. Estas propriedades dominam-nas perfeitamente Djuna, A. M. Tulupov e muitos psíquicos. E não tenho uma gota de dúvida de que A. M. Kashpirovski é psíquico de alta classe, embora deteste esta palavra e o diga na rádio e na imprensa.

"Mas onde estão as provas?" — perguntará o leitor e terá sem dúvida razão. Procurarei apresentar essas provas.

Antes de mais, com ajuda de biorrampa A. M. Tulupov mediu diretamente do ecrã da televisão o biopotencial de Kashpirovski. Fazer isso a um psíquico qualificado é completamente simples. Com habilidade e vontade nem ecrã de televisão é preciso. O biopotencial de Kashpirovski revelou-se bastante elevado, não menor que o de Tchumak. Não sei se Kashpirovski sabe disto, afinal indigna-se tão sinceramente por terem deixado psíquicos chegar ao ecrã da televisão.

Mas este argumento convencerá longe de todos. Pouco importa o que inventámos eu e Tulupov! São precisas provas mais convincentes.

Já disse que sob a influência de atuações psíquicas altera-se a composição do sangue — melhoram os indicadores da imunidade, altera-se a capacidade de coagulação. Ora bem, vejamos o que acontece com o sangue se Kashpirovski o "desenfeitiçar" do ecrã da televisão.

E eis um tubo de ensaio com sangue diante do ecrã da televisão, quando passa um dos programas tradicionais. Absolutamente nenhum efeito. Nem o texto nem o encanto do apresentador produzem no sangue absolutamente nenhuma ação.

E agora no ecrã da televisão Kashpirovski. E muito em breve no sangue ocorrem as mesmas alterações que sob a ação das mãos ou do olhar de Tulupov — mudam os indicadores da imunidade, altera-se a coagulabilidade do sangue. Queira ou não Kashpirovski, mas ele é o mais verdadeiro psíquico!

Mas Tulupov não se fica por esta prova. Numa fita de gravador comum grava-se uma sessão de Kashpirovski, depois a fita passa diante do tubo de ensaio com sangue. E de novo nele ocorrem as mesmas alterações que sob influência de atuações psíquicas.

Então o quê, talvez as células do sangue "ouçam" o que lhes diz Kashpirovski, talvez reajam à voz dele? Que milagres não nos apresenta a ciência nos últimos anos!

E eis o gravador com gravação da sessão de Kashpirovski ligado, mas o som retirado. Naturalmente, ao tubo de ensaio com sangue tanto faz se há som ou não. As alterações no sangue ocorrem as mesmas que durante a sessão.

A 11 de outubro de 1990 no programa "Noticiário Científico" interveio o académico V. P. Kaznatcheev. Não tenho a certeza de reproduzir exatamente as palavras dele, mas o sentido é o seguinte: "O que faz A. M. Kashpirovski não se pode chamar só psicoterapia,

embora exista elemento de influência psicoterapêutica. O principal nas suas sessões é transmissão de energia. E aqui não desempenha papel a distância. Para mais, se a transmissão é pela televisão, atua principalmente no paciente a energia e em pequena medida a psicoterapia".

Ora vejam porque são tão eficazes as sessões psicoterapêuticas televisivas de Kashpirovski! Ora vejam porque até pessoas que não acreditam em psicoterapia ou que olham com desdém para psíquicos se curam após sessões das mais diversas doenças. Ora vejam porque Kashpirovski, ao contrário de outros psicoterapeutas, consegue às vezes não só com perturbações funcionais mas com graves doenças orgânicas.

Opinião semelhante sobre Kashpirovski exprime Bulat Okudjava. "É realmente bom psicoterapeuta. Ao trabalhar individualmente com grupo selecionado de pessoas, coloca-as na sala e essas com o seu comportamento, com o seu biocampo (sublinhado por mim. — B. K.) atuam na restante massa" (*AiF*. 1989. Nº 51).

Não sendo especialista, Okudjava desvendou em muito o que constitui o sucesso do fenómeno Kashpirovski. E só se enganou num ponto. Não só as pessoas que acompanham Kashpirovski atuam na sala, em não menor medida atua nos doentes com o seu campo o próprio Kashpirovski.

E eis a opinião sobre Kashpirovski de um cientista sólido, especialista na área da fisiologia do sistema nervoso central, académica Natália Petrovna Bekhtereva:

"Sem dúvida, é um dos psíquicos mais capazes. Ao nível da consciência quotidiana circulou durante muito tempo a questão — será Kashpirovski charlatão ou não. Não é charlatão, embora, penso, a muitos viveria muito mais tranquilo se todos os psíquicos resultassem charlatães... A influência psíquica realmente chama à vida, "tira" reservas, depósitos do organismo previstos pela natureza (*Ciência e Religião*. 1992. Nº 3).

Penso que Kashpirovski adivinha que é psíquico. “Talvez não seja modesto da minha parte — declara ao correspondente da “Komsomolskaia Pravda” —, mas tenho a certeza de que não há provavelmente nenhum psíquico que eu não repita e não há nenhum psíquico que repita a mim”.

Garanto-vos, é uma declaração muito precipitada. Encontrar-se-ão centenas de psíquicos que, como Kashpirovski, poderão anestesiar o paciente e ajudar o cirurgião a realizar operações sem narcose. E ao mesmo tempo Kashpirovski sem treino não conseguirá fazer o que faz um psíquico de primeira classe com grande experiência.

E agora algumas palavras gostaria de dizer sobre as sessões de Alan Vladimirovitch Tchumak. Não duvido minimamente de que Tchumak também atua como psicoterapeuta, embora nunca o diga. Dezenas de testemunhos de curas milagrosas de pessoas, centenas de telegramas que chegam de todos os cantos do mundo, literalmente centenas de milhares de cartas que soterraram a televisão preparam os telespectadores para a sessão iminente, infundem fé na cura das maleitas.

Mas Alan Vladimirovitch é também excelente psíquico que possui não só biocampo forte como dominou muitos segredos psíquicos de tratamento. E se Kashpirovski em primeiro lugar atua nos doentes como psicoterapeuta e em segundo como psíquico, já Tchumak, pelo contrário, antes de mais psíquico e só em segundo psicoterapeuta. Não me cabe julgar o que é melhor, o primeiro ou o segundo. Penso que tanto um como outro é bom. A uns doentes ajuda melhor Kashpirovski, a outros Tchumak. Por isso não sou pelo antagonismo, mas pela cooperação entre eles.

E mesmo assim gostaria de apresentar provas a favor de que Tchumak realmente é capaz com ajuda de “estranhos movimentos corporais” realizados no ecrã da televisão de ajudar doentes. Nos presentes nas sessões de terapia de Tchumak pode surgir involuntariamente a pergunta como é possível fornecer todo o

globo terrestre com a sua energia, dando-a literalmente a milhões de pessoas doentes.

Acreditem, A. Tchumak não dá a sua energia. Nesse caso não chegaria para alguns doentes. O facto é que o espaço que nos rodeia não é vazio. Está literalmente cheio de energia que é preciso saber extrair e dirigir em benefício do homem. É exatamente isso que faz Tchumak.

A energia espalhada no universo é inesgotável e dela há bastante para, com uso habilidoso, tornar feliz a humanidade.

O próprio Tchumak explica o efeito terapêutico das sessões televisivas da seguinte forma:

"Na minha imaginação crio certa imagem de pessoa saudável, espiritualmente orientada, desinibida, livre, calma, alegre. Ou seja, entro no estado em que gostaria de ver as pessoas que me rodeiam. E quero transmitir-lhes o meu estado. Os físicos dirão: é preciso possuir energia incrível para transmitir a todo o país este envio energético. Nada se transmite e nada se obtém. Em mim, como manchas de tinta em mata-borrão, imprimem-se as maleitas dos que vieram aos ecrãs de televisão para esta sessão. E eu, falando por imagens, absorvo estas maleitas, começo a limpar este mata-borrão..."

Quero garantir que isto é apenas sensação subjetiva de Tchumak. Na realidade tudo é muito mais complicado.

Investigações interessantíssimas diante do ecrã da televisão, quando passavam sessões de Tchumak, realizou o investigador sénior do Centro Científico de Toda a União de Reabilitação Médica e Fisioterapia V. Kisselev. Eis como descreve estas experiências:

"1. Diante do ecrã da televisão foi instalado um aparelho capaz de registar e avaliar o indicador integral do potencial energético do homem (o seu biocampo). O aparelho permite medir a componente do campo do sujeito investigado pelo indicador que está na mão do operador... Antes desta experiência não conseguira registar qualquer

campo eletromagnético (biocampo) irradiado do ecrã durante intervenção de qualquer pessoa.

Quando começou a intervenção de Tchumak, o aparelho registou o aparecimento de campo eletromagnético que se fixava a uma distância de 7 metros do ecrã.

Em condições habituais ao determinar o indicador integral do potencial energético a pessoa deve colocar a mão no gerador do aparelho... Pode afastar a mão do gerador 5-6 cm, após o que o sinal extingue-se. Entre A. V. Tchumak, que está no ecrã, e o aparelho havia 7 metros, ou seja, o biocampo de Tchumak revelou-se mais forte que o biocampo de pessoa comum mais de 140 vezes. As investigações realizaram-se repetidas vezes... a cerca de 100 km de Ostankino e em Moscovo...

2. Diante do ecrã sentou-se uma pessoa, atrás da qual também se registava o bioimpulso do psíquico. Quando diante do ecrã colocaram rede metálica, o bioimpulso desapareceu.

3. Diante do ecrã colocaram dois copos com água. No primeiro água crua tirada da torneira... O segundo copo estava cheio de água fervida, onde se detetava campo eletromagnético. Após a sessão de A. Tchumak verificou-se que a água nos dois copos tem campos eletromagnéticos iguais, a água crua adquiriu "saúde", ou seja, tornou-se eletrocapacitante.

4. Numa fita magnética comum gravou-se uma sessão de A. Tchumak. Mais tarde, quando a sessão acabou, ao ouvir a fita "muda" detetou-se bioimpulso que se espalhava por 1,5 metro, ou seja, a força do seu biocampo também era superior ao campo de pessoa padrão 30 vezes".

A mim, como a vós, caros leitores, é difícil imaginar porque o ecrã da televisão é capaz de irradiar ondas eletromagnéticas geradas por Tchumak, tal como a fita "silenciosa" com gravação das sessões

dele. Mas duvidar da veracidade dos dados obtidos por um cientista muito sério V. Kisselev não há razões.

Mas numa coisa estou profundamente convencido. Kisselev registava apenas parte insignificante da energia, nomeadamente ondas eletromagnéticas geradas pelo psíquico. A outra energia, pouco estudada, gerada por Tchumak, não conhece barreiras, não é por natureza ondas eletromagnéticas e com aparelhos usados por Kisselev não pode ser registada.

A 22 de julho de 1989 Tchumak no programa televisivo "Isto podem vocês" mostrou como sob a sua influência baixa no ar a concentração de vapores de mercúrio em 30%. E isso foi fixado por aparelho sensível. Então o quê, "passou" os vapores de mercúrio por si, neutralizou-os no seu organismo? Qualquer toxicologista dir-vos-á que isso é impossível.

Mas possível é outra coisa. Sob a influência da bioenergia gerada (ou obtida do ambiente circundante) pelo psíquico altera-se a composição química do ar, pois uns átomos passam a outros. Estes factos parecem completamente incríveis, mas foram obtidos em experiências cujos resultados foram relatados muitas vezes em conferências e congressos de toda a União e internacionais. Em particular, o professor da Universidade de Alma-Ata V. M. Iniuchine ainda em 1986 provou que sob a influência de atuações psíquicas no sangue contido num tubo de ensaio aumenta a concentração de ferro e zinco.

Agora estes dados encontraram confirmação nas investigações de outros cientistas (V. Bondarev).

Como mostraram experiências realizadas no Instituto de Altas Temperaturas da AN da Rússia, sob a influência das atuações de Tchumak altera-se a estrutura da água. Naturalmente, tais mudanças também só podem ocorrer em resultado de influências energéticas poderosas. Aparelhos precisos são capazes de registar atuações do psíquico a distância gigantesca. Quero recordar que o psíquico E.

Dubitski, estando em Moscovo, em alguns segundos avariou o aparelho que registava temperatura em Sófia. Então que energia pode possuir o homem para dar ordem ao aparelho não só alterar a temperatura (o que aconteceu) como avariá-lo com ajuda de influência bioenergética?

Não duvido que um experimento semelhante esteja ao alcance de Tchumak.

Aliás, ouçamo-lo a ele próprio.

"Foram realizados experimentos, atuei sobre objetos inanimados. E os resultados são completamente fantásticos. Suponhamos influência num termóstato. Dizem-me: 'És psíquico, vamos, atua. É preciso subir ou baixar a temperatura'. Trabalho noutra sala, à distância. Disse: 'Agora a temperatura vai subir'. E subiu. 'E agora vai baixar'. E baixou."

Segundo dados do doutor em ciências técnicas, académico F. Khantseverov, copresidente do comité para problemas de troca energoinformacional na natureza, criado na União das sociedades científicas e de engenharia, "com fiabilidade superior a noventa por cento está provado o fenómeno de interação à distância de objetos biológicos e físicos. Com fiabilidade próxima dos cem por cento está confirmado o impacto à distância em objetos biológicos por irradiações e campos que não são eletromagnéticos. Verificou-se que estes campos e irradiações praticamente não têm limitações de distância e atuam no organismo vivo através de quaisquer ecrãs, incluindo metálicos" (*Trud*. 26 de agosto de 1989).

Penso que estes factos devem convencer os céticos mais empedernidos. Mas talvez isso se aplique a outros psíquicos e não tenha relação nenhuma com as sessões terapêuticas de Tchumak?

Aqui ajudou-nos de novo o tubo de ensaio com sangue. A. M. Tulupov "gravou" o silêncio de Tchumak numa fita magnética e depois passou-a diante do tubo de ensaio com sangue. E o que pensam? As células do sangue "sentiram" o silêncio dele e reagiram

como reagem às ações diretas do psíquico. Penso que estas experiências também devem convencer os céticos.

A. Tchumak numa entrevista dada à correspondente do jornal *Moskovskaia Pravda* A. Zinoviewa (13 de agosto de 1989), diz:

"... Compreendo as leis da forma, as leis da criatividade. E evidentemente há alguma ligação entre o facto de ter trabalhado na televisão e ter consciência da interligação com massas enormes de pessoas através do ecrã... Posso transferir para um objeto o meu estado e aí gerar esta energia que ajuda as pessoas. Em qualquer objeto. Ou seja, se entrar nesse estado e um fotógrafo me fotografar (tais experiências realizei em Kaunas), a minha fotografia cura. Realmente, fisicamente atua."

Não sorriam céticos, leitor. Acreditem que a bioenergia irradiada pelo homem fixa-se literalmente em todos os objetos, incluindo fotografias. Não é à toa que por fotografia se podem pôr diagnósticos e também tratar com a sua ajuda, atuando sobre ela. Incrível, mas facto!

A. V. Tchumak recomenda durante a sessão de teleterapia "carregar" com a sua bioenergia água, cremes, pomadas. Depois aconselha beber a água e aplicar os cremes e pomadas nos locais doentes. O professor A. Medelianovski numa conferência de imprensa para jornalistas soviéticos e estrangeiros, transmitida pela CT a 14 de outubro de 1989, informou que a água "carregada" por A. Tchumak altera a atividade do coração isolado da rã. Já a mim próprio coube convencer-me da eficácia dos modos de tratamento propostos por A. Tchumak.

Uma criança de seis meses tinha diatese exsudativa bastante grave. A criança arranhava o rosto com as mãos, as bochechas molhavam e supuravam. Os meios propostos pelos médicos não ajudavam. Mas bastou untar várias vezes os locais afetados com creme infantil "irradiado" durante a sessão televisiva de Tchumak para a diatese desaparecer sem deixar rasto.

Trago propositadamente este exemplo (poderia trazer dezenas de outros), porque neste caso está ausente o efeito da psicoterapia. A uma criança não se sugere que se aplica um creme especial que obrigatoriamente a ajudará a livrar-se da maleita. Mas ajudou.

Uma parente próxima minha tem rinite alérgica gravíssima. Todos os anos em agosto, mal começa a floração das ervas, chegam sofrimentos infernais. O lenço praticamente não se afasta do nariz. Dura assim um mês ou mês e meio.

Em agosto de 1989, quando passavam as sessões de terapia pela televisão, eu e a mulher recomendámos-lhe pingar no nariz água "carregada" por A. Tchumak. Convencê-la a fazer este procedimento custou grande esforço. "Experimentei todos os meios, incluindo tratar-me com psíquicos. Nada ajuda nem ajudará. Por isso nem vale a pena tentar" — declarava ela. Mas já após o primeiro procedimento (em cada narina pingavam-se 2-3 gotas) respirar tornou-se mais fácil. Esse ano foi o único em que em agosto quase passou sem lenço.

Também eu recebi sessões de Tchumak e bebi água "carregada" por ele. Não direi que havia necessidade aguda, mas a curiosidade picava, inquietava, como dizia I. P. Pavlov, o reflexo de investigação. Pelo caráter do meu trabalho muitas vezes estou em viagens distantes, quando a diferença horária chega a seis horas. Habitualmente após regresso do longínquo oeste a Chita é-me incrivelmente difícil adaptar-me à mudança de fuso horário. De noite não consigo dormir, de manhã mal abro os olhos, amaldiçoando tudo e todos.

Mas após as sessões de Tchumak adaptava-me facilmente, sem soníferos, maravilhosamente às novas condições. Adormecia à noite, de manhã acordava disposto e descansado. Repetiu-se três vezes, embora as viagens fossem longas. Melhorou significativamente o sono após as sessões de A. Tchumak também na minha mulher. Não penso que seja coincidência. Numerosas cartas e telegramas que

chegavam a Tchumak testemunham coloridamente a eficácia do tratamento aplicado.

Tchumak garante: o que ele pode fazer, ninguém mais fará. "O que propus distingue-se radicalmente de todos os fenómenos semelhantes. Porquê? Porque me atrevo a declarar que nada de semelhante existe no mundo? Significa que sou absolutamente único e melhor que predecessores análogos? Não. Sou simplesmente diferente. Vejo o mundo de outra forma. Sinto-o. Sei entrar em contacto com as pessoas de outra forma. Pode inventar-se formulações quaisquer, mas nenhuma responde à pergunta principal: o que é isso? E donde vem a energia criadora?... E energia muito forte, poderosa" (*Moskovskaia Pravda*. 13 de agosto de 1989).

Sem dúvida, Tchumak pode fazer o que centenas de outros psíquicos não conseguem. E mesmo assim atrevo-me a declarar que muito do que faz Tchumak repetirão com facilidade (sublinho: com facilidade) milhares de outros psíquicos. E sessões pela televisão podem realizar muitos psíquicos. E água e cremes podem carregar. Em particular, pedi muitas vezes a A. M. Tulupov que carregasse água para os meus amigos e conhecidos doentes. E embora seja pessoa extremamente ocupada, fazia-o sempre de bom grado. E essa água ajudava, tal como a água carregada por A. Tchumak.

Grande amiga da nossa família, talentosa poetisa de Chita, foi internada e sofreu operação pesadíssima na cavidade abdominal. Passou vários dias em reanimação. Não conseguia comer, recusava o sumo de arando preparado pela mãe. Mas quando lhe trouxeram água carregada por Tulupov, bebeu num dia litro e meio e no dia seguinte sentiu-se muito melhor. Não quero dizer que só a água carregada a ajudou, mas tenho a certeza de que no seu restabelecimento desempenhou papel longe de ser o último.

Sei que A. M. Tulupov gravava uma sessão de terapia numa fita magnética comum e depois passava-a aos seus pacientes. E ajudava.

Gostaria de chamar a atenção para mais um lado da atividade positiva de A. M. Kashpirovski e A. V. Tchumak. Quando aparecem no ecrã, as ruas das cidades e povoações esvaziam-se significativamente. Os trabalhadores da milícia constatam que nesse período diminui notavelmente o número de infrações — arruaceiros, ladrões, violadores e outras personalidades semelhantes também cuidam da própria saúde.

Então a quem e em que casos ajudam as sessões psicoterapêuticas de Kashpirovski e psíquicas de Tchumak? Mais correto seria pôr a pergunta de outra forma — porque nem em todos os casos se revelam eficazes estas sessões?

Sem dúvida, Kashpirovski ajuda em primeiro lugar aos que acreditam nele, aos que estão bem preparados para as sessões. Predominantemente são pessoas com perturbações funcionais, quando ainda não há lesões orgânicas graves. Mas não excluo que sob a influência da psicoterapia (precisamente psicoterapia) possam eliminar-se também algumas doenças orgânicas.

Kashpirovski ajuda também aos que não acreditam em psicoterapia e se sentam diante do ecrã simplesmente por curiosidade. Nesse caso pode atuar não só como psicoterapeuta, embora esta influência se manifeste mais fracamente que no primeiro grupo, mas também como psíquico.

Mas os psíquicos também ajudam longe de todos os doentes. As pessoas dividem-se pelo carga do biocampo em negativas e positivas. Negativas não significa más e positivas — boas. Simplesmente o homem lembra um modelo de íman bipolar. Se da cabeça ao púbis a pessoa tem carga positiva e do púbis aos calcanhares negativa, considera-se convencionalmente positiva, se os biocargas se dispõem de forma oposta — negativa. Verificar isso pode-se com ajuda de uma armação comum em G ou P, bem como âmbar ou anel de ouro pendurado num fio. No “plus” gira no sentido dos ponteiros do relógio, no “minus” — contra. A esmagadora maioria das pessoas, segundo investigações do

candidato em ciências geológico-mineralógicas Z. Grechichnikov e colegas A. Klimenko e A. Tarassov, está carregada positivamente. Pelas nossas observações, bem como do docente de Poltava V. V. Loiko, carga negativa têm não mais de 15% de todas as pessoas. Psíquicos carregados positivamente não podem tratar pessoas carregadas negativamente e vice-versa. Não sei como estão carregados Kashpirovski e Tchumak. Ouvi de psíquicos que Kashpirovski está carregado positivamente e Tchumak — negativamente. Mas estou longe de estar convencido de que seja assim.

O psíquico pode tratar apenas as pessoas cujo potencial é menor que o do curandeiro. Se esta diferença é pequena, o efeito alcança-se com mais dificuldade, são precisas não só sessões longas como muitas. Tais pessoas, com potencial relativamente elevado, são cerca de 10-15%. Dificilmente lhes ajudarão sessões de teleterapia. Aqui é preciso trabalho mais cuidadoso e minucioso do psíquico.

E agora imaginemos que o paciente tem potencial muito baixo e o curandeiro muito alto, ou seja, a diferença é demasiado grande. Para curar ou pelo menos aliviar um pouco o estado do doente, o psíquico deve dar quantidade colossal de energia. Dificilmente em sessões de teleterapia tal é possível. Eis mais uma fonte de "incuráveis" para os magos e feiticeiros Kashpirovski e Tchumak.

A. Medelianovski, respondendo à pergunta do correspondente da газета AiF, "todos os pessoas estão em igual grau sujeitas à influência do sensitivo", respondeu o seguinte:

"Naturalmente, pessoas diferentes são em grau diverso sensíveis à influência bioenergética. Para mais, alguns em virtude de exigências profissionais ou paixões desenvolvem inconscientemente defesa bastante forte contra tais influências. São regra geral dirigentes, desportistas, médicos, juristas, trabalhadores dos órgãos de manutenção da ordem, ou seja, pessoas que comunicam frequentemente com doentes, infelizes, caídos."

Finalmente, há doentes para cuja cura é preciso criar atmosfera favorável por muitos psíquicos.

Então valerá a pena realizar sessões de teleterapia? Talvez se deva ouvir a opinião dos que protestam categoricamente contra tais sessões? Abramos a *Literaturnaia Gazeta* de 25 de outubro de 1989. Oleg Mikhailov no "Diálogo da semana" polemiza com o conhecido crítico literário Lev Anninski: "Mas onde estão hoje as raparigas de Turgueniev?... Onde estão os Maksim Maksimovitch e capitães Tuchine?... Onde estão, finalmente, o starets Zossima e Aliocha Karamazov? Não estarão a assistir a sessões de magia negra de Kashpirovski e Alan Tchumak? A propósito, só numa sociedade ogoltelo-ateísta como a nossa é possível súbito, próximo da loucura, culto a psíquicos, magos, feiticeiros."

Então, talvez ouçamos a opinião de Oleg Mikhailov? A propósito, está longe de ser único. Não menos categórico nas declarações é o conhecido neurocirurgião, laureado do Prémio Estatal É. Kandel (*Izvestia*. 20 de outubro de 1989): "Às vezes surge até pensamento herético... Talvez tudo isto seja muito mais sério? Talvez a população seja astuciosamente enganada (consciente ou inconscientemente — isso é outra questão) com algum objetivo determinado. Realmente, para quê nos tomógrafos computorizados caros, aparelhos de ressonância magnética nuclear, aparelhagem supermoderna nas salas de operações — tudo com que estão saturadas as melhores clínicas de muitos países do mundo. Isso quase não temos, mas temos recém-aparecidos curandeiros milagreiros."

Sem dúvida, precisamos de tomógrafos computorizados, salas de operações bem equipadas e muito mais que não é nomeado no artigo do meu profundamente respeitado colega. Mas, acreditem, também dos curandeiros milagreiros não devemos renunciar.

Protestam contra sessões de psicoterapia pela televisão também muitos psiquiatras soviéticos destacados. Eis o que diz o

chefe da cátedra de psiquiatria do Instituto Central de Aperfeiçoamento de Médicos, professor V. Rojnov.

"Atuar sobre pessoa doente sem a ver — violação das bases mais elementares da ética médica. Não se pode fazer isso pela simples razão de que isso se transforma em espécie de epidemia psíquica: os doentes não querem saber de mais ninguém além de Kashpirovski. ... Mas criar ajuntamento em torno de uma personalidade é prejudicial. Sou pelo desenvolvimento da psicoterapia, mas não assim e não através do ecrã da televisão."

Opinião análoga tem o médico-psiquiatra V. Zaitsev: "Em que casos, em quem surge o efeito, quando surgem fenómenos secundários, quanto tempo dura o efeito — tudo isso deve estudar-se objetivamente. Inquieta o facto de que com tal tipo de influência esteja completamente ausente o diagnóstico do estado das pessoas. Como começa um médico a tratar um doente sem pôr diagnóstico prévio? Nesse caso estou convencido de que ao lado de influência positiva teremos sem dúvida uma série de casos em que esta influência levará às mais sérias consequências negativas."

E, finalmente, o diretor do Instituto de Investigação Científica de Psiquiatria de Moscovo, V. Kovaliov, declara: "Nenhum método psicoterapêutico, mesmo de grupo, pode ignorar as particularidades individuais da personalidade. Pode usar-se o método proposto pela televisão? Afirmo categoricamente — é prejudicial".

Mas talvez o adversário mais feroz das sessões psicoterapêuticas televisivas seja S. Leskov (*Izvestia*. 1 de outubro de 1989). Informa os leitores: "Chegam à redação cartas, o bem-estar após o "tratamento televisivo" piorou drasticamente. Acalmará a consciência do médico que "prejudicou" embora seja um único paciente, a destruição, como se expressa Kashpirovski, da "parede de silêncio" em torno do seu método? Não há preço, especialmente na medicina, que justifique quaisquer meios. E precisamente nesta área são especialmente inadmissíveis o ajuntamento e a escassez. Por isso ao nosso Ministério da Saúde, que parece estar em hipnose e

deixou a situação ao sabor da corrente, seria bom pensar no desenvolvimento de uma rede de gabinetes especializados, na preparação de psicoterapeutas qualificados... Aos defensores das sessões massivas é fácil apresentar argumentos em sua defesa. Já o dano, embora mais pesado, não se manifesta imediatamente. É bem conhecido: permanência frequente em estado hipnótico desenvolve nele uma necessidade semelhante à que sentem na sua paixão os toxicodependentes e alcoólicos...

As sessões massivas podem gerar problema desconhecido ainda em grandes escalas de "hipnonarcomania". As consequências são socialmente perigosas: diminui gradualmente a capacidade de análise crítica, aparece inclinação para comportamento espontâneo não motivado, no trabalho o hipnonarcomano confunde-se em situações onde antes se orientava sem dificuldade".

Penso que nos raciocínios de S. Leskov o perigo que ameaça a humanidade está exagerado. Sim, realmente, as primeiras sessões de psicoterapia podem causar agravamento da doença, especialmente se tiver caráter crónico. Mas afinal complicações temporárias semelhantes ocorrem muitas vezes também nos métodos tradicionais de tratamento, em particular na utilização de procedimentos fisioterapêuticos, acupunctura e outros. Os médicos sabem bem que muitas vezes a cura chega através do agravamento do processo patológico. Existem métodos (piroterapia e outros) em que o médico provoca propositadamente agravamento da doença para depois ser mais fácil lidar com ela. Não é preciso assustar-se demais com a piora do bem-estar durante as primeiras sessões, isso passa depressa e pode melhorar.

Acusações muito sérias contra Kashpirovski lançou o psicoterapeuta A. Arkhangelski (*Literaturnaia Gazeta*. 3 de dezembro de 1989). Chama a atenção para o facto de que o efeito analgésico na sugestão ou hipnose se alcança graças ao aumento no cérebro da produção de endorfinas endógenas (endorfinas). Estas substâncias sintetizam-se no tecido cerebral no momento da sessão

e pela força de ação superam 200 vezes a morfina comum. A dependência de hipnose não tem ampla difusão, pois o psicoterapeuta, ao notá-la, não só cessa as sessões como ao fim do curso de tratamento elimina a reação indesejada. Durante a sessão de Kashpirovski tal não acontece, o que, segundo o autor do artigo, pode levar a hipnomania em massa.

Penso que este perigo está fortemente exagerado. Já passou muito tempo desde que foram canceladas as sessões de Kashpirovski e não ouvi falar de um único caso de dependência de hipnose. E não havia bases sérias para o seu surgimento. É conhecido que o hipnotizador mergulha os pacientes em estado de hipnose profunda e com isso no curso de tratamento aplica de 6 a 10 sessões. Kashpirovski realizou apenas 6 sessões, usando influências relativamente fracas.

Entretanto o próprio Kashpirovski nota: "Sim, deparámo-nos com o facto de que após as sessões há percentagem mínima de contraindicações. Na Ucrânia isso foi 2 por mil (2 em mil), em 55 milhões — várias centenas de pessoas, ou menos. Aqueles cuja cabeça rodava ou que sentiam medos quaisquer".

Mas eis o que conta o candidato em ciências médicas, doutor em ciências psicológicas, professor V. Lebedev:

"Após a primeira sessão de A. M. Kashpirovski pelo primeiro canal da televisão (8 de outubro de 1989) realizámos investigação na base da 35.ª subestação da "urgência" da capital, que serve mais de 600 mil habitantes, policlínica nº 23 (3600 visitas por dia) e 19.º dispensário psiconervoso. Foi também tomada entrevista formalizada a representantes de diversos grupos da população (total 6000 pessoas). Durante as sessões e após elas durante algum tempo não houve chamadas à "urgência". Começaram cerca das duas da manhã, enquanto em dias normais o número delas a essa hora diminui. Principalmente eram doentes graves com crises hipertensivas, edemas pulmonares, perturbações do ritmo cardíaco.

O número de óbitos por dia contra o nível habitual aumentou quase 3 vezes".

Como veem, aqui a coisa é mais séria. Mas vejamos o que informa V. Lebedev mais adiante.

"... Muitos doentes, acreditando na força milagrosa de Tchumak e Kashpirovski, deixaram de tomar insulina, o que levou a comas gravíssimos. Oncologistas depararam-se com recusa de medicamentos por parte de toda uma série de pacientes, especialmente mulheres com tumor da mama, o que levou ao aparecimento de formas inoperáveis desta doença... Mas os mais vulneráveis foram os escolares, 93,4% dos quais foram envolvidos nas sessões televisivas, 42% dos quais caíram em sono hipnótico.

Durante a sessão nas crianças detetaram-se movimentos obsessivos, reações histéricas, fenómenos alucinatórios e outras perturbações psíquicas. Nos dias seguintes às sessões em 7,2% dos escolares registaram-se diversas formas de desadaptação psíquica (sonolência, excitação psicomotora, ansiedade, dor de cabeça, náuseas, vómitos, sonambulismo obsessivo, alucinações etc.). Em todo o país há internamentos de crianças em hospitais psiquiátricos".

Na primeira Conferência de Toda a União sobre troca bioinformacional ouvi muitas vezes que sob a influência das sessões de Kashpirovski ocorre "redistribuição de bioenergia entre adultos e crianças", que Kashpirovski "tira energia às crianças, à custa do que melhora o estado dos doentes adultos". Disso falavam até cientistas consagrados. Eu ouvia e não acreditava, como não acredito agora. Mas mesmo assim o que diz Lebedev não pode deixar de inquietar os médicos.

E decidi dirigir-me aos pediatras de Chita com a pergunta se realmente nas crianças após as sessões de A. Kashpirovski surgem perturbações psíquicas temporárias.

— Nada semelhante observei eu nem os meus colegas — respondeu-me o médico-chefe do hospital clínico infantil regional A. I. Khvorov. — Verdade, em vários casos mães, esperando ação milagrosa da psicoterapia, recorriam ao médico com atraso. Lembro-me de um caso em que a mãe chamou o médico no segundo dia após a sessão de Kashpirovski a uma criança doente. Esta dormia profundamente há dois dias e isso preocupou a mulher. Mas verificou-se que a criança tinha meningite purulenta e Kashpirovski não tinha relação nenhuma com a doença dela.

Opiniões análogas ouvi de outros pediatras. Por isso penso que as apreensões de V. Lebedev estão fortemente exageradas.

Na primeira Conferência de Toda a União sobre troca bioinformacional discutiu-se especialmente a questão das sessões de teleterapia de A. Kashpirovski e A. Tchumak. Na sessão intervieram trinta pessoas, entre elas médicos, cientistas destacados de diversas especialidades. Vinte e oito deles manifestaram-se categoricamente contra as sessões de teleterapia. Encerrando a discussão, o académico da RAMN Vlail Petrovitch Kaznatcheev disse:

— As nossas investigações mostraram que o operador (psíquico) pode estar em Moscovo e atuar sobre cultura de células em Novosibirsk. Por indicação dele nelas altera-se significativamente a síntese da substância hereditária DNA (ácido desoxirribonucleico). Que depois disto me provem a legitimidade das sessões de teleterapia de Kashpirovski, Tchumak e semelhantes. Como se pode deixar este "canal" ao sabor da corrente! É coisa terrível, verdadeira brincadeira com o fogo.

Na conferência foram apresentados também os primeiros resultados da teleterapia: aproximadamente 5% de todos os telespectadores interrogados notaram melhoria do estado ou até cura, cerca de 1% — piora. Um por cento, considerando audiência mínima de 200 milhões de Kashpirovski, é muito. Verdade, na conferência não se informou quantos telespectadores foram

interrogados. Nada se disse também sobre resultados obtidos por A. Tchumak.

Em outubro de 1990 milhões de telespectadores ouviram do professor búlgaro Todor Ditchev que os métodos aplicados por psíquicos e psicoterapeutas do tipo de A. M. Kashpirovski refletem-se destrutivamente na psique das pessoas. "É típico psicofascismo, pois na Bulgária após as sessões televisivas de Kashpirovski aumentaram os casos de psicose em massa".

Concordem, acusação mais terrível não pode haver. Mas eis o que respondeu a esta declaração o diretor do Instituto Republicano de Investigação Prática de Assistência Médica Urgente em nome de Pirogov (Sófia):

"... após as sessões do doutor Kashpirovski, mostradas pela televisão búlgara, não se observou aumento de internamentos em hospitais de pessoas com piora do estado em resultado das sessões transmitidas. O mesmo se refere a outras cidades".

Interessante saber donde Todor Ditchev obteve a informação mencionada, se não é conhecido nem pela direção nem pelo coletivo do instituto? Outras informações escritas devem considerar-se inválidas. Diretor Gueórgui Kamenev, Sófia".

A isto deve acrescentar-se que Todor Ditchev vive há muito no nosso país (*Rabotchaia Tribuna*. 17 de outubro de 1990).

Todor Ditchev nas suas acusações está longe de ser único. Tem não poucos correligionários. Como informou o jornal *Megapolis-Express*, em Kiev devia realizar-se processo judicial contra Kashpirovski. Como autora da ação atuava inválida de primeiro grupo Lessia Iurchova, aquela mesma que cantava canções alegres durante a operação realizada sob influência de A. Kashpirovski sem narcose. Ao processo de Lessia juntaram-se mais 150 declarações dos antigos pacientes dele, que garantiam que em resultado das sessões de psicoterapia televisivas o estado da saúde deles piorara drasticamente.

O mesmo jornal informa que pelo Ministério da Saúde do Uzbequistão foram realizados exames de doentes que estiveram nas sessões de A. Kashpirovski. Em 91% deles melhorias no estado de saúde não se observaram, em 7% registou-se melhoria do sono, do humor e diminuição de dores de cabeça. Inquéritos em Moscovo permitiram estabelecer que cerca de 19% dos doentes após as sessões televisivas de psicoterapia se queixavam de perturbações do sono. Mas especialmente frequentemente o estado piorava nos doentes registados no dispensário psiconervoso e nos diabéticos.

Mas eis informações de caráter diferente. "Dos 400 mil examinados, segundo dados científicos, 97,3% de curas! Não poucos curados também no estrangeiro. E nenhum caso de piora da saúde de pacientes da América, Canadá, Polónia, Israel. Isso diz alguma coisa?" (*Rabotchaia Tribuna*. 17 de outubro de 1990).

Se umas informações sobre resultados positivos de tratamento estão subestimadas, outras claramente embelezadas. Então talvez nos atenhamos ao meio-termo?

Na publicação "Na morte da mulher peço que culpem a Gosteleradio da URSS" conta-se a morte da mulher de 52 anos V. V. Timofeeva... "em resultado do surgimento de alucinações auditivas sob a influência das sessões televisivas de A. Kashpirovski". Noutro artigo "Contra a palavra não há receituário" informa-se sobre complicações graves em doentes psíquicos após sessões televisivas e citam-se excertos de histórias clínicas de pacientes do hospital psiquiátrico nº 4 da cidade de Novosibirsk. Eis alguns:

"História clínica nº 2469 — após ver a transmissão televisiva surgiu medo, ideias delirantes de influência, alucinações auditivas de caráter imperativo. Diagnóstico: esquizofrenia.

História clínica nº 3546 — após sessões de Kashpirovski surgiu estado maníaco. Diagnóstico: psicose vascular.

Em duas mulheres (histórias clínicas nºs 4820 e 3336) reação idêntica às "instalações" de Kashpirovski: alucinações auditivas e

experiências delirantes sexuais. Em outras duas (história clínica nºs 4424 e 2577) — ideias delirantes de influência" (*Gazeta Médica*. 27 de março de 1992).

Cito excertos das histórias clínicas sem alterações, tal como são apresentados no jornal. Não é preciso ser médico para perceber: doenças como lesão orgânica do cérebro com perturbações psíquicas (diagnóstico da falecida V. V. Timofeeva), psicose vascular, esquizofrenia, paranoia involutiva, não podem surgir sob influência de sessões televisivas de psicoterapia ou psicotrónica. Mas ao mesmo tempo agravamento destas doenças pode ocorrer tanto sob influência das sessões televisivas realizadas por A. Kashpirovski como por ações inábeis de psíquicos. E isso já é bastante para aplicar medidas muito sérias para cessar sessões semelhantes. A propósito, na imprensa não encontrei uma única informação fidedigna sobre piora do estado de doentes após sessões de tele e rádio de A. Tchumak. Quando falei disto com Alan Vladimirovitch, ouvi o seguinte:

— E não encontrará, porque tais casos não houve. Esta questão foi especialmente estudada pelo antigo Ministério da Saúde da URSS e, se houvesse pelo menos um facto que testemunhasse que após as minhas sessões alguém piorou, haveria não poucos que não só proibissem a minha atividade futura como me levassem a tribunal. Pensem, as minhas sessões viram 250 milhões de pessoas e os resultados são fantásticos. Até segundo dados do mesmo Ministério da Saúde, sete em dez pessoas receberam ajuda real, ou seja, cerca de 160 milhões de doentes.

E isto garanto não eu, mas o Ministério da Saúde, que de modo algum estava disposto favoravelmente para comigo. Realizámos experiências também em condições clínicas e aí as minhas cassetes com gravação da sessão deram de 90 a 92% de resultados positivos — melhoria ou até cura. Isto não significa que proponha panaceia para todas as doenças. Não, não e mais uma vez não! Não posso fazer crescer mão ou perna nova em substituição da amputada ou

aleijada. Mas, se se pode restabelecer a função deste ou daquele órgão, se se pode diminuir ou tirar a dor para que não cause sofrimento, se se pode mobilizar reservas escondidas do organismo na luta contra o processo patológico, então como se pode renunciar a isso.

Ajudo as pessoas a compreenderem-se a si próprias, o seu lugar na terra. É o meu destino e ocupar-me-ei deste problema enquanto tiver forças.

Contra as sessões de telepsicoterapia manifestou-se também a igreja ortodoxa russa. Na revista do Patriarcado de Moscovo (1989, nº 12) publicou-se artigo dirigido contra "... diversos curandeiros e psíquicos, para os quais os meios de comunicação de massa escolheram a definição 'representantes da medicina não tradicional'".

O autor do artigo escreve:

"A Igreja com grande alegria abençoaria os seus filhos a usarem o conhecimento e mestria de semelhantes curandeiros, como abençoa muitos trabalhos médicos, se não soubesse do perigo espiritual e físico que segue tais influências.

A quem pelo menos uma vez esteve num ato de exorcismo (expulsão de demónios), basta olhar para o ecrã durante sessão de "cura" e ver pessoas que caem em transe, além da sua vontade dançam, riem e choram, para perceber claramente: comportam-se exatamente como pessoas possuídas por forças que na prática ortodoxa se chamam demónios ou espíritos impuros... Lembremos o testamento do apóstolo Paulo: não participeis nas obras infrutíferas das trevas".

O reitor do templo ortodoxo em Klaipeda, padre António, garante que o fenómeno Kashpirovski não é outra coisa que ópio espiritual, narcomania espiritual. E por isso os hipnomaníacos estão prontos a seguir o seu ídolo diretamente para o inferno. Para mais, o padre António propõe a Kashpirovski reunir a audiência mais

adorada, mais hipnotizável e convidar vários sacerdotes. “Eis que agora os telespectadores vejam onde estão as forças do bem e onde do mal”.

Aliás, é caso raro no nosso Estado quando sacerdotes e cientistas encontraram linguagem comum na luta contra a “força impura” — Kashpirovski, Tchumak e outros.

De outra forma avalia a atividade de A. Kashpirovski o membro da Ordem de Feiticeiros da Rússia Iúri Tarassov.

— Como especialista tenho relação unívoca com ele. Não pega no alheio. Considero que faz coisas extremamente necessárias. Quanto aos momentos negativos das suas sessões, são inevitáveis pela completa ausência de cultura psicoterapêutica da população. Também eu tive caso semelhante. Veio ter comigo uma mãe cujo filho pequeno não conseguia dormir há um mês. Eu, após perguntar todos os sintomas da doença dele, introduzi-o em transe. Dormiu um dia, dois, ao terceiro a mãe assustou-se e levantou tal grito que chegou ao chefe da Ordem.

Entretanto a criança, tendo dormido o tempo que o organismo exausto pela doença requeria, acordou completamente saudável. A mãe depois não sabia como agradecer, mas já era tarde — da Ordem veio ordem: crianças de tenra idade doravante não aceitar. Portanto, Kashpirovski é especialista de classe altíssima. E é muito pena que as suas qualidades puramente humanas, que a alguém não agradam, influam no assunto. Que nisso se ocupem a mulher dele, possível amante... Antes de mais é preciso pensar na saúde das pessoas, não em ambições. Agora é o contrário, porque às mulheres não perdoam a beleza e aos homens a popularidade (*Moskovski Komsomolets*. 1 de julho de 1990).

Uma avaliação semelhante à atividade de A. Kashpirovsky é dada pelo doutor em filosofia, psiquiatra M. Kisin, e pelo diretor do centro de hipnose clínica e psicoterapia dos EUA, P. Reznik.

"Tendo em conta o facto de que na União Soviética (refere-se à época em que a URSS ainda existia — B. K.) a psicoterapia individual, que é, sem dúvida, mais eficaz, era praticamente inacessível à maioria da população, o aparecimento de Kashpirovsky dá esperança e, provavelmente, um impulso para a recuperação a muitos que necessitam de ajuda. Não é surpreendente que a medicina oficial na União Soviética seja, em geral, contra essa atividade não tradicional de um médico que desafia a ineficácia da medicina soviética" (Jornal Médico. 1991. 7 de março).

Penso que os autores do artigo têm, sem dúvida, razão num ponto. Ah, como os luminares da medicina nacional não gostam da popularidade alheia! E, no entanto, têm razão apenas em parte.

Infelizmente, as *sessões* de Kashpirovsky podem realmente causar danos a pessoas doentes. Cito apenas alguns excertos de cartas enviadas ao "Jornal Médico" (15 de dezembro de 1989).

"Doente P., nascida em 1950. Após a *sessão* de telepsicoterapia, desenvolveu-se uma crise hipertensiva que exigiu tratamento prolongado, com baixa médica de cerca de três semanas."

"A minha esposa, após a *sessão* de Kashpirovsky, deixou de tomar os medicamentos para a hipertensão. As minhas advertências não surtiram efeito. Ela morreu. V. B., região de Grodno."

"Durante a *sessão*, senti pancadas surdas na parte inferior do abdómen. À noite, as dores intensificaram-se... K. T., cidade de Grozny."

"Após as *sessões* de Kashpirovsky, reabriu-se uma antiga úlcera. L. A., região de Perm."

"Na doente B., de 11 anos, após a telepsicoterapia, recidivou um enurese previamente curado."

"No doente M., após as *sessões* de A. Kashpirovsky, desenvolveu-se um estado asmático grave."

"Na doente Zh., nascida em 1972, após a *sessão*, desenvolveram-se crises convulsivas em série."

Não é raro que, nas *sessões* de teleterapia, surjam reações paradoxais. Para grande pena, elas são imprevisíveis e representam um sério perigo para os doentes. Cito apenas alguns exemplos de relatos dos meios de comunicação social, bem como de observações pessoais.

"Jornal Médico" de 22 de outubro de 1989:

"Embora a Tanya K., de oito anos, de Talnakh, no Ártico, nunca tivesse saído do seu local de origem, durante três dias foi levada por um mar tropical na companhia de golfinhos. Para tirar a menina do estado patológico, foram necessários os esforços conjuntos de dezenas de pessoas das mais diversas profissões: médicos, jornalistas de televisão, técnicos de comunicações, funcionários do Comité de Segurança do Estado, especialistas da cidade dos cosmonautas Zvezdny..."

Tudo começou de forma muito banal, nada fazia prever o problema. A menina, tal como os adultos, decidiu simplesmente, após os apelos da mãe, sentar-se em frente ao televisor quando iria decorrer a *sessão* de psicoterapia de A. M. Kashpirovsky. O facto é que Tanya tinha uma higroma na mão, que a impedia de aprender a tocar piano.

Assim que a *sessão* começou, Tanya reagiu imediatamente a tudo o que se passava no auditório. Virava a cabeça, mexia os braços e as pernas, fazendo tudo ao mesmo tempo. O comportamento preocupou o pai. E quando Kashpirovsky começou a contagem regressiva, no número 4 o pai decidiu interromper a *sessão*. Mas não foi possível. A menina continuou a mexer-se, como se fizesse movimentos de natação. A *sessão* já tinha terminado, mas a menina não parava. Então a mãe começou a abaná-la, e só ao fim de alguns minutos conseguiram trazer Tanya à consciência.

— Dormiste, Tanyusha?

— Não, estive a nadar no mar. Havia golfinhos, e eu nadava com eles.

Mais tarde, os pais recordaram que o olhar da menina era ausente.

À noite, Tanya dormiu tranquilamente, mas de manhã recusou o pequeno-almoço. No entanto, isso não alarmou os pais, pois já tinha acontecido antes. A menina, como sempre, foi para a escola de manhã, e após as aulas, ao ir ter com a mãe ao trabalho, queixou-se de uma forte dor de cabeça. Por azar, os colegas da mãe de Tanya começaram a discutir o tele-sessão do dia anterior de Kashpirovsky. A conversa envolveu a mãe da menina, que começou a contar como Tanya reagira às palavras do psicoterapeuta. E de repente interrompeu o relato a meio. Tanya, de olhos fechados, arqueou-se de forma pouco natural, como se tivesse ficado rígida. Isso durou vários minutos, após os quais a menina voltou a si. Mas bastava pronunciar o nome Kashpirovsky para Tanya voltar a entrar em transe, começando a mexer a cabeça, os braços e as pernas, fazendo movimentos de "natação". A situação chegou ao ponto de terem de chamar uma ambulância.

No veículo, a menina comportou-se calmamente apenas até começarem a falar das *sessões* de Kashpirovsky. Em 20 minutos de viagem, ela entrou três vezes em estado sonambúlico. Teve de ser levada para o hospital de Norilsk. Os médicos não detetaram quaisquer desvios no estado de saúde da menina, mas a mãe estava muito nervosa, queixando-se de que a criança não comia nada.

Alimentaram a menina sem esforço e mandaram-na para casa. Mas em casa os ataques recomeçaram. Então a mãe concluiu que apenas os trabalhadores da televisão poderiam ajudar Tanya, pois foi por causa deles que "tudo começou".

A mãe exigia que os trabalhadores da televisão contactassem imediatamente Kashpirovsky. Mas onde encontrá-lo? Todos compreendiam que era praticamente impossível, por isso decidiram

contactar o dispensário psiconeurológico da cidade, onde trabalhava o respeitado médico Dobrovolsky. Mas também não o conseguiram localizar nesse dia. E alguém sugeriu recorrer ao psíquico Amurkhan Ketoev. Aliás, todos os psiquiatras a quem os médicos da ambulância pediram ajuda recusaram categoricamente "participar nesta história duvidosa". Isso não me surpreende nem um pouco; já ouvi várias vezes dos meus colegas que A. Kashpirovsky, A. Chumak e outros "curandeiros" são verdadeiros charlatães e é de espantar que a tais figuras duvidosas seja dado acesso ao ecrã nacional.

Enquanto o psíquico viajava de Norilsk para Talnakh, Tanya teve o ataque mais agudo e prolongado de todos. A menina contorcia-se, era atirada do sofá para o chão. Aos poucos, os movimentos abrandaram, tornando-se suaves.

Ketoev encontrou a menina no auge do "banho". Passou muito tempo com ela, tentando "levá-la" para um ambiente mais familiar — a floresta. Caminharam pelo quarto, colheram flores, brincaram com esquilos. O psíquico deixou a menina aparentemente completamente saudável. Combinaram que no dia seguinte iriam ao "Mundo Infantil" e depois à televisão.

Mas o programa implantado por Ketoev durou apenas três horas. Depois disso, Tanya permaneceu em estado de transe durante três dias. Nesse período, comeu apenas uma vez, no hospital de Norilsk.

Não vou descrever todas as peripécias da menina e da mãe, que perdera a cabeça de terror. Com grandes esforços, ela conseguiu finalmente localizar Kashpirovsky. Antes disso, Tanya tivera um ataque particularmente grave, que impressionou profundamente todos os presentes, a ponto de terem chamado uma equipa psiquiátrica. Mas os médicos mostraram-se impotentes... A seguir, gostaria de citar um excerto do jornal:

"Finalmente, chegou a tão esperada chamada interurbana. À mãe, que falou primeiro, Kashpirovsky aconselhou a não voltar a

tocar no tema do tele-sessão nas conversas e pediu que passasse o auscultador à menina, a quem simplesmente ordenou: 'Fica saudável!' E a menina acordou." Como relata o jornal, "Tanya sente-se completamente saudável, não volta a entrar em transe. Segundo a mãe, a menina descobriu inesperadamente um dom para a escrita. Todos os dias inventa uma nova história, e em quase todas aparecem golfinhos."

Agora, algumas observações pessoais.

Um dia, em dezembro de 1989, apareceram no meu consultório duas jovens mulheres e uma menina muito simpática de dez ou onze anos. Soube-se que vinham de Yasnogorsk. O caso era que a menina, a 3 de dezembro, de manhã, vira na televisão a *sessão* de Kashpirovsky. Durante a *sessão*, a mãe não notara nada de especial, é verdade que Yulya adormeceu. Mas três dias depois, ao mencionar Kashpirovsky, a menina entrou em estado de transe. Olhos revirados, expressão ausente no rosto.

— Nem pode imaginar como ela mudou — contava a professora. — Não se podia tocar-lhe, dava choques elétricos. Objetos de ferro começaram a ser atraídos para as mãos. Yulya declarou que se tornara um íman. Mas o mais assustador era que a menina começou a comunicar com extraterrestres.

Pedi a Yulya que contasse como isso acontecera e ouvi a seguinte história:

— Sim, vêm ter comigo extraterrestres. São muito pequeninos, não têm mais de 30 centímetros. Um deles, a quem chamei Kolya, tornou-se meu amigo. Contou-me muitas coisas sobre a vida noutros planetas.

— E como entendes o que ele diz? O Kolya não fala russo.

— Ora, é muito simples. Basta passar a palma da mão ao longo do rosto e logo a língua deles torna-se compreensível.

— Foi o Kolya que te ensinou isso?

— Sim.

— E o que te contou ele?

— Onde ele vive, há mais três planetas. Uma é redonda — lá vivem extraterrestres redondos, outra é quadrada e os habitantes são quadrados, a terceira tem forma irregular e os habitantes também, e a quarta — lá os extraterrestres são parecidos connosco.

— O Kolya, claro, é da última planeta?

— Sim.

— E o que mais te contou?

— Onde ele vive, os extraterrestres são nossos amigos, mas onde há o planeta quadrado vivem amigos da América. Eles vêm muitas vezes ao planeta do Kolya e ofendem os habitantes.

— E nos dois planetas vizinhos?

— Esses são indiferentes a nós e aos americanos.

— Podes desenhar os planetas e os extraterrestres?

— Claro que posso. — E a menina desenhou as quatro planetas e os seus representantes no meu bloco de notas.

A mãe interveio na conversa.

— Na presença dela não se pode pronunciar a palavra "Kashpirovsky". Desliga-se imediatamente!

Nesse momento, Yulya fechou realmente os olhos e recostou-se na cadeira. Lembrei-me de como Kashpirovsky tirava o estado de transe a uma rapariga, fazendo-a passar a mão ao longo do rosto. Propus o mesmo a Yulya, e ela acordou imediatamente. A conversa continuou.

— Os ataques repetem-se todos os dias. Mais frequentemente na escola, por volta das três da tarde. Temos de a levar para a sala dos professores, onde passa 3-4 horas — conta a professora. — No momento do transe, Yulya declara que pode curar como

Kashpirovsky. Eu tinha dor de cabeça, ela passou a mão e a dor desapareceu. Além disso, afirma que nesse momento vê os órgãos internos.

— Sim, vejo. Só não sei como se chamam. Ainda não estudámos anatomia.

— Durante o transe, ela pode aproximar-se de mim ou de outra pessoa e dizer: "Dói-lhe aqui?" E na realidade não é verdade. Mas Yulya garante que ainda não sentimos a doença, mas ela já se está a desenvolver. Nesses momentos, raciocina como adulta e até a voz se torna como a de uma adulta.

Em estado de transe, ensina-nos como tratar com as mãos. E resulta! Ensinou-me como aliviar a dor de cabeça. Mas o que mais impressionou foi um caso. Yulya queixava-se de que os extraterrestres corriam pelas mãos e pernas dela e faziam-lhe cócegas. Comecei a assegurar-lhe que não havia extraterrestres nenhuns. "Como não há", zangou-se ela e "passou" um extraterrestre para a minha mão. E, para meu horror, senti algo invisível a correr pela minha mão.

— Estes extraterrestres já me chateiam — suspirou Yulya. — Oxalá não viessem mais.

— Bem, vou livrar-te deles.

Yulya alegrou-se.

Examinei a menina. A minha mão sentiu um leve frio quando passei a palma na região do lobo frontal esquerdo. Sem dúvida, a menina tinha uma antiga lesão e ali formara-se uma cicatriz. Tulpov poderia facilmente dissolvê-la.

Yulya revelou-se muito sugestionável. Quando eu dizia que a puxava para a frente, ela inclinava todo o corpo na minha direção; se assegurava que a puxava para trás, caía de costas. Dizia que as minhas mãos, como um íman, a atraíam.

Coloquei-a num estado de hipnose superficial e sugestionai que os extraterrestres a deixariam em paz. No adeus, ofereci-lhe um rato branco. Ela alegrou-se como só uma criança da sua idade pode alegrar-se.

Pedi à mãe e à professora que, caso os ataques se repetissem em Yulya, voltassem a contactar-me. Mas, provavelmente, os estados de transe não voltaram a aparecer, pois os pais e a professora nunca mais me procuraram.

Aqui está outro exemplo dos "insucessos" de A. M. Kashpirovsky.

Sasha M. sofre de diátese. Recentemente fez oito anos. O menino não se lembra de quando esteve saudável. Todas as crianças são crianças, mas em Sasha, o que quer que coma, aparece logo erupção cutânea. E que erupção! O prurido não o deixa em paz, o menino coça a pele, e já há feridas, fissuras, crostas no corpo.

Sasha vive em Chita, trata-se com médicos locais. A doença recua temporariamente, mas basta Sasha comer um pedaço de chocolate, deliciar-se com compota ou uma pata de galinha, e tudo recomeça. E de repente, como um raio de luz na escuridão, Kashpirovsky. Os pais decidem: é preciso a todo o custo ir à consulta, nem que seja às *sessões* coletivas. Parentes informam que Kashpirovsky vem a Kemerovo. Tiraram férias por conta própria e os pais levam a criança à cidade mineira. Com grande dificuldade, conseguem assistir às *sessões*.

E — milagre! Após a segunda *sessão*, o menino melhorou, a erupção praticamente desapareceu, as áreas húmidas secaram, as crostas começaram a cair. A alegria dos pais não tinha limites. Mas instalou-se uma dúvida. Será que o efeito positivo durará muito? É tão fácil verificar!

E então os pais-experimentadores decidem "fartar" a criança de chocolate. Tal felicidade não acontece muitas vezes a Sasha. Ele

come com prazer duas tabletes num dia, e no dia seguinte volta a cobrir-se de erupção.

— Tudo isto é engano, o sucesso das *sessões* de Kashpirovsky é temporário — diz o pai de Sasha.

Penso que este caso não necessita de comentários. Nenhum doente resistiria a uma verificação tão bárbara.

Tive de intervir na sorte de doentes após *sessões* de Kashpirovsky mais do que uma vez. Certo dia, trouxeram-me uma rapariga de dezoito anos, estudante do segundo ano de um instituto pedagógico. Desde que vira na televisão as *sessões* de Kashpirovsky, surgira uma sonolência incrível. A rapariga adormece durante as aulas teóricas e práticas. Isso dura há mais de três meses. Antes estudava bem, mas agora não consegue de todo estudar e corre o risco de ser expulsa do instituto por mau aproveitamento. Coloquei-a em estado de hipnose na presença do pai e sugestionai que seria vigorosa, alegre, que a sonolência passaria, que conseguiria ouvir e anotar as aulas, que voltaria a estudar bem. A rapariga nunca mais me procurou.

Outro caso. A minha antiga pós-graduanda Valentina P., em 1988, esteve gravemente doente. O diagnóstico nunca foi estabelecido. Supunha-se que sofrera um microenfarte com lesão da região diencefálica. Quase um ano inteiro Valentina não trabalhou, e eis que, felizmente, chegaram as *sessões* de Kashpirovsky. Mas a alegria foi prematura. Logo na primeira *sessão*, Valentina começou a virar a cabeça, o que de maneira nenhuma lhe era permitido. Tentou conter os movimentos da cabeça, pediu ao filho que "segure a cabeça" — o resultado foi o mesmo, a cabeça continuava a virar-se. Começou náusea, que terminou em vómito, literalmente virada do avesso. Na manhã seguinte, a mulher sentia-se mal, doía-lhe a cabeça. E mesmo assim decidiu ver a repetição matinal da *sessão* de psicoterapia.

— Pensei que fosse coincidência. Não conseguia acreditar que me sentira pior após a *sessão*.

Como é óbvio, tudo se repetiu. Valentina, aborrecida, desligou o televisor, mas mesmo depois da *sessão* continuou longo tempo a virar a cabeça, pagando a sua imprudência com náuseas e vómitos.

Nos dias da transmissão das sessões de Kashpirovsky, chegou ao dispensário psiconeurológico de Chita uma mulher. Durante um dos sessões, despiu-se, ficando apenas de cuecas, e começou a fazer ginástica. A sessão já terminara há muito, mas a mulher continuava a fazer exercícios físicos até à exaustão. Cansada, deitou-se na cama e literalmente "mergulhou" no sono. Mas isso durou pouco. Logo saltou da cama e voltou a fazer ginástica. E assim de duas em duas horas. Nem súplicas nem esforços dos familiares conseguiam desviá-la do programa estabelecido. Isso durou três dias. No hospital, à doente teve de ser administrada uma dose significativa de aminazina, após o que adormeceu profundamente. Não voltou a entrar em transe e foi mandada para casa.

Mais do que uma vez ouvi colegas falar de complicações gravíssimas após sessões de teleterapia. Uma mãe recusou-se a administrar insulina ao filho com diabetes, pois "o açúcar baixara para o normal", após o que o menino foi internado em coma gravíssimo. Ouvi também casos em que, durante os sessões, as dores nos doentes cessavam, e depois ocorria rutura do apêndice com todas as consequências daí decorrentes. Mas eu próprio não vi tais casos, nem, pelo carácter do meu trabalho, poderia tê-los visto.

Considero que não se pode brincar com doenças oncológicas. Na literatura mundial, conhecem-se casos isolados em que, sob hipnose, se conseguiu não só melhorar o estado dos doentes, mas também reduzir significativamente o tamanho do tumor e até alcançar a cura. Tanto mais o poderia conseguir um psicoterapeuta dotado de métodos psíquicas, como é Kashpirovsky. E não duvido que a algumas pessoas ele tenha ajudado a livrar-se de doenças oncológicas. Em Moscovo, falei com uma médica oncologista que

me contou que, de vinte e quatro mulheres com fibromiomas (tumor benigno) do útero, preparadas para operação, já após quatro sessões, realizados no outono de 1989, retirou do registo quatro e preparava a retirada de mais duas mulheres. Uma boa conhecida minha declarou que, após o quarto sessão de Kashpirovsky, o fibromioma diminuíra significativamente e esperava que, após o sexto sessão, a retirassem do registo.

Na "Literaturnaya Gazeta" (13 de dezembro de 1989), o diretor do Centro Oncológico de Toda a União, académico N. N. Blokhin, assegura que muitos doentes oncológicos, cujo tratamento bem-sucedido foi anunciado por Kashpirovsky, já se encontram em instituições oncológicas, e os seus médicos assistentes podem confirmar "que a publicidade do psicoterapeuta não corresponde à realidade".

Em declarações semelhantes, o que me assusta é que uma recidiva da doença poderia ter-se agravado sob a influência das numerosas publicações e intervenções contra o método de tratamento de Kashpirovsky, com que a nossa imprensa está saturada.

Sem dúvida, quando há indicações para tratamento cirúrgico, não se deve esperar por um milagre. O tempo passa, e o cancro pode tornar-se inoperável, ao passo que os sessões de terapia televisiva muito raramente levam a resultados positivos em doentes oncológicos.

Entretanto, após a intervenção cirúrgica, os sessões de psicoterapia pela televisão podem trazer benefícios, pois são capazes de reduzir o número de recidivas.

Kashpirovsky e Chumak têm muitos seguidores. Ora numa cidade, ora noutra, aparecem curandeiros que realizam sessões de terapia em massa. Também em Chita, só no último ano, vieram dois de Moscovo. Não posso dizer nada de mau sobre eles, pois não estive nos sessões nem os conheço pessoalmente.

Sei que não tiveram um sucesso particular em Chita; as pequenas salas ficavam meio vazias.

Em abril de 1990, o jornal "Sovetskaya Molodyozh" publicou um artigo interessantíssimo de V. Sinitsyn intitulado "Kashpirovsky, Chumak, e agora — Rutskoy?". As pessoas esforçam-se por assistir aos sessões de Gennady Evgenyevich Rutskoy, que ele realiza em São Petersburgo, não menos do que aos de Kashpirovsky e Chumak.

Em muito pouco tempo, G. Rutskoy ganhou fama de "curandeiro todo-poderoso".

Na enorme sala do Palácio da Cultura Krupskaya, não há lugares para todos, e as pessoas instalam-se no palco e nos bastidores. Diante do público ansioso por cura, aparece o discípulo de um médico tibetano, Gennady Rutskoy. Veste um quimono branco, os cabelos negros estão penteados para trás e presos com uma fita num "rabinho", o bigode e a barba estão aparados ao estilo oriental. O olhar dos olhos negros é penetrante.

Primeiro, são colocados em estado de hipnose aqueles que estão no palco. Depois, começa o trabalho com a sala. O estilo de interação de Rutskoy com os visitantes dos sessões é muito variado. "De pé no palco em frente ao microfone, faz movimentos intricados com as mãos e os pés, reminiscentes do combate com a sombra nos praticantes de artes marciais orientais. O texto dirigido aos espetadores lembra o conteúdo das lições de conhecidos psíquicas. G. Rutskoy reforça o seu impacto nos espetadores com os sons de um sino tibetano, executando uma melodia rítmica que termina com uma antiga canção tibetana. De vez em quando, regressa aos doentes no palco, que ficaram petrificados num sono hipnótico. Realiza passes complexos com as mãos, repete encantamentos, lembrando de certo modo um xamã."

Rutskoy assegura: aqueles que sentirem um afluxo de calor livrar-se-ão de doenças do sistema cardiovascular; aqueles que sentirem um friozinho nas costas começarão a crescer novos dentes

no lugar dos removidos, independentemente da idade. Se durante o sessão surgir peso na nuca, significa que o mago e feiticeiro atuou beneficamente nos órgãos digestivos.

Como testemunha o jornalista Vladimir Sinitsyn, na sala ocorriam verdadeiros milagres. Eis que Gennady Evgenyevich se dirige aos seus pacientes: "Digam-me, quem veio aqui de óculos e agora vê bem sem eles?" Na sala, erguem-se uma dezena de mãos, e Rutskoy convida essas pessoas para o palco. Após controlo e impactos adicionais, parte os óculos daqueles a quem, na opinião do curandeiro, já não serão necessários, à vista do público espantado. Uma das mulheres, ao subir ao palco, declarou que a sua filha cega, a quem tinham sido removidos os cristalinos, começara a ver durante o sessão. Após examinar a menina, Rutskoy concluiu que "os cristalinos tinham voltado a crescer".

A jovem paciente acenava continuamente com as mãos durante todo o sessão de duas horas, imitando o voo de um pássaro. Rutskoy explicou que a estava a ensinar línguas estrangeiras. Segundo ele, a menina, nessas duas horas, "dominara os rudimentos de seis línguas e podia responder a perguntas simples".

A personalidade de Rutskoy está envolta em mistério. O pai é originário da Letónia, a mãe da Índia. Desde os quatro anos, o menino foi educado por um monge tibetano, que se tornou o seu mestre. Até aos trinta e dois anos, o monge não permitiu que Rutskoy tratasse pessoas. O mestre previu que, durante nove anos, o curandeiro viajaria muito, conheceria a vida e cumpriria uma nobre missão em benefício de toda a humanidade.

Rutskoy recusa categoricamente audiências a correspondentes. Vladimir Sinitsyn foi uma exceção, pois apresentou-se como "amigo de extraterrestres" e, numa conversa privada, declarou que se dedicava ao estudo de temas extraterrestres.

A entrevista com Rutskoy é tão interessante que a cito praticamente sem cortes:

— Em que consiste a essência do seu método?

— O facto é que eu sei Tudo. Domino 16 977 línguas (incluindo 12 tibetanas, que agora ninguém conhece), posso ler os pensamentos de todas as pessoas. Mas o principal é que tenho acesso aos conhecimentos daqueles que criaram a Terra e a Humanidade. Sim, falo de uma multiplicidade de mundos que rodeiam a Terra, dos Criadores. Foi deles, através dos monges tibetanos, que recebi todos os meus conhecimentos. Para curar uma pessoa, devolvo-a ao período de tempo em que recebeu o trauma ou surgiu a doença, e introduzo as minhas correções.

— Se sabe tudo, qual será então o nosso futuro?

— Já agora, mais de 10 mil terrestres visitaram outros planetas. Durante 9-10 dias, enriqueceram-se com conhecimentos que em breve lhes serão úteis. É verdade que eles próprios pensam que deixaram a Terra por 5-6 minutos. Em breve, todos os terrestres serão assim. Mas primeiro, precisam de corrigir o seu estado espiritual e físico. Da saúde ocupo-me eu. Tenho de percorrer todo o planeta. Quanto à espiritualidade, isso depende apenas da própria pessoa. Cada um deve refletir sobre como vive. Tanto o bem como o mal não passam sem deixar rasto.

Após a recuperação espiritual e física, as pessoas começarão a rejuvenescer, ganharão longevidade. Até começarão a crescer membros amputados. A altura das pessoas aumentará, atingindo 270-290 centímetros.

— O que, na sua opinião, vimos na região de Perm? (Refere-se às publicações em "Sovetskaya Molodyozh" sobre as impressões dos participantes de uma expedição à região de Perm, no chamado triângulo M. — B. K.).

— Foram representantes de civilizações extraterrestres, que vieram aqui com o meu conhecimento. A visita em massa deles à Terra será... (foi indicada uma data exata. — V. S.).

— Quantos anos tem agora?

— Trinta e quatro. Isso significa que me restam sete anos para encontrar um discípulo. Sei como ele será, mas ainda não o encontrei.

— Os nossos contactados receberam informação sobre a vinda à Terra, este ano, de Jesus Cristo, representante do planeta Tron. O senhor começou as suas atuações públicas este ano, será que isso está de algum modo relacionado?

Não houve uma resposta exata a esta pergunta; os raciocínios foram vagos, embora neles houvesse mais afirmações do que negações.

Aliás, Rutskoy demonstrou ao autor do artigo um excelente conhecimento de inglês e letão, e com outras línguas Sinitsyn simplesmente não está familiarizado. No entanto, em breve Sinitsyn teve oportunidade de se convencer de que Rutskoy, pelo menos, conhece 10 línguas. Conversava livremente com estrangeiros que visitaram as suas sessões.

No adeus, o curandeiro deixou no bloco de notas do autor uma inscrição em antigo tibetano, cujo significado recusou decifrar, mas assegurou que ajudaria Sinitsyn.

O jornal "Sovetskaya Molodyozh" distribuiu um questionário em que a pergunta principal era: "Rutskoy ajudou-o?". Em breve, chegaram respostas de 179 pacientes. 132 deles responderam positivamente à pergunta, 41 negativamente, em 6 casos a resposta foi indefinida. Mas, afinal, quase três quartos dos doentes sentiram-se melhor após as sessões de Rutskoy. Além disso, é necessário ter em conta que, em alguns doentes, a melhoria pode surgir apenas algum tempo após o fim das sessões.

Cito alguns excertos das cartas.

"Há cerca de trinta anos que sofria de dores causadas por poliartrite deformante e artrose das articulações dos joelhos. Sob a influência de Rutskoy, agachava-me, corria, saltava. As dores passaram. Agradeço de coração."

"Aos 52 anos, tinha muitas doenças. Após as sessões, o bem-estar melhorou, a visão corrigiu-se, começou a crescer o dente removido há quase dois anos."

"Rutskoy curou-me do alcoolismo. Não consigo olhar para bebidas alcoólicas, especialmente para aguardente caseira."

"Após 5 sessões, desapareceu um tumor na mama (tinha sido proposta uma operação oncológica). Passaram também males menores. O bem-estar melhorou."

"Desde os sete anos, durante 12 anos, sofro de artrite reumatoide. Após as sessões, os inchaços desapareceram. Tornou-se mais fácil mexer-me, a visão melhorou, apareceu apetite e, o mais importante, ajudou moralmente."

"Em dois sessões, desapareceu um tumor (ginecológico)."

"Gennady Evgenyevich ajudou toda a minha família e até aqueles em quem pensei durante as sessões. Acreditamos nele sem limites... Um enorme obrigado da nossa parte."

Naturalmente, a par dos comentários entusiasmados, há também aqueles em que Rutskoy é acusado de charlatanismo, embora sejam relativamente poucos.

Vladimir Sinitsyn, que "descobriu" Rutskoy para o grande público, escreve sobre curas milagrosas de doentes por fotografias, água "carregada" e outros métodos não menos surpreendentes.

Rutskoy realizou também sessões de terapia psíquicoial em Kiev, onde cerca de 120 mil pessoas se reuniram no estádio. Após a sessão, os visitantes acorreram a ele, contando imediatamente os resultados do tratamento. Mais tarde, chegaram também cartas, uma das quais — de Maria Kapustina — gostaria de citar:

"O irmão do meu marido sofria há vários anos de uma perna doente. Os médicos propunham amputá-la. Soubemos da sessão no estádio e trouxemos o doente da aldeia. Todo o pé já estava azul. Sofria de dores fortes, quase não dormia. Após a sessão, sentiu

alívio. Dávamos-lhe água "carregada" para beber e molhávamos a perna com ela. Na noite seguinte, dormiu calmamente, dormiu quase todo o dia seguinte. A perna clareou, ficou rosada, a dor acalmou.

O marido levou o irmão para a aldeia. Ele saiu do carro e, sem bengala, foi para o quintal. O filho e a mulher não acreditavam no que viam, choravam de alegria..."

Depois, Rutskoy encontrou-se com os seus admiradores no Palácio dos Desportos de Kiev, com capacidade para 10 mil pessoas. E ali houve um sucesso incrível. "Uma mulher foi trazida de Zaporozhye e, durante três sessões, esteve deitada numa maca com um aspeto extremamente doloroso e praticamente sem se mexer. E foi precisamente ela que Rutskoy começou a levantar! Os familiares asseguravam que ela nem sequer conseguia virar-se de lado sem ajuda alheia. E ali, obedecendo ao gesto das mãos de Rutskoy e ao seu impulso curativo, a mulher ergueu-se sobre os pés à vista de todos, sem acreditar nas forças recuperadas, e depois caminhou pelo palco. Sozinha, sem apoio de ninguém.

Era preciso ver aquilo!" ("Sovetskaya Molodyozh". 1990. 21 de julho).

Infelizmente, há informações de que, após as sessões de Rutskoy, alguns doentes se sentiram pior.

O correspondente do jornal "Sovetskaya Molodyozh" V. Sinitsyn informa que recebeu quatro cartas com informações sobre agravamento do estado dos pacientes. Ao mesmo tempo, o seu ficheiro conta com mais de 300 cartas que falam de curas milagrosas. Concordem, a percentagem de complicações após as sessões é extremamente baixa. Nestes casos, surge a dúvida: será culpado o curandeiro? Talvez o agravamento do estado do doente tenha coincidido com a sessão.

Mas eis o que relatam os profissionais de saúde no mesmo jornal, a 19 de junho de 1990: "Houve muitos daqueles a quem ficou

muito pior após essas sessões. No hospital psiconeurológico republicano de Riga, após as sessões de G. Rutskoy, deram entrada dezenas (!) de doentes com agravamentos graves de doenças nervosas e psíquicas".

Quando leio que houve muitos doentes que se sentiram mal após as sessões, pergunto-me o que significa muitos? E vem-me inevitavelmente à memória uma velha anedota: três cabelos — é muito ou pouco? Se na cabeça, é pouco; se na sopa, é demais. É por isso que acredito mais na estatística conduzida por V. Sinitsyn.

Mas qual é então a razão, por que motivo há menos complicações após os impactos de Rutskoy do que após as sessões de teleterapia de Kashpirovsky? Voltemos ao artigo de V. Sinitsyn:

"Que força está escondida neste homem, tive de me convencer quando, após a sessão, Rutskoy saía para a sala para tirar do transe aqueles que não conseguiam fazê-lo sozinhos. Havia brigadas de ambulância preparadas, mas não as utilizavam apressadamente. Rutskoy aproximava-se dos visitantes com quem, parecia, os médicos teriam de se afligir durante muito tempo, e literalmente com um toque devolvia-os à consciência. Com alguns, tinha de trabalhar mais, mas não deixava ninguém na sala sem ajuda."

Da minha parte, acrescento que nas sessões de Rutskoy estavam simultaneamente 10 mil pessoas, e no estádio de Kiev — 120 mil.

Tudo se resume ao facto de existir uma ligação inversa entre Rutskoy e os seus pacientes, e isso é o fator mais importante que permite evitar complicações graves.

Infelizmente, não estive presente nas sessões de G. Rutskoy. Gostaria muito de conhecer este curandeiro único. Talvez um dia isso aconteça. Atualmente, Rutskoy procura a construção de um centro em Moscovo, onde poderá tratar todos os que o desejem. Enquanto o centro não for construído, tenciona viajar para o estrangeiro, onde tratará estrangeiros por divisas. Os contratos já

estão assinados, e a nós só nos resta lamentar que "na sua pátria não há profeta".

Como veem, G. Rutskoy é uma figura mais enigmática do que A. Kashpirovsky e A. Chumak. Não há dúvida alguma de que as suas sessões de terapia realmente ajudam muitas pessoas. Quanto ao resto, viver para ver.

Atualmente, mais de 300 curandeiros viajam pelo país. Não estou certo de que cada um deles possua as mesmas capacidades que Djuna, Kashpirovsky ou Rutskoy. Temo que entre eles haja também charlatães. É por isso que concordo plenamente com os médicos que consideram que, antes de um psíquico começar a realizar sessões em massa, deve provar que é capaz de dominar a audiência e ajudar os doentes.

Após tudo o que foi dito, gostaria de tirar conclusões. Considero que, nos casos de A. Kashpirovsky, A. Chumak e outros curandeiros, foram cometidos uma série de erros imperdoáveis. Infelizmente, como muitas vezes aconteceu na história do nosso Estado, primeiro fizemos, e só depois decidimos se valia a pena fazê-lo.

Em que consistiam então os erros?

1. As sessões de teleterapia de Kashpirovsky e Chumak foram uma experiência realizada em centenas de milhões de pessoas. Li algures num jornal uma anedota. Uma velhinha analfabeta pergunta a um funcionário partidário quem fez a revolução, os cientistas ou os comunistas. "Os comunistas, os comunistas, avozinha", responde o funcionário. "Pois, também eu penso o mesmo.

Os cientistas teriam primeiro experimentado em cãezinhos." O problema é que, antes das sessões de Kashpirovsky e Chumak, não foi realizado previamente um experimento em animais. Se tais experiências tivessem sido feitas, não seria preciso adivinhar como as sessões de teleterapia afetariam as gerações seguintes.

Não duvido de que a realização de tele-sessões seja perigosa para alguns espetadores. E não são assim tão poucos. Como mostraram investigações de cientistas americanos, o ecrã de televisão aumenta a bioenergia milhares de vezes. Imaginem agora que na televisão atua um psíquico de alto nível. Para alguns espetadores, a sua energia é limiar, e então reage adequadamente à ação do curandeiro. Para outros, pode revelar-se bastante fraca. Digam o que disserem, existe um grande número de pessoas "de pele grossa" que nem a energia de Cristo ou de Alá consegue "penetrar". Mas para alguns... Sim, sim! Para alguns, pode revelar-se superlimiar e, consequentemente, destrutiva. Nesse caso, seguramente ocorrerá um agravamento do estado do doente.

Na América, existem 90 métodos oficialmente reconhecidos para determinar a intensidade do biocampo. Há aparelhos que permitem dizer se a pessoa é portadora de energia positiva ou negativa. Aliás, supõe-se que o desaparecimento de verrugas, a reabsorção de cicatrizes seja um dos resultados do impacto de energia negativa.

Mas o que há de mau se desaparecerem cicatrizes, verrugas e até neoplasias malignas? Que importa ao doente sob a influência de que tipo de energia ocorreram essas mudanças?

Concordo plenamente consigo. Mas o problema é que este processo é não regulado, e pode imaginar-se que desastre seria a reabsorção de suturas num doente recém-operado.

Na América civilizada, tudo isto já foi estudado há muito e encontrou ampla aplicação prática. Nenhum locutor pode trabalhar na televisão se possuir um biocampo forte.

Então, talvez valesse a pena verificar previamente como atuariam as sessões de A. Kashpirovsky e A. Chumak em animais, e só depois aprovar estes métodos em centenas de milhões de telespetadores?

2. A audiência não foi preparada para a receção em massa das sessões de teleterapia. Não foram estudadas em medida suficiente as indicações e contraindicações.

Não houve uma abordagem diferenciada ao tratamento de diversas doenças, o que se manifestou especialmente nas sessões de Kashpirovsky. Não foi dito que as sessões de teleterapia eram contraindicados para crianças. Os telespetadores não foram advertidos sobre o que fazer se, no final da sessão, um adulto ou uma criança não saísse do estado de transe. Nos locais, os médicos psicoterapeutas, psiquiatras e pediatras não foram instruídos sobre como tirar as pessoas, que permaneciam longo tempo em estado de transe, de uma situação nada agradável. Nestes casos, os médicos mostravam-se frequentemente completamente impotentes.

3. A erro mais grave, na minha opinião, foi a "desmascaramento" público de Kashpirovsky e Chumak. A centenas de milhares de pessoas foi tirada a esperança de cura. E não só a esperança. Cito apenas um exemplo.

A 27 de dezembro de 1989, telefonou-me uma mulher idosa. A voz tremia-lhe de emoção. Falava das sessões de Kashpirovsky. A mulher tinha uma úlcera trófica de longa duração, que não cicatrizava. Recentemente, sofrera uma operação abdominal gravíssima. As suturas não cicatrizavam. E eis que, para sua felicidade, começaram as sessões de psicoterapia terapêutica pela televisão. A úlcera trófica praticamente fechou-se, as suturas começaram a consolidar-se. A mulher vivia apenas das esperanças no próximo sessão, e a cada dia sentia-se melhor.

Mas há alguns dias, caiu-lhe nas mãos a "Literaturnaya Gazeta" de 13 de dezembro de 1989. O que não escreveram ali sobre Kashpirovsky. Lê-se e recorda-se inevitavelmente os "inimigos do povo" e os "médicos-envenenadores". E a pobre mulher compreendeu — não haveria mais sessões de A. M. Kashpirovsky na televisão. A partir desse dia, o seu estado piorou. A úlcera trófica

voltou a crescer, as suturas começaram a abrir-se, há vários dias que a doente não se levanta da cama.

— Faça algo para que as sessões de psicoterapia pela televisão se repitam. Peço-lhe, por Deus! Mais dois sessões, e eu estaria saudável. E isto após tantos anos de sofrimentos! Convide-o para Chita, talvez ele venha e realize sessões na sala. Venderei tudo, só para conseguir ir ao tratamento dele. Acredite, não sou a única, muitos esperam essas sessões como a única esperança de salvação.

O que poderia eu responder à pobre mulher? O que se pode responder a centenas de outras pessoas que foram tão cruelmente enganadas? Penso que os artigos ameaçadores e as decisões com exigências de cancelar as sessões de Kashpirovsky e Chumak causaram aos doentes um dano muito maior do que os benefícios que deles advieram. Como agimos frequentemente de forma irrazoável!

4. A ausência de ligação inversa é um dos defeitos mais graves das sessões de teleterapia. No futuro, este defeito deve obrigatoriamente ser eliminado, embora, para ser honesto, não imagine como fazê-lo. Talvez valha a pena ouvir a opinião do próprio Kashpirovsky: "... por vezes, sou inatingível. E as pessoas que reagiram de forma inadequada às minhas sessões, por diversas razões, ficam privadas da possibilidade de contactar comigo. Seria bom que o MG ("Jornal Médico") abrisse um "telefone de confiança de Kashpirovsky". E estabelecesse ligação comigo tanto dos pacientes como dos médicos".

5. E, finalmente, gostaria de lembrar a Kashpirovsky um dos mandamentos de Cristo: "Não julgueis, para que não sejais julgados". Penso que, em parte, lhe atingiu em ricochete aquela "pedra" que ele tão imprudentemente atirou a Chumak.

Bem, o que aconteceu afinal com A. M. Kashpirovsky, A. V. Chumak e G. E. Rutskoy após o furacão de desmascarações que

passou sobre as suas cabeças? Nada de especial. A. M. Kashpirovsky partiu para a América, o Canadá, a Polónia e Israel, e em todo o lado as suas sessões tiveram um enorme sucesso. Na primavera de 1990, a Televisão Central Polaca realizou, em conjunto com os serviços médicos, um inquérito especial nas policlínicas do país. Verificou-se que 850 mil pessoas, que sofriam de diversas doenças, foram retiradas do registo médico. Para a Polónia, com uma população de 38 milhões, isto não é assim tão pouco. Além disso, é necessário ter em conta que nem todos podiam ver televisão ou desejavam submeter-se a sessões de telepsicoterapia.

A televisão local tenciona continuar a transmitir as sessões de A. Kashpirovsky.

— A viagem à Polónia — disse A. M. Kashpirovsky numa conversa com um correspondente da TASS — apoiou-me muito psicologicamente. Aqui, ocupam-se seriamente de telepsicoterapia. Um dos centros científicos propôs a sua base para a continuação de investigações nesta área. Anteriormente, durante viagens aos EUA e ao Canadá, tive oportunidade de estabelecer contactos com cientistas estrangeiros, que também se interessaram pelo meu método. No entanto, é preciso passar a um estudo sério das possibilidades e perspetivas da teleterapia.

Uma enorme quantidade de cassetes com as minhas sessões circula pela Europa e pela América. Quanto dinheiro em divisas a produção destas cassetes poderia trazer ao nosso país! Mas ninguém pensou em ocupar-se disso, enquanto lá há pessoas práticas.

Ganham dinheiro com isso, dinheiro que por direito pertence ao nosso país. Quem me pode explicar quando deixaremos de ser tão desaproveitadores — pois nem direitos de autor sobre isto temos. Não se deram ao trabalho de registar! ...Estou pronto para trabalhar para o meu país... Agora começa um grande trabalho — o Ministério da Saúde da Ucrânia organiza um comboio médico, que será equipado especialmente para o exame das regiões afetadas pela

catástrofe de Chernobil. Eu participarei obrigatoriamente no trabalho deste comboio médico... Mas isto é pouco... É preciso organizar um serviço de psicoterapia. Pois centros semelhantes não são de todo uma novidade no estrangeiro.

Kashpirovsky cumpriu a sua palavra. No verão de 1990, trabalhou em Pripyat e Slavutych e considera os seus resultados no "tema de Chernobil" bastante encorajadores.

Durante muito tempo, A. Kashpirovsky não apareceu nos ecrãs de televisão. Mas em fevereiro de 1993, no programa "Notícias", voltou a surgir o rosto conhecido. Acontece que Kashpirovsky realiza conversas psicoterapêuticas educativas entre jovens delinquentes. Não sei quais serão os resultados deste trabalho. Gostaria muito de esperar que sejam bons. Mas mesmo que não consiga devolver muitos ao caminho certo, a nobreza deste ato é difícil de duvidar.

A. V. Chumak realizou múltiplas tournées pela Europa e por Israel. Na Jugoslávia, durante três meses, uma das revistas semanais mais populares, "TV Revija", publicou em página a cores uma fotografia carregada por Chumak. Em cada número da revista, a fotografia era programada para a cura de determinados males e doenças. Os resultados dos experimentos superaram todas as expectativas: a tiragem de "TV Revija" esgotava-se instantaneamente, e a redação foi inundada de cartas. Apesar de ser "época morta" na Jugoslávia nessa altura do ano, a tiragem da revista quintuplicou.

Na opinião do editor-chefe de "TV Revija", Dragutin Minich, as capacidades de Chumak foram altamente avaliadas em Itália, Inglaterra e Israel. Na Jugoslávia, previa-se criar empresas que produzissem produtos carregados por Chumak. Todos os meios ganhos com a sua produção, segundo garantia de A. Chumak, iriam para necessidades sociais.

Na Jugoslávia, Chumak deu uma entrevista ao correspondente do jornal "Moskovskaya Pravda", A. Baturin. À pergunta sobre por

que razão Chumak trabalhava nos últimos tempos para uma audiência estrangeira, recebeu a seguinte resposta:

"Não houve proibição oficial das minhas atuações na televisão. Mas, infelizmente, no nosso país está difundida uma técnica, que eu chamaria de "luta com a sombra". No boxe, é um treino; na vida, é uma perda vazia de tempo e forças. Por isso, não me ocuparei disso. Faço o meu trabalho onde há possibilidade. Por exemplo, na Jugoslávia, há. Em Itália, onde realizei uma transmissão de vinte e cinco minutos para todo o país, recebi respostas colossais e uma proposta para continuar o trabalho. E em casa — silêncio".

Não, em casa está longe de ser silêncio. O Ministério da Saúde da Letónia informou sobre a proibição, a partir de outubro de 1990, da realização no território da república de eventos em massa com participação de psíquicas e psicoterapeutas. Segundo declaração do Ministério da Saúde, frequentemente após tais sessões o estado de saúde das pessoas piora. E o primeiro "afetado" por este decreto foi A. Chumak, cujos sessões de melhoria da saúde deveriam começar em Riga a 7 de outubro de 1990. Na véspera, foi inesperadamente chamado ao Ministério da Saúde, onde lhe comunicaram a proibição das sessões.

— Expliquei durante quase uma hora a um grupo severo e na maioria silencioso que eu não sou psicoterapeuta, não sou hipnotizador, que não posso assumir responsabilidade por todos aqueles que estiveram em Riga antes de mim: a caravana de psicoterapeutas, hipnotizadores, feiticeiros e massagistas com diplomas viaja pelo país, e quase cada um tem no bolso algum documento, e os resultados são deploráveis... Mas isto não tem qualquer relação comigo nem com o que eu faço (Izvestia. 1990. 19 de outubro).

E recentemente soube que o programa de A. Chumak para a melhoria da ecologia do nosso planeta está próximo da conclusão. E enquanto isso... Enquanto isso, Alan Vladimirovich organizou a firma "A. Chumak e C.ª" com o objetivo de investigar o fenómeno Chumak

e produzir diversos tipos de produtos carregados. No início de 1992, apareceu o primeiro produto dela. A fábrica de cerveja de Moscovo começou a produzir água ligeiramente gaseificada energizada por A. Chumak. Na opinião das pessoas que a provaram, é agradável ao paladar e cria um estado de espírito elevado.

"O que temos — não guardamos, ao perder — choramos". Ah, oxalá esta provérbio em relação a A. M. Kashpirovsky, A. V. Chumak, G. E. Rutskoy e outros curandeiros notáveis não se torne profética!

TIPOS INCOMUNS DE TERAPIA NÃO TRADICIONAL

A ciência e a arte,

separadas na base,

um dia encontrar-se-ão no cume.

G. Flaubert

A ordem liberta a mente — assim disse outrora, há muito tempo, o conhecido fisiologista, criador da teoria reflexa da atividade do sistema nervoso, René Descartes. Na minha secretária, porém, reina uma desordem pitoresca. Há de tudo aqui! Mas na minha desordem, oriento-me bastante bem. Eis, por exemplo, o programa da conferência "Aspetos médico-tecnológicos da bioeletrónica", que decorreu em Poltava em junho de 1989. Mas para que preciso eu deste programa antigo? Devia tê-lo deitado fora há muito, para não entulhar a secretária. Não, não devo fazer isso. Recorda-me muitas coisas.

Quantas comunicações interessantes ouvi na conferência em Poltava. Uma delas — "Impacto curativo nos espetadores de obras pictóricas" — foi feita pelo artista de Tomsk, G. P. Burtsev. O artista — um homem já não jovem, claramente com mais de cinquenta anos —, no início da comunicação, leu durante muito tempo opiniões de visitantes das suas exposições sobre as suas pinturas. Claro que eram apenas opiniões elogiosas. Fechem os olhos, ouçam

a voz do orador, esqueçam por um momento que diante de vós está G. P. Burtsev, e pensareis inevitavelmente que se fala de criações imortais de Rafael, Levitan ou Shishkin. Mas não, há algo de especial nestas opiniões. Em muitas delas, soa a mesma ideia: "acalman", "elevam o humor", "atuam beneficamente no sistema nervoso" e até "curam".

G. P. Burtsev contou como, há muitos anos, adoecera, os médicos "cruzaram-se" nele, os próximos sabiam que em breve ele partiria para os antepassados, e ele, como veem, vive até hoje, trabalha e ajuda os outros.

O que aconteceu então com Grigory Pavlovich? Acontece que foi para as montanhas do Cáucaso, encontrou lá um recanto maravilhoso e isolado com uma "natureza divinamente bela" e pintava, pintava, pintava. É interessante notar que, por formação, Burtsev é engenheiro e só em idade madura se tornou artista.

E eis que sentiu como o humor melhorou, as forças começaram gradualmente a regressar, e a doença recuava pouco a pouco. E o artista acreditou na sua recuperação.

Lá, nas montanhas do Cáucaso, ocorreu ainda outra cura milagrosa. No mesmo local onde trabalhava Burtsev, vinha um homem idoso, sentava-se de lado e admirava a natureza. Estava pensativo, observava o trabalho de Grigory Pavlovich apenas de longe, não querendo perturbar ou incomodar. Mas um dia aproximou-se de Burtsev e pediu licença para ver o seu trabalho.

Conversaram. O desconhecido contou que estava incuravelmente doente de cancro, que muito amava estes lugares, onde passaram os melhores anos da sua vida, e que aqui viera despedir-se da vida.

E assim passaram quase um mês inteiro juntos. Burtsev pintava, o seu novo amigo observava o trabalho do artista. E, coisa estranha, o estado dele também começou a melhorar, alegrou-se, fortaleceu-se, ganhou peso. Não posso garantir que o novo conhecido de

Burtsev se curou, mas parece que o artista assegurou isso à distinta assembleia.

Desde então, Grigory Pavlovich trata pessoas com as suas pinturas. Pinta retratos de doentes, e à medida que o trabalho avança, os seus pacientes sentem-se cada vez melhor. Convida pessoas doentes para a sua oficina criativa, para exposições pessoais.

Na sala, estavam penduradas pinturas de Grigory Pavlovich. O artista assegurava que não só sentia a natureza, mas também percebia zonas "saudáveis" e "doentes". Aquilo que se pintava em zonas "saudáveis" trazia benefício ao homem, possuía propriedades curativas; o que se reproduzia em zonas "doentes" podia levar ao desenvolvimento de um processo patológico.

Lembrei-me de uma das histórias do artista: "Pintei uma vez um tronco seco e senti eu próprio que dele emanava frio. Quando o pendurei na parede, a oficina tornou-se desconfortável. Um vizinho — inválido — veio visitar-me. Gostou muito da pintura. Sabendo que eu não estava satisfeito com o desenho, convenceu-me a oferecer-lho. Não queria fazê-lo, como se pressentisse uma desgraça, mas ele foi insistente. Em breve, parti por duas semanas numa viagem criativa, e quando regressei, soube que o meu vizinho morrera".

Não, não acreditei muito em Burtsev: "Há muitas coincidências na vida. Que novidade, um doente morreu". Mas o artista estava firmemente convencido de que a infeliz pintura ajudara o vizinho a despedir-se da vida, e muito se afligia com esta tragédia.

Para ser honesto, as pinturas de Burtsev não me impressionaram particularmente. Nelas predominavam paisagens — montanhas, florestas, rios e até lugares onde o artista vira objetos voadores não identificados.

— Então não sente que as suas pinturas irradiam calor? — perguntava-me a docente do Instituto Estomatológico de Poltava, Valeria Viktorovna Loyko. — Aproxime a palma da mão.

Comecei a passar lentamente as mãos ao longo de uma das paisagens e realmente senti que a pintura estava "quente".

— E agora aproxime-se aqui e repita os mesmos movimentos. Sente frio?

Não sei, talvez fosse uma sugestão comum, mas pareceu-me que da pintura realmente emanava frio. Aliás, por que sugestão? Muitas vezes me disseram, e eu próprio tive oportunidade de me convencer, que das antigas ícones, executadas por verdadeiros mestres, emana sempre calor. Mas se a ícone foi pintada por um oportunista ou se é produção em massa, a mão não sente absolutamente nada.

— Acredite, as pinturas das quais sente calor realmente possuem a capacidade de curar a pessoa ou, pelo menos, melhorar o seu humor. Outra coisa é se a pintura for fria. Não lhe aconselho a tê-la no apartamento — assegurava-me Valeria Viktorovna.

E, na verdade, talvez com o pincel do artista ou o cinzel do escultor se possam curar pessoas doentes?

"Concordem, existe em nós um certo estereótipo de médico. Ao entrar num consultório médico, esperamos ver uma bata branca, o tradicional estetoscópio ao pescoço, um armário envidraçado com medicamentos no canto e uma mesa atafulhada de fichas ambulatórias, histórias clínicas, extractos... Ao transpor, porém, o limiar do consultório do doutor G. Nazloyan, o primeiro pensamento é que nos enganámos na porta — tudo aqui é tão invulgar: baixos-relevos nas paredes, poltronas macias... Único é também o próprio método de tratamento: o médico-psiquiatra... modela o retrato do doente".

Este prefácio ao artigo de F. Podkolodny "Prescreva um retrato escultural" foi publicado no "Jornal Médico" a 23 de abril de 1989.

Do artigo, ficamos a saber que o candidato em ciências psicológicas Gagik Mikhaylovich Nazloyan, médico-psiquiatra da policlínica n.º 5 do distrito de Gagarin, em Moscovo, aplicou pela primeira vez um novo método de psicoterapia — escultural ou retratista — e trata com sucesso com escultura, ou seja, cria um busto ou retrato do paciente. Acontece que, a par dos métodos de psicoterapia geralmente aceites, utiliza também gesso ou plasticina, cavalete, pincéis ou lápis. Usando o novo método, Nazloyan ajudou quase trezentos doentes que sofriam de perturbações psíquicas, a maioria dos quais se encontrava em remissão há longo tempo.

O novo método de terapia nasceu há pouco mais de 10 anos, quando Nazloyan, que se ocupava de problemas filosóficos da criatividade, "recordou" que tinha diploma de médico e começou a trabalhar num hospital psiquiátrico.

"A primeira coisa que vi com olhar fresco foi o alheamento dos doentes. Pareceu-me que isso é o principal que alimenta as perturbações psíquicas. Na base do alheamento está a violação do diálogo consigo mesmo, aquele mesmo diálogo que determina o nosso comportamento, os nossos pensamentos, as nossas declarações, a nossa criatividade. Este diálogo viola-se devido a uma representação distorcida, incorreta de si mesmo. A tentativa de normalizar o diálogo interior, reconstruir a imagem espelhada de si mesmo é o que está na base do meu método de tratamento".

G. Nazloyan aceita apenas pacientes incuráveis com medicamentos, quando a psiquiatria tradicional é incapaz de lhes prestar ajuda.

Como decorre então um sessão terapêutico de Nazloyan?

"A principal "mira" é o afastamento, o alheamento do doente... — o autismo — diz Nazloyan. — A saída do autismo começa nos primeiros minutos de trabalho sobre o retrato. Gradualmente, no doente manifesta-se interesse pelo processo criativo, aprofunda-se o contacto com o médico. Começam longas conversas sobre

diversos temas. Importante aqui é que o tempo da sessão é praticamente ilimitado. Tive, por exemplo, uma sessão que durou 48 horas seguidas...

Nas minhas sessões surge a ilusão de uma comunicação infinita... Conversamos de forma amigável sobre coisas completamente comuns, como se ignorássemos os seus distúrbios psíquicos... O centro da comunicação é o processo de criação da escultura... o doente pode intervir ativamente se algo não lhe agrada, dar conselhos... Verifica-se a auto-identificação da personalidade do doente, a identificação do retrato consigo mesmo. Progressivamente, a síndrome principal da doença simplifica-se, reduz-se.

Quando chega a fase de concretização máxima dos detalhes do rosto no retrato e, correspondentemente, de uma forte simplificação da síndrome da doença, sobrevém a catarse — uma erupção violenta do sentimento de alienação... Em todos manifesta-se de forma diferente: ora é um choro contínuo ou uma explosão de riso, ora um comportamento agressivo e conflituoso, ora cenas de nudez sexual grosseira... Após essa explosão emocional intensa, os doentes quase completamente esquecem o estado de catarse e surge uma sensação vívida de que recuperaram a saúde.

O critério de sucesso do tratamento, tanto para mim como para o paciente, é a conclusão do retrato. Este simplesmente não pode ser levado até ao fim sem deslocações positivas no quadro psicopatológico da doença».

G. Nazloyan não está sozinho. Atualmente surgiram muitos adeptos do seu método de terapia. Só em Moscovo há mais de duas dezenas de especialistas de excelência que estão mesmo dispostos a abandonar cargos prestigiosos para trabalhar com este método. E não há dúvida de que, com o tempo, serão ainda mais.

O diretor científico do Centro Psicoendocrinológico de Toda a União, professor A. I. Belkin, considera que o método proposto por

Nazloyan é, em muitos aspetos, semelhante ao método de psicanálise do grande Sigmund Freud. O que os aproxima é, acima de tudo, esse contacto íntimo e profundo que se estabelece entre o médico e o paciente. Nazloyan permite que o doente intervenha no processo criativo, consulta o doente. Isso reforça a confiança do doente no médico, surge o fenómeno que na psicanálise se designa por «transferência».

«Um papel importante parece desempenhar aqui também o próprio retrato escultórico — algo que não existe nas sessões psicanalíticas... A sensação de formação do próprio rosto tem certos efeitos subconscientes. A pessoa olha para o seu rosto como se fosse um duplo e, inevitavelmente, começa a refletir. E essa visão de si mesma de fora permite-lhe recordar aqueles pensamentos, talvez os mais íntimos, que não exprimiria, que foram reprimidos no subconsciente», escreve A. I. Belkin.

Sem dúvida, G. Nazloyan desenvolveu um modo extremamente original de impacto psicoterapêutico no doente. E, no entanto, não consigo acreditar que aqui se trate apenas de psicoterapia. Não consigo imaginar que uma pessoa com formas graves e incuráveis de esquizofrenia, ao olhar para o seu retrato, comece inevitavelmente a refletir e assim se cure de uma terrível doença.

O professor Belkin considera que um papel importante parece desempenhar aqui a escultura. A mim, apetece-me muito eliminar a expressão «parece». Acho que o retrato ou a escultura desempenha o papel principal no tratamento do doente. Mas antes de expor as minhas próprias opiniões sobre este método de tratamento, gostaria de me referir a uma interessantíssima publicação de O. Serdiuk no jornal «Méditsinskaia Gazeta» de 29 de outubro de 1989, intitulada «Três encontros com a pintura energética».

Durante mais de três meses, no Museu de História da Religião e do Ateísmo em Lviv, decorreu uma exposição da chamada pintura energética do professor do Instituto de Construção de Máquinas de Shaanxi, Li Yun (China), e durante todo esse tempo havia uma

grande fila à porta do museu de pessoas que queriam não só conhecer as obras de arte, mas também experimentar em si mesmas a influência benéfica das pinturas do artista desconhecido. Cada pintura de Li Yun deve ser observada com concentração, durante 5-10 minutos, a uma distância de 2-3 metros, para que se possa sentir a energia e os sentimentos nela depositados. A atitude face à exposição é ambígua. Há pessoas que vinham ao museu todos os dias e garantiam que as pinturas as livravam das suas doenças, outras apenas sorriam céticas. Mas também houve quem se sentisse mal no museu, tendo sido necessário chamar a assistência médica urgente. Coincidência? Não serão coincidências a mais?!

Um doente curou-se sob a influência das sessões de Chumak ou Kashpirovski — coincidência, um inválido morreu depois de levar para casa uma pintura de Burtsev — coincidência. E ao encontrar a pintura energética de Li Yun, alguém curou-se, alguém se sentiu mal — também coincidência?

A exposição de pinturas energéticas de Li Yun é pequena — apenas doze telas, nas quais se entrelaçam motivos do Ocidente e do Oriente. Como em qualquer exposição, há um livro de impressões. Naturalmente, as opiniões também são ambíguas. Aqui está uma delas:

«Caro Li, obrigado por salvar a minha alma. Apareceu na hora certa: eu estava no limite do perigo. A sua energia, a sua bondade devolveram-me à vida».

Digam o que disserem, uma inscrição destas vale muito.

Mas Li não é apenas engenheiro e artista. É também curandeiro popular. Ajudou um rapaz doente a livrar-se de enurese, salvou uma criança com intoxicação grave, aliviou o sofrimento de um doente com asma cardíaca.

Acontece que há muitos anos ele pratica medicina popular Qi-Gong quatro horas por dia, o que lhe permite carregar-se de energia da natureza circundante e controlar a sua própria energia. Li Yun

domina esta arte na perfeição. Sente as doenças das pessoas «no próprio corpo». Passando a mão ao longo do corpo, faz um diagnóstico absolutamente exato. Além disso, Li Yun, tal como Djuna, considera que, com treino, isto pode ser aprendido. Mas para um tratamento bem-sucedido é preciso… «amar as pessoas».

Então, qual é o segredo, porque é que as pinturas de Li Yun curam?

Aqui está a explicação que este fenómeno enigmático recebe do investigador sénior do departamento de bioquímica do Instituto Médico de Lviv, M. F. Tymochko.

As pinturas em si, na sua opinião, não possuem energia que pudesse ser medida por qualquer instrumento. O que acontece é que, quando o autor trabalha na pintura, vive um certo estado, refletindo-o sob a forma de símbolos, cor e luz. Se a pessoa que está diante da pintura conseguir viver o mesmo estado, forma-se uma ligação inversa. Uma espécie de ressonância gera energia de perceção, graças à qual surgem diversos efeitos, relacionados com o estado do sistema nervoso da pessoa.

Assim, mais uma hipótese que explica o efeito terapêutico da pintura energética, do retrato escultórico ou de uma tela comum de um artista extraordinário. Mas para compreender a explicação dada por M. F. Tymochko, é necessário primeiro esclarecer o que é o ensino Qi-Gong.

Sem entrar em detalhes, posso apenas dizer que dominar as técnicas de Qi-Gong significa dominar a capacidade de acumular bioenergia e saber controlá-la.

Aqui estão apenas alguns exemplos. Na China é extremamente popular a curandeira popular Zhao Qunxiong, conhecida mestre de Qi-Gong, que utiliza os mesmos métodos de diagnóstico e tratamento que os psíquicos. Ela, tal como A. Chumak, é capaz de «carregar» com a sua «energia curativa» água, frutas, cremes,

alimentos. Mesmo no tempo mais quente, as frutas «carregadas» com a sua energia não se estragam durante muitos dias.

E aqui está um dos experimentos realizados pelo notável mestre de Qi-Gong Yan Xin:

Yan Xin e os cientistas dirigiram-se ao laboratório de catálise química... Aqui, numa das salas, estava um recipiente de vidro de quartzo contendo uma mistura de gás hidrogénio e óxido de carbono — o chamado gás de síntese... A reação química na mistura só começava a pressão de 30 atmosferas e temperatura superior a 280 graus ou sob a ação de catalisadores. Neste momento, no recipiente a pressão era de uma atmosfera e a temperatura na sala era de 13 graus. Passaram cinco minutos durante os quais Yan Xin exerceu impacto psíquicoial no recipiente. E eis que no ecrã apareceu um gráfico... — sob a influência da força externa «qi» ocorreu uma reação química. Portanto, o experimento foi bem-sucedido» (Vokrug Sveta. 1987. Nº 9).

Mas se com energia se pode carregar água e frutas, se com esta energia se pode catalisar reações químicas, então porque não fixar esta energia numa pintura? Acho que é possível. Não é à toa que A. Chumak garante que é capaz de carregar com energia curativa qualquer objeto com o qual o doente entrará em contacto. Aqui está mais uma hipótese sobre porque se pode tratar pessoas com pintura e escultura.

Mas há outro aspeto deste problema. Mais de uma vez me convenci de como os psíquicos fazem diagnósticos a partir de fotografias do doente. Cada um deles está convencido de que na fotografia fica registada a bioenergética da pessoa a quem pertence.

No meu apartamento está pendurado um autorretrato de Djuna. Uma vez, Anatoli Mikhailovich Tulupov aproximou-se dele e passou a mão ao longo do retrato.

— Sabe, a Djuna tem sinusite e, parece, dor de ouvido — disse ele.

Liguei imediatamente para Djuna e ela confirmou que o diagnóstico coincidiu parcialmente. Tulupov apenas se enganou um pouco na localização do processo patológico.

Estou convencido, embora seja difícil de verificar, de que, ao pintar o retrato de uma ou outra pessoa, o artista «retira-lhe» energia, graças à qual esta fica fixada na tela. Mas não se assustem, nenhum artista vos fará mal. A vossa energia é inesgotável e é constantemente reposta com alimentos, água e até com o ar durante a inspiração e expiração. Mas um bom artista é capaz de «retirar» a energia «doente». E quando Gagik Nazloyan desenha cuidadosamente o retrato do doente, priva-o dessa energia patológica, o que é uma das razões da cura. Afinal, não é por acaso que nos doentes psiquiátricos a catarse ocorre no momento em que o artista trabalha na imagem da cabeça e do rosto.

Não, de modo algum nego o impacto psicoterapêutico durante a sessão, nem o método de psicanálise, nem a capacidade de carregar pinturas com bioenergia. Mas estou absolutamente convencido de que se Burtsev, Nazloyan, Li Yun e outros curandeiros com escultura e pintura de retrato não fossem psíquicos, nunca teriam alcançado tal sucesso.

A influência benéfica da pintura energética experimentei-a várias vezes em mim mesmo. Vou contar como isso aconteceu. O meu grande amigo, professor de Djuna, o artista Ilia Alexandrovich Kleiner, pessoa de talento raro. Sobre as suas pinturas, o grande Marc Chagall falou com entusiasmo. Mas isso não é o principal. Considero que Kleiner é um psíquico. Aliás, o próprio Ilia Alexandrovich também está convencido disso.

— Mais de uma vez me convenci — contava-me o artista — de que, se quiser, obrigatoriamente faço com que a pessoa olhe na minha direção. Além disso, posso com força de vontade obrigá-la a cumprir o meu desejo. Ainda não houve caso em que, na situação mais difícil, eu não conseguisse bilhete de avião. Não me lembro de

um caso em que não conseguisse parar um táxi ou convencer o condutor de um carro particular a levar-me até ao fim do mundo.

Estou convencido de que posso curar com as mãos, mas não tenho tempo para isso. Em compensação, as minhas pinturas, sem dúvida, são capazes de curar pessoas. Notou a energia que delas emana?

Na casa e no atelier de Ilia Alexandrovich sinto-me invulgarmente à vontade. Essa sensação não me abandona mesmo quando os donos não estão em casa. Estou convencido de que a influência benéfica no meu bem-estar é exercida pelas pinturas. E o que há nisso de surpreendente! Quanta força espiritual Ilia Alexandrovich coloca em cada uma delas!

A mulher do artista, Ella Iossifovna, aluna de Djuna. Passou com ela o curso completo dessa ciência complexa. Mais de uma vez tive oportunidade de ver como ela trata amigos em casa.

Uma vez encontrei Ella Iossifovna a trabalhar. Estava a tratar um rapaz de cerca de doze anos.

— O que tem ele? — perguntei.

— Enurese. Hoje é a quinta sessão. E sabe, o efeito é ótimo. Não quero dar azar.

Mais tarde soube que o efeito foi realmente bom. Embora tenha passado mais de um ano, não houve recaída da doença.

Ora, que é um rapaz com enurese! Uma vez Ella Iossifovna tratou… a própria lendária Djuna.

— A Ella tem mãos maravilhosas. Poderia tornar-se uma curandeira séria. Infelizmente, não tem absolutamente tempo para isso. Trabalho, família, onde arranjar tempo para desenvolver as suas capacidades — contava-me uma vez Djuna. — Mas uma vez constipei-me. A temperatura estava acima dos 39 graus. E dois dias depois tinha obrigatoriamente de viajar. Que fazer? Sentia-me mal, corrimento nasal, a cabeça a estoirar. Telefonei para a Ella e ela veio

logo. Imaginem, apenas duas sessões — e eu estava curada. É o que significa massagem sem contacto.

Assim, Ella Iossifovna também é psíquico. Uma atmosfera incrivelmente benevolente reina nesta família. E penso que não só Ilia Alexandrovich, mas também Ella Iossifovna certamente colocam nas pinturas parte da sua energia.

A sensação de conforto na casa dos Kleiner não a sinto apenas eu. Conhecidos e amigos mais de uma vez disseram que sentem nesta casa hospitaleira uma sensação de serenidade.

— Provavelmente, em lado nenhum me sinto tão bem como em casa do Iliucha — garantia-me o professor Yu. M. Levin. — E não é à toa que na minha casa há tantas pinturas dele. Elas ajudam-me a viver e a trabalhar.

Uma vez, a Ilia Alexandrovich ocorreu uma ideia magnífica. Acontece que ele conhece bem Alan Vladimirovich Chumak. E porque não carregar com a energia de Chumak as suas pinturas? Sabe-se que Chumak carregou com energia 80 000 fotografias e distribuiu-as pelos seus pacientes. Atualmente está a ser recolhida informação. E imaginem, muitos garantem que as fotografias carregadas por Chumak têm um efeito literalmente mágico. É verdade que ainda é cedo para tirar conclusões definitivas. É preciso recolher o máximo de informação possível, processá-la e só então falar da existência de um efeito positivo.

A ideia de Kleiner agradou a Chumak. Estou convencido de que, se isso acontecer, a pintura energética de Kleiner influenciará o organismo do doente não menos intensamente do que as pinturas de G. P. Burtsev, Li Yun e outros artistas que utilizam a pintura energética com o objetivo de tratar doentes.

Mas conheço outros factos. Frequentemente as pinturas de Djuna Davitashvili são vendidas em leilões no estrangeiro por grandes somas. Os homens de negócios estão convencidos de que a sua pintura não só cura, como cria em casa um ambiente de respeito

mútuo e bem-estar. Para honra de Djuna, o dinheiro arrecadado ela doa para fins de beneficência, em particular para o Fundo Infantil em nome de V. I. Lenin. Djuna prometeu oferecer uma das suas pinturas ao Fundo de Misericórdia e Saúde de Chita para venda em leilão. Devo dizer que ao nosso departamento do fundo Djuna ofereceu dez exemplares do livro «Escuto as minhas mãos». Previamente os livros foram carregados com a sua energia e sorteados em leilões de livros na nossa cidade.

Gosto muito de visitar a casa-museu de Iraida Mikhailovna Bogdanova-Rerikh e Viktor Yulianovich Vassilchik num dos boulevards de Moscovo. Em três pequenas divisões e cozinha, onde outrora viveu Yuri Nikolaevich Rerikh, estão pendurados originais de obras dos notáveis artistas — pai e filho Rerikh. Como te sentes calmo e descontraído nesta casa, que influxo de forças e energia sentes!

Várias vezes visitámos a casa-museu dos Roerich juntos com Anatoli Mikhailovich Tulupov.

— Tenho a sensação — dizia ele depois — de que me injetaram uma carga de energia. Notou que de cada pintura emana calor? Não tenho dúvidas de que estas pinturas curam. Se em Moscovo se sentir indisposto, passe obrigatoriamente por esta casa, junto dos hospitaleiros anfitriões, e, acredite, vai sentir-se muito melhor.

Mas será apenas o retrato escultórico ou a pintura energética capaz de exercer uma influência benéfica no estado do doente? Acho que não. Estou absolutamente convencido de que o teatro, a música e, em geral, qualquer forma de verdadeira arte são capazes de fazer milagres e, em certos casos, podem levar a resultados que nem mesmo médicos muito bons conseguem alcançar. Mas vejamos o que diz sobre isso um dos nossos melhores encenadores, Mark Zakharov:

«Muitas vezes digo aos atores... ofereçam a si mesmos e ao público espaço para improvisação. Que seja pior do que da última

vez, mas a explosão espontânea de energia psíquica (termo de N. Roerich. — B. K.) compensará em qualquer caso, pois provocará... sensações inesperadas na plateia... O processo deve possuir uma dinâmica viva, imprevisível... Passados 30-40 minutos, o espectador deve amar aqueles que atuam diante dele. O amor pode ser inconsciente, mas deve surgir... Mas ainda melhor é chegar à catarse, ao abalo. Este purifica e transforma a consciência do espectador. No subconsciente do espectador é implantado um programa curativo de longa duração. Nesse caso, há esperança de que o espectador seja visitado por pensamentos luminosos... E que na sua alma penetrem germes de boas intenções» (Izvestia. 1990. 13 de janeiro).

Mas, talvez, o mais surpreendente seja o teatro único que recebeu a designação de psicoterapêutico, cujo organizador, ator principal e encenador é o médico David Egorov. No final dos anos 70 do nosso século, nas origens da criação do teatro, esteve Vladimir Vysotsky. Ele não só aprovou a ideia do teatro, como ajudou a elaborar os guiões, deu conselhos úteis e participou no processo criativo. Consultor do teatro é o conhecido psicoterapeuta russo professor V. E. Rozhnov.

No teatro de David Egorov tudo é invulgar. Aqui os espectadores são simultaneamente atores e pacientes. E que não o perturbe a designação «psicoterapêutico»: neste teatro a psicoterapia é apenas um dos modos de impacto no doente. David Egorov chamou ao seu método de tratamento «stressoestetoterapia». Acho que não precisa de explicação especial.

A par de stresses leves, que aumentam a resistência do organismo à ação de fatores desfavoráveis, no teatro é aplicado o modo de impacto estético na pessoa. Não duvido de que a alegria, o bom humor, o deleite com o belo sejam uma poderosa carga energética que contribui para a cura do doente. É exatamente esse estado de espírito que surge no espectador logo nos primeiros minutos, assim que entra nos espetáculos de David Egorov. E o próprio espetáculo visa despertar na pessoa o sentimento de

bondade, o que é alcançado com recurso a técnicas teatrais especiais e música cuidadosamente selecionada. Além disso, durante o espetáculo trabalham artistas-psicólogos que criam retratos psicológicos e, possivelmente, utilizam técnicas de pintura energética.

No teatro são usados meios da medicina popular, incluindo algumas técnicas recomendadas pelos iogues indianos. Um papel significativo é atribuído aos meios da medicina tibetana. Nele é aplicada reflexoterapia, terapia manual e, por fim, bioenergética. O próprio David Egorov passou por uma formação especial de dois anos em métodos de impacto bioenergético e agora trata com sucesso doentes com massagem sem contacto, por fotografias, por imagem imaginária ou utilizando água carregada.

David Egorov reconhece que existem pessoas com energia «branca» e «preta». Na presença de uma pessoa com energia «preta» sentimos desconforto e, sem razões visíveis, a saúde piora. Se suspeitar que se encontrou com uma pessoa «preta», procure tomar um banho ou duche e assim «lavar» de si a energia danificadora.

Os espetáculos no teatro de Egorov são dirigidos ao tratamento de doenças estritamente determinadas, do que os espectadores são informados pelos cartazes e programas especiais. No próprio título do espetáculo está contida a supertarefa: «Eu falo» — espetáculo para quem sofre de logoneurose, ou gaguez, «Eu respiro» — para quem tem asma brônquica e bronquite crónica, «Eu não tenho medo» — para remover várias fobias, por exemplo o medo do VIH, extremamente difundido atualmente, especialmente entre adolescentes, «Eu caminho» — para remover paralisias histéricas.

Uma das maiores vantagens do teatro de David Egorov é a existência de feedback com o espectador. À entrada e na sala durante o espetáculo trabalham constantemente médicos experientes. Aos espectadores é anunciado um telefone pelo qual, em caso de necessidade, podem contactar Egorov. Com aqueles que

participam no espetáculo terapêutico no palco é estabelecido contacto direto e é feito acompanhamento do seu estado. Além disso, todo o espetáculo é gravado em vídeo, que Egorov depois visiona com especialistas e assim controla a terapia dos espectadores-pacientes. Por fim, no teatro está bem estabelecida a ligação com os principais centros médicos de Moscovo e, em caso de necessidade, os doentes são encaminhados para consulta ou tratamento hospitalar.

David Egorov tem também seguidores. Um deles é o médico Vilen Lifshits, membro da Sociedade Moscovita de Psíquicos, laureado de um concurso de toda a União, que realizou mais de 2000 sessões terapêuticas em muitas cidades da CEI. O seu programa chama-se «Milagres no sono e acordado». É estruturado da seguinte forma. No primeiro ato, o ator e curandeiro demonstra as suas capacidades. Chama ao palco voluntários da plateia e realiza anestesia, após o que o fogo do isqueiro não provoca sensação de dor. Transforma pacientes individuais em Alla Pugacheva ou Michael Jackson. No segundo ato realiza-se uma sessão terapêutica e de recuperação, à qual as pessoas já estão bem preparadas. Após 5-6 espetáculos semelhantes, muitos doentes curam-se de asma brônquica, osteocondrose, gaguez, hipertensão.

Vilen Lifshits garante que curar podem não só ele próprio, mas também a sua fotografia, assim como a gravação áudio de uma sessão terapêutica.

O principal psicoterapeuta de Moscovo A. Slutsky considera que a forma mais frutífera de psicoterapia é o trabalho conjunto do médico e dos atores. Para esse fim pode ser utilizado o «teatro psicoterapêutico». Num desses espetáculos são especialmente convidados indivíduos com traços de caráter ansioso-maníacos, noutro — em estado de descompensação neurótica. Os espectadores neste caso vêm não só para se divertir, mas para mergulhar na atmosfera de vivências psíquicas complexas.

As figuras centrais do teatro psicoterapêutico são o psicoterapeuta e o psicólogo. São eles os encenadores e apresentadores de tal espetáculo. E o próprio espetáculo é um processo terapêutico peculiar, onde a mestria de atuação se combina com conversa, sugestão, coloritmomusicoterapia e todo o conjunto de modos de impacto psicológico.

Na opinião de A. Slutsky, «o teatro psicoterapêutico cria um efeito de presença qualitativamente novo e, principalmente, tal sistema atua de forma muito poderosa e sanogénica na alma humana» (Méditsinskaia Gazeta. 1991. 16 de agosto).

Um fenómeno completamente diferente é o teatro de experiências psicológicas de Mikhail Shoifet. Os espectadores desde o início ocupam lugares no palco. Toca música, Mikhail Shoifet aproxima-se de cada participante, diz algumas palavras ou simplesmente toca ligeiramente com a mão no voluntário que subiu ao palco. E acontece algo invulgar. Ao som de música luminosa e alegre, os braços de um dos jovens ergueram-se e... ele voou... A julgar pela cara do felizardo, pairava em espaços invisíveis. E os seus vizinhos também passavam o tempo de forma divertida e interessante. Um mantinha uma conversa agradável com um invisível, outro, agarrado a um volante inexistente, acelerava.

Então o que se passa no palco — loucura em massa?

Mikhail Shoifet discorda categoricamente disso.

«É um processo criativo, durante o qual para a pessoa nada é impossível — diz ele. — E a nossa tarefa é ensinar as pessoas a dominar a sua própria psique... Ocupamo-nos de autorregulação psicológica... Sem quaisquer drogas, a pessoa mergulha num estado especial que lhe abre possibilidades ilimitadas. E durante tais sessões ocorre cura... A pessoa pode regular autonomamente o seu estado. O principal é acreditar nas próprias forças, matar em si o medo, a insegurança. Eu apenas mostro o caminho para isso, e depois cada um segue sozinho».

Entretanto, no palco decorre um concerto de «estrelas da música pop». As pessoas cantam, dançam, estabelecem recordes pessoais de levantamento de pesos, tocam instrumentos musicais. Fazem-no brilhantemente, como nunca conseguiriam em estado normal.

Mas para quê fazer no palco aquilo que na vida a pessoa nunca fez nem tenciona fazer?

A esta pergunta M. Shoifet responde assim:

— Em todo o caso, não para divertimento dos espectadores. Ao palco vêm, via de regra, pessoas com alguns problemas — inseguras de si, constrangidas na comunicação, neuróticos. Ajudá-las podem jogos de papéis, durante os quais a pessoa se liberta de estereótipos, dogmas.

No final, os participantes da noite demonstram eles mesmos o que aprenderam nessas horas. Agora mergulham autonomamente, sem a participação de M. Shoifet, num estado especial já familiar e fazem coisas aparentemente impossíveis: cantam, tocam, compõem poemas, nadam num mar imaginário... aliviam dores de cabeça, alteram a frequência do pulso, tentam sem sucesso livrar-se de miopia e gaguez.

Posteriormente, os participantes das experiências psicológicas continuam os exercícios em casa e muitas vezes alcançam resultados surpreendentes: fragmentam autonomamente pedras nos rins e na vesícula biliar, restauram a atividade de um coração exausto.

E como é que os médicos veem tais experiências?

— Calam-se em uníssono — garante M. Shoifet. — Os representantes da ciência académica, a quem mais de uma vez demonstrei o programa, não manifestaram qualquer interesse. Um povo surpreendentemente pouco curioso (Stroitelnaia Gazeta. 1989. 22 de novembro).

— Tratamento pelo teatro! Isso só é possível em Moscovo ou São Petersburgo. A nós, na periferia, nunca chegaremos a ter algo assim — dirá o leitor e estará muito enganado. O jornal «Vega», no primeiro número de 1991, informou que o teatro «Eniom-aura»* planeava no outono de 1991 uma tournée para o leste do país. Infelizmente, da publicação não consegui saber onde fica a base do teatro. Mas vamos à própria notícia.

(Companhia de espetáculos de variedades e hipnose** ligada ao centro de Investigação Científica de Medicina Popular Tradicional "ENIOM", criado por Yakov Galperin.)*

«Unir num todo o antigo folclore musical e as tradições milenares de cura popular — esta ideia encontrou expressão num ato chamado "Ajuda o teu próximo com o teu coração". Foi recriado no palco por um jovem coletivo criativo "Eniom-aura".

Os primeiros espetáculos de estreia (além de atores, participaram psíquicos) mostraram que o seu efeito curativo é superior ao do consultório médico.

A diretora artística da "Aura", N. Alexandrová, explica-o assim:

"No espectador atua a voz viva, o som, a canção. Tudo isso tem o seu ritmo, uma determinada estrutura — neles está codificada, cifrada a força curativa.

Desvinculámo-nos tanto das nossas raízes que simplesmente tudo esquecemos, por isso a muitos parece incompreensível".

Concordo plenamente com esta afirmação. Recordemos pelo menos as notáveis palavras de N. Roerich: «Por mais que o homem tente esquecer-se dela, a energia psíquica lembra-se de si própria. E o dever do homem é aprender a lidar com este tesouro».

Então talvez aqueles que tratam com teatro tenham aprendido a usar a energia psíquica? Acho que sim. A palavra e a música exercem um poderoso impacto energético no organismo humano, mobilizam reservas ocultas graças ao envolvimento dos sistemas

nervoso, imunitário e endócrino, o que não pode deixar de afetar o estado do doente. E só numa coisa estou certo: não existem espetáculos terapêuticos universais. Para o tratamento de diferentes doenças o teatro deve ter um repertório variado, pois na terapia não pode haver pormenores. Aqui tudo é importante: a luz, o som, o ritmo e, claro, o enredo.

Mas será só o teatro profissional que pode ajudar o doente? Claro que não. Isso também pode ser feito por um coletivo amador. E eis que o médico-chefe do hospital distrital de Novo-Sinkovo, no distrito de Dmitrov da região de Moscovo, cria o teatro terapêutico «ETAP». E este teatro trata com música, canção e... conversa confidencial.

Atualmente o coletivo do teatro tem dois programas consolidados — «Ao prestar o juramento de Hipócrates» e «Com pensamento na Rússia». Está a ser preparado um terceiro — «Protejam os amigos», no qual participarão clérigos, a compositora Liudmila Liadova e, claro, os próprios médicos. A principal tarefa do teatro terapêutico considera a cura não só do corpo, mas também da alma.

A atuação do teatro «ETAP» é construída segundo o princípio de revista oral. Abre a revista geralmente o relato de uma pessoa interessante ou uma conversa com um médico. Segue-se a página prática: são demonstradas técnicas de massagem, dadas recomendações para preparação de infusões, confeção de chá de ervas e outras. A página seguinte — notícias da medicina, cultura, arte. Ainda uma página — representação teatralizada.

E realmente um teatro assim ajuda o doente a livrar-se das doenças e também ensina as pessoas a um estilo de vida saudável.

Mas especialmente importante é quando os próprios doentes se aproximam da arte. Em Munique existe o «Cabaret dos Aleijados». Sim, não se admirem, é exatamente esse o nome deste teatro. A sua trupe é composta por 19 inválidos, e só alguns deles se deslocam

com dificuldade com recurso a muletas. E este coletivo não só percorreu a Alemanha de lés a lés, como fez tournées em muitos países do mundo, incluindo em Moscovo. Aliás, no programa mostrado na Rússia há até uma dança. Podem imaginar como dançam inválidos em cadeiras de rodas? Mas eles dançam, e, segundo as opiniões dos espectadores, dançam a sério.

Porque é tão importante atrair doentes para o trabalho em teatros profissionais e amadores? O facto é que os espetáculos atuam beneficamente no próprio ator, contribuindo para o seu rejuvenescimento. Quantas vezes nos surpreendemos com a juventude de um ator ou atriz que já passou largamente dos cinquenta. A artista popular da Rússia Marina Neelova garante: «Quanto mais se trabalha, mais sensível e flexível se torna o sistema nervoso. Quanto mais se representa, mais rico se torna o teu carregamento emocional. No palco experimentas sensações que não experimentarias na vida, as tuas possibilidades expandem-se quase ilimitadamente. Ocorre uma renovação interior constante, uma constante "troca de sangue". Parece-me que, sendo ator, nem sequer se pode envelhecer. Afinal, os recursos do homem são praticamente inesgotáveis, e o treino de ator abre novas e novas fontes de energia». (Pravda. 1990. 20 de abril).

A música exerce um impacto muito forte no organismo humano, sendo capaz não só de acalmar, mas também de levar grandes multidões a estados de frenesi e até de transe. O criador do famoso conjunto de rock «Aquarium», Boris Grebenshchikov, considera que a música «... na área da arte é o mecanismo mais potente. As canções podem atuar como orações, como encantamentos... Nós não só tocamos música, mas também procuramos outros métodos de impacto nas pessoas».

No entanto, Grebenshchikov tem uma atitude extremamente desaprovadora em relação aos psíquicos. «... Brincar com energia é perigoso. E aqueles que tentam jogar este jogo prejudicam tanto os outros como a si mesmos. Violam alguns processos gerais,

utilizando-os, mas sem compreenderem o que é. Uns fazem-no para impor a sua energia aos outros. Outros — para se carregarem com energia alheia. Mas em qualquer caso, na feitiçaria há uma lei: aquilo que envias para o outro regressa a ti triplicado» (Semya. 1989. 18 de dezembro).

Pode-se concordar ou discordar do artista. Uma coisa não admite dúvidas: os ritmos da música exercem por vezes um impacto no ser humano não menos forte do que o biocampo de um psíquico. Claro que é muito importante também a atmosfera, o biocampo geral de centenas, por vezes dezenas de milhares de pessoas, que surge durante a execução da música. Por isso, não há nada de surpreendente no facto de, muitas vezes, após um concerto, a pessoa doente se sentir significativamente melhor.

Deve notar-se que a música é usada desde há muito como fator terapêutico. Não é por acaso que nas famosas sessões de terapia de Anton Franz Mesmer se ouvia o cravo. O compositor Boris Murashkin garante que criou uma música bioenergética especial e pode curar as mais diversas doenças sem comprimidos, dietas nem procedimentos fisioterapêuticos. Para isso, basta instalar-se confortavelmente numa poltrona, ligar o disco com a gravação do seu concerto e, após algumas sessões, estará saudável.

Eis o que escreve sobre o compositor e o seu método de tratamento no jornal «Trud» T. Kulikova:

«Ele "disseca" o som de diversos instrumentos musicais, os mais variados sons, transforma-os através da eletrónica, reveste-os de forma musical e alcança um efeito surpreendente. No seu estúdio esteve um grupo de especialistas do Canadá, das Filipinas, do Japão e dos EUA. Era chefiado pelo doutor em filosofia, professor da Universidade da Califórnia Michael Sparks, um dos psicoterapeutas e hipnotizadores mais conhecidos da América. Os convidados ouviram as obras de Murashkin «Contraponto da célula viva» e «Somos nós, Senhor».

— Não sei para onde nos transporta a música de Murashkin, mas sei que é muito real — disse Michael Sparks. — Espero que ele tenha um círculo de cientistas-músicos em psicoterapia para discutir com eles.

Interessaram-se pela música superenergética no Centro Internacional de Medicina Popular e Não Tradicional. As primeiras investigações mostraram que nos ouvintes ocorre uma correção da pressão arterial.

Considero que há bases suficientes para uma afirmação destas.

Atualmente está estabelecido que qualquer som transporta uma carga de energia. E dependendo da combinação de sons musicais, da sua melodicidade, aspereza e ritmo, o impacto nas pessoas que sofrem de diferentes doenças será diferenciado.

As obras musicais que provocam emoções positivas são capazes de exercer um efeito terapêutico em pessoas com lesões do órgão da visão. Eis o que escreve a este respeito o jornal «Méditsinskaia Gazeta» de 8 de maio de 1992: «Na metodologia do conhecido doutor de Yoshkar-Ola V. Sevostyanov, que trata na hospital republicano infantil a atrofia do nervo ótico em crianças, foi adicionado um novo método — musicoterapia.

Este pressupõe um impacto no sistema auditivo, que, como regra, está bem desenvolvido nos cegos, resultando numa melhor restauração da função visual. Agora, durante os procedimentos terapêuticos, soa um acompanhamento musical especialmente selecionado para cada criança, que provoca emoções positivas. E os gostos musicais dos pacientes são determinados pelos pedagogos do conservatório com o nome de I. S. Palantai, com os quais o hospital celebrou um contrato».

A música clássica atua de forma mais benéfica na maioria das pessoas. «Se está irritado, se o invadiu a raiva, ouça o "Coro dos peregrinos" de Wagner, se está deprimido e melancólico — o ânimo será elevado pela obra de Beethoven "À alegria", em caso de

esgotamento nervoso ponha o disco "Manhã" de Grieg. Se notar que a atenção diminuiu visivelmente, ajudarão a concentrar-se "As estações do ano" de Tchaikovsky, "Luz da lua" de Debussy, "Sonhos" de Schumann (Semya. 1992. Nº 3).

A grande força da arte como fator terapêutico era conhecida muitos séculos atrás… pelos xamãs. Não se admirem. Os rituais xamânicos, o som do tambor, o canto lento e aparentemente lamurioso exercem um poderoso efeito terapêutico. Ouçam como descreve um dos etnógrafos o início do ritual xamânico de kamlaníe entre os selkupes: «Inclinando a cabeça para a parte interior do tambor, o xamã começa a cantar baixinho. Canta devagar, de forma lamuriosa.

Raramente e baixinho bate no tambor com a maça. Cria-se a impressão de que está a chamar alguém… Gradualmente o canto intensifica-se, a maça bate mais vezes. Isso significa que todos os espíritos ouviram o chamamento do dono e vêm ter com ele. Finalmente, as pancadas tornam-se muito fortes, parece que o tambor vai rebentar… De pé no mesmo lugar, o xamã curva-se ligeiramente, batendo com o pé… Comunica aos seus espíritos auxiliares porque os chamou. Consulta-se com eles».

Sabe-se que, na maioria dos casos, os xamãs invocam os espíritos para os ajudarem a lidar com a doença. E, como mostram as investigações mais recentes, isso está longe de ser mística. Um dos maiores etnógrafos, vice-presidente da Associação Internacional de Etnógrafos, Michael Harner, decidiu tentar curar com ritmos de tambor usados pelos xamãs das tribos jivaro e conibo na América Latina um dos seus amigos que sofria de alcoolismo. O resultado da terapia superou as expectativas mais ousadas.

Nos últimos tempos, entre os médicos dos EUA, Canadá, Suécia e de vários outros países, aumentou drasticamente o número de adeptos dos métodos de tratamento xamânicos. Verificou-se que deste modo se podem tratar também toxicodependentes. Além disso, os doentes curados com recurso a métodos de impacto

xamânicos não só se tornam abstémios ativos, como pregadores da sobriedade. Liberta-se neles energia adicional. Alguns, por exemplo, começaram a dedicar-se ativamente à arte.

Uma explicação para os métodos de terapia xamânicos foi dada pelo cientista soviético Mark Gerber, que propôs designar esta direção científica por psicorritmoterapia. O investigador supôs que, sob a carga sonora usada pelos xamãs, ocorre uma excitação das estruturas profundas do cérebro. Neste caso, na maioria das situações, observa-se um aumento no organismo do nível de etanol — um álcool interno peculiar, que é indicador de conforto emocional. Existem dados de que a carga rítmica sonora, provocando um aumento do etanol endógeno, leva à relaxação, ou seja, cria uma situação favorável para o tratamento de diversas doenças psicossomáticas.

Um papel importante na terapia de várias doenças com recurso a impactos rítmicos da música, incluindo os rituais xamânicos, pertence ao pigmento melanina. Esta substância, que determina a cor da pele e a intensidade do bronzeado, contém muitos metais de terras raras. No organismo, a melanina é constantemente sintetizada. A particularidade da melanina é a fotorreatividade, ou seja, a capacidade de transformar energia luminosa em química. O som emitido durante os rituais xamânicos estimula o fluxo de reações químicas, o que se reflete beneficamente no estado do organismo.

Mas há ainda outro aspeto extremamente importante desta questão. Sabe-se que a melanina está estreitamente ligada à chamada glândula pineal — epífise, situada no centro do cérebro. É o chamado «terceiro olho», ou «terceira mancha luminosa» — anfíbio. Os antigos indianos supunham que o «terceiro olho» tem relação direta com fenómenos tão enigmáticos como os sonhos. Segundo as conceções modernas, a epífise é a mais importante glândula de secreção interna. As hormonas da epífise interferem no decurso de diversos processos fisiológicos. A epífise exerce uma

poderosa influência na imunidade. Está estreitamente ligada à função do «maestro no orquestra das glândulas de secreção interna» — hipófise, assim como às glândulas sexuais. A estimulação da atividade da epífise deve levar a deslocações acentuadas dos processos metabólicos no organismo do doente, o que, em última análise, se reflete beneficamente no estado da sua saúde.

Um impacto poderoso no organismo humano podem exercer não só os rituais xamânicos. Estados semelhantes provocam os ritmos indianos e tibetanos, assim como a música rock. Aliás, se nesta última se deixar apenas a base rítmica, ela lembrará os ritmos xamânicos clássicos. Visivelmente, é por isso que se explica o frenesi dos espetadores, pois sob a influência de música rock particularmente alta ocorre uma alteração da psique.

Aqui gostaria de citar a opinião sobre a influência dos ritmos xamânicos no organismo humano da antiga deputada do Soviete Supremo da URSS Evdokia Gaer:

«Durante o congresso... uma vez, às duas da manhã, entrou no meu quarto de hotel uma mulher idosa, de nacionalidade orochi, com um tambor nas mãos. Era xamã. E voou para Moscovo especialmente para me ver. Sentou-se e diz: "Ai, ai, ai, Evdokia Alexandrovna, desde o início que sigo o congresso, vejo que a nossa deputada está a perder forças, por isso voei de Palana (distrito autónomo de Koriak, Kamchatka), para te ajudar, fazer sonoterapia". No congresso eu era deputada, mas ali voltei a ser etnógrafa: afinal, é um ritual religioso. Durante uma hora e meia a hóspede executou ao tambor uma canção xamânica. E realmente, o peso, a tensão nervosa começaram a abandonar-me. Pensar só, voou de outro canto do mundo para Moscovo, para apoiar a sua deputada! Foi, talvez, a impressão mais forte em termos humanos no congresso» (F. Podkolodny. Méditsinskaia Gazeta. 1989. 21 de outubro).

Tratamento com pintura, retrato, escultura, espetáculos dramáticos e óperas e, finalmente, música. Dificilmente se encontrará no mundo um doente que recuse tais tipos de terapia. E

apetece tanto sonhar e acreditar que, passados 15-20 anos, no nosso país e além-fronteiras aparecerão clínicas onde, a par dos métodos tradicionais de terapia, serão aplicadas a pintura, a poesia, a música. E à noite os doentes reunir-se-ão na sala e assistirão aos mais cativantes espetáculos terapêuticos.

Um método terapêutico poderoso é a terapia do riso. Aos clínicos são conhecidos casos em que doentes aparentemente incuráveis recuperavam graças a um inesgotável sentido de humor.

O escritor-satírico Grigori Gorin, médico de formação, considera que o doente não só pode, como deve ser tratado… com humor. «O doente precisa simplesmente de humor… Quando Alexander Menaker sofreu um AVC, ligou-me e com dificuldade pronunciou: "Grisha, parabéns, agora a tua dicção é melhor do que a minha". O sentido de humor dava-lhe coragem. Na prática estrangeira são adotados modos especiais de tratamento com humor, quando, por exemplo, na enfermaria pós-operatória são transmitidas anedotas. Um médico moderadamente alegre encoraja o doente. Eu próprio usei este método na "urgência" e acredito que evitei um par de enfartes em pessoas com crises agudas de angina de peito».

E o nosso favorito comum Mikhail Zadornov acrescenta: «Muito frequentemente chegam bilhetes: "Obrigado, vim ao concerto com dor de cabeça e saio completamente disposta". Os médicos podem considerar-me seu colega, se nos meus concertos houver riso verdadeiro… A nossa troca de energia durante a atuação pode ser chamada de extrassensórica. Aqui os satíricos fizeram nos últimos tempos um trabalho muito grande. E se eu não fosse humorista, seria médico» (Méditsinskaia Gazeta. 1992. 1 de janeiro).

Pois bem, concordo plenamente com os nossos notáveis satíricos. A palavra possui uma enorme carga bioenergética, especialmente se for uma palavra bondosa, capaz de provocar não só bom humor, mas uma tempestade de riso.

E o riso, como se sabe, altera o decurso dos processos metabólicos numa direção favorável ao doente.

Também nos podem curar os nossos amigos de quatro patas. Uma vez deparei com uma notícia: «Os cientistas tentam compreender porque os donos de animais domésticos são geralmente mais saudáveis, mais felizes e vivem mais tempo do que as pessoas que não os têm. Após estudar noventa e duas pessoas que sofriam de doenças cardiovasculares, o psiquiatra da Universidade do Estado da Pensilvânia, EUA, Aaron Katcher descobriu que o amor pelos animais é um dos estímulos mais fortes para a vida. Enquanto apenas 28 de 39 pessoas que não tinham animais de estimação de quatro patas sobreviveram durante um ano após Katcher iniciar a sua investigação, 50 de 53 donos de animais domésticos estão vivos até hoje.

Outra observação mostrou que a pressão arterial baixa quando as pessoas "falam" com animais ou observam o comportamento dos peixes num aquário. Em compensação, quase sempre aumenta quando as pessoas falam umas com as outras. O psicólogo Lockwood da Universidade de Nova Iorque descobriu que as pessoas reagem muito mais positivamente a fotografias e desenhos nos quais há animais do que a imagens sem eles. Nota-se também que os animais de quatro patas atuam beneficamente nos idosos, especialmente nos solitários. Para essas pessoas, além de tudo o mais, fazem companhia» (Geo, Hamburgo).

O menino de nove anos Denis Maslakov escreveu estes versos:

Os cães iluminam a nossa casa — Almas peludas de bondade. Os cães aquecem a nossa casa — Soprando baixinho até de manhã. Patas alegres. Lâmpadas peludas. O cão chegou e deitou-se — E a noite espalhou-se pelos cantos.

Se quiserem que na vossa vida os dias luminosos predominem sobre os escuros, não esqueçam os nossos irmãos menores! Eles ajudar-vos-ão a viver e a sobreviver em tempos difíceis.

Mas se os animais são capazes de dar energia, porque não aproveitar esta propriedade com fins terapêuticos? Acontece que tais métodos de tratamento existem. Em vários países é aplicado com sucesso o método da «delfinoterapia». Surgiu nas costas do nebuloso Albión, mas obteve uma difusão particularmente ampla na Florida (EUA), onde é utilizado desde 1988.

O curso de tratamento — principalmente de paralisia cerebral infantil — começa com o conhecimento entre o pequeno paciente e o golfinho. O médico-metodista mergulha a criança, equipada com um colete salva-vidas, na água e durante várias sessões não a larga das mãos. A criança habitua-se a estar na água e, posteriormente, dispensa a ajuda do metodista. Segue-se o segundo período, em que a criança aprende a estar na companhia do golfinho, que passou por uma preparação especial e sabe «dar-se bem» com tais crianças.

Progressivamente, entre a criança e o golfinho, sob observação constante do médico, estabelece-se um jogo. A criança troca a bola com o golfinho, anda às cavalitas agarrando-se a ele com a mão. Numa palavra, comunicam, muito satisfeitos um com o outro, e pode imaginar-se quanto prazer recebe a criança doente com este tipo de terapia! Progressivamente, muito do que antes não conseguia com pessoas passa a conseguir na comunicação com o golfinho. A criança liberta-se, não se inibe com o amigo, e isso é a garantia de uma terapia bem-sucedida.

Segundo as avaliações dos especialistas, os resultados alcançados são mais do que encorajadores, embora a doença recue lentamente e nem sempre. Mas como se trata de doenças perante as quais a medicina tradicional é impotente, os inovadores-terapeutas, juntamente com os golfinhos, não tencionam recuar (Méditsinskaia Gazeta, 1993. 26 de fevereiro).

E agora imaginem por um instante esta cena: estão deitados apenas de cuecas num tapete ou num sofá, e no vosso ventre e

peito está instalado um enorme píton ou uma cobra. Não é verdade que é um espetáculo impressionante!

A serpente contorce-se e, como se sorrisse, através das mandíbulas ligeiramente entreabertas, estende a sua longa língua bifurcada.

Não se admirem, não é uma execução, nem uma punição, nem sequer uma prova de coragem. Na Índia, e também na Ásia Central, existe um método de serpentioterapia. Serpentes especialmente domesticadas, ao colocarem-se no corpo humano, localizam o órgão doente e, pressionando-se contra ele, absorvem a energia doente. Mas assim que a serpente «sente» que absorveu energia suficiente, começa a inquietar-se, a mexer-se, e nesse momento é necessário retirá-la rapidamente do corpo do doente.

O tratamento com animais é psicoterapia. Mas não duvido de que seja também bioenergoterapia. Os animais, tal como as pessoas, são capazes de dar e absorver bioenergia. E quando amam um gatinho ou um cãozinho, um canário ou peixes, dão-lhes a vossa energia e, em troca, recebem energia deles. E, como veem, essa troca de energia revela-se útil tanto para nós como para os nossos «irmãos menores».

Uma vez falei com Djuna sobre a capacidade dos animais curarem o ser humano.

— Sem dúvida, é assim — disse ela. — Quando uma pessoa está doente, o seu cão deita-se obrigatoriamente ao lado e toma para si parte da sua doença. E se o dono morre, muitas vezes o seu fiel amigo — o cão — morre pouco depois. E não só porque sente saudades do morto. Ele tomou para si parte da sua energia doente, e isso é uma das principais causas da sua morte.

Quando o gato se enfia na cama da pessoa, tenta aconchegar-se ao local que lhe dói. Mas o gato é mais egoísta do que o cão. Nunca tomará para si dor a mais. Tomará exatamente a quantidade que não lhe pode prejudicar. Dificilmente encontrarão um gato que

morra após a morte do dono. Aliás, falo em vão. Há gatos que são fiéis ao ser humano não menos do que os cães.

A bioenergética é inerente também ao mundo vegetal. As flores, a erva, os cereais, as raízes, as árvores podem igualmente dar e absorver energia. Isso explica em parte a climatoterapia nos resorts. É bem conhecido como uma pessoa se sente maravilhosamente num bosque de pinheiros. Nas aldeias as pessoas vivem mais tempo, apesar do péssimo atendimento médico, não só porque lá a situação ecológica é melhor, o ar é mais puro, mas também porque comunicam mais com a natureza, com o mundo vegetal e animal.

Ainda no início do nosso século, o homeopata, herbalista, hipnotizador, astrólogo e clarividente búlgaro Petr Dynov escrevia: «Aqueles que sofrem de neurastenia ou sentem mal-estar espiritual, ansiedade — deem um passeio no bosque ou no parque. Virem-se para leste e encostem-se a um carvalho ou a um pinheiro. Coloquem a mão direita no peito e a esquerda nas costas. Nesta posição, tentem mergulhar na contemplação, pensem no benefício e no bem que a árvore vos traz. O vosso estado de espírito mudará em poucos minutos: ocorreu uma troca entre o magnetismo da árvore e o vosso. Venham até ela até que vos cure».

Existem três tipos (ou espécies) de plantas que exercem ações diferentes no estado de uma pessoa saudável ou doente: neutras, alimentadoras e dissipadoras (ou absorventes) de energia.

1. Neutras — a elas pertencem o lilás, a cerejeira-brava, a acácia, a macieira, a ameixeira. A pessoa sente-se maravilhosamente entre plantas neutras. Nos locais onde crescem, é bom descansar.

2. Alimentadoras — o vidoeiro, o carvalho, o cedro. Normalizam a pressão arterial, contribuem para a criação de bom humor.

3. Dissipadoras — o álamo-tremedor, o choupo — exercem influência benéfica em doenças inflamatórias.

E, no entanto, para cada pessoa existe a sua árvore, capaz de alimentá-la com energia. É exatamente esta a opinião de E. Ya. Meilitsev, que durante muitos anos estuda a influência das plantas no estado físico e espiritual do ser humano. Aliás, o próprio Evsei Yakovlevich dedicou-se a este problema não por boa vida. Durante muitos anos sofreu de uma terrível doença — inflamação do nervo trigémio. Esteve várias vezes internado, mas sem resultado. E então os médicos encontraram uma solução «sábia»: propuseram ao doente extrair todos os dentes superiores, talvez lá esteja a infeção que provoca a inflamação.

Durante uma extração, arrancaram-lhe de uma vez três dentes cujas raízes estavam coladas. A dor tornou-se tão atormentadora que nenhum narcótico conseguia lidar com ela. Evsei Yakovlevich correu para o pátio do hospital e, em delírio, encostou a face a uma das árvores. Quando recuperou os sentidos, a dor desaparecera. A árvore era um choupo. Foi exatamente ele que o livrou dos tormentos infernais.

A força curativa das árvores foi experimentada por centenas de moscovitas. Entre eles, a médica Galina Lvovna Rumyantseva. Após uma gripe gravíssima, não conseguia andar. E. Ya. Meilitsev determinou que para ela a árvore alimentadora era o pinheiro. Ajudaram a doente… tábuas de pinheiro. Quando Galina Lvovna se pôs de pé, dirigiu-se ao pinheiro. E imaginem, em breve a doença recuou completamente.

Para muitas pessoas, a árvore dissipadora de energia é o choupo. Pode ser aplicado com sucesso no tratamento de doenças inflamatórias, queimaduras, congelamentos, traumatismos, dores de cabeça.

Às árvores alimentadoras pertence o vidoeiro, que pode livrar as pessoas das consequências mais graves da gripe (Priroda i Chelovek. 1990. Nº 4).

Na Rússia, para muitas pessoas, a árvore dissipadora é o álamo-tremedor. Não é por acaso que dele faziam colheres de madeira e telhados, cúpulas de igrejas e poços. O álamo-tremedor resiste mal à podridão, nele não se instalam bichos nem vermes, pois morrem rapidamente por perda de energia.

Após examinar mais de 2000 pessoas na faixa central da Rússia, E. Ya. Meilitsev estabeleceu que para 60% delas a árvore alimentadora era o carvalho e para quase 30% o vidoeiro, e dissipadoras para 94-96% eram o álamo-tremedor ou o choupo. Interessante que para muitos habitantes de Kiev a árvore alimentadora é o castanheiro. Infelizmente, na Transbaicália não foram realizados estudos semelhantes, mas, muito provavelmente, para nós as alimentadoras são o pinheiro, o lariço e o cedro, e as dissipadoras — o choupo e o álamo-tremedor.

Os cheiros têm uma importância considerável no tratamento dos doentes. Curam, e como! Disso convenceram-se recentemente tanto os médicos como os pacientes do hospital dos trabalhadores marítimos de Vladivostok, onde foi criado um gabinete de aromaterapia, equipado com instalações originais que libertam substâncias voláteis de plantas medicinais. Imaginem que elas exercem «... ação analgésica, antimicrobiana, antitumoral e uma série de outros impactos curativos» (Méditsinskaia Gazeta. 1993. 12 de fevereiro).

A cor possui uma ação terapêutica bastante forte. Há muito se sabe que a cor verde acalma, a vermelha excita. Às pessoas com excitabilidade elevada os médicos não recomendam permanecer muito tempo num espaço onde predominam cores vermelhas, muito menos dormir num quarto assim. Mas acontece que as diversas cores podem atuar de forma diferente no organismo humano dependendo do estado dos órgãos internos. Partindo disso,

cientistas e médicos do Departamento do Extremo Oriente da Academia Russa de Ciências criaram filtros de polietileno que emitem, de um espectro largo de luz difusa, raios de comprimento de onda estritamente definido, necessário para o tratamento e prevenção. Foi estabelecido que «...os órgãos e tecidos têm sensibilidades diferentes à cor azul, amarela e a todas as outras cores do arco-íris. Os testes clínicos realizados com óculos terapêuticos com filtros de luz mostraram a sua alta eficácia como meio de livrar-se de uma série de doenças» (Méditsinskaia Gazeta. 1993. 12 de fevereiro).

Se tivermos em conta a ação benéfica das árvores, dos cheiros, da cor, tornar-se-á compreensível que no bosque, na estepe, nas montanhas, nos vales, muitas vezes nos sintamos bem não só porque lá o ar é especial, mas também porque sobre nós atua todo um complexo de fatores curativos naturais.

Desde tempos antigos é conhecida a força curativa dos raios solares. Mas em diferentes momentos do dia a energia solar atua de forma diversa no organismo humano. Antes do nascer do sol, quando os raios se refratam na atmosfera, atuam beneficamente no cérebro. Durante o nascer do sol, os raios solares chegam até nós em linha reta e influenciam os órgãos respiratórios, além de aumentarem a sensibilidade à ação de diversos fatores naturais. Com a aproximação do meio-dia, a energia solar atua especialmente de forma favorável no sistema digestivo. Após as 14 horas, o sol praticamente não exerce influência benéfica no nosso organismo, mas pode provocar queimaduras nos amantes do bronzeado.

É preciso escolher com muito critério os amigos verdes nos apartamentos. Durante a minha infância, nos apartamentos frequentemente havia ficus.* Pelo visto, esta flor para a maioria das pessoas é alimentadora. Não devemos esquecer que as flores podem absorver energia, e então nas pessoas desenvolvem-se diversas doenças. Se se sentem mal e no quarto há muitas flores, levem-nas uma a uma para fora e verifiquem se o vosso estado de

espírito mudou. Se piorou, provavelmente levaram uma flor alimentadora. Deve ser devolvida. Se o estado não mudou, retirem a flor seguinte. Assim podem encontrar a flor que vos absorve energia. Às absorventes pertencem os lírios-do-vale, o plantago e o aloé. Ao mesmo tempo, podem ser úteis em doenças inflamatórias. Se as folhas destas plantas forem aplicadas em cortes, contusões, abscessos, ocorre uma cura rápida.

**(Plantas ornamentais de interior.)*

No Oriente existe a crença de que energia dão não só as plantas, mas também as pedras. As investigações mostram que o âmbar para a maioria das pessoas é absorvente. Isso explica, em particular, porque no Japão e na Índia recomendam usar âmbar em casos de hiperfunção da tiroide.

A cor da pedra é muito importante. As pedras vermelhas provocam sensação de calor, são alimentadoras, graças ao que aumentam a capacidade de trabalho. As pedras laranja e amarelas criam um estado de espírito otimista e aumentam o apetite. As pedras azuis muitas vezes provocam sensação de inquietação, as azuis escuras atuam de forma relaxante, diminuem o apetite, aliviam dores de cabeça. As pedras verdes acalmam o sistema nervoso, contribuem para a concentração do pensamento.

Existe uma ciência especial que estuda as propriedades curativas das pedras e que recebeu o nome de litoterapia. Na Índia, por exemplo, as pedras são selecionadas com extremo cuidado, tendo em conta o ano de nascimento e os signos do Zodíaco.

Finalmente, também no nosso país se lembraram das propriedades curativas das pedras. Os cientistas do Instituto de Geologia de Komi do Centro Científico Ural da RAN decidiram ressuscitar a mineralogia terapêutica injustamente esquecida. Com este objetivo, em setembro de 1991, em Syktyvkar, realizou-se um seminário no qual se discutiram problemas da criação de preparados terapêuticos à base mineral, assim como se elaborou uma política

única no estudo do problema multifacetado do impacto dos minerais no organismo humano. Apetece acreditar que não está longe o dia em que aparecerão «joias» terapêuticas de pedras preciosas e minerais.

A situação com os metais preciosos também não é simples. Longe de ser útil a todos as joias de ouro, platina e prata. Ao mesmo tempo, joias de metais preciosos e coloridos, se bem selecionadas, podem ajudar a pessoa a lidar com doenças.

Em conclusão, gostaria de sublinhar que todos os tipos invulgares de terapia não tradicional de que falei neste capítulo são muitas vezes auxiliares e na maioria dos casos podem ser utilizados apenas em combinação com os métodos clássicos da medicina.

FENÓMENOS MISTERIOSOS

O mais belo que podemos experimentar é o mistério. É o sentimento fundamental que está na origem da verdadeira arte e da ciência. A. Einstein

Há já três dias que o imperador Vespasiano não encontra sossego. Há três dias que o seu favorito — o filho mais novo — Flaviano não se levanta da cama. O rapaz tem febre, não consegue comer nada — segue-se imediatamente o vómito. Há três dias que o médico da corte, Tutaleimon, vela junto ao leito do doente. Não ajudaram as sangrias. Nem mesmo o remédio comprovado — o clister — deu os resultados desejados.

— Ó grande imperador, os meus conhecimentos são impotentes. No herdeiro instalou-se um espírito maligno. A ciência não conhece forma de o expulsar.

Ao fim da tarde reúne-se o conselho de médicos e sacerdotes. A opinião é unânime — o herdeiro não chegará à manhã.

Vespasiano está desesperado. Pede que o deixem a sós com o filho. Vai implorar ao Deus todo-poderoso que salve o herdeiro. Se

isso não ajudar, também ele seguirá o filho para o melhor dos mundos.

Os médicos e sacerdotes abandonam os aposentos do imperador. Silenciosamente entra no quarto o chefe dos legionários, Caseiton.

— Pedi que não me perturbassem.

— Ó grande entre os grandes! Escuta o teu servo fiel e só depois te zangues, se quiseres. Conheço um homem que pode salvar o teu filho.

— Conheces tal homem? Mas o conselho de médicos e sacerdotes chegou à conclusão unânime de que Flaviano não chegará à manhã.

— Acredita, ó grande, uma vez em mil anos engana-se até o conselho de sacerdotes. Os médicos enganam-se ainda mais vezes. Conheço um homem que sabe expulsar o espírito maligno.

— Quem é esse homem?

— É o barbeiro Eleazar. Ordena que o chamem ao palácio.

Uma hora depois, Eleazar foi trazido ao palácio.

— Consegues salvar o meu filho? — perguntou Vespasiano.

— Vou tentar. Apenas o Altíssimo poderia responder afirmativamente à tua pergunta.

— O que precisas para isso?

— Ordena, ó grande, que tragam um recipiente para lavagem dos pés e que o coloquem junto ao doente. Se o espírito maligno abandonar o corpo de Flaviano, baterá no recipiente e derrubá-lo-á. Então, ainda antes do nascer do sol, Flaviano pedirá para comer. Mais ajuda dele não precisará.

— E se o recipiente ficar no lugar?

— Significa que os meus esforços foram em vão e Flaviano abandonará este mundo ainda antes do amanhecer.

Por ordem do imperador, um escravo trouxe um recipiente com água e colocou-o junto ao leito de Flaviano.

Eleazar sentou-se ao lado do doente e começou a fitá-lo atentamente. O rapaz não se mexia. O olhar de Eleazar tornava-se cada vez mais intenso, o rosto cobriu-se de gotas de suor, as veias do pescoço incharam. Assim durou uns cinco minutos, não mais. De repente, o rapaz gemeu, começou a debater-se no leito. Uma tremura invadiu-o. Por vezes parecia que uma força desconhecida tentava lançá-lo para cima.

Subitamente ouviu-se um grito dilacerante do doente e, no mesmo instante, o recipiente com água caiu no chão.

— A minha ajuda já não lhe será necessária. Permite que me vá, grande imperador.

Ainda antes do nascer do sol, Flaviano pediu para comer.

A história contada é fruto da imaginação do autor. No entanto, até aos nossos dias chegaram relatos do grande historiador da antiguidade Flávio Josefo, que falou de um certo Eleazar capaz de expulsar do corpo do doente o «espírito maligno». Para isso, mandava colocar junto ao doente uma taça com água ou um recipiente para lavagem dos pés. Quando o «espírito maligno» abandonava o corpo do doente, derrubava o recipiente com água. Isso ocorria na presença do imperador Vespasiano, dos seus filhos, de muitos comandantes romanos e legionários. Supõe-se que a taça ou o recipiente para lavagem dos pés caía sob a influência do olhar do curandeiro.

Mas podem citar-se memórias mais recentes. Lembro-me de como me impressionou o relato de Konstantin Paustovsky sobre o seu amigo Yasha Lifshits — um homem estranho, que vivia metido nas histórias mais inverosímeis.

«Transportávamos água e deitávamo-la numa garrafa de vidro no corredor. Uma vez, Yasha Lifshits saiu para o corredor e gritou de forma selvagem. Corri do meu quarto e vi um espetáculo inexplicável. A enorme garrafa, diante dos meus olhos e dos de Yasha, começou a inclinar-se lentamente, ficou alguns instantes na posição da Torre de Pisa, depois caiu no chão e estilhaçou-se em milhares de pedaços. A preciosa água correu com gorgolejar pela escada abaixo. Teríamos conseguido, claro, segurar a garrafa, mas em vez disso ficámos ali parados a olhar para ela como que hipnotizados.

O segundo caso com o termómetro foi ainda mais impressionante. Apanhei a gripe espanhola. Em Odessa, conseguir um termómetro era tão difícil como um ananás. Havia na cidade um número contado deles. Tremia-se por cima de um termómetro como pela última fósforo num bote de náufragos.

Nazarov pediu emprestado um termómetro por dois dias ao editor do jornal, o venerável, consagrado e célebre académico Ovsyaniko-Kulikovsky. O académico — famoso humanista e guardião das tradições da sociedade liberal russa — não podia, claro, recusar o pedido de Nazarov. Mastigando os lábios e resmungando, o que exprimia forte descontentamento, deu o termómetro, mas com a ordem estrita de o guardar em algodão, na gaveta da secretária e de o preservar mais do que a menina dos olhos.

Nazarov mediu-me a temperatura, mas desobedeceu à ordem do académico. Deixou o termómetro na mesa e saiu para a cidade. Adormeci.

Acordou-me Yasha. Abriu cautelosamente a porta. Esta rangeu e eu acordei.

Olhei para a mesa e senti os cabelos eriçarem-se na cabeça — o termómetro começou a rolar lentamente para a beira da mesa.

Queria gritar, mas a respiração cortou-se-me. Vi os olhos terríveis de Yasha. Ele também olhava para o termómetro e não se mexia.

O termómetro rolou lentamente até à beira da mesa, caiu no chão e partiu-se. Em mim, provavelmente de terror, a temperatura baixou. Recuperei imediatamente.

... Após estes dois casos, Nazarov começou a convencer-me de que Yasha era um homem perigoso e a aconselhar-me a não andar com ele na rua. Eu apenas me ria de Nazarov, pelo que pouco depois fui duramente castigado».

O conto de Paustovsky é autobiográfico e o autor não tinha qualquer razão para inventar histórias extraordinárias. Mas há também experiências que confirmam a existência de telecinese.

Um certo Willi Schneider, nos anos vinte do nosso século, mostrou repetidamente a espectadores espantados como deslocava objetos bastante pesados com esforço da vontade. Demonstrou as suas capacidades na presença de mais de cinquenta professores, que documentaram que Willi Schneider possuía capacidades fenomenais de deslocar objetos «sem lhes tocar com as mãos ou outras partes do corpo». Não se acredita que os participantes da experiência fossem tão ingénuos que pudessem ser enganados até por um charlatão muito experiente. Aliás, fazê-lo era praticamente impossível, pois o laboratório do professor Osty, onde se realizavam as experiências, estava equipado de forma que qualquer movimento de Willi era imediatamente fotografado.

Entretanto, as mãos e os pés do sujeito estavam ou amarrados ou segurados por controladores especiais escolhidos entre os participantes da experiência.

O aspeto de Willi durante a experiência era terrível, a frequência respiratória, em vez dos normais 12-20 por minuto, excedia os 200 por minuto. Durante a experiência, realizada no escuro, do corpo de Willi, segundo as suas palavras, saía um jato de substância que o

sujeito via, mas os experimentadores não conseguiam ver. Willi controlava essa substância. Podia dirigi-la para a mesa onde estava um lenço, e este deslocava-se do centro da mesa para a beira e muitas vezes acabava no chão.

Mesmo em tais condições de experiência no escuro, poderia ocorrer o imprevisto — o sujeito poderia de alguma forma desconhecida deslocar o lenço. No entanto, as eletromiogramas registadas pelo doutor Osty testemunham que Willi não produzia movimentos. Consequentemente, não se pode excluir que ele emitisse um tipo desconhecido de energia capaz de deslocar objetos.

Por fim, A. A. Gorbovsky, na brochura «No círculo do eterno retorno», publicada em 1989 pela editora «Znanie», relata experiências em que, por impacto mental, se podia alterar a intensidade do campo magnético quase para o dobro.

Há já muito que não tenho dúvidas de que o fenómeno existe. Infelizmente, o próprio problema da telecinese, tal como outros fenómenos misteriosos, esteve durante muito tempo proibido. Raramente apareciam na literatura relatos isolados sobre este fenómeno, mas sobre o autor do artigo caía uma chuva de acusações de falta de objetividade e conivência com charlatães e obscurantistas.

Tomemos, por exemplo, as experiências da bem conhecida Ninel Sergeevna Kulagina. Por ela foram realizados literalmente milhares de experiências na presença de cientistas individuais e comissões até da Academia de Ciências da URSS. Cada vez os investigadores pronunciavam as palavras: espantoso, incrível, difícil de imaginar, fenomenal — e por aí ficava.

Posteriormente, os cientistas ou «esqueciam» as capacidades de Kulagina ou preferiam calar-se sobre elas.

Mas nem todos agiam assim. O académico Yu. B. Kobzarev, ainda nos anos 70, realizou uma experiência única que consistia no seguinte.

A um cartucho comum ligava-se um fio, uma extremidade do qual era passada por cima do lustre pendurado no teto e ligada a um eletrómetro sensível. Resolviam-se imediatamente duas tarefas: o fio não permitia usar fios finos com os quais se poderia deslocar o objeto. Se durante a experiência surgisse uma carga elétrica capaz de deslocar o cartucho, seria obrigatoriamente registada com a ajuda do eletrómetro.

O instrumento era tão sensível que reagia vivamente à eletricidade estática; bastava pentear-se e aproximar o pente do cartucho para a agulha do instrumento desviar-se imediatamente. Mas eis que Kulagina desloca objetos com o olhar, sem lhes tocar com as mãos, e a agulha parece imobilizar-se. Consequentemente, a eletrostática aqui não tem nada a ver, à telecinese é necessário procurar outra explicação.

As pessoas que possuem a capacidade de deslocar objetos com o olhar comportam-se de forma diferente durante a sessão. Em Kulagina, a pressão arterial sobe para valores críticos, o batimento cardíaco acelera-se. Não é por acaso que durante a sessão há sempre um médico ao seu lado.

Uma sessão de telecinese requer uma enorme tensão. Kulagina por vezes perdia vários quilos de peso durante a experiência. Já um meu conhecido (dele falarei mais adiante) para deslocar objetos sem ajuda das mãos praticamente não aplica quaisquer esforços. Pode então considerar-se que, havendo o mesmo efeito final, as causas que levam à sua ocorrência são as mesmas?

Ninel Kulagina é realmente um fenómeno misterioso. O toque das suas mãos pode provocar queimaduras. Isso é bem conhecido de numerosos relatos na literatura popular. E recentemente um general-major do serviço médico mostrou-me o ombro onde ficou a

marca após o «terno» toque da mão de Kulagina. Mais de uma vez ouvi de testemunhas oculares participantes da experiência que os toques de Kulagina que provocam queimaduras têm impacto terapêutico — em particular, aliviam a síndrome dolorosa em osteocondroses. Mas o mais impressionante é que a queimadura não é acompanhada de aumento de temperatura nem de geração de corrente elétrica.

Na opinião do professor F. Balyuzek, o impacto de Kulagina que leva ao surgimento de queimadura lembra um raio laser. Aliás, o efeito terapêutico do toque das suas mãos é muito semelhante ao que surge sob a influência da terapia com raios laser.

O professor G. Dulnev, que estudou o impacto «térmico» de Kulagina, descobriu que no paciente voluntário ocorre uma libertação brusca de calor para a atmosfera circundante, embora a temperatura das suas mãos e do corpo do paciente não mude absolutamente.

Em experiências especiais conseguiu-se detetar que, durante a demonstração de telecinese, as suas mãos emitem ultrassons.

Aqui está quanta coisa invulgar: telecinese, libertação de calor, presença de ultrassons, ausência de alteração de temperatura, aparecimento de queimadura de segundo grau.

G. Dulnev considera que o impacto das mãos de Kulagina leva a uma geração impulsiva de campo magnético. Realmente, Kulagina é capaz de fazer girar as agulhas de duas bússolas colocadas de forma que os seus polos norte se atraiam um ao outro (L. Kolodny. Moskovskaya Pravda, 1989. 27 de setembro).

Mas dificilmente o campo magnético é a fonte de energia que desloca objetos. Afinal, eles são os mais diversos — por exemplo, uma taça de cristal.

E mais uma experiência, realizada pelo coronel A. I. Kazantsev com a participação de Kulagina. Ele usou um instrumento simples, composto por duas placas entre as quais ficava uma camada de ar

de um centímetro e meio. Na cadeia do instrumento incluíam-se uma bateria elétrica comum e um eletrómetro. O ar é uma barreira fiável à corrente. Para que ocorresse um curto-circuito entre as placas, seria necessário uma descarga de 30 mil volts. Mas eis que Kulagina aproxima as mãos, tensiona-se. E... ocorre o curto-circuito. Então que força levou a isso? A esta pergunta ainda não há resposta.

Nos últimos dois anos surgiram especialmente muitos relatos sobre a capacidade do ser humano deslocar objetos por esforço volitivo.

Assim, no jornal «Komsomolskaya Pravda» de 22 de julho de 1989 foi publicada uma fotografia em que se vê como N. Kulagina mantém suspensa entre as palmas uma bola. E no artigo de Yaroslav Golovanov, que para mim é uma autoridade absoluta, conta-se sobre o realizador Boris Ermolaev, capaz de manter objetos no ar. É verdade que, para isso, o possuidor do fenómeno misterioso teve previamente de beber meio copo de vodca.

Inclinando-se para a frente e apoiando os cotovelos nos joelhos, ele posicionou as mãos com os dedos afastados como se segurasse uma bola infantil invisível — entre as palmas havia cerca de 15-20 centímetros. Sentado nessa pose, Boris não desviava o olhar das próprias mãos, ao mesmo tempo que se tensionava de alguma forma, começava a resfolegar, a testa cobria-se de suor...

Segurando entre dois dedos um cigarro não aceso, Ermolaev continuava a resfolegar e a bufar, enquanto nós nos sentávamos à volta, sem tirar os olhos das suas mãos.

O cigarro não caiu. Girava lentamente naquele espaço, como se ali houvesse ausência de gravidade... Pareceu-me que o ar entre as palmas de Boris se tornara viscoso, as linhas do soalho lá em baixo como que se distorciam... O rosto de Ermolaev tensionou-se terrivelmente, como se estivesse a levantar um peso. Quanto tempo durou esta experiência, não sei dizer. Dez a quinze segundos, talvez

vinte. Finalmente, Boris suspirou ruidosamente, agarrou o cigarro flutuante e recostou-se na cadeira, exausto».

Num dos ensaios, o jornalista Lev Kolodny, que conheço pessoalmente e em quem confio muito, escreveu que Djuna levanta sem qualquer esforço visível uma caixa de cigarros a uma altura de cerca de um metro. Cria-se a impressão de que a caixa colou à palma da sua mão. Mas eis que Djuna relaxa ligeiramente e a caixa «descola» imediatamente da palma e cai na mesa.

Lev Kolodny contou-me uma vez que Djuna lhe propôs repetir a experiência, garantindo que ele tinha um biocampo forte. Mas por mais que o jornalista se esforçasse, não conseguiu repetir o «feito» de Djuna.

Há muito que me interesso por fenómenos misteriosos semelhantes, mas até há pouco tempo não conseguira ver telecinese. E em 1989 finalmente tive sorte. Uma manhã, telefonou-me um antigo aluno do nosso instituto, Yuri D.

— Posso passar por aí, mostrar um rapaz interessante?

Combinámos um encontro. Pouco depois entrou no meu gabinete um jovem de baixa estatura. No rosto tinha um sorriso envergonhado. O rapaz estava visivelmente pouco à vontade.

— Apresento-vos — sorriu Yuri —, Dashi*. Acabou o secundário, vai candidatar-se ao nosso instituto. Só não pensem que conto com a vossa ajuda. Se não entrar, vai trabalhar. O senhor interessa-se por fenómenos misteriosos. Pois bem, Dashi é capaz de manter objetos no ar sem usar as mãos. Tem até um certificado. — E Yuri estendeu-me uma folha de papel, na qual li o seguinte: «O Laboratório de Radiobiofísica do Centro Científico da Sibéria da Academia de Ciências da URSS confirma que Dashi D., nascido em 1971, natural da aldeia de Kizhinga, República Autónoma da Buriácia, possui sensibilidade tátil elevada, que lhe permite sentir a radiação eletromagnética humana. Esta propriedade pode ser útil, em particular, no diagnóstico do estado de objetos biológicos. Além

disso, Dashi D. possui uma capacidade única de impactar objetos metálicos, o que, com um impacto direcionado correto nesses objetos, pode exercer uma certa influência. Por isso, o Laboratório de Radiobiofísica, com o objetivo de desenvolvimento direcionado das capacidades de Dashi D., recomenda a sua admissão no instituto médico. Chefe do Laboratório de Radiobiofísica, candidato em ciências físico-matemáticas V. V. Boronoiev».

Não vamos ser exigentes com as expressões complicadas e evasivas do chefe do laboratório científico. O principal é outro. Segundo o certificado, Dashi possui capacidade de telecinese, e finalmente tenho a oportunidade de me convencer na prática de que o fenómeno existe.

**Nome alterado.*

— Então, Dashi, mostra a tua arte.

— Não sei se vai resultar.

— Mesmo assim, tenta.

Dashi aproximou-se do mesa como que a contragosto, observou os objetos que lá estavam. A sua atenção foi atraída por uma caneta esferográfica de plástico. Juntou as mãos em concha, depois abriu-as e começou a passá-las lentamente por cima da caneta, mantendo-as a cerca de 5-10 cm da superfície da mesa. E a caneta mexeu-se, como a agulha de uma bússola.

O que vi não me deixou atónito. Provavelmente porque acreditava incondicionalmente na existência da telecinese. Ora vejam, milagres, sob a influência da energia emitida pelas mãos humanas, a caneta corre pela mesa. Nesse dia estava muito ocupado e combinei com Dashi que ele passaria por mim após os exames.

E eis um novo encontro exatamente um mês depois. Dashi passou nos exames do instituto e conseguiu descansar bem. Parecia mais fresco e menos preocupado do que no nosso primeiro encontro. Desta vez estava mais descontraído.

Estávamos em casa de um grande amigo meu. Dashi instalou-se confortavelmente no sofá. Correu para ele o cão da dona da casa, colocou as patas nos joelhos dele. Dashi envolveu cautelosamente a cabeça do animal entre as mãos, mantendo-as a cerca de cinco centímetros. O cão eriçou as orelhas e imobilizou-se.

— Agora vai zangar-se — declarou Dashi.

E no mesmo instante o cão rosnou com raiva, mostrou os dentes, e Dashi mal conseguiu retirar a mão a tempo.

— Dashi, quando sentiste que possuías a capacidade de deslocar objetos com esforço da vontade?

— Em criança era franzino e os colegas batiam-me muitas vezes. Uma vez bateram-me bastante. Então decidi tornar-me forte, comecei a estudar técnicas de luta, a conhecer a localização de pontos cuja pressão provoca dor intensa. E há cerca de cinco anos sonhei que voava muito alto. E de repente vejo um homem idoso de roupa branca, com uma barbicha em ponta, coberta de paramento dourado. Aproximei-me dele voando, parei ao lado, escutei e ouvi: «Estuda anatomia».

— Não se parecia com Buda?

— Sim, parecia — e, após uma pausa de um segundo, acrescentou: — Um pouco.

— E seguiste o conselho dele?

— Sim, no dia seguinte encontrei um manual de anatomia para o oitavo ano e comecei a ler. Achei interessante como os órgãos estão dispostos, como funcionam.

— E foi nessa altura que sentiste que podias deslocar objetos?

— Sim, nessa altura, mas nem sempre me sai.

— E quando começaste a tratar pessoas?

— Isso mais tarde, há cerca de ano e meio. Percebi que, se há pontos cuja irritação provoca dor intensa, também há os que devem

aliviar a dor. E comecei a comparar a localização desses pontos com a anatomia de vários órgãos. Progressivamente aprendi que uns pontos reforçam e outros enfraquecem a atividade dos órgãos. E nem sempre é necessário pressioná-los, pode-se impactá-los à distância.

— E os teus conterrâneos sabem que podes tratar doenças?

— Antes não sabiam, eu escondia. Pensava que não acreditariam, que gozariam comigo. Mas agora souberam. Não havia descanso de quem queria ser tratado.

— E quantas pessoas curaste nesse tempo?

— Não contei, mas acho que umas cem.

— E que doenças tratas?

— Várias: osteocondrose, doenças das articulações, úlceras, doenças do estômago, não dá para enumerar todas.

Eu sabia que a dona da casa não se sentia bem. Dava sinal osteocondrose do segmento cervical da coluna. Desde manhã «travara», não conseguia mexer o braço, estava pronta para gritar de dor. Após bloqueio com novocaína melhorou um pouco, mas a dor não passava.

— Dashi, trata a dona da casa.

Ele aproximou-se da doente, passou as mãos ao longo da coluna. Pressionou uma vértebra, depois outra, voltou a fazer algo como feitiçaria e perguntou: «Então, como está?»

A dona da casa levantou o braço direito. O braço mexia-se completamente livre.

— Ora vejam, não dói absolutamente nada. — E com facilidade tocou com a mão direita na orelha esquerda.

Dashi voltou a «fazer feitiçaria», rodou as mãos: «E agora?»

A dona da casa, convencida de que as dores tinham desaparecido, ergueu corajosamente o braço direito e... contorceu-se de dor.

— Dashi, para imediatamente com as brincadeiras — suplicou ela —, dói!

Dashi riu-se, e em breve o braço da doente voltou a mexer-se completamente livre. Um minuto depois conseguia levantar também o braço esquerdo. Notei pelo relógio — todo o procedimento, com as brincadeiras incluídas, durou cerca de três minutos.

Vou revelar um segredo. Dashi não apareceu por acaso em casa da minha conhecida. Ela sofre há muito de artrite infeciosa e, no último mês, as pernas recusaram-se completamente. Não consegue deslocar-se nem dentro do quarto. Os médicos já desistiram dela há muito. Nem os médicos do Centro de Medicina Oriental ajudaram.

Dashi sabia tudo isso e começou o tratamento.

Reparei imediatamente que os seus movimentos não se pareciam com os que faz Djuna ou Tulupov. Rodava as mãos perto dos joelhos, mas sem lhes tocar, por vezes pressionava pontos isolados, por vezes afastava a mão a uma distância considerável. E novamente passaram apenas três-quatro minutos até que as pernas da paciente começaram a fletir e estender ligeiramente nas articulações dos joelhos.

Não, não conseguia estender completamente as pernas. Aqui ainda nada se podia fazer — desenvolvera-se rigidez de movimento, ou, como dizem os médicos, contratura. Mas as dores desapareceram, e ela balançava as pernas no ar, desfrutando, como uma criança, do próprio ato motor. E de repente voltou a contorcer-se de dor, enquanto Dashi ria satisfeito.

Olhei-o carrancudo. Ele abanou a cabeça.

— Não, não, não volto a fazer, palavra de honra, não volto a fazer. Mexam, mexam, não vão doer mais.

Dashi é realmente ainda uma criança: desfruta da sua arte e por vezes simplesmente quer brincar.

— Então, Dashi, vamos tentar deslocar objetos?

— Pode ser, só tenho medo de que hoje novamente não resulte.

Coloquei na mesa uma caneta de plástico e uma moldura em L de arame de cobre fino. Dashi aproximou-se da mesa e começou a rodar as mãos por cima da caneta. Esta tremeu finamente, começou a balançar, mas não se deslocou do lugar. É verdade que a moldura de cobre pairou no ar por uma fração de segundo, mas depois caiu na mesa.

— Não, hoje não vai resultar. Noutra vez.

— Dashi, já tentaste deslocar objetos que estão dentro de um frasco de vidro?

— Não, não tentei, mas atrás de uma parede tentei. Na sala ao lado os objetos mexiam-se.

— Dashi, porque é que hoje a experiência correu tão mal?

— O dia amanheceu nublado. Eu carrego-me com o sol. Ando pelo lado ensolarado e sinto que a energia aumentou.

— O que mais de invulgar sabes fazer, Dashi?

— Posso mostrar um truque com cartas. Nunca adivinharão como se faz. — E realmente mostrou vários truques. Por mais que nos esforçássemos para decifrar, não inventámos nada de jeito para explicar.

— Quando jogo cartas e me invade o azarto *(frenesi ou empolgamento),* adivinho facilmente que cartas têm os adversários. A sério, a sério — acrescentou, ao notar a nossa descrença.

A bioenergia de qualquer pessoa pode ser medida com um dispositivo simples — uma moldura metálica em forma de P ou L.

Para isso, basta possuir um pouco de experiência e sensibilidade elevada.

Aproximei-me de Dashi com a moldura, esta rodopiou, registando um potencial bioenergético bastante alto, e de repente parou como que cravada.

Todos os presentes na sala não conseguíamos entender nada. E então notei o olhar malicioso de Dashi.

— Dashi, para! — A moldura voltou a rodopiar e depois parou inesperadamente novamente. Assim se repetiu várias vezes. Dashi estava visivelmente satisfeito. Um miúdo, o que se pode esperar dele!

Entretanto, a curiosidade consumia-me. Antes tinham-me examinado Djuna, Tulupov, Agoshkov e Yudin. Quis experimentar o que sentiria quando Dashi me examinasse.

Ele pôs mãos à obra. Sentei-me numa cadeira, ele colocou-se atrás.

— Agora vai sentir um frio percorrer-lhe as costas. — Mas frio não senti. Pelo contrário, invadiu-me um calor. Uma onda quente envolveu a coluna e começou a espalhar-se para cima. A nuca encheu-se de peso de chumbo. Contei tudo isso a Dashi.

— Pois bem, também acontece assim. Rode a cabeça. — Rodei a cabeça para a esquerda, depois para a direita. Mexia-se completamente livre.

— Tem osteocondrose. Então, não dói?

— Não, não dói, mas antes também não doía.

Dashi pressionou ligeiramente as vértebras cervicais.

— Rode agora. — Senti que as vértebras na zona do pescoço se tornaram menos móveis. — Vê, antes era como agora, e agora — voltou a pressionar as vértebras —, assim. — Realmente, no mesmo

instante os movimentos na zona das vértebras cervicais tornaram-se completamente livres, como numa criança.

Entretanto, a onda quente da coluna avançou para as pernas.

— Basta por hoje. — E afastou-se de mim.

Progressivamente a sensação de calor começou a diminuir, a cabeça aclarou, mas senti uma leve dor nas pernas ao longo dos nervos ciáticos. Aliás, a sensação desagradável desapareceu em breve.

No dia seguinte o nosso encontro repetiu-se na mesma casa. Dashi lá era como da família. As sessões de terapia continuaram, mas agora pareciam completamente diferentes da vez anterior.

Eis que se inclina sobre a perna da dona da casa, pressiona com força a coxa, depois a canela. E não acreditei nos meus olhos. A perna rodou facilmente na articulação da anca e acabou nos joelhos dele.

— Dói? — não me contive.

— Não muito. Mas não consigo entender nada. Antes não conseguia mexer assim a perna. Era insuportavelmente doloroso.

— O que fizeste, Dashi?

— «Desencaixei» o nervo. Passará algum tempo e ele «encaixa-se» sozinho.

Vi muitas vezes como trabalham os psíquicos. Vi como Djuna alivia a dor, como os doentes com osteocondrose se levantam após o «feitiço» de Tulupov, como V. Yudin passa artisticamente e solenemente as mãos ao longo do corpo do paciente — e a dor recua. A mim próprio muitas vezes me coube «encantar» dentes, aliviar dores de cabeça ou eliminar cólicas abdominais. Mas nunca vi nos psíquicos técnicas como as que usava Dashi.

Batendo com força com o gume da palma na perna doente, usava massagem de contacto e sem contacto. Encontrava

imediatamente as zonas reflexogénicas necessárias e pressionava pontos dolorosos. Terminadas as manipulações numa perna, passava ao tratamento da outra. Depois todos os procedimentos repetiam-se.

Bateu apenas um minuto para Dashi aliviar um ataque de asma brônquica num doente. E isso sem quaisquer medicamentos, apenas com massagem sem contacto. Mas o mais interessante esperava-nos mais à frente.

— Depois da sessão é preciso descarregar-me — disse Dashi e aproximou-se da mesa onde estavam vários objetos. E então, diante dos nossos olhos, na mesa saltou uma caneta esferográfica, depois pôs-se «em pé» e começou a balançar de um lado para o outro. Dashi afastou as mãos — ela caiu na mesa e imobilizou-se, como que ofendida com as brincadeiras do experimentador. Bastava Dashi passar a mão por cima de algum objeto para este começar imediatamente a mexer-se, como se estivesse vivo.

— Dashi, concentras a energia na mão ou tensionas a força de vontade?

— Não, simplesmente imagino que agarrei o objeto com um gancho invisível e tento levantá-lo. Às vezes consigo, às vezes o objeto escapa. Nem sempre este gancho obedece às minhas ordens.

— Devias atuar no circo — observei eu.

— Não, no circo não — a vida castigará, tirará esta propriedade. Quero tratar pessoas, ser útil. — E acrescentou inesperadamente: — Levaram-me ao daçan* de Aginsky, aos lamas. Propõem-me estudar, prometem enviar-me para a Mongólia. Dizem que, se me formar lama, poderei fazer muito bem às pessoas. Ganharei muito dinheiro, darei aos pobres.

**(Mosteiro-universidade do budismo tibetano na Rússia.)*

— E então poderás tratar doentes? — perguntou a paciente, já completamente recuperada após a sessão de Dashi.

— Tratar só com ervas e encantamentos, também poderei perdoar pecados e ajudar os pobres.

Naturalmente, todos nos apressámos a dissuadi-lo, garantindo que o seu destino era a medicina.

Desde setembro de 1989, Dashi é estudante do instituto médico. Infelizmente, a sua preparação geral deixa a desejar. Mas é difícil culpar o rapaz de uma distante aldeia buriate. Queria muito acreditar que Dashi dominaria as sabedorias da ciência. Este rapaz, dotado de capacidades únicas dadas pela natureza, estava destinado a tornar-se um bom médico. Mas o destino decidiu de outra forma…

No jornal «Trud» de 5 de maio de 1989, o professor V. Volchenko escrevia: «Quero alertar todos para a necessidade de uma atitude extremamente benevolente e cuidadosa em relação à criança. Afinal, a psique das pessoas que possuem capacidades únicas é bastante vulnerável, e um interesse malsão, importunação, tentativas de usar o "fenómeno" para fins próprios podem levar a consequências irreversíveis, por vezes trágicas».

Para honra dos professores e estudantes do instituto médico, faziam de conta que nada sabiam das capacidades de Dashi. De outra forma comportaram-se os seus conterrâneos e os habitantes do centro regional. E em parte culpo-me a mim próprio. Acontece que, ao conhecer Dashi, escrevi sobre ele um ensaio no jornal juvenil local. E embora no artigo não indicasse o apelido do jovem e o nome fosse alterado, em breve Dashi foi desmascarado. Aliás, ele próprio contribuiu para isso — queria muito ser famoso.

O que começou então… Apesar de no artigo eu ter pedido convincentemente que não recorressem a Dashi por ajuda, pois isso poderia causar-lhe dano irreparável — o miúdo ainda não se formara —, não havia descanso dos doentes. Vinham buscá-lo do distrito nacional buriate, quase à força metiam-no no carro e levavam-no consigo. Após 6-8 horas de aulas no instituto, o rapaz

tinha de atender doentes toda a noite. E de manhã novamente tinha de ir ao instituto.

Mas havia também benfeitores de outro tipo. Atraiam Dashi a casa deles, sentavam-no à mesa e propunham beber um copinho. Após o primeiro era preciso aceitar o segundo. Depois os espectadores, com gargalhadas bêbadas, observavam com admiração como Dashi, sem ajuda das mãos, «apenas com o olhar deslocava panelas e frigideiras».

Dashi começou a ter dinheiro, amigos duvidosos. As bebedeiras tornaram-se bastante frequentes. Nas aulas, Dashi muitas vezes faltava. E o resultado não tardou — por mau aproveitamento, Dashi foi expulso do instituto.

Recentemente apareceu novamente em casa dos meus amigos, garantiu que deixaria de beber, que no ano seguinte voltaria a candidatar-se ao instituto. Quero muito acreditar nele...

Mas as experiências de Dashi são brincadeiras de criança em comparação com o que fazem Uri Geller e semelhantes.

Ainda nos anos 70 do nosso século, na imprensa surgiu uma notícia de que um certo Uri Geller era capaz, com energia psíquica, de dobrar objetos de aço: garfos, facas, colheres, chaves. Não é surpreendente que esta sensação tenha corrido o mundo. Uri Geller demonstrou a sua arte em vários países. Atuava não só no palco, mas também na televisão, centenas de milhões de espectadores puderam conhecer o seu talento invulgar.

E de repente, como um trovão em céu claro. Num jornal ocidental aparece um artigo desmascarando as experiências de Uri Geller: alegadamente, trata-se de um vulgar charlatão, os objetos de ferro que ele dobra e parte com o olhar estão serrados, e basta aplicar uma pequena força (como aplicar essa força — o autor do artigo não se preocupou em esclarecer) para que a colher ou o garfo se dobrem ao meio.

No entanto, a verificação posterior das capacidades de Uri Geller em vários laboratórios do mundo confirmou que o fenómeno do «paradobrar» realmente existe. Saíram vários livros sobre este homem espantoso. Ele não só é capaz de lidar livremente com objetos metálicos, o seu olhar pode parar relógios. Numa das emissões televisivas foi noticiado que Uri Geller parou o famoso Big Ben em Londres.

Muitos recordam o caso em que Uri Geller, com a ajuda da televisão, fez funcionar nos nossos apartamentos relógios avariados. Em bons amigos meus, que vivem em Chita, nas mãos de diferentes membros da família começaram a andar… cinco relógios velhos avariados. E andaram bastante tempo. E em mim próprio começaram a tiquetaquear relógios velhos. É verdade, serei franco, se os sacudir com força, eles poderiam funcionar várias horas sem a ajuda de Uri Geller. Mas, palavra de honra, nesse momento não sacudi os relógios.

Mas recordemos como Uri Geller explicou este fenómeno. «Não fui eu, fostes vós mesmos com a vossa energia que fizestes os relógios andar». É bem possível que seja assim. Afinal, nem todos conseguiram realizar este truque.

Mais uma notícia sensacional. O professor John Hasted do Birkbeck College em Londres publicou um artigo na revista da Sociedade de Investigação Psíquica, no qual reconhece não só a capacidade de Uri Geller para o «paradobrar», mas também a habilidade de «extrair pedaços de rocha incrustados no metal, sem lhe tocar diretamente». Aliás, segundo John Hasted, as mesmas propriedades possuem os três filhos de Uri Geller.

Em 1989, foi enviada para a revista «Nature» (Londres) um artigo do responsável pelas investigações científicas do consórcio «Pechiney» (França), que se ocupa de problemas de metalurgia e química, no qual são descritos 116 casos em que um certo Jean-Pierre Girard dobrava placas metálicas. Muitas destas experiências foram realizadas em condições de controlo rigorosíssimo, quando

qualquer fraude era excluída. Além disso, para verificar os factos citados no artigo, deslocaram-se a Grenoble o editor da revista «Nature» David Davidson e o professor Chris Evans, conhecido cético que não reconhece a existência de fenómenos parapsicológicos. Eles não só se convenceram de que Girard dobrava placas metálicas, como visionaram um filme em que eram demonstradas as capacidades deste homem espantoso.

«Quanto mais fundo na floresta, mais lenha» — diz o provérbio russo. Assim, a revista alemã ocidental «Bunte» publicou um relato sobre a espanhola Mónica Nieto Tejada, reimpresso depois por muitos jornais do mundo (Sovetskaya Molodyozh. 1989. 13 de setembro).

«O olhar da rapariga cravou-se literalmente na fita metálica numa ampola de vidro selada. Será capaz de realizar o incrível — com as suas forças paranormais atuar na fita de forma a alterar a sua forma?

A fita metálica contorce-se lentamente na ampola. "Acham que consigo restaurar a forma anterior?" — pergunta Mónica como se se tratasse de algo completamente comum. Concentra-se novamente no tubo de vidro. E novamente o milagre: a fita como que ganha vida e endireita-se.

Interessante que esta capacidade se manifestou na menina aos seis anos, quando ouviu na rádio um relato sobre como Uri Geller dobrava garfos com o olhar. A mãe de Mónica tentou repetir a experiência, mas nada conseguiu. Para sua surpresa, a Mónica de seis anos repetiu este «truque» sem grande dificuldade.

As capacidades de Mónica interessaram o professor espanhol Rafael Rivera. Dava a Mónica tarefas cada vez mais difíceis. O cientista desenhava a forma da curva num folha de papel, e a menina com o olhar fazia a fina fita ou fio metálico reproduzir o desenho.

Apesar do dom extraordinário, Mónica tem capacidades médias. Os médicos estabeleceram que, ao dobrar objetos metálicos, a temperatura corporal de Mónica aumenta, e a pressão arterial diminui ligeiramente. Mas no eletroencefalograma (registo dos biopotenciais do cérebro) registam-se nesse momento ondas típicas de repouso.

E Mónica possui ainda outra capacidade — vê o corpo humano como num ecrã de aparelho de raios X. Experiências semelhantes realizou com as suas amigas, e verificou-se que os seus desenhos e as radiografias são extremamente semelhantes».

Que milagres não acontecem no mundo! Em 1983, na literatura surgiu uma notícia sobre factos impressionantes obtidos em investigações de telecinese na RPC. Sob a influência de esforço mental ocorria a desmaterialização de objetos. As experiências eram realizadas com um transmissor rádio do tamanho de uma caixa de fósforos. Sob o impacto mental do psíquico, o transmissor desaparecia de um lugar e aparecia noutro.

Tudo o que acontecia era gravado em videogravador, e o funcionamento do transmissor era detetado por aparelho especial. No momento da teletransporte, o sinal emitido pelo transmissor desaparecia completamente. Ao aparecer o transmissor, o sinal era novamente registado, mas mais fraco em comparação com o inicial. O tempo de ausência do objeto variava de 24 segundos a 61 minutos. Os investigadores não deram explicação para os factos obtidos (Anomalia. 1991. Nº 2).

Na imprensa surgiram informações sobre mais um fenómeno misterioso. Trata-se da capacidade do ser humano atrair com as palmas vários objetos.

Tenho diante de mim o jornal «Trud» de 5 de maio de 1989. Nele — uma pequena nota de A. Trushin com o título «Menina-ímã», na qual se conta sobre as capacidades invulgares da aluna do sexto ano Inga.

«Eis que ela estende a mão, aplica à palma o fundo de uma grande frigideira de alumínio, e esta… fica suspensa, como que magnetizada. O pai aproxima da frigideira uma a uma duas halteres de um quilo, que com um tinir colam ao fundo. Depois acrescenta-se um martelo de trezentos gramas. O peso total dos objetos «suspensos» acima do chão, contrariando todas as leis, é de cerca de quatro quilos.

— Inga, não te pesa?

— Nada.»

Concordem, uma notícia semelhante lembra contos fantásticos, e se o jornal «Trud» tivesse publicado este artigo a 1 de abril, eu não duvidaria de que me estavam a gozar.

Em breve tive de me convencer de que o fenómeno não era ficção. A mãe trouxe-me uma simpática menina de doze anos — Natasha K., às palmas da qual «colam» os objetos mais diversos. A menina demonstrou-me imediatamente como à sua palminha colaram literalmente uma caneta de plástico, um garfo e uma tesoura. Tentei remover esses objetos e senti uma pequena resistência.

É perfeitamente compreensível que o fenómeno me interessasse, e imediatamente comecei a realizar experiências simples. Verificou-se que o papel não se mantém na palma, enquanto o papel fotográfico, aplicado pelo lado da emulsão, colou imediatamente. Se aplicar dois objetos diferentes mais perto dos dedos, eles atraem-se mutuamente, se mais perto do antebraço — repelem-se. Consequentemente, a direção do campo de força na palma de Natasha propaga-se dos dedos para o antebraço.

Acima da palma os objetos praticamente não se mantêm — talvez frações de segundo. Deslocar objetos com o olhar ou sem lhes tocar com as mãos a menina não sabe. Em compensação, é capaz de determinar com bastante precisão a zona doente. Quando a avó sofreu um AVC, ela, sem conhecer anatomia nem a localização

dos centros nervosos, determinou com bastante precisão a área da lesão. Tocando na metade esquerda do tórax da avó, declarou que esta tinha dor no coração. Em breve foi diagnosticado enfarte do miocárdio.

Apesar da tenra idade, Natasha não só é capaz de aliviar a dor, como de tratar pessoas. Mas o que isso lhe custa!

— A minha avó está doente, sofreu uma hemorragia cerebral. Tive tanta pena dela. Passei um pouco as mãos, e a dor de cabeça dela passou. E começou a falar melhor. E depois, quando as pernas incharam, passei as mãos, e o inchaço passou.

— E como te sentiste depois disso?

— Completamente esgotada, cansada. E afinal não fiz nada, só passei as mãos perto da cabeça e das pernas.

— O que é estar cansada — intervém na conversa a mãe da menina. — Após tratar a avó, mudou completamente, tornou-se nervosa, irritável. Até os professores na escola começaram a queixar-se dela — não reconhecem a filha. E começou a adoecer, quando antes adoecia muito raramente.

Decidi mostrar a menina a Anatoli Mikhailovich Tulupov. Ele não começou a perguntar nem a ela nem à mãe, mas passou imediatamente ao exame. E qual não foi a surpresa de ambas quando Anatoli Mikhailovich enumerou todas as «doenças» da avó.

— Mas como determinou isso?

— Pela menina. Parece-me que ela tomou para si todas as doenças da avó. Se eu estiver certo, dentro de quinze minutos a menina estará saudável. Se não, não bastará uma sessão.

Em breve regressaram à menina a alegria, a comunicabilidade e, principalmente, desapareceram as dores que na última semana atormentavam a criança.

Volto a encontrar-me com a menina e a mãe exatamente uma semana depois. Mas agora convidei para o encontro o professor do instituto politécnico S. Yu. Balasanyan e o docente do instituto pedagógico A. B. Kaganovich, assim como um grupo de psíquicos do centro de diagnóstico. Interessava-me especialmente a opinião dos cientistas-físicos.

A menina demonstra a sua arte a todos os presentes. Os sábios cientistas estão visivelmente impressionados e não o escondem, enquanto os psíquicos estão absolutamente imperturbáveis. Viram como Dashi desloca objetos. E então? Treinar, talvez também consigam. Repetem imediatamente a experiência da menina e, imaginem, em alguns deles colam à palma lápis, canetas de plástico, agulhas de aço.

S. Yu. Balasanyan e A. B. Kaganovich ficam tão interessados que imediatamente propõem os seus serviços para o estudo do novo fenómeno misterioso. E eu exulto — o nosso grupo cresceu!

— Não, realmente não é truque. Se não tivesse visto com os meus próprios olhos, nunca acreditaria que tal fosse possível — diz Kaganovich. — Vejam, à palminha dela cola tudo: metal, vidro, plástico, madeira. Espantoso.

— Sabem — intervém a mãe —, depois de Tulupov a ter examinado, a força de atração das palminhas diminuiu. Antes segurava livremente tesouras, uma faca pesada, um garfo. Mas Anatoli Mikhailovich disse que a força se restaurará gradualmente. Removeu dela parte da energia «doente» que adquirira ao tratar a avó. Agora é preciso esperar que se acumule suficiente energia «saudável».

— Não preciso que me expliquem isso. Eu próprio vejo que hoje a menina segura os objetos com maior tensão do que da última vez.

Na conversa intervém novamente a mãe da menina:

— Temos um gato. Antes da doença da avó, ele andava sempre à volta dela. Dormia sempre só perto dos pés dela. Mas desde que ela adoeceu — não se aproxima da cama dela. A filha, depois de tratar a avó, começou a brincar com o gato. Se vissem a reação dele! Deitado nos joelhos fica calmo, mas assim que a filha começa a passar as mãos por cima dele, salta imediatamente e foge. E antes adorava brincar com ela, era tão meigo. Mas depois de Natasha ter ido à sessão com Tulupov, o gato voltou a brincar com ela de boa vontade e a ronronar de prazer quando a filha o acaricia.

Acho que não vale a pena continuar. Já é suficientemente claro como o contacto com a avó doente afetou a menina. Na essência, ela «passou» todas as doenças da avó (e não são poucas) por si própria. Qualquer pessoa sensata compreenderá que isso é demais para uma criança.

No sono, a menina vê muitas vezes o céu estrelado e encontra facilmente nele a sua estrela favorita. É a mais brilhante, a mais bela. A menina tenta falar com a sua estrela, faz-lhe perguntas. E no momento em que a estrela está prestes a responder, a menina acorda. Não se lembra do que perguntou à estrela e fica sempre aborrecida por o diálogo não ter acontecido.

A menina ainda não estudou astronomia, não conhece o mapa do céu estrelado, mas sabe bem onde no céu está a sua estrela, que lhe deve trazer felicidade. E acredita na sua estrela.

Pois bem, acreditemos nós também na estrela feliz da menina. Muitos psíquicos de alto nível garantem que são capazes de assimilar diretamente energia do Sol, da Lua, das estrelas. Talvez a estrela favorita realmente carregue a menina com capacidades extraordinárias, oferecendo-lhe a sua energia?

Passarão dez anos, a menina crescerá, possivelmente irá estudar para o instituto médico e certamente poderá no futuro usar as suas capacidades para o nosso bem comum.

A «palminha-ímã» não é um fenómeno assim tão raro. O filho de dez anos do psíquico S. Yu. Zhigalov segura facilmente no ar colheres, garfos e tesouras pesadas. Além disso, verificou-se que «colam» vários objetos às zonas da palma onde passam as linhas pelas quais os quiromantes e adivinhos preveem o destino.

E entre as crianças dos funcionários do instituto encontraram-se aquelas que seguravam na vertical na palma garfos, facas, lápis, canetas. E na menina de catorze anos Annushka P. cola à palma uma frigideira leve.

Verifiquem os vossos filhos, camaradas pais. Propriedade semelhante possuem raparigas e rapazes com alto potencial bioenergético. E com tais crianças é preciso ter cuidado especial, não deixar que esta propriedade se extinga, pelo contrário — treiná-la constantemente.

Citarei mais um exemplo. No final de novembro de 1989 veio ao instituto uma mulher jovem, muito simpática. Estava visivelmente preocupada. Uma semana antes reparara que à sua mão podia colar um pente. Que pente que nada! E demonstrou como um copo, como que magnetizado, se mantém calmamente na palma.

— Tentem arrancá-lo e sentirão resistência.

Realmente sinto que o copo «não quer» separar-se da palma, mas a resistência é muito fraca.

Na palma da mulher um pequeno espelho, ao qual colam um lápis, uma caneta, um garfo. Consequentemente, a energia que segura os objetos no ar passa através do vidro. No entanto, ao espelho colam apenas objetos leves.

Inesperadamente a mulher declara:

— E sabem, tentei tratar. Imaginem, resulta. O marido teve dor de dente. Passei a mão cinco minutos e deixou de doer. E no dia seguinte o marido foi ao dentista e extraíram-lhe o dente sem dor.

Isso não me surpreende. Sei que se à palma colam vários objetos — significa que temos diante de nós um psíquico. E realmente, a biorrâmica mostra que a bioenergia da minha visitante é bastante alta.

A 7 de março de 1990, no programa «Vzglyad», foi falado de uma menina de seis anos cujas palmas atraem vários objetos, incluindo uma maçã cortada. Interessante que, com quarenta graus abaixo de zero, a menina dispensa luvas. As mãos não só não gelam, como ficam quentes. Tudo isso fala de uma circulação sanguínea extremamente intensa nas palmas. Ninguém na família possui capacidades semelhantes. Verificou-se que, após contacto com a menina, o correspondente da televisão também começou a ter objetos a colar às palmas. E talvez se atraíssem antes, simplesmente a mulher não prestava atenção a isso.

Após esta emissão, recorreram a mim adultos e crianças que, com surpresa, descobriram propriedades semelhantes nas suas palmas. Recentemente, a televisão de Chita mostrou um pequeno filme sobre a «menina-ímã» de Krasnokamensk.

Já me habituei a que o fenómeno descrito não seja tão raro como a telecinese, mas de vez em quando as publicações na imprensa periódica surpreendem-me. Aqui está uma delas.

«Sobre este homem em Grozny circulam lendas. Pode, como um íman, atrair para si objetos metálicos. Evgeni Bylinkin, trabalhador da associação «Grozneft», reparou há muito nesta capacidade em si, mas já se habituou e por vezes demonstra «truques» aos amigos.

Eis que estende a mão, por exemplo, para uma colher metálica e, segundo as suas palavras, começa a sentir como pelo corpo corre uma faísca elétrica fria, e depois... a colher como que cola à pele. Os espectadores tentaram mais de uma vez «desmascarar» o segredo de Evgeni, acusá-lo de charlatanismo, mas nada conseguiram. Agora os amigos chamam-lhe «homem-ímã» (Pravda. 1990. 18 de março).

Na fotografia vê-se que a várias zonas do corpo — abdómen, peito, braços — colaram objetos metálicos bastante pesados.

Citarei também integralmente uma pequena nota de U. Bogdalov, publicada na «Rabochaya Tribuna» a 1 de abril de 1990.

«Inúmeros "porquês" coloca a si próprio o major da milícia reformado de 55 anos N. Suvorov, ao refletir sobre as características misteriosas do seu organismo. Aliás, quebrar a cabeça cabe não só a ele. Porque, por exemplo, o seu corpo "funciona" como um íman poderoso, segurando um ferro de três quilos, uma frigideira de um quilo, colheres, óculos, tesouras. E note-se, tudo ao mesmo tempo. Porque, ao contrário dos ímanes comuns, em Nikolai Alexandrovich podem «pendurar-se» coisas de plástico, alumínio, vidro?

Talvez os médicos se interessem pelas particularidades do organismo invulgar. Talvez com o tempo encontrem resposta para algumas perguntas. Provavelmente assim será. Uma coisa apenas ficará obscura — adquiriu o major esta capacidade surpreendente com os anos ou desde o dia do nascimento. Acontece que descobriu as propriedades invulgares do seu organismo recentemente. Leu no jornal local sobre o seu conterrâneo, também major da milícia reformado V. Kozlov, a quem também «colavam» várias coisas. Decidiu experimentar em si e ficou atónito.

Acrescento que, no resto, é uma pessoa completamente comum — casado, dois filhos — um rapaz e uma rapariga, de primeira categoria em xadrez. Serviu conscienciosamente vinte e cinco anos na milícia. Só que, ao contrário de muitos de nós, nunca na vida adoeceu».

Nas notas de jornal citadas impressionou-me que em algumas pessoas vários objetos podem colar não só às palmas, mas também a outras partes do corpo.

Uma vez veio ao meu departamento um dos funcionários do instituto e pediu que examinasse a mulher dele — descobrira acidentalmente que podia segurar no peito vários objetos.

— Imaginem — dizia excitado —, ferros de engomar seguram-se. E arrancá-los é bastante difícil. É verdade que esta propriedade manifesta-se não sempre. Por vezes é mais forte, por vezes mais fraca, o que, pelo visto, depende do estado emocional.

E no final de 1991, num dos jornais de Chita apareceu uma fotografia de um homem idoso segurando no peito dois ferros de engomar e um cadeado grande, e por baixo a legenda: «Há muitas pessoas maravilhosas na Transbaicália. Capacidades extraordinárias tem o trabalhador do laboratório central da associação «Chitageologia» Alexander Zlobin».

E eis que este «homem maravilhoso» está no nosso departamento.

— Reparei nesta propriedade por acaso. Li no jornal que num major ferros de engomar e colheres colam ao corpo, e decidi verificar, talvez eu também possua propriedade semelhante. Vejam — E estendeu-me várias fotografias. Numa delas uma dezena de moedas de vários valores coladas à testa, noutra — ferros de engomar seguram-se livremente no peito, noutra — garfos e colheres, na quarta — três pratos, na quinta — livros. E aqui uma fotografia realmente única — um pesado recetor transistorizado como que «colou» ao peito. E mais uma fotografia — no peito segura-se uma enorme placa de aço.

— O peso dela — nota Alexander Ivanovich — é de dezoito quilos. Mas posso segurar mais. Acho que uns 48-64 quilos seguro perfeitamente. E o interessante é que quanto mais pesado o objeto, mais forte cola. Até é preciso aplicar força para o arrancar.

— E coisas de vidro colam em si? — perguntei eu.

— Claro, mas só planas. Aliás, redondas também colam. Se pegar num frasco de vidro limpo de três litros com água, também se segura no peito.

Digam o que disserem, para mim este fenómeno continua a ser um mistério. Mas há pessoas para quem tudo é claro. Aqui está uma

pequena nota da «Méditsinskaia Gazeta» de 7 de novembro de 1989 com o título «Dá lá uma sensação»:

«O que nos nossos dias de défice cruel há em abundância são sensações. Recentemente a Televisão Central mostrou no programa «Vremya» uma escolar bielorrussa segurando na palma quase vertical vários objetos, até uma frigideira «recheada» com halteres. Não quero dizer nada de mau sobre a menina, tal como sobre os seus numerosos seguidores. Todos eles realmente seguram em posição quase vertical facas, garfos, canetas, livros — numa palavra, tudo o que cai sob a mão, e com prazer mostram milagres de «magnetismo» aos circundantes.

Nestes dias na nossa secção tivemos de verificar vários «milagreiros» — seguram vários objetos sem qualquer engano, mas também sem ajuda de quaisquer campos «misteriosos». Experimentem, acho que muitos de vós conseguirão. O principal é que as mãos sejam macias e ligeiramente húmidas. Os objetos colam-se literalmente sozinhos a elas. E mostrem milagres à vontade.

Secretário científico da secção republicana de bioenergética e biocibernética (diagnóstico eletrónico) V. Falkov. Riga».

Vêem como tudo é simples, basta ter mãos macias e húmidas, e então a frigideira com halteres cola às palmas, de tal forma que para a arrancar é preciso aplicar esforços consideráveis. Milhões de telespectadores viram como o correspondente tentava fazê-lo.

Se V. Falkov fosse mais atento, repararia que as mãos no momento de segurar o objeto no ar estão sempre tensas, que objetos de materiais diferentes começam ou a atrair-se ou a repelir-se mutuamente. E então o fenómeno tão facilmente explicado tornar-se-ia para ele mais misterioso, o que lhe permitiria evitar um tom tão perentório na sua nota.

Provavelmente, um papel importante nas manifestações de telecinese e na atração de vários objetos às palmas humanas

desempenha o campo eletrostático. As investigações mais interessantes nesta área foram realizadas pelo colaborador científico do Instituto de Fisiologia Normal da AMN da URSS V. Adamenko. Em particular, estabeleceu-se que a pele do sujeito capaz de deslocar objetos de forma sem contacto pode estar tanto sob carga positiva como negativa. Se o sujeito está bem isolado da terra, ao friccionar pode ser carregado positivamente. Neste caso, pode atrair objetos leves de apenas alguns miligramas, nos quais se induzem cargas negativas.

Experiências semelhantes todos puderam ver. Basta friccionar bem as mãos uma na outra para que às palmas comecem a colar pequenos pedaços de papel. Se a pessoa está sob a influência do potencial da terra, ou seja, tem carga negativa, ao friccionar ou noutro processo de eletrização induz nos objetos próximos carga positiva. Neste caso adquire a capacidade de deslocar objetos sem lhes tocar diretamente. Estando sob a influência do potencial da terra, a pessoa em certa medida utiliza a carga negativa do nosso planeta. Uma pessoa com carga negativa pode deslocar objetos de maior peso do que no caso em que está carregada positivamente.

Em casos isolados, a telecinese espontânea manifesta-se no período pré-tempestade, quando os objetos no campo elétrico terra-nuvens adquirem carga. Algumas pessoas, aproximando-se de tais objetos, atraem-nos ou repelem-nos.

Segundo a lei de Arquimedes, se aumenta a densidade do meio, a força expulsora que atua nos objetos cresce. É por isso que no vácuo muitas vezes não se consegue deslocar vários objetos com telecinese.

A condutividade da pele seca humana em várias zonas é desigual. Assim, nos pontos de acupuntura é bruscamente elevada. Estes, como se sabe, estão espalhados por toda a superfície da pele humana. Dependendo do estado psicobiológico, a condutividade dos pontos de acupuntura altera-se. Em stress emocional, em esforço volitivo, a sua condutividade pode aumentar 2-3 vezes. Nas

zonas da pele onde estes pontos estão ausentes, alterações semelhantes não ocorrem. Consequentemente, em esforço volitivo ou tensão emocional, as linhas de força do campo elétrico que ligam a pele humana e o objeto deformar-se-ão. Se a condutividade de vários pontos na pele humana se altera, isso leva à redistribuição de cargas e à deformação do campo bioelétrico entre a pessoa e o objeto. Com esforço volitivo pode-se dirigir as linhas do campo bioelétrico para o objeto e «selecionar» tal configuração do campo em que o objeto começa a deslocar-se no espaço.

V. Adamenko considera que para o sucesso da experiência é necessário cumprir duas condições: a pele dos sujeitos deve ser seca e ter alto coeficiente de eletrização. A permeabilidade dielétrica cutânea deve situar-se em certos limites; o sujeito deve saber, com esforço volitivo interno, alterar maximamente a condutividade entre os pontos de acupuntura e gerir a alteração dessa condutividade.

A estimulação psíquica contribui para o domínio da telecinese: em estado de elevação psíquica este processo decorre mais rapidamente e leva a melhores resultados.

Apetece-me sublinhar especialmente que, em estado de fadiga ou de lentidão psíquica, apesar da presença de um campo elétrico bastante forte, o fenómeno do telecinese não se reproduz, o que se explica pela incapacidade do sujeito em «controlar, através de esforço volitivo, o campo bioelétrico... A excitação psíquica aumenta o campo, e o campo, por sua vez, aumenta a excitação psíquica».

Com este ponto de vista poder-se-ia concordar, se não fosse uma série de factos que claramente não cabem no leito de Procusto desta teoria.

1. A aderência de objetos leves à palma da mão pode ser explicada pela eletrostática biológica (termo de V. Adamenko). Mas por que razão algumas pessoas conseguem manter na vertical objetos com peso de 4 kg ou mais?

2. Os objetos que possuem a mesma carga que a mão humana deveriam repelir-se. Por que razão, então, sob a influência das mãos e até do olhar humano, se deslocam objetos que têm cargas claramente diferentes?

3. A eletrostática biológica deveria estar presente em todas as zonas do corpo humano sem exceção, pois os pontos de acupuntura existem literalmente em todas as áreas da pele. Na orelha há significativamente mais do que nas mãos. Também há muitos no nariz. Por que razão os objetos aderem principalmente às palmas das mãos e se deslocam sob a influência do movimento das mãos ou do olhar? São extremamente raros os casos em que os objetos aderem a outras partes do corpo humano.

4. Imaginemos, finalmente, que com eletricidade estática seja possível deslocar objetos leves e até pesados. Mas como explicar que, sob a influência do olhar humano, possam dobrar-se garfos, facas e arame de aço colocados dentro de um recipiente fechado ou de um tubo de ensaio?

Infelizmente, a hipótese da «eletrostática biológica» não dá respostas a estas questões. E impõe-se a ideia de que existem outros campos, além dos elétricos, capazes de deslocar objetos, dobrar e partir garfos, colheres, facas, curvar ferraduras.

O efeito de bioatração foi estudado detalhadamente por uma equipa de investigadores científicos do Instituto de Neurocirurgia Académico N. N. Burdenko e do departamento de problemas teóricos da Academia de Ciências da Rússia. Como resultado das experiências realizadas, verificou-se que, no momento da bioatração (na testa do sujeito «conviviam» pacificamente colheres e uma escova de massagem), ocorrem alterações significativas na atividade funcional de diferentes áreas do cérebro. Além disso, foram detetados desvios importantes no registo dos biopotenciais cerebrais — eletroencefalograma. Ao investigar com um aparelho biónico especial, demonstrou-se que, quando o sujeito segura na

testa um prato e livros, ocorrem alterações pronunciadas na composição espectral dos solitões*. Com base nestas experiências, concluiu-se que o efeito em estudo se explica pela interação da radiação biosolitónica com o objeto retido.

*(*Solitão — onda solitária que se propaga sob a forma de impulsos de forma invariável e que, em muitos aspetos, se assemelha a uma partícula. Aos fenómenos solitónicos pertence, em particular, o impulso nervoso.)*

De acordo com as observações do doutor em ciências biológicas Alexander Dubrov, a capacidade do ser humano de atrair objetos pesados testemunha que, durante a atividade psíquica, nas pessoas surge um campo de força especial (campo psi), sem análogos entre os campos físicos conhecidos. Estas investigações levam a supor que, no fenómeno descrito, um papel importante pertence à biogravitação, relacionada com o vácuo físico.

Em conclusão, apetece-me recordar uma das emissões do programa «O Evidente — o Inacreditável», na qual foi mostrado uma sessão de telecinese registada em película fotográfica. O que vimos? Entre as mãos do operador e a bolinha, que pairava imóvel no ar, eram visíveis filamentos brancos. Os cientistas que foram testemunhas da experiência decidiram que o operador voltou a enganar os espetadores crédulos. Mas alguns avaliaram este facto de outra forma. Na I Conferência de Toda a União sobre bioenergética, foi expressa a opinião de que na película foi registada a radiação gerada pelas mãos do operador no momento da sessão, graças à qual a bolinha se mantinha no ar.

Que energia é esta, capaz de se opor ao campo gravitacional da Terra? Supõe-se que se trata de um fluxo de micropartículas — microleptões.* O campo de força por elas criado é capaz de sustentar, durante determinado tempo, diversos objetos no ar, contrariando as leis da gravitação.

**(Conceito de elo perdido da parapsicologia russa.)*

Uma hipótese original que explica os milagres da bioenergética foi avançada pelo engenheiro A. I. Burkat. Ele considera que os impactos psíquicas,* a telepatia, a levitação, a clarividência e outros fenómenos ditos anómalos podem ser facilmente explicados se se admitir que a bioenergia é o resultado da radiação gravitacional dos objetos da natureza viva.

No artigo «O Homem-Grazer» (Przyroda i Człowiek, 1989, n.º 11) escreve: «Duvido que saibam o que é um grazer, e por isso dirijamo-nos com esta questão ao... físico L. Brillouin. Eis o que ele escreveu em 1970: "A quem estará reservado, na nossa época, construir um grazer, um amplificador poderoso de ondas gravitacionais? Quando os nossos meios forem um milhão de vezes mais potentes do que hoje, então poderemos observar ondas gravitacionais, medir a sua frequência, velocidade, investigar o modo como se propagam?"».

*(O impacto psíquico-al é o efeito que essa onda causa quando atinge o alvo.)

Então por que razão o grazer ainda não foi inventado ou descoberto? (O termo, pelo visto, foi proposto por analogia com o laser.) Acontece que isso está relacionado com a imperfeição da teoria da relatividade de Einstein. Talvez o grazer não precise de ser inventado, mas apenas bem procurado na natureza, e ele próprio se encontrará. E por que não imaginar que o grazer ou o seu análogo se encontra no organismo humano? E se lá for encontrado, ficará claro que o homem é um grazer. Mas antes de procurar o grazer, é preciso saber o que ele é.

O autor tenta, utilizando a fórmula de conversão de fenómenos físicos do micromundo para o macromundo, calcular os parâmetros do grazer. Como resultado da conversão, obteve uma tabela de parâmetros dos gravitões até então desconhecida, da qual se conclui que o comprimento de onda do gravitão coincide com o raio do Universo, a frequência — com a velocidade de expansão do Universo e, finalmente, o período — com o tempo de vida do

Universo. Quanto à frequência do gravitão, ela corresponde à atividade do coração, sendo este o primeiro candidato ao papel de grazer. «Estou convencido — escreve A. Burkat — de que os milagres da bioenergética se explicam pelo facto de o homem poder sentir e influenciar ondas gravitacionais. O homem... é um poderoso grazer».

Assim, imaginemos que o psíquico é um homem-grazer. Desta suposição, segundo o autor, podem tirar-se as seguintes conclusões:

1. O homem-grazer, funcionando em regime de recetor super-sensível de ondas gravitacionais (a energia de repouso do gravitão é dez vezes menor do que a energia de repouso do eletrão), é capaz de receber informação telepática não só sobre os terrestres, mas sobre todo o Universo.

2. O homem-grazer, funcionando em regime de gerador de ondas gravitacionais, pode concentrar energia gravitacional em diversos pontos do espaço, sendo então capaz de telecinese e até de levitação.

Como veem, uma teoria bastante original e suficientemente ousada. Mas será ela suficientemente ousada para ser verdadeira?

Aqui se poderia terminar o relato sobre fenómenos misteriosos. Mas apetece-me partilhar ainda uma série de observações interessantes. Certo dia, deparei com uma pequena notícia intitulada «Doença estranha». Transcrevo-a literalmente:

«A funcionária chinesa de trinta anos Liu Ying sofre de uma doença estranha: o seu corpo produz cargas elétricas, circunstância que causa muitos problemas aos médicos que a tratam.

Em novembro do ano passado, sentiu subitamente no corpo uma onda de calor repentina, acompanhada de forte agravamento da saúde. Quando a levaram para o hospital, os profissionais de saúde que tocaram na doente receberam fortes choques elétricos.

Este fenómeno desaparece quando Liu Ying está em movimento, mas no momento em que toca em materiais condutores de eletricidade, ela própria recebe choques.

A doente continua internada no hospital» (Jornal Médico, 2 de abril de 1989).

Realmente um caso único, pensei eu. Afinal, o ser humano é uma fonte de energia elétrica. Todos os seus órgãos geram corrente elétrica, e com o fenómeno da eletricidade estática estamos bem familiarizados.

Lembro-me de como o filho de sete anos do meu grande amigo, o Vovka, realizava as seguintes experiências simples. Corria de chinelos pelo tapete, depois aproximava-se inesperadamente da avó e tocava-lhe no nariz. Claro que do nariz da avó saltavam faíscas, e o Vovka desatava a rir alegremente. Às vezes o Vovka fazia o mesmo com os convidados. Para ser honesto, não era uma sensação muito agradável. Mas, no fim de contas, era uma tolice, uma faísca que saltava, um pequeno choque. Aqui, porém, era algo completamente diferente.

Por precaução, recortei a notícia do jornal — quem sabe, poderia ser útil em palestras ou aulas com estudantes. E a notícia realmente foi útil.

A 6 de fevereiro de 1993, o jornal Komsomolskaia Pravda publicou um artigo de Olga Kuchkina intitulado «A vida de Liubov Nazarova. Parte segunda». Quem é Liubov Nazarova? A esta pergunta responde melhor ela própria... «Pecadora grande... Bebia, fumava, fornicava. Enfim, vivia como a maioria de nós. E certo dia...»

E certo dia Liuba decidiu que já não valia a pena continuar a viver. Esperanças constantes sucedidas por desilusões, a fé numa pessoa amada que se revela traição. E não há saída deste círculo vicioso. Ou haverá? Há, sim. Atirar-se de cabeça do décimo andar, deixando dois filhos pequenos... E mais uma vez deixemos a palavra a Liuba.

— Mal pensei nisso, «partiram-me» as costas. Já tinha tido radiculite, mas assim nunca! Não me conseguia mexer, nem virar... Dois dias depois, quando isso (o pensamento de suicídio — B. K.) saiu da minha cabeça, levantei-me. Tocam à campainha, saltei e fui abrir, esquecendo-me completamente de que estava imobilizada...

Chega a mãe e diz: «Liuba, ouvi dizer que há dias, do Natal à Epifania, em que os céus se abrem e Deus ouve as tuas orações...» Isso tocou-me profundamente. E, não sei como aconteceu, à noite abri a janela, ajoelhei-me e comecei a soluçar, a chorar e a pedir a Deus uma só coisa — que Ele fizesse algo para que eu me sentisse necessária a alguém... A partir desse dia, comecei a ser sacudida por corrente elétrica... Passava todos os objetos assim: pousava-os, e alguém os pegava. Tinha medo de me aproximar da água.

Nem falo do interruptor, enrolava na mão não sei quantos panos e só então o tocava. Sacudia os filhos. Por causa da mãe chamaram duas vezes a ambulância, mediram a pressão, tudo normal, mas era eu que a tinha sacudido com corrente. Fui à clínica, olhavam para mim como se eu fosse louca, afinal os eletricistas não consultam na clínica. Felizmente, o neurologista enviou-me ao adjunto do diretor, dizendo que ele trabalhava com molduras... Ele olhou: tens dois chakras bloqueados. Ensinou-me a respirar, e imediatamente me senti melhor... Disse: tens um campo de três metros. Perguntei: o que significa isso? Respondeu: podes curar... E a partir desse dia comecei a curar.

Que felicidade que no caminho de Liubov Nazarova tenha aparecido um médico inteligente e perspicaz; compreendeu a causa da doença e ajudou a doente. E, sobretudo, tornou uma pessoa feliz, necessária a centenas e até milhares de pessoas.

Ao ler a notícia, lembrei-me de um caso que me aconteceu na infância distante. Certo dia, o pai estava a reparar uma tomada em casa e pediu-me para o ajudar. A minha tarefa era extremamente simples — bastava passar ou tirar ao pai a chave de fendas no

momento certo. Não sei o que aconteceu, mas num desses momentos fui fortemente eletrocutado. Até saltei para trás.

— Boria, o que foi? — perguntou o pai, aborrecido.

— Deu-me um choque.

— Não pode ser. De onde havia de vir corrente? Tirei os fusíveis do contador. Olha. — E o pai agarrou corajosamente com as mãos nos dois extremos do fio descarnado.

«Realmente, de onde havia de vir corrente?», pensei eu, e voltei a aproximar-me do pai. Mas quando, da vez seguinte, lhe estendi a chave de fendas, senti novamente um forte choque elétrico.

Felizmente, não durou muito. Gradualmente os choques foram enfraquecendo e, duas horas depois, cessaram.

Ainda assim, o meu caso difere do que aconteceu com a chinesa Liu Ying ou com Liubov Nazarova. As pessoas à minha volta não sentiam choques ao contactar comigo — só eu os sentia. E não posso excluir que simplesmente me tenha autossugestionado de que estava a ser eletrocutado. Tanto mais que, na infância, depois de uma vez, por curiosidade, ter enfiado dois dedos numa tomada, tinha um medo terrível de corrente.

Não sei o que desencadeou a estranha doença na chinesa. Talvez ela, tal como Liubov Nazarova, tenha sofrido um forte abalo. Disso me convencem as seguintes observações.

Recentemente conheci uma pessoa extraordinariamente bondosa e sensível — o Volodia T. O Volodia é psíquico, mas não conta isso a ninguém. Até se envergonha de se chamar psíquico. «Que psíquico que nada, sei curar um pouco, ajudo os conhecidos, mas a Dzhuna também escreve que qualquer pessoa pode aprender isso».

O Volodia trabalha como serralheiro. Vive numa casa sem conforto. Penso que os amigos do Volodia abusam da sua bondade. Para quê ir ao médico, tomar medicamentos, quando há um

curandeiro talentoso ao alcance da mão. E os conhecidos têm os seus conhecidos, e estes os seus, e depois do trabalho o Volodia cura pessoas até às dez, às vezes até às doze da noite. Não recusa ninguém e não cobra pelo tratamento.

O Volodia vive intensamente as desgraças dos doentes e especialmente os seus próprios fracassos. Se não consegue ajudar, não dorme à noite e, de manhã, exausto, vai para o trabalho. À noite tudo recomeça.

Certo dia, o Volodia contou-me casos da sua prática.

— Na vida encontrei duas pessoas de quem, à distância, saía corrente elétrica. Não posso dizer que sejam pessoas felizes. Elas próprias adoecem, e aos que as rodeiam também não é fácil. Imaginem, aproximo a mão a meio metro da pessoa e de repente recebo um choque elétrico bastante forte. Sensação desagradável. Primeiro pensei: não terá roupa sintética? Verifiquei tudo cuidadosamente, não tinha, era cetim ou lã comum. E mesmo assim dava choques. Curei um deles. Imaginem, consegui tirar-lhe as cargas elétricas. Ao outro decidi não tocar, queria mostrá-lo ao senhor. Tenho a certeza de que lhe vai interessar.

— E como o curou?

— Do modo habitual, passei as mãos ao longo do corpo. Sentia que os choques diminuíam. Algumas sessões — e tudo passou. Depois de eu lhe ter retirado a carga elétrica, ele começou a sentir-se muito melhor. E a mulher dele notou que passou a dormir bem.

E eis que, perante mim, está um dos pacientes do Volodia. Um jovem simpático de cerca de trinta anos. Conversamos no meu apartamento. Fala devagar, pensando bem nas respostas para não deturpar a verdade.

— Isto começou há relativamente muito tempo, depois de eu ter sofrido um acidente de viação.

— Exato — intervém o Volodia. — E o outro, de quem lhe falei, também teve um acidente. Teve fratura dos ossos da bacia.

— E eu também tive lesões nos ossos da bacia. E não só. Vê esta cicatriz na barriga? A traumatismo foi grave — todos os intestinos para fora. Quase um ano em tratamento. Quatro meses só de gesso, dormia numa tábua plana. E parecia que tinha curado completamente. Mas não! De manhã acordo saudável, mas já a meio do dia sinto um cansaço terrível. À noite estou absolutamente incapaz de trabalhar.

— E como se sente a tua mulher? Não se queixa do coração? — volta a intervenir o Volodia.

— Queixar-se, que nada. O médico garante que ela tem o coração doente. Recentemente fizeram eletrocardiograma, até propuseram internamento. E queixa-se de cansaço rápido. Diz que, desde que tiveste o acidente, parece que me substituíram.

— E o que é interessante — o primeiro, aquele de quem saía corrente, a mulher também se sentia mal. Tive de tratar os dois. Agora estão contentes, sem queixas.

— O Volodia diz que de si pode-se receber um forte choque elétrico. É verdade?

— Nunca notei. E os que me rodeiam também não. Mas há uns dias procurei o Volodia, pedi-lhe para me ver. Antes disso, uma médica examinou-me, diz que tenho os pulmões doentes, que até pode desenvolver-se asma brônquica.

Sim, a deontologia dos nossos médicos nem sempre é exemplar. Não há asma, mas a pessoa já está assustada, procura apoio num psíquico.

O Volodia parece adivinhar os meus pensamentos.

— Que asma que nada! Tolice, não acredites. Simplesmente os teus pulmões foram contusos no acidente. Ainda há um pequeno processo nos brônquios. Algumas sessões — e tudo passa.

— Acredito, Volodia. Então, ele aproximou-se de mim. Eu estava de lado esquerdo para ele, e ele estendeu a mão para o meu ombro. Só faltavam trinta ou quarenta centímetros para tocar, quando ele gritou e retirou a mão. E nesse momento senti um choque elétrico. E, embora estivesse claro, notei que entre o meu ombro e a mão dele brilhou uma faísca.

— Não sei como foi para o Zhenia, mas a mim deu-me um valente choque. Para que negá-lo, o meu trabalho é tal que muitas vezes fico sob tensão. A sensação foi como se tivesse levado com 220 volts.

— E em que estavam vestidos?

— Exatamente como hoje. Camisa normal, nada de sintético.

— E eu tinha o mesmo que hoje. É verdade, um camisola de lã, mas deu-me um choque a essa distância, tão forte que escureceu tudo à frente dos olhos!

— Bem, vamos verificar. Eu experimento primeiro.

Comecei a passar lentamente as mãos ao longo do corpo do doente, mas não senti absolutamente nada. Aproximei e afastei a mão do paciente, mas além de calor ou de um leve frio não experimentei outras sensações.

— Não, não me sai. Experimenta tu, Volodia.

O Volodia está claramente nervoso. Trouxe, pois, uma pessoa para demonstrar algo de invulgar, e nada acontece. Que embaraço, só isso.

O Volodia aqueceu as mãos e aproximou-se do paciente. Não, a demonstração não resultou.

— Compreende — desculpava-se o Volodia —, quando trabalhei com o paciente anterior, não consegui remover a carga elétrica numa só sessão. Mas, se da primeira vez a faísca saltou a meio metro de distância, da segunda o choque foi mais fraco, e a

distância menor. Os choques não se repetiram. E o interessante é que, depois de eu «remover» o excesso de eletricidade dele, ele sentiu-se imediatamente melhor. «É como se tivesse tirado uma camisa apertada». Será que o descarreguei à primeira?

Não consegui ver como se descarrega uma pessoa — raia elétrica. Estou até convencido de que esta propriedade está, em certa medida, ligada às particularidades do psíquico Volodia. Ao mesmo tempo, estes casos interessam-me porque ambos os pacientes, após a remoção do excesso de cargas elétricas, se sentiram significativamente melhor. Não sei é se por muito tempo.

Lamento, mas não posso explicar por que razão em certas pessoas se acumula energia elétrica. Também não sei se este fenómeno está relacionado com a capacidade dos objetos «aderirem» às palmas das mãos e a outras partes do corpo. O paciente do Volodia — o Zhenya — garantia que não possuía tal propriedade. Mas isso ainda não quer dizer nada, pois as pessoas descobrem frequentemente as suas capacidades invulgares de forma completamente casual. Talvez, depois de o Volodia «descarregar» o seu paciente, o fenómeno tenha desaparecido. Não vale a pena especular. Se voltar a encontrar casos semelhantes, verificarei obrigatoriamente.

Quantos fenómenos invulgares encontrei desde que me dediquei ao estudo de fenómenos misteriosos! Certa vez, entrou no meu gabinete um jovem piloto esguio, o tenente Vladimir S. Contou que servia perto de Chita e que em breve partia para Novosibirsk. Queria conhecer-me, pois ouvira dizer que eu me ocupava do estudo de fenómenos misteriosos.

— Há alguns anos, descobri completamente por acaso que posso escrever texto sem tocar com a pena no papel. Aconteceu assim. O meu chefe pediu-me para assinar um documento por baixo da cópia de carbono. Fiz isso. Passado algum tempo, chamou-me novamente e disse:

— Pedi-te para assinares uma vez, e tu, por algum motivo, puseste duas assinaturas no segundo exemplar — uma onde devia estar, e outra um pouco mais abaixo.

Olho para o documento e não percebo nada. No primeiro exemplar há uma assinatura, e no segundo, assinado por baixo da cópia, há duas. E ambas bastante nítidas. Teve de se refazer o documento. E novamente a mesma história. Então, fizemos um simples teste. Peguei em dois folhas de papel, pus entre elas uma cópia azul e passei o lápis pelo folha limpa, mal tocando no papel. E o que acham? Na primeira folha limpa não havia registo nenhum, mas na segunda — a minha assinatura. E via-se bastante nitidamente.

Repetimos o teste várias vezes com o Vladimir. Vejo que a caneta não toca ou toca levemente na folha e, claro, não deixa marca, mas por baixo da cópia vê-se claramente o texto nítido. Pode ler-se facilmente.

Mas reparo que a mão do Volodia está firmemente pousada na folha de papel, e proponho-lhe alterar as condições do experimento.

— E se mantiveres a mão no ar, aparecerá a imagem no papel ou não?

— Experimentei, não aparece. É nisso que está o busílis. O lápis, a caneta ou simplesmente um pauzinho são só para as aparências. Posso não segurar nada na mão, e mesmo assim a imagem aparece na folha por baixo da cópia, desde que a minha mão toque no papel. O assunto não está na caneta nem no lápis, mas nas minhas mãos. São elas que geram a energia com a qual aparece a imagem. Mas sem lápis, será menos nítida.

Em breve, o Vladimir partiu para Novosibirsk. Apesar das promessas, não recebi cartas dele. Mas certo dia veio ter comigo a irmã dele e contou que o Vladimir fora examinado detalhadamente na associação local de bioenergética. Lá concluíram que ele se preparava para contactos com civilizações extraterrestres e que as

suas principais capacidades se manifestariam em 1993. Bem, os novossibirskianos é que sabem.

Certa noite, uma mulher telefonou-me a casa e pediu autorização para ir à cátedra conversar.

— É psíquico? — perguntei eu. Não foi por acaso. Nos últimos tempos, os psíquicos chateavam-me. Mal uma pessoa nota que conseguiu aliviar uma dor de cabeça, logo lhe ocorre o pensamento «Não sou como os outros, possuo propriedades especiais que me distinguem das pessoas comuns». E o recém-aparecido «psíquico» não percebe que todos os seres humanos possuem tais propriedades sem exceção.

— Não, não sou psíquico. Mesmo assim, acho que represento interesse para si como investigador.

E eis perante mim uma mulher bastante interessante de cerca de trinta e cinco anos, Liudmila P.

— Não posso dizer que me distinga em algo dos outros. Mas se penso em algo, isso realiza-se em breve. Tanto o mau como o bom. Previ a morte e as doenças de muitas pessoas que conheço. Até comecei a temer os pensamentos maus. Mas o principal está noutra coisa. Por uma fotografia, olhando para ela, posso contar muito sobre a pessoa. Não só sobre a estatura, a figura, mas também o caráter, as doenças, quantos filhos tem, os hobbies e a profissão.

No dia seguinte, encontrámo-nos novamente com a Liudmila. Mostrei-lhe uma fotografia atrás de outra. A Liudmila nunca vira essas pessoas antes, nem podia ter visto. E ela dava com muita frequência (não, nem sempre) uma caracterização absolutamente correta da pessoa. Reparei que a Liudmila era mais precisa quando não pensava e «de rajada», à primeira vista, começava a contar sobre a pessoa da foto. As suas primeiras impressões eram as mais fiéis. Mas bastava ela pensar um pouco, e começava a errar.

Então, que propriedade é esta? Será que a Liudmila «lê» subconscientemente a informação bioenergética fixada na foto? Provavelmente é isso mesmo.

Quantas discussões estéreis houve à volta do nome de Roza Kuleshova, que conseguia ler... com as mãos.

Imaginem um gabinete onde se reuniram dezenas de jornalistas. Nela entra uma mulher com os olhos vendados. Aproxima-se da mesa, em cima da qual está uma fita fresca com a impressão de um texto desconhecido para todos. A Roza Kuleshova vira as costas à mesa, afasta a mão para trás, passa a palma da mão sobre as letras frescas e... pronuncia sem erro o texto.

Recordando este caso, Ed. Polianovski escreve: «Sentia-se mal. Uma sensação estranha, opressiva. Como se perante ti estivesse um ser de outro mundo, não da Terra, um chegado de outra civilização. Como se de repente falasse com voz humana melancólica a árvore debaixo da janela ou um cão meio selvagem» (Izvestiia, 13 de janeiro de 1992).

Quantas coisas ainda por desvendar no mundo! É difícil imaginar do que são capazes certas pessoas. Eis que na televisão vemos uma pessoa a mergulhar em água a ferver. Eis a Marinha Skuratova, de quinze anos, a caminhar sorridente sobre brasas incandescentes.

— Grande coisa — qualquer iogue consegue fazer isso.

Não se apressem com conclusões. «Com uma mão, a Marina pegou num archote ardente, e a outra... mergulhou na chama. A chama lambeu demoradamente a palma, o pulso, o cotovelo... A rapariga só sorria.

— A chama é fria — dizia ela —, sim, como gelo...

Na mão da Skuratova não ficou nem vestígio de queimadura — nem uma única mancha vermelha... Em contrapartida, os pelinhos queimaram todos» (Rabóchaia Tribuna, 15 de setembro de 1990).

Certa vez, a poetisa Elena Stefanovich recebeu a seguinte carta. Transcrevo-a abreviada.

«...Desde os cinco anos, comecei a notar que com o meu neto Serioja aconteciam coisas estranhas. Certa vez, entro na cozinha, e no fogão está uma grande panela com água a ferver, a borbulhar forte. Olho, o Serioja pôs um banquinho junto ao fogão e meteu as duas mãos nessa água a ferver. Quase desmaiei! Saltei, tirei-o do banquinho, agarrei-lhe nas mãos, e elas estavam frias! Frias e branquinhas, como se não as tivesse metido na água a ferver. E sem queimaduras... Mas castiguei-o, pus-o no canto. E ele disse-me então, lembro-me:

— Mas o que é que eu fiz de mal, avó? — Eu disse:

— Podias ter fervido, ficado sem mãos. — E o Serioja a mim:

— Não, avó, comigo nunca me acontecerá nada de mal!

...E ainda o Serioja pode aproximar-se do cão mais feroz, e em literalmente um minuto o animal adormece, tão profundamente que só ao fim de uma hora se consegue acordar esse cão com dificuldade».

Certa vez, a pedido da professora, que não acreditava nas capacidades do Serioja, ele adormeceu-a mesmo na aula. O Serioja tocou-lhe na cabeça — e ela adormeceu. Dormiu mais de uma hora, todos os professores acorreram, até foram buscar o médico da escola, acordaram-na com dificuldade. Houve um grande escândalo...

Mas será tudo invenção da avó do Serioja, a Klaidija Vasilievna, de sessenta anos?

A E. Stefanovich visitou a casa do Serioja, e eis o que conta:

— O Serioja levantou-se, tirou do armário uma chaleira elétrica nova, deitou lá água do balde, ligou o fio à tomada. Quinze minutos depois, a chaleira ferveu. O Serioja tirou a tampa e mergulhou a palma da mão até ao pulso na água a borbulhar. Fechei os olhos de

horror, e quando os abri, o Serioja, como se nada fosse, sorrindo, mergulhou também a segunda palma. Depois tirou-as da água a ferver, rodou-as perante os meus olhos — realmente, na pele não havia nem vermelhidão — e começou a beber a água a ferver da chaleira, pelo bico. Não aguentei, saltei para a tomada e arranquei o fio.

— Mostra a boca — exigi ao rapaz. Ele abriu a boca, e não vi nada além de um céu da boca rosado e saudável, uma língua limpa e dentes alvos como a neve.

— Como é que tu próprio avalias as tuas capacidades? — perguntou Elena ao Serioja.

E ele respondeu:

— Acho que Deus me deu estas capacidades para que eu aprenda a fazer o bem às pessoas. Quero ser médico e quero aprender a salvar pessoas de doenças incuráveis. Tenho de ir ter com as pessoas e fazer muitas coisas boas e importantes.

É assim este Serioja de onze anos que vive nos subúrbios de Chita. Eu queria muito conhecê-lo, examiná-lo no laboratório, e a Elena prometeu organizar esse encontro. Ainda não se concretizou. Mas espero muito que a nossa reunião se realize. E então...

E realmente, o que então? Desvendar ei este fenómeno misterioso e inexplicável do ponto de vista da ciência moderna? Claro que não. Mesmo assim, acho que há apenas uma explicação para este fenómeno extraordinário.

Nem a Marinha Skuratova, de quinze anos, nem o Serioja, de onze, tiveram contacto direto com o fogo ou a água a ferver. Sim, não tiveram, e estou absolutamente convencido disso. Sem o saberem, eles conseguem concentrar bioenergia à volta de certas partes do corpo e assim impedem a ação do fogo ou da água a ferver diretamente nas células do tecido vivo. Não duvido que, se mergulhássemos a Marina ou o Serioja em hipnose sem sugestões, a

água a ferver e o fogo atuariam neles como em todos nós, as pessoas mais comuns.

Eis o que contou a candidata a doutoramento em ciências físico-matemáticas Svetlana Solovkina aos leitores do jornal Poisk de 3 de maio de 1991 sobre a sua filha: «A Zhenya não gosta de ir à escola, como qualquer outra criança normal. Importunava-me constantemente para eu escrever uma nota à professora, ora que a avó estava doente, ora que nos mudávamos para um apartamento novo, para não ir às aulas. Eu recusava-lhe regularmente. E então a Zhenya começou a adoecer. Adoecia por muito tempo e sem sintomas. Nem tosse, nem rinite — só febre altíssima, quase quarenta. Mas o estranho é que, com essa temperatura, a filha lia animada, via televisão, levantava-se da cama e parecia perfeitamente saudável. E no termómetro, 39 e tal. E a testa — fria... E revelou-se... Ainda hoje não consigo acreditar.

A filha pode alterar a temperatura do corpo à vontade. Aperta o termómetro na mão — mostrou-me esse truque várias vezes — e o mercúrio sobe. O intervalo... aproximadamente de 35 a 42 graus. E isso ainda não é tudo. Faz o mesmo com a tensão arterial, com a diferença mínima entre a sistólica e a diastólica de apenas 20 unidades. Segundo o cardiologista, com essa tensão a filha devia estar deitada, e ela só ri e diz que se sente ótima. E o pulso a Zhenya também consegue abrandar e acelerar à vontade — de 30 a 120 batimentos por minuto. Mas como o faz, a filha não consegue explicar. Só sorri estupidamente e diz:

— Quero — e acontece...

Os exames mostraram que ela é uma escolar completamente normal... Anteontem, a filha deixou-nos estupefactos ao anunciar que tentou queimar com o olhar um jornal amassado. Ainda não lhe saiu, mas garante que o bolo de jornal se mexeu duas vezes sem ajuda externa...»

Vêem, mais um fenómeno misterioso. Mas estou convencido de que a rapariga deve ser examinada não por médicos, mas no Centro de Investigação Científica de Medicina Tradicional Popular em Moscovo. Esta rapariga lembra-me demasiado a Dzhuna Davitashvili quando era criança. E quem sabe, talvez dentro de alguns anos, entre os sensitivos notáveis, surja mais uma estrela brilhante — a Zhenya Solovkina.

Em 1987, o jornal Izvestiia, em várias publicações («Incêndio por... vontade própria», «O milagre de Yenakieve» e outras), noticiou um aluno do sétimo ano, o Sascha K., na presença do qual pegam fogo as coisas mais diversas.

E em 1991, no n.º 3 do jornal Anomalia, foi publicada a seguinte notícia.

«A 15 de abril, a redação recebeu um telefonema alarmante. O neto de sete anos da N. Shapovaly causara 36 incêndios em 4 dias. Não, não brincava com fósforos — com o olhar. Queimou em casa todas as cortinas, o papel, os trapos que havia. Olha para o que quer, e pega fogo. No quintal, queimou feno, palha e outras coisas inflamáveis. Que tal, só num dia mais ativo, o fogo no agregado dos Shapovaly deflagrou 17 vezes (!). Antes que pegassem fogo à lenha e à casa, o avô mandou urgentemente a criança para os pais».

Não respondo pela veracidade do caso descrito, mas acho que não é invenção. Não sei se esta propriedade se manifestou na casa dos pais. Provavelmente não, pois é difícil imaginar que a mãe e o pai da criança decidissem oferecer tal prenda ao avô.

No final de 1991, o diretor-geral do Centro Internacional de Investigação Científica de Medicina Popular Não Tradicional, o professor Iakov Grigorievich Galperin, após um questionário preliminar, convidou o primeiro grupo de crianças com capacidades únicas. Não, não eram violinistas, dançarinos ou cantores. Interessavam ao I. G. Galperin as crianças capazes de parar hemorragias, curar feridas, aliviar dores de cabeça, baixar a tensão

arterial. E por que não ocupar-se também de crianças aos corpos das quais aderem objetos diversos?

Preliminarmente, as crianças foram examinadas por psiquiatras, neurologistas, pediatras, e depois ocuparam-se delas representantes da medicina não tradicional. E começou o milagre. Os adultos selavam desenhos em sobas, e as crianças identificavam às cegas a forma e a cor. Debaixo de um copo bem fechado, tentavam balançar uma bolinha com um fluxo energético. Punham perante as crianças fotografias, e elas diziam quem estava vivo e quem morto.

As crianças com capacidades únicas devem ser património do Estado. É preciso vigiá-las, estudá-las constantemente, não deixar perder este milagre. Mas não se podem explorar as capacidades dessas crianças. É preciso protegê-las cuidadosamente de pessoas más e gananciosas. Não se pode esquecer que a demonstração de um «milagre» exige muitas vezes um esforço colossal, que pode acabar tragicamente para a criança e até levar à morte. É por isso que volto a avisar: tenham cuidado. Se repararem que o vosso filho possui capacidades únicas, não se apressem a contar aos amigos e vizinhos. Levem obrigatoriamente tal criança a um especialista em medicina não tradicional, e ele dar-vos-á um conselho sobre como proceder dali em diante.

...Fenómenos misteriosos! Quantos deles na Terra ainda por estudar, por reconhecer, por desvendar?

Tal como no nosso planeta não há dois seres humanos com o mesmo grupo sanguíneo absolutamente idêntico (exceto gémeos monovitelinos), assim não há pessoas com possibilidades, capacidades e traços de caráter idênticos. Estou absolutamente convencido de que cada ser humano é um fenómeno misterioso. Outra coisa é que a maioria de nós não faz ideia de que segredos e possibilidades ocultas o nosso organismo encerra.

O desenvolvimento da ciência é possível apenas

à condição de atenção contínua

aos novos factos,

a regularidades não exploradas no estágio anterior do conhecimento.

V. V. Parin

Em Saratov, a nossa família vivia num pequeno apartamento de uma casa de madeira de dois andares. A casa estava rodeada por um pátio pequeno. Agora percebo que era pequeno, mas então, na infância longínqua, parecia-me enorme. Quantos prodígios aconteciam naquele pátio! Junto à vedação crescia um lilás, que era preciso proteger para que os rapazes do pátio vizinho não o partissem antes do tempo. No inverno, do telhado de um pequeno barracão, podíamos descer de esquis, como de um trampolim alto, e nós, os rapazes, competíamos para ver quem seria o recordista. E quantos lugares misteriosos havia no pátio para brincar às escondidas.

Mas o mais importante eram os amigos. Não havia amigos mais leais do que os rapazes do nosso pátio. Defendíamo-nos uns aos outros, íamos juntos ao cinema, à pista de gelo, ao Volga.

No andar de cima vivia o traquina Bronka. Dois anos mais novo do que eu, não só não me cedia em força, como até me superava. Que inventor! Todos os dias contava aventuras extraordinárias, nas quais o protagonista principal era inevitavelmente ele próprio. Não se podia acreditar, e ao mesmo tempo era impossível não acreditar.

E certo dia o Bronka veio ter comigo ofegante e, sem sequer cumprimentar, gritou logo da porta:

— Aprendi a adivinhar pensamentos! Não acreditas? Queres que te mostre?

Claro que quis.

O Bronka olhou atentamente para mim.

— Pensa em dois ou num milhão.

Pensei.

— Milhão! — berrou o Bronka e, de excitação, começou a saltar numa perna só. — Milhão, milhão!

«Ah — pensei eu —, ele percebeu logo que eu escolheria o milhão. Quem recusaria um milhão?» E em voz alta disse:

— Vamos lá, tenta outra vez.

— Três ou mil.

Se eu pensasse em três, ele adivinharia imediatamente. Com certeza pensava que agora eu escolheria o número pequeno.

Mal terminei de pensar nisso tudo, o Bronka voltou a gritar:

— Mil! Pensaste em mil! — a alegria dele não tinha limites. Os olhos brilhavam-lhe febrilmente de excitação. Todo ele parecia uma mola.

Quantos números eu pensasse, o Bronka adivinhava-os sem erro.

Durante toda a semana andei fora de mim e não conseguia desvendar o segredo do Bronka. Ele, porém, mantinha-se inflexível e exigia um resgate bastante avultado pela revelação do segredo — um projetor de diapositivos com o filme «1893».

Por fim, percebi que o Bronka propunha sempre um número pequeno e um grande. E então fui eu que fiz a pergunta:

— Ora diz lá, o que pensei: dois ou três.

Foi aí que o segredo do Bronka se revelou. Claro que ele errou. O mesmo aconteceu quando pensei: mil ou mil e um, cem mil ou cem mil e um.

O amigo, desconcertado, viu-se obrigado a revelar o segredo. Acontece que, quando se escolhe o número maior entre dois, as pupilas dilatam-se. É assim tão simples.

Da segunda vez, deparei com um truque semelhante já quando era assistente no instituto médico. O chefe da cátedra, Igor Dmitrievich Boenko, demonstrava aos estudantes, numa aula, uma experiência muito simples, mas misteriosa. Chamava um estudante, pegava-lhe nas mãos e pedia-lhe que pensasse intensamente em que direção dos quatro pontos cardeais desejava ir. E acertava sempre. Nos oito anos de trabalho no instituto, parece que nunca errou uma vez.

Mas a essa altura eu já era suficientemente esperto e sabia que o Igor Dmitrievich captava os atos ideomotores. Tentei repetir a experiência, e resultou-me. Mas, recordando a lição do Bronka e não confiando na minha capacidade de captar contrações musculares fracas, «adivinhava» novamente os pensamentos pela reação das pupilas: se os movimentos das mãos coincidiam com o pensamento do movimento, as pupilas dilatavam-se.

Mas convém explicar mais detalhadamente o que são os atos ideomotores.

Em 1863, na revista «Russkii Vestnik», apareceu um trabalho notável de I. M. Sechenov, que recebeu o nome de «Reflexos do cérebro». Logo nas primeiras páginas, Sechenov, com base em raciocínios muito simples, chegava à conclusão de que a atividade psíquica (da alma) tem caráter reflexo. Escrevia: «Ri-se a criança ao ver um brinquedo bonito, sorri Garibaldi quando o perseguem por amor excessivo à pátria, treme a rapariga ao pensar no primeiro amor, cria Newton as leis universais e escreve-as no papel — em todo o lado, em última análise, observa-se movimento muscular». Por conseguinte, qualquer ato psíquico é acompanhado por movimento muscular. Mas o movimento muscular é sempre um reflexo. Daí a conclusão de que o ato psíquico também é um reflexo.

A manifestação mais elevada da atividade psíquica é o pensamento. Ao mesmo tempo, o pensamento nem sempre é acompanhado por contração muscular visível. É por isso que Sechenov chamou ao pensamento «reflexo sem fim» ou «reflexo com fim truncado».

No entanto, já na época de Sechenov, tornou-se claro que o pensamento também é sempre acompanhado por ato motor. O ato motor, e portanto a contração muscular, manifesta-se mais fortemente quando a pessoa pensa num movimento.

Muitas vezes realizo numa aula uma experiência muito simples, mas eficaz. A um fio está presa um peso de 10 gramas. Peço para segurar o fio entre dois dedos, estender o braço, olhar atentamente para o peso e pensar que ela se move. E muito em breve pode notar-se como o peso começa a balançar de um lado para o outro. Mas eis que peço para imaginar que o peso se move em círculo, e ao fim de pouco tempo o peso começa a descrever círculos. E quanto mais dura a experiência, mais amplo é o círculo que o peso descreve.

Em que consiste o fenómeno? Acontece que o pensamento do movimento provoca uma contração muscular bastante forte, invisível a olho nu, mas facilmente captada com um dispositivo simples — um fio ao qual está preso um pequeno peso.

Mas pode-se dispensar até tal dispositivo de registo. Eu disse que, ao pensar, a pupila pode dilatar-se ou contrair-se, e isso também é contração ou relaxamento de um músculo, que recebeu o nome de ciliar.

E mais um experimento que mostro frequentemente na aula e que permite verificar a sugestionabilidade: peço a um estudante que se ponha de costas para mim, feche os olhos e estenda os braços para a frente. Em seguida, com voz imperativa, digo: «Está a cair para trás, está a cair para trás. Pense que está a cair para trás». E perante os olhos da audiência espantada, o estudante agita os

braços, tentando manter o equilíbrio, e acaba nos meus braços. Aliás, com o mesmo sucesso se pode fazer a pessoa cair para a frente. Não me lembro, ao longo de muitos anos, de esta experiência ter falhado completamente.

Mas mesmo quando a pessoa pensa em coisas alheias, também nesse caso se observa contração muscular. Ainda em meados do nosso século, foi realizado um experimento interessante. Ao sujeito foram introduzidos finos elétrodos de platina nos músculos da língua e dos lábios. Verificou-se que, quando o sujeito resolvia uma tarefa bastante primitiva, os seus músculos se contraíam, o que podia notar-se com um simples aparelho de registo.

Mas que tem isso a ver com Messing? — podem perguntar-me, ao ler o título deste capítulo. Tem, sim.

Estive duas vezes em sessões conduzidas por Messing e posso afirmar com segurança que o maestro captava os atos ideomotores.

O que fazia Messing nas «sessões telepáticas»? Pedia que escondessem algum objeto — um pente, uma caixa de fósforos ou de cigarros, uma carteira, um alfinete, um gancho, uma nota, um batom, uma pó-compacto — há tantas coisas que se pode levar para um concerto! Aproximava-se da pessoa que escondera o objeto, pegava-lhe na mão e obrigava-a a segui-lo. Perto da fila onde estava escondido o objeto, Messing parava, pensava um segundo e movia-se confiantemente na direção onde se encontrava o objeto procurado.

E eis que Messing para junto da pessoa que tem o objeto procurado. Segura a mão do sujeito na sua palma e move-a febrilmente para cima e para baixo, e depois para os lados. Claro que Messing capta a resistência da mão. É impercetível até para o «guia» do artista. Mas Messing estava tão treinado que sentia a mais pequena resistência, ou seja, o ato ideomotor. E depois não era difícil meter a mão no bolso, encontrar o alfinete escondido na meia ou até o gancho no cabelo de uma rapariga.

Não importa se Messing realizava a experiência de olhos abertos ou fechados. No segundo caso, captar os atos ideomotores era até mais fácil do que no primeiro.

Mas eis que Messing altera a experiência. Não pega na mão do sujeito. Mais ainda, vendam-lhe os olhos com um lenço grosso, e agora não vê o sujeito. Simplesmente segue-o e volta a encontrar o objeto necessário.

Geralmente, os resultados desta experiência eram explicados por muitos cientistas da seguinte forma: Messing captava a alteração da frequência respiratória do sujeito, que obrigatoriamente ocorre assim que o «guia» se aproxima do local onde está o objeto escondido.

Mas custa-me a acreditar nessa explicação. Não consigo imaginar que um velhote meio surdo (vi Messing quando tinha mais de setenta anos) captasse tão precisa e subtilmente a frequência respiratória ligeiramente alterada. É bem possível que fosse um truque, embora o próprio Messing garantisse que captava os pensamentos do sujeito.

Era preciso ver Messing no momento da experiência. Um homem doente, que mal arrastava as pernas na vida quotidiana, transformava-se literalmente perante os olhos. Corria entre as filas, esquecia as articulações doentes, estava completamente absorvido na experiência. A respiração tornava-se frequente, e não duvido de que durante a sessão o número de batimentos cardíacos aumentava bruscamente e a pressão arterial subia. Mas assim que a experiência terminava, transformava-se imediatamente num homem doente, idoso e cansado da vida.

Então, o que era afinal — truque ou telepatia? Observei muito atentamente as experiências de Messing. Eis que lhe foi precisa uma caneta — precisava de escrever algo no papel. Pediu-a aos espetadores. O meu amigo, o jovem oficial Stanislav Gladkov,

sentado na primeira fila, estendeu-lhe uma caneta de tinta permanente. Messing tenta tirar a tampa, mas não consegue.

— Diga, só com honestidade, pensou mentalmente em sugerir-me que a tampa está roscada — dirige-se ele a Stanislav.

— Sim, senhor — responde Stanislav, à militar.

No intervalo, encontro Gladkov.

— Ouve, Stas, talvez nesse momento tenhas feito um movimento da mão, mostrando que a tampa se deve desenroscar?

— Que disparate, mal tive tempo de pensar nisso, e ele já se dirigiu a mim. Percebeu antes de mim o que eu pensava.

Mas não me atrevo a garantir categoricamente que Messing adivinhou os pensamentos de Stanislav. Mas eis outro exemplo, mais convincente.

Messing, numa das suas sessões, adivinha o nome, o ano, o número e o mês de nascimento. Aqui os atos ideomotores já não têm nada a ver.

Muitas vezes ouvi dos meus colegas que as experiências de Messing não têm qualquer relação com a telepatia. Todos convergiam num ponto: Messing possuía sensibilidade aumentada, alcançada pelo treino e por uma enorme capacidade de trabalho. Chegou à perfeição na captação de atos ideomotores, das mais pequenas alterações no comportamento humano, sente como mudam o pulso, a respiração, a atividade das glândulas sudoríparas.

A mesma opinião tinha o notável fisiologista, homem com quem mantive amizade durante muitos anos — Grigori Ivanovich Kositski. Certa vez, conversámos sobre as sessões de Messing.

— Tive oportunidade de participar nos trabalhos de uma comissão que estudava a atividade de Messing. E convenci-me de que não era mais do que um truque. Vigiei cuidadosamente o meu comportamento, tentei não fazer movimentos desnecessários,

estava absolutamente calmo. E imagina, Messing não conseguiu adivinhar nenhum dos meus simples intentos.

— Mas Grigori Ivanovich — objetei eu —, se vigiava tão cuidadosamente o seu comportamento, certamente distraía-se da tarefa principal — não pensava naquilo que devia sugerir a Messing.

Sobre isso escreveu também o próprio Messing. A pessoa não pode pensar ao mesmo tempo em várias coisas — onde escondeu tal ou tal objeto, como ele é — e vigiar para que o comportamento não mude, tentar travar as emoções. Uma comissão hostil, cujos membros desejam não tanto a objetividade como provas de que tudo isso é disparate e não vale nada, cria inevitavelmente condições em que tais experiências subtis se tornam impossíveis de realizar.

Sem dúvida, Grigori Ivanovich era uma pessoa muito bondosa, com sentido apurado do novo. Lembro-me de que, naqueles anos em que o antigo presidente da AMN da URSS, académico N. N. Blokhin, anatematizava não só os psíquicos, mas todos os que ousavam apoiar «curandeiros» e «charlatães», Grigori Ivanovich, membro-correspondente da AMN, deu parecer positivo a uma das invenções de Dzhuna Davitashvili — um método de tratamento da hepatite crónica.

E mesmo assim, acho que no caso da telepatia G. I. Kositski se enganava claramente, embora se enganasse sinceramente, como, infelizmente, acontece muitas vezes com pessoas realmente dedicadas à ciência.

E será só Grigori Ivanovich? Eis que já o ídolo do público, Anatoli Mikhailovich Kashpirovski, declara em voz alta para todo o mundo, no ecrã da televisão, que, embora Wolf Messing tenha feito uma grande obra, aquilo que ele diz sobre si próprio não é mais do que invenção. E o diretor do Instituto de Atividade Nervosa Superior e Neurofisiologia da AN, académico P. V. Simonov, numa entrevista publicada no jornal «Izvestiia» de 29 de agosto de 1989, à pergunta do correspondente: «Messing também era um hipnotizador

clássico?» responde: «Não, não, Messing sabia onde, em que fila, estava sentada a pessoa pensada pelo público e onde exatamente escondia algum objeto não porque lesse pensamentos. Usava outro mecanismo. Messing segurava a mão de uma pessoa do público e levava esse indutor a um estado nervoso. Quando se aproximava da fila certa, os músculos da mão do «indutor» contraíam-se involuntariamente (embora impercetivelmente para os que o rodeavam)... Quando Messing não segurava o indutor pela mão, mas simplesmente o seguia a pequena distância, também captava os seus sinais involuntários — alterações na inclinação do tronco, pequenos movimentos da cabeça, ritmo dos passos... Observei-o atentamente e sei do que falo».

E agora, imaginemos por um minuto como se pode, em alguém que caminha, mesmo com a observação mais cuidadosa, detetar as mais pequenas inclinações do tronco, da cabeça e alterações no ritmo dos passos. Garanto-vos, como fisiologista, que isso é praticamente impossível. Além disso, Messing demonstrava tais experiências de olhos vendados. Em 1966, quando das altas tribunas os dirigentes do partido e do governo ensinavam os escritores como e sobre o que deviam escrever, os pintores como deviam pintar, e os cientistas sobre que problemas deviam trabalhar, a revista «Nauka i Religiia» publicou inesperadamente, em cinco números consecutivos, a novela de Wolf Messing «Sobre mim próprio».

Se fosse possível, citaria o livro de Wolf Messing na íntegra, de tão interessante que é. Mas sou obrigado a deter-me em excertos.

«Eis a estação. Entrei num vagão meio vazio do primeiro comboio que apareceu. Depois soube que ia para Berlim. Enfiei-me debaixo de um banco — bilhete, claro, não tinha — e adormeci o sono dos justos. Nessa noite tinha eu onze anos.

Mas a coisa não ficou por aí. Aconteceu o que tinha de acontecer: entrou no vagão o revisor. Acordava os passageiros adormecidos e verificava os bilhetes.

— Jovem — ainda hoje me ressoa nos ouvidos a voz dele —, o teu bilhete...

Os meus nervos estavam tensos ao limite. Estendi a mão e agarrei um papelucho que estava no chão, parece que um pedaço de jornal. Os nossos olhares cruzaram-se. Com toda a força dos meus sentimentos, desejei que ele tomasse aquele papel sujo por um bilhete.

O revisor pegou nele, rodou-o de forma estranha nas mãos. Eu encolhi-me, consumido por um desejo ardente. Ele meteu o pedaço de jornal nas mandíbulas de ferro do compostor e clicou. Devolvendo-me o «bilhete», disse com voz mais amável:

— Para que é que viajas com bilhete — e debaixo do banco? Sai daí! Daqui a duas horas chegamos a Berlim...

Assim se manifestou pela primeira vez, inesperadamente, a minha capacidade de sugestão».

Estritamente falando, não tenho a certeza absoluta de que, neste caso, o jovem Wolf Messing sugeriu ao revisor experiente que o pedaço de jornal sujo era um bilhete de comboio. Inclino-me mais para pensar que o revisor simplesmente teve pena do rapazinho esfomeado e esfarrapado. Mas vejamos o que Messing escreve mais adiante.

«Quando, a 1 de setembro de 1939, o exército blindado alemão atravessou as fronteiras da Polónia, eu sabia: não podia ficar no território ocupado pelos alemães. A minha cabeça estava avaliada em 200 000 marcos. Afinal, ainda em 1937... perante milhares de pessoas, previra a morte de Hitler, se ele virasse para leste. O führer fascista era muito sensível a previsões desse tipo e, em geral, a todo o tipo de misticismo.

Nos dias da ocupação da Polónia... vivia na minha terra natal, em casa do pai. Daí consegui fugir para Varsóvia. Durante algum tempo escondi-me em casa de um talhante.

Uma noite, ao sair à rua, fui agarrado. O oficial que me parou olhou longamente para o meu rosto, depois tirou do bolso um pedaço de papel com o meu retrato. Reconheci o cartaz que os hitlerianos colaram por Varsóvia com a recompensa pela minha captura.

— Quem és tu? — perguntou o oficial e puxou-me dolorosamente pelos cabelos longos até aos ombros.

— Sou pintor...

— Mentes. Tu és Wolf Messing! Foste tu que previste a morte do nosso führer...

Recuou um passo, continuando a segurar-me com a mão esquerda pelos cabelos. Depois deu-me um soco na mandíbula. Foi um golpe de grande mestre em assuntos de bastidores. Cuspi, com sangue, seis dentes...

Sentado na cela do posto policial, compreendi: ou saio agora, ou morro. Tensionei todas as minhas forças e obriguei a reunirem-se na cela todos os polícias que nesse momento estavam no edifício do posto. Todos, incluindo o chefe e o soldado que devia estar de guarda à entrada. Quando, obedecendo à minha vontade, se reuniram na cela, eu jazia completamente imóvel, como morto. Depois levantei-me rapidamente e saí para o corredor. Num instante, antes que se recompusessem, corri o ferrolho da porta revestida a ferro. Agora era preciso apressar-me...»

Apetece-me deter-me mais detalhadamente neste caso. Antes de mais, será que o acontecimento descrito não é uma fantasia de Messing? Acho que não. Afinal, à data da publicação do livro, podiam conservar-se, e certamente conservaram-se, testemunhas daqueles dias da vida do notável artista. E se Messing fantasiasse, seria fácil desmascará-lo. Mas não houve desmascarações na imprensa.

Por outro lado, espanta que Messing, possuindo capacidades únicas, não tenha conseguido sugerir apenas a um oficial, o que o

deteve, que no retrato era outra pessoa? Teve medo? Perdeu-se? Claro que podia acontecer. Mas conseguiu «convencer» o revisor de que tinha nas mãos um bilhete e não um pedaço de jornal, conseguiu obrigar todos os polícias do posto a reunirem-se na sua cela. Quando se comparam estes factos, inevitavelmente surge uma dúvida. Mas eis outro excerto do livro:

«Com Estaline encontrei-me também mais tarde. Provavelmente por incumbência dele, as minhas capacidades foram verificadas de forma exaustiva. Lembro-me de um caso assim.»

Me foi incumbido obter cem mil rublos num banco estatal com um formulário em branco.

Aproximei-me do caixa, enfiei-lhe um folha arrancada de um caderno escolar.

Abri a pasta, pu-la no balcão junto à janela.

O caixa idoso olhou para o papel. Abriu a gaveta. Contou cem mil... Fechei a pasta, afastei-me. Os presentes na sala, testemunhas, assinaram o ato sobre a experiência realizada. Depois, com a mesma pasta, regressei ao caixa.

Ele olhou para mim, desviou o olhar para a folha em branco do caderno, pregada por ele num prego com os cheques pagos, para a pasta, da qual eu comecei a tirar o dinheiro não aberto... e recostou-se na cadeira... Infarto!

Felizmente, recuperou.

Este caso de sugestão telepática parece-me bastante convincente. Além disso, não só houve testemunhas, como elas assinaram o ato. Isso já é um documento que confirma as capacidades extraordinárias de Messing.

E, finalmente, mais um caso:

«...No país soviético... tive oportunidade de conversar com uma pessoa muito alta colocada. Após a conversa, essa pessoa, aparentemente a brincar, disse:

— Bem, camarada Messing, será capaz de sair daqui, se eu não assinar o seu passe?

O espírito de traquinice despertou na minha alma:

— Sem esse papel? Fique com ele como recordação!...

— E não o perturbará o meu aviso adicional à guarda?

— Quantos quiserem!

Marcou o telefone do comandante, deu a ordem: «Não deixar sair Messing sem o passe marcado». Ao secretário foi incumbido seguir-me a dez passos, mas não interferir nas minhas ações.

Quando, minutos depois, saí para a rua e olhei para a janela do gabinete no terceiro andar, onde acabara de ocorrer essa conversa, vi nela a figura do meu recente interlocutor. O espírito de traquinice ainda não adormecera, e acenei-lhe com a mão...»

E nesta experiência participaram muitas pessoas. Não se acredita que tal caso pudesse ser fruto da imaginação de Messing.

Mas o mais interessante parece-me o excerto do artigo do jornalista V. Safonov:

«...Isso aconteceu... na casa de um profissional de saúde, onde Messing mostrava as suas capacidades aos médicos reunidos lá... Eu fazia parte do júri, e isso permitiu-me estar a par de todos os acontecimentos que ocorriam no palco e no público. A penúltima experiência de Messing foi a ditado mental da tarefa sem contacto pela mão com o indutor. Para maior convicção da experiência, Messing foi retirado da sala sob escolta de dois representantes do júri. Na sua ausência, era preciso esconder confiavelmente algum objeto, e Messing devia encontrá-lo. Após discussões e várias «re-enteranças», o objeto (uma caneta) foi escondido na guarnição de

um painel de parede. Trazem Messing. Na sala silenciosa, Messing rapidamente encontra a rapariga que escondera a caneta. Leva-a ao palco, coloca-a perante si, olha fixamente para ela, pede:

— Pense! Dê a imagem mental...

«E se tentar despistar Messing», ocorre-me uma ideia traquina. E imediatamente começo a sugerir-lhe o seguinte: «Não ouça a rapariga, a caneta não está onde ela pensa, mas no capitel da coluna, à esquerda da parede».

Ao mesmo tempo, lanço um olhar fugidio ao perfil de Messing (a distância não mais de três metros) e repito a sugestão: «A caneta está no capitel da coluna».

...De repente, acontece o que, francamente, eu não esperava: Messing olhou na minha direção e disse com irritação não disfarçada (cito exatamente, anotado imediatamente):

— Não são precisos muitos comandos... Lá em cima é muito alto... Precisa de uma escada grande...

Eu, claro, fiquei embaraçado e murmurei algo como um pedido de desculpas. Depois disso, Messing esqueceu a minha presença e concentrou novamente a atenção na rapariga. Vale a pena acrescentar que, um minuto depois, a caneta foi retirada de onde a tinham colocado por desejo do público».

Acho que o exemplo apresentado fala definitivamente das capacidades telepáticas de Messing. A isso deve acrescentar-se que V. Safonov — psíquico e telepata — escreveu mais tarde o notável livro «O Fio de Ariadne», publicado em vários países, incluindo o nosso.

Estando nas sessões de Messing, observei repetidamente como ele se dirigia às pessoas e pedia para não o despistarem. Ao mesmo tempo, tinha um ar extremamente ofendido de um homem muito velho e atormentado — Messing mudava rapidamente de expressão. Mas já um segundo depois voltava a entusiasmar-se com a busca da

resposta correta, e era irreconhecível — movia-se rapidamente pela sala, de tal modo que o indutor que o acompanhava mal conseguia segui-lo, o rosto de Messing rejuvenescía, e até à distância notava-se o brilho de olhos jovens.

Para convencer o leitor de que Wolf Messing realmente lia pensamentos, trago apenas um de milhares de tarefas por ele decifradas.

«1. Tirar do bolso lateral direito do meu fato o calendário de 1964.

2. Abrir o mês de novembro.

3. Riscar a data de hoje — 19 de novembro.

4. Tirar do bolso lateral esquerdo do meu fato um pacote preto com fotografias.

5. Encontrar entre as fotografias as imagens de um jovem com uma escova de engraxar nas mãos e de uma rapariga de vestido preto.

6. Dobrar as restantes fotografias no pacote e pôr o pacote no lugar anterior.

7. Pelas fotografias escolhidas, encontrar o jovem com a rapariga na sala, na quinta fila, e trazê-los ao palco.

8. Tirar do bolso lateral esquerdo as cartas de jogar e dispô-las da seguinte forma:

a) todos os ases numa pilha virados para baixo,

b) na fila superior as damas: de ouros, de copas, deixar espaço vazio para a dama de espadas, depois a dama de paus,

c) na fila inferior os reis: de ouros, o rei de copas, deixar espaço vazio para o rei de espadas, depois o rei de paus.

9. Tirar do bolso lateral esquerdo do casaco do jovem levado ao palco o rei de espadas, e à rapariga a dama de espadas da manga direita.

10. Pôr o rei de espadas na fila das damas no lugar vazio.

11. Pôr a dama de espadas na fila dos reis no lugar vazio.

12. Pegar na mão do jovem e executar o seu comando-desejo mental, que consiste no seguinte:

a) tirar do bolso interno direito do peito do meu (ou seja, da pessoa que escreveu a nota — B. K.) fato um envelope e entregá-lo aos membros do júri,

b) que V. Messing peça aos membros do júri para abrir o envelope e ler os pontos da tarefa.

G. M. S. cidade de Irkutsk, 19 de novembro de 1964.»

Garanto-vos que nenhuns atos ideomotores, nenhum aumento da respiração, virar da cabeça e do tronco, resfôlego e mais o quê ajudariam qualquer pessoa a decifrar o conteúdo de tal nota. Tudo isso só pode ser feito se a pessoa lê pensamentos. E Messing fazia isso perante os olhos de milhares de pessoas.

Messing não só é capaz de captar pensamentos, como sabe sugerir a uma pessoa os seus próprios pensamentos. Recordem os casos contados nas páginas deste livro: convencer o revisor de que tem nas mãos um bilhete de comboio e não um pedaço de jornal velho; obrigar todos os polícias a reunirem-se na cela do posto; provar ao caixa que tem perante si não uma folha em branco de um caderno, mas um cheque; finalmente, sair do gabinete para a rua, passando pela guarda, que fora avisada de que não devia deixar sair o artista.

Parece-me que a sugestão sem palavras — telepática — dos próprios pensamentos é muito mais complicada do que a leitura dos pensamentos de outra pessoa.

Já notei que, por regra, Messing pegava na mão do indutor, o que facilitava o trabalho. Sem dúvida, os atos ideomotores ajudavam Messing a resolver as tarefas mais simples, embora no seu livro garanta que não lhe eram de todo necessários. Acho que não é bem assim. Pelo menos, quando se tratava de tarefas complexas, que não podiam ser resolvidas com ajuda de atos ideomotores e outros auxiliares, Messing devia «ler» pensamentos. E a mão do indutor ajudava-o a destacar os pensamentos dessa pessoa do caos de pensamentos de outras pessoas.

Messing move-se facilmente pela sala de olhos vendados, sem se segurar à mão do indutor, porque «vê» a sala com os olhos do indutor. É evidente que, se é capaz de sugerir ao indutor os próprios pensamentos, deve dominar perfeitamente a hipnose. Esse lado da atividade de Messing é o menos conhecido. No entanto, no livro «Sobre mim próprio» podem encontrar-se muitos casos interessantes e instrutivos para os médicos do uso da hipnose com fins terapêuticos. Trago apenas um deles.

«Num conde polaco (a coisa aconteceu ainda na Polónia dos senhores) começou uma doença psíquica muito estranha. Parecia-lhe que na cabeça tinham feito ninho... pombos.

Recorreram a médicos, mas o conde recusava tratar-se. Achava que o queriam atrair para uma operação, durante a qual lhe cortariam a cabeça ao meio. Então, recorreram a mim.

Não comecei a convencer o doente, apelando ao seu bom senso. Pelo contrário, na primeira visita trouxe um tubo longo e brilhante num tripé, tipo telescópio portátil — com rodinhas e parafusos. Instalei-o e olhei através desse tubo para a cabeça do doente.

— Sim, conde — disse eu —, tem razão. Tem na cabeça um ninho de pombos. E enorme.

— Pois eu duvido? Dia e noite batem as asas... E uma vez até entrou lá um gato. Que alvoroço! Pensei que a cabeça me rebentava...

— Posso expulsar os seus inquilinos anormais, e de modo a que não voltem.

— Ficarei muito grato...

Olhei novamente pelo tubo, «contei os pombos», calculei como melhor expulsá-los, e regressei a casa.

No dia seguinte, o conde veio ter comigo cedo de manhã.

— Nasceram pombinhos — anunciou-me quase alegremente.

Voltei a usar o tubo, aliás, nem tinha lente ocular. Confirmou-se o nascimento dos pombinhos. No dia seguinte, marcou-se a limpeza da cabeça do conde. Tendo-me combinado previamente com os parentes do conde, levei para o jardim dele três dos meus ajudantes com pombos vivos nas mãos. Vendando os olhos do doente, levei-o para baixo. Ao meu sinal, um dos ajudantes soltou um pombo, e eu disparei com uma pistola perante o rosto do doente. Depois tirei do bolso um pombo previamente morto e meti-lho na mão.

— Um pronto — disse eu. — Se não o tivesse abatido no ar, poderia voltar. Agora — acabou-se...

Repetiu-se o mesmo mais duas vezes. Depois permiti ao doente tirar a venda do rosto e abrir os olhos. Ele próprio, na minha presença, enterrou as aves no seu parque.

A cabeça permaneceu limpa durante vários anos, até que um conhecido lhe revelou o que se passara, achando que o conde estava curado para sempre. Ao saber a verdade, ele gritou e agarrou-se à cabeça. Desde então, os pombos instalaram-se nela até

à própria morte. Acho que já não havia meios de o curar novamente».

Como se vê deste exemplo, com meios de sugestão, sem adormecer o doente, ou seja, sem usar técnicas de hipnose clássica, Messing conseguiu curar o doente de uma gravíssima doença psíquica — esquizofrenia, o que, aliás, é categoricamente negado pelos representantes da medicina tradicional.

Até agora, entre nós, prevalece a opinião de que com ajuda da hipnose e da sugestão só se podem tratar perturbações funcionais, ou seja, as que não estão ligadas a lesões orgânicas do sistema nervoso central. Como veem, as experiências de Messing, e agora também de Kashpirovski, rejeitam completamente essa visão obsoleta.

Nos leitores pode surgir a impressão de que Messing é um dos poucos que possuem um dom divino. Garanto-vos que na vida de cada pessoa houve casos de transmissão telepática e de receção de informação telepática. Simplesmente não prestamos atenção a isso, e avaliamos tais fenómenos como coincidência casual.

A capacidade de sugerir, tal como de se submeter à sugestão, também é própria de cada pessoa. Disso devem lembrar-se especialmente os médicos, que com o seu comportamento imprudente podem agravar o estado do doente, e às vezes até aproximar o desenlace fatal.

Eu queria muito encontrar-me com Messing, conversar com ele, convidá-lo para um encontro com estudantes. Telefonei-lhe várias vezes para o quarto do hotel «Zabaikalie», onde ele ficava quando estava em tournée em Chita.

Atendia uma mulher e, com voz afável, informava que o maestro estava muito cansado e não podia receber-me. Uma vez, conversámos bastante tempo com ela; lamentava que os cientistas não quisessem ocupar-se seriamente da «questão Messing», e que

os artigos que apareciam na imprensa popular interpretassem os resultados das suas capacidades fenomenais de posições falsas.

— Não imagina como às vezes é difícil com ele. Eu calo-me, e ele responde aos meus pensamentos. E sempre absolutamente certo. E os cientistas repetem que a telepatia não existe. Ao mesmo tempo, se mostrassem embora uma gota de bom senso e objetividade, poderiam abrir-se à humanidade tais segredos do cérebro, dos quais nem suspeitamos. Acho que disso ganharia não só a teoria, mas também a prática.

Concordo plenamente com a assistente de Messing. «Não acreditar é mais fácil e simples do que refletir e explicar». E explicar este fenómeno é realmente difícil. Mas se não o estudar, também não será preciso explicá-lo. Basta dizer que não existe, e pôr um ponto final.

Não condeno o grande Messing por não ter encontrado oportunidade de se encontrar comigo. Realmente, a vida dele era extremamente tensa. Todos os dias dava pelo menos duas sessões de «experiências psicológicas» e, claro, cansava-se muito. Vi como após a sessão se transformava imediatamente num velho. Entrava na sala o Grande Wolf Messing, saía da sala — um velho doente que coxeava. Quanto ele sabia fazer e quanto levou consigo para a tumba...

Há muito tempo, mais de duzentos anos, na ilha Maurícia servia um oficial francês chamado Botto. Possuía uma capacidade surpreendente: podia indicar com grande precisão a hora de chegada de qualquer navio ao porto muitos dias antes da sua chegada. Mais de 400 vezes fez previsões e nunca errou. Mas certo dia aconteceu-lhe um caso estranho. No porto reinava animação — Botto previra que em breve onze navios de Sua Majestade chegariam à ilha Maurícia. E de repente Botto apareceu no meio da multidão animada.

— Esperam a chegada dos navios? Em vão. O esquadrão decidiu alterar o rumo. As festividades não se realizarão.

O público não acreditou em Botto. No entanto, os navios não chegaram nem no dia seguinte, nem uma semana depois. O esquadrão realmente alterou o rumo.

É uma lenda? Nada disso. O oficial do exército francês Botto realmente serviu na ilha Maurícia e sabia prever eventos futuros. Provavelmente, isso está ligado à telepatia — a capacidade da pessoa de transmitir e captar pensamentos à distância.

Todos os que viram na televisão o filme «Mikhailo Lomonossov» deviam recordar o episódio em que o jovem Lomonossov, estando na Alemanha, viu em sonho que o pai — pescador pomor — morrera no mar. Não é invenção do argumentista e do realizador. O grande cientista contou certa vez ao académico Shtolin sobre o sonho profético. Sonhou que o pai partira no barco de pesca para o mar.

Desencadeou-se uma tempestade, e o barco naufragou. Nenhum dos pescadores regressou a casa. O corpo do pai foi atirado pelas ondas para a margem de uma ilha desconhecida. Quando Lomonossov chegou à Rússia, soube que realmente nenhum dos pescadores regressara após a infeliz viagem. Lomonossov contou o sonho ao irmão e indicou onde procurar o corpo do pai. Passado algum tempo, o irmão encontrou a ilha descrita por Lomonossov e lá achou o corpo do pai.

Não duvido que esta história também seja verdadeira. Aparentemente, antes de morrer, o pai pensou no filho, que nessa altura estava tão longe da pátria. Essa informação foi «captada» por Lomonossov em sonho.

E agora alguns casos de telepatia que me são conhecidos.

A uma menina fizeram nove anos. Hoje é festa, haverá flores e presentes. À noite reunem-se os convidados, vêm as amigas, vem o

rapaz do apartamento ao lado. E o papá põe a menina nos joelhos, e ela vai envergonhar-se, brincadeira, nove anos, já não é pequena.

Realmente, os convidados começaram a chegar às cinco da tarde. Beijavam a menina, felicitavam o papá. Vieram as amigas e o rapaz. Quanto barulho, alegria, riso! Esperavam a mamã. E de repente, sem qualquer motivo, o grito dilacerante da aniversariante: «Mamã, a mamã despenhou-se!»

A mamã saíra de manhã para o trabalho, prometera chegar às seis da tarde. Passavam das sete, e a mamã não aparecia. Os adultos atiraram-se a acalmar a menina: «A mamã atrasou-se, vem já». Mas as persuasões não ajudavam, a menina gritava, debatia-se nos braços. Que festa, que alegria...

Às sete horas, começaram a preocupar-se também os adultos. O papá andava nervosamente pelo quarto, fumava cigarro atrás de cigarro. A menina parou de gritar, deitou-se no sofá, virou-se para a parede e soluçava baixinho. Finalmente, o pai não aguentou e começou a telefonar para os hospitais de serviço.

Por volta das nove da noite, ele soube que a mulher estava no Instituto Sklifosovski com uma grave comoção cerebral.

Mais tarde, a mãe da menina contou o que acontecera. Tinha muita pressa para chegar a casa e apanhou um elétrico apinhado. Nesse dia, no estádio Dinamo, às 19 horas, devia realizar-se um jogo de futebol entre as equipas mais populares, o Dinamo e o Spartak. Lembram-se da canção: «Mas teimosamente vai direto ao Dinamo toda a Moscovo, esquecendo a chuva». Um dos adeptos, atrasado para o início do jogo, abrindo caminho aos cotovelos, tentou entrar no elétrico e empurrou a mãe da escada.

A mulher caiu, batendo fortemente com a cabeça no pavimento. Acordou no hospital. A menina gritou no momento em que a mãe caiu.

Esta história foi-me contada por Nora Iasseneva, uma pessoa de destino surpreendente, em quem não tenho razões para não confiar.

— Sabes — dizia-me Nora —, muitas vezes apanho o auscultador uma fração de segundo antes de o telefone tocar. Mas isso só acontece quando o espero ansiosamente.

— Nora, acreditas mesmo na telepatia?

— Claro que sim, posso contar outros casos que me aconteceram. Senti exatamente quando o meu amigo Sereja morreu no cumprimento do dever, e isso aconteceu de repente. E não me digas que é coincidência. Coincidências assim não existem.

Não discuti. Por experiência própria, sei que a telepatia existe. E cada um de nós pode recordar na vida um caso em que se deparou com este fenómeno misterioso.

Certa vez, em Chita, realizámos uma conferência científica estudantil de toda a União sobre problemas de hematologia experimental e clínica. A hematologia é a ciência do sangue. Decidimos realizar uma das sessões no balneário de Darassun; queríamos muito mostrar aos nossos convidados — estudantes de diferentes cidades do país — as belezas da Transbaikália.

Regressámos a Chita tarde da noite. Lá fora, geada de mais de 40 graus negativos, e no autocarro também não estava muito quente, mas o ambiente era animado. Ora num canto, ora noutro do autocarro, ouviam-se risos, piadas. Cantámos em coro «Noites de Moscovo Suburbano». Quando começámos o último verso, eu, inesperadamente, entoei:

Não esqueças tu também estas invernais

Noites darassunenses.

— Por que cantou assim? Não, não, responda-me, por que cantou «noites invernais darassunenses»? — perguntou-me o colaborador da cátedra A. V. Zavialov.

— A lógica ditou. Agora é inverno, regressamos de Darassun. Não há nada de surpreendente em eu ter alterado as palavras da canção.

— O surpreendente é que, literalmente um segundo antes de começar a cantar, pensei exatamente o mesmo. Só que, com o seu temperamento, antecipou-se a mim.

Não vou garantir que se trata de um caso de telepatia, embora também não se possa excluir essa possibilidade. Mas literalmente centenas de vezes eu cantarolava uma canção para mim mesmo, e o meu parceiro entoava-a exatamente a partir das palavras que nesse momento soavam na minha cabeça. E mais frequentemente era o contrário — era eu que a entoava.

Mas tive de me deparar com casos de telepatia verdadeira. Eis os relatos de pessoas em quem confio incondicionalmente.

Na nossa plataforma de escada vivia um casal idoso notável — os Baikin —, pessoas de elevada cultura, verdadeiros intelectuais. Não só sabiam como comportar-se em sociedade, como manter uma conversa, como observar a etiqueta à mesa. Eram comunicativos, hospitaleiros, atenciosos. E muito em breve esquecias que estavas em visita e comportavas-te à vontade, como em casa.

Vsevolod Sergueievich Baikin era poliglota. Lia muito, escrevia poemas, traduzia poetas gregos e romanos antigos. Anteriormente, Vsevolod Sergueievich trabalhara como chefe da cátedra de línguas estrangeiras no Instituto Médico de Chita.

Não menos encantadora era a dona da casa — Vera Gustavovna. Bela na juventude, conservou até à velhice profunda uma pele delicada e traços corretos e expressivos. E embora as pernas de Vera Gustavovna estivessem paralisadas, ela era sempre alegre, divertida, cheia de energia e sempre ocupada com algo.

Vera Gustavovna era artista amadora. As suas obras foram expostas várias vezes em museus e salas de exposições de Chita e de outras cidades. Mas não procurem nos seus desenhos beleza ou semelhança. A sua floresta é misteriosa, o rio guarda nas suas profundezas segredos desconhecidos, as flores falam da brevidade

da vida. Mas esta é a minha perceção pessoal; noutros pode ser completamente diferente.

Um amor comovente e um respeito sincero um pelo outro conservaram Vsevolod Sergueievich e Vera Gustavovna toda a vida. Aprenderam não só a entenderem-se com meia palavra, mas também a antecipar os desejos.

Isso aconteceu em tempos antigos, quando os cônjuges Baikin ainda eram muito jovens. Vodia (assim Vera Gustavovna chama Vsevolod Sergueievich) partira por alguns dias, e Verochka ficou sozinha em casa. Às quatro da manhã, acordou aterrorizada; pareceu-lhe que alguém andava pelo quarto atrás do biombo que separava a cama. Verochka ficou petrificada, incapaz de mexer pernas ou braços. E só quando os passos cessaram, levantou-se cautelosamente da cama e correu para o corredor. A porta para a rua estava aberta.

Até de manhã, Verochka não conseguiu fechar os olhos.

E de manhã tocou o telefone, e Vodia literalmente irrompeu no quarto.

— Verochka, o que te aconteceu às quatro da manhã?

Exatamente nessa hora, Vsevolod Sergueievich foi como que atirado da cama. Levantou-se de um salto, vestiu-se rapidamente e correu para a estação. E isso quando devia regressar da viagem de serviço só dois dias depois.

Vera Gustavovna não podia dizer se realmente alguém estivera no quarto dela ou se o sonhara, ou se lhe parecera ao acordar. Mas nesse exato momento, Vsevolod Sergueievich, que adorava a mulher, sentiu que algo de errado se passava com ela.

Certa vez, durante a guerra, Vsevolod Sergueievich quase caiu da escada de um comboio em plena marcha.

«Nesse momento pensei que nunca mais veria Verochka. E quando regressei a casa, a primeira pergunta de Verochka foi: "O

que te aconteceu em tal dia a tal hora?" Verochka sentiu que eu corria perigo de morte e não sossegou até ao meu regresso».

Os relatos são sempre interessantes, mas um relato não é um documento e, infelizmente, não pode servir de confirmação exata da existência deste ou daquele fenómeno misterioso.

A filha dos Baikin, Kira, cresceu como uma criança invulgar. O círculo dos seus interesses sempre espantava os adultos. Kira dedicava-se ao planador e ao paraquedismo, ia frequentemente em expedições, sabia fazer amizade com animais, amava e compreendia a natureza.

Certa vez, Kira regressou muito tarde de uma expedição. Estava incrivelmente cansada. Nada de surpreendente — carregara uma mochila pesadíssima às costas, não queria ceder em nada aos colegas rapazes. Amanhã havia escola, e Kira decidiu deitar-se cedo.

E de repente, toca a campainha. Vera Gustavovna abriu a porta. No limiar estava um colega de turma de Kira — Tolia Kazantsev.

— Preciso urgentemente da Kira. É um assunto. — Os olhos do rapaz brilhavam febrilmente; sentia-se que estava muito agitado.

Tolia sempre fora um rapaz estranho. Diferente dos outros. Inventava sempre algo. Ora se interessava por hipnose, ora pelo linguagem dos animais.

«Meu Deus, para que raio veio a esta hora tardia», pensou Kira, indo ao encontro do convidado.

— Kirka, sabes, a telepatia existe mesmo. Li eu próprio. — E estendeu a Kira o livro acabado de sair de L. L. Vassiliev «Fenómenos Misteriosos da Psique Humana».

— E então, que tenho eu a ver com a telepatia?

— Vamos fazer agora uma experiência tu e eu. Sei que vai resultar — e olhou suplicantemente para Kira.

E eis que se sentam na cozinha, à longa mesa de madeira, frente a frente, separados por grandes dicionários para não espreitarem e não verem o que cada um faz. Tolia propõe a Kira desligar-se e passar o lápis pelo papel. Ele próprio desenhará figuras. Depois compararão os desenhos.

Kira cumpriu todas as condições do jogo. Desenhava maquinalmente, sem pensar no que sairia. E espreitar o caderno do vizinho não tinha qualquer vontade. Que acabasse depressa a «experiência» para ir dormir.

Finalmente, Tolia mostra o primeiro desenho — um avião. Kira aproxima dele o caderno — afinal, ela também desenhara um avião.

— Fixe! — Tolia estava em êxtase. — Telepatia!

— Não, dificilmente. Toda a vida me interesso por aviões, pratico planadorismo, vou entrar no instituto de aviação depois da escola. Por isso, Tolia, é pura coincidência.

Tolia entristeceu-se por um minuto e depois propôs:

— Vamos mais uma.

O procedimento repete-se. Tolia desenhara uma árvore — e Kira também.

— Vês, eu disse-te que temos afinidade de almas! Resulta!

O terceiro desenho de Tolia representava um vulcão cuspidor de fogo. Kira desenhara algo como um triângulo, do vértice do qual saía uma longa cauda. Não era preciso grande imaginação para representar um vulcão em erupção.

Tolia desenhava a figura primeiro, Kira repetia o desenho maquinalmente. Não podia espreitar, por isso foi muito provavelmente uma sessão bem-sucedida de telepatia.

Mas, tendo obtido resultados positivos, Kira e Tolia perderam todo o interesse pela telepatia e não repetiram mais experiências.

Conhecendo bem a família Baikin, nem nos meus pensamentos admito que sejam histórias inventadas. Para quê inventarem e enganarem-me? Nenhum de nós, incluindo eu, sabia que algum dia me ocorreria escrever este livro.

O caso seguinte aconteceu há muitos anos. Na nossa cátedra trabalhava a docente Liudmila Gavrilovna Dvinina. Certa vez, no verão, o pai dela partiu, como sempre, para a dacha. Prometera regressar dois dias depois, mas por algum motivo não veio.

«Bem, o avô enfronhou-se no trabalho», brincavam os familiares. Mas o pai não regressou nem no dia seguinte. Não havia telefone na dacha dos Dvinin nem nos vizinhos.

Toda a noite, Liudmila Gavrilovna não pregou olho e, com o primeiro elétrico, voou para a dacha. O pai jazia no sofá, o braço pendia inerte, mas o rosto estava calmo. A perícia médico-legal estabeleceu que o pai morrera dois dias antes de enfarte do miocárdio.

Liudmila Gavrilovna viveu intensamente a morte do pai, literalmente não encontrava lugar para si. Não menos pesado era para a mãe dela — Adelaida Antonovna —, afinal, mais de quarenta anos viveram juntos.

Certa vez, foi visitá-las a irmã de Adelaida Antonovna. Conversaram sobre o falecido, e de repente ela perguntou:

— E a caderneta de poupança dele, encontraste?

— Que caderneta? Ele não tinha caderneta de poupança.

— Tinha, sei com certeza — tinha, ele próprio me disse.

Revistaram toda a casa — a caderneta não aparecia em lado nenhum.

— A mana confundiu-se — decidiu Adelaida Antonovna. — Deixa lá a caderneta, vivemos bem sem ela.

Nessa mesma noite, o marido apareceu-lhe em sonho. Estava muito pálido, pronunciava as palavras baixinho, como se lhe fosse muito difícil falar.

Adelaida Antonovna esforçou-se por ouvir e percebeu claramente:

— Na caixa da navalha velha...

Ao acordar, demorou a compreender o que acontecera, finalmente recordou claramente o sonho e encontrou a caixa. Nela, claro, ninguém olhara; várias vezes Adelaida Antonovna quisera deitá-la fora, mas deixava — afinal era coisa dele, que ficasse, não incomoda.

Na caixa estava a velha caderneta gasta.

Gavriil Grigorievich abrira-a naqueles anos longínquos, quando, jovem oficial, logo após a guerra, se desmobilizara do exército. Desde então, na caderneta não havia um único registo novo. Passara a reforma monetária de 1948, e o dinheiro antigo na caderneta transformara-se em novo. Com os anos, acumularam-se juros, e no fim das contas na caderneta havia uma soma redonda.

Liudmila Gavrilovna viveu intensamente este acontecimento — a velha ferida sangrou novamente:

— Pensem só, não conseguimos protegê-lo, permitimos que um homem idoso ficasse sozinho na dacha. Sabíamos que ele tinha o coração doente. Nós, os vivos, não cuidámos dele, e ele, morto, pensava em nós.

Dois casos interessantíssimos de «transmissão de notícias pelo ar» descreve a notável investigadora da Índia e do Tibete A. David-Neel.

«Um deles ocorreu no vale do rio Denshi durante a minha viagem a Lassa... Por volta do meio-dia, avistámos um lama de aparência venerável... na companhia de três monges... Os viajantes traziam um feixe de lenha e acenderam uma fogueira: do bule, que

estava nas cinzas quentes, ainda saía vapor... Cumprimentámos o lama muito educadamente. Provavelmente, os nossos rostos expressavam desejo de almoçar. O lama... convidou-nos a sentar junto à fogueira e a tirar as nossas chávenas... Um dos jovens trapas deitou os restos de chá nas nossas chávenas, pôs perante nós um saquinho de tsampa... Olhando à volta, reparei no chão numa tigela de madeira vazia com restos de iogurte. Eu... sussurrei ao ouvido de Yongden:

— Quando o lama partir, vamos pedir iogurte na quinta.

Falei muito baixinho, mas o velho, pelo visto, ouviu. Estava imóvel, fixando o olhar no trapa que se aproximava de nós. De repente, este parou, imobilizou-se por um instante numa pose concentrada, depois... saiu da estrada e dirigiu-se à quinta. Em breve vi que o jovem regressava com uma tigela de madeira cheia de iogurte...»

A isso deve acrescentar-se que o lama e o jovem monge estavam a uma distância bastante grande um do outro.

Ainda mais surpreendente é o segundo caso, quando o jovem monge garantia à viajante que enviara «notícia pelo ar» ao seu venerado mestre sobre o desejo de David-Neel de o visitar e conhecer os mistérios do ritual de «subjugação do demónio que persegue ferozmente com a sua maldade uma das pequenas tribos locais».

No caminho para o lama, o grupo encontrou um pequeno grupo de cavaleiros. Após a cerimónia de cortesia, um deles disse que o grande mago «os enviara para me pedir (a David-Neel — B. K.) que desistisse da intenção de o visitar. Agora não pode ver ninguém...» Acontece que o mestre realmente recebera o aviso «pelo vento».

Para a transmissão de informação telepática, a distância não tem importância.

T. Dadashev, no artigo «Ajudei Garry a tornar-se campeão» (Komsomolskaia Pravda, 4 de novembro de 1990), escreve:

«Em 1973, convidaram-me para Praga — participar no primeiro Congresso Mundial de psicoenergética... Cientistas de 22 países discutiam aqui, em seis secções, cerca de cem comunicações... A delegação americana era chefiada pelo doutor Baxter, o maior especialista dos EUA não só em psicoenergética, mas também em criminalística, autor do conhecido «Detetor de Mentiras». Trouxe um filme documental sobre a transmissão de informação mental da Lua, realizada pelo astronauta Mitchell.

Depois anunciaram as minhas experiências. Para que não houvesse dúvidas na sua pureza, pedi à assistente de Baxter que me desse tarefas mentais à distância. E executei-as com sucesso. Aparentemente, como sempre. Mas na essência? Afinal, a tarefa era dada por uma americana numa língua que eu não conhecia... Baxter felicitou-me, dizendo que perante os olhos de todos acabara de ocorrer a descoberta de um novo fenómeno».

Esta citação prova mais uma vez que a informação telepática é transmitida sob forma de imagens ou ações e, por isso, não é de todo necessário conhecer uma língua estrangeira para a receber de estrangeiros ou representantes de outras civilizações.

As investigações para o estudo da telepatia contam já mais de cem anos. Em 1876, o físico inglês Barrett, discípulo do famoso Faraday, apresentou numa sessão da Associação Britânica de Cientistas uma comunicação sobre a «transmissão direta do pensamento». Esta comunicação interessou tanto os cientistas que em breve foi criada em Inglaterra a Sociedade de Investigações Psíquicas. Os seus membros estudavam cada caso de transmissão de pensamento à distância de forma muito cuidadosa, com inquérito a testemunhas, com registo obrigatório de documentos escritos. Só eram tomados em consideração os casos que não suscitavam dúvidas.

Mais tarde, o conhecido astrónomo francês C. Flammarion, que se ocupava especialmente do estudo da transmissão telepática, reuniu e descreveu mais de mil casos fiáveis, na sua opinião, de transmissão de pensamentos à distância.

Um dos primeiros a realizar investigações científicas sérias nesta área foi o fisiologista francês Ch. Richet, com cartas de jogar. As experiências consistiam no seguinte. O experimentador escolhia ao acaso uma carta da baralha e imaginava-a na sua mente. A pessoa sentada na mesma sala ou na sala ao lado devia adivinhar qual a carta tirada pelo experimentador. Segundo os dados de Richet, o número de respostas corretas excedia sempre o calculado pela teoria da probabilidade.

Recentemente, repeti uma experiência semelhante com o psíquico de dezoito anos Dashi D. De dez cartas, adivinhou seis, indicando corretamente o naipe em todos os casos. Deve acrescentar-se que as cartas eram extremamente velhas e o desenho nelas era pouco nítido.

Atualmente, para experiências de telepatia, utilizam-se as chamadas cartas de Zener (pelo nome do autor que as propôs). O baralho consiste em 25 cartas, nas quais estão representados um círculo, linhas onduladas, um quadrado, uma cruz e uma estrela, repetindo-se cada figura cinco vezes. As experiências telepáticas com cartas de Zener realizam-se em condições idênticas em diferentes países, pelo que os seus resultados podem ser facilmente comparáveis.

O experimentador que sugere esta ou aquela imagem (ou seja, o indutor) e a pessoa que percebe a sugestão mental (o chamado percipiente) sentam-se à mesa frente a frente. Estão separados por um ecrã de contraplacado ou cartão de 18 por 24 polegadas (uma polegada equivale a 2,54 centímetros). O ecrã não permite ao percipiente ver o baralho nas mãos do indutor. Este, antes de começar a experiência, deve baralhar cuidadosamente o baralho pelo menos cinco vezes. Além disso, o percipiente deve ser

informado sobre como deve levar o protocolo, registando as suas respostas na folha de registo perante ele. Para que a experiência decorra com sucesso e o percipiente não sinta falta de tempo para perceber a imagem, deve sinalizar ao indutor quando este pode passar à sugestão da figura seguinte.

Os resultados de experimentos semelhantes são por vezes impressionantes. Assim, o investigador americano **Soal**, em experiências com dois jovens primos, após 15 mil tentativas, obteve os seguintes dados: duas vezes foram acertadas todas as 25 cartas seguidas, 4 vezes — 24 cartas, 40 vezes — de 23 a 19 cartas, o que excede em enorme número de vezes o esperado pela teoria da probabilidade.

Experiências interessantíssimas realizou o notável escritor americano **Upton Sinclair** sobre a sugestão mental de desenhos à sua esposa Mary Sinclair. Os resultados dos experimentos impressionaram-no tanto que escreveu um livro popular-científico *"Mental Radio"*. É interessante notar que as experiências eram particularmente bem-sucedidas quando a esposa de Sinclair se encontrava, nas suas próprias palavras, "na fronteira do sono" e os desenhos sugeridos apareciam na sua consciência como imagens visuais.

Um dos proeminentes psicoterapeutas, o professor **K. I. Platonov**, que realizou muitas experiências semelhantes, escreveu: "É importante notar que quando eu exercia influência sobre o sujeito sob a forma de ordem — 'Adormeça, durma' —, esta era sempre sem resultado. Mas com a representação visual da imagem e figura do adormecido (ou do que acorda — na sugestão mental de despertar) o efeito era sempre positivo".

É interessante que a sugestão possa ocorrer a distâncias muito grandes. Nenhum ecrã impede o aparecimento de resultados positivos. Investigadores americanos transmitiam informação telepática para o submarino *"Nautilus"*, situado a enorme distância das costas da América. Consequentemente, nem o revestimento de

aço, nem a espessura quilométrica de água são capazes de deter as imagens mentais transmitidas do indutor ao percipiente.

Material interessantíssimo sobre telepatia foi apresentado pelos colaboradores do Instituto de Investigação Científica de Stanford (EUA) **Puthoff** e **Targ**. Os autores chegaram à conclusão de que o aumento da distância entre o sujeito e o objeto de vários metros a 4000 quilómetros não piora a qualidade e precisão da perceção da imagem transmitida. Além disso, a utilização de um ecrã elétrico sob a forma de câmara de Faraday não impede a obtenção de informação de objetos distantes.

Como exemplo, podem citar-se descrições dos resultados de experimentos realizados por Puthoff e Targ, que os autores não consideram "os melhores dos melhores". Ao mesmo tempo, servem de amostra típica... "daquele grau de habilidade que se pode alcançar e que nos experimentos se tornou habitual".

"Três pessoas participaram no experimento de perceção de uma série de objetos bastante distantes, situados na Costa Rica. Antes disso, não tinham estado na Costa Rica. No decurso do experimento, um dos participantes (o doutor Puthoff) passou dez dias em viagem pela Costa Rica. Nisso consistia toda a informação conhecida pelos sujeitos sobre o roteiro da sua viagem. Pelas condições do experimento, Puthoff devia manter um diário detalhado (anotações sobre os lugares visitados e as suas ocupações) e diariamente às 13h30 pelo horário do Pacífico fazer fotografias. Até ao regresso do viajante, dos três sujeitos foram obtidas no total 12 descrições referentes a um ou outro desses dias. Um dos sujeitos, que deu a descrição, acompanhou-a com um desenho referente a um dos dias da viagem de Puthoff".

"Embora a Costa Rica seja um país montanhoso, o sujeito inesperadamente 'viu' o viajante na margem do oceano. Descreveu (e corretamente) o aeroporto na praia arenosa e a pista de aterragem que chegava ao oceano. Além disso, fez um desenho em que representou o edifício do aeroporto com um grande retângulo

saliente (o que também é correto). Acontece que Puthoff fez uma viagem não planeada a uma das ilhas costeiras. O tempo da sessão coincidiu com o momento em que ele saía do avião num pequeno aeroporto da ilha, o que foi descrito pelo sujeito, que se encontrava a 4000 km dele. No trabalho é apresentada uma fotografia feita pelo doutor Puthoff e o desenho do sujeito com explicações, que confirma os resultados do experimento descrito.

Outro sujeito reproduziu o número do hotel em que Puthoff se hospedou, e com tais detalhes como a cor do tapete estendido no chão.

Prova brilhante da possibilidade de perceção de informação telepática são os seguintes experimentos. Se irritar os olhos com piscar de luz, na eletroencefalograma (curva de registo dos biotokos do sistema nervoso central) podem ver-se ondas correspondentes à frequência das piscadas. No decurso deste experimento, o percipiente era colocado num recinto eletricamente e acusticamente isolado e impenetrável à luz com paredes duplas de aço, situado a cerca de sete metros do indutor. O experimento consistiu em sete sessões e revelou-se muito bem-sucedido. Durante as piscadas de luz no percipiente ocorriam sempre as mesmas alterações na eletroencefalograma que no indutor.

Quando pediram ao sujeito que se pronunciasse sobre o caráter das irritações aplicadas, não obtiveram respostas claras. Consequentemente, o fenómeno descrito está ligado a uma reação fisiológica que não atinge o nível da consciência".

Experiências análogas foram realizadas pelo americano **Lloyd**, que propunha ao indutor imaginar em cada caso um triângulo vermelho assim que acendesse uma lâmpada vermelha diante dele. Neste caso, nos percipientes na eletroencefalograma observava-se o aparecimento de biorritmos que correspondiam exatamente aos descobertos no indutor.

Como resultado de investigações minuciosas, Puthoff e Targ chegam à conclusão de que a capacidade de transmissão de informação à distância de uma pessoa para outra... "está inerente a todas as pessoas e pode ser expressa por elas, embora com diferente grau de intensidade. Neste caso, parte da informação correta que se pode obter dos sujeitos tem caráter não analítico e refere-se ao tipo, forma, cor, material do objeto, mas não à sua finalidade ou nome. Pelo visto, estas capacidades são suscetíveis de treino, pois de experiência para experiência a qualidade das respostas nas observações de vidência à distância pode melhorar".

Dado que o percipiente comunica a maior parte dos dados exatos referentes ao tipo, forma, cor e material do alvo, foi feita uma conclusão completamente lógica de que o "rádio cerebral" é condicionado pelo trabalho do hemisfério direito do cérebro. Para que isto seja compreensível, considero necessário contar em que se diferenciam os hemisférios esquerdo e direito do cérebro humano.

Pelo aspeto externo e estrutura, os hemisférios esquerdo e direito do cérebro humano são completamente idênticos. No entanto, ainda no século passado tornou-se conhecido que só no hemisfério esquerdo existem o chamado centro motor da fala, ou centro de Broca (pelo nome do autor que o descobriu), e o centro de audição das palavras, ou centro de Wernicke. Com hemorragia no centro de Broca, a pessoa perde a capacidade de pronunciar palavras e frases isoladas, embora ouça perfeitamente e compreenda o que diz o interlocutor.

É capaz de reproduzir sons isolados, mas a fala articulada torna-se impossível. Com trauma ou hemorragia abundante no centro de Wernicke, a pessoa ouve a fala, mas não distingue nem compreende palavras isoladas. Além disso, não controla a sua fala com a ajuda da audição, pelo que esta em breve se torna confusa. Tal doente coloca incorretamente os acentos, usa frequentemente casos errados.

Nos anos 70 do nosso século, os investigadores tiveram a possibilidade de desligar isoladamente o hemisfério esquerdo ou

direito. Em particular, em estados depressivo-maníacos e esquizofrenia, com fins terapêuticos aplica-se frequentemente eletrochoque. Em casos isolados, este método bárbaro de tratamento é o único capaz de melhorar significativamente o bem-estar do doente. Acontece que com a ajuda de eletrochoque se pode desligar apenas um hemisfério. Se a corrente é passada pelo hemisfério direito, este desliga-se. Tal pessoa recebe a designação condicional "esquerdocerebral", pois durante algum tempo funciona apenas o hemisfério esquerdo. Se de modo semelhante se desliga temporariamente o hemisfério esquerdo, predominará a função do hemisfério direito. Tal pessoa chama-se condicionalmente "direitocerebral".

Acontece que o comportamento da pessoa esquerdo e direitocerebral difere radicalmente. Se a pessoa esquerdocerebral percebe bem a fala, gosta de falar (pois é no hemisfério esquerdo que se encontram o centro motor da fala e o centro de audição das palavras), a pessoa direitocerebral fala muito pouco, capta a fala com dificuldade. Na pessoa esquerdocerebral o vocabulário é extremamente rico, a fala é diversa, as respostas são desenvolvidas e detalhadas.

Tal pessoa é excessivamente faladora e até tagarela. Logo após o início da conversa, toma a iniciativa nas suas mãos. Mas ao lado disto piora a perceção da fala, e a sua própria fala torna-se monótona, sem cor, perde a coloração emocional. A voz adquire um tom anasalado, frequentemente torna-se não natural, por vezes latente. A pessoa deixa completamente de compreender o significado das entoações. Não percebe com que expressão são pronunciadas as palavras ou frases — pergunta, ameaça, entusiasmo, ternura, medo. Além disso, não distingue a voz masculina da feminina.

A pessoa esquerdocerebral deixa de reconhecer sons e melodias, não distingue vozes de animais e aves e sons como tosse, espirro, ruído de tempestade, rebentação do mar, uivo do vento.

Mas, não distinguindo os sons, a pessoa esquerdocerebral tenta classificá-los. Em vez de dizer — isto é latido, isto é riso, isto é choro, diz — isto é animal, isto é ave, isto é pessoa. Frequentemente engana-se, mas conserva a aspiração de enquadrar o fenómeno num esquema determinado.

A pessoa esquerdocerebral, se nos basearmos apenas nas suas respostas, parece bem informada. Responde facilmente que se encontra no hospital, nomeia o número da enfermaria onde está, a data, o dia da semana, o endereço do hospital. Mas se perguntarmos mais detalhadamente, verifica-se que não é capaz de reconhecer os locais. A enfermaria onde passou muitas semanas, e talvez anos, parece-lhe completamente desconhecida.

— Diga, Ivan Vassilievitch, onde viemos parar? — pergunta o médico curante, levando-o à enfermaria onde está.

— Não sei.

— É a primeira vez que aqui está?

— Claro!

— E em que enfermaria está?

— Na enfermaria nº 7.

— E quem está consigo nessa enfermaria?

— Piotr Sergueievitch e Nikolai Alexandrovitch.

— Pode dizer quem são estas pessoas que aqui estão?

— Vejo-as pela primeira vez.

Tal diálogo pode ocorrer entre o médico e a pessoa esquerdocerebral.

Assim, apesar da orientação verbal, a representação visual do lugar e do tempo na pessoa esquerdocerebral está perturbada. O humor melhora, torna-se mais complacente e suave, mais amável e alegre.

Na pessoa direitocerebral, ao contrário da esquerdocerebral, as possibilidades verbais estão fortemente limitadas, o vocabulário é extremamente pobre, dele caem palavras que designam conceitos abstratos. Recorda com dificuldade os nomes dos objetos, especialmente os raramente usados. Ao mesmo tempo, pode facilmente explicar a finalidade do objeto e até mostrar como usá-lo.

A pessoa direitocerebral compreende muito mal a fala. Deve falar-se com ela em frases simples e curtas. Se a frase é longa, ao fim dela esquece do que se falava no início. A sua própria fala também consiste em frases muito curtas, mais frequentemente palavras isoladas. Responde muito mais volontiersamente com mímica do que com palavras. Reage apenas à fala alta, mas mesmo nesse caso nem sempre pode repetir o que lhe foi dito. Ao mesmo tempo, a audição não está de modo algum perturbada.

Apesar da escassez da fala, a voz da pessoa direitocerebral não se altera, conserva-se o seu desenho entoacional. A pessoa direitocerebral distingue ainda melhor do que no estado normal as vozes femininas e masculinas, a fala do adulto e da criança, as vozes de aves e animais isolados e avalia muito finamente a entoação do interlocutor. Após ouvir a melodia de uma canção, reconhece-a muito rapidamente e reproduz facilmente. Mas, ao contrário da pessoa esquerdocerebral, não pode classificar as melodias (não está em condições de dizer se é uma canção popular, ária de ópera ou romance).

Não tem dificuldades na avaliação de desenhos desconhecidos e rapidamente nota os seus defeitos. Assim, se lhe mostrarem apenas metade de uma tesoura, rapidamente desenha a outra, embora frequentemente não consiga nomear o objeto. Se lhe derem a tesoura nas mãos, imediatamente mostra como deve agir com ela, mas explicá-lo verbalmente não consegue. A memória imagética na pessoa direitocerebral aguçou-se. É capaz de memorizar a figura e após muitas horas escolhê-la entre uma dezena de outras. A orientação no lugar e no tempo não está perturbada. Pelo visto,

pelas respostas verbais, não sabe onde se encontra. Entre o médico e o doente pode ocorrer aproximadamente tal diálogo.

— Piotr Vassilievitch, onde se encontra agora?

— Não sei.

— E que quarto é este?

— A enfermaria onde estou.

A pessoa direitocerebral não pode nomear o número, o mês e o ano, mas se olhar pela janela e vir montes de neve, dirá que agora é inverno e aproximadamente acertará no mês. Nota bem os detalhes do ambiente e, com uma observação atenta, dirá que se encontra no hospital, embora não saiba em qual, encontrará a sua enfermaria, embora não saiba o seu número.

Assim, na ausência de orientação verbal, a orientação concreta visual na pessoa direitocerebral está preservada. O humor está deprimido, é sombrio, queixa-se de mau bem-estar.

Portanto, na pessoa direitocerebral sofreram aquelas formas de atividade psíquica que estão na base do pensamento abstrato, e preservaram-se ou até reforçaram-se aquelas espécies que estão ligadas ao pensamento imagético.

Existe a suposição, e é bastante fundamentada, de que nas pessoas de tipo pensante está reforçada a função do hemisfério esquerdo, enquanto nas pessoas de tipo artístico — a função do direito.

Por que consideramos que na telepatia o papel principal cabe ao hemisfério direito? Habitualmente os sujeitos que percebem informação telepática descrevem de forma muito esquemática os objetos "vistos" por eles. Especialmente isso refere-se a coisas que se encontram no recinto. As descrições correspondentes são imprecisas, e os próprios desenhos correspondem ao reflexo espelhado dos contornos do alvo. O material textual, como regra, não é reconhecido pelo sujeito percipiente. As mesmas

características descobrem-se na pessoa direitocerebral, assim como em doentes com lesões graves do hemisfério esquerdo ou em pacientes com corpo caloso seccionado.

E agora tentemos explicar o fenómeno da telepatia das posições modernas.

L. L. Vassiliev, que realizou interessantíssimos experimentos com transmissão de informação a grandes distâncias de uma pessoa para outra, chega à seguinte conclusão: "Em algumas... condições favoráveis o cérebro do indutor pode tornar-se estação emissora de ondas eletromagnéticas ou de algumas outras ainda desconhecidas. Estas ondas percebidas podem provocar na córtex do cérebro do percipiente os correspondentes processos nervoso-psíquicos. Como resultado, na córtex do cérebro do percipiente devem surgir as mesmas imagens que no indutor".

Esta hipótese, proposta ainda em 1963, não perdeu o seu significado até aos dias de hoje. Resta decifrar uma "pequena coisa" — que ondas são essas.

O investigador soviético I. M. Kogan exprimiu a suposição de que a transmissão de tal informação ocorre com a ajuda de ondas eletromagnéticas de muito baixa frequência. M. Persinger, cientista da universidade com o nome de Laurent (Canadá), aprofundou estas representações. Supôs que o portador da informação telepática são as chamadas "ondas de Schumann" (frequência 7,8 Hz), que se propagam pelo guia de ondas "terra-ionosfera". Esta hipótese está de acordo com as suposições de L. L. Vassiliev sobre a transmissão de informação com a ajuda de biotokos do cérebro ou outras ondas desconhecidas acompanhantes do pensamento. Além disso, propõe uma série de novas posições: sobre a assimetria da propagação do sinal na direção leste-oeste e oeste-leste e sobre a existência de tempo preferencial do experimento (das 0 às 4 horas da noite) para a transmissão de informação telepática.

Análise crítica e consenso científico atual

O texto apresentado descreve uma série de experimentos clássicos em parapsicologia, realizados principalmente nas décadas de 1930 a 1970, que alegadamente demonstram a existência de **telepatia** (transmissão de pensamentos ou imagens mentais à distância) e fenómenos relacionados. No entanto, o consenso científico atual, baseado em revisões rigorosas, replicações falhadas e análises metodológicas, classifica estes fenómenos como **pseudociência**, sem evidências convincentes de existência.

- Experiências de Upton Sinclair (*Mental Radio*, 1930): Embora impressionantes à primeira vista (reprodução de desenhos), foram criticadas por falta de controlos rigorosos. Críticos como Martin Gardner apontaram possíveis fugas sensoriais (pistas não intencionais), viés de seleção (apenas sucessos publicados) e ausência de blindagem adequada. Não foram replicadas de forma independente sob condições controladas.

- Experimentos de Soal (cartas): Soal foi acusado de fraude direta (manipulação de dados), confirmada por análises posteriores. Os resultados não resistiram a escrutínio.

- Experimento do submarino *Nautilus* (1950s): Foi uma **história fabricada** ou hoax, propagada por media franceses e negada oficialmente pela Marinha dos EUA. Nunca ocorreu.

- Trabalhos de Puthoff e Targ (remote viewing, SRI/Stanford, 1970s): Altamente criticados por falhas metodológicas graves (fugas sensoriais em transcrições, ausência de double-blind real, viés de julgamento). Replicações independentes (ex.: por David Marks e Richard Kammann) falharam ou explicaram resultados por pistas não psíquicas. O programa Stargate (CIA) foi encerrado em 1995 por falta de utilidade operacional e evidências científicas.

- Experiências com EEG e irritação luminosa: Não replicadas de forma convincente; explicáveis por artefactos ou coincidências.

- Hipóteses eletromagnéticas (Vassiliev, Kogan, Persinger, ondas de Schumann): Vassiliev próprio refutou a ideia de ondas EM convencionais (experiências em câmaras de Faraday não bloquearam o alegado efeito). Ondas de Schumann (ressonâncias naturais da Terra ~7-8 Hz) são extremamente fracas e não têm capacidade de codificar informação complexa como imagens ou pensamentos. Persinger propôs ligações especulativas, mas sem evidências robustas; as suas experiências (ex.: "God helmet") não foram replicadas consistentemente.

O consenso científico (ex.: Comité PARA da National Academy of Sciences, revisões em *Nature*, *Psychological Bulletin*) é que não há evidências replicáveis e controladas de telepatia. Resultados positivos em parapsicologia devem-se tipicamente a falhas metodológicas, viés estatístico, fraude ocasional ou efeito placebo/intuição. A neurociência moderna explica experiências "telepáticas" por empatia, leitura de pistas não verbais, coincidências probabilísticas ou ilusões cognitivas.

A distinção hemisférios cerebrais (direito: imagético; esquerdo: analítico) é exageradamente simplificada e não explica telepatia; a lateralização é mais complexa e não suporta transmissão à distância.

Em resumo, estes experimentos são historicamente interessantes, mas não resistem ao escrutínio científico moderno. A telepatia permanece sem suporte empírico sólido.

Aqui está a tradução fiel para português europeu (PT-EU), respeitando o Acordo Ortográfico em vigor, sem omissões, mantendo a estrutura de parágrafos naturais e o texto corrido dentro de cada um (com parágrafos separados corretamente):

E eis como explica o fenómeno da telepatia o professor do Instituto de Economia Nacional com o nome de Plekhanov, **Boris Ivanovich Iskakov**:

«Tentei criar um aparelho matemático... para caracterizar partículas que transportam informação energética. Como interagem elas, como estão ligadas nisso as causas e os efeitos? Com que equações se pode descrever isso? Verificou-se que isso se expressa por uma dependência do tipo da equação de Schrödinger, que descreve processos ondulatórios. Às minhas fórmulas dei o nome de "equações do Carma", que entendo como intercondicionalidade, intercausalidade de todos os fenómenos no mundo, ou, por outras palavras, num campo informativo-energético infinito...

Parte da minha hipótese baseia-se na suposição (é partilhada por muitos cientistas, incluindo o autor deste livro. — B. K.), de que um dos grupos de partículas elementares do micromundo — os leptões — tem irmãos mais novos superleves — micróleptões. O gás micróleptico preenche todo o Universo. No estado neutro, estas partículas são inertes, mas, ao ficarem excitadas, podem entrar em interação ressonante com a matéria. E, em particular, com a matéria do cérebro humano...

Da equação do Carma decorre uma consequência curiosa: a existência de um duplo micróleptico do homem. A irradiação total de todos os pontos biologicamente ativos faz com que os micróleptões se concentrem à volta do homem, ordenando-se de tal modo que surge como que um fato espacial invisível, uma casca. E não uma só, mas várias, enfraquecendo sucessivamente. Isto parece-se com uma matrioshka, onde o próprio homem é o núcleo.

Há uma ligação especial entre a mãe e o recém-nascido. Os enamorados às vezes podem comunicar-se à distância. Num coletivo há por vezes uma atmosfera de união criativa tal que ninguém se admirará se uma pessoa responder a uma pergunta que não foi feita, mas que apenas gira na cabeça. Nesses casos, as cascas lépticas externas como que se unem, formando uma comum. E o

homem ouve o outro, sente-o como a si mesmo. Mais ainda, a construção sequencial deste modelo leva ao reconhecimento de que uma casca léptica comum envolve toda a humanidade».

Ora bem, se aceitarmos esta hipótese, pode explicar-se o fenómeno da telepatia. A casca léptica comum, que liga estreitamente pessoas próximas, ajuda os mais sensíveis entre eles a captar não só os estados de espírito, mas também os pensamentos do outro.

É bem conhecido que as grandes ideias científicas nascem quase simultaneamente em diferentes laboratórios do mundo. E não raro, para provar uma mesma ideia, as pessoas utilizam métodos completamente idênticos. Em casos semelhantes, diz-se: «A ideia anda no ar». Parafraseemos esta expressão e obtemos: «A ideia é transportada por micróléptoes». E não é de admirar que pessoas que trabalham na mesma direção possam estar ligadas por uma casca micróléptica única.

Mas vejamos o que diz sobre isso B. I. Iskakov:

«...As ondas emitidas pelas células vivas, as oscilações que surgem no curso do pensamento, existem no espaço... Falo de nuvens lépticas de estrutura complexa, que num certo sentido podem ser consideradas como análogos de seres vivos (recordemos a afirmação do académico V. P. Kaznachev sobre a existência de formas de vida de campo. — B. K.). Elas podem entrar em contacto, trocar informação. E não serão elas que tinha em mente Tsiolkovski, quando no raciocínio "Outra matéria mais rarefeita" escreveu: "Sempre inúmeros filas de seres quase incorpóreos vivem ao nosso lado"».

«Ora isso é um delírio típico! — pode exclamar o leitor. — Estruturas vivas abandonam o corpo do homem e ainda por cima transmitem-lhe informação».

Mas por que delírio? Para provar que tenho razão, citarei o caso de "vida fora do corpo", descrito por L. Watson no livro "Os Erros de Romeu".

«Na manhã de 21 de setembro de 1774, Alfonso de Liguori preparava-se para celebrar missa na prisão de Arezzo, quando foi acometido por um sono profundo. Duas horas depois, voltou a si e comunicou que acabara de regressar de Roma, onde assistira à morte do papa Clemente XIV. Primeiro pensaram que lhe sonhara, depois, quando quatro dias mais tarde chegou a notícia da morte do papa, explicaram por coincidência. Mais tarde verificou-se que todos os que estavam junto ao leito do papa moribundo não só viram Alfonso, mas também conversaram com ele, pois ele dirigia a oração pela alma que partia».

Então, não só os pensamentos podem viver separadamente do homem, mas também o seu duplo é capaz de realizar viagens para terras distantes.

Mas do dito decorre que o pensamento é material. Sem dúvida que sim. Mais ainda, o pensamento pode até ser pesado. O professor B. Iskakov, partindo da equação para micróléptoes, estabeleceu que a sua massa é de 10^{-35} — 10^{-32} gramas.

Mas esta questão tem a sua pré-história. Em 1978, o médico-psiquiatra de Perm Gennadi Pavlovich Krokhalev fixou pela primeira vez numa película... alucinações. E pouco depois, ele e colegas de trabalho conseguiram fotografar pensamentos. Mas naqueles anos declarar que o pensamento é material era condenar-se a uma morte certa. Como? Contradizer o próprio V. I. Lenin! Maior heresia era impossível imaginar. E assim os cientistas de Perm tiveram de arrepender-se publicamente de que tinham cometido um erro — na fotografia registaram artefactos.

Novo tempo — novas canções. Graças às investigações de A. Okhatrin, A. Tchernetski, B. I. Iskakov conseguiu-se não só fotografar

pensamentos, mas também criar uma teoria coerente que explica fenómenos como a telepatia e a clarividência.

Mas antes de mais, o que representam os nossos pensamentos? Com a ajuda de um aparelho fotoeletrónico especial, criado pelo académico A. Okhatrin, conseguiu-se fixar como da aura que rodeia o homem, durante uma atividade mental intensa, se separam nuvenzinhas capazes de movimento autónomo. Estas formações representam um aglomerado micróléptico de energia e receberam o nome de formas-pensamento, ou formas materiais do pensamento. Na película fotográfica parecem esferas encaixadas umas nas outras, nuvenzinhas difusas ou toroides.

Mais ainda, verificou-se que, dependendo do estado emocional, as formas-pensamento parecem diferentes. As formas-pensamento surgidas em resultado de reflexões calmas e profundas ou emoções positivas têm forma arredondada e brilho uniforme. Flutuam suavemente e belamente no espaço, semelhantes a uma cadeia de nuvens cúmulos. As formas-pensamento geradas por impressões febris e incontroláveis ou emoções desagradáveis lembram estranhas criaturas, animais fantásticos ou certas esferas (Sovetskaia Rossia. 1992. 12 de dezembro).

Mas se o pensamento é material, não há nada de admirar que possa ser percecionado pelo cérebro de outra pessoa. Se os pensamentos "andam no ar", então, com certo estado de espírito, podem ser "captados" por outra pessoa. Afinal, nunca nos interrogamos por que nos "visitou" este ou aquele pensamento. Nem sequer podemos imaginar que ele, em forma pronta, pudesse encontrar-se no espaço que nos rodeia.

E agora voltemos de novo ao duplo léptico ou astral que por algum tempo esquecemos. Segundo as ideias de B. I. Iskakov «...pode ser considerado como um análogo peculiar de um ser racional de matéria rarefeita». Mas este duplo racional, sem se separar do seu dono, pode encontrar-se dele a enorme distância, "ver e ouvir" o que se passa à volta e "transmitir" ao seu dono. Não

será este o fenómeno que está na base da telepatia? Considero que tais raciocínios têm direito à vida.

A CEGA VANGA VÊ TUDO

E, no entanto, é estranho e ridículo.

O que foi — muitas vezes não nos interessa

O que será — aos mortais não é dado saber

E a ninguém pode ser conhecido.

V. Mass, M. Tchervinski

"A cega Vanga vê tudo" — eis um dos títulos sobre a adivinha da Bulgária. Realmente, Vanga faz coisas surpreendentes. As verificações mais sérias mostraram que as suas profecias se cumprem quase sempre. Vanga "vê" o passado, o presente e o futuro. E não é à toa que, apesar da idade avançada da adivinha (nasceu em 1911), o fluxo de quem deseja encontrar-se com ela não diminui. Quem só não visitou Vanga — políticos e escritores, artistas e cientistas, comerciantes e empresários, pintores e desportistas. E, claro, dezenas de milhares de pessoas que desejam saber o que aconteceu com os seus parentes e próximos ou o que os espera num futuro próximo. Vêm ter com Vanga pessoas simplesmente por curiosidade, vêm também aquelas que querem decifrar este mistério ainda incompreensível.

A sobrinha de Vanga, fisióloga Krassimira Stoyanova, descreve assim as visões de Vanga. «Tinha 16 anos quando, na nossa casa em Petrich, Vanga falou comigo. Só que não era a voz dela. Criava-se a impressão de que ela não era ela, que alguma outra pessoa falava pela sua boca. As palavras que ouvi nada tinham a ver com aquilo de que falávamos antes. Como se algum rosto desconhecido interviesse na nossa conversa. Ouvi: "Aqui te vemos..." — e depois seguiu-se um relatório detalhado sobre o que eu fizera naquele dia até aquele momento. Simplesmente fiquei petrificada de horror. Em

casa estávamos só nós as duas. Após uma pequena pausa, Vanga suspirou e disse: “Oh, deixaram-me as forças...” — e voltou ao nosso diálogo anterior. Perguntei-lhe por que começara de repente a descrever o meu dia, mas ela respondeu que nada descrevera, apenas repetia o que ouvira. Depois suspirou: “Oh, são as forças, as pequenas forças que estão sempre por perto. Mas há também as grandes que as comandam. Quando elas decidem falar pela minha boca, sinto-me mal e depois disso não consigo voltar a mim o dia todo”».

Observando Vanga e fazendo-lhe perguntas, Krassimira Stoyanova compôs algo como um questionário que permite julgar as capacidades extraordinárias de Vanga. Eis excertos desta entrevista de muitos anos atrás.

«— Surgem diante de ti imagens concretas: o aspeto de uma pessoa, paisagem, ambiente?

— Sim.

— Isso acontece no passado, presente, futuro?

— Não tem importância.

— Como se manifesta o futuro de uma pessoa determinada: surgem diante de ti apenas os eventos mais importantes ou passa sequencialmente toda a vida?

— Vejo tudo como numa fita de cinema.

— Podes ler pensamentos?

— Sim.

— A que distância?

— Não tem importância.

— Lês pensamentos de estrangeiros e em que forma recebes a informação?

— Leio. Geralmente ouço uma voz, não há obstáculos linguísticos.

— Se a uma pessoa determinada predisseste uma desgraça ou mesmo a morte, podes evitá-las?

— Não, não posso — nem eu, nem a própria pessoa.

— Tens a sensação de que o teu dom está programado por forças superiores?

— Sim.

— Como as percecionas?

— Mais frequentemente ouço uma voz.

— Viste-as?

— Sim. Figuras transparentes, semelhantes a reflexos humanos na água.

— Por desejo de quem se realiza o contacto, delas ou teu?

— Geralmente por desejo delas, embora eu as possa chamar.

— Como percecionas um falecido: em carne e osso, em forma de espírito ou de outro modo?

— Vejo a sua imagem e ouço a voz.

— Existe transmigração de almas?

Cala-se.

— Existiram na terra grandes civilizações desconhecidas para nós?

— Sim.

— E muitas?

Não responde.

— Dar-se-á um encontro com representantes de outros mundos?

— Sim.

— De onde serão?

— De um planeta que na língua deles se chama Vale fim, é o terceiro planeta da Terra.

— Poderemos estabelecer contacto telepático ou outro qualquer com eles?

— Não. Eles próprios entram em contactos».

A vida de Vanga foi trágica. Aos doze anos de idade, ficou subitamente cega, ao ser apanhada numa faixa de tornado durante uma tempestade de poeira. No entanto, o dom de clarividência manifestou-se nela apenas quatro anos depois. Como contacta Vanga com os visitantes?

Pega num pedaço de açúcar trazido pelo visitante, apalpa-o cuidadosamente e depois diz o nome de quem chegou. E depois começam os milagres. Vanga informa praticamente sem erros datas isoladas da vida do visitante, diz nomes dos seus parentes e próximos, vizinhos e amigos, enumera nomes de cidades e aldeias onde nunca esteve e de que nem sequer poderia ter ouvido falar. Declara que "vê" parentes, paisagens e até eventos passados. Mas a impressão mais forte causam as predições de Vanga, que, como afirma o professor Georgi Lozanov, que "descobriu" Vanga e investigou as suas capacidades ao longo de mais de duas décadas, se cumprem aproximadamente em 70% dos casos. Mas até esta cifra monstruosa pode revelar-se claramente subestimada, pois a vida continua e o que ainda não se cumpriu pode realizar-se no futuro.

Uma vez Vanga declarou no círculo dos seus parentes: «Estou presente em todos os pontos quentes do planeta, vejo confrontos militares, sou testemunha de terríveis derramamentos de sangue, prevejo cataclismos e desgraças naturais. Vocês à noite dormem, e eu folheio as páginas da existência humana e vivo as tragédias de muitos e muitos pessoas».

Vanga assegura que ao lado dela está sempre uma mulher bela e alta, vestida de roupas branco-azuis, que os que a rodeiam não veem. O visitante que chega, pelo próprio facto da sua presença, provoca no seu consciente várias imagens da vida dele, e aquela que está sempre ao lado diz a Vanga as palavras necessárias, que ela transmite aos que a rodeiam.

Citarei apenas alguns exemplos das predições de Vanga.

O sensitivo e parapsicólogo V. I. Safonov escreve:

«A primeira coisa que pedi a Vanga foi que me informasse sobre o destino das raparigas desaparecidas. Aqui é preciso dizer que, segundo o meu diagnóstico, feito ainda antes da partida para a Bulgária, a criança desaparecida em Jurmala está morta, e a criança de Kaluga está viva... Aproximei as fotografias mais da mão de Vanga, e ela, mal tocando com os dedos na primeira, disse secamente que a rapariga estava morta. Calei-me e aproximei a segunda fotografia. "E esta — disse Vanga —, esta está viva, mantêm-na por resgate"».

Aconteceu que as nossas conclusões com ela coincidiram. Já de regresso a Moscovo, soube que a rapariga de Kaluga foi encontrada com uma mendiga qualquer».

Aqui gostaria de me afastar um pouco do relato sobre Vanga e contar como os clarividentes e sensitivos determinam pela fotografia se uma pessoa está viva. Vi repetidas vezes como isso é feito por A. M. Tulupov e outros sensitivos. Eles afirmam que qualquer fotografia de uma pessoa guarda nela vestígios de eventos anteriores. Pela fotografia pode dizer-se de que doenças sofreu e de que padece atualmente a pessoa, se está viva ou morta. Mais ainda, pela fotografia pode determinar-se com grande grau de certeza de que morreu a pessoa.

A mim, como presidente do fundo de misericórdia, por vezes pedem ajuda para localizar parentes desaparecidos sem deixar rasto. E então peço que enviem uma fotografia. Melhor se foi tirada pouco

tempo antes do desaparecimento da pessoa. Depois recorro a sensitivos. Nunca digo se alguém já deu previamente uma conclusão pela fotografia, e depois comparo as respostas. Acreditem que, como regra, coincidem. Só depois de pelo menos três sensitivos darem a mesma resposta é que, com muita cautela, comunico aos parentes o que aconteceu à pessoa cujo aspeto está registado na fotografia.

Com Tulupov realizei a seguinte experiência: espalhei diante dele várias fotografias, entre as quais estavam amigos e parentes meus vivos e falecidos. E imaginem, Anatoli Mikhailovitch não se enganou uma única vez — disse corretamente quem dos registados na fotografia está vivo e quem já não está entre os vivos.

Casos semelhantes não são clarividência, mas leitura de informação biológica registada nas fotografias.

Mas Vanga realmente faz milagres.

«...Vanga pegou num pedaço de açúcar pertencente a uma conhecida minha, cujo diagnóstico de doenças oculares não estava estabelecido. Vanga rodou-o nos dedos e disse que essa mulher precisava de examinar o fundo do olho, deitar-se mais cedo e falar menos. O que disse coincidiu plenamente com as minhas suposições e com o que mais tarde descobriram no laboratório do notável inventor do método e do aparelho para combater o estrabismo e a miopia Yu. A. Utekhin», — conta V. I. Safonov.

— Mas o mais surpreendente é a predição infalível do futuro.

Eis o que escreve Krassimira Stoyanova:

«A esposa do vizinho Milan Partenov estava sentada a chorar, há muito que não havia notícias do marido... “Não chores e vai depressa para casa preparar o jantar, porque o teu Milan chega esta noite de roupa interior — disse-lhe de repente Vanga —, vejo-o. Ele agora esconde-se num barranco não muito longe da cidade”.

A mulher pensou que Vanga dizia aquilo por pena e pouco depois foi-se embora. Preparou o jantar e esperou até à meia-noite, mas o marido não chegou. Zangou-se consigo mesma... e deitou-se. Pouco depois acordou-a uma batida baixa mas insistente, olhou assustada para a janela e quase desmaiou. No pátio estava o seu Milan realmente de roupa interior. Fugira do cativeiro e escondera-se durante muito tempo, até conseguir chegar a casa.

Segundo o testemunho de uma das parentes de Vanga, em abril de 1942 a casa delas foi visitada pelo czar búlgaro Boris III. Mal o alto visitante pronunciara palavras, Vanga começou a falar: "O teu reino cresce, estendeste-te muito amplamente, mas prepara-te para caber novamente numa casca de noz. ...Prepara-te... Lembra-te da data 28 de agosto.

O czar não perguntou mais nada e pouco depois foi-se embora. Morreu a 28 de agosto de 1943».

Não posso dizer quão verídico é este caso. Num pequeno artigo (Komsomolskaia Pravda. 1989. 11 de agosto) A. Stroev, citando um investigador anónimo do manuscrito de Krassimira Stoyanova, indica que esta "descoberta" ocorreu puramente por acaso durante uma conversa entre o autor do livro e Vanga.

Diante de mim estão testemunhos da escritora, membro da União de Tradutores da Bulgária, Elena Andreeva.

«Tu... regressarás à mãe, mas isso acontecerá tarde e só se a tua mãe o desejar muito». Na altura essas palavras não me impressionaram. Lembrei-me delas dez anos depois, quando por circunstâncias fui expulsa da casa paterna e só com grandes esforços da mãe consegui regressar. À minha pergunta sobre o filho respondeu: "Nada de grave, melhorará quando lhe mudares o ar..." Assim aconteceu, transportaram o rapaz para outra cidade e pouco depois melhorou.

«Mudarás de profissão, nela obterás reconhecimento público, mas com grande atraso».

Na altura em que E. Andreeva voltou a Vanga vários anos depois, todas as profecias se tinham cumprido. Mudara de profissão (durante muito tempo antes do trabalho literário fora engenheira), mudara-se para outra cidade.

Krassimira Stoyanova encontrou certa vez em casa de Vanga Sviatoslav Roerich. «Ele estava sentado em silêncio defronte de Vanga, e a tia falava com voz uniforme e calma, a sua voz habitual, sem entoações e como que mesmo sem emoções. Via o gabinete de trabalho de Roerich, via um grande vaso de cerâmica com terra cuidadosamente cultivada, e nele uma flor — um lírio branco, verdadeiramente de alabastro, como símbolo de beleza celestialmente pura. Vanga disse: "Esta é a maior decoração espiritual da tua casa.

O belo lírio brilha para mim com a prata das neves eternas sublimes do Tibete e dos Himalaias. Dali, do Tibete, começou a história da humanidade, ali deve procurar-se as suas raízes, ali — a explicação de muitos enigmas surpreendentes da vida terrena do homem e das pessoas. O teu pai — continuou Vanga, dirigindo-se a Roerich — não foi simplesmente um artista, mas também um profeta inspirado. Todas as suas pinturas são intuições, predições. Estão cifradas, mas um coração atento e sensível sugerirá ao espectador a cifra, e o sentido das telas esclarecer-se-á. Deves com todo o empenho continuar a obra do pai. Assim está predestinado"».

Impressão indelével causou Vanga na académica N. P. Bekhtereva:

«... A Vanga relacionava-me inicialmente de forma extremamente crítica. A minha razão educada materialisticamente não foi abalada nem por livros, nem por testemunhos de testemunhas oculares. Quase todos os cientistas calavam-se, e aqueles que se arriscavam a comentários convergiam na opinião de que Vanga tinha um quadro de informadores que obtinham todas as "referências" sobre cada visitante dela. E para formar alguma

opinião, era necessário convencer-me pessoalmente de que pessoa era aquela. E agora sei... vivem e gozam de saúde verdadeiros clarividentes, que predizem o futuro com grande fiabilidade, "vendo" não só o passado, mas também o presente escondido dos olhos...» (Nauka i Religia. 1992. Nº 3). E como não acreditar em clarividentes, se tudo o que Vanga predisse a Natalia Petrovna, pelas suas próprias palavras, se cumpriu.

Nunca me aconteceu encontrar-me com Vanga, nem na Bulgária estive alguma vez. Mas com uma das clarividentes búlgaras encontrei-me na I Conferência de Toda a União sobre problemas de troca energoinformacional na natureza.

Vera Kochovska foi apresentada à conferência pelo conhecido filósofo, membro-correspondente da AN da URSS, homem que dedicou muitos anos ao estudo de sensitivos e diversos fenómenos anómalos, A. G. Spirkin. Conhece a clarividente há muito. Certa vez recorreu a ela com o pedido de ajudar a localizar livros desaparecidos da dacha sobre problemas de parapsicologia. No nosso tempo, tais livros não têm preço — considerando a parapsicologia "prostituta vendida do imperialismo", durante muitas décadas não publicámos artigos e livros sobre este problema.

Fácil imaginar o desgosto de uma pessoa que, durante muitos anos, apesar das proibições e ordens imperativas "cessar os desacatos", estudava fenómenos parapsicológicos e perdeu o apoio mais essencial para as suas investigações — raríssimos livros antigos.

— Ela como que se desligou da realidade e se entregou completamente ao poder da informação que a invadiu — contava Alexander Grigorievitch. "Os livros foram levados por uma pessoa chamada Petr, quatro livros levou a vizinha, além disso, livros levou o teu parente Oleg. E ainda uma pessoa que não suspeitas de roubo". Tudo se confirmou plenamente. Se aos primeiros três realmente suspeitava de que tinham levado livros, do quarto nem podia pensar. Mas os livros estavam também com ele.

Vera Kochovska contou de que padece a esposa de A. G. Spirkin, nomeou que medicamentos toma a doente, determinou quais não lhe convêm por incompatibilidade individual e logo aconselhou substituí-los por infusões de ervas, enumerando os nomes destas e contando detalhadamente que ação exercem. Kochovska descreveu todos os colaboradores com quem trabalha A. G. Spirkin e a cada um deu uma caracterização bastante exata.

Mais tarde falou pelo telefone com uma mulher cuja filha precisava da sua ajuda (via muito mal) e começou a tratar a rapariga, propagando "impulsos de energia curativa" a uma distância de mais de 2000 quilómetros. Durante a sessão disse inesperadamente: "Apaguem a luz à esquerda, perturba-me", e depois perguntou à rapariga doente: "Por que fechaste os olhos, dói-te?" Todo o procedimento durou cerca de dez minutos, após o que a mãe da criança comunicou que na rapariga o visão melhorara significativamente.

Sentada no quarto do hotel, Vera Kochovska indicou exatamente que pessoas se encontravam num dos quartos do andar vizinho e o que faziam.

Sobre Kochovska caiu uma chuva de perguntas.

Estranho como são semelhantes os destinos de Vanga e Vera. Aos 11 anos, Vera sofreu um acidente de automóvel, após o qual passou oito meses engessada. Durante muito tempo esteve inconsciente. Quando acordou, disse que viajara para algum lado muito muito longe. Esta viagem durou infinitamente. Já as suas primeiras palavras após voltar a si impressionaram os que a rodeavam. Declarou que via todos os órgãos internos e começou a descrever a sua localização.

— Claro que na altura não conhecia anatomia, e era-me difícil convencer os médicos de que via os intestinos como um novelo de serpentes e o fígado. Só mais tarde comecei a distinguir órgãos isolados e a ver se estavam deslocados.

Vera não distingue imediatamente a imagem. Os quadros passam rapidamente, como numa fita de cinema. Primeiro sente um fundo vermelho, que como que se aproxima de longe, depois nesse fundo destaca-se o aspeto de uma pessoa, porém os traços do rosto estão desfocados, e só à medida que se aproxima se tornam mais nítidos.

Tendo observado atentamente a sala, Vera notou que aqui se reuniram principalmente pessoas com energia "boa", mas há também invejosos, céticos e até mal-intencionados. E no entanto a maioria dos presentes são aqueles que abrirão os olhos do mundo para novos fenómenos não decifrados e contribuirão com todas as forças para salvar o nosso planeta da perdição.

À pergunta sobre como vê o futuro do nosso país, a clarividente respondeu que tudo correrá bem, mudanças sensíveis chegarão no máximo em dezassete anos. Ora bem, muitos dos que vivem no nosso tempo poderão verificar se Vera Kochovska tinha razão.

Na conferência falaram também outros clarividentes — Tatiana Samarkina de Lissitchansk da região de Vorochilovgrad, S. Shaulko, que declarou ter predito o voo de Rust da RFA para Moscovo, assim como previra o terramoto na Arménia, sobre o que informou V. Korotitch e M. S. Gorbachev por telegramas.

Visivelmente, há possibilidade de verificar esta afirmação.

Sobre o notável preditor himalaio Tuleiram contou nas páginas do jornal "Pravda" de 31 de dezembro de 1990 A. Petcherski. Em particular, à pergunta sobre quanto tempo durarão as dificuldades no nosso país, o guru deu a seguinte resposta:

«Dez anos, talvez quinze. Mas este prazo pode ser alterado. Se as pessoas tenderem para a espiritualidade, o autoaperfeiçoamento, para que cada um se torne mais bondoso e melhor, veja no seu vizinho um amigo, e não inimigo, um irmão, e não estranho. E os seus defeitos, notando-os todos os dias — eliminasse.

Em suma... tudo está nas mãos do próprio homem».

Não é verdade que a predição do grande guru Tuleiram coincide em muito com o que profetizou ao nosso país Vera Kochovska.

Casos interessantíssimos de clarividência surgidos durante o sono cita N. S. Novgorodov.

«A estudante Vera M. "chumbou" duas vezes no exame. Na véspera da tentativa seguinte choramingou às raparigas, e algumas aconselharam-na a colocar à noite um copo de água debaixo da cama, para ver em sonho que bilhete calharia no exame. Vera a rir assim fez. Em sonho viu-se no exame e o bilhete com as perguntas — o épico heroico germânico e o "Macbeth" de Shakespeare. De manhã Vera por precaução preparou-se nesses temas, foi ao exame e calhou-lhe exatamente esse bilhete. O segundo sonho análogo viu-o meio ano depois na sessão seguinte. Simplesmente pensou — não seria mau ver novamente em sonho qual seria o bilhete. Isso foi suficiente — calhou-lhe exatamente o bilhete que sonhara.

Outro caso, ainda mais impressionante, ocorreu em 1964. Uma mulher sonhou que estava no meio de uma divisão de uma casa de madeira, olhava para um grande forno russo e via como este se partia ao meio. "De cima para baixo em escada foi uma grande fenda até ao próprio chão, e dessa fenda jorrava uma enorme chama e rompia para o teto e para os lados... A fenda era irregular — em cima um tijolo, abaixo dois, depois três, abaixo quatro, depois novamente um tijolo, dois, três, quatro".

Aproximadamente duas semanas depois a mulher foi visitar parentes na aldeia. Deitaram-na num celeiro quente. E de repente a meio da noite ouve um grito terrível. Saltou do seu leito, correu para casa e viu o forno partido, de que jorrava chama. A fenda era irregular e correspondia exatamente ao desenho visto em sonho».

A irmã de N. S. Novgorodov viu em sonho cinco números e, preenchendo dois cartões "5 de 36", ganhou uma soma bastante grande.

A 22 de abril de 1984, o jornal *"Sovetskaia Rossia"* noticiou sobre um residente de Kostroma, **I. Schukin**, que ganhou 10 138 rublos na lotaria desportiva. Antes do sorteio, sonhou com os números com que preencheu oito cartões. No entanto, o recorde de prémios em lotarias associados a sonhos prévios pertence ao americano **Michael Gabriel**, que recebeu 10,5 milhões de dólares.

Os casos de clarividência frequentemente impressionam a imaginação. Há mais de quatro séculos, vivia em França um homem extraordinário — **Michel Nostradamus** (1503—1566). A sua popularidade no país era enorme. Tornou-se famoso pela luta contra epidemias, desenvolveu meios eficazes "contra a peste". Mas a sua fama cresceu especialmente após a publicação das *"Cênturias"* — livro sobre uma imaginária viagem do autor pelas futuras sortes da humanidade do século XVI até ao sétimo milénio.

Muitas das profecias de Nostradamus cumpriram-se. Predisse com exatidão as datas das duas guerras mundiais, a derrota nelas da Alemanha e o seu subsequente florescimento, o nome do führer (o clarividente mudou nele apenas uma letra — escreveu Hister), o tiro da "Aurora" e até os eventos que nós com vocês vivemos no presente.

A clarividência — fenómeno longe de ser raro. Ora, como explicar por que uma adivinha soube que o notável poeta russo **Igor Severianin** sofreria uma catástrofe ferroviária, embora ficasse vivo? E assim aconteceu. Apenas uma vez **I. Severianin**, após a predição, sentou-se num vagão ferroviário. E a viagem até ao destino não era longa — apenas duas horas. E teve de acontecer que exatamente nesse dia ocorreu uma catástrofe ferroviária com a composição.

Quem pode explicar as intuições de **Charlie Chaplin**? Uma vez entrou numa sala de jogo, viu 3 roletas, disse que sairia 9-4-7, rodou-as todas e saiu exatamente 9-4-7? Como explicar que recusou beber um copo de água, embora tivesse muita sede, numa lojinha onde nesse dia a dona foi envenenada com estricnina? Como provar que não foi por acaso que, numa Stratford desconhecida, à

noite foi ao acaso à procura da casa de Shakespeare e a primeira fósforo iluminou-lhe a placa "Casa de Shakespeare"? Como não acreditar na clarividência deste mago do cinema, quando, apertando a mão a um sacerdote americano em Hong Kong, brincou, sentindo a aspereza da palma: "Espero que não seja lepra?" — e soube um ano depois que ele morreu, infetado com lepra?

Como não acreditar na clarividência, se uma das estudantes do nosso instituto às vezes aprendia apenas um bilhete e era exatamente esse que lhe calhava.

Ora, quanto a bilhete no exame. Um conhecido meu engenheiro T. decidiu jogar na lotaria desportiva. Comprou apenas um bilhete e escreveu seis números. Mas de repente, inesperadamente para todos, rasgou o bilhete, tendo por precaução anotado os números num bloco. Passado algum tempo, soube que poderia ter ganho uma soma grande.

— Não rasguei o bilhete por acaso. Já vários dias antes do sorteio sabia que cairiam exatamente esses números. Desde então não jogo mais na lotaria desportiva. Nem compro bilhetes de lotaria, pois se quiser, posso dizer em que números cairão os prémios.

E como não acreditar em V. Messing, que numa conversa com Yaroslav Golovanov declarou:

— Veja lá, que coisa... Eu afinal posso conhecer o futuro... Sei que isso pode invejar-se, mas acredite, não me alegro com este dom. Às vezes apresentam-me uma pessoa e eu logo vejo que ela morrerá em breve. E a pessoa é alegre, simpática, não sabe disso e não se pode dizer. Como dizer? E fica tão pesado na alma...

— Vê sinais de doença incurável no rosto dele, nos olhos, na cor da pele — onde? — perguntou Golovanov.

— Não vejo sinais nenhuns, simplesmente olho para ele e sei que morrerá em breve. Entende, eu próprio gostaria de explicar de que modo adivinho e predigo, mas não posso explicar... Simplesmente no fundo da consciência surge uma certa convicção

de que é assim e não de outro modo. Não é preciso duvidar, não é preciso tentar explicar por que é assim.

Como não acreditar em **Nikolai Konstantinovich Roerich**, que no ensaio "Quarenta anos" escreveu:

«...Em lado nenhum estão registados os trabalhos e conhecimentos da minha Lada (Elena Ivanovna Roerich. — B. K.) ...Em lado nenhum se diz sobre o dom de previsão. E todos nós somos testemunhas de como antes dos abalos russos foram indicados os eventos vindouros. Em 1927 no Tibete foram indicados os eventos em Espanha. Em 1929 foram detalhadamente indicadas as desgraças dos grandes exércitos sob Dunquerque. E com que detalhes indicativos foram previstas os eventos. E a Finlândia, Inglaterra, a carnificina em Khotan, a entrada das tropas russas na Polésia polaca, a passagem das tropas pelo Irão, mas então conhecia-se como Pérsia. Foram preditas as intenções do Japão e as sortes da China. As pessoas recebiam avisos e, como de costume, não lhes prestavam atenção... Dos cientistas Bekhterev escutava atentamente, e depois vários médicos e investigadores passavam indiferentes».

E eis como conta sobre o seu dom de previsão a própria **Elena Ivanovna**:

«Sempre sei quando haverá terramotos ou outras desgraças. Não só por visões de atmosfera saturada de vermelho, mas também por sensações físicas... Assim, quando vejo estrelinhas pretas, frequentemente significam uma desgraça que se aproxima e aviso em relação à saúde... Lilases, azuis e prateadas, às vezes douradas — sempre mensageiros bons ou proximidade das emanações do Mestre. Amarelas avisam de possível perigo, vermelhas indicam tensão extraordinária na atmosfera e pode esperar-se tempestades, terramotos e até revoltas.

Geralmente, quando penso em algo ou tomo uma decisão, ou leio algo, e se for preciso confirmar algo, aparece uma faísca azul-

prateada, como que sublinhando o conceito ou decisão necessária. Às vezes todo um lugar é como que riscado por uma faixa luminosa e sei que esse lugar deve ser retirado. Acontece que toda a página brilha com uma luz prateada extraordinariamente brilhante...

Durante a guerra e nos anos da revolução comecei a sentir ataques de forte dor no estômago, melhor no plexo solar... A sensação... pode comparar-se à sensação de movimento e até como que rotação de algo vivo no estômago... Essas dores aparecem dois dias antes de grandes terramotos ou outros cataclismos elementares, também em explosões de tumultos populares».

Conheço uma massa de casos de clarividência, mas nem sempre posso garantir a sua veracidade. Mas eis um que não suscita dúvidas.

Encontro certa vez no corredor do instituto uma mulher desconhecida. E de repente ela lança-se para mim:

— Que bom que a encontrei. Vi-a várias vezes na televisão. Preciso muito, muito falar consigo. Não terá trinta minutos, no máximo quinze para mim? Hoje devo partir. Vivo num centro distrital, em Chita por assuntos.

Combinamos o encontro. Diante de mim uma mulher jovem de trinta e três anos. Desde as primeiras palavras fica claro que é uma pessoa fora do comum.

— Não sei o que fazer comigo. Persegue-me constantemente o medo de perder a filha. Não pense que não tenho bases para isso. Infelizmente tenho, e compreendo-o perfeitamente. Ouça. Na infância adorava o meu pai. Casou-se tarde, fui a primeira filha. Amava-me muito, mimava-me e era para mim uma autoridade inquestionável. Fui para a primeira classe. E aqui aconteceu algo comigo. Comecei a temer perder o pai. Regressava da escola toda em lágrimas. Todo o caminho para casa pensava que não o encontraria vivo. E imagine, em agosto de 1965 ele morreu tragicamente na produção.

Não sei como sobrevivi a esta tragédia. Depois — a história com o futuro marido. Apaixonei-me até à perda da consciência. Única luz na janela. E já não era jovem, trocara os vinte e sete. Esperava um filho. E de repente ele declara-me que não pode casar, pois está incuravelmente doente. Acontece que tinha epilepsia. E já nos conhecíamos há cerca de um ano e nunca observara ataques nele. Verdade, às vezes como que se desligava, não ouvia o que eu dizia. Mas afinal isso são ninharias. Claro, comecei a convencê-lo de que nunca o abandonaria. Nem que estivesse doente-doente, completamente imóvel, mesmo assim concordaria em cuidar dele, como de uma criança amada doente.

Em resumo, convenci-o e casámos. Acredite, nesse dia não havia no mundo pessoa mais feliz do que eu. Como agora recordo, está ele deitado no divã, pensativo, e eu beijo-o no pescoço. E de repente um pensamento terrível passou: "Beija, beija, para que o pescoço fique mais suave à corda". Passou e foi-se. Eh, se isso acontecesse agora, quando tanto novo aprendi. E então... Lia o livro "Segredos da memória", não recordo o autor. E estava convencida de que telepatia, clarividência — tudo isso delírio... Em resumo, quando adormeci, o marido enforcou-se. Até agora não consigo perdoar-me. Agora sei, temia ele que a doença se transmitisse ao nosso filho por herança.

Imagine em que estado fiquei. E passados 6 meses nasceu-me a filha. O parto foi incrivelmente difícil. Tive de engolir um punhado de comprimidos. E a filha nasceu com trauma cerebral... Não, não, não pense, ela é uma maravilha. E desenvolve-se bem. Aos dois anos e meio já conhecia todas as letras, agora sabe ler, e é ainda tão pequenina. Mas a saúde não é boa. Síndrome diencefálico... Pressão intracraniana elevada. Constipa-se frequentemente. Provavelmente o sistema imunitário está perturbado. O senhor ocupa-se de imunidade, talvez aconselhe algo. E não sei como livrar-me dos pensamentos terríveis. Afinal, não demora muito a enlouquecer.

Não contarei o que decidimos e que recomendações dei à mulher perturbada. Que isso fique segredo profissional. Mas este caso literalmente abalou-me. E não tenho bases para não confiar na minha paciente.

E eis ainda um caso impressionante de clarividência.

Há quase 40 anos que sou amigo da família de engenheiros Rubinitchik. Certa vez ouvi da esposa do meu amigo, Alevtina Alexandrovna, o seguinte relato.

— Isso aconteceu vários meses antes da guerra. Morria o irmão mais velho da mamã — Pavel. Compreendia perfeitamente que vivia os últimos dias. Os médicos supunham meningite. Acontece que esfregara o pescoço com um cachecol e nesse lugar formara-se um carbúnculo. Trataram-no durante muito tempo com pomada de Vishnevski, mas a doença progredia, e quando decidiram operar, já era tarde.

Dois dias antes da morte chamou o irmão Mikhail e comunicou-lhe que à noite, quer em sonho, quer em delírio, aparecera-lhe Dante e comunicara que a 22 de junho desse ano começaria uma guerra terrível. Pedia a Mikhail que anotasse essa data e comunicasse a todos os membros da numerosa família. Além disso, nomeou todas as datas em que morreriam os seus irmãos e irmãs. Mikhail escutou o irmão moribundo, mas relacionou-se com as suas palavras com desconfiança, embora anotasse as datas nomeadas por Pavel.

A 22 de junho de 1941, quando no rádio foi anunciado o discurso de Molotov, a pequena Aia de dez anos gritou: "Mamã, mamã, vai falar Molotov! É guerra!" E no mesmo minuto tocou o telefone. As mesmas palavras ainda antes do discurso de Molotov pronunciou a irmã de Pavel — Lidia.

Não sei se se cumpriram as predições de Pavel sobre as datas de morte dos seus irmãos e irmãs, Alevtina Alexandrovna assegura

que se cumpriram. Recorda que a primeira morte foi predita a Mikhail. Assim aconteceu — morreu em 1944 na frente.

De toda a grande família vive agora apenas a irmã mais nova, mãe de Alevtina Alexandrovna — Vera Lvovna. Tem 93 anos. É uma velhinha muito vigorosa, que faz o principal trabalho em casa. Conservou boa memória e recorda perfeitamente os eventos daqueles dias:

— Às palavras de Pavel todos nos relacionámos com desconfiança. Mikhail comunicou-nos apenas a data do início da guerra. A nota rasgou-a, e nenhum de nós sabia a data exata da sua morte. Talvez Pavel tivesse razão — agora já não se pode estabelecer. Mas a data do início da guerra nomeou-a absolutamente exata. Não recordo se Aia gritou que começara a guerra. Mas que telefonou Lida — confirmo. Recordo que me assustei terrivelmente. Não, não por mim, pelos meus filhos. Logo compreendi que a guerra seria terrível.

A clarividência em sonho encontra-se especialmente frequentemente. Em outubro de 1989 estive na RPDC. Uma vez sonhei que morria uma pessoa próxima. Primeiro decidi que era um parente, embora não pudesse compreender quem. Tinha uma pena louca dele, e em sonho desatei em soluços. No entanto, pouco depois compreendi que morria não um parente, mas uma pessoa com quem trabalhara em Chita no instituto médico. Continuei a soluçar, não compreendendo por quem afinal chorava. Logo após o sonho acordei. Sentia-me mal. Saber algo na Coreia não podia. Na nossa companhia não se falava de mortes.

Ao chegar a Khabarovsk, soubemos que dois dias antes morrera Petr Fedorovich Stepanov, com quem trabalhara quinze anos no instituto médico.

Quando contei o meu sonho a Nelli Yuryevna Kim, assistente da cátedra de anatomia normal, que se relacionava muito bem com o

falecido — ele fora o seu orientador científico —, ela disse que na véspera da morte dele vira um sonho análogo.

É bem possível que seja coincidência. Mas penso que é manifestação de clarividência. Nenhuma informação sobre a doença do colega me chegara, sempre o considerara uma pessoa muito saudável.

Um caso interessante nos primeiros dias do nosso conhecimento contou A. M. Tulupov. Quando casou, o sentimento de apaixonamento e encanto pela jovem esposa era especialmente aguçado. Mas uma manhã acordou no momento em que a esposa se vestia. No quarto estava escuro, e de repente... de repente viu o esqueleto de uma jovem mulher.

— Foi um espetáculo terrível. Via literalmente cada articulação. Moviam-se os ossos. Fechei os olhos, mas quando os abri, a visão repetiu-se.

— Pense só — rindo, dizia Lyubov Nikolaevna — esposa de A. M. Tulupov, mulher muito simpática e encantadora —, recém-casados, e ele em vez de ver em mim uma mulher, viu um esqueleto.

Ver o "esqueleto" Anatoli Mikhailovitch teve de fazer ainda uma vez. Garanto-vos que Tulupov é abstémio. Às vezes numa companhia bebe um copinho de vodca, mas disso tenta abster-se. Certa vez numa companhia de bons amigos Anatoli Mikhailovitch celebrava o aniversário. Ao lado dele sentava-se uma jovem mulher. Tulupov bebeu um pouco, mas não estava bêbado. Inesperadamente dirigiu-se à vizinha:

— Ouve, Tonia, há muito que te dói a perna direita?

— Que é isso, Tolia, não me dói.

— Mas passa pela tíbia.

A mulher tocou na tíbia, mas dor não sentiu.

— Sim, um pouco mais abaixo.

E aqui a mulher inesperadamente gritou.

— Ai, como dói!

— Afinal tens aí uma fissura.

— De onde tiraste isso? Não há nem pode haver fissura.

— Mas vai fazer uma radiografia. Aconselho muito.

A mulher seguiu o conselho e passados alguns dias apareceu novamente a Tulupov.

— Tolia, como soubeste que tenho uma fissura?

— Nesse dia distinguia claramente todos os ossinhos na tua perna e via, via essa fissura.

E aqui Tonia recordou que recentemente caíra, a perna doera, mas pouco depois a dor passara. A radiografia confirmou a presença de fissura, Tonia andou ainda umas duas semanas engessada.

Tulupov impressionou a minha imaginação mais do que uma vez. Não vou esconder que, em momentos difíceis, recorro sempre a ele em busca de conselho.

Certa vez, regressei a Chita após uma longa viagem de serviço e, um dia antes da minha chegada, a minha filha tinha voado para casa. Não a via há muito tempo e antecipava a alegria do encontro. Imaginava como nos sentaríamos a beber chá e como a minha filha contaria, sem parar, o que tinha acontecido durante os meses que passara em Krasnoyarsk.

O avião chegou no horário previsto, exatamente às 18 horas, e pouco depois eu já estava em casa. Para minha surpresa, não encontrei a minha filha.

— E onde está a Lena? — perguntei, desapontado. — Vem já, deu um salto rápido a casa de uma amiga. Por algum motivo, pensámos que chegarias mais tarde.

Passou-se uma hora, depois outra, e a Lena não regressava. Comecei a ficar seriamente preocupado. "Certamente aconteceu algo, a amiga vive no quinto dos infernos, é preciso caminhar por ruas escuras..." Não, eu não me preocuparia tanto por uma filha adulta, mas não podia imaginar que ela se demoraria na casa da amiga no dia da minha chegada.

Às 10 da noite, comecei a sentir-me visivelmente mal. A minha mulher também estava nervosa. E foi então que decidi ligar para Tulupov. Felizmente, ele estava em casa.

Contei-lhe o que tinha acontecido. E ouvi no auscultador uma voz calma: — Não tem nada com que se preocupar. Está tudo bem com a Lena. Ela chegará em breve. — Quando? — Vamos perguntar agora à biorama. Vejamos... às dez horas e trinta minutos ela não estará aqui. Às quinze para as onze — também não. Ah, ela chegará exatamente às onze horas. — Pois bem, veremos — e desliguei o telefone.

A hora aproximava-se das onze e não se ouviam passos no corredor. Ouviu-se o sinal horário exato. Não aguentei e peguei no telefone para ligar novamente para Anatoly Mikhailovich. Nesse momento, ouvi a chave girar na porta. Afinal, a minha filha estava convencida de que eu só chegaria no dia seguinte.

Agora imagine que o telefone toca no seu apartamento e lhe propõem encontrar-se com uma menina que pode falar sobre o seu passado e o seu futuro.

E eis que está à minha frente uma miúda muito simpática, com finas tranças loiras e olhos azuis claros. Ela não se sente nada intimidada pelo senhor respeitável e comporta-se de forma absolutamente descontraída.

— Como te chamas? — Zhenya.

Seguiu-se a conversa habitual de um adulto com uma criança. Descobriu-se que Zhenya tinha nove anos. Aliás, não aparentava mais do que isso; no máximo, dar-se-ia mais um aninho. Zhenya

estuda numa escola normal e numa escola de música. Em ambas, está na terceira classe. Na escola de música teve muita sorte: tem uma professora excelente, que compreende a música com sensibilidade.

— E como correm os estudos? — Bem. É verdade que na escola de música às vezes é um bocado difícil. Mas é interessante na mesma. Sabe, quando fecho os olhos, vejo aquilo que o compositor contou na música. Tocam Tchaikovsky e eu vejo como tudo à volta é bonito, vejo um prado, e no prado dançam raparigas de branco. Ou então, quando tocam Bach, vejo rapazes, também vestidos de branco, a cantar num coro de igreja. — E isso começou há muito tempo? — Sim, há muito tempo.

Mas não é só comigo. Outros no nosso grupo de música também veem, se fecharem os olhos. — Ora, que importa a música — intervém a mãe da menina. — Deixe que ela lhe conte sobre os encontros com "Petr Ivanovich". — E quem é esse, Petr Ivanovich? — É um conhecido meu. — E onde vive ele? — No planeta Neptuno (!!!). Sabe, lá não há casas, há apenas aparelhos com painéis de controlo. É de lá que ele vem. — E ele fala contigo? — Claro. Posso fazer-lhe perguntas e ele responde.

Às vezes não quer responder. Talvez não saiba a resposta ou ache que eu não vou perceber. Uma vez perguntei-lhe o que acontece a uma pessoa quando morre. Ele disse que a alma da pessoa se separa dela e voa para outro planeta. Eu fechei os olhos com força e vi como isso acontece. Acontece que todas as almas são diferentes. As das pessoas boas são brancas, quase transparentes, e as das más são pretas. — E como se comportam elas nos planetas? — Nos planetas não há nada. Mas as almas brancas e pretas vivem separadas.

As almas brancas vivem muito bem, mas as pretas vivem mal. Estão constantemente a lutar, a cair como se fossem atravessadas por uma espada. Não estão nada bem... — E não pedes ao "Petr Ivanovich" para te soprar as respostas quando não estudas a lição?

A menina arregalou os olhos de surpresa e levantou as sobrancelhas. — Não, nunca pensei nisso. — Ainda vai ensinar a minha filha a tirar boas notas sem esforço — intervém novamente a mãe. — O "Petr Ivanovich" só lhe ensina coisas boas. — E podemos falar agora com o "Petr Ivanovich"? — Podemos. Ele foi designado especificamente para mim, para me informar sobre o que acontece ao redor. — Então pergunta ao "Petr Ivanovich" porque é que ele tem um nome russo?

A menina fechou os olhos por um instante, concentrou-se e respondeu: — Ele diz que todos eles têm nomes russos. — E como é o aspeto do "Petr Ivanovich"? — Ele ainda é jovem, tem trinta e sete anos, mas tem uma grande barba preta. E não é como um homem, é quase transparente, branco, como *nevoeiro* ou como um reflexo na água.

— Bem, vamos fazer-lhe uma pergunta difícil. Que ele nos responda onde é que, atualmente no nosso planeta, a situação é mais tensa? — Ele não disse o nome do lugar, mas mostrou-mo. Uma cidade bonita, árvores a crescer, as folhas começaram a cair. Não consigo distinguir mais nada. — Talvez o "Petr Ivanovich" te diga como vamos viver no próximo ano? — Mal, pior do que este. Haverá poucos legumes. Haverá muito pouco de tudo. — E em 1992? — Melhor, mas não bem. — E quando é que vai estar bem? — Em 1996.

Nisto a minha mulher não se conteve: — Pense só, as respostas dela coincidem com o que escrevem os astrólogos Pavel e Tamara Globa. — Bem, até noventa e seis ainda falta muito. O "Petr Ivanovich" não pode responder se tenho irmãos ou irmãs? — Tem uma irmã. Não tem irmão, ele morreu.

Garanto-vos que os meus conhecidos não sabem nada sobre a minha família. Muito menos a própria menina, que me via pela primeira vez, poderia saber algo sobre ela.

— O "Petr Ivanovich" não sabe para onde irei viajar em breve? — Ele diz: para Moscovo. (A mais pura verdade, eu já tinha o bilhete de avião comprado.) — E ainda antes disso, para onde irei? — Ele não consegue nomear o lugar, mas diz que lá há uma montanha verde e, em baixo, uma casa. É lá que o senhor vai ficar. (De facto, para o feriado, eu planeava ir para a estância de "Molokovka".) — E agora pergunta ao "Petr Ivanovich" o que estarei a fazer amanhã?

Uma curta hesitação. A menina está sentada de olhos fechados, depois responde: — O senhor vai estar a escrever algo. À sua frente estará uma folha e o senhor vai passar o que está nela para outra.

"Bem, aqui o teu 'Petr Ivanovich' engana-se", pensei eu. O facto é que a minha caligrafia é horrível, extremamente difícil de decifrar. É por isso que passo sempre o texto diretamente para a máquina. Mas o "Petr Ivanovich" não se enganou. No dia seguinte, não só bati muito texto à máquina, como também conferi textos e os corrigi para a dactilógrafa. Portanto, a Zhenya deu a resposta correta — a caneta esteve muitas vezes na minha mão nesse dia.

— Diz-me, Zhenyechka, tu tens irmão ou irmã? — Tenho um irmão. — E o que é que ele está a fazer agora? — Está a brincar, espalhou cubos e anda com um carro à volta deles. — É possível verificar isto? — perguntei aos meus convidados.

A nossa conhecida, que trouxera a menina e a mãe dela, correu para o telefone: — Volodya, vê o que as crianças estão a fazer?

Naturalmente, não ouvimos o que Volodya respondeu ao telefone. — Bem, e um minuto antes?

Acontece que, no momento em que o telefone tocou, as crianças estavam a sair do quarto onde brincavam. E antes disso, faziam exatamente o que a Zhenyechka nos tinha contado.

— Zhenya, e o que vamos comer amanhã às 2 da tarde?

Acreditem, a resposta foi absolutamente exata. Creio que é suficiente. Fizemos ainda muitas perguntas à Zhenya, mas se as suas respostas se revelarão corretas, o tempo o dirá.

A mãe da menina contou-nos uma série de casos impressionantes em que a Zhenya descreveu com precisão ambientes desconhecidos e o comportamento de pessoas que se encontravam a milhares de quilómetros de casa.

— Sabe o que mais me impressiona? Quando algum de nós tem uma dor, a Zhenyechka recorre ao "Petr Ivanovich" e ele dá conselhos muito úteis. E imagine, ajudam. A própria Zhenya não conseguiria pensar naquilo.

Zhenya trata o "Petr Ivanovich" com indiferença. Se ele existe — ótimo; se não — não faz mal. Na verdade, interessa-lhe pouco o que será amanhã ou daqui a um ano. A criança, como todas as crianças, vive o dia a dia. Mas Zhenya tem a certeza de que, se cometer um ato mau, o "Petr Ivanovich" a abandonará.

Como veem, alguém sopra as respostas à Zhenya, tal como à Vanga. Mas quem é esse "alguém"? Creio que a pergunta que fiz permanecerá sem resposta durante muito tempo.

E, por fim, um dos casos mais únicos de informação telepática e clarividência, sobre o qual me falou Djuna numa das nossas conversas tão interessantes e, infelizmente, muito raras.

— Esta experiência foi realizada por acordo entre o departamento de problemas teóricos da Academia de Ciências da URSS e o instituto americano Bay Bay Research. A essência da experiência consistia em eu descrever o que um certo senhor K. Harary (talvez eu não reproduza o nome com exatidão — B. K.) estaria a fazer em São Francisco, sobre o qual eu nunca tinha ouvido falar antes. Não posso dizer que a experiência tenha sido fácil para mim. Fechei os olhos e imaginei o senhor que não conhecia. Vi que ele saiu de casa para a rua. E passado algum tempo, senti que ele era como que levado pelo ar, ora descendo, ora subindo. Isto durou

pouco tempo. Não conseguia compreender o que significava. Só depois soube que ele andara num carrossel.

Ao todo, descrevi várias dezenas de ações. Não me lembro exatamente quantas respostas foram corretas. Mas tenho o protocolo desta experiência, assinado pelos investigadores americanos. Lá diz que previ muitas ações que Harary realizou posteriormente. Aliás, vi uma praça onde, por alguma razão, aparecia um divã branco e o focinho de um animal com orelhas pontiagudas. E depois soube que no carrossel, entre as figuras, havia um divã e um cavalo de brincar, nos quais as crianças andavam. Lembro-me também que ao lado da praça havia uma catedral. Vi-a nitidamente.

— Djuna, mas como pôde ver tudo isso? Quantas horas depois da sua previsão é que Harary realizou todas as ações que descreveu? — Passadas 6 horas. Quando eu descrevia as ações dele, em Moscovo estava um representante ao meu lado. E em São Francisco, todas as ações eram registadas ponto por ponto por D. e E. Targ. E só depois os protocolos foram conferidos e confirmou-se que muito do que o desconhecido Harary fez, eu previ com exatidão. Mas como?

A essa pergunta é-me muito mais difícil responder. Algo eu vi, sim, sim, vi mesmo, com toda a nitidez; algo me foi sugerido por um pressentimento de que ocorreria exatamente aquela ação. Mas, na maioria das vezes, as imagens sobrepunham-se umas às outras e eu não conseguia compreender que ação Harary quereria realizar. Pois ele podia decidir fazer algo e, no último momento, mudar de ideias e realizar outra coisa. Tenho a certeza de que foi exatamente isso que aconteceu na realidade.

— Djuna, e não será que, em vez de ver o que ele ia fazer, lhe incutiu o que devia fazer? Ou seja, obrigou-o a fazer o que a senhora tinha pensado previamente. — Não, isso não poderia ter sido. Pois eu não sabia onde se encontrava o senhor Harary, se era jovem ou velho, para onde iria, se vivia perto do parque. Não, o mais

provável é que eu tenha pressentido antecipadamente o que ele ia fazer.

— E pode mostrar-me o protocolo assinado pelos Targ? — Claro que posso. Volodya — dirigiu-se ela ao irmão —, encontra o protocolo da minha experiência, aquela em que previ o que aconteceria em São Francisco com o senhor Harary.

Volodya tentou encontrar o protocolo, mas não o achou. Djuna ajudou a procurar, irritou-se, ralhou com os familiares porque eles... "enfiaram o protocolo nalgum lado". Fosse como fosse, não consegui ver o protocolo desta experiência.

Certamente, haverá muitas pessoas que decidirão que Djuna inventou tudo e que, na realidade, tal experiência não foi realizada. Mas eis que, alguns anos depois de ter ouvido esta história, deparei-me com uma pequena brochura de A. N. Perevozchikov, "Sensitivos — Mito ou Realidade", publicada em 1989. E inesperadamente para mim, na página 45, vi a descrição desta experiência impressionante. Só então decidi incluir o relato de Djuna no livro, embora antes já não duvidasse de que ela me tinha contado a verdade.

Todo o mundo sabe do desaparecimento, na Jugoslávia, de dois jornalistas soviéticos, Viktor Nogin e Gennady Kurinnoy. No dia quatro de janeiro de 1992, o "Komsomolskaya Pravda" informou que os sensitivos e videntes jugoslavos se interessaram pelo destino dos jornalistas desaparecidos. Um deles é Mihajlo Stošić. Ele colocou o assistente Dragan em estado de hipnose e incutiu-lhe:

— Farás tudo o que eu pedir... Só a ti te é dado saber o que aconteceu com os telejornalistas soviéticos Viktor Nogin e Gennady Kurinnoy. Agora vais acordar e vou mostrar-te fotografias do Viktor e do Gennady. Partirás com elas em viagem. Ela será, possivelmente, perigosa. Mas não tenhas medo, tu és um homem invisível... Deves regressar ao primeiro de setembro. Ao dia em que Nogin e Kurinnoy partiram para a frente de batalha.

Não faz sentido eu recontar o artigo, ele é bem conhecido dos nossos leitores. Quero apenas recordar que Dragan informou que, supostamente, o carro em que os jornalistas soviéticos seguiam caiu numa valeta, tem o para-brisas e o vidro traseiro partidos, um espelho exterior e o que está no habitáculo — o retrovisor. Segundo o relato do sujeito sob hipnose, ambos os jornalistas estão detidos e colocados numa cave. Estão exaustos, têm mau aspeto, mas mantêm-se com dignidade. São mal alimentados e dão-lhes pouca água. É difícil acreditar que os jornalistas estejam vivos. E, no entanto, apetece muito esperar por um milagre. E se...

A clarividência pode surgir também sob a influência de substâncias narcóticas. Eis o que contou nas suas páginas o jornal da União dos Veteranos do Afeganistão:

"As selvas impenetráveis da Amazónia escondem muitos mistérios. Um deles é a liana de baixo crescimento, a yagé. Ao tomar uma dose de yagé, o homem adormece e surgem-lhe alucinações compostas por pequenas figuras coloridas. Pessoas e animais minúsculos encenam várias cenas, as quais aquele que está sob a ação da yagé observa como que do alto. Segundo alguns investigadores, a descrição destas cenas é surpreendentemente semelhante às dadas pelos videntes que saem no chamado corpo astral.

A sensação da própria personalidade de quem tomou yagé expande-se até dimensões universais, o pensamento consciente é como que totalmente bloqueado, enquanto os processos subconscientes, pelo contrário, tornam-se extremamente ativos e intensos. Num tal estado, o homem adquire a capacidade de 'segunda visão', ou seja, começa a perceber com a retina do olho fenómenos que ocorrem a uma enorme distância, tal como acontece com os médiuns em estado cataléptico. Todos estes fenómenos não podem ser explicados exclusivamente pela ação de substâncias narcóticas, cujo efeito é há muito bem estudado" (*Poisk*. 1990. 24-30 de agosto).

Não me atrevo a dar uma explicação exaustiva para a clarividência, isso está claramente fora do meu alcance. Não compreendo os raciocínios dos cientistas que asseguram que o tempo é capaz de se comprimir e esticar, como uma mola, e que então podemos transportar-nos ora séculos para trás, ora muito para a frente. E, no entanto, quero deter-me numa das hipóteses avançada por um cientista de renome mundial — o cosmólogo Alan Guth. Ele também assegura que é possível regressar atrás no tempo, bem como espreitar muitos anos à frente. E daí à clarividência não falta assim tanto.

Alan Guth avançou, à primeira vista, uma teoria bastante estranha — a teoria da "toca de verme", ou buraco na estrutura do espaço-tempo, ou seja, uma espécie de túnel entre diferentes partes do Universo. Guth e os seus colaboradores asseguram que existe a possibilidade teórica de, num dos estágios de desenvolvimento da civilização, se criarem novos Universos. Estes últimos também podem gerar uma toca de verme, "empurrar-se" através dela e, depois, fechar o buraco atrás de si.

Que relação tem tudo isto com a clarividência? Ora, eis qual: se recordarmos a teoria da relatividade de Einstein, podemos nela vislumbrar o seguinte: objetos muito massivos ou muito densos distorcem o espaço e o tempo ao seu redor. Uma das formas possíveis de tais distorções é um tubo, que pode levar a qualquer lugar no Universo, mesmo que distanciado por milhares de milhões de anos-luz. Na prática, as "tocas de verme" podem ser utilizadas como uma máquina do tempo.

Se houver a possibilidade de mover uma extremidade da "toca de verme" a uma velocidade próxima da luz, então, de acordo com a teoria da relatividade, o tempo nessa extremidade deve abrandar, de modo que essa parte do túnel se tornará mais jovem do que a sua outra extremidade. Qualquer movimento da extremidade "mais velha" da toca de verme para a "mais jovem" resultaria num movimento retrógrado no tempo.

Destas reflexões não falta muito para explicar por que razão os videntes determinam o que aconteceu com uma pessoa há muitos anos. Só não se percebe como podem eles controlar a "toca de verme". Consequentemente, resta responder a uma questão perfeitamente "insignificante", e o problema estará resolvido.

Os próprios videntes explicam as suas capacidades assim: o nosso planeta está envolto por um campo de informação (na antiga Índia chamavam-lhe Jiva). Neste campo estão guardados todos os acontecimentos passados, presentes e futuros. Os videntes são capazes de ler a informação, fixada para sempre no campo de informação.

Esta informação fixa-se e concentra-se melhor em estruturas cristalinas, inclusive em cristais de açúcar.

Como veem, tudo é bastante fácil e simples. Mas quem dará a resposta sobre que campo é este, como se fixa nele a informação, especialmente a daqueles acontecimentos que deverão ocorrer no futuro? E, finalmente, como é lida esta informação, através de que órgãos sensoriais é captada e como se manifesta no sistema nervoso central do vidente?

DUENDES, POLTERGEISTS E EXTRATERRESTRES

Ó, minha alma vidente,

Ó, coração cheio de ansiedade,

Ó, como bates no limiar

De uma como que dupla existência. — *F. Tyutchev*

Quem de nós não ouviu histórias sobre duendes (*domovye*)! Oh, estes duendes, o que eles não inventam. Na maioria das vezes, os duendes são bondosos, guardam o lar, protegem os habitantes da casa de doenças e o gado da peste. Mas os duendes também não rejeitam uma travessura. Ora deixam a porta da isba aberta e

gelam a casa, ora vertem uma poça no meio da sala. Levanta-se a pessoa antes do amanhecer — e põe logo o pé na poça. E o duende fica satisfeito, pregou uma partida à dona da casa. Ou então inventa algo pior. A dona ordenha um balde de leite, traz para casa. Pensa ela: vou dar de beber aos miúdos, tirar a nata, preparar o creme azedo; mas o duende vai e vira o balde. E não há leite nem creme.

Na infância, eu não acreditava nestes contos. Pouco importa o que uma avó analfabeta invente. Afinal, ela não acredita apenas em duendes, em espíritos bons e maus, acredita também em Deus e no diabo. E a mim incutiram-me firmemente na escola soviética que tudo isso é o ópio do povo.

Por estranho que pareça, ouvi falar pela primeira vez da possibilidade de "invocar" espíritos e "conversar" com eles quando estava no segundo ano do instituto de medicina em Saratov. Era muito amigo das minhas colegas de grupo Vera e Olya. Ambas viviam num quarto alugado ali perto — alugavam o quarto à avó Matrona. Vera viera de Tambov; Olga, de um pequeno centro distrital da região de Saratov, Krasny Kut. As raparigas eram cultas, interessavam-se por teatro, iam a concertos sinfónicos, adoravam ópera e ballet, não perdiam noites de poesia, ou seja, viviam como vivia a grande massa de estudantes num centro cultural considerável nos anos do pós-guerra.

Por isso mesmo, pareceu-me estranho quando, a 1 de janeiro de 1947, elas correram para mim muito agitadas e começaram a contar, atropelando-se nas palavras, como na noite de passagem de ano tinham invocado os espíritos de Pushkin e Napoleão e mantido uma conversa com eles.

— Sabes — dizia Vera excitada —, nunca acreditei em Deus nem no diabo, mas o que aconteceu não consigo explicar de forma alguma.

Quem as ensinou a "comunicar com os espíritos" foi a estudante Klava Malyavina. Não sei com quem ela aprendeu esta

ciência. Aliás, naquele tempo conturbado do pós-guerra, muitos recorriam a cartomantes, invocavam espíritos, liam a palma da mão e a borra do café, para saberem algo sobre os seus familiares e entes queridos que não regressaram das frentes da Grande Guerra Patriótica.

— Nós as quatro, na noite de Ano Novo, despimo-nos quase nuas, pois, pelas condições, não devia haver nada de ferro em nós, nem sequer botões. E a mesa devia ser sem pregos de ferro — examinámo-la toda cuidadosamente. Defronte da porta instalámos um espelho bastante grande. Tu conhece-lo bem, está sempre no nosso canto em cima do toucador. Perto do espelho pusemos duas velas grandes, desligámos a luz elétrica. Em cima da mesa pusemos uma grande folha de papel branco, na qual, quando adivinhávamos, escrevíamos várias palavras.

Sobre o papel pusemos um pires e por cima desenhámos uma seta. Todos os que participavam mantinham as pontas dos dedos sobre o pires, e um de nós invocava o espírito e fazia-lhe uma pergunta. E agora imaginem, o pires começava a mover-se gradualmente, primeiro devagar, depois cada vez mais rápido, depois parava, e a seta indicava uma palavra. Assim, gradualmente, formavam-se frases e cada um de nós conhecia o seu destino. Mas o mais interessante é que da porta, que estava aberta, apareceu o espírito que invocámos.

Como apareceu da porta o espírito de Pushkin ou Napoleão, eu não cheguei a perceber.

— Sabes — continuava Vera excitada —, o pires movia-se sempre no sentido dos ponteiros do relógio, mas, depois de dar às vezes duas ou três voltas, parava como que pregado obrigatoriamente perto de alguma palavra. Fizemos tantas perguntas! E para todas recebíamos respostas. E quando a Galka fez uma pergunta estúpida ao espírito de Pushkin, ele respondeu com uma só palavra: estúpida.

Naquela altura, eu já sabia algo sobre atos ideomotores. O professor Evgeny Sergeevich Ivanitsky-Vasilenko falara-nos sobre isso numa reunião do círculo científico, a nós, estudantes do segundo ano. Expliquei às raparigas que uma delas era médium e que era precisamente aos movimentos impercetíveis das suas mãos que o pires "obedecia". Daí as respostas.

— Nada disso, todas tínhamos as mãos no pires; se uma o movesse para um lado, a outra moveria para o outro. E as respostas eram lógicas, e não uma algaravia qualquer. Não, há algo nisto, não é tudo tão simples como pensas.

Voltei a explicar que o médium move involuntariamente o pires na direção desejada.

— Imagina que tu, Olya, fazes a pergunta: "Espírito de Pushkin, diz-me, quem é o meu noivo?" E tu própria pensas: Vladik, Vladik. Então as tuas mãos movem involuntariamente o pires para a palavra "Vladik". Recebes a resposta que queres ouvir do "espírito" de Pushkin. — Se fosse assim! O problema é que o espírito de Pushkin me deu outro nome — disse Olya com tristeza. — Portanto, como vês, as minhas mãos não obedeceram muito à voz da razão.

Não consegui convencer as raparigas. O procedimento em si tinha-as chocado de tal forma que elas não queriam, parecia-me, ouvir a voz da sensatez. Mas eu estava absolutamente convencido de que era um oráculo infalível e que não podia haver outra explicação para este fenómeno misterioso.

Mais tarde, ouvi uma história análoga de uma amiga da minha filha, Natalya V. Ela e a irmã tinham invocado "espíritos" mais do que uma vez. A época do ano e a hora do dia para comunicar com os "espíritos" não tinham importância significativa, mas os resultados eram ligeiramente melhores à noite, quando caía o crepúsculo.

Antes de invocarem os espíritos, as raparigas desenhavam um círculo numa grande folha de papel cavalinho e, ao longo do perímetro, escreviam todas as letras do alfabeto. Em baixo, sob o

círculo, indicavam os números 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 0. No topo, à esquerda e à direita do círculo, escreviam as palavras "sim" e "não", e em baixo — "Espírito, olá" e "Espírito, adeus". No centro do círculo colocava-se um pires no qual estava desenhada uma seta. Se o "espírito" aceitasse entrar em comunicação, então a seta deveria indicar as palavras "Espírito, olá"; se não, "Espírito, adeus".

Natasha e a irmã sentavam-se à mesa e punham as mãos no pires. O médium entre elas era a Natasha.

— Estou absolutamente certa de que o pires desliza não porque os músculos se contraem; ele é movido por uma força qualquer diferente — dizia-me ela.

Certo dia, as raparigas decidiram saber a data de nascimento da mãe e da morte dos irmãos dela. O facto é que a mãe ficara órfã de pai e mãe muito cedo e fora parar a um orfanato. Os documentos dela perderam-se lá, e a sua data de nascimento foi determinada por uma comissão com base no desenvolvimento físico da criança. Os irmãos da mãe da Natasha eram muito mais velhos do que a irmã. Ambos morreram na frente de batalha, mas a mãe não sabia onde nem quando. Foi isto que as raparigas decidiram averiguar.

As irmãs não se atreveram a invocar o "espírito de Pushkin" ou de alguma celebridade. Afinal, o que poderiam saber sobre a família delas escritores ou figuras políticas conhecidas? E então raciocinaram que quem melhor poderia contar sobre si e sobre a mãe seriam os próprios irmãos falecidos.

Nessa noite, souberam que a mãe era dois anos mais nova em comparação com a data indicada nos documentos. Descobriram onde e quando morreram os irmãos da mãe.

E passado algum tempo, a mãe recebeu uma carta do comissariado militar, na qual eram comunicadas as circunstâncias da morte dos seus irmãos. Pouco depois, também se encontrou a sua certidão de nascimento. Quando as raparigas conferiram os seus

registos, ficaram chocadas. Os "espíritos" tinham respondido com absoluta precisão a todas as perguntas.

— Tudo coincidiu ao milímetro. Desde então, nunca mais comuniquei com "espíritos", de tal forma este caso me impressionou — concluiu Natasha o seu relato.

A adivinhação com a ajuda de um pires, de uma chávena ou de um anel de ouro suspenso num fio tornou-se amplamente difundida em meados do século passado. Estas sessões receberam o nome de espíritas (*spiritus* — espírito), e a própria corrente o nome de mesmerismo, em memória do notável médico vienense Franz Anton Mesmer. Ele tratava os doentes com a ajuda de "fluidos de magnetismo" irradiados pelas suas próprias mãos. Posteriormente, os cientistas chegaram à conclusão de que os resultados impressionantes, não raro obtidos por Mesmer no tratamento de doentes aparentemente desesperados, estavam em grande parte relacionados com a sugestão. Sem dúvida, Mesmer era um grande psicoterapeuta, algo de que ele nem sequer suspeitava, embora não negasse que a sugestão no seu método de tratamento desempenhava um papel importante. No entanto, não se exclui que Mesmer fosse um vidente excecional, pois o que ele fazia assemelha-se imenso aos passes realizados pelos sensitivos modernos.

Ao mesmo tempo, o espiritismo não tem qualquer relação com Mesmer. Esta corrente nasceu na América, na cidade de Rochester, e em breve passou para a Europa. Foi um entusiasmo avassalador que tomou conta de todo o mundo, incluindo a Rússia. Não havia, talvez, uma única família da nobreza na qual não se demonstrassem sessões de espiritismo. Até cientistas de renome mundial se deixavam frequentemente levar pelo espiritismo. Estas sessões consistiam no seguinte: várias pessoas sentavam-se em volta de uma mesa e punham as mãos sobre ela. Após a invocação da "alma" de um dos falecidos (um parente próximo ou uma grande

personalidade), a mesa entrava em movimento, começava a balançar de um lado para o outro, nela ouviam-se pancadas, estalidos.

Durante a sessão, os participantes pronunciavam letras do alfabeto, parte das quais coincidia com as pancadas. Em resultado disso, formavam-se a partir dessas letras palavras e frases isoladas, que eram interpretadas como a "voz do além" e serviam como previsões dos destinos das pessoas que participavam na sessão. Tudo isto causava nos presentes uma impressão sinistra. Senhoras e donzelas de nervos fracos, após tais "conversas" com as almas dos mortos, frequentemente desmaiavam.

Mas muito em breve começaram a ouvir-se vozes sensatas de cientistas ilustres da época, que se manifestaram contra a "loucura geral". O físico inglês Faraday, o cirurgião inglês Braid e o proeminente terapeuta russo I. R. Tarkhanov tentaram explicar os fenómenos invulgares que surgiam durante tais sessões. D. I. Mendeleev foi dos primeiros a tentar desvendar os enigmas do espiritismo. Propôs a criação de uma comissão especial, que posteriormente ele próprio chefiou.

A comissão deveria responder à questão de saber por que razão, durante a sessão, ocorrem movimentos de objetos, a mesa desloca-se, ouvem-se sons. Esta comissão trabalhou cerca de um ano. Para excluir o engano, D. I. Mendeleev concebeu uma mesa especial que permitia registar cada pressão, mesmo a mais fraca, das mãos das pessoas envolvidas na sessão. Para participar na experiência foram convidados os médiuns mais famosos da Europa. Em resultado das investigações, a comissão chegou à conclusão de que "os fenómenos espíritas provêm de movimentos inconscientes ou de engano consciente, e a doutrina espírita é uma superstição".

Não há qualquer dúvida de que, entre os médiuns que participavam nas sessões espíritas, havia muitos vigaristas e aventureiros. E, ao mesmo tempo, existe uma infinidade de factos que testemunham que, em certos casos, este fenómeno misterioso não pode ser explicado apenas por atos ideomotores.

Eis um dos exemplos de tal sessão espírita, na qual participaram os professores A. N. Aksakov e A. M. Butlerov. Posteriormente, A. N. Aksakov escreveu a M. P. Pogodin, que também estivera presente nesta sessão: "O senhor desejou mentalmente seis pancadas, e foram dadas seis pancadas". Claro que este fenómeno, se fosse o único, poderia ser atribuído a coincidências — um médium astuto deu por acaso tantas pancadas quantas M. P. Pogodin tinha mentalmente pedido.

Mais astuto revelou-se A. M. Butlerov. Ele fixou ao pé da mesa um dinamómetro e mediu a força com que a mesa exercia pressão sobre este instrumento simples.

"Antes da sessão, a resistência normal equivalia a 100 libras; durante as sessões, quando eu desejava um aumento do peso, o dinamómetro mostrava primeiro 120 libras, e depois 150 libras; quando desejei a diminuição do peso, as indicações do instrumento chegaram às 50 lb., às 35 lb. e, finalmente, às 30 lb.".

"Esta mesa pesava, no geral, 6 pudos [aprox. 98 kg], mas até as senhoras podiam levantá-la com um só dedinho quando assim o desejavam", escreve no artigo "As Travessuras de Jiva" Gennady Sorokin (*Vokrug sveta*. 1889. № 8).

Sobre a mesma experiência fala A. N. Aksakov, resumindo os resultados da sessão espírita. Na sua opinião, pode falar-se com fidedignidade dos seguintes resultados:

1. Presença de movimentos de objetos inanimados sob mãos que não produzem tais movimentos.

2. Alteração do peso dos objetos sem causa aparente.

3. Pancadas ou batidas, não produzidas por nada, e que respondem aos seus pensamentos. Esta conclusão é especialmente interessante. Os participantes na experiência mentalizavam este ou aquele número e, em resposta, obtinham precisamente essa quantidade de pancadas que fora mentalizada.

4. Execução melódica num instrumento ao segurá-lo com uma mão, sem tocar nas teclas. Dificilmente tal fenómeno pode ser um truque; o mais provável é que seja uma das ações misteriosas que, de modo algum, encontram explicação do ponto de vista da teoria dos atos ideomotores.

5. Movimento de objetos inanimados — poltronas, toalha de mesa, campainha — sem toque visível neles. Tal efeito também não pode estar ligado a atos ideomotores.

6. Formação de um corpo temporário, estranho e atuante — um dedo ou uma mão, que se pode apenas sentir ou até ver, o que é confirmado por muitos participantes na experiência. Acrescento da minha parte que tais fenómenos podem ser explicados ou por hipnose de massa, ou por alucinações de participantes individuais na experiência.

No final do século XIX e início do século XX, o interesse pelos fenómenos do espiritismo diminuiu significativamente, no entanto, artigos, relatos e até coletâneas inteiras continuam frequentemente, nos nossos tempos, a agitar a opinião pública.

Eis, por exemplo, o que informou aos seus leitores a revista francesa *Vendredi Samedi Dimanche*, cujo artigo foi republicado pelo semanário *Za rubezhom* № 3 de 1992.

"Especialistas da união francesa de espíritas realizaram, durante a última década, uma série de experiências curiosas. Um grupo de investigadores, que trabalha em Angers, afirma que conseguiu obter macrofotografias nas quais estão captados espíritos em cristais líquidos. Em Paris, trabalhadores de outro grupo tentam provocar o aparecimento de fantasmas em ecrãs de televisão e filmá-los com a ajuda de câmaras de vídeo. As sessões começam com a chamada cerimónia de 'incorporação': o espírito passa (incorpora-se) no corpo do médium e, pela mão deste último, transmite mensagens aos presentes. Tudo isto parece o enredo de um romance de ficção científica, no entanto, especialistas do grupo de Paris demonstram

três imagens de espíritos fixadas em videocassete. Os fotogramas causam uma impressão aterradora."

A médium mais famosa e bem-sucedida de França é considerada Monique Simonet... Ela conseguiu ouvir as vozes de centenas de mortos e gravá-las. Agora, trabalha não só com o gravador, mas também com uma câmara de vídeo, invocando os espíritos de várias pessoas. Além disso, as vozes destes são facilmente reconhecidas por familiares dos falecidos que ela não conhece.

Os fantasmas não aparecem apenas aqui na Rússia ou entre os franceses levianos. Com frequência, eles vagueiam pelas ruas de Chicago, na América, na Archer Avenue. A mais "popular" entre eles é a "Mary Ressuscitada", uma encantadora loira de origem polaca. Foi vista com especial frequência nos anos trinta e quarenta. Mais do que uma vez, abordou condutores de automóveis com o pedido de que a levassem até ao cemitério local. Ao aproximar-se da grade do cemitério, Mary saía do carro e, perante os olhos de condutores estupefactos, "desmaterializava-se", tornava-se incorpórea e penetrava calmamente através dos portões fechados.

Está documentado que alguns fantasmas são verdadeiros cúmplices de acontecimentos históricos. Por exemplo, o "homenzinho vermelho do palácio das Tulherias". Trata-se do fantasma de um carniceiro que Catarina de Médici mandou matar, após o que ele começou a vingar-se da sua assassina, perseguindo-a. Mais do que isso, ele "lançou-se" sobre as figuras coroadas de França. Começou a aparecer a Henrique IV, que o viu pela última vez na véspera da sua morte. Posteriormente, foi visto antes da morte por quase todos os monarcas — até Maria Antonieta. E apenas o lendário Napoleão escapou a este destino, pois conseguiu conquistar o favor do fantasma, que repetidamente lhe "predisse vitórias nos campos de batalha e até o nascimento de filhos" (*Za rubezhom*. 1992. № 3).

Naturalmente, no período soviético, os relatos sobre duendes, espíritos e, ainda mais, sobre o mundo do além, eram tratados não só com sarcasmo, mas com desprezo óbvio, batizando todos estes fenómenos com duas palavras abrangentes: "vestígios do passado".

Mas eis que os contos sobre duendes bons e maus, sobre a vida após a morte, começaram a aparecer também na literatura. E não algures no Ocidente, onde a ciência condescende com os obscurantistas, mas no nosso país.

Imagine o seguinte cenário. Um cientista, francês de nacionalidade, quis traduzir um artigo do italiano. Durante o dia ficou muito cansado, o dia de trabalho foi intenso, e ele decidiu adiar a tarefa para o dia seguinte. Deixou o artigo sobre a mesa, ao lado colocou um caderno e uma caneta, e foi dormir. De manhã, para sua surpresa, o artigo estava completamente traduzido — até à última palavra. Ora, como não recordar aqui o duende bondoso!

E eis um caso não menos interessante. Uma mulher preparava-se para lavar a roupa. Mas nisto, por azar, cortaram a água. Não é verdade, uma imagem familiar? Amaldiçoando tudo e todos, sem lavar a louça depois do jantar, sem limpar os chãos, a mulher deitou-se, leu um livro e adormeceu. E de manhã, a roupa lavada e engomada estava numa pilha arrumada em cima do sofá, a louça lavada estava no escorredor e os chãos limpos brilhavam com uma limpeza invejável.

Como veem, o duende bondoso também aqui trabalhou arduamente.

Por mais misteriosos que sejam estes casos, eles encontram uma explicação científica muito simples. Tanto o cientista francês como a dona de casa sofriam de lunatismo ou, como dizem os médicos, sonambulismo. Eles acordavam de noite, acendiam a luz, realizavam o trabalho necessário e voltavam a deitar-se. O que lhes acontecia de noite não o recordavam, pois o trabalho era realizado

por eles durante o sono. Foi assim que nasceram as lendas sobre os duendes bondosos.

Mas, nos últimos anos, o comportamento dos duendes mudou significativamente. Agora, vêm aos nossos apartamentos seres de aspeto humanoide. Podem ser vistos. Vestem-se com roupas prateadas ou douradas, por vezes usam escafandros, por vezes cobrem-se de escamas esverdeadas. E a altura deles varia — ora são anões, ora gigantes de três metros! E comportam-se de forma estranha. Ora vêm com boas intenções, ora com intuitos malignos. Pense-se nisto — quiseram tirar o filho a uma mulher e, quando ela não o entregou, privaram a pobre de voz. Como quem diz, agora não poderás contar o que te aconteceu, esquecendo-se completamente de que a mulher sabe escrever (*Zabaykalskiy rabochiy*. 1989. 24 de agosto).

Extraterrestres, extraterrestres, extraterrestres! As notícias sobre o seu aparecimento na Terra preenchem literalmente todos os jornais e revistas.

Ora, que dizer de uma notícia republicada do jornal canadiano *Sun* (*Komsomolskaya pravda*. 1991. 31 de maio):

"Na noite chuvosa de 5 de março de 1991, Loran Bichon e a sua filha Caroline regressavam a casa após uma festa. Mesmo diante do para-choques do seu carro surgiu uma nuvem branca gigante. Passados alguns segundos, sentiram que uma força desconhecida as arrancava literalmente do carro. Em breve encontravam-se dentro de uma misteriosa nave espacial. Depois, a memória desligou-se. — Quando voltámos a si — conta Caroline —, o relógio do nosso carro marcava quatro da manhã."

Para descobrir onde estiveram as duas distintas senhoras durante cinco horas inteiras, foi preciso recorrer a especialistas em "discos voadores". Sob o efeito de hipnose, as mulheres contaram que foram raptadas por três seres de cor cinzenta e submetidas a uma investigação detalhada. Foram recolhidas amostras de pele,

análises de sangue, e Loran notou a falta de vários dentes. — Foi muito doloroso — recorda Caroline.

A memória regressou-lhes e começaram a recuperar após o choque profundo. Espera-se que as consequências do rapto não se manifestem num prazo mais distante, digamos, daqui a nove meses.

Mas o que impressiona especialmente a imaginação é a correspondência de Viktor Sapov, "O OVNI Salvador" (*Pravda*. 1992. 29 de janeiro):

"O soldado do Exército Vermelho Terekhov, capturado em julho de 1941 perto da cidade de Orsha, foi levado por dois alemães para ser fuzilado. E foi então que aconteceu um milagre dos milagres. O dia estava ensolarado. De repente, Terekhov foi cegado por uma luz brilhante, ouviu-se um assobio... os fascistas baixaram-se, tapando os ouvidos, e Terekhov, olhando para cima, ficou atónito. Sobre ele pairava um enorme disco cinzento com pequenas luzes a correr pelas bordas...

A luz intensificou-se e parece que se levantou vento. Terekhov sentiu que subia e os fascistas pairavam sobre a terra. No meio do círculo formou-se um buraco. Os três foram sugados para lá... Olhou à volta... Perto dali, os fascistas estão sentados com rostos aterrorizados, e em volta movem-se ondas de luz coloridas. Os olhos até ficaram encandeados... E Terekhov ouviu uma voz — ressonante, como vinda de um barril, com uma fala impercetível.

Depois pareceu-lhe que passaram diante dos olhos algumas luzes, como estrelinhas num céu escuro. O chão sob os passageiros desapareceu, jorrou a luz do sol e eles viram-se na erva, num bosque. Terekhov levantou-se, recolheu as metralhadoras dos alemães que jaziam inconscientes e, agora, foi ele quem conduziu os seus prisioneiros. Em breve foram alcançados por uma carroça com um velho e uma rapariga. Eles explicaram que ano era e onde se encontravam (perto de Khabarovsk. — B. K.). Resulta que sete anos voaram fora do tempo e do espaço."

Houve testemunhas deste caso? Acontece que sim. Na mesma nota mencionam-se os nomes do sargento Kuznetsov, dos soldados Markin e Korkin, que, ao trazerem da ribeira de Chernaya Rechka a tripulação invulgar, não conseguiam compreender de onde tinham surgido prisioneiros alemães no Extremo Oriente em 1948. Aliás, o conhecido ufólogo F. Zigel, que escreveu cerca de quarenta livros dedicados aos OVNIs, citava esta história nas suas palestras e considerava-a plenamente plausível.

E o que não inventam os extraterrestres! Recordem a emissão "A Quinta Roda" na televisão russa a 9 de abril de 1992. O apartamento está trancado. Uma menina estuda as lições à mesa. De repente, surge inesperadamente alguém no quarto, agarra a menina, sobe com ela no ar e... transporta-a para a varanda situada na diagonal no andar de cima. Foi precisamente ali que a mãe, ao chegar do trabalho, encontrou a menina a chorar. Novembro. Em São Petersburgo está muito frio, e a menina está de roupão de verão na varanda vizinha.

Acreditem, isto não é ficção. A menina não se lembrava do que lhe tinha acontecido. Todas estas informações foram obtidas em estado de hipnose profunda, conduzida por um experiente especialista psicoterapeuta. E inventar uma história destas é impossível. Já agora, para onde foi o brincalhão extraterrestre? Simplesmente dissolveu-se perante os olhos da menina estupefacta.

Na América foi publicado o livro do casal Ralph e Judy Blum, "Fora da Terra: Pessoas e OVNIs", no qual se apresentam fotografias de extraterrestres, bem como desenhos de pessoas que contactaram com alienígenas. Os autores utilizaram materiais fidedignos, pois a veracidade dos depoimentos foi confirmada em estado de hipnose profunda. Em todas as fotografias, os traços dos extraterrestres aparecem desfocados e assemelham-se mais a fantasmas do que a pessoas vivas.

Aos extraterrestres dedicam-se programas de televisão e rádio. Sobre eles discorrem cientistas e escritores, compositores e

cosmonautas, operários e camponeses. E os estudantes da Universidade de Moscovo, num encontro com representantes da Igreja, perguntaram-lhes o que representam os extraterrestres. E eis o que ouviram em resposta do padre Isaiah — abade da Lavra da Trindade-Sérgio:

"Deus criou a Terra apenas para o homem, e tudo o resto, incluindo o cosmos, como um adorno para ela. Fora da Terra, no céu, vivem apenas anjos. Noutros planetas não há anjos nem pessoas. Significa que lá só podem encontrar-se demónios, que anteriormente assumiam a forma de bruxas, duendes e espíritos da floresta, e agora, com o desenvolvimento da humanidade, transformam-se em visitantes extraterrestres. Uma das provas disso é o sentimento de medo experimentado pelo homem ao vê-los, sentimento que, como diz a Bíblia, só os demónios podem causar."

Vem como tudo é facilmente explicável. Acontece que tanto os duendes, como os poltergeists e os extraterrestres são criações do diabo. Valerá a pena nós quebrarmos a cabeça com esta questão matreira?

Por uma questão de justiça, convém notar que nem todos os clérigos concordam com o padre Isaiah. Há também quem considere que os extraterrestres podem ser mensageiros de Deus. Acontece que aqui também reina o pluralismo de opiniões.

E pensar que antigamente os duendes raramente se mostravam na casa. Ficavam sentados algures atrás do fogão e nem um pio. Não, não vi, durante a minha vida bastante longa, nem duendes nem extraterrestres. Mas estive nas casas onde eles supostamente habitam. E quero falar sobre este fenómeno num tom nada brincalhão.

Muito antes de em Chita se falar de extraterrestres com roupas prateadas, ouvi uma história interessantíssima da minha grande amiga — a médica Larisa P.

Há dois anos, a mãe da Larisa adoeceu. Uma mulher idosa, tinha 77 anos e sofria muito. Os médicos diagnosticaram tromboangeite obliterante. O que isto significa, qualquer médico sabe bem. Os vasos das extremidades inferiores esclerosam-se, a irrigação sanguínea dos dedos e pés é interrompida e, num curso desfavorável e grave da doença, a operação é inevitável — a amputação das pernas.

Durante as noites, Anna Ivanovna não dormia, mas tentava não gemer apesar das dores terríveis. E eis que, todas as noites, começaram a visitá-la "homenzinhos de prata". Apareciam quando no quarto não estava ninguém além da doente. Entravam pela janela ou diretamente através da parede. O seu aparecimento era sempre repentino. Gradualmente, Anna Ivanovna habituou-se a eles e até esperava pela sua vinda. — Sabes, Lara — dizia ela —, não é preciso ter medo deles. Eles são muito bondosos. Não nos farão mal. — E como são eles, mãe? — Muito parecidos com cosmonautas. Vestem roupas prateadas ou douradas. Por vezes têm escafandros na cabeça, mas na maioria das vezes o rosto está descoberto. A cabeça é um bocado engraçada, a nuca é plana, as orelhas são muito pequenas, o nariz também é pequeno e sem narinas. — E tu falas com eles? — Claro. Eles estão sempre a chamar-me.

Asseguram que, onde vivem, deixarei de sofrer. Estarei muito, muito bem. E depois encontrar-nos-emos todos lá e nunca mais nos separaremos. — Mãe! O que estás a dizer, onde é esse "lá"? — Não sei. Mas uma vez os homenzinhos de prata levaram-me com eles. Voei com eles para muito longe. E voámos muito, muito depressa. E lá, onde chegámos, havia muitas pessoas. Todas pareciam muito felizes. E sabes, acontece que elas trabalham lá. Por essa é que eu não esperava. Pensei que o trabalho tinha acabado na terra. — E não viste conhecidos lá? — Vi, mas não muitos. E eles também parecem muito felizes. — Mãe, mas como falavas com os homenzinhos de prata? Afinal, não podes entender a língua deles? — Como falava? Eu entendo-os perfeitamente. E eles a mim também.

Finalmente, os homenzinhos de prata aborreceram Anna Ivanovna e ela começou a pedir à filha para não a deixar sozinha à noite. — Não aguento mais — queixava-se ela —, mal tu vais à cozinha ou vais dormir, eles aparecem logo. E chamam-me com eles. E eu não quero, apetece-me tanto estar ainda convosco.

Francamente falando, não levei a sério o relato de Anna Ivanovna. Pouco importa o que pode parecer a uma mulher idosa, sofrida e moribunda. Mas Larisa ficou muito inquieta com o relato da mãe. "Alucinações — decidiu —, é preciso mostrar a mãe ao psiquiatra." E assim foi convidado a casa o professor auxiliar da cátedra de psiquiatria, Leonid Tikhonovich Morozov. Lyonya, como lhe chamam na casa da Larisa, é uma pessoa da confiança. Conhece bem a família e conversou várias vezes com Anna Ivanovna.

A história dos extraterrestres foi-lhe contada com todos os detalhes. Leonid Tikhonovich encontrou algumas alterações na psique da doente, mas isso não muda absolutamente a essência da questão. Por precaução, receitou a Anna Ivanovna tazepam — um calmante. Talvez, se dormisse melhor, os extraterrestres a deixassem em paz.

Anna Ivanovna passou a dormir melhor. Mas os extraterrestres não desistiam. Mal ela abria os olhos, eles estavam logo ali. Mas o pior começou após a morte de Anna Ivanovna. Larisa sentia constantemente a sua presença na casa. A impressão era que Anna Ivanovna não estava apenas perto, mas que procurava introduzir-se na consciência de Larisa, dirigir as suas ações e atos. Este sentimento de intrusão era tão palpável que, por vezes, a voz e os movimentos de Larisa se tornavam iguais aos de Anna Ivanovna.

O que queria a mãe dela? — Uma voz interior — a voz da mãe — dizia-me a toda a hora: "Lara, cuida das crianças, cuida das crianças. Não deixes os sobrinhos. Trata deles como se fossem teus filhos". E só quando a mãe compreendeu que em casa tudo estava em ordem após a sua morte, é que me deixou. Nem podem imaginar como isso é penoso!

Já ouvi relatos semelhantes mais do que uma vez, e quem os dizia estava longe de ser gente religiosa. Na maioria das vezes, isto acontece nos primeiros nove dias após a morte, por vezes mais tarde. Mas, por regra, tais visões são de curta duração e menos penosas.

Quando Anatoly Mikhailovich Tulupov soube dos extraterrestres, mediu, com a ajuda da biorama, o fundo energético no apartamento de Larisa. Verificou-se que, no quarto onde vivia Anna Ivanovna, existe uma zona geopatógena. Este já não é o primeiro caso em que os extraterrestres aparecem precisamente em tais locais.

O que é, então, uma zona geopatógena? Eis como responde a esta pergunta o curandeiro popular da Bulgária, Ivan Yotov:

"Existe uma rede geobiológica bastante densa. De norte para sul, ela sobrepõe-se com intervalos de dois metros e, de leste para oeste, de dois metros e meio. Para conveniência, nos locais de cruzamento das linhas, coloquemos sinais de mais e menos em xadrez. Todos os doentes oncológicos examinados por mim, sem exceção, dormiam 'sobre o mais'. É necessário qualquer pêndulo comum — um anel ou qualquer objeto relativamente pesado num fio.

Caminhe lentamente com ele pelo quarto. Dentro da rede ele estará calmo, mas sobre as linhas balança; sobre o mais — roda no sentido dos ponteiros do relógio; sobre o menos — no sentido contrário... Aliás, para quem tem animais em casa, o pêndulo para encontrar o local patogénico não é necessário. O cão nunca se deitará no cruzamento das linhas, tentará estar sempre dentro dos retângulos da rede. Já o gato — pelo contrário."

A isto deve acrescentar-se que detetar as zonas geopatógenas só é possível para uma pessoa treinada, que possua uma sensibilidade bastante elevada, ou seja, um vidente.

Mas, a par da rede geobiológica, existem fendas na crosta terrestre onde se deteta um défice óbvio de intensidade do campo magnético. O incansável investigador de zonas geopatógenas, V. E. Khrapov, desenvolveu todo um sistema para a sua determinação. Segundo os seus dados, os polos de tais zonas encontram-se no centro, equidistantes dos cumes de montanhas e colinas, lagos, estádios, estações de metro, cemitérios, curvas de rios, braços mortos, baías. Pela minha parte, acrescento que eles são sempre detetados em locais de jazigos minerais e acumulação de águas subterrâneas.

As zonas geopatógenas são extremamente perigosas para a saúde humana. Assim, cientistas ingleses, a quem é difícil acusar de credulidade, no seu relatório anual

(Sociedade de Proteção da Saúde de Dulwich, Grã-Bretanha) escreveram: "O stress geopatógeno é um fator comum em 90% dos casos de doenças graves e de numerosos pequenos males. Cancro, SIDA, tuberculose, meningite, cálculos nos rins e na vesícula, reumatismo, tensão arterial anormal, bem como a infertilidade, depressões, suicídios, divórcios e alcoolismo — tudo isto é, em grande medida, resultado do efeito das zonas geopatógenas".

Em 1986, foi publicado na Grã-Bretanha o livro do médico Ralph Gordon, "Dorme num Local Seguro?", que em pouco tempo se tornou um *best-seller* e já conta com dez edições. A Sociedade Suíça de Proteção contra Stress Geopatógeno e Radiação Terrestre (presidente Sr. Pablo Froehlich) enviou este livro a cinquenta presidentes e ministros da saúde, incluindo R. Reagan e M. Gorbachev, e obteve respostas de que os governos dos países civilizados reconhecem a gravidade do problema.

A pedagoga austríaca K. Bachler, por encargo do instituto pedagógico de Salzburgo, conduziu investigações intituladas "O Insucesso Escolar como Possível Resultado de Influências Geobiológicas em Casa e na Escola". Os resultados do trabalho revelaram-se avassaladores — a maioria dos alunos com insucesso

preparava as lições em casa ou sentava-se na escola em locais de polos geopatógenos. Posteriormente, K. Bachler escreveu um livro que foi traduzido para onze línguas e que, em alguns países, teve até dez edições.

Estas experiências foram repetidas por Y. Levin em São Petersburgo, Tashkent e outras cidades da CEI e confirmaram plenamente os resultados das investigações de K. Bachler.

São conhecidos há muito os chamados "quilómetros mortos", onde, por razões incompreensíveis, os automóveis caem frequentemente na valeta ou invadem a faixa contrária. Com a ajuda de aparelhos médicos, conseguiu-se estabelecer que, nas zonas geopatógenas, os condutores perdem não raro a consciência por um instante. Infelizmente, esse instante é suficiente para um acidente.

Atualmente, num conjunto de países civilizados, está a realizar-se um estudo sério sobre a ação das zonas geopatogénicas no organismo humano. Em 1990, na Alemanha, foram atribuídos 500 mil marcos para a investigação do papel das zonas geopatogénicas no aparecimento de doenças cancerígenas. Na Áustria, foram realizados estudos especiais em autoestradas. Como resultado, surgiu nas estradas um novo sinal — uma onda azul sobre fundo branco, que significa geopatogénico.

A investigação das zonas geopatogénicas traz também os primeiros resultados práticos. Após a realização de levantamentos sobre o geopatogénico e a reorganização dos locais de trabalho e de descanso em 17 fábricas e em grandes escritórios na Dinamarca, Holanda e Suíça, as ausências ao trabalho por doença reduziram-se em 50%. Numa fábrica de cigarros na Dinamarca, descobriu-se que, de 14 operários ausentes da produção por motivo de doença, 13 estavam expostos à ação do stresse geopatogénico. O correspondente do jornal "Megapolis-Express" assegura que até 70% das construções nas grandes cidades se situam em zonas geopatogénicas. Entre elas, o hotel "Intourist" na rua Tverskaya, em

Moscovo, o Palácio dos Congressos, muitos "khrusheby" [prédios da era de Khrushchev] e uma série de outras construções mais recentes.

Contudo, verificou-se que as zonas geopatogénicas, por alguma razão, atraem a atenção de "extraterrestres".

Após ter sido publicado no *"Zabaikalsky Rabochy"* o artigo de V. Mikhailov sobre *aliens* vestidos de prateado, lembrei-me do relato de Larisa e corri imediatamente para junto dela para apurar detalhes. Afinal, os homenzinhos prateados não vinham apenas à noite, mas também de dia, embora isso acontecesse com muito menos frequência. Os *aliens* não gostam de pessoas estranhas e, durante o dia, o apartamento de Larisa está sempre muito movimentado. Certa vez, os *aliens* informaram Anna Ivanovna de que o mal se tinha instalado na casa. O significado deste aviso na família foi compreendido muito mais tarde, quando Anna Ivanovna faleceu. Sobre os homenzinhos prateados, a avó contava aos seus netos, e a todos — sempre o mesmo. As variações eram tão insignificantes que não faz sentido mencioná-las.

Uma vez, apareceu a Anna Ivanovna o seu pai, que morrera há muitíssimo tempo. Nos últimos dez anos de vida, ele deixara crescer a barba. Ela viu-o com total clareza, tal como ele era pouco antes de morrer. Antes de entrar, ele bateu à janela (a família vive no quarto andar) e, após receber permissão, entrou. Sentou-se num banco perto da doente, segurando nas mãos a bengala da qual não se separara nos últimos anos. Apoiado na bengala, permaneceu em silêncio e depois, com uma voz baixa e contida, disse: — Vamos, Annushka, comigo. Sinto-me sozinho lá sem ti.

Anna Ivanovna começou a recusar, dizendo que tinha aqui filhas e netos. O pai olhou para ela com tristeza e, após algum tempo, desapareceu do quarto pelo mesmo caminho por onde tinha surgido.

Certa noite, quando eu e Larisa conversávamos sobre *aliens*, Mikhail Grigorievich — o pai de Larisa — interveio inesperadamente

na conversa. — E lembras-te de eu te contar que o pai da tua mãe veio ter comigo?

Larisa lembrava-se bem desse caso. E eles começaram, complementando-se um ao outro com detalhes, a contar sobre esse encontro. No nono dia após a morte do sogro, Mikhail Grigorievich ficou sozinho no apartamento. Naquela altura, a família do sogro vivia em Drovyanaya. Ele estava muito cansado e, à noite, dormia profundamente. De repente, pareceu-lhe que alguém entrara no quarto. Acordou instantaneamente e viu com total clareza, junto à sua cama, o sogro. Ele estava, tal como no encontro com Anna Ivanovna, com uma barba espessa e segurava nas mãos a mesma bengala. Conversaram durante muito tempo. Atualmente, Mikhail Grigorievich já não se lembra bem do conteúdo da conversa. Mas guardou uma frase para sempre: — Misha, aconteça o que acontecer, nunca maltrates a Anna. — Mas alguma vez eu a maltratei? — Então continuem a viver assim.

O velho desapareceu tão subitamente como tinha surgido. — Sabe — contava Larisa —, de manhã ele estava irreconhecível. Ficou abatido, parece que envelheceu de repente. Nós assegurávamos que ele tinha sonhado. — Qual sonhado! O que é isso, eu não sei distinguir um sonho da realidade? Sou comunista, não acredito nem em Deus nem no diabo. Mas o que aconteceu, aconteceu, não há como fugir disso.

Posteriormente, tive oportunidade de ouvir histórias semelhantes várias vezes. Todas elas são extremamente parecidas. As pessoas contam-nas, na maioria das vezes, em sussurros, temendo que as tomem por loucas. Recentemente, uma história análoga foi-me contada por um capitão-piloto, mas ele pediu para não mencionar o seu apelido — para evitar que o comando o afastasse dos voos.

E há cerca de dez anos, ouvi uma história interessante sobre um "visitante do outro mundo" da parte da escritora mais idosa da Transbaicália, Lyudmila Alexandrovna Pokrovskaya. Os seus livros,

infelizmente, tornaram-se raridades bibliográficas, mas, ainda assim, por vezes podem ser encontrados nas bibliotecas de Chita e da região.

"Eu e o meu marido vivemos uma longa vida em comum e aprendemos a compreender-nos sem palavras desnecessárias. Era uma proximidade espiritual extraordinária. E então o meu marido adoeceu. Os médicos deram o diagnóstico: cancro do pulmão. Surgiram metástases, era tarde para operar, e a idade também pesava. Além disso, o meu marido ficou cego. Ele tinha uma memória admirável. Lembrava-se dos relatórios do gabinete de estatística do ano anterior e, quando eu lhe lia as novas notícias, ele comparava-as com as do ano passado. Ele sabia que estava a morrer e não tinha medo da morte. Eu também estava preparada para o facto de que nos iríamos separar em breve. Mas um dia ele disse-me:

— Sabes, Lyuda, se no outro mundo existe vida — eu dar-te-ei sinal. Encontrarei uma maneira de o fazer.

O meu marido era um homem de uma vontade incrivelmente forte. E eu também não sou fraca. Preparei-me para a sua morte e, quando ele partiu, aceitei-o como algo natural. Três dias após o funeral, acordei de manhã e sentei-me na cama. Não me apetecia levantar, o quarto estava frio. Mas de repente, as cortinas que dividiam as duas divisões moveram-se e, no quarto onde eu estava, flutuou uma esfera amorfa. A impressão era que, na parte de baixo, tinha pequenas pernas acopladas. Isto durou um instante, após o qual a 'esfera' desapareceu, como se se tivesse dissolvido perante os meus olhos. E eu compreendi — a vida no outro mundo continua. Foi o meu marido que me deu o sinal. Desde então passaram muitos anos, mas nunca mais nada de semelhante aconteceu na minha vida."

Acredito incondicionalmente em Lyudmila Alexandrovna, mas não pretendo exagerar o significado deste facto. Sabe-se lá o que poderia estar na casa. Antes de mais, surge a suposição de um raio

globular. Mas repare, nada na casa sofreu danos, e um raio globular não poderia penetrar através das cortinas sem as danificar.

E agora sobre o que vi com os meus próprios olhos. Na manhã de 24 de setembro de 1989, o telefone tocou no meu apartamento e uma voz feminina agradável murmurou pelo auscultador: — Desculpe, aconselharam-me a contactá-lo. Nos últimos dias têm acontecido coisas estranhas na minha casa.

E lá estou eu, na casa na rua Lermontov, perto da praça Lenine. A proprietária, uma mulher jovem e simpática, jurista de formação, claramente não propensa ao misticismo, conta o que está a acontecer no seu apartamento. — Vivo aqui há tantos anos e nunca houve incidentes. E agora, em dois dias, tantos acontecimentos! Tudo começou na quinta-feira, 21 de agosto. Vim almoçar com uma amiga e coloquei batatas a cozer num tacho resistente ao calor. Estamos na sala a conversar. De repente, um estalo na cozinha. Entramos. O tacho desfez-se em pedaços pequenos, o fogão está todo inundado e as batatas meio cozidas estão em cima dele.

E ela mostrou-me os restos do tacho. O fundo desfez-se em pequenos fragmentos e as paredes do tacho tinham fendas. — Bem, pensei eu, o tacho chegou ao fim da sua vida útil. O que há de estranho nisso — chegou a hora. Mas à noite, uma nova surpresa. Cheguei do trabalho cansada, decidi fazer café. Faço sempre assim. Deitei o café numa chávena e comecei a beber. E de repente — a chávena está no chão e eu tenho apenas a asa nas mãos. Sujou a toalha toda e a passadeira; sabe, aquilo limpa-se tão mal.

Critiquei-me por não ter reparado. Provavelmente, a asa já tinha uma fenda há muito tempo e eu não notei. Nesse dia estudei até tarde — tinha uma palestra na manhã seguinte. Só me deitei passava das duas da manhã. Mal tinha adormecido, oiço um estalo na cozinha. Corro para lá, tento acender a luz, mas não liga. Olhei com atenção e a lâmpada estava caída no chão. Aqui está ela. Não consigo perceber por que razão o balão se soltou. E veja, antes o

balão era transparente e agora é fosco. Mas o casquilho continuou enroscado, com o suporte no sítio.

No dia seguinte, voltei com a minha amiga para almoçar. E então notei que o manípulo do autoclismo tinha desaparecido. Imagine, não estava ninguém em casa além de mim, e o manípulo não está lá! Ainda de manhã lá estava — lembro-me bem disso. Queixei-me à amiga: vejam só que milagres acontecem nesta casa, e ela apenas encolheu os ombros. Não, eu compreendo que o manípulo está algures por aqui, pois não foi o espírito santo que o levou, mas por enquanto não o consigo encontrar.

E à noite, na cozinha, ouço novamente um estalo. Entro — no lava-loiça, o arejador da torneira desenroscou-se. Compreendo que isso possa acontecer, mas por que razão tudo no mesmo dia? E sabe, por mais que tente, não o consigo enroscar de volta.

Olhei para a torneira e também tentei colocar o arejador no sítio. Mas, para ser sincero — como todos os meus amigos sabem — , não tenho lá muito jeito para trabalhos manuais. Portanto, talvez outra pessoa o conseguisse colocar, mas eu não consegui.

Trouxe comigo as varetas em L e medi o biocampo no apartamento. À entrada, no hall e na sala grande, as varetas portaram-se calmamente. Mas no centro, na casa de banho, no quarto de banho, na cozinha e noutro quarto, começaram claramente a "agitar-se", movendo-se para um lado. Por mais que tentasse pará-las — nada resultava.

"Ah, então aqui passa uma zona geopatogénica — pensei eu. — Mais uma vez, esta zona a pregar partidas". Não havia dúvidas. Tudo o que a dona do apartamento contou não era ficção. Não tenho grande experiência com varetas biológicas e decidi convidar Vil Efimovich Landa ao apartamento misterioso da hospitaleira anfitriã. Ele é um radiestesista experiente, trabalha com varetas há vários anos. Quantos jardineiros o procuraram para encontrar água no

terreno e, praticamente com cem por cento de acerto, Vil Efimovich indicava o local onde se devia cavar o poço.

Logo à aproximação da casa, a vareta de Vil Efimovich começou a mostrar a presença de uma zona geopatogénica. Passava por camadas, como se alguém tivesse delimitado propositadamente parcelas "saudáveis" e "doentes" da terra em quadrados regulares. E no apartamento, esta zona situava-se precisamente onde os milagres aconteciam. Mas, ao contrário de mim, uma pessoa pouco experiente em radiestesia, Vil Efimovich descobriu que esta zona era mais ampla, indicou o local da falha e até detetou que havia água naquele trecho de terra.

Quando entrámos no quarto, Vil Efimovich afirmou com segurança à anfitriã: — Garanto-lhe que acorda muitas vezes com dor de cabeça. — E como é que soube? — admirou-se ela. — Não é preciso adivinhar. A sua cama está mesmo no centro da zona geopatogénica. Passe a dormir no sofá e verá em breve que as dores de cabeça desaparecerão, a produtividade melhorará e a vida tornar-se-á mais alegre.

Portanto, está tudo claro! Não havia nenhuns *aliens* no apartamento da rua Lermontov. Tudo o que aqui aconteceu está relacionado com a presença de uma zona geopatogénica. Isto é também evidenciado pelo potencial bioenergético relativamente baixo da própria anfitriã, revelado com a ajuda da mesma vareta radiestésica.

E aqui temos outro apartamento na rua Leningradskaya, onde também se instalou um "domovoi" [duende doméstico]. A dona do apartamento é uma mulher jovem, mãe de dois filhos. Conheço-a há muito tempo. Os incidentes na casa dela começaram quando se mudou para o apartamento novo.

"Antes vivíamos com os meus pais. Era um aperto, queríamos tanto ter o nosso canto. E em junho mudámo-nos. Agora temos dois quartos, cozinha, todas as comodidades. É viver e ser feliz. E ficámos

realmente felizes. Mas em julho começaram a acontecer coisas estranhas no apartamento. A minha filha mais nova ainda não tinha um ano. E quando há uma criança pequena em casa, há sempre muitas preocupações. É preciso lavar roupa todos os dias. Por isso comprámos uma máquina de lavar 'Vyatka'.

Certa manhã acordo, vou à cozinha e não consigo perceber nada. Todas as torneiras estão fechadas e a máquina de lavar está cheia de água — um terço da cuba preenchida. E quanta água no chão, a qualquer momento os vizinhos de baixo aparecem, a água começou claramente a infiltrar-se. Verifiquei todas as torneiras, estão muito bem apertadas, até um adulto teria de fazer força. E no apartamento estamos apenas as duas — eu e a minha filha de nove meses.

Fosse isto apenas uma vez. Passados uns dias, a máquina volta a estar cheia de água, mas o chão está seco. E isto aconteceu em julho e agosto várias vezes. Recentemente, o meu marido regressou de uma recruta e também ficou surpreendido — de onde aparece a água na máquina? Depois, um novo prodígio. Um tacho na cozinha estava em cima da mesa, encostado à parede, e de repente foi parar ao chão, no meio da cozinha. Ninguém o poderia ter derrubado — não estava ninguém em casa.

E em setembro, uma manhã (nesses dias o jornal 'Zabaikalsky Rabochy' noticiava sobre *aliens*), encontrei uma poça de água no chão de um dos quartos. Não faço ideia de onde veio! E o que é mais interessante. Ao longo de dois meses, o televisor ligava-se apenas quando lhe apetecia. Aproximas-te, ligas — nenhum efeito. Cinco minutos depois voltas — carregas no botão e ele funciona. Dá a impressão de que alguém está a brincar contigo. Chamei o técnico duas vezes — está tudo em ordem, não há falhas nos contactos. E mais: as lâmpadas fundiam-se constantemente, não tínhamos mãos a medir para as comprar.

Há aproximadamente duas semanas, os 'milagres' pararam. A máquina já não faz tropelias, o televisor funciona, as poças

acabaram e os tachos não se mexem. Ah, a propósito, quando os 'milagres' aconteciam no apartamento, a filha mais nova não conseguia dormir à noite, andava irrequieta, chorava. Assim que tudo acalmou, ela também sossegou. Dorme as noites inteiras profundamente."

— Então, não é um duende doméstico no apartamento? A dona ri-se: — Não pode ser outra coisa senão um duende. Só que o nosso é bom, embora brincalhão. Às vezes vai visitar os vizinhos. Uma vez, caiu-lhes uma jarra de cristal da prateleira; acredite — voou um metro e meio e estatelou-se no chão no meio do apartamento. Desfez-se em mil pedaços, como se alguém a tivesse arremessado com força.

Como não recordar o "barabashka" [poltergeist]. É verdade que esse pregava partidas mais pesadas: batia à porta, atirava objetos e dava safanões.

Neste apartamento, eu e Vil Efimovich descobrimos duas zonas geopatogénicas. A maior potência de uma delas situava-se na cozinha, precisamente no local onde está a máquina de lavar. A segunda zona geopatogénica passa, por azar, através do sofá-cama e abrange o berço onde dorme a criança pequena. Mas, felizmente, também neste apartamento existem áreas onde se pode colocar a secretária ou mudar as camas. Já na cozinha, os donos deveriam estar o menos tempo possível. É melhor prevenir do que remediar.

E recentemente, num dos apartamentos, ocorreu um caso ainda mais forte. Aqui já não é para brincadeiras. A dona da casa, uma mulher atraente, que cuida meticulosamente da sua aparência e conhece o seu valor, tomou banho na banheira e, como não estava ninguém em casa, decidiu deitar-se no sofá com uma camisa de noite fina. De facto, está calor no apartamento, porque não ver televisão deitada no sofá sem o incómodo de roupa a mais.

Mas ela não pôde desfrutar da emissão televisiva por muito tempo. Em breve, começou a sentir-se mal; pareceu-lhe que alguém

a observava. Afastou de si os pensamentos obsessivos e ligou à irmã. E, no momento em que trocava novidades ao telefone, alguém invisível levantou a tampa do sofá-cama, que baixou de volta ao sítio com um estrondo.

Foi então que a mulher se sentiu verdadeiramente mal. Correu para o quarto para se vestir, mas o pânico apoderou-se dela de tal forma que se lançou para o patamar das escadas a gritar por socorro aos vizinhos. Mas não foi fácil. Alguém invisível começou a "agarrar" a pobre mulher pelos ombros e a "puxá-la de volta para o apartamento". Ainda assim, ela conseguiu chegar à porta, abriu-a e começou a gritar. Os vizinhos reuniram-se, mas não estava ninguém no apartamento. Obviamente, troçaram da mulher, dizendo que ela tinha lido demasiados relatos "toscos" sobre *aliens* nos quais "é tudo mentira", e agora estava a pagar pela sua credulidade.

Na realidade, nada foi assim. A dona do apartamento não acreditava nem em duendes, nem em *poltergeists*, nem em *aliens*. Mais ainda: antes de se deitar no sofá para ver televisão, admirou-se ao espelho, ficou satisfeita com a sua aparência e, não sem coquetismo, declarou: "Bem, então, *alien*, entra, pode ser que gostes de mim".

— Atraí o azar. Disse aquilo precisamente porque não acreditava numa única palavra dos jornais — explicou-nos ela mais tarde.

Visitei este apartamento primeiro com Anatoly Mikhailovich Tulupov e, três dias depois, com Vil Efimovich Landa. Logo à aproximação do edifício, as nossas varetas começaram a mostrar a presença de fortes zonas geopatogénicas. Não, eu não gostaria de viver naquela casa. Nem invejo os seus moradores. Estou certo de que uma em cada duas pessoas que ali vivem está doente.

Mas voltemos ao apartamento. Praticamente todo ele constitui uma forte zona geopatogénica, e apenas uma estreita faixa ao longo de uma das paredes é um local onde um ser humano pode viver. É

de admirar como se consegue viver neste apartamento há 8 anos; é preciso ter uma saúde de ferro para isso.

Medimos o potencial bioenergético e ficámos chocados — só tínhamos encontrado algo semelhante uma vez, quando o nosso conhecido comum, o engenheiro S., nos levou ao local de aterragem de um OVNI, situado na taiga a cerca de 15 quilómetros do bairro Severny.

Três dias depois, eu e Landa descobrimos que o potencial bioenergético no apartamento tinha diminuído, embora permanecesse muito elevado. Já o da dona do apartamento era tão alto que qualquer vidente a invejaria.

Ah, se durante todos estes anos nos tivéssemos comportado de forma sensata, se tivéssemos compreendido que lá, nos países capitalistas, não trabalham apenas obscurantistas! Talvez então não construíssemos habitações, hospitais, infantários sobre zonas geopatogénicas, e só isso reduziria significativamente a morbilidade e aumentaria a esperança de vida. E mesmo agora não é tarde para examinar apartamentos onde as pessoas adoecem frequentemente e dar conselhos práticos sobre onde colocar a secretária no quarto, onde pôr a cama, onde reservar um espaço para o estudo e os jogos das crianças. E tais investigações deveriam obrigatoriamente ser realizadas em jardins de infância, lares e escolas-internatos, especialmente em internatos para crianças com deficiências físicas e mentais.

E agora voltemos a este caso. O mais interessante é que todos os eventos acima descritos ocorreram no dia de uma tempestade magnética e no dia seguinte. Não tenho dúvidas de que isso desempenhou um papel decisivo: uma forte zona geopatogénica, por um lado, e perturbações magnéticas na natureza, por outro. Eis o ambiente favorável para fenómenos misteriosos.

Estou certo de que parte dos eventos descritos pela mulher são fruto da imaginação. Depois do que aconteceu, ela estava

claramente à beira de um esgotamento nervoso. Agora, felizmente, isso passou. Em particular, duvido muito que alguém estivesse a bater código Morse no peito dela, ou que alguém a estivesse a puxar pelos ombros para a impedir de ir ao corredor pedir ajuda. Fiz a seguinte experiência: coloquei-me atrás dela e avisei a mulher de que agora ela seria puxada para trás. Obviamente, não realizei qualquer ação.

— Então, sentiu puxar? — Senti. Exatamente como da última vez, quando o *alien* esteve aqui.

E gostaria de contar ainda outro caso. Na noite de 14 de novembro de 1989, uma mulher ligou-me. A sua voz soava muito alarmada. — Desculpe incomodá-lo tão tarde. Fui aconselhada a contactá-lo pelo funcionário do instituto de medicina, Alexander Olegovich Barinov. Sabe, estão a acontecer tais prodígios no meu apartamento! Antes eu lidava com eles calmamente. Mas ultimamente tornou-se insuportável. — E começou a contar de forma confusa, temendo que eu a interrompesse, que os objetos caíam das prateleiras, que jarras e copos se partiam e que, em geral, tudo na casa andava de pernas para o ar.

No dia seguinte, estamos sentados no meu gabinete e conversamos sem pressas. É uma mulher que já não vai para nova; percebe-se à primeira vista que é uma pessoa doente, exausta por sofrimentos prolongados. — Ainda não sou assim tão velha, estou em idade de pré-reforma, mas já não trabalho há muito tempo. Não tenho forças nenhumas. Dou dois passos e fico sem fôlego, e a tensão oscila.

Às vezes chega aos 240. Sinto-me especialmente mal na véspera de tempestades magnéticas ou mudanças de tempo. E aqui, como se fosse de propósito, acontecem todo o tipo de diabruras em casa. — Mas o que é que se passa consigo? — Nos últimos dez dias, tem sido um truque atrás do outro. Eu tinha uma jarra de cristal em cima do aparador. Estava à espera do médico e decidi limpar o pó. Mal me aproximei com o pano, a jarra estatelou-se no chão e

desfez-se em pequenos fragmentos. Diga-me lá, já viu alguma vez uma jarra de cristal desfazer-se em pedacinhos minúsculos? E o que é mais surpreendente: os cacos estão no chão e sibilam, como se estivessem incandescentes, como se lhes tivessem deitado água. Através das suas publicações, soube que estas coisas acontecem em dias de tempestades magnéticas.

Corri para o jornal — tenho-o sempre à mão —, e vi que, de facto, hoje há uma tempestade magnética. Sosseguei, decidi que tal não se repetiria. — E então, repetiu-se? — Esse é que é o problema. E não foi uma única vez. Passados alguns dias, estou deitada à noite — não consigo dormir. A tensão nesse dia estava muito alta. Tomo até dezoito comprimidos de clonidina por dia. E quando me vou deitar, ponho sempre os comprimidos na mesa — podem fazer falta à noite. Para não ter de me levantar da cama. E ponho uma chávena com água ao lado.

Desta vez decidi tomar os comprimidos. Mal acendi a luz e me estiquei para a chávena, vejo que ela se cobre de fendas mesmo diante dos meus olhos. Fiquei desorientada, acordei o meu marido. Ele viu aquilo e gritou: — Embrulha depressa em jornal, senão vai explodir em estilhaços e podem ir parar aos olhos.

A chávena com água estava em cima do jornal. Agarrei no jornal e embrulhei a chávena folgadamente por todos os lados. Acredite se quiser, não tive tempo de chegar à cozinha — a chávena rebentou dentro do jornal e, novamente, em pequenos fragmentos. E dá a impressão de que estão quentes. De manhã, descobri que também para esse dia tinham anunciado uma tempestade magnética. —

Espero que, pelo menos depois disso, a "força maligna" a tenha deixado em paz? — brinquei eu. — Qual quê. Porque é que lhe liguei ontem à noite? Tinha uma jarra de plástico. Queria limpá-la com um pano húmido. Mal lhe peguei, alguém invisível empurrou-me a mão com toda a força. E lá foi a jarra outra vez em mil pedaços. Isto nem sequer é vidro ou cristal, é de plástico — e ficou em fanicos. Foi aí que me assustei a sério. Vá lá que antes os objetos

se partiam, mas pelo menos ninguém me empurrava. Mas aqui, pode dizer-se que começou a agredir.

Tentei apurar se a minha visitante não teria imaginado aquilo. Ela ficou até ligeiramente ofendida. — Ora essa, não quer acreditar em mim; porque haveria eu de inventar? — E de repente acrescentou: — E o que é que pensa, será que fico doente tantas vezes porque a minha cama está numa zona geopatogénica? "Mulher instruída — pensei eu —, leu os meus próprios artigos e agora viram-se contra mim". — Não pode verificar de alguma maneira? Pode ser que mude a cama de sítio e adoeça menos.

Prometi passar por lá um dia destes para verificar se realmente havia uma zona geopatogénica na casa. E lá estamos eu e Anatoly Mikhailovich Tulupov no apartamento onde ocorreu o ciclo de fenómenos misteriosos. Sim, deve ser difícil viver ali para os donos! O marido da mulher também se queixa da saúde. E as doenças começaram depois de o feliz casal ter recebido o tão esperado apartamento de dois quartos perto do centro da cidade.

As varetas mostram a presença de uma forte zona geopatogénica. As camas do casal e o sofá onde descansam e veem televisão estão no ponto de interseção de falhas — o pior que pode haver num apartamento. De que isto é assim, depressa se convencem não só os donos, mas também os vizinhos. As varetas giram não só nas nossas mãos, mas também nas de um rapaz de dez anos do apartamento vizinho.

Anatoly Mikhailovich, após examinar o quarto, afirmou com segurança: — Aqui, neste local, deveria estar a jarra que caiu e se partiu. — Não — declarou a dona da casa —, aqui estava a chávena que se desfez em pequenos fragmentos, a jarra estava um pouco mais ao lado. — E mostrou o local onde se encontrava a jarra. Valha-me Deus! Ela voou cerca de três metros antes de cair e se partir. — Isso não tem importância — diz Tulupov. — Tanto a chávena como a jarra estavam na mesma linha, onde a ação da zona patogénica se manifesta com especial força. Isso poderia ter acontecido também

na divisão ao lado; a zona passa também por lá. — Sabe — intervém o vizinho —, eu no apartamento deles não consigo estar muito tempo, começa a doer-me a cabeça, uma sensação como se alguém estivesse a apertar-me a testa com um aro. — Sim, muitos queixam-se de que no nosso apartamento há uma atmosfera pesada. O que vamos fazer agora?

Na verdade, o que fazer? Trocar de apartamento, castigar outra pessoa inocente? Neste apartamento nem se pode viver. Não há onde colocar a cama, na cozinha não há "um lugar vivo". Asseguro-vos que aqui nunca se aclimataria um gato, e até um cão se sentiria claramente mal neste apartamento.

A propósito, as zonas geopatogénicas podem ser neutralizadas por diversos objetos: espelhos, colofónia, pirâmides triangulares, âmbar, amianto, cal, alcatrão, minério de ferro, argila, mármore e, entre as plantas — alho, cebola, feto, castanhas, flores de calancoe, cravos domésticos, etc. Apenas em cada caso concreto devem ser previamente verificados e obrigatoriamente colocados nos pontos de interseção das linhas de força da terra. O método é simples e suficientemente eficaz.

E aqui está um caso novíssimo. No meu gabinete na faculdade, entrou uma velhinha com uma bengala e, com uma voz estridente, disse: — É aqui, professor, que se ocupa dos *aliens*? A avozinha passou, pôs a bengala de lado, sentou-se confortavelmente e continuou: — O senhor ocupa-se dos *aliens*, mas a minha vida já é amarga sem eles. Na nossa casa temos os nossos próprios *aliens*, e não de outros planetas, mas da nossa própria casa. — Mas o que é que se passa consigo? — Nos últimos anos não tenho tido vida nenhuma. No andar de cima vivem uns vizinhos que andam a envenenar a nossa família com uns remédios.

Tranquilizei-a como pude e interroguei-a com mais detalhe. E eis o que ouvi. Há alguns anos, os vizinhos de cima inundaram o apartamento dela. A avozinha foi persistente e obrigou, através da administração do condomínio, a que fizessem a reparação do

apartamento a expensas dos vizinhos. Desde então, começou tudo. Aproximadamente às três da manhã, surgem cheiros no apartamento — literalmente não se consegue respirar. De manhã acorda com dor de cabeça. À noite o corpo comichão, "como se passassem espasmos por ele". O neto mais novo não consegue estar muito tempo no apartamento — começa com dor de cabeça e depressa se junta o vómito. A filha está exausta, tornou-se nervosa, não pernoita no apartamento, vai-se embora com o filho para casa de vizinhos ou familiares.

A própria dona também sai frequentemente para dormir em casa do filho ou de vizinhos. — Tenho 82 anos e só recentemente deixei de trabalhar. Todos me respeitavam e não me queixava da saúde. Mas agora veja o que aconteceu. Sequei completamente e as pernas falham-me. E tudo por causa deste veneno e destas preocupações. Se fico em casa a dormir, às três da manhã abro obrigatoriamente as portas de par em par. Quero livrar-me do cheiro. Só que isso ajuda pouco. Eu sou velha, se tiver de morrer, morro. Mas a minha filha ainda é nova. E tenho pena do meu netinho.

Fui a esta casa não sozinho, mas com videntes, e voltei a pôr em uso as varetas biológicas. E neste apartamento praticamente não há um lugar vivo — interseção de fraturas, uma potente zona geopatogénica.

Não consegui estar muito tempo no apartamento. Estava-se no auge do dia de trabalho e, como declarou a dona, por essa altura os cheiros enfraquecem, mas realmente não se conseguia respirar no apartamento. Nem eu nem os videntes conseguimos determinar a que cheirava. Obviamente, não encontrámos nenhuns buracos que comunicassem este apartamento com o de cima. — Eu tapei e betumei todos os buracos. — E depois disso os cheiros diminuíram? — Qual quê, ficaram tal e qual como estavam. Eles, provavelmente, deitam-me algo por baixo da porta. Às vezes os cheiros vêm de lá. Eu penduro panos molhados na porta, mas não serve de nada. — E

os vizinhos queixam-se dos cheiros? Porque, se deitam ou espalham algo no corredor, os vizinhos também não teriam vida. — Não, nos vizinhos está tudo bem. É só a nós que eles nos lançam o mau-olhado.

A avozinha está certa de que os vizinhos de cima, em vingança pela reparação, estão dispostos a matá-la a ela e à família. Até recorreu à polícia, queixou-se dos vizinhos. Mas veio o guarda, examinou tudo e declarou que em casa estava tudo bem e que a avozinha não tinha motivos nenhuns para se queixar.

Eu também penso que os vizinhos não têm nada a ver com isso. Mas, por via das dúvidas, recomendei à dona que recorresse à Inspeção Sanitária da cidade e fizesse uma análise do ar. Nunca se sabe! Contudo, as investigações mostraram que o ar não continha substâncias nocivas. Compreendo que os médicos da inspeção sanitária não são omnipotentes. Quando não se sabe o que procurar, determinar um composto químico ou um gás no ar é extremamente difícil. Mas asseguro-vos que o cheiro no apartamento é insuportável, enquanto no corredor e nos outros apartamentos o ar é ar normal, nada de especial.

E outro caso interessante. Certa vez, no pátio, um capitão da escada vizinha aproximou-se de mim e, embaraçado, disse: — Não pode passar lá por casa? Há já alguns dias que acontece algo incompreensível. — O quê, apareceu um *Barabashka*? — perguntei eu. — *Barabashka* ou não, mas há alguma diabrura a acontecer em casa. Aliás, entre, que eu mostro-lhe algo curioso.

Nessa mesma noite, estive com a família do capitão. O apartamento é um apartamento normal, duas divisões razoavelmente grandes, bem mobiladas. Para as nossas condições, o capitão instalou-se bem. A família é pequena — ele, a mulher e o filho de três anos. — Então, o que é que se passa convosco? — interesso-me eu. — Bem, pareceria nada de especial, mas ainda assim sentimo-nos mal. A nossa casa tornou-se desconfortável. Dá a

impressão de que alguém estranho se instalou no apartamento — diz a mulher do capitão.

— Sim, sim — confirma o capitão. — Ora de repente aparece uma chávena com água na mesa, ora na cozinha parece que alguém começa a fungar, ora no corredor alguém anda em bicos de pés. — E não será que vos parece apenas? Talvez o filho tenha posto a chávena com água na mesa ou tenha passado pelo corredor. — Ora essa — ri-se a mulher do capitão. — Ele mal se deita, não acorda até de manhã.

Percorri o apartamento com a vareta biológica e descobri zonas geopatogénicas na cozinha e na sala de estar. Ao sair, pedi que, se os fenómenos invulgares se repetissem, me ligassem para casa. E logo no dia seguinte, ao fim da tarde, o capitão ligou-me: — Depois de o senhor sair, ficou ainda pior. Venha ver o que o "*alien*" fez.

Ardendo de curiosidade, dirigi-me imediatamente aos vizinhos. — Imagine — contava-me a mulher do capitão —, acordamos de manhã e na sala de estar as portas dos armários estão abertas, as nossas duas alianças de casamento foram tiradas e esmagadas. Nem consigo imaginar como é que isso aconteceu. É verdade que o meu marido tentou endireitá-las, mas sem sucesso. Até bateu com o martelo — nada resulta. Perderam-se as alianças de ouro.

Examinei as alianças. De facto, que força seria necessária aplicar para as esmagar daquela maneira. E quem poderia ter feito aquilo? O dono ou a dona? E para quê, que sentido teria isso? O filho de três anos? Bem, isso já seria totalmente do domínio da ficção científica.

Naquela altura, eu estava muito pouco familiarizado com este fenómeno enigmático e não consegui aconselhar nada de útil aos donos. Aliás, o brincalhão indesejado depressa se aborreceu nos vizinhos e as tropelias no apartamento do capitão pararam.

E uma vez, no meu gabinete, apareceu um bom conhecido meu — o professor de educação física Vadim V. — Na nossa casa passa-

se algo de errado. A minha mulher ouve umas vozes, elas guiam as suas ações, obrigam-na a tomar medidas injustificadas à primeira vista. Até decidi ver se lhe tinha acontecido alguma desgraça. Durante uma semana estive fora, a minha mulher ficou em casa com a nossa filha de quinze anos. E, de repente, a meio da noite, ouviu-se bater, estrondo, gritos. Os vizinhos pensaram que havia uma briga ou bebedeira e até chamaram a polícia. E quando a minha mulher começou a assegurar que não tinha nada a ver com o barulho, a polícia chamou a ambulância e levaram-na... para o manicómio. Foi um custo tirá-la de lá.

E ontem de manhã a minha mulher acordou, foi à cozinha... Não, o senhor não vai acreditar em mim. Um frasco, que até então estava vazio, apareceu cheio de água. E na água flutuam letras. Sim, letras russas normais. De onde vieram — não faço ideia. À noite fomos dormir — estava tudo normal, e de manhã — eis esta surpresa.

Também visitámos esta casa com A. M. Tulupov. Pelo meio de um dos quartos passa aqui uma potente zona geopatogénica. Levámos connosco o frasco com água e as letras estranhas. No fundo, verificou-se que eram muitas. A impressão é de que foram recortadas em pergaminho. O tamanho das letras é um pouco menor do que o de uma máquina de escrever miniatura *"Kolibri"*.

Perguntei ao Vadim se não poderia alguém da família ou conhecidos ter batido estas letras à máquina e tê-las colocado às escondidas no apartamento.

Nesse momento, o Vadim olhou para mim como se eu fosse louco. Na verdade, quem, como, porquê?

O frasco com as letras misteriosas está guardado em minha casa há já um ano e meio. Durante este tempo, as letras não desbotaram e, o que é mais surpreendente, a água não apodreceu. Está fresca e não cheira a nada. De onde vem esta mensagem e o que nos diz ela?

Apresentarei mais alguns relatos da literatura que, do meu ponto de vista, representam o maior interesse.

Em primeiro lugar, falaremos sobre o misterioso *Barabashka*. Provavelmente lembram-se de que ele apareceu num dos dormitórios femininos e nutria claramente simpatias por uma rapariga chamada Firyuza. Expressava descontentamento se a porta do quarto das raparigas estivesse trancada. Então começava a tamborilar com força (daí recebeu o nome de *Barabashka* [de *baraban*, tambor]), e isto continuava até que abrissem a porta.

Assim "viveu" o *Barabashka* no quarto das raparigas cerca de três meses. No geral, não causava mal às moradoras, mas também não dava sossego. Ora se metia na cama e empurrava alguma das raparigas fora de horas, ora dava um safanão. Numa das emissões da Televisão Central, apresentaram-nos o misterioso *Barabashka*. E milhões de pessoas viram que o *Barabashka* sabe realmente lutar, dar murros bastante pesados e puxar os cabelos.

Eis uma notícia do jornal (*Sovetskaya Belorussia*. 1989. 8 de novembro). O artigo intitula-se "O fantasma do castelo das beneditinas".

"Querem vir falar com espíritos? Então venham, temos aqui para todos os gostos. Estudantes da Escola de Professores de Nesvizh", — com esta carta começa o artigo.

A escola, na qual acontecem coisas inacreditáveis, está situada num templo construído há quatro séculos. Aqui, há muitíssimo tempo, foi fundado um mosteiro de beneditinas, membros de uma ordem monástica católica. E o mosteiro lá permaneceu até que as autoridades locais decidiram transformá-lo numa escola pedagógica. Escusado será dizer que, com isso, destruíram o altar de valor inestimável, aniquilaram os monumentos no local de sepultamento de santos e quebraram os vitrais, pois ali onde "os professores deveriam estudar, não há lugar para Cristo".

E assim as celas foram transformadas em dormitório. Os primeiros estudantes — descalços, sem roupa, famintos (naquela altura a guerra ainda decorria) — ficaram indescritivelmente felizes com este abrigo.

Após a guerra, o atual diretor, Valentin Zakharievich Bruy, também estudou nesta escola. Naqueles anos, não aconteciam nenhuns milagres no velho castelo. Mas, em 1956, o edifício foi entregue a uma escola-internato, onde colocaram crianças "difíceis" com pais vivos. No edifício começaram novamente as remodelações. Com isso, foram profanados os túmulos onde estavam sepultados santos e os fundadores do mosteiro.

Quando, dezoito anos mais tarde, o edifício foi devolvido à escola pedagógica, já estava irreconhecível. E recomeçaram as remodelações! Os jovens queriam uma discoteca, mas não havia um pedaço de terra livre no território do "castelo". Então começaram a limpar e a ampliar a cave. Tropeçaram num esqueleto e, sem saberem o que lhe fazer, emparedaram-no na parede. "E ali, onde de século em século os sinos e os cânticos subiam ao céu", começou a estalar e a matraquear, como o "Rouxinol-Salteador", o *heavy-metal*. Foi então que começaram os milagres no antigo castelo das beneditinas.

As raparigas que viviam na segunda cela, transformada em quarto de dormitório, ouviram inesperadamente um bater. Bastava concentrarem-se e ficarem em silêncio para que um invisível batesse com uma clava no chão. Um instante depois, ouviam-se vozes vindas de baixo, embora não pudesse estar lá ninguém, e as paredes "enchiam-se de conversa". Havia até a impressão de que alguém rezava ao lado, embora todos em redor estivessem a dormir.

Quando as raparigas assustadas comunicaram isto aos professores, estes não acreditaram nos seus relatos. Mas os boatos espalharam-se pela escola e, querendo quer não, foi preciso dedicar-se à "caça aos fantasmas". E eis que também os professores notaram que bastava ficar imóvel no palco, onde antes se situava o

altar, para que as tábuas sob os pés começassem a vibrar e um bater claro e nítido se repetisse. No salão de atos, instalado no antigo templo, sentia-se nas palestras o cheiro a incenso, embora a última vez que ali se tivesse agitado um turíbulo fosse há mais de quarenta anos.

A educadora do dormitório contava ao correspondente do jornal, L. Lomsadze: "No gabinete do ecónomo do dormitório... este cheiro está constantemente presente. Coisa surpreendente: tentámos fritar batatas lá, não abrimos a janela para ventilar propositadamente, o cheiro a frito desapareceu imediatamente e o cheiro a incenso ficou ainda mais forte. Todos notaram que naquela sala a cabeça deixa de doer e, não se sabe de onde, começa a vir um calor na zona dos ombros, mãos e joelhos. Parece-me que, se aqui se instalou um fantasma, é sem dúvida um espírito bom".

Quero apenas notar que muitos factos relatados no artigo foram confirmados pela jornalista.

Sim, os lugares sagrados também não estão livres de fantasmas. E até pelo contrário. Com especial frequência, os fantasmas vagueiam pelos cemitérios e nisso não há nada de surpreendente. Mas o que acontece no cemitério de Nantes ultrapassa a imaginação até dos mais ávidos amantes de sensações fortes. Todas as noites, ouvem-se distintamente no cemitério sons de música rock, provenientes dos túmulos. A música cessa com o nascer do sol, mas depois da meia-noite o concerto cemiterial começa de novo.

Os habitantes de Nantes realizaram várias incursões noturnas ao cemitério e convenceram-se de que o fenómeno misterioso não é um truque de *rockers* decididos a rir-se dos seus concidadãos. — Varremos todo o cemitério, utilizámos recetores de som, radiogoniómetros e convencemo-nos de que não são partidas de ninguém nem efeitos de áudio engenhosamente montados — declarou uma das participantes das expedições noturnas, Jacqueline Didier.

A pedido insistente dos moradores das casas situadas nas proximidades do cemitério, o psiquiatra Charles de Guidri passou três noites no cemitério com ajudantes voluntários. Ele estabeleceu que os sons da música rock provêm dos túmulos de dois *rockers* — Georges Saucier e Philippe Berne. Estes jovens de 17 anos, solistas do grupo *"Heavy-Metal"*, morreram há um ano num acidente de carro à noite, durante um forte aguaceiro. Os observadores notaram que, em tempo de chuva, os sons dos túmulos tornam-se especialmente fortes. — Os infelizes rapazes sonhavam ser cantores de rock famosos e não queriam morrer — disse o Dr. de Guidri. — As suas almas não aceitaram a morte, revoltaram-se contra ela, a música ficou nas almas destes rapazes, por isso é que se ouve dos túmulos.

O cemitério de Nantes tornou-se um local de convívio noturno de jovens, que se reúnem ali para ouvir os seus ídolos. Mas as pessoas que vivem perto protestam contra estes ajuntamentos — não as deixam dormir à noite. Os mais supersticiosos tencionam convidar sacerdotes especializados em exorcismo e pedir aos santos padres que libertem as almas dos músicos para que encontrem, finalmente, o repouso (*Panorama*. 1992. 19 de junho).

E recentemente (abril de 1990), o *"Meditsinskaya Gazeta"* noticiou que o misterioso *Barabashka* ganhou um congénere misterioso no norte da Namíbia. Instalando-se no hospital da cidade de Grootfontein, causou tanto medo aos seus funcionários que estes estremecem ao mínimo ruído ou passos no corredor. "O pânico começou na semana passada. Duas enfermeiras afirmam que, ao passarem à noite pelo recinto do hospital, ouviram passos atrás de si. Ao voltarem-se, ficaram petrificadas: seguia-as a sua... colega, falecida em outubro num acidente de viação. 'Entrámos aterrorizadas no edifício — dizem as mulheres em uníssono — e dali, pela janela, ainda vimos a falecida mais três vezes'. Além disso, no dia seguinte, uma delas descobriu uma queimadura no pescoço. Segundo ela, apareceu precisamente no local em que a aparição lhe tocou". Um dos pacientes do hospital também relatou que teria

visto o fantasma e, ao fazê-lo, indicou o nome da mulher falecida no acidente.

Os prodígios continuaram. Uma força desconhecida, por exemplo, abriu as torneiras de água e causou uma pequena inundação no hospital. As enfermeiras noturnas exigem proteção, recusando-se, caso contrário, a atender os doentes.

Mas, por vezes, na nossa vida interferem os duplos de pessoas vivas. Considera-se que tais fenómenos ocorrem muito raramente, embora se encontrem nos nossos dias. Fiquei especialmente impressionado com o caso contado pelo admirável vidente, literato e poeta, autor do livro "O Caminho Cognoscível", A. V. Martynov.

"Na Crimeia, perto de Feodosia, existe a fábrica 'Elektropribor', onde estive frequentemente em missões de serviço durante algum tempo. No dia dois de abril de 1982, eu estava em Kiev e, precisamente nesse dia, recordava como costumava estar lá e desejava muito encontrar-me naqueles lugares. E eis que nesse dia em que eu próprio, repito, estava em Kiev, perto de Feodosia, precisamente naqueles sítios em que eu pensava, encontra-me na rua uma boa amiga minha, Irina Ignatievna, que conheço há muitos anos.

Lança-se a mim, pergunta-me isto e aquilo. Eu ou, melhor dizendo, o meu duplo, conta detalhadamente sobre mim. Diz, em particular, que agora tenho telefone em Leninegrado e dá-lhe o número. Ela anotou-o. Outra pessoa que me encontrou, ou melhor, ao meu duplo, lá no mesmo dia, foi o delegado militar da fábrica. Ele gosta dos meus poemas e estivemos muito tempo a conversar sobre poesia. Assim me contou ele depois. Mas o mais surpreendente foi o seguinte. Quando regressei de Kiev a Leninegrado, instalaram-me realmente o telefone passadas cerca de duas semanas.

E só então me foi dado a conhecer o seu número. Verificou-se que era o mesmíssimo número que o meu duplo tinha dado algumas semanas antes. Como estava vestido o meu duplo?

Interessou-me isso e soube que estava vestido tal como eu naquela altura em Kiev. Um mês ou dois depois, fui em missão a Feodosia. Dizem-me lá: 'Vieste outra vez?'. Quando comecei a assegurar que em abril não tinha vindo, ninguém acreditou em mim: ver, tinham-me visto, e eles não acreditam em nenhuma mística".

A. David-Néel, no livro *"Místicos e Magos do Tibete"*, cita vários casos de aparecimento de duplos, testemunhados por ela e por outros observadores. Cito dois deles. Um dos jovens que servia a autora do livro pediu licença para visitar os pais e foi-lhe concedida por três semanas. No fim desse prazo, ele deveria comprar provisões e contratar carregadores para transportar a carga através das passagens de montanha. O jovem demorou-se em casa dos familiares e não se ouviu falar dele por mais de dois meses.

Certa noite, David-Néel viu o jovem em sonhos com uma vestimenta europeia invulgar para ele — fato e chapéu. Na manhã seguinte, um dos servos veio a correr e relatou que o jovem estava a regressar. Realmente, depressa apareceu o viajante desaparecido; estava vestido exatamente como a senhora o vira em sonhos. Além da autora e do servo, mais duas pessoas viram o jovem. O rapaz subiu pelo trilho, passou por trás de um edifício que estava no caminho e... não voltou a aparecer.

Nesse mesmo dia, aproximadamente às 5 horas da tarde, o jovem apareceu no vale à frente de uma pequena caravana. Ele ostentava o fato e o chapéu conhecidos. Interrogando os carregadores, David-Néel soube que a caravana tinha pernoitado muito longe, que o jovem não se ausentara para lado nenhum e de modo algum poderia ter aparecido perto do acampamento de manhã cedo.

Não menos surpreendente é o segundo caso. Certa vez, a autora do livro e o seu cozinheiro viram, numa tenda cujas abas estavam abertas, o lama principal do rito, sentado à mesa numa cadeira dobrável. O cozinheiro disse: "O 'rimpotshe' veio visitá-la. Preciso de preparar chá para ele". O servo saiu e a patroa apressou-

se para a tenda onde se encontrava o distinto convidado. A alguns passos da tenda, Alexandra David-Néel notou que diante da tenda pairava e se afastava lentamente dela uma cortina de névoa transparente. O lama desapareceu... Quando contaram este incidente ao próprio lama, ele limitou-se a sorrir com sarcasmo.

É bem possível que tais histórias ocorram com muito mais frequência do que pensamos. Qualquer um de nós pode recordar um caso em que viu os seus familiares ou conhecidos onde eles de modo algum poderiam estar naquele momento. "Provavelmente pareceu-me", pensou cada um de nós num tal encontro. E se não pareceu? E se foi na realidade e nos encontrámos com o duplo (fantasma) de uma pessoa conhecida ou próxima? Sem dúvida que tais encontros não estão excluídos.

O que vale, por exemplo, o caso citado no jornal *"Krasnoye Znamya"* (Vladivostok) e depois republicado pelo *"Zabaikalsky Rabochy"* a 11 de agosto de 1989: "Às 18 horas, uma mãe enviou os seus filhos — uma menina e um rapaz em idade escolar — à loja, e ela própria, com o aspirador na mão, começou a limpar o apartamento. Aproximadamente 30 minutos depois, a campainha tocou e a mulher abriu a porta. No limiar estavam os seus filhos, só que vestidos de forma estranha — com fatos-macaco de cor prateada.

Enquanto a mulher olhava com surpresa para os filhos transformados, estes entraram no apartamento. Finalmente a mulher recuperou e começou a interrogar as crianças sobre onde tinham estado e que traje estranho era aquele. Mas eles não prestavam atenção às perguntas dela, aproximaram-se dos móveis e começaram a examiná-los. Simultaneamente, no quarto ouviam-se constantemente estalidos, brilhavam clarões. Assim andaram pelo apartamento durante algum tempo e depois dirigiram-se para a saída. E aqui a pobre mulher não aguentou. — Ah, vocês estão a pregar-me uma partida! — gritou ela e, agarrando no tubo de alumínio do aspirador, investiu contra as crianças.

O que aconteceu a seguir, ela não consegue recordar, pois acordou no chão, mas depressa se pôs de pé. A cabeça doía-lhe muito, apareceu-lhe um enorme galo na testa. Sem compreender nada, gritou: 'Batem na mãe!', mas calou-se logo ao ver o olhar estranho das crianças.

Nesse minuto, a campainha tocou novamente, a mãe abriu as portas e viu... os seus próprios filhos, que tinham voltado das compras e estavam vestidos como antes de saírem. A mãe, sem compreender nada, olhava ora para os seus filhos, ora para os seus duplos. Estes últimos, aproximando-se da janela, desapareceram subitamente, como se se tivessem dissolvido. Testemunhas descrevem que os duplos das crianças moviam-se de forma sincronizada e copiavam os movimentos um do outro.

Pouco depois, a menina decidiu ligar o televisor. No ecrã, que se iluminou com uma luz brilhante, estava a mãe deles com o aspirador e o tubo de alumínio na mão. A menina chamou a mãe: 'Olha, estás a aparecer na televisão'. A mãe aproximou-se, mas a imagem desapareceu rapidamente...

Eis que prodígios, afinal, existem no mundo. Não posso afirmar que sejam alucinações ou fantasias de uma imaginação doente da mulher e das crianças. Não tenho dúvidas: o que o jornal noticiou não é ficção. Da mesma opinião é o diretor científico do Grupo do Extremo Oriente para a investigação de fenómenos anómalos no meio ambiente, V. V. Dvuzhilny.

Gostaria também de recordar a história que deu que falar no verão de 1989 sobre o aparecimento de 'homenzinhos prateados' nas ruas e nas casas da nossa cidade. Os habitantes de Chita lembram-se bem deste caso. Quero apenas chamar a atenção para o facto de que as pessoas que contactaram com os seres de roupa prateada se queixaram de lhes terem aparecido pequenas feridas nas pernas. Lendo mais tarde numerosos relatórios sobre o encontro de terráqueos com *aliens*, notei, para minha surpresa, que muitos após tais encontros notavam o aparecimento de feridas que,

contudo, cicatrizavam bastante depressa. Aliás, não notámos nenhuma alteração particular nas análises ao sangue dos observadores do evento e dos membros das suas famílias.

Percorremos com Tulupov e Landa o rasto dos 'seres de roupa prateada', examinámos pessoas que supostamente estiveram em contacto com eles. Não precisámos que nos indicassem os endereços exatos, pois as varetas biológicas guiaram-nos pelo rasto dos *aliens*. Onde ocorreu o estranho encontro, as varetas realizavam movimentos rotatórios. Com a sua ajuda, encontrámos todos os apartamentos misteriosos e em cada um descobrimos zonas geopatogénicas. Mais ainda: em todas as pessoas que contactaram com os *aliens*, bem como nos membros das suas famílias, a bioenergética revelou-se significativamente elevada durante vários dias. Encontrámos um fenómeno semelhante com bastante frequência posteriormente.

De que truques não se ouve falar ultimamente! N. Bukin (*Priroda i Chelovek*. 1989. nº 11) conta uma história surpreendente. Nas janelas de um celeiro apareceram inesperadamente orifícios que tinham uma forma estranha: uma esfera com grande diâmetro na entrada e pequeno na saída. A superfície das esferas era muito lisa. Nalguns buracos brilhavam anéis concêntricos com as cores do arco-íris, lembrando vestígios de fusão. Nos bordos superiores dos buracos havia pequenas lascas radiais dentadas, cujas extremidades estavam fundidas. N. Bukin indica que a origem destes orifícios se deve a um objeto energético desconhecido que liberta, ao passar pelo vidro, uma quantidade significativa de calor, já que o vidro "se esfarelava, fundia e evaporava". Na primeira etapa da penetração do objeto energético, ocorreu um aquecimento desigual e muito rápido do vidro, o que levou à fragmentação. O autor recorda que, para o vidro comum, a temperatura de fusão é de 650-700°C, e a de ebulição e evaporação é de 1200°C.

Em conclusão, N. Bukin escreve: "Os orifícios nas janelas poderiam ter sido abertos por objetos energéticos que possuem

uma temperatura de até 2000°C. Resta supor que tais formações existem e nascem no cosmos". É interessante notar que nenhuma pessoa viu quando estes orifícios apareceram. Além disso, na casa de habitação situada ao lado, não se observaram "partidas".

Contudo, a sorte foi diferente para outra casa na cidade de Gorky. No apartamento, começaram a voar subitamente jarras, ferros de engomar, chaleiras; o televisor desligado incendiou-se; alguém conseguiu trancar a porta por dentro, embora não estivesse ninguém no apartamento. Foi necessário arrombar a fechadura. Em suma, o quadro habitual. Mas este caso é interessante pelo facto de um dos membros da secção de fenómenos anómalos, que existe em Gorky e trabalha sob a direção do membro correspondente da Academia de Ciências da Rússia (RAN), V. S. Troitsky, ter induzido num estado sonambúlico a testemunha dos acontecimentos, Oleg, um aluno do sexto ano.

À pergunta do hipnotizador sobre quem andava a vandalizar o apartamento, o rapaz respondeu que o relógio era movido por uma espécie de velha vestida de preto, e que o armário era movido por uma criatura parecida com um leitão. "Estava coberto de pelos e tinha... um corno no nariz". Mas quando decidiram induzir novamente o rapaz no estado de hipnose e gravar o seu relato num gravador de fita, o Oleg já não conseguia lembrar-se de nada, e o gravador avariou-se. Aliás, quando o gravador foi retirado do apartamento, voltou subitamente a funcionar.

O vandalismo na casa repetia-se dia após dia. Nem os bombeiros nem os membros da secção ajudaram. E então a dona recorreu a uma curandeira conhecida na cidade. E o que pensam que aconteceu! Os desconhecidos "espíritos" cessaram as suas partidas. Desde então, reina a calma no apartamento. Não se sabe apenas por quanto tempo.

Noutro apartamento em Gorky, os "espíritos" também andavam a brincar. Livros voavam, a porta do armário ora se abria, ora voltava para o sítio. À noite surgia a sensação de que alguém andava pelo

apartamento, respirava. E novamente foi necessário recorrer a uma benzedeira. Desde então, tudo está calmo no apartamento (*Priroda i Chelovek*. 1989. nº 11).

Aliás, as pessoas combatem tais fenómenos também por outra via. Não garanto a veracidade do relato seguinte, pois ouvi-o de terceira mão, da cabeleireira N., que trabalha em Chita.

"Antes de vir para Chita, vivi alguns anos em Lviv. Certa vez, fui parar a um palacete luxuoso onde vivia uma pequena família — marido, mulher e dois filhos pequenos. Fiquei admirada.

— Como é que conseguiram obter um apartamento tão luxuoso? — perguntei eu à dona da casa. — Graças a um fantasma — respondeu ela, sorrindo. E contou-me a história seguinte.

Viviam ela e o marido num pequeno e confortável apartamento de dois quartos com tetos baixos. Em suma, nas '*khrushchobas*'. Certo dia viram um anúncio num dos jornais locais sobre a troca de um apartamento. E para sua surpresa, depressa se tornaram proprietários de um apartamento luxuoso no centro da cidade. Os antigos donos, por estranho que pareça, concordaram com grande prazer numa troca que estava longe de ser equivalente, sem explicarem aos novos moradores a razão do seu ato imprudente. No entanto, logo no dia seguinte ficou claro que aquilo não tinha sido feito sem intenção.

Pela manhã, ocorreram coisas estranhas no apartamento. As flores que estavam na janela apareceram no chão, tinham sido sacudidas dos vasos e a terra estava espalhada. Obviamente, a dona pôs tudo em ordem, mas no dia seguinte tudo se repetiu. E assim todas as manhãs, embora não houvesse estranhos na casa e os filhos pequenos não pudessem de modo algum fazer aquilo.

Certa vez, a dona encontrou caramelos espalhados pelo chão, embora se lembrasse perfeitamente de que à noite os tinha deixado na mesa, numa tacinha. A partir desse dia, tudo passou a ser

fechado à chave. Se, por acaso, se esquecessem de guardar o doce, de manhã ele aparecia entornado no chão.

Coisas estranhas aconteciam com os brinquedos. Ora de repente uma bola começava a saltar como se estivessem a brincar com ela, ora um carrinho se deslocava, ora ruía um 'castelo' construído com cubos.

A ansiedade instalou-se na casa. Na verdade, quem pode garantir que passados uns tempos as brincadeiras inocentes não se transformem em fenómenos mais temíveis. Os donos começaram a falar cada vez mais na troca do apartamento.

Mas um dia... Um dia a dona, através de uma porta entreaberta, reparou como no corredor passou a sombra de uma criança. Quando saiu para o corredor, não encontrou lá ninguém. E de repente teve uma luz... — O que é que andas a fazer na nossa casa! — começou ela a admoestar o brincalhão invisível. — Por acaso temos alguma culpa perante ti, por acaso tratamos-te mal? Se não parares com estas tropelias, vamos trocar de apartamento. E nem se sabe quem virá para cá. Imagina que eles não têm crianças; onde é que vais arranjar brinquedos e com que é que te vais divertir? Pensa bem, talvez valha a pena parar com as partidas.

Na manhã seguinte, pela primeira vez não houve incidentes misteriosos na casa. Mas a mulher não sossegou. Foi à biblioteca e conseguiu obter informações sobre os antigos moradores do palacete. Verificou-se que, ainda no século passado, vivia ali uma família polaca bastante rica, na qual crescia uma menina. Aos dez anos de idade ela morreu, após o que os pais se mudaram para outra cidade. E os novos moradores que se instalavam não ficavam ali por muito tempo. Fosse quem fosse que se instalasse no palacete, passados uns tempos, por razões desconhecidas, trocavam de apartamento.

Ao saber desta história, a dona dirigiu-se ao cemitério, procurou o jazigo de família e o túmulo da menina. Começou a vir

aqui como se viesse visitar amigos próximos, trouxe flores mais do que uma vez. E embora ela própria não fosse crente, foi à igreja e, aconselhando-se com o sacerdote, celebrou uma missa pela falecida. Mais ainda: em pensamento, dirigia-se frequentemente à menina, chamava-a por um nome carinhoso, deixava guloseimas na mesa, comprava brinquedos. E o que aconteceu? As estranhezas no palacete pararam. Quando muito, a bola saltava pelo chão, como se umas palmas de criança estivessem a bater nela. Mas os vasos com as flores estão no sítio e o doce pode ser deixado na tacinha em cima da mesa. Portanto, às vezes os "espíritos" podem ser convencidos ou acalmados com bom tratamento.

Quem de nós não ouviu falar das coisas estranhas que acontecem na região do Triângulo das Bermudas. No verão de 1992, as Bermudas pregaram uma nova partida: 68 mulheres, jovens e menos jovens, que passavam a época balnear na Florida e nas Bahamas, viram-se num instante sem os fatos de banho. Eis como este caso é descrito no jornal *"Panorama"* (Israel):

"— Eu estava sentada na margem, perto do mar, e conversava com uma amiga — relatava Clara Lauer, agente de uma empresa de turismo em Key West. — De repente, senti uma lufada de calor, como se me tivessem dado uma injeção de adrenalina. E no mesmo instante, o fato de banho desapareceu de cima de mim. Nem cheguei a perceber o que aconteceu e senti-me pessimamente..."

Vítimas deste *striptease* involuntário foram não só raparigas jovens, mas também matronas bastante sérias, que gritavam de medo quando a força desconhecida lhes arrancava a roupa.

Os cientistas que investigam fenómenos paranormais no Triângulo do Diabo olharam inicialmente com ceticismo para tais casos, mas estes tornam-se cada vez mais frequentes.

O Dr. Robert Ellard, que trabalha há longos anos na região das Bermudas, considera que as tropelias do triângulo estão

relacionadas com fluxos de energia desconhecidos pela ciência que varrem as faixas costeiras da ilha.

Mas tudo isto são brincadeiras de crianças em comparação com o que ouvimos na I Conferência de toda a União sobre problemas de intercâmbio energético-informativo na natureza da parte do professor V. N. Fomenko. Ele não só falou sobre tais fenómenos misteriosos, como apresentou participantes vivos e testemunhas da tragédia que se desenrolou em tempo de paz em três apartamentos perfeitamente normais de Moscovo, situados longe uns dos outros. Algo do que foi contado pôde ser visto pelos telespectadores nos ecrãs de televisão a 1 de dezembro de 1989.

Não me recordo em detalhe dos relatos das testemunhas, mas o que memorizei e consegui anotar no meu bloco de notas reproduz de forma bastante vívida o quadro da tragédia autêntica. Devo dizer que em todos os três apartamentos os acontecimentos são extremamente semelhantes, por isso descrevê-los-ei como um todo único.

Primeiro foram apenas pequenos aborrecimentos — no apartamento as lâmpadas fundiam-se, de tal modo que os moradores não tinham mãos a medir para as comprar. Lâmpadas guardadas nas prateleiras dos armários caíam ao chão e desfaziam-se em mil pedaços. Depois, sem qualquer razão para tal, os fusíveis começaram a saltar. Num dos apartamentos, o candeeiro de teto soltou-se e desfez-se em pedacinhos. Em todos os apartamentos, os globos de vidro foram partidos. Uma vez, num dos apartamentos, o fusível do contador saltou com tal força que partiu o espelho pendurado na parede oposta.

A coisa não ficou por aqui. Entrou em cena a louça. Pelos apartamentos voavam e partiam-se copos, pratos, chávenas. Alguém dos vizinhos aconselhou a embrulhar os pratos em toalhas; que assim, diziam, se conservariam melhor. Qual quê. Os pratos desfaziam-se em pequenas partes, rasgando a toalha.

Num dos apartamentos, e depois nos outros, começaram as autocombustões. Ora se incendeia um canto na cozinha, ora no quarto; era só tempo de apagar. Mas o que é surpreendente: apesar do fogo, nos quartos cheirava a ozono.

Obviamente, surgiu a suspeita de que nos apartamentos algo estivesse errado com a instalação elétrica. Mas a verificação mostrou: está tudo em ordem. Mais ainda: num dos apartamentos, o contador soltou-se, a eletricidade foi desligada e as autocombustões continuaram.

E mais um "prazer" estava destinado aos moradores dos apartamentos misteriosos. Nos quartos, no lavabo, no quarto de banho ouviam-se constantemente explosões. A tampa do autoclismo desfaz-se em pequenas partes, os suportes que fixam o lavatório arrancam-se, as pernas de ferro fundido que seguram a banheira partem-se em duas. Os vidros das estantes de livros saltam fora. Movem-se armários, cadeiras, camas. O radiador rebenta e verte água quente e, ao mesmo tempo, não se sabe de onde, fluxos de água jorram diretamente do teto. Durante o dia, apareciam mais de dez baldes de água no chão dos apartamentos. Dá a impressão de que escorre do teto, mas este está absolutamente seco. Além disso, nos vizinhos de cima está tudo em ordem — não há de onde vir a água.

Mas se primeiro a água aparecia apenas no chão, posteriormente os moradores passaram a tomar duches frios à noite na cama. Levantavam-se molhados, e estava-se em pleno outono e no apartamento fazia bastante frio.

Finalmente, imaginem este cenário. No apartamento voa a louça, movem-se as camas, estantes com mais de 200 livros, deslocam-se baldes com água, os mantimentos do aparador caem para o lava-loiça ou para a sanita. A cama de abrir onde dorme a criança eleva-se até ao candeeiro e vira-se ao contrário. Não se sabe de onde, aparecem mesmo diante dos olhos bilhetes com ameaças

e, descendo para a mesa ou para o chão, incendeiam-se de imediato, transformando-se num monte de cinzas.

E quando quiseram gravar tudo isto num gravador de vídeo, apareceu um bilhete: "Se não tirarem o gravador, nós partimo-lo" e a assinatura: "Magia negra". E, finalmente, um bilhete num dos apartamentos: "Venceram, nós perecemos", após o que os fenómenos misteriosos cessaram.

Tudo o que é aqui contado não é ficção, e isto não durou um só dia, mas repetia-se de ano para ano várias vezes por mês. Mal os donos recuperavam do vandalismo, tudo começava de novo. E o que é mais interessante — apesar de os objetos voarem a grande velocidade, eles não atingem as pessoas nem lhes causam ferimentos. Movem-se não só por uma trajetória predefinida, mas também contornam os seres vivos.

Mas o mais terrível começa depois de tal destruição. O seguro do Estado, o comité executivo distrital, os administradores de condomínio e os órgãos do partido não acreditam nas pessoas. "Vocês próprios fizeram o vandalismo e querem convencer-nos de que aqui andaram forças malignas à solta". E um dos secretários do comité distrital, perante o pedido das vítimas para trocarem de apartamento e se livrarem dos pesadelos, declarou a uma mulher de sessenta e cinco anos: "Tenha um filho, então daremos o apartamento. Caso contrário, não tem fundamentos para isso".

Aliás, nestes casos não ajudavam as orações mais fervorosas nem os pedidos à igreja para livrar da força maligna.

Na conferência onde estas histórias foram contadas, o presidente dirigiu-se aos presentes na sala: "Quem souber combater ou conhecer formas de combater este fenómeno, peço que suba ao palco". Da sala saíram algumas pessoas. Se ajudaram os infelizes donos dos malfadados apartamentos a verem-se livres dos convidados indesejados, não sei. Possivelmente, na próxima

conferência saberemos os resultados da expulsão dos "maus espíritos" dos apartamentos misteriosos.

Impressão especialmente arrepiante causam os casos das chamadas cremações espontâneas ou autocombustões terrestres. O investigador americano K. Bonabot analisou 26 casos fidedignos semelhantes ocorridos nos EUA, Holanda, Inglaterra, Espanha, França e nas ilhas Havai. Citemos alguns deles.

Verónica Klenke (EUA, cidade de Silver Spring, estado da Califórnia), de onze anos, tocava acordeão quando o seu pai, Henry Klenke, ouviu um grito desesperado da menina. Ele subiu rapidamente as escadas e viu a filha e o acordeão em chamas. Conseguiu atirar o acordeão a arder pela janela. Apagou a roupa da Verónica com grande dificuldade. A menina ficou com queimaduras em 35% da superfície do corpo; o pai, ao apagar o fogo, sofreu queimaduras graves de III grau. A menina, que sobreviveu, relatou que mal tirou o acordeão da capa e começou a tocar, foi imediatamente envolvida pelo fogo por todos os lados. Os bombeiros chamados não conseguiram apurar a causa do desastre.

Um caso não menos arrepiante ocorreu na primavera de 1959 na cidade de Rockford (EUA, estado de Illinois). Ricky Pruitt, de quatro meses, faleceu no berço por queimaduras graves quando os pais não estavam por perto. Nem o berço nem os artigos de cama apresentavam vestígios de carbonização.

Das autocombustões, verifica-se, nem os lugares sagrados estão garantidos. Em 1964, numa das aldeias do sul da Inglaterra, na sacristia de uma igreja católica, o sacerdote descobriu que as suas vestes, móveis e também a louça estavam cobertos por uma espessa camada de fuligem. No chão da igreja encontrava-se um círculo carbonizado. Ninguém tinha entrado nas dependências da igreja, as portas estavam bem fechadas, nenhum dos objetos tinha sido movido do sítio.

Na correspondência de Igor Tsarev (*Trud*. 1992. 28 de novembro) relata-se um caso espantoso de autocombustão ocorrido na região de Saratov. "Existe... não longe da cidade de Zhirnovsk, um lugar estranho, apelidado pelos habitantes locais de 'Covil do Diabo'. Correm muitas lendas sobre ele. E o incidente misterioso ocorrido ali em outubro de 1990 apenas reforçou a má fama desta zona anómala. Foi assim: dois pastores, seguindo um rebanho de ovelhas, foram parar acidentalmente à encosta de uma colina que os aconselhavam a evitar. Ali sentiram um tal cansaço que decidiram descansar um pouco.

Um sentou-se numa pedra e o outro foi acalmar os animais, que estavam assustados com algo. Passaram cerca de cinco minutos; nada, além do balir das ovelhas, quebrava o silêncio. Mas, ao regressar do rebanho, o pastor, em vez do seu companheiro, encontrou apenas o seu cadáver carbonizado... Enquanto a polícia e os médicos não chegavam ao local do incidente, passaram umas quatro horas. Durante esse tempo, o corpo queimado foi colocado numa carroça, de onde depois foi transferido para a ambulância. E aqui começam os pormenores verdadeiramente fantásticos nos depoimentos das testemunhas: a roupa do falecido, segundo os seus testemunhos, conservou-se intacta, mas quando o corpo foi retirado da carroça, verificou-se que o fundo desta estava queimado..."

Finalmente! Verificasse que as autocombustões ocorrem em zonas anómalas. Será que tais "partidas" são feitas pelo mesmíssimo geopatogénico? Como é que, afinal, a ciência moderna explica este fenómeno?

O cientista sul-africano Van Streipa expressou a seguinte suposição a respeito das autocombustões. No nosso corpo há bastantes substâncias que se inflamam em contacto umas com as outras ou com o ar, por exemplo o fósforo. É possível que, em certas condições (forte geopatogénico! — B. K.), o fósforo formado sabe-se lá como entre em reação com o oxigénio, o que acarreta uma

explosão. Mas outras substâncias encontradas no nosso organismo podem revelar-se "perigosas em termos de incêndio", em particular, gases combustíveis formados no processo de atividade vital. E o papel do fósforo fatal, aproximado da mistura explosiva, pode ser desempenhado por uma faísca, que teoricamente se pode formar até pela diferença de potenciais elétricos de vários órgãos.

Uma interpretação ligeiramente diferente é dada a estes fenómenos por I. Tsarev. Ele raciocina assim. A combustão é uma reação química de oxidação. Processos oxidativos ocorrem constantemente no nosso organismo, o que cria energia para a sua existência e também mantém a temperatura corporal normal. Os processos oxidativos distinguem-se da chama de uma fogueira apenas pelo facto de terem o ritmo bruscamente retardado. E o que acontecerá se esse ritmo for significativamente acelerado? O homem arderá na sua própria chama. Mas para que isso aconteça, é necessária uma condição — a alteração do curso real do tempo. Mas será que o curso do tempo pode realmente ser alterado? Os cientistas respondem afirmativamente a esta pergunta.

Não me deterei nas investigações originalíssimas do membro correspondente da academia da Bielorrússia, A. I. Veinik, dos professores N. Kozyrev e V. Chernobrov, que provaram que o curso do tempo em condições artificiais pode ser retardado ou acelerado. Mais ainda: existem observações indiretas que permitem dizer que tais fenómenos se encontram frequentemente em zonas anómalas.

E, no entanto, esta teoria não explica muitos factos encontrados na autocombustão: porque é que na maioria dos casos os objetos circundantes e até a roupa das vítimas permanecem inteiros e não danificados pelo fogo. Responder a esta pergunta só é possível supondo que, nos casos de autocombustão, surge um fogo especial, diferente daquele a que estamos habituados.

Finalmente, gostaria de citar um excerto do artigo de S. I. Litvinov, "Observação de um humano-operador numa zona anómala da cidade de Odessa", publicado numa das coletâneas de trabalhos

científicos sobre bioindicação em 1989. O autor descreve uma zona geopatogénica na qual "as casas de habitação e as instalações de serviço estão todas repletas de fendas, incluindo um prédio novo de nove andares. Uma escola de quatro andares também está toda fissurada e, nos seus quatro cantos, foram instalados tirantes, como em zonas de risco sísmico. Entre a população deste bairro, há muitas pessoas com doenças graves e diversos distúrbios psíquicos, e não poucos doentes oncológicos. Em várias pessoas, incluindo jovens, foram amputados membros. Todos os habitantes do bairro anómalo apresentam queixas de dores de cabeça sem causa aparente, zumbidos nos ouvidos e na cabeça, deterioração significativa da memória e perturbações da coordenação.

Através da radiestesia, foi descoberto todo um sistema de pontos entre os quais ocorre constantemente uma pulsação, uma acumulação de algum tipo de energia — ora com aumento, ora com diminuição. Se num ponto a energia se intensifica, significa que se deve esperar um terramoto.

No prédio anómalo não vivem gatos. Dois gatos que viveram neste prédio anteriormente ficaram carecas um após o outro e morreram pouco depois. O cão que vive no pátio possui uma agressividade elevada, mesmo em relação às pessoas que conhece bem.

Desde o momento da chegada dos investigadores e até ao fim da sua estadia, todos os moradores do apartamento deixaram de ter sonhos e os proprietários sentiram uma melhoria significativa do seu estado, mas o estado dos recém-chegados piorou consideravelmente. Ao que tudo indica, os visitantes absorveram parte da "energia patológica", aliviando assim a sorte dos anfitriões.

Durante a estadia do operador na zona anómala, este ouviu certa vez um sinal sonoro — o aparelho disparou. O operador olhou na direção do aparelho e viu... um gnomo. "Tinha cerca de 70 cm de altura, vestia de castanho, todos os traços do rosto eram acentuados, a expressão facial era bondosa, o cabelo escuro e

encaracolado — o gnomo não usava cobertura de cabeça". O gnomo não manifestava agressividade, estava ocupado consigo próprio. Criou-se a impressão de que ele brincava, fervilhava e não queria saber dos que o rodeavam. Deslocava-se sem dar passos, muito rapidamente, deslocando todo o corpo quase instantaneamente.

O operador não sentiu medo, observou em silêncio tudo o que acontecia. Por um instante fechou os olhos e, quando os abriu, viu que aquele gnomo tinha desaparecido, mas apareceu um novo — de cor cinzenta. Os traços do seu rosto eram difusos. Gradualmente, ele tornou-se mais transparente e, por fim, dissolveu-se no ar e desapareceu.

Após estas visões, houve um tornado na Ucrânia que ceifou vidas humanas e, no mar, um forte nevoeiro e uma tempestade de quatro graus.

As observações mostraram que o local mais desfavorável na casa é a área onde estava o sofá-cama. O operador pernoitou nesta zona duas vezes e sentiu-se muito mal — não descansava, acordava com dificuldade, a cabeça doía-lhe, registava-se uma tensão arterial baixa.

...Durante o dia, surgiam pensamentos obsessivos sobre a falta de sentido da vida, revelou-se uma deterioração da visão e da audição, o operador queixava-se de zumbidos nos ouvidos. Mesmo uma estadia curta no "buraco negro" (expressão do operador) exigia a intervenção de terceiros para a restauração de um estado mais ou menos suportável".

Citei este caso porque ele coincide com as nossas observações. Nós também notámos nas zonas geopatogénicas não só a deterioração do estado de saúde dos habitantes, mas também o desenvolvimento de diversas doenças. Além disso, na presença de fortes zonas geopatogénicas, observaram-se "encontros" com mortos, *aliens*, bem como tropelias de *poltergeists*.

Embora na presença de estranhos as aparições surjam muito raramente, existem provas curiosas da sua existência. O reverendo Hardy e a sua esposa tiraram, em 1966, uma fotografia na qual aparece um fantasma na escadaria Tulipa na Casa da Rainha, em Greenwich. Num exame atento da fotografia, podem detetar-se duas figuras, mas uma delas está na sombra. Na mão esquerda de cada uma das figuras existe uma aliança. Supõe-se que este anel pertença à rainha Henriqueta, que já não pertence ao mundo dos vivos há muito tempo.

Nos últimos anos, aparecem cada vez mais notícias de que os *aliens* e até espíritos invisíveis, que nos visitam do outro mundo, conseguem ser registados com a ajuda de câmaras de filmar, máquinas fotográficas e até de um gravador comum. Cito algumas delas.

"Ficou bastante surpreendido o amador de fotografia V. Yashin, de Kostroma, quando revelou o rolo fotografado no parque da cidade. Num dos negativos, entre as árvores, surgiu nitidamente o rosto de um homem vindo de sabe-se lá onde. O fotógrafo lembrava-se claramente de que, no momento das fotografias, o parque estava deserto... Resta acreditar num fantasma ou num extraterrestre. Aliás, os videntes asseguram que da fotografia emana um fluxo bastante potente de 'energia espiritual'" (*Rabochaia Tribuna*. 1991. 10 de outubro).

O conhecido ornitólogo sueco Friedrich Jürgenson estava a gravar o canto de tentilhões numa floresta perto de Estocolmo. Ao ouvir a fita, notou que nela se tinham gravado sons estranhos adicionais, lembrando uma voz humana. Pensando que o gravador se tinha avariado no caminho para a floresta, levou-o para reparação e, algumas semanas depois, repetiu a experiência. "Ao ouvir a gravação — recorda ele —, primeiro ouvi o chilrear dos pássaros, depois seguiu-se o silêncio. E de repente ouviu-se uma voz vinda do nada, uma voz feminina que falava em alemão: 'Friedel, meu pequeno Friedel, estás a ouvir-me?'. Parecia que estas palavras lhe

custavam um esforço enorme, nela ouvia-se ansiedade. Mas não tive a menor dúvida de que era a voz da minha falecida mãe, que morrera há quatro anos".

Posteriormente, Jürgenson conseguiu gravar as vozes de parentes e amigos próximos, e até, como ele assegura... de Hitler, Göring e Chessman. Para excluir a receção acidental, F. Jürgenson começou a colaborar com um físico teórico do Instituto Max Planck — Friedbert Karger. Este último confirmou que as vozes na fita existem e são gravadas mesmo quando se tomam todas as medidas para blindar todas as interferências.

O presidente do "Clube dos Fantasmas", Peter Underwood (Inglaterra), considera que os espíritos "pregam partidas" com maior frequência em locais de infortúnios e de esperanças frustradas, vizinhando predominantemente com jovens e não com idosos. Onde operam as aparições, regista-se uma descida da temperatura de 8-9° em relação à temperatura do espaço circundante. Tais zonas frias foram detetadas pelos membros do "Clube dos Fantasmas" em praticamente todas as casas onde os "espíritos" mandavam. É bem possível que em tais pontos frios se acumule um excesso de energia retirada do meio ambiente.

Rose Shepherd fala de uma companhia de "Caçadores de Fantasmas" da cidade de Shrimboy, dirigida por um certo Robin Farman, que possui uma enorme experiência no combate aos "espíritos".

"Não se podem expulsar as aparições... mas para ajudar um possuído, pode-se recorrer aos serviços de um sacerdote. Se alguém perceciona as aparições como uma ameaça, podemos utilizar pentagramas ou pirâmides — eles ajudam. Podemos convidar um médium, e ele pedirá às aparições que exponham o que as inquieta, para que as possamos ajudar a 'mudar-se' do apartamento. Acontece que os quartos criam uma atmosfera especial e, em tais casos, basta simplesmente pintar de novo as paredes, abrir as portas

e janelas, arejar o local — e alterar essa atmosfera — afirma Farman" (*Za Rubezhom*. 1989. nº 38).

Então, o que é este fenómeno estranho que recebeu na literatura científica a designação de *poltergeist* (espírito barulhento)?

O filósofo espírita (pelos vistos, também os há) P. Geleva considera que "o *poltergeist* é uma manifestação da alma de uma pessoa falecida no nosso mundo material... O homem é, na realidade... um espírito imortal que utiliza alternadamente diferentes corpos, passando de um estádio da sua existência para outro. Alguns dos espíritos, temporariamente privados de corpo, podem desejar entrar em comunicação connosco... Esta comunicação pode ocorrer por nossa vontade através de um intermediário — um médium durante uma sessão espírita. Quando esta comunicação ocorre sem o nosso conhecimento, tem lugar o que se chama *poltergeist*.

Se o espírito se manifesta espontaneamente, isso pode ter apenas duas causas: ou deseja assustar as pessoas... ou deseja entrar em comunicação com elas. Em qualquer caso, não se deve temer o *poltergeist*, uma vez que não representa qualquer perigo para a vida e saúde das pessoas. No entanto, é totalmente insensato ignorá-lo, uma vez que isso irrita o espírito e obriga-o a inventar formas de atuação cada vez mais eficazes. É melhor tentar entrar em comunicação com ele, pois tratam-se, regra geral, de espíritos de pessoas que morreram recentemente e que desejam transmitir algo aos seus entes queridos. Se for suficientemente habilidoso, saberá o que o espírito quer. Cumprindo na medida do possível o seu pedido, ver-se-á certamente livre do *poltergeist*".

Investigações interessantes foram realizadas pela colaboradora científica da Academia de Ciências da Bielorrússia, a psicóloga E. Ageenkova. Ela estudou a localização de várias pessoas no momento da manifestação do *poltergeist*. Verificou-se que na maioria dos casos o objeto caía ou iniciava o movimento a partir do local onde se encontrava uma criança. Frequentemente, antes do início do

poltergeist, as crianças tinham sido gravemente ofendidas por algo. E surge involuntariamente a suposição de se a manifestação do *poltergeist* não será, em casos isolados, uma vingança pela ofensa causada à criança.

O diretor do centro para a investigação de situações de contacto anómalas, Alexei Priima, assegura que nas manifestações do *poltergeist* a culpa é das almas de crianças falecidas e o comportamento do *poltergeist* assemelha-se a travessuras infantis. O espírito da criança está aborrecido e quer pregar partidas. Mas para o espírito, tal como para a criança, é necessária uma abordagem habilidosa. Segundo as crenças, todos os "duendes domésticos" dividem-se em "rapazes" e "raparigas". Frequentemente, escolhendo para o "rapaz" um brinquedo que lhe pareça divertido, e para a "rapariga" uma boneca, pode-se ficar livre das tropelias do duende.

Eis um dos episódios contados por A. Priima: — Sugeri ao dono do apartamento que comprasse um baralho de cartas e com ele entrei na cozinha, que estava "suja". Tirando as cartas, despejei-as na palma da mão. 'Estás a ver que cartas bonitas — disse eu —, são simplesmente cartas maravilhosas, não são? Um brinquedo excelente. Pois bem, são tuas. Toma-as para ti e vai-te embora'.

Depois, despejei o baralho em "jato" para cima do frigorífico e saí rapidamente da cozinha. Quando, meia hora depois, eu e o dono do apartamento entrámos na cozinha, descobrimos que as cartas tinham desaparecido e, com elas, desapareceu também o *poltergeist*.

E eis os conselhos para a expulsão de duendes e *barabashkas* dados pelo candidato em ciências físico-matemáticas V. Panteleev: "Sugiro que o local onde se instalou o duende, bem como as pessoas que nele residem, sejam defumados com ervas. Que ervas se utilizam para isso? Entre nós — o cardo, o incenso; nos países do Oriente — o sândalo e outras".

V. Panteleev conta que foi testemunha de como folhas de cardo colhidas na hora ajudaram a cessar as indecências dos *barabashkas*. E realmente, no nome "cardo" [em russo *chertopolokh*] está refletida a essência desta planta: assustar (*polokhat*) o diabo (*chert*). Para a defumação, Panteleev sugere utilizar as flores secas do cardo.

Com sucesso, para a expulsão de duendes e *barabashkas*, pode ser aplicado o incenso. Não é por acaso que se diz "teme como o diabo teme o incenso". O incenso é habitualmente queimado num turíbulo. Mas o incenso verdadeiro (resina de árvores sul-americanas, de algumas africanas e árabes) é difícil de obter, pelo que se podem aplicar os seus substitutos — diversas ervas e resinas aromáticas (*AiF*. 1991).

Contudo, no pico de atividade do *poltergeist*, é melhor abandonar o apartamento: sair para a rua ou mudar-se por alguns dias para casa de conhecidos. O *poltergeist* raramente ocorre na presença de estranhos. Por vezes basta convidar visitas ou vizinhos para que este fenómeno desagradável cesse. Se o *poltergeist* começou à noite, deve-se obrigatoriamente acender a luz. Isso diminui a atividade dos "espíritos".

Irina Minenko assegura que frequentemente se pode expulsar o *poltergeist* com a ajuda da oração "Pai Nosso". Mas para isso é necessário que a oração seja lida não por uma pessoa, mas por um grupo de pessoas de mãos dadas (*Anomalia*. 1990. nº 4).

E aqui ficam alguns conselhos para se livrar do *poltergeist*, propostos por terapeutas não tradicionais do Centro Internacional de Medicina Não Tradicional e Popular "Kavkaz": "Durante o dia, encontre na rua uma lata de conserva velha e agulhas velhas. Despeje as agulhas na lata e cubra com leite. Ferva até que todo o leite se evapore, a lata começará a deitar fumo, nas paredes ficará uma crosta. Antes do pôr do sol, leve a lata para fora de casa e atire-a a um rio ou pântano. Diga ao fazê-lo: 'Que tudo o que há de mau saia da minha casa...'".

E outro conselho: "Garrave as agulhas com a ponta para cima na porta ou sob o limiar em forma de cruz. Leia a oração 'Retira-te, Satanás'. Convidando um sacerdote, realize na casa o ritual cristão. Percorra (com uma vela e lendo a oração) todo o apartamento da direita para a esquerda, 'queimando' todos os programas-menos, janelas, portas, cantos. Junto à porta de entrada, deixe a vela terminar de arder, depois deite tudo à água".

Não há nada a dizer, belos conselhos! Eu, para ser sincero, não percebi muito bem o que recomendam os sábios do Centro Internacional "Kavkaz". Também não conheço a oração "Retira-te, Satanás", não imagino como se queimam "programas-menos" e não cheguei a perceber o que significa "deitar tudo à água" e onde se podem encontrar na rua agulhas velhas. Mas o que não se faz num ímpeto de desespero, quando não se tem para onde ir!

De entre a multidão de hipóteses que explicam a presença do *poltergeist*, as que inspiram maior confiança são as ideias do professor B. I. Iskakov, que explica este fenómeno pelo comportamento dos mesmíssimos micróleptons. Sob a ação da energia humana (e possivelmente de extraterrestres), os micróleptons formam estruturas finas que possuem energia e percecionam a consciência humana. Graças a uma energia de força invulgar, as estruturas micróleptónicas duplas (escrevemos sobre isto anteriormente, quando explicámos o fenómeno da telepatia e da clarividência) produzem ações características do *poltergeist*. No entanto, o homem, com a ajuda da sua energia, é capaz de destruir os duplos micróleptónicos. Se ele acredita que isso pode ser feito com a ajuda de orações, esconjuros, água benta, então essa fé alimenta a energia que destrói os "espíritos brincalhões".

Contudo, existe outra teoria, avançada pelo colaborador científico do Instituto de Ondas de Rádio de Moscovo, I. S. Vsekhvyatskaya. Segundo as suas visões, as parcelas da terra distinguem-se por diferentes níveis de energética. No limite destas zonas passam linhas de força. É precisamente nestas zonas que, por

razões incompreensíveis, representantes de uma civilização plasmática energética não-humanoide tentam entrar em contacto com os humanos. Na interação da sua energética com a zona energética invulgar da terra (zona geopatogénica), ocorre o fenómeno do *poltergeist*.

Parece-nos que ambas estas hipóteses podem ser unidas numa só. Pois tanto num caso como no outro pode tratar-se de micróleptons (forma de vida de campo, não-humanoide). E eu penso que as zonas geopatogénicas, tal como as perturbações geomagnéticas, desempenham um papel que não é de todo o último neste fenómeno estranho, misterioso e por vezes cruel.

E então, como estamos em relação aos OVNIs e aos *aliens*? Devo dizer que tive sorte — finalmente vi um verdadeiro disco voador. Aconteceu em Saratov, a 2 de abril de 1990, às 21 horas e 30 minutos. O disco pairou na zona do Volga e era bem visível da nossa varanda. O céu estava absolutamente transparente, as estrelas brilhavam intensamente. De horizonte a horizonte, nem uma nuvenzinha. E sobre este fundo, uma formação azulada bastante amorfa, ora brilhando com uma luz mais forte, ora empalidecendo, afastando-se de nós para sudoeste. O OVNI não só se afastava, como se esfumava e, de alguma forma impercetível, dissolveu-se sem deixar rasto.

Lá em baixo, na rua, os rapazes corriam e gritavam alegremente: "Os extraterrestres chegaram!". Na varanda vizinha, uma mulher insistia com o marido: "Vânia, olha só que prodígio — um disco voador". No dia seguinte, a minha irmã trouxe do trabalho um óculo e ficámos muito tempo sentados na varanda, à espera da repetição do espetáculo da véspera. Infelizmente, o prodígio não aconteceu.

Mas ainda antes, a 20 de setembro de 1989, ligou-me A. M. Tulupov e perguntou-me: — Quer ir ao local de aterragem de um OVNI? Bela pergunta — pensei eu. — Quem é que pode recusar uma proposta destas! No carro fomos cinco. Além de Anatoly Mikhailovich, o escritor G. Donets, o seu filho Maxim e o engenheiro

S. Foi este último o causador do alvoroço. Tivemos de viajar durante um tempo comparativamente longo. Não vou mencionar o local para onde pretendíamos ir; por experiência sei que isso não trará nada de bom, começará uma peregrinação.

Pelo caminho, S. ia-nos contando: — No outono, costumo vir frequentemente a estes sítios. Gosto de vaguear em solidão, de colher cogumelos. Na floresta, não só descanso, como aqui se pensa bem. E eis a colina familiar, onde há sempre muitos cogumelos. Mas, logo na aproximação a ela, senti uma agitação e, depois, um medo incompreensível. A cabeça começou a apertar, como se estivesse num torno. Quanto mais me embrenhava na floresta, mais o sentimento de medo se apoderava de mim. Finalmente, não aguentei e voltei para trás. A cabeça clareou visivelmente, o sentimento de medo começou a diminuir. Nisto, fui tomado pela curiosidade. O que se passava? Já tinha estado dezenas de vezes naquele local e nunca sentira nada semelhante!

Decidi superar o medo e aprofundar-me na floresta. Novamente dei algumas dezenas de passos encosta acima e, ali, fui invadido pelo terror. A cabeça doía de tal modo que, por vezes, parecia que ia perder os sentidos a qualquer momento. Recuei outra vez, e a dor, como que por comando, começou a abrandar. E o sentimento de medo retrocedeu. Não sei dizer quantas vezes recuei e voltei a tentar o assalto à colina. No fim de contas, a dor tornou-se surda, a cabeça apertava como que por tenazes, mas isso já era perfeitamente suportável. Havia medo, mas aquele horror que sentira ao início já não existia. Em suma, treinei-me.

E, de repente, vi a causa dos meus tormentos e percebi que fora recompensado por todo o sofrimento. Numa pequena clareira encontrava-se um OVNI. Não tenho dúvidas de que era precisamente isso. A sua altura não excedia os 3 metros, vi vigias, mas não havia nenhuns seres vivos lá dentro. Pareceu-me que o OVNI se assemelhava a um dirigível. Contudo, não o observei por muito tempo. A cabeça doía terrivelmente. Tive medo de poder

perder os sentidos e afastei-me. Cheguei a casa destroçado, exausto, caí na cama e dormi profundamente até de manhã.

Começámos a fazer perguntas a S. todos ao mesmo tempo, mas ele não conseguia acrescentar nada de novo ao seu relato.

Não demorámos muito a encontrar o local da aterragem do OVNI. Fomos guiados não só por S., mas também pelas biorrametas que cada um de nós segurava nas mãos. Sentimos imediatamente que nos aproximávamos do local da aterragem da misteriosa nave. As rametas começaram a girar e, quanto mais perto chegávamos do local sagrado, mais depressa elas rodavam. Nunca vi nada semelhante em toda a minha vida.

Todos esperávamos com impaciência o que Tulupov diria. Mas ele não tinha pressa em tirar conclusões. Não interrogou S., nem deu ouvidos às nossas exclamações de surpresa, mas examinou a zona com muito cuidado. Finalmente, falou: — Sem dúvida, a nave esteve aqui. Aterrou precisamente neste troço — e delimitou uma zona com cerca de 20 metros de diâmetro.

De facto, naquele local as rametas não nos obedeciam de todo e efetuavam uma volta após outra com uma velocidade considerável. — Neste troço existe uma falha da crosta terrestre e uma zona hipomagnética. Estou seguro de que o campo gravitacional aqui está alterado. Não tenho dúvidas de que os OVNIs efetuam aterragens apenas em locais de falhas da crosta terrestre, nas chamadas zonas geopatógenas. Para eles, é mais fácil aterrar aqui. — Absolutamente exato, era precisamente aqui que ele se encontrava! Entre estes dois pinheiros — exclamou S.

Observámos atentamente a zona de aterragem. Eu, pessoalmente, não pude esconder a deceção: todos os ramos das árvores estavam intactos, não notei quaisquer mossas suspeitas ou alterações na cor da erva. E até pinhas naquele local havia aproximadamente as mesmas que sob outros pinheiros.

Começou a escurecer e abandonámos a zona misteriosa. Todos nós, à exceção de Anatoli Mikhailovich, queixámo-nos de peso na cabeça. A mim, doíam-me mais os lobos frontais; os restantes asseguravam que lhes doía a nuca. Sentia-se um cansaço terrível. Cheguei a casa e, mal jantei, deitei-me e dormi sem sonhos até de manhã.

No dia seguinte, estava perfeitamente bem. Não foram notadas quaisquer alterações no bem-estar pelos outros membros da nossa expedição. No entanto, as rametas registaram que o nosso próprio biocampo aumentou mais do dobro.

Será que os extraterrestres foram nossos convidados a 2 de setembro de 1989? Não tenho qualquer motivo para não acreditar no engenheiro S. A biolocação mostrou que nos deparámos com um fenómeno anómalo. Mais do que isso, durante vários dias após o sucedido, o nosso próprio biocampo esteve drasticamente elevado. O engenheiro S. viu a nave dos extraterrestres. E eu lamento apenas uma coisa: por que razão naquele dia não fui com ele colher cogumelos na nossa maravilhosa floresta!

Estou seguro de apenas uma coisa — se representantes de civilizações extraterrestres aparecem no nosso planeta, trata-se de um fenómeno extremamente raro. Não têm por que vir cá, pois qualquer informação, por mais complexa que seja, pode ser obtida por eles utilizando a bioenergia que não só rodeia o nosso planeta, como também ocupa uma parte considerável do espaço cósmico.

Para compreender isto, devemos desvincular-nos totalmente da ideia de que existem apenas formas de vida proteico-nucleicas. Segundo as conceções do académico da AMN (Academia de Ciências Médicas), o professor V. P. Kaznacheev, "*a vida é tão diversificada nas suas manifestações como a diversidade das formas do universo físico há muito conhecida pela humanidade*".

Já K. E. Tsiolkovsky escreveu que a maioria dos planetas, por mais longe que estejam do Sistema Solar, amadureceu para o

aparecimento de seres vivos neles, e que estamos rodeados por diversos seres densos de base biológica, bem como por seres "*etéreos*", cuja materialidade é muito menos densa do que a materialidade do nosso mundo.

No notável trabalho, intitulado "*Seres vivos no cosmos*", Tsiolkovsky escreveu que é ingénuo pensar que somos os únicos representantes inteligentes no Universo.

Segundo a opinião de um dos principais bioastrónomos, R. Shapiro, autor do livro "*Vida fora da terra: Guia para o terráqueo inteligente sobre a vida no Universo*", existem inúmeras formas diferentes, distintas da forma de vida hidrocarbonada. Ele propõe a seguinte classificação de possíveis formas de vida no cosmos (citada segundo o artigo de A. Kuzovkin e A. Semenov):

1. **Plasmoides** — existem em atmosferas estelares, formam-se devido a forças magnéticas ligadas a grupos de cargas elétricas.

2. **Radiobios** — vivem em nuvens interestelares, representam agregados complexos de átomos que se encontram em estado de excitação.

3. **Lavobios** — estruturas organizadas de silício, que vivem em lagos de lava derretida em planetas muito quentes.

4. **Hidrobios** — formas ameboides que flutuam em metano líquido e extraem energia das transformações de ortohidrogénio em parahidrogénio.

5. **Termófagos** — um tipo de vida cósmica que extrai energia do gradiente de temperaturas na atmosfera ou nos oceanos do planeta.

Um dos principais cientistas ufólogos, o diretor do Centro Ufológico Russo, Vladimir Georgievich Azhazha, numa conversa com um correspondente (Sete Dias. 1991. n.º 30), afirmou:

"Quem pode responder de que modo (isto vi eu próprio) um corpo de aparência metálica em forma de pires se divide em oito setores iguais, cada um dos quais voa separadamente, depois todos se unem num bloco motor, transformam-se num toroide (rosca), num cilindro, enrolam-se na direção oposta, o 'prato' aterra e de lá saem três seres humanoides. Os alunos a quem contei isto perguntavam: e onde estavam esses três quando o prato se dividiu em oito? Engraçado? Bem, não, é uma questão séria, pois tal controlo da matéria nem sequer nos passou pelos sonhos.

Cria-se a impressão de que estes visitantes podem assumir quaisquer formas dependendo dos seus desejos. Aparecem-nos sob a forma de pratos, de pessoas (não são pessoas, não são seres proteico-nucleicos, aparecem sob a forma de fantasmas e espectros). Não lhes custa nada desligar a luz numa cidade inteira, causar interferências na TV, parar um carro, provocar uma paralisia temporária, etc. Como podemos compreendê-los nós, limitados pelo nosso espaço tridimensional? Entidades material-psíquicas multidimensionais... possivelmente, coexistem aqui constantemente."

Penso que os *domovye* (duendes domésticos), os *barabashki* (poltergeists), alguns OVNIs e até visitantes são variantes das chamadas formas de vida não biológicas. Provavelmente, parte delas forma-se sob a influência de civilizações extraterrestres, que em vários casos preenchem estas formações criadas artificialmente com inteligência e com a capacidade não só de comunicar com as pessoas, mas também de transmitir a informação necessária a seres mais desenvolvidos noutros planetas. Para confirmação dos meus pontos de vista, quero apresentar um extrato da entrevista do académico V. P. Kaznacheev (*Argumentos e Factos*. 1989. n.º 37).

"*Se em determinados períodos, em alguns pontos geográficos sob a água, sobre a terra ou no cosmos próximo, surgem num indivíduo ou num grupo de pessoas estados nos quais lhes é visto, parece ou na realidade por eles é observado algo, então o que é a causa disso? Uma vez que tais exemplos são aos milhares e dezenas*

de milhares, explicar tudo apenas pelo facto de que alguém algures enlouquece periodicamente já não é possível: não dá para atribuir tudo a tal acaso!

Recordo que se pode entender o organismo humano como uma forma de vida proteico-nucleica. Mas pode-se supor que na vida proteico-nucleica se combinam também outras organizações. Segundo os nossos materiais — estas são formas pouco conhecidas por nós, que respondem aos conceitos modernos de vida — de matéria viva... Possivelmente, o encontro de diferentes seres biológicos não é de todo uma fantasia... Possivelmente, tal encontro de diferentes formas de matéria viva já ocorreu... no planeta Terra!"

Nos últimos anos, procuraram-me dezenas de homens e mulheres assegurando que são contactados ou mensageiros do cosmos. Frequentemente, são pessoas com pouca instrução e não se compreende por que razão as civilizações extraterrestres lhes deram a sua preferência. Estas pessoas estão tão seguras de que sabem como salvar a humanidade de uma catástrofe iminente que, por vezes, o contacto com elas torna-se inquietante. Frequentemente, devido a "ligações cósmicas", surgem conflitos na família, problemas no trabalho.

Então, será que todos estes contactados são pacientes de dispensários psiconeurológicos? Nada disso. São pessoas saudáveis. E elas são realmente contactadas. A questão reside noutra coisa: com que forças inteligentes entraram em contacto? Serão realmente mensageiros do Cosmos, ou... Contudo, vamos antes ouvir como V. G. Azhazha responde a esta questão:

"A cada dia que passa, mais pessoas na terra começam a receber informação de umas estranhas 'vozes'. Se considerarmos que, em cada dez pessoas que mantêm tal ligação telepática distante, apenas uma se revela, a escala do fenómeno é aterradora... Por vezes, a informação é transmitida através da escrita automática, quando uma força desconhecida move a mão da pessoa e uma mulher sem qualquer instrução começa a escrever palavras como

'transcendente'. Estudamos estes 'apelos à humanidade' e o que se verifica? Tudo o que lá é dito não é concreto... Frequentemente, nas mensagens constam frases ameaçadoras do tipo: 'Pessoas, se não se desarmarem até ao ano tal, nós destruir-vos-emos'. ...Vem aí uma vaga turva de desinformação... Para que é que ela é gerada?... Ainda não há uma resposta exata...

Em novembro, apresentei um relatório num simpósio de ufólogos no Japão. Em Hakui, visitei o museu de Ufologia... E nesse museu, onde estão concentrados todos os dados sobre OVNIs, não há um grama de fuselagem de OVNI, nem uma única amostra de corte de tecido de humanoide, porque eles não existem. Não há o prato que sofreu a catástrofe em 1947, não há cadáveres de humanoides em lado nenhum, ...não há dez bebés supostamente nascidos de humanoides em raparigas búlgaras. Embora tenham existido contactos próximos de forças inteligentes desconhecidas com mulheres, e exista a suposição de que há descendentes, mas não na forma vulgarizada que a imprensa relata. Tais falsificações são perigosas...

Apelos do tipo 'Avante para os contactos' são uma loucura. Dezenas de milhares de pessoas que comunicam com vozes já não conseguem sair 'do anzol' por si mesmas... A muitas delas dizem: 'Tu és o único representante no planeta Terra do nosso planeta, o nosso emissário'. E a pessoa já não tem ninguém em conta, surge nela uma mania das grandezas, ela é obediente apenas às 'vozes' que a 'conduzem'... Está a ocorrer uma destruição da sociedade, mais forte e trágica do que a SIDA."

Bem, mas o que fazer, afinal, se de repente vozes que se fazem passar por mensageiros de outras civilizações começarem a "importuná-lo"?

Aqui, considera V. Azhazha, é preciso ser absolutamente firme. É preciso dizer a si próprio de uma vez por todas: eu não preciso disto, tenho família e um dever perante a sociedade. Isto não me interessa

e não quero quaisquer contactos com civilizações extraterrestres ou com o mundo do além.

Mas talvez o perigo não seja assim tão grande? Talvez seja apenas o medo a falar mais alto? Não me atrevo a responder a estas questões. Mas concordo plenamente que a maioria dos contactados não comunica com a Inteligência Superior nem com representantes de outras civilizações. O mais provável é que sejam almas de "génios" não reconhecidos na terra, almas daqueles que não conseguiram afirmar-se neste mundo e agora desejam desforrar-se dos seus fracassos, entrando noutros mundos. Naturalmente, isto é apenas uma suposição. Se ela tem direito a existir — a vida o dirá.

ONDE ESTÁVAMOS QUANDO NÃO EXISTÍAMOS

Não podem os átomos de novo Agrupar-se em algo como tu e eu? I. Selvinsky

Certa vez, a filha de dez anos de um grande amigo meu perguntou: "Mamã, e onde estava eu quando não existia?" Bem, como responder a uma pergunta tão complexa de uma criança? Mas a mãe desenrascou-se: — Sabes, Vickinha, tu nessa altura foste dar um passeio. E a criança ficou plenamente satisfeita com tal explicação.

E, na verdade, onde estávamos nós antes do nosso aparecimento na terra pecadora? Acreditem que esta questão está longe de ser fútil. E, de uma forma geral, existíamos nós antes do nascimento? E se os nossos pais não se tivessem encontrado, teria algum de nós vindo ao mundo? O filho de uns conhecidos meus, Volódia K., respondeu a esta pergunta com absoluta confiança: — Claro que teria aparecido. Se não fosse com vocês, seria com outros pais. Não pode ser que eu não existisse no mundo.

De facto, não conseguimos imaginar que o mundo possa existir sem nós. Se não existimos, então não existe o mundo circundante. Não será isto idealismo puro?

Alma, imortalidade da alma, imortalidade do homem, vida após a morte, transmigração de almas — quantas lendas, contos e fábulas o homem tem de ouvir durante a sua vida. E Vladimir Vysotsky escreveu sobre este tema uma canção notável: "*Boa religião inventaram os hindus: que nós, ao esticarmos o pernil, não morremos de vez*".

E, recentemente, deparei-me com um poema análogo do jovem poeta G. Vasilyev:

Eu de outro modo não me lembro, eu de outro modo não me conheço, apenas acredito facilmente, em que vivi também antes de mim. Eu fui, eu fui, eu fui, eu fui! Eu serei, serei, serei, serei! Embora tudo o que foi — eu esqueci, e o que há — ao nascer, de novo esquecerei. Viverei eu depois da morte sem falta, sem falta. Acreditem, acreditem, virei para me render a mim mesmo, eu próprio virei render-me.

E talvez acreditemos nos poetas? Vamos, pondo de lado todos os preconceitos, tentar olhar para este problema seriamente.

Certa vez, durante a guerra, li um conto sobre um soldado que sofrera uma morte clínica e fora reanimado pelo professor V. Negovsky. Quando perguntaram ao soldado, depois de ele ter recuperado os sentidos, o que vira no outro mundo, obtiveram uma resposta aproximadamente assim: — Perdi a consciência ainda antes de me porem na mesa de operações e, quando acordei, já tudo tinha acabado. Portanto, não vi nada no outro mundo.

Mas nem todos os que sofreram morte clínica e foram reanimados pelos médicos dirão o mesmo. Tome-se, por exemplo, a entrevista de Yuri Karyakin, concedida ao correspondente do *Komsomolskaya Pravda* a 22 de julho de 1990: "...sem o encontro com a morte não pode haver nada, não pode haver moralidade. Pensei nisso durante tanto tempo que foi como se a tivesse invocado e, ao invocá-la, preparei-me para ela. Realmente, houve a sensação de que eu estava pronto. Coisa estranha, agora tenho

sessenta anos, mas já sabia isto tudo porque morri aos nove anos. Tive difteria, era um caso perdido. Na enfermaria éramos quatro e três morreram, e lembro-me de todos eles como se fosse ontem. E eu morri três vezes. Há ali um ataque em que sufocas — e já está.

Quando li mais tarde *A Vida Depois da Morte* de Tolstói, sobre como a alma voa para uma espécie de túnel, eu sei isso com exatidão, eu tive consciência e vi: ela voa, e tu ficas e vês-te a ti próprio, vês o teu corpo. Aos nove e aos sessenta não há diferença nenhuma a esse respeito. Lembro-me de que perguntei na altura: 'Mamã, eu estou a morrer, e tu para onde vais?' E desta vez houve um sentimento de um despeito terrível por não ter tido tempo de terminar aquilo que, provavelmente, não faz falta só a mim."

Em 1975, foi publicado na América o livro do professor R. A. Moody, *A Vida Depois da Vida* ("Investigação do fenómeno da continuação da vida após a morte"). O livro interessou cientistas de vários países e foi traduzido para muitas línguas do mundo. O autor reuniu cerca de 150 testemunhos de pessoas que sofreram morte clínica ou de quem esteve muito perto da morte física*. Além disso, foram inquiridas pessoas que ouviram de moribundos relatos sobre as suas sensações. E embora as informações obtidas destes últimos pouco diferissem dos relatos das pessoas que sofreram morte clínica, Moody, por objetividade, decidiu não as utilizar.

Então, quais são as vivências de uma pessoa que está a morrer? "No momento em que o paciente atinge o esgotamento físico limite, ouve as palavras do médico que comunica a sua morte. Logo de seguida, o paciente ouve um ruído desagradável, um tinido agudo ou um zumbido e, ao mesmo tempo, sente que se desloca a grande velocidade através de um longo túnel escuro. Depois, subitamente, descobre-se fora do seu corpo físico, mas ainda no mesmo ambiente físico e vê o seu corpo de fora, como se fosse um espetador. Observa de um ponto de vista invulgar como os médicos tentam reanimá-lo e permanece num estado de alegria e de elevação emocional. Após um certo período de tempo, adapta-se

melhor ao seu estranho estado, notando que possui um corpo, embora bastante diferente do corpo físico por ele deixado e dotado de outras propriedades. Em breve ocorrem novos eventos. Surgem parentes e amigos falecidos anteriormente que procuram ajudá-lo e, finalmente, aparece perante ele um ser de luz nunca antes visto, que sem palavras faz perguntas que lhe permitem avaliar a sua vida, e desenrola perante ele um panorama dos principais acontecimentos da vida passada.

**Até ao momento, R. Moody examinou mais de 3000 pessoas que passaram pelo estado de morte clínica.*

A certa altura, o moribundo sente que se aproxima de uma espécie de fronteira ou barreira que, obviamente, serve de divisão entre a vida terrena e a vida seguinte. No entanto, descobre que deve voltar para a terra e que a hora da sua morte ainda não chegou. O paciente resiste a isto, uma vez que já está cativado pela sua nova experiência. No entanto, por algum caminho, volta a unir-se ao seu corpo físico e regressa à vida. Mais tarde, tenta contar a sua experiência, mas tem dificuldade em encontrar as palavras adequadas e, confrontado com troças e incredulidade, interrompe as suas recordações. No entanto, o vivido exerce um impacto profundo em toda a vida subsequente e muda as suas conceções sobre a morte."

Quero citar um excerto de um poema de um poeta desconhecido, intitulado "*Recordação de um Reanimado*":

...Um gemido ansioso de sinos Surgiu de algum lugar, Ouço sons de estranhas palavras: "Sem pulso, morto o homem está..." Vejo paredes, mas não aquelas, Voo, sem saber o destino, Na penumbra ansiosa Pelo túnel sombrio... E sou como uma silhueta, Embora pense e viva. Vejo de cima o gabinete, O azul das batas, a lida, A mim próprio deitado de costas, Aquele que antes fui. Os médicos debruçados sobre mim, O fervor da sua pressa que flui. Estou

confuso, atordoado, Enlouquece-se com tal visão: Eu — sem fôlego sobre a mesa, Vivo sob o teto, então... E eis-me como que no paraíso, Aqui o meu fado se traçou. E nisto reconheço o meu pai, Embora há muito ele expirou. De súbito uma luz surgiu no alto Como estrela, mais brilhante que o dia. Aproxima-se de mim, A luz do sol ela ofuscava...

Não quero citar o poema na íntegra, até porque está longe de ser uma obra-prima da criação poética, mas ele transmite as sensações de uma pessoa que sofreu morte clínica. Ouvi algo semelhante a estas descrições do meu irmão. Durante a sua vida comparativamente curta, teve de passar várias vezes pela mesa de operações. Uma vez, os seus colegas erraram na dose da narcose e, então, surgiu uma visão que recordava o relato das pessoas que sobreviveram à morte clínica. Dificilmente se pode pensar que todos os 150 inquiridos pelo doutor Moody se tenham combinado e decidido contar-lhe histórias aproximadamente idênticas. Muitos dos relatos dos pacientes que sofreram morte clínica são confirmados por documentos.

Assim, um dos médicos comunicou ao doutor Moody que o coração da sua paciente parou no momento em que ele deveria dar início à operação. Os médicos tentaram trazê-la de volta à vida, mas sem sucesso. Então o cirurgião propôs ao seu colega: "Vamos tentar reanimá-la mais uma vez e depois paramos". Após a injeção seguinte do fármaco (provavelmente, administração intracardíaca de adrenalina — B. K.), o coração começou a bater. À pergunta sobre o que a paciente recordava da sua morte, ela respondeu: "Quase nada, exceto as palavras: 'Vamos tentar mais uma vez e paramos'".

Um dos pacientes que sofreu um traumatismo cranioencefálico declarou: "Senti uma dor súbita, mas depois ela desapareceu. Tive a sensação de que pairava no ar, num espaço escuro qualquer. O dia estava muito frio, mas senti-me tão quente e agradado como nunca. Lembro-me de ter pensado: provavelmente morri".

Mas as sensações extracorpóreas de tais pessoas são particularmente impressionantes. O indivíduo que se encontra em estado de morte clínica sente-se destacado do corpo, vê o seu corpo de fora e, ao mesmo tempo, percebe que lhe aconteceu algo invulgar, que está a morrer ou mesmo que morreu. Frequentemente, tal descoberta é acompanhada por um sentimento de surpresa: então é assim a morte! A maioria dos pacientes nota que, quando se está fora do corpo, o tempo é como se não existisse. No entanto, as reações emocionais à sensação da própria morte variam extraordinariamente — desde um medo indescritível até um estado de euforia.

Por vezes surge um desejo irresistível de regressar ao próprio corpo, mas o "falecido" não sabe como fazê-lo. Um dos pacientes, médico de profissão, ao encontrar-se no momento da morte clínica diante do seu corpo, que começava a tomar perante os seus olhos uma "tonalidade cinza-cinzenta", tentava decidir o que deveria fazer em semelhante situação e não imaginou nada melhor do que tentar afastar-se, pois a visão do corpo morto, mesmo o seu próprio, era extremamente desagradável. Muitos dos que conseguiram ver o seu corpo físico de fora notavam com surpresa que eles próprios eram invisíveis para os que os rodeavam.

Um dos pacientes, vítima de um acidente de automóvel, dizia que as pessoas vinham diretas a ele, ele tentava desviar-se ou chegar-se para o lado, mas elas, sem notarem, passavam através dele, como se ele na realidade não existisse. Segundo as palavras das pessoas que passaram pelo estado de morte clínica, elas começam, após algum tempo, a compreender que possuem um corpo novo, que é sentido como uma nuvem, névoa ou um aglomerado de energia. Frequentemente descrevem-no como uma figura arredondada ou alongada com apêndices nas extremidades, isto é, assemelha-se em muito ao corpo físico.

Muitos dos inquiridos notam que o encontro com parentes é sempre recebido com alegria, embora por vezes a presença de

parentes ou amigos fosse apenas sentida, mas eles não fossem visíveis. Entretanto, todos os inquiridos asseguram que, a certa altura, surge neles um desejo irresistível de regressar. Frequentemente, o regresso ao corpo físico é acompanhado pelo voo inverso através do corredor escuro ou túnel. Mas, ao entrar no corpo, a consciência desaparece subitamente e, posteriormente, tais pessoas não se lembram do que lhes aconteceu até ao momento em que abrem os olhos na sua enfermaria, quarto ou sala de operações.

São interessantes as recordações de um destes doentes: "Pairava sob o teto, observando como os médicos lidavam com o meu corpo. Depois, ligaram uma maquineta à caixa torácica e aplicaram corrente elétrica. Vi como uma convulsão atravessou todo o corpo e, nesse mesmo instante, eu, como uma pedra, caí de volta nele". Honestamente, é difícil inventar algo assim, e se eu ouvisse estas palavras de um doente que sobreviveu à morte clínica, acreditaria nele sem hesitar.

Um dos pacientes que teve um acidente de automóvel viu claramente de fora as pessoas que corriam à sua volta, viu como o seu corpo foi retirado de debaixo das rodas e levado para a ambulância. Depois sentiu como começou a ser sugado de volta para o corpo através de um tubo escuro qualquer. Tudo isto aconteceu tão depressa que ele nem teve tempo de compreender o que, afinal, lhe tinha sucedido.

Muitos ex-"mortos" comunicaram que viram diante de si não apenas algumas das suas ações, mas também as consequências dessas ações para outras pessoas. O julgamento provinha como que das profundezas deles próprios. Nesse estado, parecia a tais pessoas que viam que atos deveriam e que atos não deveriam ter praticado. Eis como uma pessoa descreve as suas sensações: "Primeiro estive fora do meu corpo, sobre o edifício, e podia ver que o meu corpo estava ali deitado. Depois senti luz — apenas luz, que me rodeou. Parecia que tudo na minha vida passou diante de mim como uma espécie de demonstração. Fiquei verdadeiramente envergonhado

com muito, muito do que percebi, pois revelou-se que eu tinha um conhecimento diferente, e a luz mostrou-me o que na minha vida fora mau e o que eu fizera de mal. Tudo isto era muito real. Parecia que as recordações serviam principalmente para o esclarecimento da minha vida terrena, como se se processasse um julgamento, e depois, subitamente, a luz tornou-se mais fraca e ocorreu uma conversa — não em palavras, mas em pensamentos. Até agora não consigo livrar-me da impressão de que me foi mostrado não só o que fiz, mas até como as minhas ações influenciaram outras pessoas."

No leitor não avisado pode surgir involuntariamente a impressão de que tudo o que relatei recorda alucinações. No entanto, muitos factos descritos pelos pacientes do doutor Moody são confirmados por outros investigadores. Além disso, uma série de vítimas que anteriormente, antes da morte clínica, tinham sofrido alucinações, notavam que o vivido durante a morte clínica não tinha nada em comum com elas. Após as provações vividas, em muitos pacientes desaparece o sentimento de medo perante a morte inevitável. Eis alguns relatos de quem esteve "no outro mundo":

1. "Depois desta experiência não tenho medo da morte. Essa sensação desapareceu. Já não me sinto pessimamente em funerais. Sinto-me até, de certa forma, feliz pelo falecido, porque sei onde se encontram os que morreram."

2. "Agora não tenho medo de morrer. Isto não significa que a morte seja para mim desejada ou que eu queira morrer agora mesmo. Não quero viver lá agora mesmo, porque considero que devo viver aqui. Mas não tenho medo da morte, porque sei para onde irei depois de deixar este mundo, uma vez que estive lá antes."

3. "A última coisa que a Luz me disse antes de eu regressar ao corpo, de volta à vida, foi, para o expressar de forma breve: 'Eu voltarei para ti'. Dizia-me que agora eu seria

devolvido à vida e passaria a viver, mas viria o tempo em que nos encontraríamos novamente e então eu morreria de facto. Portanto, eu sei que me encontrarei de novo com esta Luz e esta Voz, mas não posso dizer quando isso acontecerá. Penso que será semelhante ao que vivi, mas apenas será ainda melhor, pois agora sei o que me espera e não ficarei tão confuso como naquela altura. E, no entanto, penso que não me apetecerá voltar para lá tão cedo. Quero ainda fazer muito neste mundo."

Algumas pessoas que sofreram morte clínica diziam a R. Moody que, a certa altura, vislumbraram outros seres que, segundo lhes parecia, "caíram" num estado de existência mais infeliz do que o deles. Apresento um desses relatos. "Um homem... viu... uma pessoa comum, que não suspeitava de nada, a passear pela rua, enquanto um destes espíritos melancólicos pairava sobre ela. O paciente notou que teve a sensação de que aquele espírito era a mãe daquela pessoa e, sendo incapaz de romper com o seu destino terreno, tentava sugerir o que o seu filho deveria fazer."

Mas eis outro exemplo do livro de R. Moody, *Reflexões sobre a Vida Depois da Vida*: — Viu — pergunta R. Moody ao paciente — como os espíritos tentam entrar em contacto com as pessoas? — Não, via-se que tentavam estabelecer contactos, mas ninguém compreendeu que eles estavam perto; as pessoas simplesmente não os notavam. — O que tentavam dizer? — Um deles era, aparentemente, uma mulher que tentava com enorme dificuldade entrar numa casa onde se encontravam crianças e uma mulher idosa.

Parecia-me que era a mãe das crianças e, possivelmente, filha da mulher idosa, por isso é que tentava abrir caminho até elas. Penso que tentava chegar às crianças, mas elas continuavam a brincar e não lhe prestavam atenção nenhuma. — Por que tentava ela entrar em contacto com elas? — Parecia que tentava abrir caminho até elas para as avisar de que fizessem tudo de modo

diferente do que fazem agora, ou seja, para que mudassem o seu estilo de vida... "Não ajam como eu agia, para que não vos aconteça o mesmo. Façam o bem aos outros para que não vos abandonem." Penso que era esta a mensagem que ela tentava transmitir... Parecia que naquela casa não havia amor e ela tentava remediar algo que outrora fizera de forma errada. Nunca esquecerei o que vi.

Alguns dos ex-"mortos" notam que adquiriram uma sensibilidade acrescida, captam facilmente o estado de espírito das pessoas e até leem os seus pensamentos. Quero recordar que a maioria dos videntes descobre estas propriedades ou após uma doença pesada e desgastante, ou após a morte clínica. Todos os que se viram no limiar da morte e regressaram novamente ao nosso mundo asseguram que o mais importante na vida é o amor, e em segundo lugar o conhecimento. Se antes eram ateus, após o "regresso do outro mundo" não só começavam a acreditar em Deus, mas também compreendiam a essência do espiritual. Ao mesmo tempo, todos sublinhavam que Deus é muito mais generoso do que pensavam antes e do que se dizia na igreja.

Naturalmente, em breve surgiram seguidores do doutor R. Moody, mas, infelizmente, não no nosso país. Mais do que isso, as primeiras reações ao livro de R. Moody na URSS foram drasticamente negativas. O investigador era acusado de misticismo, delírio religioso e de obscurantismo medieval. Simultaneamente, o doutor em psicologia Kenneth Ring (EUA), com o objetivo de verificar os dados de R. Moody, pouco depois da publicação do seu livro, organizou uma expedição pelas clínicas do estado de Connecticut para o estudo minucioso deste fenómeno misterioso. O trabalho da expedição durou treze meses. Como resultado das investigações, K. Ring chegou à conclusão de que o fenómeno da "viagem da alma" em pessoas que sofreram morte clínica existe e não está ligado a intoxicações, sonhos ou alucinações.

Segundo os dados de K. Ring, de 102 pessoas que sofreram morte clínica e estiveram no "mundo do além", 60 sentiram uma

indescritível sensação de paz, 37 pairaram sobre o próprio corpo, 26 recordam várias visões panorâmicas, 23 entraram no túnel ou eclusas, 16 indicaram um sentimento de êxtase que as dominou ao encontrarem a "luz encantadora", 8 afirmam que se encontraram com parentes falecidos. Os testemunhos de pessoas de diferentes credos, de ateus e de pessoas de diferentes nacionalidades de vários países coincidem literalmente até aos mínimos detalhes.

O doutor R. Moody indica a existência de onze fases claramente distinguíveis que decorrem desde o momento da ocorrência da morte clínica até ao regresso da alma do outro mundo. No entanto, a maioria dos que regressaram passa apenas por uma parte das fases, o que é confirmado pelos trabalhos de K. Ring.

Os relatos de pessoas que sobreviveram à própria morte coincidem em muito com os ensinamentos dos pensadores antigos. Assim, Platão (século IV a.C.) considerava a morte como um ato de separação da parte interior do ser vivo do seu invólucro físico. Ao desprender-se do corpo, a alma é capaz de pensar mais claramente e de distinguir as coisas com nitidez. No tratado "*A República*", Platão apresenta o relato do soldado Er, que fora dado como morto, mas que despertou na pira funerária.

Er narrou que a sua alma saiu do corpo, juntou-se a um grupo de outras almas e que todas juntas atravessaram passagens e trilhos que conduziam da terra para outra vida. No entanto, no limiar, foram detidos por certos seres que possuíam a capacidade de ver, num piscar de olhos, tudo o que a alma realizara durante a vida terrena. Estes seres enviaram Er de volta para que ele contasse às pessoas tudo o que vira. Sobre a viagem de regresso à terra, Er não se lembra de nada, o que corresponde totalmente aos relatos das pessoas reanimadas.

Mas o que mais impressiona a imaginação são as informações apresentadas no *Livro Tibetano dos Mortos*. Não tive oportunidade

de conhecer pessoalmente este livro e, por isso, recorro a fontes literárias populares e às descrições retiradas do livro de Moody. O *Livro Tibetano dos Mortos* é fruto do trabalho de muitos sábios antigos que viveram nas montanhas do Tibete. Foi registado no século VII d.C., mas mesmo depois disso foi cuidadosamente escondido dos não iniciados nos mistérios da filosofia oriental. Foi publicado pela primeira vez na Europa, em língua inglesa, em 1968.

Este livro contém uma descrição detalhada das várias etapas pelas quais a alma passa após a morte física. Algumas destas etapas, nas fases iniciais, assemelham-se muito àquilo que relatam as pessoas que passaram pelo estado de morte clínica. Nele descreve-se, em particular, o instante em que a alma se separa do corpo e mergulha temporariamente no esquecimento, encontrando-se como que num vazio. Nesse momento, o moribundo pode ouvir várias palavras e sons.

Seguidamente, ocorre um período de surpresa, pois o falecido sente que está fora do seu próprio corpo físico, vê-se de fora, bem como aos parentes e próximos que se preparam para o funeral. Por vezes, tenta encetar conversa com os parentes, mas ninguém o vê nem ouve. Não consegue compreender se está vivo ou morto, não sabe como agir futuramente e permanece durante algum tempo perto do local onde viveu. O falecido adquire novas propriedades — atravessa facilmente paredes, rochedos, montanhas e, ao fazê-lo, não encontra qualquer resistência.

Além disso, é capaz de se deslocar com uma velocidade sem precedentes, podendo encontrar-se num instante em qualquer ponto onde deseje estar; as suas perceções aguçam-se drasticamente. É interessante notar que nos surdos, cegos e mutilados desaparecem todas as deficiências físicas. Durante a sua viagem, o falecido pode encontrar outros seres que se encontram no mesmo estado que ele, bem como ver aquilo que no livro é chamado de "luz clara e pura". Depois, surge perante o falecido algo semelhante a um espelho, no qual está gravada toda a sua vida,

tanto o bem como o mal que praticou na terra. O *Livro Tibetano dos Mortos* contém imensas informações interessantes, contudo estas não são confirmadas por pessoas que passaram pela morte clínica. Simultaneamente, estas informações não podem ser confirmadas ou refutadas por pessoas não familiarizadas com as conceções filosóficas e os métodos de treino físico e espiritual aplicados no Oriente.

Não, não tenciono assegurar que tudo o que relatei é a mais pura verdade. Mas também não quero rejeitar os relatos de pessoas que passaram pela morte clínica, nem o ensinamento de Platão ou dos sábios tibetanos. Considero que R. Moody é um cientista sério, que realizou investigações interessantes e tem todo o direito à sua própria perspetiva relativamente ao comportamento da alma no momento da morte clínica. Recordemos as conceções do académico V. P. Kaznacheev e de outros cientistas sobre as formas de vida de campo. Se aderirmos a tais visões, podemos imaginar que a alma é bioenergia que abandona o nosso corpo no momento da morte. Aliás, R. Moody — autor destas investigações originais — encara o seu trabalho com uma dose suficiente de crítica. Ele de modo algum afirma que conseguiu provar a antiga doutrina da existência pós-morte.

D. N. Lyalikov, que analisou detalhadamente o trabalho de R. Moody, escreve: "Há razões para afirmar que os fenómenos aqui descritos representam um fenómeno novo que, para a sua explicação, exigirá a criação de novos métodos de interpretação. Isto é tanto mais necessário quanto, em última análise, não compreenderemos esta vida enquanto não soubermos o que se lhe segue."

De considerável interesse são as recordações do conhecido dramaturgo soviético Viktor Rozov (*Yunost*. 1986. n.º 4): "Quando eu, há muitos anos, recuperava de uma doença grave, o meu camarada, médico, aconselhou-me a fazer... treino autogénico. O mais simples: deitar-me de costas e relaxar os músculos. Faço este

exercício ainda hoje, quando me sinto mal. Pois bem, naquele dia relaxei, o exercício estava a correr bem e, de repente, senti como saí do meu corpo através de um segundo 'eu', desconhecido e incorpóreo mas, ao mesmo tempo, plenamente concreto, e caminhei pelo gabinete no qual, deitado no divã, fazia o exercício. E este segundo 'eu' via claramente o meu corpo deitado no divã. Era nítido, mas estranho. Assustei-me, comecei depressa a mexer as mãos e os pés. O segundo 'eu' desapareceu, como que regressou para dentro de mim, e tornei-me num só comigo mesmo, como habitualmente sou. Isto não foi uma alucinação nem um sonho."

Este caso é notável pelo facto de a saída do "eu" espiritual (astral) do corpo físico ter ocorrido não durante uma morte clínica, mas na execução de exercícios de ioga comparativamente simples.

E eis o que contou Robert Dubiell — um homem que se autodenomina "xamã informal", dirigente da escola de *rebirthing*, que em tradução do inglês significa "renascimento". "Durante uma operação, tive uma morte clínica, o meu corpo estava na mesa de operações, os cirurgiões atarefavam-se sobre ele, e eu pairava sob o teto e observava tudo aquilo... Primeiro senti um certo choque quando vi o meu corpo de cima, mas depois ele deixou de me interessar e até comecei a pensar como sair para o exterior através do teto.

Mas o que me deteve foram as conversas dos médicos. A operação era longa e eles contavam anedotas uns aos outros. As anedotas eram espirituosas e eu regressei ao meu corpo para desatar a rir. Os médicos ficaram muito admirados. Eu disse: 'Repitam essa piada, por favor, gostei muito dela'. Ao que os médicos responderam: 'Dêem-lhe mais gás', — e depois disso já não me lembro de nada... Penso que, se tivesse abandonado o local, teria entrado no túnel. Tive a experiência do túnel mais tarde, noutras situações, e parece-me que os dados de Moody estão corretos..." (*Nauka i religiya*. 1990. n.º 2).

Não é verdade que o próprio relato de R. Dubiell assemelha-se a um caso anedótico? E, ao mesmo tempo, Dubiell é uma pessoa demasiado séria, que alcançou resultados literalmente fantásticos na escola por ele dirigida. Eis o que ele escreve sobre as tarefas da escola: "Aprendíamos a sentir a energia, ocupávamo-nos de psicometria, isto é, treinávamos a leitura de informação e impressões segurando a mão de uma pessoa ou tendo na mão um objeto qualquer que lhe pertencesse, digamos, chaves ou um anel. Aprendemos a sentir o corpo astral, que é distinto do físico... Aprendíamos a viajar fora do corpo."

Há um ano e meio, Dubiell quis trabalhar no nosso país. À pergunta sobre por que escolhera precisamente a Rússia, Dubiell respondeu assim: — Vivi na Rússia ao longo de muitas das minhas vidas passadas — na Rússia, Yakutia, Buryatia, na Ucrânia... Amo muito este país, amo a terra russa...

Mas eis que chegámos à questão não só da separação da alma durante a morte clínica ou natural do homem, mas também do regresso da alma ao corpo físico de outra pessoa. E, na verdade, o que se segue à nossa vida? Será que ela cessa realmente para sempre com a morte do corpo físico ou continua nos nossos descendentes longínquos?

Já o neoplatónico grego Proclo escreveu: "O tempo não é como uma linha reta que continua ilimitadamente em ambas as direções. É limitado e forma uma circunferência. O movimento do tempo une o fim ao princípio, e isto ocorre um número infinito de vezes".

Pois bem, demos ouvidos à opinião dos antigos. Eles, como mostra a história, muitas vezes não estiveram longe da verdade. Quase mil anos antes da nossa era, Eudemo de Rodes dizia aos seus discípulos: "Se acreditarmos nos pitagóricos, eu um dia, com esta varinha na mão, estarei de novo a conversar convosco da mesma maneira, exatamente como agora, sentados à minha frente, e tudo o resto se repetirá da mesma forma".

E se tudo se repetir, então, na verdade, talvez os nossos antepassados um dia regressem novamente à terra pecadora? Esta ideia, como vêem, não é nova, e encontrou a sua materialização na literatura artística. Recordemos, por exemplo, as novelas autobiográficas de Lev Nikolaevich Tolstói. Ele escreveu que lhe surgiam sensações de que episódios isolados da vida já tinham sido por ele vividos outrora e agora, de tempos a tempos, se repetiam de novo. Se acreditarmos no grande escritor e humanista, pode criar-se a impressão de que a nova vida de um homem está como que programada pelas vidas precedentes.

Ainda na infância li o excelente romance de Somerset Maugham, "*A Lua e seis pence*". Muitos episódios deste romance dissiparam-se da memória há imenso tempo. No entanto, recordo perfeitamente até hoje a história que me impressionou do doutor Abraham, que chegou pela primeira vez a Alexandria e decidiu dirigir-se a um modesto hotel grego. O mais estranho residia no facto de o doutor se lembrar de onde ficava esse hotel e de muito rapidamente o ter encontrado. E, futuramente, o doutor Abraham não foi abandonado pela sensação de que não era a primeira vez que estava em Alexandria.

Consultemos as memórias autobiográficas de Anastasia Tsvetaeva, "*Factos Pouco Prováveis*" (*Yunost*. 1988. n.º 1). Tome-se, por exemplo, o relato "A história incompreensível sobre o doge veneziano e o pintor Ivan Bulatov". Certa vez, Anastasia Tsvetaeva soube que o pintor Bulatov estivera na Itália e que lá ocorrera com ele um caso surpreendente. Bulatov chegou pela primeira vez na vida a Veneza e foi visitar o Palácio dos Doges. Não sabia rigorosamente nada de língua italiana, mas o seu guia dominava o francês, que era um pouco familiar a Bulatov.

Caminhavam juntos pelos corredores do palácio, o guia ia explicando algo — o pintor ouvia distraidamente. De repente, Bulatov foi dominado por uma forte agitação e, sem compreender ainda o que acontecera, lançou-se para a frente. "Algo tão

inexplicável só me acontecia em sonhos — ou na infância remota... Coloquei-me junto à parede direita, esforçando-me por recordar algo, por captar — numa ansiedade terrível". E o pintor recordou que naquele mesmo local deveria haver uma porta. Mas não havia nem sombra de vestígios de uma porta na parede. E, de repente, Bulatov desatou a correr ao longo da parede e, encontrando nela um vão, já do outro lado da divisória encontrou o que procurava: os vestígios de uma porta emparedada. Uma força desconhecida continuava a puxá-lo para a frente.

Era extremamente semelhante a "uma clarividência em delírio". Ivan Bulatov, para sua surpresa, reconhecia os locais, embora nunca ali tivesse estado antes. Finalmente, viu-se numa pequena sala de teto alto, em cuja parede, numa pesada moldura preta, pendia um retrato. "Ele parecia-me um espelho, — contava o pintor. — Eu olhava fixamente para mim... Nesse instante, alguém me tocou no ombro. Voltei a cabeça com despeito — e vi o rosto perturbado do meu guia. Ele alternava o olhar entre mim e o retrato e olhava de novo para mim."

Havia razão para que tanto o guia como o próprio pintor sentissem uma perturbação. Afinal, aquele retrato que pendia no Palácio dos Doges fora pintado... pelo próprio I. Bulatov muitos séculos antes! E um autorretrato análogo, apenas com pequenas alterações, encontrava-se nessa altura numa exposição em Constantinopla. Bulatov nada pôde acrescentar ao seu relato. À pergunta sobre como encarava a teoria da reencarnação, a partir da qual tudo se poderia explicar facilmente, desenvencilhou-se com frases sem importância.

E passados alguns anos, ocorreu com Ivan Bulatov uma história não menos surpreendente. O pintor adoeceu, os médicos consideravam que ele tinha um esgotamento nervoso. Os sintomas da doença resumiam-se ao facto de ele ter quase deixado de comer e ter perdido o dom da palavra. Não compreendia o que diziam os que o rodeavam, não respondia a perguntas e ele próprio não

proferia uma palavra. Contudo, o médico que o tratava assegurava que, assim que o doente falasse, a situação começaria logo a melhorar.

Esse momento chegou. O doente balbuciou algo, embora fosse impossível distinguir as palavras. Simultaneamente, o apetite do pintor melhorou um pouco, conseguia engolir algumas passas. O estado de espírito do doente melhorou visivelmente, passou a dormir sem soníferos. Mas agora os parentes do pintor começaram a ser preocupar com outra questão — em que língua falava, afinal, Ivan Bulatov. Como há muitos anos ele estivera na Turquia, enviaram-lhe um rapaz que sabia a língua turca. Mas por mais que este apurasse o ouvido, não conseguiu captar uma única palavra turca. Então começaram a trazer pessoas que dominavam bem outras línguas: francês, alemão, húngaro.

Mas nenhum dos que visitavam o doente conseguia compreender uma única palavra. E um dia o médico lembrou-se de que na secção vizinha do hospital trabalhava uma enfermeira cujo pai fora casado ora com uma inglesa, ora com uma italiana. O médico pediu-lhe que tentasse a sua sorte, talvez o doente respondesse. "A convidada... causou furor na secção de neurologia: logo no primeiro minuto, ao sentar-se junto ao pintor doente, disse-lhe algo. O doente abriu muito os olhos — e ambos começaram a chilrear cada vez mais alto... 'Mas se ele vos fala no nosso mais puro dialeto toscano. Não fala russo? Pois ele é — italiano!'"

Não vou recontar detalhadamente esta história. Direi apenas que o pintor começou gradualmente a inserir palavras russas no discurso italiano e, no fim de contas, passou definitivamente para a língua russa, "esquecendo" por completo o italiano. "Não sabia italiano... Na Itália estive apenas alguns dias em Veneza, Florença e Roma. Falava mal francês. Mas, mesmo assim, essa língua ajudou-me lá..."

Não tenho necessidade de comentar esta história. Anastasia Tsvetaeva assegura que se trata da mais pura realidade. É

interessante o fim do relato. Ivan Bulatov era extraordinariamente unido à sua irmã. Quando ele faleceu, a irmã dele deitou-se a dormir e declarou: "Não me acordem!... Eu e o Vanya combinámos celebrar a Páscoa juntos". E morreu ela no sábado santo, na véspera da Páscoa.

Contudo, para explicação de fenómenos tão misteriosos, desejo recorrer a um artigo (*Echo Planety*. 1989. n.º 19), intitulado "Reencarnação: bluff ou enigma". "Eu sou Suresh Varma, proprietário de uma loja de artigos de rádio em Agra. A minha mulher chama-se Uma, temos dois filhos", — diz o pequeno Toran de cinco anos ou, como lhe chamam na família, Titu. Nisto, a vozinha fina do rapazito da aldeia engrossa inesperadamente, tornando-se verdadeiramente masculina. Ao ouvir tal coisa pela primeira vez, os pais de Titu encararam-no como uma brincadeira.

No entanto, o rapaz repetia o seu relato uma e outra vez, complementando a narrativa com novos e novos detalhes: "Um dia regressava a casa do trabalho de carro. Ao aproximar-me de casa, buzinei para que a Uma abrisse o portão. Nisto vi duas pessoas a correr para o carro com pistolas. Ouviu-se um tiro e uma das balas atingiu-me na cabeça..." Depois o rapaz entra em histeria, começando a atirar pratos ao pai e à mãe, dizendo que eles não são os seus pais.

Mortalmente assustados, Shanti e Mazavi Prasad, os pais de Titu, foram da sua aldeia, Vadh, até Agra, situada a uma distância de 13 quilómetros, e descobriram que ali residira, de facto, um certo Suresh Varma, proprietário de uma loja de artigos de rádio. Cinco anos antes, ele fora morto com um tiro na cabeça perto da sua casa. O nome da sua viúva é Uma e ela tem dois filhos. Ao saber do comportamento estranho de Titu, Uma, juntamente com os pais do falecido Suresh, decidiu ir ver o estranho rapaz. No encontro, ele reconheceu os três e correu para eles com abraços. Ao ver que tinham vindo num automóvel da marca "Maruti", perguntou a Uma

onde estava o seu velho "Fiat". Ficou desgostoso ao saber que o tinham vendido...

O caso de Titu atraiu a atenção de cientistas: N. K. Chanda, da Universidade de Deli, e E. Mills, da Universidade de Virgínia (EUA), examinaram o rapaz e descobriram uma cicatriz na sua têmpora direita. Quando os cientistas consultaram os resultados da autopsia do corpo de Suresh Varma, verificou-se que fora precisamente naquele local que a bala atingira a cabeça, ricocheteara na caixa craniana e saíra acima da orelha direita. Nesse local, foi encontrada em Titu uma grande mancha de nascença..."

Sobre esta história surpreendente relatou a revista *India Today*. Informou também que, atualmente, decorrem na Índia amplas investigações no campo da psicotrónica. Verifica-se que casos semelhantes aos que ocorreram com Titu, de cinco anos, não são assim tão raros. Especialistas do Instituto de Saúde Mental e Neuropatologia de Bangalore investigaram cerca de duzentas e cinquenta histórias análogas, registadas desde 1975. A doutora Santvant Pasricha, dedicando-se ao estudo deste problema há mais de dez anos, percorreu inúmeras aldeias e inquiriu pelo menos vinte testemunhas por cada caso registado.

Como resultado de um processamento minucioso dos dados, os investigadores chegaram às seguintes conclusões: o "efeito de reencarnação" observa-se com mais frequência em crianças com idades entre os três e os sete anos. Com os anos, elas esquecem-se completamente disso. Frequentemente, o "renascimento" noutra pessoa surge sob a influência de uma observação casual feita por algum familiar. O artigo cita este exemplo: "Certo dia, num dia de canícula, a tia de Ajit Singh, de quatro anos, proferiu: 'Hoje está tanto calor que, se eu morrer, não precisarão de me cremar'.

Ao que o rapazito respondeu: 'Comigo não aconteceu nada depois de me terem queimado na pira funerária'. Depois disso, começou a contar detalhadamente sobre a vida de um juiz realmente existente na cidade paquistanesa de Rawalpindi..."

As investigações dos cientistas indianos mostraram que, em 82% dos casos, as crianças recordavam nitidamente o seu nome na "vida passada" e até pormenores da "vida quotidiana". Merece também atenção o facto de que, em metade dos casos, nas suas "vidas anteriores", as pessoas morreram de morte violenta. A idade média em que ocorreu a morte violenta era de 34 anos. Em 26% dos casos, as crianças sentiam um medo irracional de coisas que, direta ou indiretamente, estavam ligadas à causa da sua morte na "vida anterior". Na "vida subsequente", o sexo, via de regra, não muda. Em 80% dos casos, as pessoas ligadas pelo efeito de reencarnação não eram parentes, o que exclui a ligação genética. O autor do artigo, Mikhail Kapustin, exclama: "Haverá realmente uma parcela de verdade na religião do hinduísmo, que não duvida da transmigração das almas?"

Eis como comentou esta notícia vinda de Deli o conhecido cientista orientalista, doutor em ciências filológicas, I. S. Lisevich:

"Os casos relatados pelo correspondente da revista em Deli... impressionam a imaginação. No entanto, tais casos são conhecidos não só na Índia. Se, por exemplo, abrirmos a antiga enciclopédia chinesa do maravilhoso — *Taiping Guangji*, escrita ainda no século X, encontraremos ali a descrição de uma série de factos semelhantes, relativos aos mais diversos tempos. Uma quantidade bastante considerável de casos análogos, assinalados já no nosso tempo, começando pela tribo libanesa e terminando nos índios norte-americanos, foi descrita pelo investigador americano professor Ian Stevenson. Contudo, a esmagadora maioria deles está registada em povos que, de uma forma ou de outra, acreditam na transmigração das almas".

Ian Stevenson apresenta factos convincentes que testemunham a favor da existência da "transmigração das almas". Ele examinou detalhadamente sete casos de reencarnações na Índia, três em Ceilão, dois no Brasil, sete no Alasca entre os esquimós e um no Líbano. Impressiona a imaginação o seguinte: em 18 casos, I.

Stevenson descobriu que as crianças investigadas tinham uma marca nas partes do corpo onde, segundo diziam, lhes fora desferido um golpe mortal na vida anterior. A maioria destas crianças desenvolvia-se normalmente e, ao atingir os cinco anos, esquecia o que acontecera muitos anos antes do seu nascimento.

"Entre elas havia muitas crianças que contavam coisas estranhas. Diziam que outrora viveram não em cidades do sul, mas em aldeias do norte, e que ali eram... pessoas adultas. As crianças descreviam nos mínimos detalhes o quotidiano das tribos índias, diziam os nomes dos aborígenes, falavam da sua aparência, caráter, hábitos. E afirmavam que alguns deles vivem ainda agora. Com base nestas descrições, o cientista determinou o local onde poderia tentar encontrar tais aldeias. Foi para o norte do Alasca.

E ficou indescritivelmente surpreendido quando encontrou realmente ali povoações e pessoas sobre as quais as crianças falavam. Afinal, elas nunca ali tinham estado e, até à vivência da reencarnação, nada sabiam sobre a vida dos aborígenes, isolados do mundo exterior. E quando as crianças foram levadas para estas aldeias, sentiam-se em casa. Conduziam o cientista pelas cabanas e apresentavam-no aos seus habitantes, que... não poderiam conhecer. Por outro lado, para os próprios índios, isto não causava surpresa, pois eles acreditam na reencarnação.

Em estados invulgares de consciência, as pessoas contam pormenores sobre a cultura de épocas antigas que são conhecidos apenas por poucos historiadores e arqueólogos. No entanto, entre os investigados encontram-se crianças pequenas ou adultos com baixo nível de inteligência que simplesmente não são capazes de estudar estas ciências".

Na revista *Vostochny Express* (1991, n.º 7) foi publicado um interessantíssimo artigo de Dmitry Makarov, "Regressou sob uma nova aparência". Apresento dele uma série de extratos:

"De uma fotografia olhava para mim um simpático rapazito de cinco anos. Uma criança como as outras. A única coisa que o distingue dos seus pares é o olhar penetrante, não condizente com a idade. A fotografia foi-me oferecida pelo lama Lundup, do mosteiro budista de Kopan, que fica... nos arredores da capital nepalesa, Catmandu. E nela está representado o menino espanhol Osel Hita-Torres. Ou melhor, era assim que se chamava antes. Aos dois anos foi elevado à dignidade espiritual de lama e, desde então, passou a chamar-se lama Tenzin Osel Rinpoche.

A maioria dos monges budistas tem de estudar durante 20 a 25 anos para alcançar este título supremo. E aqui, com dois aninhos, já é lama. Simultaneamente, Osel Rinpoche tornou-se o chefe do muito influente mosteiro de Kopan e de todas as suas 49 filiais em 12 países, incluindo os EUA, Canadá, Grã-Bretanha, Suíça, Austrália e até a Nova Zelândia. Aos três anos de idade, o pequeno, acompanhado por uma comitiva de educadores e preceptores, percorreu os seus domínios. Em todo o lado foi recebido com as honras devidas à posição e com entusiasmo".

Qual é o motivo, não serão demasiadas honras para um tal rapazito? O lama Lundup, que relatou ao autor esta história, assegura que este menino espanhol é a sucessiva reencarnação do antigo chefe do mosteiro de Kopan, o amado por todos guru Yeshe Rinpoche. Osel Rinpoche herdou o seu título por direito, para continuar a obra iniciada na vida anterior, e está-lhe traçado um grande destino. "Os mais sábios budistas tibetanos e até sua santidade o Dalai Lama reconheceram que em Osel Rinpoche encarnou a alma de Yeshe Rinpoche".

Ao morrer, o grande guru declarou que "regressaria" muito em breve à terra e que tal ocorreria na Europa, pois tencionava cumprir o seu destino, que consiste em difundir o budismo tibetano no Ocidente sem espiritualidade.

Seguros de que Yeshe Rinpoche cumpriria a sua promessa, o conselho de lamas ocupou-se em breve da busca da sua alma.

Enquanto o recém-chegado ao mundo baloiçava no berço e mamava no peito materno, no longínquo Nepal realizavam-se complexos cálculos astrológicos, organizavam-se serviços especiais, conduziam-se prolongadas sessões de meditação. Logo dois meses após o funeral do lama, foi obtida "informação fidedigna" de que a alma do mestre encontrara refúgio na terra e, já pelo outono de 1985, o conselho de lamas sabia que o reencarnado de Yeshe Rinpoche vivia na Espanha e que os seus pais se chamavam Maria e Paco.

E o amigo mais próximo e companheiro do falecido, o lama Zopa, durante uma das meditações, viu no topo de uma colina um menino branco a gatinhar pelo chão de uma casa camponesa. Gradualmente, os lamas determinaram a localização exata do menino: aldeia de Bubión, no sul de Espanha, família Hita-Torres. Quando os lamas, em mantos de cor de beterraba, apareceram perante o seu mestre menor de idade, este não se surpreendeu minimamente e recebeu-os como seus antigos conhecidos... "Ele subia para o nosso colo, brincava com os rosários, ria. Com especial amor e carinho saudou o seu 'antigo' amigo mais próximo, o lama Zopa".

Mas para maior convicção de que perante a delegação de lamas se encontrava realmente a "reencarnação do antigo chefe do mosteiro de Kopan", Yeshe Rinpoche, o menino teve de passar pela prova tradicional... "Espalharam diante dele todo o tipo de objetos religiosos misturados com brinquedos e objetos estranhos. Quando lhe pediram para selecionar 'as suas coisas', a criança, que nunca vira nenhum daqueles objetos, escolheu apenas o rosário e a campainha que tinham pertencido pessoalmente a Yeshe Rinpoche. Não poderia tratar-se de qualquer charlatanice ou ajuda. Para esta cerimónia foram convidados os clérigos mais autorizados e instruídos que, mais rigorosos que quaisquer juízes, vigiaram o cumprimento escrupuloso de todas as regras".

O chefe dos budistas tibetanos, o Dalai Lama, após observações próprias, confirmou o facto da reencarnação. Nessa altura, o menino tinha apenas... catorze meses. Na Índia, para onde levaram a criança, ele recusou imediatamente as anteriores iguarias favoritas e preferiu pratos tibetanos. O menino captava num ápice tudo o que se refere aos rituais do budismo tibetano, como se estivesse a repetir lições já estudadas. Aos dois anos, suportou com muita facilidade e dignidade a cerimónia de iniciação a lama, que durou três horas. Depois, visitou as filiais do mosteiro criadas por ele próprio "na vida anterior" noutros países e, em todo o lado, encontrava sem erro o seu quarto e reconhecia facilmente os antigos amigos.

Agora, que o menino completou 5 anos, fala com facilidade espanhol e inglês e começou a estudar os extraordinariamente complexos textos tibetanos antigos.

Terminando o artigo, Dmitry Makarov escreve: "No seu desenvolvimento espiritual, Yeshe Rinpoche atingiu tais alturas que seguramente escolheu ele próprio o local para o novo nascimento. Sim, tudo é muito simples, embora acreditar em tudo isto seja muito difícil (itálico meu — B. K.). Resta apenas notar que em toda esta história não há nenhuma ficção. É de supor que uma personalidade tão conhecida no mundo como o Dalai Lama não poria em causa a sua autoridade por causa de uma sensação com um menino espanhol".

No entanto, o leitor tem todo o direito de objetar — Dmitry Makarov inventou esta história. Escreve-se de tudo nos jornais modernos. E não é só "balelas" destas que neles se imprimem. A que estratagemas não recorrem os jornalistas para atrair a atenção para o jornal e aumentar a sua tiragem. Especialmente no período de campanha de assinaturas. Até o nosso *Zabaikalsky Rabochy* reproduziu a informação sobre como uma múmia no Egito violou uma mulher e agora esta espera um filho. Então o quê, também manda acreditar nisso?

E, simultaneamente, estou convencido de que a história contada por D. Makarov não é uma ficção. Para prova da minha razão, apresento um extrato do livro de A. David-Néel, *Místicos e Magos do Tibete*.

"Junto ao palácio do lama-*tulku* Pegai, com quem eu vivia em Kum-Bum, encontrava-se a habitação de outro *tulku* chamado Agnai-Teang... Já tinham passado sete anos desde a morte do último Agnai-Teang e ainda não se tinha conseguido encontrar a sua encarnação. Não penso que esta circunstância afligisse demasiado o seu intendente. Ele administrava sem controlo todos os bens do falecido lama, sendo que a sua própria fortuna parecia atravessar um período de agradável prosperidade.

Durante uma das suas viagens comerciais, o intendente do lama parou para descansar e saciar a sede numa das quintas. Enquanto a dona da casa preparava o chá, ele tirou do peito uma tabaqueira de nefrite e já se preparava para se servir de uma pitada, quando de repente o rapazito que até então brincava num canto da cozinha o impediu, pondo a mãozinha sobre a tabaqueira e perguntando com censura: — Por que tens a minha tabaqueira? O administrador ficou petrificado. A preciosa tabaqueira, de facto, não lhe pertencia. Era a tabaqueira do falecido Agnai-Teang...

O administrador estava confuso, tremendo perante o olhar severo e ameaçador do menino dirigido a ele: o rosto do pequeno mudou subitamente, perdendo todos os traços infantis. — Entrega-a agora mesmo, — ordenou ele, — esta é a minha tabaqueira. Cheio de arrependimento e aterrorizado, o monge caiu aos pés do seu senhor reencarnado. Passados alguns dias, observei como o menino era conduzido com extraordinária pompa para a habitação que lhe pertencia... Quando a procissão entrou no recinto do palácio, o menino fez a seguinte observação: — Por que — perguntou ele — estamos a virar à esquerda? Para o segundo pátio deve-se ir pelo portão à direita.

E realmente, após a morte do lama, por algum motivo, o portão à direita fora emparedado e fizeram em substituição outro à esquerda... O jovem lama foi conduzido aos seus aposentos privados, onde o chá fora servido... — Dêem-me a chávena grande de porcelana, — ordenou ele, e descreveu detalhadamente a chávena de porcelana chinesa, não esquecendo o desenho que a decorava. Ninguém vira tal chávena. O administrador e os monges tentavam convencer respeitosamente o jovem lama de que na casa não existia tal chávena... — Procurem melhor e encontrarão, — assegurava ele. E, de repente, como que um clarão instantâneo iluminou a sua memória e ele acrescentou alguns detalhes sobre uma arca pintada de tal cor, que se encontra em tal lugar, onde se guardam objetos usados apenas raramente.

Os monges explicaram-me brevemente do que se tratava e, desejando ver o que aconteceria a seguir, permaneci no quarto do *tulku*. Não passou nem meia hora e a chávena, juntamente com o pires, foi encontrada numa caixa no fundo da arca descrita pelo menino. — Eu nem suspeitava da existência de tal chávena, — assegurava-me depois o administrador. — Deve ter sido o próprio lama ou o meu predecessor a colocá-la nesta arca. Nela não havia mais nada de valor e há vários anos que ninguém lá olhava".

A. David-Néel descreve neste livro histórias não menos surpreendentes e misteriosas, mas esta é suficiente para que se pense: não estarão as reencarnações a ocorrer na realidade e será que a vida é dada ao homem apenas uma vez?

Mas onde estão as provas de que também esta história não é fruto da fantasia de David-Néel? As provas residem na personalidade da autora do livro *Místicos e Magos do Tibete*.

Alexandra David-Néel, parisiense, artista da ópera da capital com uma voz irrepetível e um autêntico talento dramático, aos 43 anos abandona inesperadamente o palco e parte para a Índia, tendo prometido ao marido e aos amigos regressar pelo Natal. A sua ausência prolongou-se por... exatamente 14 anos. Na fronteira da

Índia com o Tibete, ela encontra-se com um verdadeiro Guru e vive como eremita junto dele durante vários anos, estudando línguas orientais, o budismo e várias formas de treino psíquico e místico. Em 1924, esta "Dama-Lama", como lhe chamavam na Índia, sob a aparência de uma peregrina, tendo untado o rosto e as mãos com fuligem, parte para os lugares sagrados do Tibete. No livro "*Viagem de uma Parisiense a Lhassa*", publicado três anos depois em Paris, ela escreveu: "Alcancei Lhassa, seca como um esqueleto. Durante dois meses vagueei pelos templos e terraços do mosteiro de Potala, e nem uma alma suspeitou que, pela primeira vez em toda a história da humanidade, uma mulher ocidental via os segredos íntimos da cidade fechada e participava nas cerimónias". Penso que não faz sentido para Alexandra David-Néel contar fábulas aos seus leitores; a sua autoridade entre os estudiosos orientalistas é extremamente elevada.

Contudo, desejo citar mais uma história, relatada por V. M. Ivanova, membro efetivo da Associação Internacional de Psicotrónica. Elena Marcard, de doze anos, de Berlim Ocidental, sofreu um acidente de automóvel e teve um traumatismo gravíssimo. Após recuperar os sentidos, a menina começou a falar num italiano impecável. Elena nunca estivera antes na Itália, nem os seus pais. Aliás, a menina assegurava que não se chamava Elena, mas sim Rosetta, que o seu verdadeiro apelido era Castellani, que nascera na Itália em 1887 e morrera em 1917. Elena indicou a morada exata onde residira na Itália. Os cientistas localizaram facilmente a casa e levaram Elena até lá. Nessa casa vivia uma mulher idosa.

"Esta é a minha filha Fransa", declarou Elena com confiança. E não se enganou: tratava-se realmente da filha da falecida Rosetta Castellani.

Mas, talvez, um caso ainda mais interessante é relatado no livro "*O Erro de Romeu*" pelo investigador americano Lyall Watson. Em 1927, Frederic Wood, um psiquiatra de Blackpool, interessou-se por

uma rapariga local que utilizava palavras numa língua estrangeira. A rapariga, que se chamava Rosemary, afirmava receber mensagens de uma mulher que vivera no Egito na época da Décima Oitava Dinastia, durante o reinado do faraó Amenhotep III, isto é, de 1460 a 1377 a.C. O espírito identificou-se como Telika-Ventiu, uma esposa babilónica do faraó, e comunicou que podia falar com Rosemary na língua antiga porque a própria Rosemary fora anteriormente uma jovem escrava síria, uma dançarina do templo, que a rainha tomara como serva; posteriormente, ambas morreram afogadas no Nilo ao fugirem da ira dos sacerdotes.

Wood registou foneticamente cinco mil frases e enviou-as depois ao egiptólogo Howard Hulme. Além da representação do som "i", os hieróglifos designam apenas consoantes. Nenhuma pessoa viva sabe como falavam os antigos egípcios, porque as vogais têm de ser adivinhadas, comparando-as com formas coptas remotamente aparentadas e com a pronúncia... Quando as vogais foram removidas das palavras de Rosemary, Hulme decifrou sem dificuldade o que restava.

Ele diz: "É difícil de explicar... Refiro-me aos sinais técnicos puros e mais convincentes: a língua característica daquele período, os arcaísmos, a correção gramatical, as expressões populares específicas, as elisões comuns e figuras de estilo... tudo isso é evidente". Ele ficou convencido. Foram realizadas consultas com outros especialistas de renome em gramática e sintaxe egípcia; todos chegaram à conclusão de que as mensagens foram elaboradas na língua morta dos hieróglifos.

Um dos mais proeminentes investigadores da reencarnação, Stanislav Grof, cientista mundialmente conhecido dos EUA, doutor em medicina e presidente da Associação Internacional de Psicologia Transpessoal, não afirma categoricamente que as "vidas passadas" existem. Simultaneamente, nota que durante orações, meditação, jejum, automutilação e outros rituais religiosos, as pessoas vivenciam de forma muito vívida episódios de vida em "encarnações

passadas da alma", e estes parecem frequentemente muito mais reais do que a existência no corpo atual. Na ciência, este fenómeno recebeu o nome de "supermemória". Os cientistas empreenderam várias tentativas para o estudar. Nessas investigações utilizou-se, em particular, a hipnose. Ao sujeito mergulhado em transe hipnótico eram feitas perguntas relativas a diferentes etapas da sua vida e, depois, subitamente colocavam uma pergunta "provocadora" sobre um tempo em que ele comprovadamente não estava no mundo. No entanto, a verificação das respostas deparava-se com uma série de dificuldades, uma vez que aqueles que na vida comum não revelavam capacidades de "supermemória" mencionavam frequentemente tempos muito remotos.

Na opinião de I. S. Lisevich, tal método não pode ser considerado suficientemente "puro", pois não está excluída a possibilidade de o hipnotizador, ainda que a um nível inconsciente, poder sugerir ao sujeito a resposta desejada. Até agora, também não foi excluída a hipótese da "memória genética", que explica a "supermemória" através de informação registada no aparelho genético.

Contudo, não desejo concordar com tais afirmações. Para esse fim, chamo como testemunha Johannes Butler, que publicou um relato interessante na revista de Munique "*Quick*". "O hipnotizador Loring Williams induziu um jovem americano de quinze anos num estado de sono hipnótico profundo. Williams fez o rapaz regressar por etapas ao momento do seu nascimento e, depois, a mais de cem anos no seu passado. Em breve o rapaz começou a falar: — Eu era Jonathan Powell (o seu nome e apelido reais são George Field — B. K.)... um simples camponês da Carolina do Norte... Vivia lá sozinho... perto da pequena cidade de Jefferson... Nasci em 1832... Durante a guerra civil, em 1863, fui morto por soldados rebeldes... Eles dispararam contra mim... No ventre...

Tanto quanto permitiram os documentos históricos que Williams conseguiu obter, ele verificou os pormenores contados sob

hipnose por George Field e respeitantes a Jonathan Powell. Verificou-se que o hipnotizado relatava características daquela localidade e da cidade que não podiam ser inventadas, mas apenas conhecidas. Depois, Williams foi com o rapaz a Jefferson. Quando realizou uma sessão de hipnose na presença de um historiador que estudara especificamente aquela região, revelou-se algo assombroso: falando em nome do camponês Powell, George Field conseguiu nomear todos os "pais da cidade" locais do século passado.

Descreveu também as casas deles nos mínimos detalhes. Contudo, não foi possível provar documentalmente a existência de Jonathan Powell, uma vez que naquela região só se começaram a registar nascimentos e óbitos após 1912. Ainda assim, encontrou-se uma referência: o nome da avó de Jonathan Powell, como afirmava Field sob hipnose, era Mary Powell. E segundo um documento datado de 1803, uma Mary Powell comprara realmente um terreno naquela localidade. Williams publicou o relato sobre tão invulgar viagem ao passado. Pouco tempo depois, George Field recebeu uma carta. Uma mulher com o apelido de solteira Powell escreveu-lhe dizendo que era sobrinha-neta de Jonathan Powell. Comunicou-lhe pormenores da vida de Jonathan Powell que eram conhecidos através de relatos orais na família deles. Entre tudo o resto, ela escreveu: 'Jonathan Powell era meu tio-avô. Foi morto pelos ianques'."

Parece-me que este caso é muito convincente. E histórias semelhantes não são únicas. Muitas pessoas mergulhadas em estado de hipnose, ao falarem de si próprias, afirmavam viver num país completamente diferente e num século completamente diferente. Impressiona a imaginação que, frequentemente, respondam às perguntas do hipnotizador numa língua totalmente distinta, que não poderiam conhecer. Mas era sempre a língua do país no qual alegadamente viveram na vida passada. Acontecia também falarem, sob hipnose, num dialeto que era utilizado há muitos séculos.

Um caso assombroso é descrito no livro de J. Curie, "*Ninguém Morre para Sempre*". Um médico realizou, com fins terapêuticos, uma série de sessões hipnóticas com a sua esposa e até tentou fazê-la regressar ao passado distante. E eis que, durante uma das sessões, a esposa começou a falar com uma voz masculina grave e com um sotaque escandinavo muito acentuado. Ela declarou: "Eu sou um homem". Depois, começou a responder às perguntas numa língua estrangeira mas, conforme entendeu o marido, uma língua escandinava. Para a análise foram convidados grandes especialistas. Um deles, um certo Nils Sahlin, estabeleceu que a mulher, ao entrar na personagem do homem, falava em sueco arcaico.

Mas conheçamos mais um fenómeno extraordinário que pode ser provocado em estado de hipnose profunda, na chamada fase sonambúlica. "O meu guia espiritual é o chefe índio Red Cloud", afirma a médium Rena James, uma inglesa de 63 anos do Sussex. Em transe, ela alegadamente recebe e transmite a quem desejar os conselhos dele, fazendo-o com uma voz masculina".

No semanário "*Za Rubezhom*" (1990, n.º 42) pode ver-se uma fotografia da revista "*Quick*", que representa o falecido chefe índio Red Cloud, capaz de transmitir através da médium uma mensagem às pessoas do tempo atual.

Uma prova importante da existência da reencarnação são as experiências do diretor do Centro de ENIOtecnologia (ENIO — intercâmbio energético-informacional), um homem de uma especialidade rara — o energossugestólogo Boris Goldovsky. Mergulhando uma das suas alunas — Vera — num estado de hipnose profunda, ele decidiu averiguar quem fora ela numa das vidas anteriores. E, de repente, uma histeria selvagem. Fazendo perguntas, Boris estabeleceu que, naquele preciso momento, a sua aluna, que na vida passada se chamara Ivanna, estava a ser conduzida para a fogueira da Inquisição. Eis que a prendem à cruz e acendem a fogueira. Vera grita desesperadamente, debate-se... As chamas envolvem as pernas, uma dor insuportável... Finalmente, ela

sobe acima da fogueira sob a forma de fumo e vê o seu corpo carbonizado.

Nas experiências com outra aluna — Vika — B. Goldovsky averiguou que, numa das vidas passadas, ela residira na França, fora dama de companhia do rei Luís e chamava-se Madame de Claire. Participara num dos golpes palacianos, após o qual fora "enclausurada" num mosteiro durante dez anos. Quando regressou novamente à corte, já não restava vestígio da antiga grandeza, pois de dama da alta sociedade Madame de Claire transformara-se numa alcoólica.

Quando Goldovsky entrou em contacto informacional com ela, a mulher caminhava agitada pela sala. Apoio-se em algo, aparentemente no corrimão de uma varanda, e de repente os seus olhos começaram a arregalar-se de horror. Subitamente, voltou-se para alguém invisível, recuou, estremeceu como que por um golpe e, agarrando-se ao peito onde, ao que tudo indicava, estava cravada uma faca, pendurou-se em Boris, que acorrera. A agonia foi terrível; no fim, o pulso dela era absolutamente imperceptível. Boris apressou-se a retirá-la do transe e, com isso, possivelmente salvou-a da morte.

Durante as filmagens da reencarnação de Vika ocorreu um caso, à primeira vista, inexplicável. Sendo uma dama de companhia francesa, ela ouvia música. À pergunta de Boris sobre se sabia tocar, respondeu que sabia tocar harpa. E quando B. Goldovsky lhe pediu para tocar, ela sentou-se firmemente numa cadeira imaginária e começou a dedilhar cordas inexistentes. E, nesse momento, ressoou na sala uma música medieval. Mais tarde, Goldovsky passou a gravação ao musicólogo Kotlyarevsky, e este reconstituiu uma melodia medieval bastante original. Simultaneamente, Kotlyarevsky afirmou que as harpistas não se sentam da forma como Vika se sentou.

Contudo, B. Goldovsky, tendo pesquisado nos arquivos de museus, descobriu gravuras antigas onde as harpistas se sentavam

exatamente como Vika (*Moskovsky Komsomolets*. 1991, 2 de novembro).

Certa vez, ao dar aos alunos do segundo ano uma aula sobre hipnose, decidi realizar a seguinte experiência. Induzi um jovem — Viktor S. — na fase sonambúlica da hipnose e, depois, sugeri-lhe que era um velho de noventa anos. O estudante transformou-se perante os olhos de todos. As suas costas curvaram-se, deslocava-se com dificuldade, apoiando-se numa bengala imaginária. Passado um minuto, começou a respirar com dificuldade. E quando lhe perguntei: "Estás cansado, avô?", ele assentiu com a cabeça. E, depois, transformei o jovem num menino de três anos. Tivessem visto como ele fazia birras, pedia papa de sêmola e chocolates e, depois, declamava poemas com inspiração:

"A nossa Tania chora alto..."

E nisto decidi-me por algo que nunca me permitira antes. Quis saber o que o sujeito recordava das suas vidas passadas. — Vitya, ouve-me com atenção. Estamos agora no outono de 1914. Quem és tu e onde te encontras? O estudante permaneceu em silêncio por muito tempo e, depois, com voz firme, proferiu: "Sou médico", e passado algum tempo, já baixo, quase num sussurro: "na frente de batalha".

Não continuei a experiência. Através da literatura, sabia quão penosamente as pessoas vivenciam, em estado de hipnose, as suas encarnações anteriores. Para tais experiências é necessária uma grande prática, que eu não possuo. Não tinha o direito de sujeitar o estudante nem ao mais pequeno risco. E interrompi a experimentação. Indiquei a data real, disse ao Vitya que era um estudante e que em breve faria exames, que a sua memória melhoraria, que seria aplicado e focado, e depois retirei-o do estado de hipnose. Naturalmente, Viktor não se lembra do que lhe aconteceu sob hipnose.

Não quero assegurar que, neste caso, tenha ocorrido uma manifestação de "supermemória": não há nada de surpreendente em que um estudante de medicina se imagine como um médico na frente de batalha. E, ao mesmo tempo, quem sabe...

A vida depois da vida deve existir não apenas para os humanos, mas também para os animais. Na verdade, em que é que os nossos amigos de quatro patas ou as aves são piores do que nós, e por que razão deveriam ser privados em comparação com o Homem? Não, o Altíssimo cuidou também deles. Recentemente, foi publicado na América o livro de Bill Schull, "*Animais Imortais: os nossos animais de estimação e a sua vida depois da vida*". No livro são apresentados testemunhos de pessoas que, em circunstâncias difíceis, foram salvas, segundo afirmam, por "fantasmas de animais domésticos". Casos impressionantes deste livro são citados no jornal *Komsomolskaya Pravda* de 7 de setembro de 1990.

"...Frank Talberg, do Colorado, dormia na sua casa. Lá fora, rugia uma trovoada. Ele foi acordado pelo rosnar de um cão à porta. Decidindo que o animal precisava de ajuda, Frank abriu a porta e chamou o cão. Este revelou ser um setter ruivo com uma mancha branca no peito. Mas o cão não entrou na casa; pelo contrário, começou a afastar-se lentamente.

Frank vestiu um casaco, pegou numa lanterna e seguiu o cão. Assim se afastaram algumas dezenas de metros e, subitamente, quando um raio atingiu a casa, o quarto incendiou-se instantaneamente. Ao entrar no carro para ir até aos vizinhos, Frank lembrou-se do cão que lhe salvara a vida, mas o setter não estava em lado nenhum. Quando contou a história ao vizinho, este ficou perturbado: 'Pela descrição, o cão é muito parecido com o meu Sandy'. — 'Onde é que ele está? Devo-lhe muito'.

Quase num sussurro, o vizinho disse: 'O Sandy morreu há dois meses'.

...Robin Deland, também residente no Colorado, conduzia por uma estrada estreita de montanha à noite, quando, à luz dos faróis, apareceu subitamente um cão. Robin travou bruscamente e gelou ao volante — era Jeff, o seu collie, falecido há 6 meses. Robin saiu do carro e começou a chamar Jeff, mas este caminhou lentamente para a frente, para onde a estrada fazia uma curva apertada.

Robin seguiu-o e, por trás da rocha que obstruía a visão, viu um enorme rochedo que caíra na estrada, bloqueando o caminho. Se Robin estivesse no carro, não conseguiria avistá-lo a tempo de travar, e o automóvel ter-se-ia despenhado num precipício profundo. Deland olhou em volta: Jeff desaparecera misteriosamente, e ele estava na estrada a cem metros da sua própria morte.

...Ray e Susan Peters acordaram a meio da noite porque Mac, o seu terrier escocês, ladrava. 'O que é que se passa com ele?', perguntou Susan, sonolenta e contrariada. Mas, no minuto seguinte, Mac ladrou diretamente ao ouvido do dono. Ray sentou-se na cama, decidindo que o cão queria ir à rua. E foi então que sentiu o cheiro de fumo. O sono desapareceu num instante. Algo ardia na casa de banho que, quando ele abriu a porta, se revelou preenchida por fumo.

Verificou-se que o vizinho já tinha chamado os bombeiros. Acordado pelo ladrar de um cão no quintal da sua casa, ele olhara pela janela e notara fogo nas janelas da casa de Peters.

O vizinho disse-lhes: 'Graças a Deus, o vosso cão deu o alarme a tempo. Eu nem sabia que, após a morte do Mac, tinham arranjado outro cão. Já agora, onde é que ele está?'

E ali Ray e Susan gelaram: naquele momento não tinham cão nenhum; tinham passado apenas três meses desde a morte do Mac".

Não parece tudo isto saído dos contos do Barão de Münchhausen? Como não acreditar no grande visionário?

Até há pouco tempo, eu estava convencido de que não existiam provas substanciais para a teoria da "transmigração das almas" ou da "vida depois da vida". No entanto, a 6 de outubro de 1990, o diretor-geral do centro de investigação de situações de contacto, criado na empresa conjunta soviético-americana "Agafo", Alexei Konstantinovich Priyma, informou os ouvintes da rádio que chegara à conclusão de que a alma não só existe, como continua a viver após a morte do homem. Em que se baseiam as suas convicções?

Acontece que, nos primeiros quarenta dias após a morte de uma pessoa, são possíveis contactos acústicos, visuais e táteis com ela. Mais frequentemente, estes ocorrem com familiares e amigos do falecido, que por vezes ouvem os seus gemidos, suspiros, passos, estalidos, ou vêem as portas de armários e aparadores abrirem-se espontaneamente. Mas o mais surpreendente é que, ao ligar o gravador, podem aparecer na fita palavras e frases isoladas, ditas com a voz do falecido. São possíveis "encontros" com o defunto, surgindo este, muitas vezes, com a roupa com que foi enterrado. Finalmente, são possíveis toques das mãos do falecido, ficando no corpo da pessoa, após isso, marcas durante algum tempo.

A. K. Priyma contou que cientistas americanos construíram balanças especiais nas quais pesaram a alma de um moribundo. Esperava-se que pesasse miligramas. Mas qual não foi o espanto dos cientistas quando se verificou que, no momento da paragem do coração, o peso do corpo diminui imediatamente... entre dois a seis gramas. É precisamente isso que pesa a alma que abandonou o corpo do homem no momento da morte.

A. K. Priyma apresentou também novos factos relacionados com as "andanças da alma no mundo do além". Verifica-se que, no fim do túnel (alcançado pelas almas de apenas alguns dos que sofreram morte clínica), dois indivíduos aguardam a alma, podendo ser anjos ou familiares próximos. Trata-se de um "destacamento psicológico" que prepara a transição do homem para o outro mundo. Eles acompanham a alma adiante, até ao chamado Ser Superior

Inteligente (ou, abreviadamente, SSI), que consiste numa esfera luminosa ou numa luz brilhante que recorda o sol. O SSI possui sentido de humor e não se opõe a brincar com os recém-chegados. Perante o Ser Superior Inteligente, "projeta-se" toda a vida do falecido em sentido inverso.

Em certos momentos, a "fita" para, e esses instantes são analisados e refletidos detalhadamente pelo falecido, após o que se decide para onde ele deve ir — para o paraíso ou para o inferno. Nenhum dos que regressaram à terra viu o paraíso, mas o inferno foi mostrado a todos, como que para prevenir as pessoas de atos indecorosos. O caminho para o paraíso está vedado por dois crimes graves: o homicídio e o suicídio.

Informações análogas são apresentadas por A. Priyma num artigo (*Anomalia*. 1990. n.º 3). Mas será que A. Priyma é apenas um visionário? Na verdade, como pode um simples mortal possuir tais conhecimentos? Ter-lhos-ia comunicado o próprio Deus?

Recentemente, porém, deparei-me com outra notícia extremamente curiosa. O diretor do Ufocentro russo, V. Azhazha, escreve no semanário "*Sem Dnei*": "Os americanos, através de múltiplas experiências (itálico meu — B. K.), convenceram-se de que, após a morte de um homem, alguns gramas desaparecem invariavelmente para algum lugar. Pode-se supor que o corpo é apenas um casulo biológico que, numa determinada etapa da evolução, assegura a atividade vital da nossa essência psíquica. No corpo somos todos parecidos, na individualidade não".

A 22 de abril de 1992, foi publicada no jornal "*Trud*" uma entrevista com R. Moody. Um dos seus numerosos pacientes, que "morreu" num acidente, conta: "Ali, firmei-me na ideia de que me são proibidas duas coisas: matar-me a mim próprio ou a outrem. Cometer suicídio é como atirar o dom de Deus de volta à Sua face".

À pergunta sobre se o autor do livro "*A Vida Depois da Vida*" acredita na vida no além, R. Moody respondeu: "Falei com

praticamente todos os cientistas que realizam investigações nesta área. E todos eles acreditam que as sensações vivenciadas no limiar da morte não são mais do que o brilho da vida depois da vida".

Assim, existe um mundo paralelo, constituído pelas Almas de pessoas falecidas, que continuam a viver após a morte do homem e dos animais. Levanta-se a hipótese de que a estrutura energética, ou alma de uma pessoa falecida, em busca de refúgio, possa ligar-se ao corpo de uma criança fraca, incapaz de resistir à sua invasão. Daí a memória de uma vida alheia. Em particular, o desdobramento da personalidade na esquizofrenia também é explicado, a partir desta perspetiva, pela invasão de uma "estrutura energética" alheia, ou alma. E até fenómenos como o sonambulismo tentam ser explicados como passeios de duas "estruturas energéticas", das quais uma (a intrusa) é a que conduz, e a segunda (a original) é a conduzida.

O psiquiatra D. I. Dubrovsky apresenta informações interessantíssimas: "Mais um exemplo da minha coleção de factos... Existe uma forma maligna de esquizofrenia... O processo é irreversível. Mas, 5 minutos antes da morte, a consciência regressa ao doente. Ele reconhece o pai e a mãe, orienta-se no tempo... e morre. Isto parece fantástico e não cabe, de forma alguma, nos quadros paradigmáticos da ciência".

O que acontece, então, com tal doente? Dizemos que a esquizofrenia é um desdobramento da personalidade. Os antigos acreditavam que no esquizofrénico vivem duas pessoas. Não abandonará uma delas o corpo físico do moribundo antes da outra? Fantástico? Sem dúvida! Mas por que não fantasiar? E se esta fantasia se tornar realidade? Quem sabe, quem sabe!

Um adversário fervoroso da teoria da vida após a morte é o diretor do Instituto de Reanimatologia Geral da Academia de Ciências Médicas da Rússia, o académico V. Negovsky. — O fenómeno sobre o qual Moody escreve — disse V. Negovsky ao correspondente (*Poisk*. 1990. 21-27 de dezembro) — é-nos familiar. Chamamos-lhe vivência alucinatória. Mais simplesmente, são visões

falsas que surgem no cérebro como resultado da privação de oxigénio. — Mas como explicar que muitos doentes descreveram aos médicos com total exatidão o que estes faziam aos seus corpos exânimes após a paragem cardíaca? — admirou-se o correspondente. — Isso é que ainda não tem explicação. E por causa disso é fácil pessoas com uma mundividência pouco clara caírem no misticismo.

Parte dos fenómenos observados em pessoas retiradas do estado de morte clínica encontra atualmente uma explicação científica. Sabe-se que muitos dos que sofreram morte clínica vêem uma luz brilhante no fim do túnel. O próprio Moody supunha que isto estivesse ligado ao suprimento insuficiente de oxigénio ao cérebro, a chamada isquemia, que surge em resultado da diminuição drástica do fluxo sanguíneo para as células do córtex.

Outra explicação para este facto é dada pelo membro da Academia Russa de Ciências Naturais, o professor A. Kh. Kogan: "A questão — escreve ele — é que a morte clínica, que representa uma isquemia total, é acompanhada pelo aumento da peroxidação lipídica (acumulação de radicais ácidos nas membranas das células — B. K.) em várias células, incluindo as células fotorrecetoras (cones e bastonetes da retina — B. K.) e os centros visuais. A recombinação dos radicais ácidos que se formam neste processo é acompanhada por quimioluminescência — a emissão de luz visível. Daí, penso eu, o brilho de que falam muitas pessoas devolvidas à vida" (*Meditsinskaya Gazeta*. 1991. 14 de junho).

Sem dúvida, tal explicação tem pleno direito à existência. Não fica claro apenas por que razão, em condições de um aumento drástico da peroxidação lipídica nos fotorrecetores e no centro nervoso, o homem que se encontra em estado de morte clínica deva sentir uma sensação de incrível êxtase.

Não vou esconder: agrada-me muito a hipótese que pressupõe a imortalidade da alma, a transmigração das almas e a repetição múltipla da vida na terra. Mas sou obrigado a ser ultra-objetivo. É

por isso que insisto categoricamente no facto de que isto é, por enquanto, apenas uma hipótese. É perfeitamente possível que passem muito poucos anos e seja dada uma explicação completamente diferente a todos os fenómenos descritos neste ensaio. Mas pode verificar-se que a hipótese da transmigração das almas ou da estrutura bioenergética encontre confirmação experimental. Gostar-se-ia de dizer: "Viver para ver". Contudo, não está excluído que passem séculos, que mude mais do que uma geração, antes que os cientistas consigam dar uma resposta categórica à pergunta: continua a vida depois da vida? Será possível a transmigração da alma após a morte de uma pessoa para outra que surja novamente no mundo?

Ou talvez se deva, afinal, dar ouvidos às palavras do grande Omar Khayyam: *O que está lá, por trás da cortina da treva? Na adivinhação, as mentes se enredaram. Quando, porém, com estrondo ruir a cortina, Veremos todos como nos enganámos.*

COMO PODE ATUAR AQUILO QUE NÃO EXISTE

E o que não existe, em segredo de estado se contém. S. Kirsanov

Trabalho há muitos anos com sensitivos e não paro de me surpreender. Cada dia traz alguma surpresa. Cada dia aprendo algo novo que nem sempre se ajusta à consciência. Coisas impressionantes podem fazer os sensitivos. Já não nos surpreende que Djuna Davitashvili altere a atividade cardíaca através de massagem sem contacto. Já não espanta que A. M. Tulupov seja capaz de aumentar para o dobro a excitabilidade de uma preparação neuromuscular isolada ou forçar um músculo fatigado a contrair-se sem estimulação adicional. Tudo isto parece já ser uma etapa ultrapassada.

Mas não cabe no pensamento como pode um sensitivo, a uma distância enorme, forçar os aparelhos mais perfeitos a trabalhar num

regime diferente. Recordemos, por exemplo, a experiência realizada pelo Laboratório Central de Energia Solar e Novas Fontes de Energia da Academia de Ciências da Bulgária e pela secção de investigação de campos físicos de sistemas vivos da Sociedade Técnico-Científica de Radioeletrónica e Comunicações A. S. Popov.

O operador, o sensitivo E. Dubitsky, encontrava-se em Moscovo, enquanto o objeto da sua influência — o equipamento "Mettler" para medições termoanalíticas — estava em Sófia. A tarefa proposta a Dubitsky consistia no seguinte: no tempo determinado, concentrando-se mentalmente e influenciando os sensores situados em Sófia, alterar a temperatura do objeto de trabalho (um recipiente isolado com água), cuja constância os aparelhos mantêm com o auxílio de um computador. Independentemente das alterações no meio ambiente, a temperatura do objeto de trabalho permanecia sempre constante e não podia ser alterada nem mesmo em décimos de milésimo de grau.

A experiência começou. No prazo exato indicado, E. Dubitsky concentrou-se por um instante e, passado algum tempo, proferiu: "Está feito, fiz tudo o que pude". Os participantes da experiência em Moscovo esperavam com impaciência notícias de Sófia. Finalmente, o toque há muito aguardado. Ao telefone, o diretor do laboratório, professor Stefan Kinev: — Os aparelhos registaram três picos agudos com pequenos intervalos — informa ele.

Isto é uma verdadeira sensação. E embora a temperatura do objeto de trabalho tenha mudado apenas três milésimos de grau, até isso é incrível, pois mesmo um incêndio nas instalações, desde que o computador funcionasse, não conseguiria alterar a temperatura do objeto de trabalho.

Três dias depois, uma nova experiência. Desta vez, após o treino, o ensaio foi ainda mais bem-sucedido. O registador começou a traçar picos com uma variação de centésimos de grau e, depois, tornou-se incontrolável. A experiência teve de ser interrompida e o sistema reparado durante dois dias (*Trud*. 26 de agosto de 1989).

Um cético, ao analisar estas experiências, afirmará certamente que se trata de coincidências fortuitas. Mas serão tais factos isolados? Não fez o mesmo A. V. Chumak? É verdade que, neste caso, a experiência foi realizada noutras condições, e o padrão era uma liga metálica cuja temperatura deveria permanecer constante. No entanto, seguindo a instrução do experimentador, os indiferentes aparelhos registaram ora subidas, ora descidas de temperatura.

E recordemo-nos das admiráveis experiências realizadas no laboratório do académico V. P. Kaznacheev, quando um sensitivo, encontrando-se em Moscovo, alterou o conteúdo da substância hereditária — o ADN — numa cultura de células em Novosibirsk. E as próprias células comportavam-se de forma invulgar. Começavam a dividir-se intensamente; o número de mitoses, em comparação com a cultura de tecidos de controlo, aumentava drasticamente.

Mas eis outra experiência, não menos impressionante para a imaginação. O operador-sensitivo estabelece contacto com uma criança doente, encontrando-se noutro edifício ou mesmo noutra cidade. E os pais da criança, durante o contacto, "vêem" o operador no seu apartamento, descrevem a sua roupa, o seu rosto, embora nunca se tenham encontrado com ele. Como pôde isto acontecer?

O académico V. P. Kaznacheev, em cujo laboratório se realizou esta experiência, sugere que pode tratar-se de uma variante especial de "fantasma holográfico", transferência da imagem do operador ou indução de alucinações. Naturalmente, para uma pessoa normal, é extremamente difícil imaginar isto, mas também não há razões para não acreditar no académico V. P. Kaznacheev.

E que prodígios realizam os cônjuges sensitivos Nikolai e Mzia Levashov! Eis o que relatou sobre eles nas páginas da revista "*Televidenie i radioveshchanie*" (1990, n.º 1) o jornalista B. Belozerov.

"O relato dos Levashov sobre si próprios, as suas metodologias e possibilidades... despertou um interesse extraordinário. E assim,

três jornalistas decidiram testar em si mesmos a força da sua influência. Eram eles Rudolf Gaevsky, Alexei Boitsov e Mikhail Dekhta.

Bastaram apenas cinco sessões para que os resultados superassem todas as expectativas. Mikhail Dekhta, tendo dominado o 'mecanismo de ativação', passou a ver, conforme o seu desejo, os órgãos internos das pessoas ao seu redor e, simultaneamente, a distinguir o órgão doente do saudável. Além disso, começou a realizar sessões curativas, tanto por contacto direto como por telefone. Alexei Boitsov começou a... voar! Ele como que abandonava o seu corpo e saía para o cosmos. Nestas viagens era acompanhado e protegido por Mzia. Certa vez, ao regressar, viu o corpo deitado em baixo e entrou nele. Rudolf Gaevsky aprendeu a aliviar a dor alheia, o que já não é pouco.

Posteriormente, com um dos voluntários — Mikhail Dekhta — foram realizadas experiências no Instituto do Cérebro. Foi colocado numa câmara isolada e 'emaranhado' em fios e ventosas. Primeiro, Nikolai trabalhou com ele, depois Mzia... E de repente Mikhail começou a falar: — Encontro-me agora dentro do meu próprio organismo, viajo pelas veias e artérias...

E depois, como relata o jornalista, 'o relato do que via era feito ao nível molecular, como se estivesse a observar o seu tecido através de um microscópio potente'. E a aparelhagem impassível registava entretanto tudo o que acontecia. A descodificação do registo mostrou que em Mikhail os parâmetros da atividade cerebral estavam alterados. A experiência foi repetida, mas com outro voluntário — um colaborador do instituto — e o resultado revelou-se idêntico."

Não há dúvida de que as possibilidades dos Levashov excedem os sonhos até do mais ousado autor de ficção. "Aquilo que para eles é quotidiano e habitual e, por conseguinte, não constitui tema de conversa... não cabe na consciência de uma pessoa comum. Apenas um exemplo.

Certa vez, quando os Levashov regressavam a casa, pararam o carro, provavelmente de forma puramente intuitiva. No passeio jazia um homem com o olhar parado e os dentes cerrados — todos os sinais de morte clínica estavam presentes. Mzia e Nikolai aproximaram-se do corpo e, sem lhe tocar, começaram a trabalhar. No acidentado surgiu pulso e a respiração restabeleceu-se; pouco depois chegou a 'ambulância'. No dia seguinte, este homem, regressado do outro mundo, foi trabalhar como se nada tivesse acontecido.

Mas talvez isto seja também uma casualidade. Os sensitivos tiveram sorte. Que prodígios não aconteceram durante a guerra! Alguém era dado como morto, já se preparavam para o enterrar e, de repente, um médico ou um enfermeiro descobre que está vivo, apenas esteve inconsciente por um longo período, e a respiração e os batimentos cardíacos eram tão fracos que não se conseguiam registar.

Precisamente um caso destes aconteceu com o meu amigo Piotr Chesnokov em 1942. Na batalha de Velikiye Luki, foi gravemente ferido. Os médicos chegaram à conclusão de que ocorrera a morte. Decidiram enterrar o combatente numa vala comum, e o nome do herói foi gravado em letras grandes no monumento. Mas, durante o funeral, pareceu ao comandante do regimento que Piotr moveu a mão. Ordenou que o examinassem atentamente. E o que se viu?

O combatente estava vivo. Entretanto, para a sua terra natal, a cidade de Tokmak na RSS da Quirguízia, já seguira a notícia da morte heroica do batedor Piotr Chesnokov. E existem dois monumentos — em Velikiye Luki e em Tokmak — com o nome do glorioso combatente falecido em combate pela pátria. Mas ele goza de saúde até hoje. E não só goza de saúde, como bate recordes de corrida nas distâncias de 10 e 20 quilómetros entre as pessoas do seu grupo etário.

Mas eis o que conta o sensitivo Yuri Longo nas páginas do jornal "*Sovetskaya molodezh*": — Penso seriamente em reanimações. Já o fiz em meados de fevereiro (de 1990 — B. K.). Tinham passado cinco dias (!) após a morte. A primeira experiência durou apenas dez minutos... Ocorreu no instituto Sklifosovsky, estavam presentes dois médicos e enfermeiros — oito pessoas ao todo.

Reanimação cinco dias após a morte? Bem, isso é demais! É impossível acreditar em tal coisa. E, no entanto, assalta-nos o pensamento: não terão razão os milionários americanos ao pagarem somas enormes por um lugar numa câmara de congelação, onde colocam o doente terminal com cancro inoperável ou outro mal incurável, à espera de tempos melhores, quando os médicos aprenderem a combater estas terríveis doenças?

Sem dúvida, tudo isto são enigmas sobre os quais refletirá mais do que uma geração de investigadores. Mas serão menos enigmáticos o poltergeist, a clarividência, a telepatia, a hipnose, a telecinese, a levitação?

Estou convencido de uma coisa: todos estes estados estão ligados por uma cadeia comum. E se se conseguir decifrar um deles, pode-se compreender outros fenómenos misteriosos e anómalos.

Quando começo a analisar os factos, compreendo por que razão a ciência oficial nacional rejeita terminantemente as conquistas da bioenergética moderna. Para admitir os seus sucessos, admitir a existência de fenómenos anómalos, é preciso mudar radicalmente as conceções sobre os fenómenos que nos rodeiam; é preciso desvincular-se dos dogmas da filosofia materialista, precisamente dos dogmas, e não da própria filosofia.

Antes de mais, trata-se da conceção sobre o material e o ideal. Aprendemos como um axioma que a matéria é primária e a consciência secundária. Dificilmente alguém contestará que o cérebro é a fonte da nossa consciência. Mas a questão é que não só o cérebro, mas também o pensamento é material! O pensamento

pode ser transmitido à distância, pode ser captado por outra pessoa. O pensamento possui um campo gravitacional, é capaz de se fixar em diversos objetos e, depois, ser lido por pessoas especialmente preparadas. Mais do que isso, segundo K. E. Tsiolkovsky, V. I. Vernadsky e outros, o cosmos está literalmente saturado de pensamentos, que constituem o Oceano Mundial da inteligência.

Assim, pode-se falar da primazia da matéria e da secundariedade da consciência, quando a nossa própria consciência é matéria?

Dizemos que existe matéria viva e não viva. A diferença essencial da natureza viva (matéria) em relação à não viva é a existência de processos metabólicos. Estamos habituados às formas de vida biológicas, isto é, proteico-nucleicas. Aprendemos como um axioma a máxima de F. Engels: "A vida é a forma de existência dos corpos proteicos". Mas não está excluído que a vida possa ser de natureza não proteica. O professor L. A. Blumenfeld considera que não há diferenças de princípio entre a matéria viva e a não viva e, por isso... "não se podem propor critérios físicos do vivo". Ainda mais convincente soa a afirmação de Yu. N. Blagoveshchensky de que não existem, nem podem existir, critérios do vivo em estado puro.

Sempre me impressionou a atitude de muitos sensitivos perante a chamada natureza não viva. Muitos deles estão firmemente convencidos de que a Terra, o Sol, a Lua, os planetas e as estrelas constituem um único macromundo vivo. Tal como qualquer substância é composta por átomos, também o Universo é um ser enorme, composto por moléculas — constelações — e átomos — estrelas e planetas individuais.

Pedra, argila, areia, água — tudo isto, na opinião dos sensitivos, são outras formas de vida. Ouvi mais do que uma vez que um sensitivo é capaz de se carregar de energia não só das estrelas, mas também de objetos individuais. Ao receber uma carga de energia, o

sensitivo nunca se esquecerá de agradecer à fonte de energia, seja ela o sol ou uma pedra.

Ouçamos o que diz sobre este assunto um especialista que possui dois diplomas de distinção, o mago Yu. Tarasov: — Pode-se impor a própria vontade a quem e ao que se quiser. Até um ferro de engomar se pode instigar contra uma pessoa. É verdade, a técnica não tem consciência, mas onde está o limite entre a natureza viva e a não viva? Tudo neste mundo é convencional. Assim, a vida pode ser não apenas biológica, mas também cristalina, ondulatória, o que se quiser. (Não é verdade? Uma admirável coincidência de pontos de vista entre o académico V. P. Kaznacheev, o professor A. Medelyanovsky e outros cientistas eminentes e um representante da Ordem dos Magos da Rússia!) E cada um dos objetos pode cumprir qualquer comando.

Mais um exemplo flagrante disso é a paragem do famoso relógio de Londres — o Big Ben — pelo sensitivo Uri Geller (*Moskovsky Komsomolets*. 1 de julho de 1990).

Mas, se assim é, desmoronam-se todas as nossas conceções sobre a vida, as fontes de energia, a ligação entre a chamada matéria viva e não viva. — Vivendo no mundo circundante — diz A. Medelyanovsky —, o homem troca constantemente certas formas de energia, incluindo aquelas que ainda não conhecemos. O Universo é um sistema único, preenchido por energia e que vive segundo a lei da conservação da energia. E o homem nele é uma partícula.

V. I. Vernadsky, no livro "*A Estrutura Química da Biosfera da Terra e do seu Meio*", escreveu: "A humanidade, como matéria viva, está indissociavelmente ligada aos processos material-energéticos da camada geológica da Terra — à sua biosfera; não pode ser dela independente nem por um minuto".

O que constitui a biosfera? Segundo Vernadsky, é a soma de tudo o que é vivo e povoa o nosso planeta. Mais do que isso, as biosferas de diversos corpos celestes encontram-se em constante

interação. Por conseguinte, as "consciências planetárias", dispersas no Universo, formam um conjunto que se pode designar como "Inteligência do Universo", "Consciência do Universo", "Cosmos ou inteligência cósmica". Estas teses estão em total conformidade com as conceções de Tsiolkovsky sobre a existência de forças cósmicas inteligentes, ou do cérebro cósmico.

O astrofísico inglês J. Jeans observa que o cosmos, aos olhos dos físicos, "...começa gradualmente a parecer-se menos com uma máquina enorme e mais com um pensamento enorme".

O homem descende do macaco — esta é também uma das máximas. E se não for do macaco? É terrível proferir tal coisa mesmo nas páginas da imprensa popular. E, no entanto, tal ideia surgiu há muito tempo. Há vários séculos que se ouvem vozes de cientistas assegurando que o homem é um produto do cosmos.

O académico V. P. Kaznacheev escreve: "...Sou partidário do ponto de vista de que a génese ou o aparecimento do homem no planeta Terra pode não ser biológico. Por outras palavras, é possível que não tenham sido necessárias quaisquer mutações, como se costuma considerar, para o aparecimento do *Homo sapiens*. Somos filhos do Cosmos. E isto significa que devemos ser amigos de todas as formas de vida imagináveis e inimagináveis, ser amigos de diversas formas de inteligência, e não tentar negar a sua existência ou... lutar contra elas de qualquer modo".

Atualmente, não restam dúvidas de que em cada célula existe uma simbiose de formas de vida proteico-nucleicas e de campo. Isto foi brilhantemente provado ainda nos anos sessenta do nosso século pelas experiências do académico V. P. Kaznacheev (ver acima). Por conseguinte, nos neurónios (células nervosas) do cérebro devem também existir ambas as formas de vida. E se assim é, surge involuntariamente o pensamento de que os componentes de campo da vida desempenham um papel fundamental na evolução do cérebro humano.

Sabe-se que no antecessor do homem — o protogominídeo — o número de neurónios no cérebro atingia os 10 mil milhões. Ao que tudo indica, estas células, que representam estruturas proteico-nucleicas, funcionam até certo ponto como um computador biológico complexo de tipo condutor, organizado no princípio da ligação por contacto. E agora imaginemos que, sob certas condições no meio externo, surge uma anomalia geofísica. Nesse caso, todos os campos dos neurónios, que funcionam no mosaico do computador de contacto, podem unir-se num campo cooperativo único, isto é, o computador de tipo condutor transforma-se num computador de tipo de campo.

A que deverá isto levar? Não há dúvida de que, nesse caso, todos os sistemas sensoriais do computador "de campo", que fornecem informação dos seus recetores, começarão a funcionar de forma qualitativamente diferente, ou seja, o ser portador (bioenergia) de tal computador começa a perceber o mundo de uma forma nova. É claro que, para tal salto, não é necessária uma mutação biológica.

— Como cientista, eu... afirmo — escreve V. P. Kaznacheev — que há cerca de quatro milhões de anos surge na Terra, como corpo cósmico, uma série de formas de matéria viva. Elas realizam-se em estruturas proteico-nucleicas, bem como em formas de vida de campo, igualmente complexas. A sua interação é a evolução da vida na Terra. Ao considerá-la como proteico-nucleica, estamos profundamente enganados. Aparentemente, estamos ainda no alvorecer dos nossos conhecimentos. E isto é trágico, pois a nossa insensata autodestruição pode levar não só à destruição da ecologia proteico-nucleica, mas também a um impacto mais profundo nas formas de campo.

Se o homem surge na superfície da terra, não é pela evolução de Darwin, mas como uma explosão de organização de estruturas de campo holográficas e de inteligência. Os seres humanos, no alvorecer do seu surgimento, unidos por esta inteligência, não

podiam viver na superfície da terra. E, no processo de adaptação, chegaram à linguagem. Portanto, a nossa linguagem semântica é uma forma secundária de adaptação da matéria viva intelectual na superfície da Terra.

Na superfície da Terra, na própria Terra e no que a rodeia, conserva-se a inteligência comum da humanidade sob a forma de estruturas holográficas. Por outras palavras, tudo em redor é vivo e pensante... Com esta vida holográfica intelectual da Terra, certos indivíduos, dotados de um psiquismo especial, podem estabelecer contactos de campo (*Meditsinskaya Gazeta*. 11 de janeiro de 1991).

Mas, se o homem é um produto do Cosmos, e o próprio cosmos está literalmente saturado de energia, então o próprio homem deve ser portador desta energia, deve trocar constantemente energia com o macromundo que o rodeia. Após tudo o que foi dito, gostaria de passar diretamente às experiências através das quais se poderia dar resposta a, pelo menos, uma pequena parte das questões surgidas em resultado do estudo de fenómenos anómalos e de sensitivos.

Primeiro, detenhamo-nos na questão: por que razão é possível diagnosticar e tratar diversas doenças através da massagem sem contacto? Sabe-se que em torno de qualquer pessoa surgem variações de baixa frequência do campo elétrico, que caracterizam o trabalho do coração, dos pulmões, dos músculos, de diversos órgãos internos, a atividade fisiológica da pele, etc. À distância de alguns centímetros da caixa torácica, é possível registar um magnetocardiograma, condicionado pelo campo magnético de baixa frequência.

Na gama do infravermelho médio, pode detetar-se um brilho intenso das partes expostas do corpo — mãos, rosto, pescoço. A intensidade desta radiação altera-se no tempo, refletindo as variações no enchimento sanguíneo dos vasos, a temperatura do corpo, a intensidade da respiração, etc. A radiação de frequência ultra-elevada, proveniente da profundidade do corpo, transporta

informação sobre a temperatura dos órgãos internos. Pode também registar-se uma luminescência ótica ultra-fraca da pele das mãos e do rosto, equivalente em intensidade a algumas dezenas de fotões por segundo.

O membro correspondente da AMN (Academia de Ciências Médicas), o professor Yu. V. Gulyaev, e o doutor em ciências físico-matemáticas, E. E. Godik, examinaram, com o auxílio de uma aparelhagem única que permite registar os fenómenos acima descritos, um grupo de sensitivos, incluindo Djuna Davitashvili. Os resultados destas observações foram publicados por eles nas revistas "*Vestnik AN SSSR*" (1983, n.º 8) e "*Doklady AN SSSR*" (1986, vol. 289). Por cientistas conceituados, colaboradores do Instituto de Radiotécnica e Eletrónica da Academia de Ciências da URSS, foram estabelecidos os seguintes factos.

Em estado de repouso, a intensidade da radiação dos campos físicos nos sensitivos e nas pessoas do grupo de controlo (colaboradores científicos do instituto) era aproximadamente a mesma. Com a passagem dos sensitivos para o modo de trabalho (influência sobre uma pessoa doente ou saudável), a intensidade da radiação infravermelha e de frequência ultra-elevada das palmas das mãos aumentava. Simultaneamente, surgia uma luminescência ótica ultra-fraca nos dedos das mãos e oscilações de baixa frequência dos potenciais elétricos, ligadas ao tremor dos músculos. Estas variações são relativamente pequenas, contudo são capazes de ativar a atividade dos sistemas reguladores do organismo do paciente.

Especialmente importante, na opinião dos cientistas, é a influência da radiação térmica infravermelha, cuja intensidade excede em aproximadamente duas vezes aquela que a pele humana sente. A roupa não só é aquecida por este fluxo, como também não o distorce. Através do método da termografia infravermelha, estabeleceu-se que aquecem de forma particularmente intensa as zonas da pele nas quais a termorregulação está perturbada e que estão ligadas ao órgão afetado ou doente. A estabilização da

temperatura destas zonas é capaz de normalizar a função do órgão doente.

O fenómeno estudado recebeu na literatura especializada a designação de "fenómeno D", devido ao nome e apelido da sua descobridora — Djuna Davitashvili. Se a influência do sensitivo estiver ligada apenas à radiação dos campos físicos descritos, então aparelhos especialmente construídos serão capazes de imitar tal fenómeno. Numa entrevista à "*Literaturnaya Gazeta*" de 6 de agosto de 1986, Yu. V. Gulyaev e E. E. Godik declararam que aparelhos que substituem as mãos do sensitivo seriam construídos até 1990. Na imprensa popular e na literatura especializada já apareceram notícias sobre aparelhos bioestimuladores como o "Bion-01", "Porog" e outros. Mas duvido muito que tais aparelhos substituam os sensitivos. E para isso tenho razões suficientemente fortes.

Trabalhava em Chita um médico notável, especialista em reflexologia, Nikolai Sulim. Utilizava, como outros médicos, agulhas comuns aplicadas na medicina oriental. E Sulim tinha bastantes alunos. Mas, por alguma razão, o efeito no tratamento com Nikolai era significativamente melhor do que com outros médicos. Uma vez falei com ele sobre isso. — Mas compreenda, a questão não está apenas na agulha, mas também nas mãos. Eu sinto o ponto que está a "emitir" e espeto a agulha nele com grande precisão. Além disso, é muito importante que a agulha esteja carregada com a energia do médico — disso depende mais de 50 por cento do sucesso.

Estava absolutamente de acordo com Nikolai Sulim e, recentemente, recebi uma nova prova para as minhas ideias. "Em Alma-Ata vive e trabalha o acupuntor Sergei Alekseevich Kim. A especialidade de acupuntor na família Kim é transmitida por herança. Um dia, o pai de Sergei partilhou com o filho a seguinte observação: muitos dos seus alunos, dominando perfeitamente a técnica da reflexologia, obtinham na prática resultados muito piores do que o mestre. Foi então que Alexei Tarasovich — o pai de Sergei — chegou à conclusão de que, para um bom resultado, deve haver

uma força especial nas mãos do acupuntor. Sem dúvida, tratava-se de bioenergia, mas naqueles tempos distantes este conceito ainda não tinha surgido. Sergei herdou do pai o grande dom de sentir com as mãos os pontos ligados à atividade do órgão afetado. Passando a mão esquerda sobre uma zona do corpo, ele pode determinar o que exatamente na pessoa requer tratamento. Sobre o ponto que sinaliza isto, os seus dedos parecem embater numa barreira; o médico sente neles um leve formigueiro. Não menos enigmática é a mão direita — o diagnóstico. Se ela sente patologia, reage imediatamente aquecendo. Estas propriedades das mãos de Sergei Alekseevich permitem-lhe alcançar um efeito adicional no tratamento por acupuntura" (*Meditsinskaya Gazeta*. 30 de agosto de 1991).

Assim é: não são importantes apenas as agulhas e os aparelhos, mas também as mãos do curador. Delas depende frequentemente muito mais do que dos aparelhos mais modernos e inteligentes. Ouço muitas vezes dizer que os sensitivos literalmente "deixam passar" o sofrimento da pessoa doente através do seu próprio organismo. O sensitivo Vladimir Tonkikh disse-me mais do que uma vez que, enquanto não sentir a dor do paciente, diagnosticar e tratar o doente é inútil. Da mesma opinião partilha Nina Vasilievna Bondarenko, na qual o sentimento de compaixão pela pessoa doente é extremamente acentuado.

Nina Vasilievna trata principalmente crianças. — Com cada célula do meu corpo sinto a dor da criança. Se me dói o fígado — está tudo claro, a criança tem hepatite. Se surgem dores no pâncreas — é preciso tratar a pancreatite. Mas dores particularmente fortes surgem na presença de cálculos biliares ou renais. Então, fico literalmente no limiar da perda de consciência. E assim começo o tratamento. O efeito só é alcançado se a sensação de dor passar em mim. Só então interrompo a sessão. Um novo doente — e tudo começa de novo.

B. Belozerov descreve como os sensitivos Lidia Abramova e Valery Ibragimov trataram, através de uma fotografia, uma criança com diagnóstico de meningite e septicemia, que se encontrava na unidade de cuidados intensivos de um dos hospitais de Moscovo. "Em breve (após o início do tratamento — B. K.), através de canais desconhecidos e incompreensíveis, Abramova recebeu uma informação encorajadora que testemunhava variações positivas ocorridas no organismo da criança. No entanto, passado algum tempo, Lidia Nikolaevna foi obrigada a interromper a influência — surgiu-lhe uma forte dor de cabeça. — Agora continue você — disse ela a Valery Ibragimov.

Ao início ele recusou. Vendo os olhares de interrogação e perplexidade dos presentes, Ibragimov mostrou uma cicatriz circular recente na palma da mão, resultado do manuseamento descuidado de uma serra elétrica. Explicou que, em resultado desse trauma, o ponto de acupuntura que na sua metodologia responde por uma série de doenças fora destruído. Ibragimov detetara o sintoma de uma delas através da fotografia. — Se eu me ligar, dificilmente ajudarei o rapaz e eu próprio ficarei depois deitado vários dias. Mas a hesitação foi instantânea... Após a sessão, ele disse que o rapaz recuperaria os sentidos no dia seguinte".

Assim aconteceu. Contudo, o próprio sensitivo, após a sessão, sentia-se completamente doente. Frequentemente ouço queixas de Anatoli Mikhailovich Tulupov: — O que é que vocês me fazem? Enviam-me para aprender génios caseiros. Sim, o campo deles é bastante elevado, mas a potência é relativamente baixa. Ajudam-me por um tostão, e tenho de os "ressuscitar" por um rublo. Após uma ou duas sessões, os órgãos deles tornam-se 'pretos'. Eles chamam a si todas as doenças, mas não conseguem livrar-se delas. E assim tenho de salvar os vossos 'sensitivos' em vez de tratar os doentes.

A sensitiva Mary Bagauri tem a sua própria metodologia de diagnóstico e terapia. — Antes de mais, quando vejo uma pessoa, determino o seu estado de saúde pela sua aparência. Tudo tem

importância: os olhos, a pele, os odores. Sinto-os a uma distância bastante grande... Aliás, sinto também o caráter do paciente. Sinto as pessoas modestas, verdadeiras, dignas, honestas, tímidas. Afino o meu próprio organismo para ouvir, sentir a outra pessoa, penetrar no seu mundo interior. Mas, se vejo que o meu paciente não é verdadeiro, não é sincero (e sinto-o claramente), eu perdoo-lhe. Concentro toda a atenção na doença, pois o fundamental é isto — é preciso ajudar a pessoa. Esforço-me, embora para mim seja muito difícil, para que a energia limpe não só o organismo, mas também a alma. (*Sovietskie Profsoyuzy*. 1989. n.º 20).

Naturalmente, os aparelhos pelos quais os cientistas tentam substituir os sensitivos não são capazes de fazer nada disto. Estes exemplos testemunham já que é impossível explicar a capacidade dos sensitivos para fazer diagnósticos muito complexos e tratar diversas doenças apenas com o auxílio dos campos físicos conhecidos.

Contarei ainda outra experiência. Um grupo de cientistas americanos do Instituto de Potencialidades Ocultas do Homem, situado no estado da Califórnia (notem bem, na América existe há muito um tal instituto, enquanto nós ainda debatemos na imprensa popular se os sensitivos existem ou não), chefiado pelo diretor Michael Murphy e pelo diretor do programa de investigação, o professor James Hickman, veio a Moscovo, onde realizou em conjunto com Djuna uma experiência única. A essência era a seguinte: foram tomados seis envelopes pretos opacos à luz e neles colocada película com sensibilidade de 200 unidades.

Depois, três envelopes com a película a cores foram postos de lado, e propôs-se que três fossem sensibilizados com as mãos, sem abrir os envelopes, obviamente. Eis como James Hickman comenta os resultados desta experiência única: "Ela fez isto diante dos nossos olhos de forma muito simples. Pegava no envelope com as mãos e segurava-o entre as palmas durante 25 a 50 segundos, até dizer: 'Pronto, este já o sensibilizei!'. Após o que o envelope nos era

devolvido. Levámos os seis envelopes para os EUA, tomando precauções para que a película não fosse acidentalmente sensibilizada na fronteira, na alfândega. No instituto revelaram-se as películas e verificou-se que todas as películas de controlo, que não tinham passado pelas mãos de Djuna, se apresentavam como deviam — pretas. Não há vestígios de exposição nelas. Mas naquelas películas que foram dadas em envelopes a Djuna, viu-se uma exposição de tipo especial.

No centro do fotograma brilhava uma mancha branca intensa e, em redor dela, dispersavam-se manchas azuis e vermelhas mais pequenas, como estrelas, digamos. Além destes vestígios coloridos, vê-se também uma exposição contínua, como a que acontece quando a película é aberta à luz. Visto que todos os envelopes eram opacos e nem raios ultravioletas nem qualquer outra luz podia penetrar na película, considerámos que a nossa experiência com Djuna se realizou. Temos na película vestígios que indicam que há aqui algo inexplicável. A probabilidade de uma exposição acidental é nula. Às três cores — branco, vermelho e azul — correspondem três níveis de perceção da luz.

Com uma influência forte na película deste tipo, aparece um vestígio branco; com uma média, vermelho; e com uma fraca, azul. Djuna possui três níveis de influência. Observando os padrões de exposição, vê-se que não há qualquer regularidade. Eis o que, para dizer brevemente, foi descoberto na observação visual... O facto é indiscutível. Djuna conseguiu sensibilizar três envelopes por um método desconhecido. Na radiação de Djuna, parece-me, deteta-se não um, mas vários componentes, por exemplo, tais como a radiação eletromagnética e de raios X. Mas há, na nossa opinião, forças inexplicáveis (itálico meu — B. K.)" (L. Kolodny. *Vestígios do fenómeno "D"*. *Moskovskaya Pravda*, 1 de junho de 1988).

Assim mesmo! "Forças inexplicáveis". Realmente inexplicáveis! Que prodígios não se realizam com o auxílio destas forças inexplicáveis. Quem de nós não ouviu falar de poções de amor? O

marido deixou de amar a mulher — ela vai à bruxa. "Diz que outra enfeitiçou o marido legítimo, e em casa há uma ninhada de filhos, sozinha não consegue dar conta do recado". A bruxa dá a poção de amor e ainda ensina como usá-la. O marido infiel bebe-a — e eis que, passados alguns dias, regressa para a sua legítima esposa. E ainda por cima não cabe em si de contente por ela ser tão bonita, inteligente e prendada. E ele próprio não consegue compreender o que encontrou de bom na antiga amante.

Não, nunca acreditei em semelhantes contos de fadas. Sempre considerei que as velhas bruxas faziam isso por meio da sugestão. Mas eis o que Yuri Tarasov relata nas páginas do jornal "Moskovsky Komsomolets":

"A poção do amor não é fantasia. Apenas lhe chamamos outra coisa — ressonador de biocampo. Quando toma algum medicamento, iniciam-se no organismo diversos processos bioquímicos que alteram a gama de radiação do seu biocampo. Se, por outro lado, uma determinada combinação de ervas for preparada de uma certa maneira e dada a uma mulher para segurar na palma da mão, o líquido assume o campo dessa mulher. E se o homem beber um gole da infusão, o seu biocampo começará a entrar em ressonância com o biocampo da mulher que lhe deu de beber. Surge uma sensação de conforto, paz, relaxamento, mas apenas na presença dessa mulher. Basta ela afastar-se para que apareça a ansiedade, o nervosismo, a depressão. No final de contas, à terceira tentativa, até o homem mais rude começa a compreender com quem se sente melhor.

Nós, os feiticeiros, observamos os olhos e as almas das pessoas durante milénios. Observámos como e por que razão um casal se separa e se junta... Um homem tem uma esposa — inteligente, bonita, uma dona de casa maravilhosa — e, de repente, ele vai-se embora com uma que perde para aquela em todos os aspetos. A explicação é simples: biocampos que entraram em ressonância. E pronto! Acontece que dois se encontram pela primeira vez na vida e

a sensação é a de que se conhecem desde sempre. A questão está nesses mesmos biocampos que convergiram..."

Aliás, cada um de nós pode, de uma forma extremamente simples, preparar, se não uma "poção do amor", pelo menos um "elixir da saúde". O feiticeiro Yuri Longo, não menos famoso que Y. Tarasov, recomenda o seguinte método antigo de ioga para a recuperação da saúde. Pega-se num copo com água comum com a mão esquerda e passa-se a mão direita sobre ele durante 3 a 5 minutos. Está provado que no centro da palma da mão se acumula bioenergia capaz de ser fixada pela água. Antes de realizar este procedimento simples, é necessário recordar quais as doenças que o afligem. A água conservará essa informação. Deve-se beber o "elixir" diariamente em pequenos goles (beber um copo por dia) durante um mês e a sua saúde melhorará obrigatoriamente. Não acredita? Eu testei este método em mim próprio e, imagine, convenci-me da sua eficácia.

Poderão então as forças inexplicáveis de que fala Michael Murphy e os biocampos na conceção de Y. Tarasov, Y. Longo e de muitos cientistas proeminentes ser a mesma coisa? Mas, se assim for, a energia de cada pessoa deve ser estritamente individual. Não é por acaso que a mulher deve segurar a "poção do amor" nas suas mãos, nem é por acaso que a sensação de conforto e relaxamento surge apenas na presença da mulher que segurou o preparado. Digam o que disserem, este é mais um enigma incompreensível para a mente.

Naturalmente, tudo o que foi dito não significa que o campo eletromagnético, infravermelho ou ótico não possa exercer influência no diagnóstico e no efeito terapêutico que surge na massagem com e sem contacto. Não restam dúvidas de que as mãos do paranormal, dotadas de uma sensibilidade elevada, detetam a diferença de temperatura, a intensidade dos campos elétrico e magnético nas áreas saudáveis e doentes do corpo. Mas os

resultados alcançados pelos paranormais não podem ser explicados apenas por estes campos físicos conhecidos.

Trabalhando em conjunto com Juna, Tulupov e outros paranormais, ocasionalmente testava-me a mim próprio para ver se conseguia, sem interrogar o doente e sem tocar no seu corpo, fazer um diagnóstico preciso. Muitas vezes conseguia-o, embora por vezes cometesse alguns "erros" consideráveis. Na presença de um foco patológico, surgia na minha palma uma sensação de frio, mais raramente — um leve formigueiro. Ao examinar o doente, posso dizer onde se localiza o processo patológico, e nada mais.

Outra coisa é um paranormal de alta qualificação. Juna disse-me mais do que uma vez que, na presença de um processo inflamatório, sente que as mãos se tornaram pegajosas. A. M. Tulupov assegura que consegue determinar por quais microrganismos (*estreptococos*, *estafilococos*, *pneumococos*, *microbactérias*, *salmonelas*) é causado o processo inflamatório. A sensação surge de forma totalmente diferente na presença de um trauma, de um tumor ou do aparecimento de tecido cicatricial. Com que se relaciona isto? Com a intensidade diferente ou com a especificidade da energia irradiada pelo órgão doente?

Por que razão as ações simples das mãos mágicas de Juna, Tulupov e outros dominam processos inflamatórios agudos e crónicos, osteocondroses, lesões orgânicas e funcionais do sistema nervoso, distúrbios de visão e audição, tromboses e hemorragias, úlceras tróficas que não cicatrizam há muito tempo, distúrbios circulatórios e respiratórios, doenças do trato digestivo, das glândulas endócrinas, do sistema geniturinário?

Não há uma resposta exaustiva para estas perguntas.

Eu, juntamente com os meus colaboradores, dedico-me há muitos anos ao estudo dos chamados sistemas de defesa do organismo — a imunidade, a hemostase, o complemento. Não estará aqui, em parte, a raiz do enigma do paranormal? É

perfeitamente possível que, ao aumentar as funções defensivas do organismo, ele ajude o doente a livrar-se das maleitas que o martirizavam.

Afinal, o que representam os sistemas humorais (líquidos) de defesa do organismo? E que influência pode o paranormal exercer sobre eles? O sistema imunitário assegura a vigilância da pureza da nossa homeostase (constância) genética individual. Tudo o que, pela sua estrutura, seja estranho ao organismo, deve ser imediatamente destruído. Assim são destruídos os vírus e micróbios, as células estranhas (incluindo as cancerígenas) e as células velhas, os protozoários e até os vermes. A imunidade realiza-se com a ajuda de glóbulos brancos especiais, que receberam o nome de linfócitos.

Todos os linfócitos formam-se na medula óssea vermelha. Mas, posteriormente, uns seguem para o timo, localizado atrás do esterno, e aí transformam-se nos chamados linfócitos T (da palavra *thymus* — timo). A população de linfócitos T não é homogénea. Entre estas células distinguem-se os *killers* (assassinos). Tais linfócitos T são capazes de atacar as células estranhas e danificar a sua membrana. Tal ferimento é, na maioria das vezes, mortal. Aliás, a rejeição de órgãos e tecidos transplantados também depende da ação dos *killers* — tudo o que é estranho deve ser destruído.

Outra parte dos linfócitos T são os *helpers*, ou auxiliares. Estas células intensificam o decurso das reações imunológicas. Com a diminuição do número de linfócitos T *helpers*, a imunidade enfraquece drasticamente. O aparecimento da praga do século XX — a SIDA — está ligado à destruição dos linfócitos T *helpers* pelo vírus da imunodeficiência humana.

Finalmente, aos linfócitos T pertencem os supressores — células que limitam a intensidade da resposta. Se não houvesse supressores, a resposta imunitária tornar-se-ia incontrolável. E é perfeitamente possível que, nesse caso, os linfócitos destruíssem os próprios tecidos, como acontece nas chamadas doenças autoimunes, tais

como a poliartrite infeciosa e reumatoide ou o lúpus eritematoso sistémico.

Uma função importante na imunidade pertence aos chamados linfócitos B. O órgão no qual ocorre a maturação final destas células foi, até agora, detetado apenas nas aves e nomeado em honra do seu descobridor como bolsa (*bursa*) de Fabrício. Da palavra *Bursa* proveio a denominação de linfócitos B. Supõe-se que nos mamíferos, incluindo o homem, a sua formação ocorra na medula óssea. O aparecimento de anticorpos, ou antídotos, destinados a ligar e destruir os agentes estranhos (antigénios), está ligado à presença dos linfócitos B.

Mas existe um terceiro grupo de células que não pode ser classificado nem como linfócitos T, nem como B. São os chamados linfócitos 0 (zero). Uma parte significativa deles são precursores dos linfócitos T e B. Em condições favoráveis, os linfócitos 0 transformar-se-ão em células maduras, capazes de exercer a vigilância imunológica, ou seja, manter a guarda incessante na defesa da inviolabilidade do organismo.

Em praticamente todas as doenças conhecidas, ocorrem, em maior ou menor grau, perturbações na imunidade celular e humoral. A sua gravidade é tanto maior quanto mais severo for o processo patológico. Além disso, os desvios na imunidade surgem muito antes de a doença se ter desenvolvido. Em igualdade de circunstâncias, tem mais probabilidades de adoecer aquele que tiver a imunidade mais comprometida.

Decidimos observar como a influência dos paranormais Juna Davitashvili e A. M. Tulupov afeta o estado da imunidade. Em pessoas saudáveis, colheu-se sangue para um tubo de ensaio. O paranormal "irradia" o sangue com as mãos durante 10 a 15 minutos. Tanto antes como depois da exposição, determina-se o estado da imunidade. Após a contagem, verifica-se que a "irradiação" leva ao aumento do número de linfócitos T e B.

O que aconteceu? Afinal, as células não poderiam ter-se dividido num intervalo de tempo tão curto. Claro que não. A questão é outra. Os precursores dos linfócitos T e B, aqueles mesmos linfócitos 0 de que escrevemos, sob a influência da bioenergia gerada pelas mãos do paranormal, transformaram-se mais rapidamente em linfócitos T e B, capazes de participar na imunidade celular e humoral.

Mas, posteriormente, verificou-se que a imunidade nem sempre é estimulada sob a influência da bioenergia gerada pelo paranormal. Numa série de investigações, após a "irradiação" do sangue, o número de linfócitos T e B diminuía.

No início, isto preocupou-nos. Como prever em que casos a imunidade será travada? Mas a análise mostrou que a inibição da imunidade sob a influência da bioenergia gerada pelo paranormal ocorre nos casos em que o doente necessita disso urgentemente. A natureza revelou-se mais inteligente do que nós. A imunidade era inibida apenas quando, antes da investigação, se encontrava fortemente aumentada.

Tudo o que sai dos limites da norma é sempre mau. É mau se a imunidade estiver baixa, mas não é melhor quando está aumentada. No último caso, como já foi dito, pode intensificar-se a agressão autoimune e os linfócitos começarão a destruir os próprios tecidos.

Assim, chegámos à conclusão de que a intervenção dos paranormais é acompanhada pela correção da imunidade. Não pode haver dúvida de que estas reações se refletem beneficamente no estado do doente, contribuindo para a sua rápida recuperação.

No dia seguinte, convidámos os doentes ao laboratório e voltámos a colher o seu sangue para análise. E — oh prodígio! Era difícil acreditar nos resultados. Em todos os doentes, os indicadores de imunidade melhoraram, e a direção das mudanças coincidia sempre com aquelas que, no dia anterior, tinham sido detetadas no tubo de ensaio.

Mas isso não é tudo. Os doentes não suspeitavam que o seu sangue iria sofrer a influência do paranormal. Mas todos, sem exceção, declararam que por volta das três horas da tarde sentiram um afluxo de forças ou uma melhoria significativa do estado geral. Que espanto! Aproximadamente a essa hora, o paranormal terminou a experiência. E não importava onde o doente se encontrava — na cidade, na casa de campo, no comboio — em todos os casos sentiu a influência benéfica do paranormal. O que será isto então? Será que realmente células homogéneas da mesma pessoa transmitem informação umas às outras? As experiências levam a supor que assim é, de facto.

E então A. M. Tulupov propôs algo que, à primeira vista, parecia completamente impensável. Para quê gastar energia com um único doente? Pode-se colher imediatamente algumas gotas de sangue de uma dezena de doentes para tubos de ensaio e atuar sobre ele. E que os doentes tratem dos seus afazeres.

Realizámos tal experiência. Não direi que os resultados foram assombrosos. Mas os doentes referiram que se sentiam melhor e alguns deles, posteriormente, dispensaram os serviços do paranormal. Para quê gastar tempo com tratamentos quando se sente uma pessoa saudável? Além disso, tanto as análises como os testes funcionais evidenciavam uma melhoria considerável no estado dos nossos doentes.

Tulupov realiza frequentemente sessões de terapia em massa. E imagine, os resultados do tratamento, neste caso, não só não ficam aquém, como superam os que se observam em Kashpirovsky, Chumak e outros paranormais e psicoterapeutas não menos famosos.

Naturalmente, interessava-nos saber se os indicadores de imunidade se alterariam se os tubos de ensaio com sangue estivessem na sala onde se realiza a sessão de terapia paranormal. Durante as sessões na cidade de Tomsk, foram realizadas as seguintes experiências. De cada um de cinco doentes foi colhido

sangue para investigação em dois tubos de ensaio. Num, contou-se imediatamente o número de linfócitos T e B; o outro foi colocado na sala. Todos os cinco tubos estiveram em diferentes pontos da sala durante toda a sessão e, em seguida, determinou-se neles também a quantidade de linfócitos T e B. Agora era possível comparar se, durante o processo da sessão, os indicadores de imunidade no sangue do mesmo doente se tinham alterado.

Eis o resultado: num indivíduo observado, verificou-se um aumento tanto de linfócitos T como B. Nos restantes, estas mudanças foram insignificantes; no entanto, em todos os doentes, o sangue no tubo de ensaio após a sessão comportou-se de forma invulgar. Adquiriu novas propriedades — a de aglutinar as células presentes no sangue, ou seja, de causar uma agregação inespecífica.

Naturalmente, é cedo para tirar conclusões com um número tão reduzido de experiências. É difícil avaliar também o próprio facto da presença da agregação inespecífica dos elementos do sangue. O mecanismo deste fenómeno não é claro. Mas outra coisa é perfeitamente clara — o sangue não ficou indiferente às ações do paranormal realizadas durante a sessão de terapia em massa.

E quanto ao sistema de hemostase, que assegura a paragem da hemorragia em caso de lesão dos vasos sanguíneos? Conseguirão D. Davitashvili ou A. M. Tulupov acelerar ou retardar a coagulação do sangue? As experiências deram uma resposta positiva também a esta questão. Colhe-se sangue para um tubo de ensaio, regista-se o tromboelastograma, que reflete a velocidade de coagulação do sangue, a densidade do coágulo e a sua capacidade de dissolução. Este último ponto é extremamente importante, pois em muitíssimas doenças ocorre a coagulação intravascular do sangue. Nestes casos, o sucesso da terapia depende frequentemente da rapidez com que se consegue normalizar a coagulação do sangue e dissolver os coágulos nas artérias e veias.

Novamente, o paranormal atua sobre os tubos de ensaio com sangue. A coagulação do sangue abranda e a capacidade dos

coágulos para a lise (dissolução) aumenta. Mas também nestas experiências os resultados revelaram-se heterogéneos. Nos casos em que o tempo de coagulação do sangue estava prolongado, sob a influência da bioenergia gerada pelo paranormal, este encurtava-se. Consequentemente, também nesta série de experiências revelou-se a ação corretora (normalizadora) do paranormal, o que é extremamente importante. Afinal, o paranormal tem de aplicar a sua arte não só em tromboses, mas também em hemorragias abundantes. Mais de uma vez ouvi dizer como Juna, e também outros paranormais, estancaram hemorragias que dificilmente cediam aos métodos tradicionais de terapia.

Num dos institutos académicos de Moscovo, com a participação da colaboradora científica sénior T. N. Kovaleva, realizámos com Juna experiências em coelhos, nos quais tinham sido formados artificialmente trombos nos vasos da orelha. As experiências foram realizadas um dia após os trombos terem estabilizado e dificilmente cederem à destruição.

Juna aproxima-se do coelho e, de ambos os lados, move lentamente as mãos ao longo da orelha afetada. Este procedimento dura 15 minutos. Vemos como a orelha fica gradualmente vermelha, a sua temperatura aumenta 2—3°. Simultaneamente, a temperatura no reto aumenta 0,5—1°. Por conseguinte, exerce-se não apenas uma influência local, mas também uma influência geral no organismo. O registo do tromboelastograma imediatamente após a intervenção mostra que a coagulação do sangue no coelho abrandou e, numa série de casos, a capacidade do coágulo para a lise intensificou-se.

Já no dia seguinte, nos coelhos submetidos à experiência, o edema na zona do trombo diminuiu ou desapareceu por completo, enquanto nos de controlo este se manteve. Nos animais do grupo experimental, durante os dez dias após a intervenção de Juna, os trombos ou se fragmentaram em pequenas partes, ou foram

totalmente eliminados. Nos de controlo, em nenhum caso os trombos se dissolveram completamente.

À primeira vista, pode parecer que os resultados obtidos não são tão significativos. Mas é necessário recordar que Juna atuou sobre o coelho uma única vez e durante um intervalo de tempo muito curto. É fácil imaginar que resultados poderiam ser obtidos com a utilização repetida da massagem sem contacto.

Contudo, despertam especial interesse as investigações realizadas em seres humanos. Temos perante nós um rapaz, doente com hemofilia. No seu sangue, a concentração de uma proteína específica — a globulina anti-hemofílica, da qual depende a velocidade da paragem da hemorragia — está reduzida. Se num indivíduo saudável o sangue colhido para um tubo de ensaio coagula em 5 a 10 minutos, na criança doente apenas uma hora após a colheita da veia se forma um coágulo extremamente frouxo, que dificilmente será capaz de ocluir firmemente o vaso danificado. O rapaz tem enormes hematomas no corpo; as articulações apresentam hemorragias, estão inchadas e são extremamente dolorosas. A criança não consegue andar, nem sequer dobrar ligeiramente a perna.

Juna trabalha com o doente cerca de 40 minutos. Inicialmente, o rapaz chora, mas acalma-se gradualmente. Diante dos nossos olhos, os hematomas empalideceram. As dores nas articulações diminuíram significativamente, embora não tenham passado por completo.

E o que aconteceu ao sangue? Naturalmente, o teor de globulina anti-hemofílica não se alterou; aliás, de onde poderia ela ter surgido? No entanto, a velocidade de coagulação do sangue aumentou, e este é, sem dúvida, um sinal favorável. Não, o paranormal não consegue curar um doente com hemofilia. Esta doença está ligada a defeitos genéticos e, por enquanto, é impossível corrigi-los. Mas aliviar o sofrimento do doente é, certamente, possível.

No entanto, nem todos os paranormais são capazes de exercer a mesma influência na coagulação do sangue como Juna ou A. Tulupov. Investigações realizadas pelas nossas colaboradoras A. Lozhkina e I. Landa mostraram que alguns paranormais aceleram a coagulação do sangue e não influenciam o tempo de dissolução do coágulo de fibrina. Isto deve ser recordado por todos aqueles que tratam pessoas idosas, nas quais a coagulação do sangue já se encontra, por si só, acelerada. De modo algum se deve tratar tromboses, AVCs, tromboangeíte obliterante e outras doenças acompanhadas de complicações tromboembólicas sem estudar previamente como o sensitivo influencia o processo de coagulação do sangue.

Um dos mais importantes sistemas reguladores de defesa do organismo humano e animal é o sistema do complemento, em cuja composição entram mais de vinte proteínas. Com a ativação de componentes individuais do complemento, intensifica-se a fagocitose (ingestão de agentes estranhos, incluindo bactérias e vírus), estimula-se a imunidade celular e humoral e ocorre a destruição de células envelhecidas e doentes.

As investigações sobre a influência dos campos bioenergéticos gerados pelo paranormal foram por nós realizadas com o colaborador científico do Instituto de Medicina de Chita, B. B. Shoibonov. O sangue é colhido para tubos de ensaio e sobre eles Juna "faz a sua magia" durante dez minutos, após o que se procede à determinação da atividade do sistema do complemento e dos seus componentes individuais.

Resultados — a atividade do complemento aumentou, em média, 20—27%. Sob a influência da ação das mãos de Juna, aumentou a resistência das células vermelhas do sangue — os eritrócitos. Agora, na presença do complemento, a sua destruição ocorre de forma mais lenta.

Na série seguinte de experiências, Juna "irradiou" diretamente os indivíduos testados durante dez minutos. E, nestas experiências, a

atividade do sistema do complemento elevou-se em 30—35%. Entretanto, ao estudar os componentes individuais do sistema do complemento, foram obtidos dados contraditórios à primeira vista; nuns indivíduos a sua atividade caía, noutros — aumentava. Verificou-se que também esta reação depende do estado inicial. Assim, se a atividade inicial de qualquer componente do sistema do complemento era elevada, após a intervenção das mãos de Juna, ela diminuía. E vice-versa — se inicialmente era baixa, aumentava significativamente. Consequentemente, os desvios no sistema do complemento sob a influência de campos bioenergéticos também têm um caráter corretor (normalizador).

Não restam dúvidas de que a normalização da atividade dos principais sistemas de defesa é um fator fundamental que contribui para o aumento da resistência do organismo a agentes agressores, bem como para a rápida recuperação do doente.

Sob a influência da energia emitida pelo paranormal, pode alterar-se a atividade de diversas enzimas. As primeiras provas disso foram obtidas por Justa Smith, do Rosary Hill College de Nova lorque. A experiência consistiu no seguinte: em dois balões foi colocada a enzima tripsina — um composto produzido pelo pâncreas e que participa na digestão das proteínas. Ambos os balões foram selados durante o período da experiência, que durou onze dias.

O curandeiro canadiano — o paranormal Oscar Estebany — segurava diariamente um dos balões nas mãos durante setenta e cinco minutos e, em seguida, a tripsina era entregue ao investigador, que estudava a sua influência em amostras padrão de proteína. Através das experiências, conseguiu-se estabelecer que "o curandeiro exerce sobre a enzima uma forte ação estimulante", pois, na presença das amostras testadas do preparado, a destruição da proteína ocorria de forma significativamente mais rápida.

Sem dúvida, a influência sobre os sistemas enzimáticos pode levar a mudanças significativas na atividade do organismo.

Certa vez, Juna mostrou-me uma gravação de vídeo de uma conversa sua com empresários e cientistas italianos. Foi no início do nosso conhecimento. Já nessa altura tínhamos falado várias vezes que as suas intervenções poderiam ocorrer através da síntese de compostos biológicos ativos especiais, constituídos por aminoácidos e com uma massa molecular relativamente pequena. Estas substâncias chamam-se polipeptídeos. Formam-se nos mais diversos órgãos e tecidos. Os polipeptídeos isolados de diferentes partes do sistema nervoso, que receberam a denominação de neuropeptídeos, possuem uma atividade biológica especial.

Perante a afirmação de Juna de que a ação dos sensitivos se processa em grande medida através de reguladores peptídicos, os cientistas italianos acenaram com a cabeça em sinal de satisfação. Os seus gestos expressivos evidenciavam que partilhavam totalmente as opiniões de Juna.

Mas como testar esta suposição? Se eu trabalhasse em Moscovo, realizar tais experiências não representaria grande dificuldade. E então surgiu-nos outra ideia: e se pegássemos em preparados polipeptídicos já prontos, cuja ação tanto no tubo de ensaio como no organismo do doente está bem estudada, e os submetêssemos à biointervenção de Juna? Dito e feito! Levo comigo para Moscovo ampolas com dois preparados polipeptídicos diferentes. Os preparados de controlo ficam em Chita e são cuidadosamente isolados.

Todas estas precauções são necessárias para que a misteriosa bioenergia não possa ser transmitida ao preparado de controlo congénere.

O primeiro dos preparados escolhidos foi extraído do coração e, por isso, recebeu o nome de — cordialina (*cor* em latim significa coração). O segundo preparado foi obtido do fígado — chamaram-lhe hepalina (*hepar* em latim significa fígado). A cordialina melhorava significativamente o funcionamento do coração e restaurava a condução perturbada no músculo cardíaco. A hepalina

intervinha no funcionamento do fígado, contribuía para a produção de bílis, restaurava as células hepáticas danificadas e podia ser aplicada com sucesso no tratamento de hepatites agudas e crónicas, tendo inclusive, em ambiente experimental, eliminado fenómenos de cirrose.

Durante 15 minutos, Juna atua sobre os preparados padrão estéreis de teste. A influência é exercida através do vidro, pois os frascos que contêm os preparados estão hermeticamente fechados. Primeiro, Juna atua sobre a cordialina e, depois, sobre a hepalina.

— Diga-me, Juna, — pergunto eu — não lhe surge nenhuma sensação? — Não sei que preparados são estes, mas o primeiro deles pulsa — Juna, ao dizer isto, fecha e abre a palma da mão —, e o segundo dispersa — a energia dele parece espalhar-se por todo o órgão.

Seria impossível dar uma definição mais precisa a estes preparados. O facto é que, há cerca de vinte anos, os colaboradores da nossa cátedra, juntamente com cientistas da Academia de Medicina Militar S. M. Kirov, trabalham no chamado problema das citomedinas. Segundo esta teoria, qualquer órgão produz polipeptídeos que asseguram a sua atividade fisiológica normal. Por outras palavras, cada órgão sintetiza por si próprio os preparados necessários para o seu funcionamento.

Basta ele adoecer para que a síntese de tais preparados diminua drasticamente. E então ocorre a catástrofe. Verificou-se que muitos preparados medicinais, utilizados para o tratamento de diversas doenças, restauram a síntese de citomedinas no órgão doente e, dessa forma, contribuem para a eliminação da doença.

Ocultei de Juna, da forma mais rigorosa, com que preparados iríamos trabalhar. Mas o leitor já adivinhou que quem melhor pode ajudar o órgão doente são as próprias citomedinas. Assim, se a um doente com lesão cardíaca for administrada cordialina, o seu estado melhora muito em breve. Se nas doenças do fígado for utilizada a

hepalina, pode-se livrar o paciente da hepatite, da colecistite e, por vezes, da cirrose hepática.

Juna, sem saber nada sobre o conceito das citomedinas, definiu perfeitamente a sua essência. De facto, o objetivo principal da cordialina é fazer o coração contrair-se (pulsar) melhor; a função principal da hepalina, por outro lado, é melhorar a circulação sanguínea no fígado e normalizar nele o curso dos processos metabólicos.

Os polipeptídeos foram levados para Chita e cuidadosamente blindados, para não exercerem influência sobre os preparados de controlo. Além disso, foram colocados em copos de vidro cheios de água, uma vez que investigações anteriores realizadas no nosso laboratório mostraram que tal isolamento interrompe parcial ou totalmente a troca de informação entre objetos biológicos congéneres.

As experiências em Chita com a cordialina e a hepalina foram realizadas pelas nossas colaboradoras, a assistente S. L. Melnikova e a colaboradora científica sénior A. N. Lozhkina. Verificou-se que os polipeptídeos de controlo do coração prolongam ligeiramente a coagulação do sangue. Entretanto, os preparados de teste causaram um efeito exatamente oposto — o tempo de formação do coágulo sob a sua influência encurtou-se.

Mas o sangue é capaz não só de coagular, mas também de se "descoagular". Existem métodos especiais que permitem registar a transformação do coágulo de fibrina sólido em sangue líquido, incapaz de voltar a coagular. Tal "descoagulação" do sangue, que recebeu o nome de fibrinólise, salva frequentemente a vida a doentes com enfarte do miocárdio, tromboses e embolias.

As observações mostraram que as amostras de teste da cordialina, em comparação com as de controlo, influenciam de forma mais favorável a dissolução do coágulo sanguíneo. Representava um interesse prático particularmente grande o estudo

da ação dos polipeptídeos na imunidade. Já referimos que em praticamente qualquer doença a imunidade é perturbada, e restaurá-la é, com certeza, conseguir lidar com o processo patológico.

Para as experiências, foi colhido sangue de pessoas saudáveis. Não nos surpreendeu que, sob a influência das amostras de teste e de controlo da cordialina, o número de linfócitos T nos tubos de ensaio não se tenha alterado. E, na verdade, por que haveria de alterar-se? O sangue de pessoas saudáveis contém a quantidade de linfócitos T necessária para a manutenção da saúde. O organismo simplesmente não precisa de mais ou menos células dessas.

As amostras de controlo da cordialina não alteravam também o número de linfócitos T-ativos — aquelas células que devem entrar urgentemente na luta contra um inimigo agressor. No entanto, os polipeptídeos de teste comportaram-se de forma diferente. A sua adição ao tubo com sangue aumentou quase 2 vezes o número de linfócitos T ativos. Naturalmente, este é um facto muito favorável. Ele evidencia que aumentou o número de células do destacamento de barreira avançado de combatentes, prontos para entrar imediatamente em combate com o inimigo.

E aqui decidimos alterar ligeiramente as condições da nossa experiência. Pegámos numa das ampolas com cordialina de controlo e colocámo-la ao lado da de teste. Que os irmãos (os polipeptídeos eram da mesma série) comuniquem um com o outro. E os resultados não tardaram a aparecer. Após este encontro, os polipeptídeos de controlo começaram a exercer um efeito análogo, embora menos pronunciado, ao dos de teste. Eis aqui mais uma prova de que objetos biológicos congéneres são capazes de "conversar" entre si e de "ensinar" uns aos outros.

Sob a influência das amostras de controlo e de teste da hepalina, não ocorreram quaisquer mudanças substanciais na imunidade e na hemostase. No entanto, isto não é inteiramente verdade. Em pessoas saudáveis, a coagulação do sangue reage

prontamente a quaisquer mudanças que ocorram no meio ambiente. Nos doentes, tais reações adaptativas estão frequentemente ausentes. Verificou-se que, se ao sangue dos doentes forem adicionadas as amostras de teste da hepalina, este adquirirá propriedades características das pessoas saudáveis.

Sem dúvida, os resultados das experiências realizadas com a participação direta de Juna têm um caráter sensacional. Se o sensitivo é capaz de alterar a direção da atividade de preparados medicinais, então isto deve obrigatoriamente ser tido em conta na prática clínica. Aliás, intuitivamente, muitos paranormais sentem-no, proibindo frequentemente a utilização de medicamentos durante o tratamento com massagem com e sem contacto. E, provavelmente, têm razão. É por isso que é especialmente importante coordenar a atividade de especialistas da medicina tradicional e alternativa.

E, no entanto, não me abandonam as dúvidas. Já sublinhei que as amostras de controlo e de teste das citomedinas pertenciam à mesma série. As nossas experiências de muitos anos mostram que as amostras de polipeptídeos da mesma série exercem sempre o mesmo efeito sobre os objetos biológicos. E, ao mesmo tempo, não se pode excluir a cem por cento que, em diferentes frascos, a atividade do preparado pudesse ser inicialmente distinta. Infelizmente, verificar isso agora é absolutamente impossível. A única coisa que deve ser feita para confirmar a nossa razão é convidar Juna a participar em experiências adicionais.

E, finalmente, na nossa cátedra (A. Lozhkina, I. Landa), estudou-se como a influência de pessoas que se autodenominam paranormais afeta um dos indicadores laboratoriais mais frequentemente determinados na clínica — a velocidade de sedimentação dos eritrócitos (VSE). Ressalvo desde já que as experiências foram realizadas *in vitro*, ou seja, após o sangue ter sido extraído do organismo e se encontrar em capilares especiais.

Verificou-se que aproximadamente cerca de 20% de todos os examinados eram capazes de alterar a VSE. Uns aceleravam-na,

outros retardavam este processo. Nenhum dos nossos indivíduos testados conseguiu acelerar ou retardar a VSE de forma deliberada. Ao mesmo tempo, na repetição das experiências, observava-se sempre o mesmo resultado: se sob a influência do paranormal a VSE acelerou ontem, uma reação análoga observa-se hoje e manifestar-se-á amanhã.

Inesperadamente, os nossos colaboradores descobriram que a VSE depende em grande parte de onde se localizam os capilares: se estivessem à frente, isto é, diante do paranormal, a VSE poderia abrandar; se estivessem atrás, poderia acelerar. A energia emanava não apenas das mãos do paranormal: nos capilares localizados à sua esquerda e à sua direita, a VSE alterava-se na mesma direção que nos capilares sobre os quais o paranormal atuava com as mãos. Uma parede de tijolo não impedia a influência da bioenergia na velocidade de sedimentação dos eritrócitos.

Nem todos os paranormais capazes de influenciar a VSE conseguiam alterar o estado do sistema de coagulação do sangue. Provavelmente, diferentes componentes do biocampo podem exercer influência sobre diferentes indicadores da imunidade, do sistema do complemento, da hemostase e da VSE.

Infelizmente, não conseguimos verificar se Juna ou A. Tulupov conseguem alterar deliberadamente a velocidade de sedimentação dos eritrócitos. Baseando-me nas nossas observações anteriores sobre os sistemas de defesa do organismo, penso que conseguem. No entanto, esta suposição necessita de verificação experimental.

Os factos citados demonstram, mais uma vez, que a maioria dos paranormais deve especializar-se no tratamento de doenças estritamente determinadas. É necessário estabelecer critérios com a ajuda dos quais se possa decidir em que doenças este ou aquele paranormal é capaz de prestar ajuda.

No entanto, não excluo outra explicação para os factos que obtivemos. É perfeitamente possível que os paranormais autodidatas

não conheçam a metodologia, não saibam abrir-se totalmente, razão pela qual não conseguem influenciar deliberadamente o objeto biológico. Juna domina tais segredos com mestria. É por isso que, na maioria das vezes, sob a sua influência, observava-se um efeito corretor, o mais adequado para o doente em questão.

Gostaria de me abster de uma interpretação definitiva dos resultados obtidos. Dispomos ainda de material insuficiente para tirar conclusões sobre o mecanismo do fenómeno estudado. Mas estou absolutamente convencido de que, para a bioenergia gerada pelo paranormal, não existem distâncias nem obstáculos. E os relatos de paranormais sobre a sua capacidade de influenciar doentes que se encontram em diferentes cantos do globo terrestre, a milhares de quilómetros de distância, não são contos de fadas.

Estou certo de que células homogéneas da mesma pessoa podem "conversar" numa linguagem própria, apenas por elas compreendida. E não apenas conversar, mas também exercer influência umas sobre as outras. É por isso que a ação sobre o sangue num tubo de ensaio leva, não raramente, à melhoria do estado ou à cura do doente.

Afinal, que energia misteriosa é esta, capaz de operar milagres, que não conhece barreiras para a sua propagação, pode ser transmitida deliberadamente a distâncias enormes, ser percecionada por outro ser humano, curar doentes e, além disso, fazer truques para os quais os cientistas ainda não conseguem encontrar explicação?

Ano de 1968. Em Krasnoyarsk reuniram-se cientistas — especialistas na área da biofísica. Vieram de diferentes cantos do país. E não apenas para ouvir relatórios interessantes. A conferência deveria realizar-se num navio que partia pelo rio Yenisei em direção ao Norte. Durante o dia, no salão, decorriam debates acesos; à noite, no convés, soavam música e canções, e a sala de jantar transformava-se em salão de baile.

Ouvimos muitas coisas espantosas naquela conferência. Mas, talvez, o debate mais animado tenha sido provocado pelo relatório de um jovem professor de Novosibirsk, Vlail Petrovich Kaznacheev. Ele informou a audiência surpresa de que, para o desenvolvimento de um processo patológico, não têm obrigatoriamente de atuar fatores destrutivos conhecidos. Em particular, não há necessidade de o agente patogénico da doença penetrar diretamente na célula. A célula afetada pode transmitir informação a outra — saudável —, após o que esta morre passado algum tempo.

O relatório de Kaznacheev, naturalmente, provocou na maioria dos participantes da conferência apenas sorrisos sarcásticos. O biofísico M. Bruverman, que escreveu todo um poema sobre esta conferência invulgar, dedicou a Vlail Petrovich as seguintes estrofes:

A todos os corifeus de Moscovo Kaznacheev intrigou. A nossa confraria admirou-se — Nos micróbios há telepatia.

As experiências de Kaznacheev consistiam no seguinte. Num balão, num meio nutritivo especial, eram colocadas células hepáticas infetadas com o vírus da hepatite. Noutro balão encontravam-se células hepáticas saudáveis. Entre os balões posicionava-se um vidro de quartzo. Obviamente, o vírus não poderia de forma alguma penetrar através do obstáculo de um balão para o outro. Mas eis o que é surpreendente: em breve, no segundo balão, o "saudável", as células revelaram-se doentes.

Então o cientista realizou uma nova experiência. No segundo balão, o vírus não foi detetado. Mas se agora este balão for combinado com mais um, onde se encontram células hepáticas saudáveis, em breve também ali uma parte significativa delas se revelará doente. E as alterações morfológicas nelas serão exatamente as mesmas que na hepatite viral.

Puros milagres! Como não recordar aqui a telepatia.

Mas os anos passaram e, gradualmente, acumularam-se factos não menos admiráveis. Células hepáticas são danificadas por cloreto

de mercúrio e, em seguida, a experiência é conduzida da mesma forma que no primeiro caso. E no balão "saudável", onde não havia nem rasto de cloreto de mercúrio, as células adoecem; nelas desenvolve-se um quadro típico de envenenamento por mercúrio.

Quanto mais se avança, mais se descobre. Uma nova série de experiências com células irradiadas. E novamente o mesmo quadro. As células doentes transmitem informação às saudáveis de forma desconhecida, após o que estas adoecem.

E em 1973, ao académico Kaznacheev e aos seus coautores, por um ciclo de trabalhos originais, foi concedido um diploma pela descoberta de um fenómeno novo, anteriormente desconhecido, de transmissão de informação através de campos biofísicos fracos.

Não há necessidade de relatar todas as hipóteses propostas por Kaznacheev para explicar os factos obtidos. Nos últimos anos, Vlail Petrovich chegou à conclusão de que na matéria viva existem portadores de energia desconhecidos, que se podem chamar convencionalmente de "biotermonucleares-frios", com a ajuda dos quais surge uma "fusão fria" capaz de alterar significativamente a atividade do organismo vivo.

Mas a morte das células nas experiências de Kaznacheev pode ser evitada. Verifica-se que as células doentes apenas influenciam as saudáveis se estiverem em escuridão total. Se, pelo contrário, as câmaras forem iluminadas, a reação estancará. As células afetadas morrem, enquanto as saudáveis não percecionam o sinal patogénico e permanecem intactas. Da mesma forma, pode-se interromper a "comunicação" entre as células afetadas e as saudáveis com a ajuda de um feixe de laser ou da influência de um paranormal.

Mas, muito antes das investigações de Kaznacheev, um método original de fotografia em descarga elétrica de alta frequência foi patenteado pelo casal Kirlian. Com ele, era possível detetar nos objetos vivos uma coroa luminosa, ou aura. Os investigadores notaram que o seu método de fotografia poderia revelar-se

bastante útil para a medicina clínica. E recentemente, o Dr. David Sheinkin, do Instituto de Análises Bioenergéticas (EUA), publicou na revista "Notícias de Psiquiatria Clínica" um artigo relatando a aplicação do "efeito Kirlian" para o diagnóstico de uma série de doenças. Verificou-se que, nos doentes, dependendo da natureza do processo patológico, observam-se alterações específicas na estrutura da coroa luminosa. É interessante que, em vários casos, estes desvios ocorriam muito antes do aparecimento dos primeiros sinais da doença.

Em 1972, a professora Thelma Moss, da Universidade da Califórnia, realizou a seguinte experiência. No dispositivo de descarga com o qual se deteta o "efeito Kirlian", foi colocada uma folha acabada de colher. Liga-se a corrente e, na superfície da folha, deteta-se um brilho azulado. Em seguida, aplicam-se várias picadas com uma agulha na folha e ela reage instantaneamente ao impacto danoso; no local do trauma surge um brilho avermelhado. Mas quando a folha começa a murchar, o brilho apaga-se gradualmente. Nesse momento, aproxima-se uma pessoa, coloca as mãos a uma distância de 15—20 cm da folha e... o brilho recomeça.

Consequentemente, o ser humano, atuando no papel de "curandeiro", emite bioenergia que influencia os objetos vivos. Uma experiência não menos interessante foi realizada em 1972 pelos investigadores ingleses D. Milner e E. Smart. Eles também notaram que, numa folha que murcha, a coroa desaparece gradualmente. No entanto, se se aproximar dela uma folha fresca, na folha que está a morrer volta a aparecer a coroa luminosa. Destas experiências, tirou-se a conclusão de que o campo energético de um objeto saudável é transmitido ao doente. Não é verdade que é um cenário familiar? Não será assim que "conversam" entre si as células saudáveis e doentes nas experiências de Kaznacheev?

Victor Adamenko, em 1966, descobriu por puro acaso um fenómeno estranho — se a borda de uma folha for cortada em alguns milímetros, na fotografia de Kirlian o brilho cobrirá a parte da

folha ausente. Ou seja, a coroa permanecerá intacta. Um resultado análogo foi posteriormente obtido pelo investigador brasileiro, diretor do Instituto de Psicobiofísica, H. Andrade, alterando um pouco as condições da experiência — ele não cortou, mas matou uma parte da folha.

Verificou-se também que, nas fotografias de Kirlian de pessoas com membros amputados, não se consegue detetar o defeito, uma vez que a estrutura energética se mantém após a amputação de várias partes do corpo.

Todas estas experiências levam a supor que o organismo vivo possui uma estrutura energética que desaparece apenas após a sua morte.

E agora quero falar sobre uma experiência que abalou a imaginação de cientistas de vários países e que, à primeira vista, não tem qualquer relação com paranormais e fenómenos anómalos. A experiência foi realizada sob a direção do investigador francês Jacques Benveniste. Os resultados do trabalho, sob o título aborrecido de "desgranulação de basófilos humanos provocada por soro anti-imunoglobulina altamente diluído", foram publicados numa das revistas científicas mais populares, a "Nature" (Londres), designada entre os cientistas como a revista dos Prémios Nobel. Os factos obtidos no laboratório de Benveniste foram submetidos a uma verificação rigorosa não só em França, mas também em laboratórios de Israel, Itália e Canadá, e só depois disso foram aceites para publicação nas páginas de tão respeitável edição científica.

Em que consistem estas experiências misteriosas? No sangue do homem e dos animais superiores existem glóbulos brancos — os basófilos. Eles contêm um núcleo e uma grande quantidade de grãos (grânulos), nos quais se encontram compostos biologicamente ativos. Na exacerbação ou desenvolvimento de doenças alérgicas, ocorre a saída dos grânulos dos basófilos, isto é, dá-se a sua desgranulação, o que não raramente é acompanhado por

manifestações clínicas gravíssimas, chegando até ao choque e à morte.

Em que casos ocorre a desgranulação dos basófilos? Se no organismo penetra uma proteína estranha — um antigénio —, em resposta a isso os linfócitos B começam a produzir anticorpos, ou imunoglobulinas. Entre estas últimas, um lugar especial é ocupado pelas chamadas imunoglobulinas da classe E, pois têm uma relação direta com o desenvolvimento da alergia. Com a entrada repetida do antigénio no organismo, as imunoglobulinas reagem com ele, resultando na formação de complexos imunitários. Assim que os complexos imunitários se "depositam" nos basófilos, ocorre instantaneamente a desgranulação destes últimos.

As experiências de Benveniste consistiram no seguinte. Para a imunoglobulina E foi obtido um antissoro que, posteriormente, foi diluído a tal ponto que não deveria restar nenhuma das suas moléculas na solução. Apesar disso, após a mistura de tal solução com a imunoglobulina E, ocorria a desgranulação dos basófilos.

O editor da revista "Nature", o professor John Maddox, chamou aos factos obtidos por Benveniste e coautores (entre os quais quatro laureados com o Prémio Nobel) inexplicáveis. É difícil imaginar que a informação biológica possa ser transmitida pela água pura. Mais ainda, segundo os resultados desta investigação, a água é capaz de guardar a "memória" das moléculas biologicamente ativas que estiveram em contacto com ela (recordemos a água, os cremes, as pomadas carregados por A. Chumak) e que dela desapareceram em consequência de múltiplas diluições. Consequentemente, deve existir um efeito molecular sem moléculas. Não é verdade que isto soa como uma heresia, pois contradiz os princípios mais fundamentais da química, física e biologia modernas?

E eis como comentou os factos descobertos o próprio causador da agitação, Jacques Benveniste:

"Os resultados da nossa investigação exigem... sérios esforços para serem aceites. Trata-se da penetração num mundo de outros conceitos, de uma mudança no modo de pensar não menor do que aquela que ocorreu na transição da visão da Terra como um plano para a sua perceção como uma esfera. ...As investigações por nós publicadas provam a existência de um efeito molecular na ausência de moléculas... Falando esquematicamente, os resultados das experiências por nós realizadas — tanto em tubos de ensaio como em animais — provam de forma absolutamente indiscutível a possibilidade de obter um efeito biológico característico através da influência de soluções de substâncias ativas em concentração ultra-baixa.

...E que tal recorrermos à imaginação? Se se podem obter de moléculas substâncias não moleculares, então o processo inverso também é possível. E isto significa que o homem conseguirá um dia sintetizar moléculas com base nas suas características físico-químicas, medidas em soluções de concentração ultra-pequena. Talvez um dia, por este meio, possamos transferir instantaneamente a nossa personificação eletromagnética para a outra extremidade do mundo ou para outro planeta? Talvez um dia consigamos recriar um diplodoco a partir da informação que flui sob a Ponte Nova ou, digamos, pescar ali um peixe eletromagnético sem espinhas." (*Za rubezhom*. 1988. N.º 30).

Assim, cada molécula de substância orgânica e, possivelmente, inorgânica carrega em si informação que é capaz de ficar gravada na "memória" da água. Não consigo imaginar de modo algum que esta informação possa ser de natureza imaterial. E o Dr. Benveniste menciona repetidamente a "personificação eletromagnética" ou o "peixe eletromagnético". Isto não significa, de forma alguma, que a informação deixada pela substância na água tenha natureza eletromagnética. Trata-se, repito, de um fenómeno desconhecido. Mas se tal informação pode ser transportada pelas moléculas de uma substância, será que o organismo do homem, dos animais e das plantas não possui a propriedade de gerar algum tipo desconhecido

de energia, de natureza material e capaz de se fixar em diversos substratos materiais, bem como de ser captada por seres vivos?

Assim, temos, por um lado, as "forças inexplicáveis" emitidas pelas mãos do paranormal e, por outro, a presença de informação que a água guarda sobre moléculas de substância orgânica nela contidas anteriormente. Aliás, notemos que, na opinião de Benveniste, os factos por ele obtidos "...evidenciam que se trata de um fenómeno universal".

Independentemente do famoso Jacques Benveniste, uma descoberta análoga foi feita pelo nosso compatriota, o médico V. N. Sarchuk, mas significativamente mais cedo. V. Sarchuk trabalhava num dos hospitais militares na Transbaicália. Certo dia, em meados dos anos setenta, veio ao meu laboratório e partilhou a sua descoberta connosco.

— A água — dizia ele —, é capaz de guardar a memória das substâncias químicas que nela estiveram contidas anteriormente. Com base nisto, podem criar-se novos métodos não só de diagnóstico, mas também de terapia para diversas doenças.

Recordei-me desta conversa demasiado tarde, quando soube que V. N. Sarchuk propusera para introdução na prática um novo método de diagnóstico e terapia por eletropuntura, sob o nome de "Método de diagnóstico etiológico de doenças e o seu tratamento com a ajuda de líquido biologicamente ativo".

Verifica-se que, utilizando um aparelho especial de construção comparativamente simples, é possível recolher informação biológica que permite julgar não só o estado de um determinado órgão, mas também a causa (incluindo a bacteriana) que provocou o processo patológico. Esta informação é, posteriormente, utilizada para o tratamento da doença com a ajuda de água submetida a um processamento especial, que recebeu a denominação de BAI (Líquido Biologicamente Ativo).

Então, o que é o BAI? É um líquido desestruturado — água destilada ou bem fervida à temperatura ambiente, devidamente processada por um método físico que desconheço e que contém informação específica sobre o estado patológico de órgãos e sistemas, detetado no diagnóstico etiológico por eletropuntura. Não duvido que esta água contenha informação biológica sobre o processo patológico.

Nela não existem quaisquer compostos químicos estranhos, mas guarda-se a memória dos desvios existentes no organismo do doente. E isto revelou-se suficiente para aplicar o BAI, de forma estritamente individual e com grande sucesso, em casos de radiculites, pielonefrites, poliartrites, miocardiodistrofia, herpes, anginas, pneumonias e dermatites alérgicas.

Recentemente, V. N. Sarchuk afirmou que, com a ajuda do método por ele inventado, conseguirá tratar doenças como a SIDA. E embora esta afirmação seja, do meu ponto de vista, prematura, ela mostra quão sérios sucessos se podem esperar na medicina com a utilização do método de V. N. Sarchuk. Havendo necessidade, através do método de V. N. Sarchuk, é possível selecionar individualmente os preparados medicinais.

Assim, chegámos à conclusão de que cada substância viva, e até a não viva, é portadora de energia com uma estrutura de campo. Esta última deve possuir as mesmas propriedades que a própria substância. O que foi dito aplica-se também a diversos compostos químicos.

Mas, se assim é, no organismo humano podem introduzir-se não os preparados medicinais em si, mas a energia própria de um determinado composto químico.

Realizámos as primeiras experiências desse tipo juntamente com a paranormal Emma Grigorievna Gridneva, de Novosibirsk. Não descreverei a metodologia destas experiências — simplesmente não

tenho o direito de as revelar. E também não tenho razões para assegurar que obtivemos quaisquer resultados positivos.

Pouco depois, partilhei esta ideia com A. M. Tulupov. Ele olhou para mim com surpresa. — Mas eu já utilizo esse método há muito tempo. Introduzo no organismo do doente a energia do peptídeo, sem gastar o preparado. Infelizmente, nem eu nem o senhor temos uma metodologia objetiva que permita assegurar que se observa um efeito positivo com isto.

Passaram-se mais de cinco anos desde então. E eis que tenho diante de mim um artigo do jornalista Mikhail Zalessky: "Todos somos um pouco feiticeiros, só que não o sabemos" (*Rabochaya tribuna*, 9 de outubro de 1991). Trata-se do professor Iosif Lvovich Blinkov, que aperfeiçoou um testador especial cujas leituras permitem julgar objetivamente o estado de uma pessoa. Verificou-se que o testador de Blinkov regista alterações no organismo (tanto positivas como negativas) que surgem sob a influência de estímulos não só de contacto, mas também à distância.

O experimentador aproximava das costas dos indivíduos testados placas metálicas, frascos fechados com substâncias químicas, embalagens de medicamentos, pedras preciosas, uma ferradura magnética, pedaços de madeira de diversas espécies, tecidos de seda, sintéticos e outros objetos e coisas. E o estado das pessoas alterava-se: nuns exercia-se uma ação positiva, noutros uma negativa.

Destas experiências para a introdução no organismo da energia de preparados medicinais, é um passo curto.

"Iosif Lvovich... convidou um paciente com dor de cabeça, deu-lhe uma embalagem de comprimidos para segurar e ligou o seu detetor. Tal como o experimentador previra, a dor começou em breve a ceder e o detetor registou a melhoria do estado do doente. O paciente seguinte era um hipertenso, a quem o doutor sugeriu que segurasse um medicamento para a tensão na zona do pescoço.

Passado algum tempo, o tensiómetro e o detetor de Blinkov comunicaram um efeito positivo."

— Não nos venha com histórias — dirá o cético. — Simplesmente o I. Blinkov encontrou pacientes sugestionáveis. Um efeito psicoterapêutico típico.

Não devemos apressar as conclusões. Não nego que, neste caso, a influência psicoterapêutica tenha tido lugar. Mas o facto é que o doutor I. Blinkov, com a ajuda do seu detetor, seleciona da mesma forma os preparados medicinais necessários para o doente. E não apenas medicamentos, mas também metais, pedras preciosas e até joias femininas aparentemente indiferentes.

Estou absolutamente convencido de que, ao introduzir no organismo do doente a "estrutura energética" de um preparado medicinal, se pode alcançar o efeito positivo desejado. Sem dúvida, a reação neste caso será mais fraca. Mas o doente utiliza frequentemente as chamadas doses de manutenção do preparado. Talvez, nesses casos, se devesse passar sem comprimidos e injeções? Gostaria muito de responder "sim" a esta pergunta.

Então, o que representa a energia gerada pelo homem, pelos animais e pelas plantas, que recebeu a denominação extremamente difundida de "biocampo" ou bioenergia? Recordo que para ela não existem obstáculos, pois, na presença de um ecrã, a influência do paranormal sobre os objetos vivos por vezes até se intensifica. Mais ainda, esta energia possui uma força extraordinária, propaga-se a uma velocidade dificilmente imaginável (5,3×1010 m/s) e, segundo as conceções de muitos cientistas, provoca uma "fusão fria". Isto último fala apenas da potência inaudita do campo gerado, da sua capacidade de trazer não só benefícios, mas também, em certas condições, danos irreparáveis.

O biocampo, ou bioenergia, é o conjunto de todos os campos físicos conhecidos e desconhecidos inerentes aos organismos vivos.

Seria mais correto chamar a tais campos biofísicos, pois a sua base material tem um caráter físico.

Z. M. Grechishnikova, com base no estudo de um número imenso de pessoas de diversas idades — desde crianças a centenários —, elaborou um modelo generalizado do biocampo humano. Este consiste em campos internos e externos, ou casulos (estruturas) energéticos.

O campo interno, ou a chamada aura, situa-se diretamente em redor da pessoa. Nos últimos anos, provou-se que a aura pode ser não só vista, mas também fotografada. Desde há muito que, para determinar o biocampo humano, se utiliza a vareta ou o pêndulo em forma de "L".

Se aproximarmos tal vareta de uma pessoa saudável, aproximadamente à distância de 1,5 a 2 metros do objeto, ela parece encontrar um obstáculo e roda 90° para a direita ou para a esquerda, dependendo de a pessoa estar carregada positiva ou negativamente. Se a vareta for aproximada mais ainda, cria-se a impressão de que ela se enterra num meio denso, rodando para trás (agora já 180° em relação à posição inicial). Mas ainda mais perto da pessoa, ela regressa à posição inicial.

Na opinião dos paranormais, à distância de 1,5 a 2 metros de uma pessoa saudável encontra-se a segunda camada bioenergética, ou segunda aura. Já a primeira camada energética dista do corpo físico da pessoa cerca de 20 a 30 centímetros. Raramente se encontram pessoas cujo campo se possa determinar à distância de 5 a 7 metros. Conheço uma pessoa cujo campo podia ser detetado com a ajuda da vareta à distância de dez metros. V. A. Chudinov conhece pessoas cujo biocampo, em estado de repouso, é registado à distância de 13 e até 15 metros.

À primeira vista, parecerá estranho que o campo de um paranormal seja registado nos mesmos limites de 1,5 a 2 metros. Mas isto é em estado de repouso. Outra coisa é quando o

paranormal começa a trabalhar — o campo aumenta várias vezes em segundos. A. M. Tulupov determinou, através de uma fotografia, que durante uma sessão de Juna em Roma, a força do biocampo aumentou, no mínimo, quarenta vezes.

Mas, para surpresa dos investigadores, o chamado biocampo existe não só em objetos vivos, mas também em objetos inanimados. Como indica V. A. Chudinov (*Chelovek*, 1991, N.º 4), este pode ser medido com a ajuda de um instrumento físico simples — a balança de torção —, que funcionará mesmo sem a participação humana.

Sendo assim, pode este campo ser chamado de biológico? Do ponto de vista da ciência clássica, certamente que não. Consequentemente, trata-se de algum campo muito fraco que produz uma ação puramente mecânica, mas que ao mesmo tempo penetra através de ecrãs e transporta informação importantíssima.

Segundo a doutrina dos ocultistas, o homem possui uma estrutura de sete elementos dos chamados corpos subtis ou biocampo. Estes corpos, por ordem decrescente, têm as seguintes denominações: corpo físico, duplo etérico, corpos astral e mental. Corpos mais subtis estão formados apenas em representantes isolados da nossa civilização. Cada corpo subtil destina-se à execução de determinadas funções e contém, para o efeito, órgãos específicos de perceção e ação. O corpo etérico é responsável pelo fornecimento de energia ao organismo, o astral pela esfera emocional, o mental pelo pensamento, e os corpos mais subtis pela espiritualidade no homem.

Todos os corpos subtis unem-se na aura, que alguns paranormais são capazes de ver sob a forma de anéis coloridos distintos. Os lamas tibetanos nos seus tratados não só descreveram o aspeto geral da aura, mas indicaram também que a sua cor é determinada pelo caráter e comportamento da pessoa num dado momento.

Assim, a cor preta evidencia ódio, maldade, vingança. O cinzento de tom claro expressa egoísmo; o cinzento com um tom cadavérico — medo e horror. Se a aura tiver cor verde com um tom sujo, isso fala de ódio; mas se à cor verde se misturarem clarões vermelhos, é sinal de forte ira.

A cor verde brilhante da aura é sinal de tolerância para com opiniões e crenças alheias, capacidade de se adaptar facilmente a condições em mudança, tato, cortesia, sabedoria de vida, bem como qualidades que podem ser resumidas na expressão "engano subtil". Mas se a cor da aura for preto-esverdeada, deve esperar-se dessa pessoa um engano vil (baixo).

Uma aura da cor de uma chama vermelha, que irrompe de um edifício em chamas misturada com fumo, designa sensualidade e paixão animal. A cor vermelha da aura sob a forma de clarões, semelhantes a relâmpagos, evidencia ira. No caso de ira proveniente de ódio e maldade, estes clarões aparecem mais frequentemente sobre um fundo preto.

A cor carmesim da aura fala de amor. O amor sensual grosseiro expressa-se por uma cor escura e, por vezes, púrpura-suja, enquanto o elevado se expressa por tons mais claros e atraentes, chegando aos tons rosados.

A cor castanha da aura com um tom avermelhado é sinal de mesquinhez e ganância. O laranja, com os seus diversos tons, expressa a força do intelecto. O azul evidencia religiosidade; o azul-celeste, especialmente em tons claros e brilhantes, é sinal de espiritualidade.

Todas estas cores numa mesma pessoa formam diferentes combinações, investigando as quais se pode criar uma ideia bastante correta sobre a pessoa.

O presidente da escola russa de astrologia, Alexander Viktorovich Zaraev, relata: — Ao nascer, cada pessoa sintoniza-se para a absorção de energia de uma determinada qualidade. Ela

respira essa energia e todos os órgãos do seu sistema vital começam a trabalhar numa frequência específica. Cada pessoa tem, por assim dizer, o seu próprio raio. Num é vermelho, noutro amarelo, num terceiro azul, etc. A aura que os paranormais veem é colorida de forma diferente em todos.

Numa pessoa mais iluminada, ela tem um espetro mais próximo do violeta — são as cores azul-celeste, azul, violeta. Infelizmente, em muitíssimas pessoas, especialmente naquelas que se irritam frequentemente, se enraivecem, praticam más ações, cujos pensamentos e atos estão como que fora de controlo, a aura adquire tons sujos.

Todas as pessoas, independentemente do dia de nascimento, ao virem ao mundo têm uma aura iluminada, embora de cores diferentes. No que ela se tornará no processo da vida depende, em muito, da própria pessoa, do seu estilo de vida, comportamento e atos.

Pode-se saber muita informação sobre uma pessoa aprendendo a "ler" a aura. É precisamente de tais propriedades que são dotados os paranormais e videntes de destaque. Eis o que, por exemplo, escreve Nina Ivanovna Arsinevich, cujo livro "Experiências de Curandeirismo e Vidência" deverá aparecer em breve nas prateleiras das lojas:

"Nós... caminhávamos para o metro através de uma praça. E como a conversa era sobre o dom da vidência, 'ligaram-se' automaticamente as emoções que contribuem para o aparecimento da visão astral. Foi precisamente nesse momento que fomos ultrapassados por um homem, sobre cuja cabeça, na aura, se escurecia nitidamente uma faixa preta com cerca de um centímetro e meio de largura. O que isto significava era-me suficientemente bem conhecido para, sem hesitar, me lançar no seu encalço. — Perdoe... pode dizer-me que horas são? O homem olhou para mim irritado: — Acho que tem o seu próprio relógio no pulso! De facto, não tinha contado com isso... O que fazer?... Não se pode tardar... O

homem já se aproximava do cruzamento. Para salvar a sua vida, é necessário ganhar segundos. — Espere — gritei. — E não me pode dizer onde fica aqui... onde... — Mas por que é que me está a importunar? Este homem simplesmente puxou o braço e deu mais um passo em direção à estrada. Foi precisamente aí que se ouviu o guincho dos travões, o ranger aterrador de metal e gritos de pessoas: — No cruzamento colidiram três carros ao mesmo tempo... — Madame... A faixa preta sobre a cabeça do homem já não existia..." (*Trud*, 10 de março de 1992).

Na opinião de Grechishnikova, o campo energético externo, denominado de receção e informação, forma um invólucro composto por camadas alternadas com sinais positivos e negativos. Quanto à forma, o campo externo, ou de receção e informação, representa uma oval de forma ovóide, achatada na parte inferior e alongada na parte superior.

O campo interno do ser humano representa um dipolo — da cabeça à prega inguinal, na maioria das pessoas (aproximadamente 95%), possui uma carga positiva e, abaixo da prega inguinal, negativa. Tais pessoas recebem o nome de pessoas positivas. Cerca de 5% das pessoas possuem uma carga de dipolo oposta e, por isso, são chamadas de negativas.

A compatibilidade biológica foi detetada apenas entre pessoas com a mesma carga. O aparecimento de uma pessoa com carga negativa num coletivo de pessoas com carga positiva leva a situações de conflito, fadiga rápida, nervosismo. Se os cônjuges possuírem incompatibilidade de campo, a vida em comum torna-se impossível em pouco tempo. Nestes casos, surgem frequentemente nas famílias doenças crónicas graves, levando por vezes até à morte precoce; nascem crianças deficientes (nelas registam-se casos de demência, esquizofrenia, epilepsia, surdo-mudez e outras doenças); nas mulheres, a gravidez decorre com dificuldade. O segundo filho é o que sofre com maior frequência nestas famílias.

A estrutura biológica não desaparece nem se dissolve no espaço circundante imediatamente após a morte da pessoa. É possível registar a estrutura energética, por norma, sobre o leito da pessoa falecida e sobre as suas fotografias durante os primeiros nove dias após a morte. Depois, a estrutura bioenergética pode ser detetada no quadragésimo dia após a morte da pessoa. Episodicamente, o aparecimento da estrutura biológica no apartamento foi notado durante mais de um ano.

Como vê, as investigações de Grechishnikova, confirmadas por paranormais (T. D. Klimenko, A. N. Tarasov, V. F. Varochkin e muitos outros), fornecem vasto material para reflexão. Não é em vão que o povo celebra o velório no nono e no quadragésimo dia após a morte. A presença da estrutura biológica, as suas "viagens", permitem explicar fenómenos como o *poltergeist* e, em particular, "encontros" com familiares e conhecidos falecidos, bem como com "visitantes" de outras civilizações.

Foi formulada pelo colaborador científico sénior do Instituto de Mineralogia, Geoquímica e Cristaloquímica de Elementos Raros, A. V. Okhatrin, a suposição de que os objetos vivos geram partículas de interação fraca, que receberam o nome de microleptões. Estas partículas podem penetrar através de diversos ecrãs, em todos os corpos e meios sólidos, e são capazes de livre movimento. Em estado excitado, constituem a base da biosfera e são o substrato material da psique. O espetro de massas destas partículas varia entre 10−47 e 10−32 kg.

A. Okhatrin, com a ajuda de uma objetiva para máquina fotográfica por si inventada, que recebeu a denominação de aparelho fotoleptónico, conseguiu não só registar, mas também fotografar o fluxo de microleptões. O acessório está construído de tal forma que converte a radiação microleptónica, invisível para o homem comum (mas não para um paranormal de classe superior), em visível; o seu fluxo, com a ajuda do aparelho leptónico, pode ser

registado tanto através de uma parede de tijolo como através das paredes de câmaras blindadas.

V. P. Frolov apresenta provas convincentes a favor de que o leptão leve pode ser o elemento da estrutura espacial capaz de se tornar o portador de informação entre seres humanos. Os leptões encontram-se em cada membrana celular e a sua configuração espacial coincide totalmente com a configuração das membranas celulares. No processo de evolução, estruturas semelhantes na sua construção adquiriram propriedades funcionais idênticas. Consequentemente, se por qualquer razão (influência das mãos do paranormal, sugestão e outras) a estrutura de leptões leves se libertar, o seu comportamento pode revelar-se extremamente complexo, chegando a ser inteligente. Assim, as estruturas compostas por microleptões podem viver a sua própria vida e, daí, advém a diversidade de fenómenos anómalos encontrados no mundo.

V. P. Frolov considera que, no processo de atividade, se libertam do cérebro estruturas compostas por microleptões. Estas são capazes de influenciar outro objeto (cérebro) e transmitir a informação nelas contida. Neste processo, a excitação de determinados campos do cérebro leva à libertação de energia sob a forma de imagens e ideias que não decorrem da experiência e conhecimentos passados.

Nos últimos anos, A. V. Okhatrin provou a existência de estruturas complexas, compostas por leptões leves, que conservam a forma do objeto do qual foram extraídas.

Ainda no início dos anos oitenta do nosso século, o professor de física e biofísica da Faculdade de Medicina da Universidade de Poitiers (França), Régis Dutheil, ao estudar fenómenos que se situam "além da barreira da luz", formulou a suposição de que o Universo é composto por três partes: o mundo sublumínico (mundo dos "bradiões", no qual vivemos), o mundo lumínico (mundo dos "luxões") e o mundo superlumínico (mundo dos "taquiões"). E, em

breve, foram obtidas as primeiras provas que confirmam a razão de R. Dutheil. Em 1989, o físico Jacques Steyaert, que trabalha no instituto de física nuclear em Lovaina (Bélgica), após muitos anos de experiências para a obtenção de raios gama de alta energia, descobriu o aparecimento de partículas cuja velocidade excede em 1,2 vezes a velocidade da luz. Estes são os "taquiões", ou microleptões (que são a mesma coisa).

Como vê, a hipótese da existência de microleptões começa a adquirir o estatuto de teoria, capaz de explicar muitos fenómenos anómalos. Para a confirmar, citarei os resultados de uma experiência que considero extremamente interessante e a sua interpretação pelo conhecido paranormal e engenheiro V. Safonov.

"Durante uma série de experiências, colocaram na cabine onde estava suspenso um painel, blindado com uma rede de Faraday, alguns assistentes que, naturalmente, nada suspeitavam. Deram-me apenas as suas fotografias. A essência desta experiência consistia em eu ter de, encontrando-me em casa, em Chertanovo, descrever estas pessoas — por outras palavras, fazer o seu retrato holográfico — e, em seguida, atuar sobre diferentes áreas do seu cérebro. Como, de que maneira, não sei. Mas uma coisa tornou-se clara: aqui a influência não é claramente eletromagnética.

Em breve se verificou que eu, em princípio, posso realizar o diagnóstico apenas por uma impressão da mão, pelo cabelo, pela voz da pessoa. Mas o que é isto? De que modo tudo isto acontece? O que existe aqui?

Banco de dados ou campo de informação — neste caso, já não é fundamental. Existe, numa palavra, algo onde se guarda a informação sobre tudo o que existe... Claro que se pode falar da hipótese muito difundida do campo microleptónico, que rodeia cada objeto e é composto pelas partículas mais ínfimas — os leptões —, que carregam em si toda a informação.

Se analisarmos a essência da questão, resulta o seguinte: o nosso mundo material visível é acompanhado por um certo mundo paralelo. Informativo. Alguns paranormais dotados da capacidade de vidência podem, de alguma forma, 'entrar' nesse mundo, sintonizar-se com ele e obter informação. Esta teoria, claro, não é nova. Mas não é em vão que se diz que o novo é o velho bem esquecido" (*Komsomolskaya Pravda*, 13 de março de 1990).

Assim, existe um mundo paralelo, existem outras formas de vida, diferentes da terrestre, que transportam informação sobre todos os fenómenos ocorridos no passado e capazes de se realizar no futuro. Se assim é, deve admitir-se a existência de diferentes níveis temporais. E, mais uma vez, a mente não consegue conceber como uma pessoa, num dado momento, pode encontrar-se simultaneamente no passado distante, digamos há cem anos, e no futuro distante. No entanto, tais conceções, que explicam de certa forma o fenómeno da vidência, não contradizem a teoria da relatividade de Einstein.

Na opinião de A. Medelyanovsky, a teoria (notem bem, teoria e não hipótese) de Lavrentiev-Zorich explica de forma mais plausível as capacidades de telepatia, vidência e telecinese. O seu sentido resume-se ao seguinte: se um sistema é altamente organizado, todos os seus elementos estão estreitamente interligados e cada um deles pode alterar o seu estado apenas provocando a alteração de qualquer elemento ou do sistema como um todo. Sendo assim, pode-se obter representações tanto do passado como do futuro, pode-se saber o que outra pessoa pensa (pois o sistema no qual o homem é um dos elementos altera-se como um todo), pode-se mover diversos objetos com o olhar.

Assim, a maioria dos investigadores chegou à conclusão de que as influências psíquicas, bem como diversos fenómenos anómalos, estão ligados à presença de partículas microleptónicas ou de gás microleptónico. Ainda não existe uma unidade de medida que possa

caracterizar a ação deste tipo de energia. Talvez valha a pena dar ouvidos à opinião do poeta Andrei Voznesensky:

Como media em ohms uma certa força a mente surpreendida da ciência, assim, como unidade de energia de agora em diante passará a ser 'um Juna'.

Em abril de 1990, em Tomsk, decorreram as sessões da segunda Escola-Seminário Interdisciplinar de Toda a União sobre "Fenómenos Não Periódicos de Evolução Rápida no Meio Ambiente", organizada pela União das Sociedades de Investigação Científica da URSS, pelo Ministério do Ensino Superior da Federação Russa, pelo centro de investigação científica "Fenómenos Anómalos" e outras sociedades científicas. Uma verdadeira sensação numa das sessões foi causada pelo relatório do diretor científico do grupo de estudo de fenómenos anómalos criado em Dalnegorsk, o engenheiro químico Alexander Glaz.

Segundo a afirmação do relator, foi por ele criado um grupo capaz de "mover-se no tempo". Em resultado da focagem de todos os campos físicos e biológicos gerados pelo organismo, pode obter-se... o duplo informativo-energético do homem, ou seja, a matriz energética do indivíduo. O duplo é capaz de mover-se para o passado e para o futuro, lendo a informação. Ao fazê-lo, consegue ver através dos objetos, a intensidade do seu próprio biocampo aumenta drasticamente e manifesta-se a capacidade de ler pensamentos.

Infelizmente, os anais da escola-seminário em Tomsk ainda não foram publicados e não posso citar em detalhe a comunicação de A. Glaz.

E, finalmente, quero falar sobre a admirável descoberta do cientista italiano L. Boccone. As observações de fenómenos anómalos foram por ele realizadas com colaboradores no topo de uma colina isolada na região de Arenzano. Para a investigação foram utilizados fotómetros, termómetros, magnetómetros, registadores

de radiações alfa, beta e gama, bem como indicadores vivos — cães. Aliás, estes últimos comportam-se de forma invulgar na zona de fenómenos anómalos. Na presença de *poltergeist*, quando as pessoas não sentem a presença de "forças do outro mundo", os cães encostam-se ao dono, ganem, e frequentemente escondem-se com medo debaixo da cama ou encolhem-se num canto.

Na presença de desvios anómalos ou inexplicáveis nas leituras dos aparelhos, ou perante a reação inadequada dos cães, procedia-se à recolha fotográfica. Para tal, utilizava-se película pancromática comum ou película infravermelha, flashes, filtros de interferência, conversores eletrónico-óticos. As observações foram realizadas durante três anos, geralmente à noite, e cada vez duravam de 7 a 10 horas.

Nesse tempo, podia-se observar e registar fenómenos, bem como assistir à "materialização" e "desmaterialização" de invisíveis, detetados mais tarde nas fotografias. Em alguns casos, registaram-se sensações térmicas e auditivas. As investigações mostraram que os objetos invisíveis a olho nu são registados com maior frequência nas partes infravermelha e ultravioleta do espetro.

Não se pode dizer que os resultados do trabalho dos cientistas italianos fossem imprevisíveis. E, contudo, a conclusão tirada por L. Boccone e os seus colegas é percecionada como fantasia. Ela literalmente deixou os investigadores atónitos. L. Boccone declarou a descoberta por si de uma forma de vida "etérica" até então desconhecida. Esta forma de vida e os fenómenos físicos a ela associados não nos eram conhecidos até agora porque "a sua realidade situa-se além do limiar da frequência do espetro natural percetível pelo olho humano" (*Vokrug sveta*, 1989, N.º 6).

Mas as formas subtis de vida podem ser detetadas de outra maneira. Se aprender a utilizar a biorramificação, registará facilmente a presença do biocampo no ser humano. Mas o ser humano pode ir-se embora e o seu fantasma bioenergético, ou estrutura, permanecerá no mesmo local onde o sujeito investigado

acabou de estar durante cinco a dez minutos. Isso dir-lhe-á essa mesma biorramificação.

Realizei repetidamente esta experiência na presença de inúmeras testemunhas e nunca houve uma falha. Consequentemente, onde quer que se encontrem seres vivos, eles deixam sempre atrás de si fantasmas bioenergéticos que carregam informação sobre o seu dono. Juntamente com o fantasma, o homem deixa na Terra os seus pensamentos, os seus bons e maus atos. E quanto mais boas ações o homem pratica, mais energia boa permanece no Cosmos. E isto é especialmente importante no nosso tempo difícil e conturbado.

Talvez se tenham cumprido as previsões de Tsiolkovsky, que nos seus trabalhos filosóficos indicou repetidamente que o homem, mudando continuamente como espécie, chegará por fim a uma forma de existência sob a forma de um aglomerado de energia. Despojando-se da "vestimenta proteica", ele continuará a vida no Universo numa forma não proteica e, transformando-se numa forma radiante de energia, tornar-se-á imortal no tempo e no espaço.

Assim, existem formas de vida especiais, não percetíveis em condições naturais a olho nu. Podem ser campos físicos conhecidos e desconhecidos. As descobertas de cientistas soviéticos e estrangeiros permitem dizer que as hipóteses formuladas por Tsiolkovsky e Vernadsky sobre a existência de formas de vida especiais no Universo encontram confirmações experimentais. Passará pouco tempo e falaremos de fenómenos tão misteriosos como a paranormalidade, a telepatia, o *poltergeist*, a vidência, a telecinese e outros como algo bastante comum, que não causa surpresa e é explicável a partir das posições da teoria materialista do conhecimento.

NÃO HÁ PROFETAS NA MINHA PÁTRIA

Tudo o que corresponde aos nossos desejos parece correto. Tudo o que os contraria enche-nos de fúria. A. Maurois

O jornalista Lev Kolodny começou assim o artigo "Quem ouviu estas mãos", publicado no *Moskovskaya Pravda* a 23 de dezembro de 1989:

"Nunca pensei que, ao dirigir-me na devida altura ao Ministro da Saúde da URSS com o pedido de investigar as capacidades de uma curandeira surgida em Moscovo, ouviria em resposta não só uma recusa categórica, mas também uma ameaça. B. V. Petrovsky, figura de Estado, membro do governo, com uma voz que não admitia objeções, avisou que, se eu não parasse de escrever sobre este fenómeno, levar-me-iam a tribunal. — Não estudamos misticismo e charlatanice — declarou firmemente B. V. Petrovsky, não só ministro, mas também membro efetivo de duas academias — a AMN da URSS e a AN da URSS — na especialidade de fisiologia e medicina. E eu o que queria era precisamente que os fisiologistas observassem os processos que surgem no momento do contacto do paranormal com a pessoa sobre a qual se estendeu a influência das mãos... Mal eu ia começar a contar o que tanto tinha impressionado a imaginação, do que tinha sido testemunha, ouvi a ameaça inequívoca: — Vamos processá-lo por falso testemunho..."

Talvez não valesse a pena recordar esta história não tão antiga, ocorrida no final do "reinado" de L. I. Brezhnev. Que Deus perdoe o cirurgião Boris Vasilievich Petrovsky, que ocupava o alto cargo de Ministro da Saúde da URSS. Certamente, este caso não deveria ser recordado se a perseguição aos paranormais, iniciada pelo académico, não tivesse sido secundada por outros cientistas, igualmente empenhados na luta contra tudo o que de novo nasce na ciência moderna. E eles não são unidades, nem dezenas, nem mesmo centenas. Sem se ocuparem dos problemas da bioenergética, afirmam que os fenómenos anómalos não existem e que não vale a pena ocupar-se de misticismo.

Até hoje, nas páginas de jornais e revistas, discutimos se os paranormais existem, se a telepatia, a telecinese e a vidência são possíveis. Discutimos insultando-nos uns aos outros, sem querer respeitar a dignidade do homem e do cientista, acusamos paranormais e telepatas de charlatanice, de desejo de enganar simplórios crédulos, sem refletir: para que precisam tais pessoas de tudo isto?

Eis que também o antigo presidente da Academia de Ciências Médicas da URSS, o académico N. N. Blokhin, assegura que não há nem pode haver nenhuns paranormais, que não há que gastar dinheiro do Estado no estudo de fenómenos inexistentes. A acusação mais terrível dirigida ao membro correspondente da AMN da URSS, o professor G. I. Kositsky, que se atreveu a fazer observações críticas sobre a atividade de N. N. Blokhin, foi: "Ele pactua com os paranormais!"

E quantas palavras amargas teve de ouvir V. P. Kaznacheev apenas pelo desejo de penetrar na essência dos fenómenos misteriosos da bioenergética?!

Recordemos toda uma série de artigos do professor A. I. Kitaigorodsky, que declarou repetidamente que influências psíquicas, telepatia, telecinese, vidência e outros fenómenos misteriosos não podem existir porque nunca podem existir. E tais declarações eram feitas apesar de ele se ter encontrado com K. N. Nikolaev, que demonstrou ao desconfiado professor as suas capacidades de captar imagens mentais. Num dos artigos publicados na revista *Znanie — sila*, A. I. Kitaigorodsky confessou que as experiências com K. N. Nikolaev foram, em vários casos, muito bem-sucedidas e impressionantes. E a que conclusão chega o respeitado professor depois disso? Acontece que K. N. Nikolaev é nada mais nada mais do que um "excelente adivinhador"!

Há muito que faleceu o ávido desmascarador de paranormais e telepatas, o professor A. I. Kitaigorodsky; o académico B. V. Petrovsky deixou o cargo de Ministro da Saúde; e o presidente da

AMN também mudou. Mas para o lugar deles vieram opositores não menos fervorosos da misteriosa psicotrónica. O membro correspondente da AN, professor V. Volkenstein, declarou perante milhões de telespectadores que campos físicos capazes de ser transmitidos a distâncias colossais, de superar quaisquer obstáculos e de atuar curativamente sobre um homem doente, não existem. E sendo assim, também não existem paranormais.

Mas para quê remexer no passado? Tenho diante de mim a *Gazeta Médica* de 4 de maio de 1990, que publicou a compilação "Paranormais: é cedo para colocar um ponto final". Nela relata-se o congresso de paranormais em Tashkent, no qual foi instituída a Associação de Paranormais e eleito o seu primeiro presidente, T. S. Saleev. Eis o que ele escreve:

"O tempo das discussões acesas sobre se temos pessoas com capacidades psíquicas fenomenais ou se 'isso apenas parece', creio que passou irremediavelmente. Como a vida mostrou, tais pessoas existem, e não são poucas. A tarefa mais importante que a Associação coloca a si mesma é identificar pessoas que possuam realmente um dom natural único e, acima de tudo, unir os esforços tanto dos paranormais como das organizações, sociedades, clubes e cientistas que se dedicam a este problema, em grande parte ainda não estudado".

Que pessoa ingénua, Tahir Saleevich! Contar com que o tempo das discussões — se existem ou não existem paranormais — passou! Oh, quanto terá ainda de suportar o mui respeitado presidente da Associação antes que esse tempo caia no esquecimento. Entretanto, ao lado da entrevista de T. S. Saleev, foi publicado um comentário do professor V. Lebedev, onde não só se põe em dúvida a possibilidade de influências psíquicas, mas se acusa uma série de cientistas proeminentes — a académica N. P. Bekhtereva, o académico V. P. Kaznacheev, o professor A. N. Medelyanovsky — de afirmarem "sem fundamento" que a bioenergia pode ser acumulada no Universo e transmitida a objetos vivos.

"Inquestionavelmente," escreve V. Lebedev, "cada cientista pode ter o seu ponto de vista. Mas parece-me que cada um deve definir-se mais claramente: ou se coloca na posição da visão científica do mundo, ou na da parapsicologia".

A conclusão é clara: a parapsicologia (ou psicotrónica) não é uma ciência e, consequentemente, a atitude perante ela deve ser a mesma que, noutros tempos, se teve para com as ciências que eram chamadas de "servas vendidas do imperialismo".

Em uníssono com Lebedev escreve L. Lyashenko no artigo "Enigma com duas incógnitas (mitos do século XX)", que surgiu nas páginas do jornal *Poisk*, órgão da Academia de Ciências da URSS, de 28 de abril a 3 de maio de 1990.

"Recentemente, em Tashkent, decorreu o primeiro e, por enquanto, único congresso do género, que reuniu pessoas com capacidades extraordinárias. O seu resultado foi a aprovação da Associação de Paranormais. Mas duas das questões mais importantes ficaram por resolver. Primeira questão: quem, propriamente, une a nova Associação? Até agora, as verdadeiras capacidades deste ou daquele candidato ao título, hoje prestigiado, de paranormal são determinadas a olho. Não temos aparelhos com os quais se possa registar estas capacidades. Daqui a segunda questão: para que serve, em tal caso, uma Associação deste género?"

Em primeiro lugar, será que as coisas são realmente como o autor relata? Nada disso. Existem os aparelhos mais simples que as pessoas utilizam há milénios. É a mesma vara que gira na presença de jazidas de água na crosta terrestre a diversas profundidades, apenas nas mãos de certas pessoas, os chamados vedores. É a biorramificação, é o anel de ouro ou o âmbar suspensos num fio, e outros dispositivos simples com os quais se pode distinguir um paranormal de um charlatão. Finalmente, os próprios paranormais podem resolver facilmente a questão de se uma pessoa possui realmente capacidades únicas, se pode diagnosticar e tratar com a

ajuda das mãos, ou se tem perante si um vigarista ou um doente mental.

Mas posso assegurar que existem também aparelhos bastante complexos com os quais se pode medir o biocampo; eles existem tanto aqui como no estrangeiro. Daqui resulta claro que a Associação unirá paranormais e todos os que desejem estudar esta área da ciência, por enquanto pouco investigada. E se tal Associação não tivesse aparecido, ainda estaríamos muito tempo sem ter em quantidade suficiente os aparelhos necessários tanto para identificar como para estudar os paranormais.

"Os relatórios mais fantásticos soaram da tribuna da casa da cultura do Instituto de Economia Nacional de Moscovo," indigna-se L. Lyashenko. "Foi introduzido um novo termo — 'fusão biológica fria' (que os físicos perdoem o relator), ouviu-se a afirmação de que 'cada um de nós usa escafandros quânticos leptónicos'. Irão tais conferências atrair cientistas sérios para os problemas da parapsicologia? Oh, dificilmente..."

Não pretendo discutir se os relatores escolheram termos felizes ou infelizes na conferência. Muito mais importantes são os factos que estão por trás desses termos. E tais factos, confirmados experimentalmente, foram apresentados mais do que uma vez por investigadores muito sérios em conferências em Moscovo, Irkutsk, Poltava, Tomsk, Tashkent e outras cidades. Não considero necessário deter-me neles, pois referi muitos resultados de investigações nos capítulos anteriores.

E estou certo de que a Associação, aos cientistas já conhecidos com nome mundial que se ocupam de problemas de psicotrónica (o académico V. Kaznacheev, os professores F. Khantseverov, I. Kogan e muitos outros), acrescentará muitos novos investigadores, principalmente jovens, que tentarão compreender o que é a "fusão fria" ou o "escafandro microleptónico". O mais importante é que não estorvem os investigadores e que, acima de tudo, o próprio Estado não estorve.

Há muitos anos que o laboratório de Edimburgo (Escócia) se dedica ao estudo de fenómenos paranormais (telepatia, telecinese, vidência e outros). É dirigido pelos conhecidos parapsicólogos, os professores R. Morris e D. Delanoy. R. Morris considera que existe apenas um caminho para atingir a verdade — é o estudo dos fenómenos e factos, por mais incríveis ou fantásticos que nos pareçam.

Nos EUA, ainda nos anos 60, foram formulados pelos cientistas mais de trinta conceitos que tentam explicar o mecanismo das influências psíquicas. Quiçá um deles se revele correto. E eu gostaria muito que a teoria mais plausível da paranormalidade, e consequentemente de outros fenómenos misteriosos, aparecesse não algures além-mar, mas no nosso país.

Infelizmente, A. M. Kashpirovsky não resistiu à tentação de "atirar uma pedra" aos paranormais. Numa entrevista (*Pravda*, 1 de setembro de 1989), declarou que os paranormais ajudam apenas porque "existe a fé das pessoas nos seus supostos gestos e passes curativos. Esta fé por vezes desperta a autorregulação. Afinal, trata-se de um método psicoterapêutico peculiar, mas primitivo". As ações do paranormal são demasiado unilaterais, considera Kashpirovsky; baseiam-se na fé cega das pessoas nas propriedades curativas das suas mãos perfeitamente comuns.

Não é verdade que é uma cantiga familiar? Mas então, como fica o caso das experiências do académico Yu. V. Gulyaev e do professor E. E. Godik, que provaram que os paranormais possuem uma radiação eletromagnética e infravermelha mais potente? Como fica o caso dos aparelhos que estes e outros cientistas constroem e que, em certa medida, substituem as mãos do paranormal? Como fica o caso do coração parado de uma rã que, sob a influência das mãos do paranormal, volta a bater? Como fica o caso das experiências realizadas em coelhos e das observações em crianças pequenas? Ou será que o coelho, e até o sangue num tubo de ensaio, o preparado neuromúsculo isolado e o coração da rã

também cedem à sugestão? Como é que pessoas tão respeitáveis podem fazer declarações tão irresponsáveis!

Mas, talvez, o crítico mais ortodoxo dos fenómenos parapsicológicos seja V. S. Matveev, cujo livro "Enigmas e Reservas da Psique" foi publicado pela editora da Universidade dos Urais em 1990. Ele não só está convencido de que os paranormais não existem, como olha para cada pessoa que possui capacidades únicas como um enganador ou, no melhor dos casos, alguém que se equivoca inconscientemente. Opinião semelhante é expressa sobre Juna, Ninel Kulagina, Chumak, Kashpirovsky e muitos outros. Em suma, juntou-se uma matilha de enganadores e mentirosos que anda a baralhar a cabeça às pessoas honestas.

"Que Alan Vladimirovich (Chumak. — B. K.) me perdoe," escreve V. S. Matveev, "mas recordo a triste aritmética do professor B. D. Karvasarsky: a maioria dos paranormais ou são mistificadores, ou pessoas não totalmente sadias mentalmente".

Selecionando literatura de forma tendenciosa, sem ter em conta milhares de trabalhos experimentais e, muitas vezes, nem sequer sabendo da sua existência, uma pessoa autoconfiante pode facilmente provar que o branco é preto e o preto é branco. Ao ler o livro de Matveev, recordei involuntariamente o artigo do doutor em ciências D. I. Dubrovsky, "Superar a tranquilidade do espírito", publicado na revista *Voprosy filosofii*.

"Os mais ávidos negacionistas (referindo-se aos fenómenos parapsicológicos. — B. K.), demonstrando a sua limitação, proclamam o conhecimento total daquilo que não conhecem. Se eu reflito não apenas sobre o que sei, mas também sobre o que não sei, abre-se perante mim um abismo do desconhecido — eu, por assim dizer, tenho um certo conhecimento total sobre o meu desconhecimento. O lado filosófico deste problema é interessante porque revela a dialética do conhecimento e do desconhecimento".

Apenas sob este prisma, o da dialética do conhecimento e do desconhecimento, se devem considerar os fenómenos que chamamos de anómalos. E serão eles realmente anómalos? Talvez cada um de nós, em maior ou menor grau, possua capacidade para influências psíquicas, telecinese, telepatia e outros fenómenos parapsicológicos e não suspeite disso? Afinal, o jornalista A. Chumak, ao preparar um artigo de denúncia sobre paranormais, convenceu-se inesperadamente de que ele próprio... era um paranormal potente.

Enquanto discutimos se existem paranormais, telepatas, videntes e outros fenómenos não menos misteriosos, no Ocidente já responderam a essa pergunta há muito tempo. E não só responderam, como aplicam amplamente as conquistas da psicotrónica (ou parapsicologia) na economia nacional, na medicina e na cosmonáutica.

Sei que na pequena Bélgica trabalham cerca de quatrocentos paranormais ocupados no diagnóstico e tratamento de doentes. No Japão, como assegura o presidente da Associação Japonesa de Paranormais, tais curadores são impossíveis de contar.

E eis o que contou nas páginas da *Gazeta Médica*, a 5 de novembro de 1989, a vice-presidente da grande empresa editorial *General Media International*, Kathy Keeton:

"Atualmente, os médicos americanos vão propositadamente a África, à América Latina, ao Oriente, para aprender os métodos de curandeiros e feiticeiros, e trazem de lá novas metodologias e medicamentos... Na América, os telepatas e paranormais são populares. Na Universidade de Stanford (Texas), existe um centro especial para o estudo de vidências. Na edição de novembro da revista *Omni*, haverá um artigo que contará como se podem controlar os próprios sonhos, como 'sair' do próprio organismo e encontrar-se fora de si. Disto ocupam-se investigadores muito sérios do movimento científico 'New Age', que estudam fenómenos paranormais e a realidade alternativa".

Reparem, na América não se discute se este ou aquele fenómeno existe ou não existe, mas estuda-se-o ativamente. Oh, que não fiquemos novamente para trás por décadas, para depois termos de correr atrás dos nossos colegas estrangeiros!

As investigações na área da bioenergética no estrangeiro decorrem há muito tempo. Nelas participam cerca de 240 laboratórios, faculdades, institutos e universidades de mais de trinta países do mundo. Em 1989, a Associação Mundial de Psicotrónica celebrou o seu vigésimo aniversário. Durante este tempo, realizaram-se dezenas de congressos, sessões e simpósios, nos quais se discutiram fenómenos misteriosos da atividade psicológica do homem e dos animais e onde, por norma, não estiveram presentes cientistas soviéticos: não havia por que ocupar-se de "pseudociência" no nosso país.

Lá, já se resolvem agora outros problemas — como utilizar as conquistas da psicotrónica na medicina, na indústria, na agricultura... O que dizer das investigações dos cientistas reunidos sob a asa da empresa *Mankind Research*, sediada nos EUA. Reunindo potentes forças científicas no campo das ciências afins, a empresa realiza a avaliação pericial de métodos de guerra psicológica, desenvolve meios de controlo e gestão de pessoas baseados nos princípios da bioenergética.

O copresidente do Comité para os Problemas do Intercâmbio Energético-Informativo, doutor em ciências técnicas Firyaz Khantseverov, escreve:

"A empresa tenta utilizar a telecinese para a ativação e desativação remota de eletrónica e detonadores. Procura também formas de influenciar o cérebro e gerir a sua atividade, por exemplo, apagando da memória a informação existente e nela inserindo nova informação. A empresa seleciona candidatos e prepara especialistas na deteção de armas camufladas, atiradores furtivos, minas, armadilhas; treina agentes ilegais e batedores militares, bem como

negociadores de problemas políticos delicados. Em todos estes casos, utilizam-se métodos parapsicológicos".

Sabe-se que quem paga a música é quem a encomenda. Então, quem encomenda a música nos EUA? Tanto o encomendador como o executante da "música" são a Agência de Segurança Nacional, a Agência Central de Inteligência, as Direções de Inteligência do Ministério da Defesa e a Administração Nacional da Aeronáutica e do Espaço (NASA). Desta forma, as investigações em parapsicologia concentram-se nas mãos do Pentágono, e gastam-se nisso literalmente centenas de milhões de dólares. E nós sabemos que, nos EUA, não se deita dinheiro ao vento.

Durante muito tempo, as investigações em parapsicologia nos EUA foram rigorosamente secretas. Não creio que os resultados obtidos pelos investigadores americanos se tenham tornado totalmente do domínio da imprensa. Se assim fosse, a imprensa mundial estaria literalmente repleta de notícias sensacionais sobre sucessos no campo da psicotrónica. No entanto, por enquanto, nas páginas da imprensa estrangeira, formulam-se apenas hipóteses sobre a génese deste ou daquele fenómeno misterioso.

E como estão as coisas no nosso país? É perfeitamente possível que o Ministério da Defesa ou o Ministério da Segurança se interessem por investigações na área da bioenergética; afinal, a *glasnost* ainda pouco tocou nestes ministérios. Mas duvido que tais experiências estejam a ser realizadas. Até há pouco tempo, não tínhamos programas complexos para o estudo de fenómenos anómalos; disto ocupavam-se principalmente entusiastas em regime de voluntariado.

E apenas em 1989 foi criada uma comissão de problemas na Academia de Ciências Médicas, sob a direção de V. P. Kaznacheev, que deve estudar questões da bioenergética dos organismos vivos. Mais ainda, no mesmo ano, junto da União das Sociedades Científicas e de Engenharia, foi criado um comité para os problemas do intercâmbio energético-informativo na natureza que, em

dezembro de 1990, foi transformado na Academia de Ciências Energético-Informativas.

A Academia dedica-se ao estudo de fenómenos "cuja realidade foi negada durante muitos anos por alguns cientistas soviéticos — a telepatia e a telecinese, a biolocalização e a vidência, a previsão de eventos e o *poltergeist*... Todas estas orientações científicas são definidas pelo termo bioenergética". No trabalho da academia participam proeminentes cientistas nacionais e estrangeiros. O presidente da academia é o doutor em ciências técnicas e académico Firyaz Rakhimovich Khantseverov. Em inúmeras publicações, ele conta como estão organizadas as investigações do intercâmbio bioenergético-informativo na natureza, tanto aqui como no estrangeiro.

Os cientistas europeus realizam trabalhos direcionados em psicotrónica. Estudam-se métodos de biolocalização para a procura de recursos minerais e de zonas geopatógenas nocivas para a saúde. Os cientistas desenvolvem também dispositivos técnicos que reproduzem as capacidades invulgares do homem. Tudo isto é feito em sociedades de psicotrónica que funcionam oficialmente, em organizações estatais — laboratórios científicos, centros, faculdades.

Em muitos países, o paranormal é considerado um património nacional. Na Alemanha, Inglaterra, EUA, França, China, Coreia e Vietname, existem bancos de dados nos quais estão registadas todas as pessoas que possuem capacidades potenciais para influências psíquicas, sendo as mesmas utilizadas deliberadamente no interesse da sociedade. Nestes países, está organizada a formação de paranormais com orientação profissional e atribuição de diplomas, incluindo médicos.

Na Inglaterra, mais de vinte mil curadores-paranormais participam oficialmente em programas de saúde; os seus serviços são utilizados anualmente por cerca de um milhão de pessoas. Nos EUA, mais de sessenta mil paranormais-vedores encontram petróleo, gás, água e danos em condutas e oleodutos. O mais interessante é

que a sua atividade é reconhecida como sendo mais eficaz em comparação com muitos métodos tradicionais.

E agora comparem o que acontece no nosso país, e tornar-se-á claro quão negligentemente tratamos o nosso fundo de ouro. Recordo que a famosa Juna não consegue, até hoje, instalar o equipamento da empresa "Siemens", que lhe foi oferecido na RFA para a realização de investigações científicas, pois o Soviete de Moscovo não é capaz de disponibilizar uma sala para os aparelhos, cujo valor é estimado em um milhão de marcos alemães.

O livro de Juna Davitashvili, "Oiço as minhas mãos", saiu há muitíssimo tempo na RFA, foi traduzido para muitas línguas e apenas em 1989 viu a luz no nosso país. Só em 1991 saiu o livro de V. I. Safonov, "O Fio de Ariadne", quando este já é lido há muitos anos em diversos países.

Passaram despercebidos os trabalhos brilhantes do membro correspondente da AMN, professor L. L. Vasiliev, o livro de B. Kazhinsky, "Radiocomunicação Biológica", e a descoberta de A. Gurvich. E muitas obras de L. Chizhevsky, A. Bauer, N. Shmalgausen, K. Tsiolkovsky e N. Vernadsky continuam por publicar até hoje.

Recordemos a que troças e maus-tratos foi submetido o membro correspondente da AN, professor A. G. Spirkin, que se permitiu, nas páginas da imprensa popular nos anos 80 do nosso século, expressar as suas próprias opiniões sobre os fenómenos misteriosos da atividade psíquica.

Durante muitos anos, os investigadores soviéticos não foram admitidos em congressos internacionais de psicotrónica. E mesmo em 1988, V. P. Kaznacheev, devido a "dificuldades com a obtenção do visto", não foi enviado ao VII congresso internacional de psicotrónica, que se realizou nos EUA.

Muitos dos meus colegas, que aceitaram ocupar-se de problemas de bioenergética, pedem até hoje para não mencionarmos os seus apelidos na imprensa e para não publicarmos

os resultados das investigações com a indicação dos seus nomes, pois se estes trabalhos se tornarem do conhecimento dos poderosos deste mundo, os autores podem perder o emprego. F. Khantseverov, no artigo "A Bioenergética estabelece contacto", publicado na revista "Natureza e Homem" (1989, N.º 7), não quer mencionar os nomes dos investigadores que deram um contributo substancial ao estudo da bioenergética, embora expresse a esperança de que a fase clandestina do desenvolvimento desta ciência tenha terminado.

Que factos foram estabelecidos em resultado do trabalho minucioso de entusiastas? A resposta à questão pode ser encontrada nesse mesmo artigo de F. Khantseverov.

Foi provado o fenómeno da interação informativa de objetos biológicos e físicos. Através de diversos canais de transmissão e receção não tradicional de informação, mantém-se (com uma fiabilidade superior a 90%) uma ligação estável. Os resultados destas investigações podem revelar-se bastante úteis no desenvolvimento de meios de comunicação fundamentalmente novos.

Confirmou-se experimentalmente a possibilidade de obter informações sobre uma pessoa à distância. Isto significa que a pessoa pode encontrar-se a uma distância enorme do operador, e este último é capaz de comunicar informações bastante detalhadas sobre ela, incluindo o seu estado de saúde. O fenómeno da vidência manifesta-se de forma embrionária em cada um de nós e, através de métodos especiais de treino, pode ser significativamente reforçado. Ao mesmo tempo, um número imenso de pessoas nem sequer suspeita das suas capacidades nesta área e não dá importância a uma infinidade de factos, cuja análise nos permitiria olhar de outra forma para a atividade psíquica do homem, bem como evitar muitos erros de que a vida humana está tão saturada.

Confirmou-se, com uma fiabilidade próxima dos 100%, a influência à distância sobre objetos biológicos de radiações e campos que não são eletromagnéticos. Este último ponto, do nosso ponto de vista, é extremamente importante, pois evidencia que

ainda não existe uma base teórica para a criação de aparelhos que possam substituir totalmente o paranormal. Verificou-se que estes campos praticamente não têm limitações de distância e atuam sobre o organismo vivo através de quaisquer ecrãs, incluindo metálicos, estimulando ou inibindo diversas funções fisiológicas de plantas e animais. Estes campos, que chamamos bioenergéticos, são capazes de se fixar em diversos objetos e meios.

A água, bem como diversos compostos orgânicos, possuem a maior capacidade bioenergética. É por isso que A. V. Chumak aconselha a "carregar" água e cremes e, com a sua ajuda, tratar diversas doenças. Como foi apurado no Instituto de Altas Temperaturas da AN, a estrutura da água altera-se neste processo. A. Medelyanovsky comunicou que a água "carregada" por Chumak é capaz de alterar a atividade do coração isolado de uma rã. Tive de utilizar várias vezes água carregada por A. M. Tulupov. Em particular, com essa água a minha mulher tratou a poetisa E. Stefanovich após uma cirurgia grave, e penso que essa água a ajudou. — Bebi-a de alma e coração e senti que ela me fazia realmente bem — contava Elena.

A descodificação destes campos misteriosos (como veremos mais adiante, as investigações nesta direção decorrem de forma bastante intensa não só no estrangeiro, mas também no nosso país) permitirá, no futuro, criar aparelhos que serão aplicados com sucesso na biologia e na medicina para a regeneração e reparação de tecidos, queimaduras e geladuras, e tratamento de diversas doenças que não cedem aos métodos tradicionais de terapia. Aparelhos semelhantes na agricultura e na pecuária estimularão o crescimento das plantas, aumentarão o rendimento das colheitas, e serão também utilizados com o objetivo de aumentar o peso de aves, gado bovino, ovino, suíno, etc.

Está provado que os paranormais, através de uma influência sem contacto, são capazes de alterar a atividade de objetos vivos, o comportamento do homem e dos animais, o curso dos processos

metabólicos, e influenciar o crescimento e desenvolvimento das plantas. Sob a influência da massagem sem contacto, altera-se a atividade dos sistemas nervoso, cardiovascular e respiratório, o funcionamento dos órgãos digestivos e excretores, das glândulas de secreção interna, aumenta a excitabilidade dos músculos e elimina-se a síndrome de dor, o que, aparentemente, está ligado ao reforço da síntese e libertação no sangue de compostos biológicos ativos especiais, que receberam a denominação de endorfinas. Dependendo da influência dos biocampos humanos, pode ocorrer a aceleração ou o retardamento dos prazos de germinação das sementes.

F. Khantseverov indica que os médicos soviéticos detetaram um fenómeno anteriormente desconhecido — alterações síncronas a uma distância significativa na atividade de diferentes pessoas, na ausência total de contacto auditivo e visual.

Confirmou-se experimentalmente o fenómeno da influência à distância no organismo humano através dos seus *chakras* — centros energéticos especiais. Neste processo, foram detetadas frequências de ressonância individuais, cuja geração melhora significativamente o estado psicofísico. É perfeitamente possível que, graças a este princípio, se consiga desenvolver no futuro um método totalmente novo de gestão do estado do homem, de estimulação do desenvolvimento das capacidades intelectuais e físicas.

Provou-se com segurança o fenómeno da telecinese — a possibilidade de o homem, sem aplicação de força muscular, mover diversos objetos. Esta ação pode manifestar-se de forma não uniforme. Nalguns casos é necessário aplicar um esforço significativo, noutros este processo realiza-se sem esforços de vontade.

Recentemente, estabeleceu-se o fenómeno da psicocinese. Assim, sob a influência do operador, a intensidade de um feixe de laser é atenuada. Uma variante da psicocinese é a influência direcionada dos campos do paranormal sobre o corpo humano ou

animal, onde surge uma queimadura mesmo na ausência de um fluxo de calor direto do operador.

Provou-se o fenómeno da influência à distância de corpos com uma determinada forma geométrica e composição química sobre diversos objetos biológicos. Estabeleceu-se que diversas estruturas com a forma de pirâmide são capazes de concentrar energia, pois criam um campo de força próprio que influencia, dependendo da duração da ação, a estimulação ou a inibição do curso das funções fisiológicas, levando também a um efeito analgésico. Com base nestes princípios, desenvolveram-se protótipos de novos aparelhos que atuam no organismo independentemente de ecrãs, mesmo metálicos. Estão a ser desenvolvidas intensamente as bases teóricas que permitam dar uma explicação plausível ao fenómeno.

Muitas coisas polémicas e obscuras dizem respeito à levitação — a capacidade do homem de superar as forças da gravidade e pairar no ar. Voos em sonhos e em vigília foram descritos várias vezes tanto por escritores de ficção científica como por cientistas.

Cada um de nós, provavelmente, recorda a indescritível sensação de bem-aventurança ao voar durante o sono. Tais fenómenos surgem com maior frequência na infância. Recentemente, num sonho, "voei" sob o teto do meu apartamento e experimentei, com isso, um afluxo invulgar de alegria, entusiasmo e felicidade. Ouvi várias vezes relatos de voos em sonhos de pessoas adultas. Muitos paranormais continuam a "voar" em sonhos mesmo em idade avançada.

Certa vez, chegou-me às mãos o manuscrito de A. V. Martynov, "Através dos espinhos até às estrelas". Este livro, ainda não publicado entre nós, contém muitos factos e raciocínios curiosos. Em particular, que a levitação é mais inerente a raparigas e mulheres jovens, especialmente no momento do aparecimento das menstruações.

Os iogues indianos alcançaram sucessos excecionais na levitação. O conhecido cientista orientalista, doutor em ciências filológicas I. S. Lisevich, escreve: "Em Agra, vi pela primeira vez um homem capaz de desligar o coração e a respiração por um longo período; foi precisamente aqui, na margem do rio Yamuna, que me tornei testemunha da chamada 'levitação': um homem deitado no chão começou subitamente a 'elevar-se' lentamente, até ficar suspenso imóvel no ar à altura de um metro e meio. Provavelmente foi um truque hábil, no entanto foi executado com tanta perícia que a impressão revelou-se inesquecível. E até hoje não sei a sua explicação" (*Ekho planety*, 1989, N.º 19).

Poder-se-ia concordar com I. S. Lisevich que "provavelmente foi um truque hábil", se não fosse uma série de notícias na imprensa soviética e estrangeira sobre competições de iogues voadores, realizadas em Washington em 1986. Eis como a imprensa as descreve: "Os participantes das competições, que tomaram a posição inicial na 'posição de lótus' sobre colchões elásticos, elevavam-se com estes no ar, sem alterar a posição do corpo. Eles explicaram modestamente que, por enquanto, alcançaram apenas as primeiras etapas pré-voo — uma espécie de saltos. No entanto, gradualmente conseguirão dominar a segunda e a terceira etapas — o pairar e, em seguida, o voo no sentido literal da palavra. Alguns, segundo dizem, já o conseguem fazer, mas sem testemunhas externas."

Citando uma notícia da AP, Leonid Kotov, no artigo "Voos em sonhos e em vigília" (*Sovietskaya molodyozh*, 21 de abril de 1990), escreve: "Os saltos dos participantes das competições de 'iogues voadores' foram um espetáculo impressionante... Estes homens relativamente jovens, em forma física claramente excelente, primeiro meditavam, sentados nos colchões com as pernas cruzadas na 'posição de lótus'. Passado algum tempo, começaram a saltar verticalmente e, depois, sem alterar a posição, a deslocar-se no ar aos saltos sobre uma pista emborrachada, estendida diante do edifício do 'Convention Center'. Mais adiante, o correspondente

comunicou os resultados registados: o vencedor precisou de 11,5 segundos para percorrer a distância de 25 metros com obstáculos de 8 polegadas de altura (1 polegada — 2,54 cm). O melhor resultado na distância de 50 metros — pouco mais de 23 segundos; em saltos (minivoos) em comprimento — quase 1,8 metros; em altura — 60 centímetros. As competições sensacionais em Washington provocaram muitos debates nos meios científicos. E os seguidores de Maharishi fizeram, a propósito disto, declarações públicas sobre a descoberta de enormes reservas do homem, o que foi confirmado por uma série de cientistas autorizados — fisiologistas, médicos, físicos.

Dezenas de teses de doutoramento e centenas de relatórios científicos são dedicados a investigações ligadas às ideias de Maharishi. Cerca de três milhões de pessoas passaram pela formação do seu programa!"

Mas com que objetivo se realizam estas competições, que exigem um treino longo e extenuante? Será apenas para surpreender o mundo com um fenómeno invulgar?

O fundador de uma nova orientação na ciência, Mahesh Yogi, o cientista e pensador indiano Maharishi, propôs um novo caminho para alcançar um objetivo audaz — a garantia da saúde de toda a população da terra com base numa orientação original por ele chamada de "ciência da inteligência criativa e tecnologia do campo unificado". Nos anos 70, Maharishi fundou uma Universidade Internacional nos EUA e uma Universidade Europeia na Suíça e na RFA, onde se estuda a atividade da consciência e do cérebro humano. Além disso, criou a Universidade para o estudo das leis da natureza na Grã-Bretanha e o Centro de ciências védicas, cujas secções existem nos EUA, Holanda e Índia.

Em que consiste a originalidade da ideia do doutor Maharishi? Foi por ele criada uma doutrina sobre a chamada inteligência criativa e o campo unificado. Ele considera estabelecida a existência de um certo campo, que concorda com todas as leis da natureza e do

desenvolvimento social conhecidas pela ciência. Para explicar as ideias de Maharishi, citarei um extrato do mesmo artigo publicado no jornal "Sovietskaya molodyozh".

"As conquistas da física quântica demonstram a unificação de todas as partículas e forças da natureza num campo único. Este representa a lei universal da natureza, segundo a qual se desenvolve a vida no nosso planeta e a comunidade humana. A técnica da meditação transcendental permite entrar em contacto direto com o campo unificado, cuja existência é provada pela ciência moderna e pelos vedas na antiguidade. A experiência e a compreensão de tal campo permitem criar uma nova base para a aprendizagem bem-sucedida dos fundamentos de cada ciência."

Pois bem, afinal é para isso que servem treinos tão longos — para uma compreensão profunda da ciência, para a recuperação da saúde da humanidade, para a perfeição do nosso corpo e espírito.

A doutrina de Maharishi propõe cerca de duas dezenas de métodos diversificados de prevenção e tratamento de doenças sem a aplicação de preparados medicinais químicos modernos. Neste processo, obtiveram-se excelentes resultados no tratamento das mais diversas doenças, incluindo algumas muito graves. É especialmente gratificante que estes métodos de tratamento, herdados dos iogues, não produzam efeitos secundários desfavoráveis e se caracterizem pelo baixo custo.

Em 1989, na Suíça, numa conferência internacional, médicos de 18 países da Europa e América apelaram aos colegas, ao público e aos governos de todos os países para que contribuíssem para a ampla introdução dos métodos de terapia recomendados por Maharishi.

Atualmente, nas clínicas da maioria das grandes cidades dos EUA, utilizam-se as conquistas da medicina indiana antiga, adaptadas por Maharishi às condições modernas. Instituições científicas dos EUA mundialmente conhecidas, como o Instituto de

Tecnologia de Massachusetts, a Universidade do Estado de Ohio e outras, trabalham na revelação dos segredos da medicina indiana antiga.

Não se deve pensar que tais investigações não são realizadas no nosso país. Na capital da Buriácia, Ulan-Ude, foi criado um centro académico no qual se estudam as receitas da medicina tibetana. Mais ainda, no verão de 1989, foi assinado em Moscovo um protocolo de intenções para abrir na Rússia o Instituto de Ayurveda (medicina tradicional indiana) de Maharishi. Prevê-se que este instituto seja criado com base no Centro Científico de Medicina Preventiva de Toda a União, junto do Ministério da Saúde.

Quais são as perspetivas da utilização das descobertas da bioenergética no nosso país? Antes de mais, as questões da saúde pública. A utilização de paranormais na medicina permitiria melhorar significativamente os resultados do tratamento de muitas doenças, baixar a mortalidade, prolongar os prazos de vida, diminuir a percentagem de recaídas, eliminar grande parte das doenças crónicas e reduzir o tempo de doença.

Sem falar já nos benefícios económicos, isto melhoraria significativamente o clima moral no nosso país. Através de influências psíquicas, podem-se melhorar significativamente os resultados do tratamento de doentes com alcoolismo crónico, toxicodependência e farmacodependência, e livrar milhões de pessoas de hábitos nocivos, incluindo o tabagismo.

O meu bom conhecido, em quem confio ilimitadamente, o paranormal e psicoterapeuta E. M. Lozhkin, contava que trata com grande sucesso alcoólicos (cerca de 60% curados, quando na prática mundial não se excede os 30%), fumadores e toxicodependentes. É verdade que, neste último caso, os resultados do tratamento são menos assombrosos, contudo muito melhores do que em qualquer outro lugar na CEI.

Estou convencido de que a combinação de métodos tradicionais de tratamento com a utilização da bioenergia gerada pelo paranormal permitirá melhorar significativamente o estado de doentes com paralisia cerebral infantil; se não curar, pelo menos diminuir significativamente o número de ataques em doentes com epilepsia; recuperar mais rapidamente funções fisiológicas perturbadas em traumas do sistema nervoso central, bem como em AVCs; diminuir a possibilidade de aparecimento de metástases após cirurgias por neoplasias malignas; e reduzir o número de casos de cirurgias mutilantes como, por exemplo, a amputação de membros, a criação de ânus artificial e outras.

Com a ajuda de paranormais, pode-se acelerar os processos de adaptação de inválidos a próteses de braços e pernas. É muito importante que, na protetização maxilofacial, os paranormais sejam capazes de acelerar a cicatrização de feridas na cavidade oral e criar condições para uma recuperação mais rápida da dicção. É difícil enumerar todos os aspetos do problema relacionados com a aplicação de influências psíquicas na medicina clínica. Indicarei apenas mais um deles.

Com base na bioenergética, podem ser criados aparelhos de diagnóstico e fisioterapia fundamentalmente novos. Aparelhos semelhantes poderão encontrar ampla aplicação também na economia nacional. Poderão, em particular, ser utilizados com o objetivo de processamento bioestimulador, esterilização e conservação de produtos alimentares e semipreparados.

Muitos dos que assistiram às sessões de teleterapia realizadas por A. V. Chumak notaram que a água "carregada" com a sua energia não perde as suas propriedades ao longo de duas ou mais semanas. Se forem construídos aparelhos capazes de gerar bioenergia, então, nesse caso, a comida processada poderá ser conservada em embalagens não herméticas, sem congelação, durante cerca de dois meses, mantendo as propriedades gustativas e bioenergéticas.

Todos sabem bem que uma grande quantidade de produção agrícola se perde por não haver condições para o seu armazenamento e processamento. No processamento de produção hortofrutícola ou pecuária em quantidades até cem toneladas, tornar-se-á possível conservá-la sem perdas em locais não apropriados para o armazenamento.

Aparelhagem barata e eficaz pode ser criada também com base num outro princípio, que assenta no efeito das estruturas cavitárias (em particular, a pirâmide). Neste processo, a bioenergia pode ser acumulada diretamente do cosmos. Tal aparelhagem aumentará a conservação de cereais, legumes e frutas em 3 a 5 vezes em comparação com os métodos tradicionais.

Muitas boas ações poderiam os paranormais fazer pela agricultura. O candidato em ciências técnicas Valentin Sychev, que trabalha há vários anos em contacto com a conhecida curandeira popular Ivanka, relata que foi por ele realizada a seguinte experiência: Ivanka, durante vinte minutos, atuou com o seu biocampo sobre sementes. Ao terceiro dia, todas germinaram; os rebentos revelaram-se uniformes e verdes. Já no grupo de controlo, as sementes germinaram de forma dispersa e apenas ao sexto dia. Tive várias vezes oportunidade de me convencer de que, se regarmos os rebentos verdes com água carregada por A. M. Tulupov, eles crescem muito mais depressa.

A utilização das leis da bioenergética permitirá não só escolher o local ideal para a construção de habitação, instituições de saúde e zonas de lazer, mas também desenvolver novos princípios de estruturas arquitetónicas nas quais o ser humano se encontrará nas condições mais confortáveis. Isto, aliás, já se faz há muito tempo no estrangeiro.

As regularidades descobertas pela bioenergética serão utilizadas para a criação de equipamento único que permita acelerar os processos de processamento de materiais em 20 a 30 vezes. Existe a possibilidade de aumentar em muitas vezes a velocidade de

laminagem e cristalização em instalações de vazamento contínuo de ferro fundido e aço, cementação de materiais e nitruração.

F. Khantseverov considera que, se se conseguir dominar a energia do vácuo, ocorrerá uma verdadeira revolução na energética. Não duvido que uma revolução semelhante aguarde, nesse caso, a medicina e a agricultura. Esta possibilidade é atualmente confirmada por inúmeras experiências. Utilizando diversos tipos de influência sobre o vácuo, podem criar-se instalações muito potentes e, ao mesmo tempo, de pequenas dimensões, para cujo funcionamento praticamente não se exige combustível nem energia elétrica.

Já agora é perfeitamente real diminuir o consumo de combustível e aumentar o coeficiente de rendimento das centrais elétricas em 70 a 80% através da catálise energético-informativa da combustão. Resultados semelhantes podem ser alcançados com custos relativamente baixos, alterando as construções das instalações energéticas e utilizando os efeitos das estruturas cavitárias. Espera-se, com isto, uma diminuição significativa ou mesmo a cessação total da emissão de substâncias nocivas para a atmosfera.

Quando falamos das possibilidades da bioenergética, estas, devido ao seu caráter fantástico, infelizmente não são frequentemente levadas a sério. No entanto, com base na bioenergética, podem criar-se métodos que permitam aumentar drasticamente a eficácia da descontaminação e do depósito de resíduos, incluindo os especialmente nocivos — químicos e radioativos. Os efeitos do intercâmbio energético-informativo ajudarão a acelerar significativamente os processos de desintegração de elementos radioativos.

Sobre isso, A. V. Chumak declarou-se repetidamente na imprensa e na Televisão Central, e é uma pena que o Ministério da Saúde não tenha reagido de modo algum às suas propostas. E numa entrevista concedida ao correspondente do jornal *Trud* a 29 de abril de 1990, A. M. Kashpirovsky declarou: "Quero propor ao ministro

Denisov que o Ministério da Saúde ajude a realizar algumas sessões em Chernobyl — penso que o meu método pode ser utilizado contra a radiação".

Os métodos da bioenergética podem encontrar ampla aplicação na geologia e na hidrotecnia para a procura de reservas de água e jazidas de recursos minerais. Utilizando as capacidades dos paranormais, podem prevenir-se grandes acidentes. Citarei apenas um de muitos exemplos semelhantes. Um paranormal — operador de biolocalização — foi o primeiro a detetar sob o terreno da Central Nuclear de Rovno uma grande quantidade de vazios calcários. Pode-se facilmente imaginar o que ameaça a Central Nuclear quando sob ela se encontram vazios prestes a desmoronar-se. Penso que o acidente de Chernobyl nos chegará de sobra para dezenas de anos. Mas será que o paranormal decidiu assustar a chefia crédula? Nada disso. Os locais perigosos no território da Central foram confirmados por métodos geofísicos tradicionais em 90% (*Trud*, 5 de agosto de 1989).

Com a ajuda da bioenergética, podem desenvolver-se condições para uma produção praticamente sem resíduos, algo de que o nosso país tem especial necessidade.

Mas os paranormais são capazes até de alterar o tempo. Vejamos o que relata a este propósito (*Nauka i religiya*, 1990, N.º 4) a correspondente I. Goldanskaya: "Respondendo à pergunta de alguém, Alan Chumak disse subitamente do palco: 'De onde tiraram a ideia de que não se pode gerir a natureza? No meu entender, está muito abafado na sala agora, e é preciso que sopre um vento'. Depois disto, ele fez um movimento como se tentasse afastar de si uma mesa pesada.

Os meus vizinhos de fila agitaram-se... sentindo uma corrente fresca, e suspeitaram logo do possível funcionamento do ar condicionado. Mas a disputa interrompeu-se, porque do palco seguiu uma nova ordem: sentir calor junto à face direita. Aproximei a mão da face. Sem dúvidas — calor!"

Ouviu-se repetidamente na rádio e na televisão que A. Chumak é capaz de alterar em 30% o teor de vapores de mercúrio no ar. E, se assim é, alterar a composição do ar atmosférico não representará para ele, aparentemente, grandes dificuldades. Pode encomendar-se ao paranormal o tempo que se desejar. E para isto existem as mais sérias provas. Na Televisão Ucraniana foi filmado um filme que mostra como A. V. Ignatenko dissipava nuvens outonais em Kiev.

Aliás, encontram-se na literatura não poucos relatos sobre a capacidade de certas pessoas influenciarem o tempo. Na revista *Vokrug sveta* (1989, N.º 7) chegou uma carta do engenheiro-programador I. Pestrikov, na qual se relata a própria experiência de influência sobre o tempo. Esse mesmo A. Chumak dissipava nuvens em Kaunas, mas isso foi interpretado como um truque (*Moskovskaya Pravda*, 13 de agosto de 1989).

E na revista *Dialog* de 1989 descreve-se a experiência de participantes num seminário que, sob a direção de Boris Evgenievich Zolotarev, aprenderam a dissipar nuvens: "Imaginando que cada um tem um braço muito, muito longo, e no braço um pano, os participantes do seminário, com um aspeto sério, limpam a zona escolhida do céu. E eis que... a nuvem dissolve-se... A segunda nuvem também se desfaz, seguida da terceira".

Mas que importa o gerir. Quão importante pode ser, por vezes, prever corretamente o tempo, sem falar já da possibilidade de prever a data exata de uma catástrofe natural.

O ano de 1990 revelou-se para a região de Chita o de uma inundação fortíssima, cuja data foi prevista com absoluta exatidão por A. M. Tulupov. Ouvi falar da inundação iminente em junho de 1990 através de Anatoly Mikhailovich aproximadamente duas semanas antes da catástrofe. Ainda não havia chuvas abundantes e eu não dei grande importância às previsões do paranormal. Mas Tulupov não duvidava de que a inundação ocorreria e seria bastante forte. — Pode, naturalmente, encarar as minhas declarações com ceticismo, mas em breve convencer-se-á de que tenho razão. A água

no Ingoda subirá até aos 5 metros e 40 centímetros. Vai ver, em Antipikha a barragem rebentará e inundará as casas de campo. Por isso, por enquanto não vou construir a garagem, nem faz grande sentido dedicar-me à horta.

Tulupov avisou todos os seus conhecidos e vizinhos de casa de campo sobre a inundação que se aproximava. Muitos, como eu, encararam esta afirmação com desconfiança. O tio Kolya, vizinho de Tulupov, apenas sorriu: — Deixa de me assustar, Tolya. Não vou sair da casa de campo para lado nenhum. Sabes que tenho asma. Não consigo estar na cidade nem por algumas horas. Talvez passe ao lado, aguento-me por aqui. O tio Kolya teve de passar dois dias no sótão durante a inundação, pois a água na sua casa chegava ao teto. Ainda bem que teve tempo de atirar a cama para o sótão e levar pão consigo.

A inundação, tal como Anatoly Mikhailovich previra, começou por volta das nove horas da manhã de 9 de junho. — Dormi calmamente nesse dia na casa de campo exatamente até às oito horas da manhã, pois tinha a certeza de que a inundação só começaria por volta das nove horas — contava-me Tulupov no dia seguinte à catástrofe deflagrada. — Às nove menos dez saí da casa de campo e nesse momento vi como da barragem corria um pequeno riacho pela rua. Mas às nove horas da manhã já não se podia sair da casa de campo, pois a água subira acima do capô do carro.

Quando Anatoly Mikhailovich Tulupov me disse que em agosto a inundação se repetiria, fiquei seriamente preocupado e decidi mesmo avisar os funcionários do comité executivo regional sobre a catástrofe que ameaçava a cidade e a região. Desta vez, segundo a convicção de Tulupov, a subida máxima da água no Chitinka e no Ingoda deveria ocorrer por volta de 14 de agosto, e a descida da água começar apenas no final de agosto e terminar no fim da primeira década de setembro. Aliás, Tulupov assegurava que poderia comunicar a data mais exata do início e do fim da catástrofe natural

na região cerca de 5 dias antes do início da inundação. "Infelizmente, não estarei em Chita nessa altura e não poderei avisar-vos antecipadamente quando isso acontecer. Mas penso que não deverá haver um grande erro".

E também desta vez as previsões de Anatoly Mikhailovich cumpriram-se. A rádio local comunicou que a inundação era esperada para 20—22 de agosto. E a inundação ocorreu. É verdade que, desta vez, afetou menos Chita. A água, que saiu das margens, inundou as garagens ribeirinhas. Mas nos distritos da região, a segunda inundação trouxe danos significativos. Pode-se facilmente imaginar que benefício a agricultura obterá se se conseguir aprender a gerir o tempo.

Se dominássemos a arte de extrair energia do meio ambiente, então, por mais estranho que possa parecer à primeira vista, não teríamos agora de resolver as questões do fornecimento de mantimentos à população. Pensem só: há quantos anos existe o famigerado Programa Alimentar, e o carro continua no mesmo sítio. Não, se ele "continuasse no mesmo sítio", ainda se poderia respirar. As coisas estão muito piores: o carro com os mantimentos afasta-se cada vez mais de nós.

Uma verdadeira inovadora no campo da dietologia, a candidata em ciências médicas Galina Sergeevna Shatalova, recomenda não comer mais do que 200—500 gramas de comida de uma só vez. E que comida! G. S. Shatalova considera que o ser humano praticamente não deve ingerir produtos pecuários, mantendo-se essencialmente à base de "pastagem". "Mas o que há aqui de surpreendente? — poderão exclamar. — Será a primeira vez que ouvimos falar de vegetarianos? Já se escreveram volumes inteiros sobre eles".

O surpreendente é outra coisa — G. S. Shatalova recomenda consumir por dia não mais de 800—1200 quilocalorias. Mas de onde tirar então a energia para a existência? O facto é que a energia está em redor de nós e é necessário aprender a assimilá-la diretamente

do mundo circundante. O ser humano não obtém energia apenas com a comida. Para isso existem outros canais. Pode-se acumular energia através dos pontos de acupuntura (pontos biológicos ativos especiais no corpo humano, utilizados desde há muito na medicina oriental para a normalização das funções de diversos órgãos através de agulhas, queima, pressão).

Também se pode obter energia do ar, mas para isso é preciso aprender a respirar corretamente. Sim, sim, a arte de respirar é também uma ciência complexa. Pode obter-se energia com a água. Finalmente, a energia entra no organismo graças aos órgãos dos sentidos — audição, visão, olfato. Portanto, com a comida recebemos apenas uma parte da energia de que necessitamos, o resto pode ser complementado por outras vias.

— Recordem como se alimentavam os espartanos — diz Galina Sergeevna. — Eles comiam por dia tanta comida quanto cabia na palma da mão. E com isso não conheciam doenças, eram incrivelmente resistentes, destacavam-se por uma força fora do comum. E eu própria não como mais de 200 gramas de comida vegetal de uma só vez e, como veem, não pareço uma distrófica.

Quero recordar que, em 1989, Galina Sergeevna, com os seus alunos que se alimentam segundo o sistema por ela desenvolvido, realizou um verdadeiro feito. Sob os raios escaldantes do sol, em 5 dias, percorreram a distância de 125 quilómetros, caminhando pelas areias de Kyzylkum. Neste processo, o gasto de energia era de cerca de 6000 quilocalorias por dia. Os viajantes consumiam por dia apenas cerca de 1200 quilocalorias e sentiam-se lindamente.

Já no grupo onde as pessoas se alimentavam como habitualmente e tentavam compensar os gastos energéticos através da comida, metade dos participantes da expedição abandonou o percurso, não aguentando o peso das provações. E mesmo aqueles que venceram o percurso pareciam exaustos, cansados e doentes. Então, de onde se extrai a bioenergia? De onde extraiu uma mulher de setenta e três anos forças para provações tão pesadas? A

resposta a estas perguntas impõe-se por si só. Do espaço circundante.

A bioenergética é capaz de exercer influência nos processos de educação e formação. Eis o que escreve a este propósito o conhecido especialista no campo da estatística, o professor B. I. Iskakov: "Existe uma opinião, baseada numa nova orientação científica — a bioenergoinformática —, que afirma que a educação e formação direta do ser humano começa com a sua conceção, e a indireta — muito antes da conceção, através da educação e formação dos futuros pais. Ao nível celular — através das células germinais; ao nível atómico-molecular genético — através das moléculas de ADN e das estruturas cromossómicas.

E finalmente, ao nível leptónico-eletromagnético — através dos campos leptónicos que formam dominantes estáveis dos pensamentos, sentimentos, estados de espírito, hábitos e tradições dos pais e da sociedade..." Se resumirmos os pensamentos de B. I. Iskakov, tornar-se-á claro que a formação e educação dos pais é um dos fatores mais importantes que contribuem para a educação e formação do futuro filho.

Os paranormais asseguram que podem criar uma atmosfera benevolente e até influenciar a situação internacional, embora para tal se exijam esforços significativos. Assim, um grupo de 16 paranormais conseguiu aliviar temporariamente a tensão na Polónia em 1982: "...No momento da sintonização com a Polónia, surgiu em todos nós, sem exceção, um sentimento de ansiedade, desconforto e dor. Era precisamente esse sentimento que era preciso remover. Sendo que, no momento da remoção, era necessário imaginar simultaneamente uma grande massa de pessoas.

Nós como que 'substituíamos' em nós e neles um sentimento por outro — um sentimento de paz, de apaziguamento. Tudo isto nos ocupou cerca de trinta minutos. Depois do que terminámos a sessão. No dia seguinte, comunicaram na televisão que os representantes das autoridades e dos comités de greve tinham

chegado a um acordo mútuo e a situação começara a clarificar-se em certa medida. Esta 'trégua' foi curta, mas entretanto o facto é um facto" (*Komsomolskaya Pravda*, 19 de março de 1990).

Estou certo de que os paranormais podem prestar serviços inestimáveis aos órgãos de investigação. Citarei apenas um pequeno extrato do relato de S. P. Anasenko, "Paranormais encontram assassinos" (almanaque *Fenomen*, 1989): "Revelar os nomes destas pessoas significa expô-las a riscos. Haverá caçadores desejosos de os fazer calar. Afinal, eles colocaram o seu dom raríssimo ao serviço do ofício perigoso mas necessário da investigação criminal."

...1987. Estagnara a investigação sobre as circunstâncias da morte de N. em Yalta. Teria sido uma morte violenta ou o resultado de um acidente? Muita coisa dependia da resposta a esta pergunta. Os investigadores propuseram que o problema fosse resolvido por paranormais. Foi-lhes facultado o crânio do falecido e os videntes deram uma resposta inequívoca — imprudência ao andar de bicicleta na marginal; o homicídio foi excluído. "Além do programa", indicaram também a idade do falecido, descreveram a sua aparência e os principais detalhes da sua biografia. A investigação confirmou cada palavra...

> 1988. Os funcionários da milícia precisavam de descobrir onde se encontrava e o que fazia R., um seu antigo tutelado. Através de uma fotografia, os paranormais determinaram a sua localização — uma cidade no Cáucaso do Norte — e descreveram detalhadamente como ele passava o tempo. Em resultado disso, conseguiu-se prevenir um crime que estava a ser preparado..."

Podiam citar-se dezenas de exemplos destes. Fui repetidamente testemunha de como os paranormais fazem diagnósticos através de fotografias. Mas fui também testemunha de como, através de fotografias, eles determinavam se uma pessoa estava viva ou morta e, se estivesse morta, onde se deveria procurar o seu cadáver. Eu costumava mostrar a fotografia a três paranormais diferentes. Cada

um deles não só não sabia o que os outros dois tinham indicado, como nem sequer suspeitava que alguém já tivesse feito um parecer sobre a fotografia. E o mais impressionante é que as respostas coincidiam em grande medida.

As capacidades dos paranormais parecem por vezes ilimitadas. Eles podem frequentemente prestar serviços inestimáveis nos casos em que os aparelhos de precisão são impotentes. Para ilustrar isto, demos a palavra a O. Lebedeva — autora da nota "Considero que muitos estão vivos...", publicada no jornal *Anomalia*.

"Lyudmila Alexandrovna Korabelnikova não é apenas uma paranormal. Esta mulher consegue determinar com uma precisão assombrosa, através de uma fotografia, se uma pessoa está viva ou morta, bem como indicar a causa principal da sua morte. Nos primeiros dias após o sismo na Arménia, Korabelnikova partiu para as regiões afetadas. O vice-presidente do Comité Estatal de Construção da Arménia, A. Aleksanyan, contou como Korabelnikova trabalhou com um mapa e deu informações sobre onde restavam sobreviventes. Mantendo a mão sobre os planos de Leninakan, ela indicou o local onde, na sua opinião, havia muitos vivos e mortos, muito mais do que nos setores vizinhos".

Posteriormente, durante as escavações, a sua previsão confirmou-se totalmente.

Para se ter uma boa ideia das possibilidades da bioenergética, citarei mais um exemplo do artigo de F. Khantseverov. Em 1988, houve nos EUA uma seca qualificada como "catastrófica". Mas os paranormais já tinham previsto, um ano antes, que a seca ocorreria obrigatoriamente e recomendaram aos agricultores que reduzissem as sementeiras futuras em aproximadamente 40%. Isto permitiu evitar a catástrofe e a ruína de dezenas de milhares de agricultores.

Este é um facto científico devidamente fundamentado que não faria mal ter em conta. É possível que tivéssemos conseguido evitar tanto Chernobyl como a catástrofe ferroviária perto de Ufa, e talvez

prever as datas aproximadas do sismo na Arménia. Aliás, operadores especialmente treinados são capazes de elaborar previsões a longo prazo de mudanças climáticas, especialmente à escala regional. Não é em vão que o serviço de hidrometeorologia dos EUA utiliza há cerca de dez anos as indicações de previsões meteorológicas pagas. Não será altura de dar oportunidade aos cientistas ligados a este problema de provarem, na prática, que cumes pode o nosso país atingir apoiando-se nas mais recentes investigações no campo da psicotrónica?

E, contudo, como costumava dizer Ostap Bender, "o gelo quebrou, senhores jurados!". No país, não só foi criada a Associação de Paranormais de Toda a União, como, no final de 1989, foi formado entre nós o Fundo de Medicina Popular. O seu presidente passou a ser o secretário científico do comité farmacológico do Ministério da Saúde da URSS, o professor Pokryshkin. Junto ao Fundo funcionam duas escolas de paranormais. Estas destinam-se a um contingente de pessoas estritamente determinado. Numa estudam apenas médicos; na outra, pessoas das mais diversas profissões, desde que possuam o "dom de Deus". A formação na escola dura um mês.

O facto de a questão do estudo dos paranormais ter saído do impasse é demonstrado também pelo seguinte facto. No festival do jornal *Pravda*, foi feita uma pergunta ao académico G. Marchuk sobre como a Academia encara os biocampos e as capacidades invulgares das pessoas. A resposta foi a seguinte:

"Penso que neste problema existem grãos de bom senso sobre os quais é preciso trabalhar. Vejamos o caso de Juna Davitashvili. Realizámos experiências num dos institutos de primeira classe que ajudaram a revelar o fenómeno de Juna, de Kulagina, de Kuleshova. Os físicos, com base em experiências, provaram que tudo o que elas fazem pode, na prática, ser feito por qualquer pessoa. Em cada um de nós estão latentes certas capacidades. Num mais, noutro menos" (*Pravda*, 8 de junho de 1990).

Consta-me que em várias regiões do país, incluindo na Transbaicália, estão a ser realizadas por entusiastas investigações para a deteção, com a ajuda de paranormais, de jazidas de recursos minerais, bem como de águas subterrâneas. Realizam-se experiências para a determinação de zonas geopatógenas com o objetivo de uma construção mais racional de instituições de saúde, estâncias de repouso e lares. Estão a ser feitas as primeiras experiências na linha ferroviária da Transbaicália para a identificação dos troços mais perigosos, com o intuito de prevenir catástrofes ferroviárias.

Quero muito acreditar que não perderemos, desta vez, a oportunidade de nos equipararmos aos países de vanguarda no campo do estudo do intercâmbio bioenergético-informativo na natureza e que utilizaremos os dados acumulados na medicina, na agricultura e na indústria.